J. DE MORAES

HISTORIA DA COMPANHIA DE JESUS

2

1874

Cet intéressant ouvrage m'a été donné le 17 mai 1883 par mon ami le peintre brésilien Victor Meirelles de Lima.

MEMORIAS

DO

MARANHÃO

MEMORIAS

PARA A HISTORIA

DO

EXTINCTO ESTADO DO MARANHÃO

CUJO TERRITORIO COMPREHENDE HOJE AS PROVINCIAS DO

MARANHÃO, PIAUHY, GRÃO-PARÁ E AMAZONAS

COLLIGIDAS E ANNOTADAS

POR

Candido Mendes de Almeida

TOMO SEGUNDO

RIO DE JANEIRO

NOVA TYPOGRAPHIA DE J. PAULO HILDEBRANDT

93 Rua da Alfandega 93, sobrado.

1874

MEMORIAS

PARA A HISTORIA

DO

EXTINCTO ESTADO DO MARANHÃO

CUJO TERRITORIO COMPREHENDE HOJE AS PROVINCIAS DO

MARANHÃO, PIAUHY, GRÃO-PARÁ E AMAZONAS

COLLIGIDAS E ANNOTADAS

POR

Candido Mendes de Almeida

RIO DE JANEIRO

NOVA TYPOGRAPHIA DE J. PAULO HILDEBRANDT

93 Rua da Alfandega 93, sobrado.

1874

AO LEITOR

I.

Em 1860 espontaneamente publicamos o primeiro volume destas *Memorias*, que todo contem a *Historia da Companhia de Jesus na extincta provincia do Maranhão e Pará*. Para este empenho não fomos por pessôa alguma animados.

No prefacio que juntamos áquelle interessante trabalho, infelizmente incompleto, enunciamos com franqueza o nosso proposito, e as razões de nossa deliberação, que resumião-se no louvavel desejo de vermos bem conhecida e apreciada a historia patria, que em si contem muitos e curiosos problemas, ainda não resolvidos.

Hoje, graças á divina Providencia, podemos continuar nossa obra, lançando á publicidade mais um volume dessas *Memorias*; e, se outros fossem os nossos recursos financeiros, augmentariamos o numero, pois o campo não he tão sáfaro, como á muitos poderia, talvez, antolhar-se.

No numero dos escriptos que aqui colligimos poucos são os ineditos, a mór parte já foi impressa; mas são em geral rarissimas as edições.

Eis porque tomamos este inglorio mas util trabalho: pensamos haver feito bem, facilitando assim o estudo desses documentos, pois contem alguns factos curiosos, mesmo interessantes, e a solução de alguns dos problemas historicos á que já alludimos.

Dando ao leitor esta noticia nossa tarefa estaria satisfeita, e nem mesmo seria preciso dizer que procuramos manter a fidelidade dos textos, elucidando-os com variadas notas, e não nos esquecendo de escoimar de erros a impressão. Isto bem comprehende o cultor da historia patria.

Mas tudo não nos parece estar feito. Levando aos pré-

los um manuscripto que jasia no pó dos archivos, ou, bem que ha pouco impresso, não havia tido a desejavel publicidade, ficamos com a obrigação, por certo indeclinavel de defender o autor, por isso que além da maior vulgarisação, preconisamos, encarecemos, ou antes assignalamos ainda mais o merito do seu trabalho.

Dous de nossos litteratos que se occupão com a historia patria, examinarão esse trabalho em nossa edição, e cada um á seu modo descobriu-lhe senões, e, ao que parece, fazendo avultar os defeitos mais pela qualidade da profissão do escritor do que por outra circumstancia. O padre José de Moraes pertencia á companhia de Jesus, dahi a sua suspeição. Os factos que narra, ainda os melhor comprovados, perdem de merecimento sendo exhibidos por um sacerdote de semelhante corporação. Os menos averiguados enunciados por outra penna, ainda não passando pelo fogo vivo da discussão, talvez fossem bem acceitos sem a preventiva macula, que d'antemão os desaira e marêa.

Os dous illustres litteratos á que nos referimos, são: o author dos *Apontamentos para a historia dos Jesuitas no Brazil, extrahidos das Chronicas da Companhia de Jesus*, que a *Revista do Instituto Historico* deste anno tem dado ao prelo (1); e bem assim o da *Historia das Lutas com os Hollandezes no Brazil desde* 1624 *á* 1654, impressa em Vienna d'Austria, em 1871.

O primeiro, directamente occupando-se com a Historia do padre José de Moraes, não póde no nosso exame deixar de ter a precedencia, embora mais moderno o seu que o outro trabalho, que aliás só incidentemente refere-se ao nosso autor, contestando-lhe a veracidade dos factos que exhibira.

O illustre autor dos *Apontamentos* propoz-se a fazer um resumo da *Historia* do padre José de Moraes, com quanto já estivesse mui vulgarisada pela imprensa no Brazil, *porque*, diz elle, *adoece dos achaques das outras Chronicas da Companhia de Jesus.*

Antes disto assegura que, quem descobrira o manuscripto

(1) O autor destes *Apontamentos* he o Dr. Antonio Henriques Leal. Vide a *Revista do Instituto Historico e Geographico* ts. 34 e 36, sobre tudo o ultimo de pags. 101 á 149.

He trabalho de merecimento, por quanto resume muitas obras que nem todos poderião facilmente consultar.

dessa *Historia* em Evora, fôra o eminente poeta Caxiense o Dr. Antonio Gonçalves Dias, fazendo-o imprimir por conta da provincia do Maranhão, o colleccionador destas *Memorias*. Já o *Semanario Maranhense* n. 7 — de 13 de Outubro de 1867, em artigo da mesma lavra, se havia sustentado pouco mais ou menos a mesma doutrina.

Ha nestas asserções desculpavel engano. Quem revelou ao publico a existencia do precioso manuscripto foi o illustrado autor do *Catalogo dos manuscriptos da bibliotheca de Evora*, o conselheiro Joaquim Heliodoro da Cunha Rivára, interessante publicação, impressa em 1850. Deste catalogo vierão para o Brazil muitos exemplares, e possuimos um desde 1851. Agora a rasão da copia do manuscripto.

Tratando-se da viagem do eximio poeta á Europa em 1854, encarregado de uma importante commissão do ministerio do imperio, confiou-se-lhe na mesma occasião outra, a de colligir e fazer copiar manuscriptos que interessassem á historia de nosso paiz. Regia então a pasta do imperio o illustrado e benemerito Visconde do Bom Retiro.

No momento em que se redigião as instrucções porque devia guiar-se o eximio poeta, alguem que trabalhava no gabinete daquelle ministro, e que se interessava pela historia do Maranhão, lembrou a copia tanto do manuscripto do padre José de Moraes, como do de Fr. Yvo d'Evreux, e pedio que fossem contempladas nessas instrucções.

Attendeu-se ao pedido, e, o que asseguramos, deve constar do registro daquella repartição de 1853 ou 1854 (1), o que ainda hoje seria facil de verificar, pois felizmente ainda vive o respectivo ministro.

O nosso poeta, por cuja gloria tanto se ha esforçado o autor dos *Apontamentos*, desempenhou perfeitamente a commissão em França e em Portugal, e, neste negocio, he o seu merito (2).

A obra do padre José de Moraes teve logo um editor em 1859, na pessoa do autor da *Corographia historica do Brazil*, que contemplou-a no seu terceiro tomo. Nós viemos

---

(1) O Dr. Gonçalves Dias partio para a Europa no vapor inglez *Severn* em Janeiro de 1854, o que consta do Aviso do Ministerio do Imperio de 10 desse mez, dirigido ao Ministro Brasileiro em Londres, o finado conselheiro Sergio Teixeira de Macêdo.

(2) A commissão da copia dos manuscriptos em Portugal foi, em 1856, confiada á João Francisco Lisbôa.

depois, no anno seguinte, e, como nos foi possivel, procuramos tornar a nossa edição bem acceita do publico, sobretudo o de nossa provincia, pelas notas que lhe additamos para esclarecimento do texto. Mas se a assembléa legislativa do Maranhão, depois da obra impressa, entendêu animar nossa empresa comprando duzentos exemplares sem rebate (1), não ha fundamento para assegurar-se que a impressão foi por conta da Provincia: mais nos custou ella (2).

A obra de Fr. Yvo d'Evreux foi tambem felizmente impressa, depois da vinda da copia do importante manuscripto para nosso paiz. Ella faz parte da *Bibliotheca Americana*, nitida impressão, do livreiro Parisiense A. Franck, em 1864. He uma preciosa collecção de obras ineditas e raras sobre a America. O trabalho do douto capuchinho Francez traz um erudito prefacio do sabio litterato Fernando Denis, tão amigo do nosso paiz. Sentimos grande pezar não vendo progredir e avolumar-se empresa tão bem encetada por aquelle livreiro, que nos consta fôra interrompida por deficiencia de coadjuvação.

Justificando, como parece que o fizemos, o pensamento que nos determinou a emprehender a publicação destas *Memorias*, e principalmente a obra com que a encetamos; vejamos os defeitos que nella encontrou o illustre autor dos *Apontamentos*, ou servindo-nos de sua expressão, quaes *os achaques* que descobriu e curou.

Lendo com attenção o resumo feito pelo douto critico, o que vêmos? Duvidas sobre a veracidade de factos de ordem sobrenatural em que o resumista mostrou não prestar o menor credito, como por exemplo: os que o padre José

---

(1) Pela Lei Provincial n. 609 — de 21 de Setembro de 1861 cap. 3 art. 21 § 16 determinou-se o pagamento de um conto de reis (1:000$000) á Candido Mendes de Almeida para auxilio da publicação da obra do padre José de Moraes, ficando obrigado á dar gratis á provincia dusentos exemplares. O que se satisfez previamente ao pagamento dessa quantia.

Tambem pela Lei n. 339 — de 23 de Desembro de 1853 cap. 3 art. 26 foi o governo provincial autorisado a despender um conto e dusentos mil reis (1:200$000) como indemnisação das despesas feitas com a impressão de documentos relativos ao direito, que tinha a Provincia do Maranhão sobre o territorio do *Carolina*; importancia que não fôi reclamada. O nosso trabalho corre impresso desde 1852.

(2) Basta o simples exame do numero de folhas do volume, confrontado com a carestia de nossa imprensa.

de Moraes narra confiado na tradição e noticias escriptas que teve á mão, e julgou sinceras. Para os que contestão a existencia dessa ordem de factos, em que aliás se estriba a verdade christã, o *achaque* deste historiador será o de todos os que aceitão a solidez dessa doutrina e não somente do escriptor Jesuita.

Mas, attentando-se para a hypothese, o nosso historiador poderá ser taxado de credulo por aceitar taes factos como possiveis, pelos intitulados — espiritos fortes, pelos positivistas do seculo, nunca se contestaria a sua veracidade, a melhor qualidade dos que empunhão a penna da historia.

Todavia, em um dos factos desta especie invocados pelo critico ha uma injustiça que merece reparo. Referimo-nos á festa de N. S. da Victoria, padroeira da Provincia, que se commemora á 21 de Novembro, anniversario da batalha de Guaxenduba, ganha com tão frageis recursos, e que a população colonial, desde os primeiros tempos, attribuia á favor directo da Virgem. O padre José de Moraes narrando o facto conclue por esta forma: „— *refiro o que ouvi, sem me obrigar por fiador da tradição.*"

Em que he pois condemnavel o historiador? Não tem o facto, assim esboçado, chegado até nossos dias pela tradição, independente da obra do padre José de Moraes?

Tratando do saque da cidade de S. Luiz pelos Hollandezes, depois da capitulação assignada, assegura o historiador que, dos templos, o unico respeitado foi o da Companhia de Jesus.

O illustre critico parece duvidar deste facto, por quanto resumindo a narração, declara: „— *Isto diz o autor.*"

Entretanto basta confrontar a narrativa de Berrêdo nos *Annaes* de ns. 771 á 774 para nos assegurar-mos da veracidade do historiador; tanto mais quanto estando o collegio dos Jesuitas dentro das obras de defeza da fortaleza de S. Felippe, desde que Bento Maciel Parente reparou-a (1), não era natural que os chefes Hollandezes, tendo-a á sua vista e bem segura, a mandassem saquear pelos soldados. Devia neste caso haver certo pejo de affrontar ás claras uma capitulação em que tinha intervindo o padre Lopo do Couto, não se podendo explicar por demasias de

---

(1) Vide o to. 1 destas *Memorias* á pag. 142.

soldados divagando pela povoação, como provavelmente explicavão os outros actos, á que fechavão os olhos.

Tratando do excidio dos Hollandezes que guarnecião os engenhos do Itapucurú, refere o padre José de Moraes que o sargento-mór Antonio Teixeira de Mello não quiz que os do seu engenho fossem degollados, mas a pessôa, á quem confiou-os, *passado algum tempo*, mandou fazel-o por seus escravos. Ha no resumo um ponto de admiração dubitativo, naturalmente por não estar essa de accordo com a narração de Berrêdo, mais phantastica que real (1), por quanto apoia-se na recusa ou desobediencia dos soldados. Mas confrontada a narração do padre José de Moraes com o relatorio de Maximiliano Schade, o commandante do forte do *Calvario* (2), a veracidade do historiador Jesuita fica bem patente, e se explica naturalmente.

A alma da famosa conspiração de 30 de Setembro de 1642 foi sem duvida o padre Lopo do Couto, auxiliado pelo seu venerando companheiro o padre Benedicto Amodei, siciliano.

Lopo do Couto com os indios de que dispunha, sobretudo os principaes Gregorio Mitagaya (3), Sebastião Joacaba (4), e Henrique de Albuquerque, nomes que a historia conserva, levou a effeito a revolta contra o perfido invasor.

Tudo concorre para fazer acreditar neste facto: as intimas relações de amisade e parentesco de Lopo do Couto com Antonio Moniz Barreiros; o merecimento do individuo, julgado capaz por Bento Maciel Parente de entrar no ac-

---

(1) Berrêdo — *Annaes* n. 816.

(2) Vide *infra* á pag. 449.

(3) Moraes não cita este indigena das aldêas de Pernambuco quando trata da guerra hollandesa, mas referindo-se aos trabalhos do collegio de S. Luiz. Vide o to. 1 destas *Memorias* a pag. 137, e *infra* a pag. 437 nota (3).

André de Barros chama-o *Joacaba Mitagay*, sem divisão; mas neste ponto a noticia do padre José de Moraes, porque se achava em condições de conhecer melhor a verdade, se deve preferir.

(4) *Sebastião Joacaba*. Conjecturamos ser esse o nome do indio Sebastião, de que trata Berrêdo nos *Annaes* ns. 161 e 899, mas que André de Barros confunde com o nome de Gregorio Mitagaya.

Este indio foi casado pelos capuchinhos Franceses, com uma india filha do Principal Japy-assú, o mais notavel chefe indigena da ilha do Maranhão. Vide Claudio d'Abbeville — *Mission au Maragnan* cap. 17 pag. 107 v., cap. 19 pag. 118 v. e cap. 23 pag. 143.

côrdo celebrado com os chefes Hollandezes; a influencia indisputavel que os religiosos da Companhia exercião nos indigenas; os documentos honrosissimos que o autor exhibe do chefe que terminou a luta Antonio Teixeira de Mello (1), e os favores com que, posteriormente, foi a ordem á que pertencia o religioso Jesuita, agraciada pelo governo da metropole.

Nada he sufficiente para assegurar esta gloria aos filhos de S. Ignacio. Berrêdo, adversario dos Jesuitas, fica silencioso, confunde as epochas, emmaranha os factos para não dizer a verdade inteira (2). Contenta-se com declinar os nomes dos chefes que militarmente se pozerão á frente da gloriosa empreza. Berrêdo, nem a seu favor tem a desculpa do Conde da Ericeira, que não vivendo no Maranhão, de longe apreciava os factos, conforme a apparencia os apresentava.

Como aprecia o douto critico o vulto respeitavel do padre Lopo do Couto, o que havia, primeiro que outros, encetado no Brazil a obra da libertação do paiz do dominio hollandez? Dizendo o seguinte : — „ A este padre *attribue* Moraes o arbitrio e resolução desta guerra em beneficio da liberdade e restauração do Maranhão. "

Portanto, se houvesse solido fundamento, o facto podia ser contestado, seria mais um *achaque* de Jesuita, embora tambem tivesse em seu favor o testemunho já impresso e incontestado do padre André de Barros, na *Vida do padre Antonio Vieira*, publicada antes dos *Annaes* de Berrêdo.

Em outro lugar do seu resumo, o illustre critico julga que a narrativa do padre José de Moraes, quanto á emboscada em que pereceu Sandalim (3), está em desaccordo com o sitio do *Outeiro da Cruz*, onde a tradição fixa o local desse recontro, — „porque fica distante do rio *(Coty)* e não

---

(1) Vide o to 1 destas *Memorias* a pags. 180, 181 e 182.
Os documentos de Teixeira de Mello abonando e exaltando os serviços do padre Lopo do Couto, e de seu companheiro Benedicto Amodei são reforçados por outro do capitão-mór Paulo Soares de Avellar, cujas acções Berrêdo em seus *Annaes* tanto encarece.

(2) O caracter de Berrêdo como historiador he bem aquilatado por João Francisco Lisboa no to. 2 do *Jornal de Timon*, contendo os *Apontamentos, noticias, e observações para servirem á historia do Maranhão* pags. 52, 200, e 409 nota (F).

(3) Vide *infra* a nota (1) á pag. 426.

podião os Hollandezes entregarem-se ao prazer do banho quando lhes cahio de chofre a tropa de Moniz Barreiros "

João Francisco Lisboa nos seus *Apontamentos, noticias e observações para servirem á historia do Maranhão* faz a mesma objecção quanto á narrativa de Berrêdo (1), e com todo o fundamento; e o que elle diz, confrontado com a exposição do padre José de Moraes, solve perfeitamente esse desaccordo apparente que o illustre critico encontrou:

„ O lugar deste pequeno combate, diz Lisboa, suppõe-se geralmente que foi na chapada do denominado *Outeiro da Cruz*, no lugar, onde effectivamente se conserva uma cruz, erigida para perpetuar a memoria do successo; porém Berrêdo dá o sitio da emboscada e do combate *além* do Cotim.

„ He certo entretanto que o rio *Coty* á que elle se refere não parece ser o *pequeno ribeiro de agua doce* que corta o Caminho Grande pouco além do *Outeiro da Cruz*, senão o igarapé salgado, á que hoje chamamos *Anil*.

„ Assim *apezar da tradição*, da cruz que alli existe, e que naturalmente terá sido renovada muitas vezes, *não ha completa certeza* acerca do local em que se deu este pequeno combate de guerrilha, cujas proporções, de resto, *se hão estranhamente exagerado.* "

A narrativa de Berrêdo denominando o rio em questão simplesmente *Coty* autorisava a objecção de Lisbôa, mas desde que o padre José de Moraes o denomina *Coty-mirim*, portanto o ribeiro d'agua doce, naquella epocha em que a ilha se achava coberta de mattas, mais caudaloso, a objecção do illustre critico perde o seu valor, e a tradição se acha harmonisada e perfeitamente justificada; não podendo mais fazer especie, a circumstancia do banho dos Hollandezes. Sem a narrativa do nosso historiador a duvida bem suscitada por Lisbôa, ainda continuaria.

Por outro lado a carta do chefe Hollandez Pedro Bas de 31 de Janeiro de 1643, determinando a distancia desse local (2), ainda mais reforça o que com tanta exactidão expõe o nosso historiador; maxime tratando-se de um acontecimento que, *prima facie* parecendo de fraca importancia, teve

---

(1) Vide *Jornal de Timon* do anno de 1853 pag. 49.

(2) Vide *infra* pag. 445.

extraordinario alcance no resultado final da luta. Todavia he para lastimar que em uma epocha de estatuas e monumentos, ainda não houvesse Assembléa Provincial cheia de patriotismo que decretasse fundos para elevação de um monumento de mais duradouro material, que uma cruz de madeira, assignalando aos vindouros essa tão memoravel façanha.

Os *achaques* de historiadores membros de ordens religiosas são os mesmos; todos escrevem tendo em vista o merecimento ou a gloria de sua corporação; uns com mais moderação, probidade e critica, outros com menos. Destes defeitos tambem partilhão todos os homens que se alistão em qualquer parcialidade politica, litteraria ou religiosa, não são exclusivos dos Jesuitas. Temos todos obrigação de descriminar o joio do trigo, e de fazer justiça á quem merece, apreciando os factos e acções como elles são e não pelo prisma da antipathia ou do preconceito. *Suum cuique.*

Seriamos injustos se, notando as censuras do douto critico, guardassemos em silencio senão os elogios, se he possivel que um religioso de tal corporação possa alcança-los, ao menos alguma demonstração de bom conceito.

Assignalamos uma, talvez a unica, em pró da veracidade do escritor, na nota (145), e refere-se á palavra — *Ibacanga*. Ahi se diz que escrevendo tal nome por essa forma e não supprimindo o *i*, o padre José de Moraes procedêra bem — „ e ao que parece com plausibilidade de certesa, por quanto no seu tempo devia haver menos corruptela nos nomes brasilicos. "

E accrescenta-se:

„ E ha rasão etymologica naquelle: *iby*, terra; *acanga*, cabeça, isto he — *cabeça da terra*, como quem diz principio della, e logo o rio que a banha, e por contracção e euphonia supprime-se o *y*, ficando *Ibacanga*. "

Parece-nos que o douto critico alem daquella rasão devia additar outra em pró do historiador, e vem a ser: o largo conhecimento que os Jesuitas tinhão da lingua *tupy* ou geral, ja porque erão obrigados a aprendê-la (1) e pratica-

---

(1) Vide no to. I destas *Memorias* pag. 134. „ E nenhum Jesuita da America professa solemnemente sem primeiro se examinar nella (a *Grammatica do padre Luiz Figueira)*, e ser approvado com juramento. "

la, e ja porque, na epocha em que a obra foi escrita, essa lingua era a vulgar no Maranhão. Fallava-se mais a linguagem Tupy que a Portuguesa.

Mas essa benevolencia do illustre censor logo desapparece quando se trata do nome do rio *Itapucurú*, orthographia que rejeita por entender ser mais exacto — *Itapecurú*. As rasões, que prevalecerão no caso do *Ibacanga*, cederão o passo á nova orthographia quanto ao celebrado rio.

„ De antes, diz o censor na nota (148), escrevião *Itapycurú*, seria plausivel, se não fosse forçado: *ita*, pedra, *pe*, caminho, *ig*, agua, *curú* (abreviatura de *curutem*) abundancia, muito. *Caminho de muita pedra por agoa*. Isto podia dar-se por contracção de *pe ig* em *py*, se na lingua tupy a cousa possuida não fosse posposta ao possuidor, disendo-se *yg pe*. Portanto a etymologia *Itapecurú*, he a unica que me parece admissivel, por isso que ha logo na fóz do *Itapecurú* uma longa cachoeira e outras no seu curso, dahi *abundancia de pedras*, muitas pedras."

Estas rasões não nos parecem sufficientes para alterar-se o termo *Itapicurú*, adoptado desde o principio da colonia. Mais de dusentos e cincoenta annos de uso o consagravão. Ninguem, segundo nossa lembrança, o escrevia com ypsilon — *Itapycurú*. Era uma escusada innovação.

A rasão etymologica que se invoca he mui especiosa, por quanto se fosse tal como pretende o douto critico o padre José de Moraes não escreveria *Itapucurú*, mas *Itapeycurú*, ou *Itapyecurú* como quer que seja o illustre resumista. Se Moraes, que devia conhecer o tupy melhor que nós, escreve *Itapu* e não *Itape*, he porque a etymologia *pe*, caminho, e *yg*, agua não tem para o caso applicação alguma, he na verdade forçada.

Claudio d'Abbeville (1) e Yvo d'Evreux (2), capuchinhos Franceses, chamão ao rio *Taboucourou*, cuja pronuncia he *Tabucurú*. Elles guiavão-se por Carlos des Vaux e David Migan, interpretes Franceses, e mui habeis na pratica da lingua Tupy. Campos Moreno na *Jornada do Maranhão* (3), de-

---

(1) *Histoire de la mission des Capucins dans l'isle de Maragnan*. Paris 1614. Em differentes lugares.

(2) *Voyage dans le nord du Brésil fait durant les années* 1613 *et* 1614. Leipzig e Paris 1864 pag. 34.

(3) Vide *infra* pags. 227.

nomina *Tapucurú;* Simão Estacio (1) e Bento Maciel Parente (2), *Itapicorú;* o Conde da Ericeira, *Itapocurú (3);* o padre Domingos de Araujo, *Tapocurú (4);* Fr. Domingos Teixeira, *Itapucurú (5);* o padre André de Barros (6), Berrêdo e Pereira do Lago, *Itapicurú (7).* Ao contrario Gayoso no seu *Compendio historico-politico dos principios da lavoura do Maranhão* escreve — *Tabou̧courou* e *Itapucurú (8).*

Gabriel Soares de Sousa, o bem conhecido autor da *Noticia do Brasil,* que escreveo em 1594, referindo-se ao rio do mesmo nome da Bahia no cap. 24 escreve *Tapocurú,* e no cap. 25 *Itapocurú.* Tambem escreve *Itapucurú* o padre Simão de Vasconcellos (9).

Na epocha da conquista Hollandesa, em 1642, Pedro Bas, o chefe politico da colonia do Maranhão, provavelmente Belga ou Huguenote Francez, escreve — *Tapicarou,* isto he, *Tapicarú;* e Schade, o commandante do forte do *Calvario,* escreve *Tapicaruno.* Talvez a ultima syllaba *no,* seja erro de copia (10).

---

(1) Vide *infra* a sua *Relação-Summaria das cousas do Maranhão* a pag. 14.

(2) Vide *infra* o seu *Memorial* a Philippe III á pag. 39.

(3) Vide *infra* á pag. 431 nos excerptos da *Historia de Portugal restaurado.*

(4) Consta da *Chronica da Companhia de Jesus da Missão do Maranhão,* escrita em 1720, liv. 2 cap. 17.
Esta obra ainda se acha manuscripta.

(5) Vide a obra — *Vida de Gomes Freire de Andrade* to. 2 pag. 194. Alli se diz *Itapucuro,* mas julgamos erro de imprensa o — *o* da syllaba final.

(6) Vide a sua obra intitulada — *Vida do Apostolico padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus,* a pag. 85 liv. 1 n. 154.

(7) Berrêdo nos *Annaes do Maranhão* em differentes lugares; assim como Pereira do Lago na sua *Estatistica historico-geographica da Provincia do Maranhão* — n. 8 pag. 15 e em outros lugares.

(8) Vide a mesma obra á pags. 82, 83, 98 e 147.

(9) Na sua obra — *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil* liv. 1 n. 47, referindo-se ao rio do mesmo nome na Bahia.

(10) Vide *infra* á pags. 445, 449 e 450. Schade tambem diz *Tapicurino.* Gaspar Barlœus *(van Baerle)* escreve *Taboucourou* nos mappas de sua obra — *Historia rerum per octennium in Brasilia,* etc., e no texto *Tapicurú,* de conformidade com a pratica vulgar no Maranhão durante a conquista hollandesa 1641 — 44.
Hans Sloane, medico e botanico Irlandez, o fundador do Museu Bri-

Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão, capucho da provincia da Conceição, á que pertencia o convento Franciscano de S. Luiz, na sua *Collecção de etymologias Brasilicas*, escreve indifferentemente *Itapicurú* e *Itapucurú*, e, dividindo a palavra desta sorte : — *ita*, e *pucurú*, traduz *pucaro de pedra*. Eis uma etymologia que não deixa de satisfaser se *pucurú* quer diser *pucaro* (1).

Temos mais outra.

Martius no seu *Glossario das linguas dos Indios no Brazil* estabelece differente etymologia sobre a base de *Itapicurú*, e assim diz : — *hy*, agua, *tapy*, fundo, *curú*, a cada passo, e conclue : rio por toda a parte profundo (*fluvius ubique profundus*).

Portanto cada escriptor apresenta sua etymologia, e nestas condições para que emendar o que tem em seu favor a sancção do tempo ?

Mas a verdade he que o rio na epocha dos Francezes se chamava *Tabucurú*, e os Portuguezes mudando o *b* em *p*, fizerão *Tapucurú*. He na primeira expressão que se deve procurar a etymologia (2). *Tabu*, e *curú* pode-se tambem traduzir : — *rio de muitas aldêas*, de *taba* aldêa, e *curú* abundancia.

Não obstante se se quer confundir o rio do Maranhão, com o da Bahia, pela semelhança do nome creado pela pronuncia portugueza, a etymologia do religioso capucho Praseres Maranhão, he preferivel a qualquer outra. Devemos notar que o rio da Bahia na sua fóz, pela descripção

---

tannico, no mappa de parte de nossa America, que acompanha a sua *Viagem á Jamaica e outras Antilhas*, publicada em 1702, denomina o nosso rio *Taboucourou*. Nesse mappa interessante a muitos respeitos figura a pequena ilha — *Guanima* como a verdadeira Guanahani de Colombo, problema ainda hoje não solvido. Tambem no mappa da viagem ao Brasil e ao Rio da Prata feita por Pieter Carder em 1586, publicada em Hollandez em 1706, o mesmo rio tem o nome de *Tabooucourou*.

(1) Martius no seu *Diccionario tupy* tambem dá ao termo — *pucurú* a significação de *pucaro*, mais entendemos que a palavra portuguesa foi tupinisada, e que antes da conquista assim não era.

Entretanto o Dr. Gonçalves Dias no seu *Diccionario da lingua Tupy* faz grande caso da proficiencia deste religioso capucho nesta materia, por quanto tomou por base do seu trabalho o vocabulario que o autor da *Poranduba Maranhense* escreveu.

(2) Note-se que a palavra *taba* na construcção de outras se alterava em *tapu, tape e tapi*.

de Gabriel Soares se assemelha um pouco ao do Maranhão.

Neste sentido *Itapucurú* como escreve o padre José de Moraes, he conforme á verdadeira orthographia, e *Itapicurú* a corruptéla, sanccionada pela população por quasi trez seculos de uso. Nunca *Itapecurú*.

Cesar Marques no seu *Diccionario historico-geographico da Provincia do Maranhão* na primeira edição escreveu — *Itapicurú*, e na segunda — *Itapecurú*, apoiando-se em motivos identicos aos do illustre censor sem discutil-os (1).

E já que tratamos de rios do Maranhão, o douto critico nos seus *Apontamentos* ainda equivocou-se em relação ao rio Parnahyba, outr'ora chamado *Rio grande dos Tapuyas, das Garças* e *Paraoassú*. Involuntariamente disse que o Rio Grande dos Tapuyas, era o *Rio Grande doNorte*. Basta lêr o cap. VI de Gabriel Soares, para reconhe-cer-se o engano, resultante da nimia confiança no autor do *Santuario Marianno*.

II.

Passemos ás accusações de outro escriptor mais ou menos articuladas na obra já citada — *Historia das lutas com os Hollandezes no Brazil desde* 1624 *á* 1654.

O censor do nosso historiador he uma das nossas primeiras illustrações litterarias, e á quem a historia da nossa patria muitissimo deve, o commendador Francisco Adolpho de Varnhagen, actualmente *Barão de Porto Seguro*, titulo bem merecido por quem tanto se ha esmerado por elevar a historia do paiz que começou com a descoberta d'aquelle porto.

Já se vê que temos em nossa frente um grande vulto litterario, a quem, de ha muito, applaudimos, e respeitamos as valiosas producções, e com quem ser-nos-ia bem penoso contrariar as asserções, que reputamos fructos do mais serio estudo.

Mas a verdade tem direitos de elevada importancia, que não podem ser offendidos e nem preteridos, maxime tratando-se da historia patria.

---

(1) Vide na mesma obra o respectivo artigo.

Na obra á que já nos referimos, o illustre titular não poucas vezes, posto que involuntariamente, se afasta da justiça, e tambem da equidade com o nosso historiador, e nem sempre com proveito da exactidão historica.

Foi o censor quem, em duas interessantes *memorias* impressas na *Revista do Instituto Historico*, assim como em dous artigos do *Correio Mercantil*, ns. de Novembro ou Dezembro de 1867 e de 28 de Janeiro de 1868, colheu dados bastantes para demonstrar que o celebrado indigena *Camarão*, tinha por patria a provincia do Rio Grande do Norte, e não a do Ceará, em Villa Viçosa, e menos Pernambuco. A historia do padre José de Moraes, escripta na epocha em que ninguem disputava a patria do famoso indigena *Petiguar* ou Potyguar, veio confirmar de modo esplendente as conjecturas do eminente escriptor, indicando com segurança o dia em que foi baptizado, e a epoca do seu casamento christão.

Eis o que diz o padre José de Moraes no cap. 11 do liv. 1, referindo-se á sepultura dos ossos do famoso *Apostolo do Jaguaribe* (como então se chamava o territorio conhecido actualmente por Ceará), o padre Francisco Pinto, da companhia de Jesus, mais conhecido entre os indigenas pelo nome de *Amanayára*, que quer dizer, *senhor da chuva*, pelos prodigios que neste sentido alli fez (1), esse grande missionario, martyrisado pelos indigenas *Tacarijús* nas abas da serra da Ibiapába. Esses ossos tinhão vindo daquella serra para uma das aldêas dos Petiguares, na proximidade da fortaleza Lusitana de S. Thiago (2), no litoral, e tambem visinha da povoação,que ficava á margem da pequena ribeira que esses indigenas *ad instar* do seu paiz do Rio Grande do Norte denominavão *Ceará* (3) ; nome feliz, porquanto esten-

---

(1) Vide *infra* nota (1) a pg. 456 e nota (2) á pags. 467 e 468. O nome de *Amanayára* adquirio o padre Francisco Pinto no sertão do Rio Grande do Norte, e o manteve no de Jaguaribe ou Ceará por actos identicos. Por engano se diz á pag. 468 *sertão da Bahia*, devendo lêr-se, *sertão do Rio Grande do Norte*.

(2) *S. Thiago*. Foi este o primeiro nome da fortaleza do Ceará, levantada por Pedro Coelho de Souza.

(3) *Ceará*. Vide no fim do prefacio a nota sobre a palavra — *Ceará*, e *infra* as notas (1) a pag. 459 e 476.

O rio *Ceará-mirim* do Rio Grande do Norte, chamava-se a principio *Baquipe*, e pelos Portuguezes *Rio pequeno*, segundo Gabriel Soares no cap. 9, da *Noticia do Brasil*. No mappa de Pedro Coelho de Souza

deu-se á todo o territorio, chamado outr'ora paiz ou região do Jaguaribe (1).

Convem notar que essa colonia de Petiguares naquelle ponto de um paiz onde não havia chegado o dominio Petiguar proveio, ao que parece, da nefasta expedição de Pedro Coelho da Souza em 1604 e 1605, composta em grande parte destes indigenas, de que muitos alli ficarão dispersos, quando o mesmo Coelho os quiz reduzir á escravidão com os outros indigenas Tapuyas, capturados no territorio ao norte daquella Fortaleza, e na Ibiapába. Estes indigenas e outros da localidade, quando por alli passou o padre Francisco Pinto (1607) com o seu companheiro o padre Luiz Figueira, forão por elles aldeados em trez pontos: Soure (*Caucaia*), Arronches (*Parangaba*), e Messejana (*Paupina*), seguindo depois para a serra da Ibiapába, onde o primeiro soffreu heroicamente o martyrio (2).

Dadas estas explicações, vamos copiar o que disse no referido cap. 11 o padre José de Moraes:

„ Dominava entre todos os maioraes daquelle sertão com mais autoridade e poder que os outros, o celebre indigena Principal *Camarão*, cujo nome foi tão attendido dos nossos historiadores, pela rasão do grande soccorro que deu ás nossas armas na expulsão dos Hollandezes de Pernambuco, á quem seu mesmo valor foi raio, que alem de aterrar

---

copiado por Diogo de Campos Moreno na sua obra — *Livro da razão d'Estado* chama-se á este rio *Comaputú-mirim*, mas em outro mappa da mesma obra o rio Comaputú-mirim, he o immediato ao *Ciará-mirim*, mas outra he a orthographia — *Cauaputú-mirim*.

O rio que deu nome á provincia do Ceará no mappa de Pedro Coelho de Souza chamava-se em 1603; *Pirangy*.

(1) *Paiz de Jaguaribe.* O nome da provincia do Ceará he moderno, proveio da importancia adquirida pela fortaleza que fez esquecer o antigo. Vide *infra* a nota (6) á pag. 553, onde a palavra Jaguaribe se acha escripta por esta fórma — *Zaguaribe*.

(2) As aldeias *Caucaia* (vinho queimado) talvez aguardente, *Paupina*, (de pai Pinto), e *Parangaba* (belleza) constituirão os primeiros nucleos da população indigena pacificada do Ceará, no principio do penultimo seculo. Nutrimos duvidas quanto a significação de *Parangaba*, por quanto em Tupy a palavra *poranga*, e não *parangaba* he que significa *bellesa*. Não será *parangaba* corrupção de *Payangaba* que significa, *padrinho?* Referindo-se talvez ao companheiro do padre Francisco Pinto, então muito moço o padre Luiz Figueira, que acabou como seu companheiro, victima dos selvagens, posto que um na Ibiapaba e outro em Marajó.

não causou pequenos estragos nas dominantes tropas da Hollanda."

Continuando, accrescenta:

„Este chefe, que pela maior soberania se fazia mais respeitado no Rio Grande, *onde tinha uma populosa aldêa* (1), era por extremo affeiçoado ao veneravel padre Francisco Pinto, do tempo que elle repartio pelos da sua nação o saudavel pasto da doutrina evangelica com um modo muito proprio do seu amavel genio, com o qual se fazia querido de todos, e com especialidade do Principal *Camarão*, que por seu grande amigo o tratava; e como então ouvisse com sentimento a morte do servo de Deus, e agora lhe dessem a alegre nova, de que em uma das *aldêas de Jaguarybe* se achavão já trasladados os seus veneraveis ossos, convidou os visinhos, e passou ordem aos vassallos, que em dia fixo se achassem todos juntos, para com uma apparatosa romaria visitarem todos ao seu grande amigo, o *Pai Pinto* (2)."

Escusamos copiar o mais que narra o autor á pag. 87 do tomo primeiro destas *Memorias* sobre este importante acontecimento; o certo he que a aldêa dahi em diante se chamou do *Pai Pinto*, ou como dizião os indigenas *Pai Pina* por corrupção— *Paupina;* actualmente *Messejana* (3). Continuando, diz ainda o padre José de Moraes:

„ Já não faltava ao devoto Principal algum outro acto em que podesse exprimir ao vivo a grande veneração que tinha ao seu grande amigo, pelo que agradecendo aos Indios de Jaguarybe *(Ceará)* a diligencia e affecto com que tinhão trasladado aquelles ossos (4), recommendou-lhes muito o respeito com que os havião de tratar, e promettendo-lhes a sua assistencia em repetidas visitas, *se retirou com os seus ao Rio Grande*, satisfeito de os ter deixado collocados com maior decencia, e com não pequenas invejas de serem outros os senhores de um tão precioso thesouro.

---

(1) Essa aldêa chamava-se *Ygapó*, e foi depois a villa de *Extremóz*, hoje extincta.

(2) *Pai Pinto*. Vide *infra* a nota (2) á pag. 467.

(3) Escrevemos assim e não *Mecejana*, que he erro.

(4) Parece que a final poderão os Jesuitas transportal-os para a igreja do collegio da Bahia, pelo que se deprehende da carta do padre Manoel Gomes á pags. 79 e 80 do to. I destas *Memorias*.

„ Esta que para o *Camarão* foi acção propria de sua gratidão e lealdade, foi para os Indios daquella povoação hum continuo despertador da sua lembrança e veneração ao seu defuncto padre, em cuja presença se celebravão como se estivesse vivo e fosse seu verdadeiro parocho, os' casamentos e se ratificavão os já celebrados, em quanto não tivessem missionario proprio. "

Mostrando como o *Camarão* por sua piedade ajudava muito os Missionarios na propagação da fé entre os selvagens, relata o grande acontecimento do seu baptismo:

„ A tão fervorosos desejos satisfez a divina clemencia por meio de seus ministros, os zelosos padres Diogo Nunes (1) e Gaspar de S. Peres (2), que apenas chegarão de Pernambuco á sua aldêa (no *Ceará-mirim)* derão principio á sua missão com um bom numero de innocentes e adultos, já rapazes, que baptisarão; e como o Principal *Camarão* era a pessôa mais abalisada naquelles sertões, pedio elle e o approvarão os Missionarios, que o seu baptismo se fisesse com aquella solemnidade que pedia o seu caracter e era preciso para conciliar mais respeito, assim ao Sacramento, como ao cargo que entre os mais o distinguia, etc. etc.

„ Recolhidos os padres á povoação, era já chegado o dia do solemnissimo baptismo do Principal *Camarão*, que

---

(1) *Diogo Nunes*. Este padre foi, como grande lingua que era, quem acompanhou á Bahia os Petiguares no tempo da administração do capitão-mór Alvaro de Carvalho (1603); e, posteriormente, seguio com o padre Manoel Gomes ao Maranhão, quando para lá foi Alexandre de Moura (1615).

(2) *Gaspar de S. Peres*. Parece que o appelido era Sampere, e talvez não fosse portuguez este padre. Campos Moreno por engano chama-o padre *Pedro São Peros*. Vide *infra* pag. 162.

No *Sanctuario Marianno* to. 9 liv. 2 tit. 42 pag. 351 diz-se, que á este Jesuita se deve a traça ou conselho que tanto servio á Manoel de Mascarenhas para faser as pazes com os Petiguares, que consistio em mandar pôr em liberdade á um *pagé* chamado Ilha grande *(Puam-assú)*.

Mas Jaboatão, que aliás he um copista deste escriptor, assevera que quem deu o conselho foi um religioso de sua ordem chamado Fr. Bernardino das Neves, irmão de Fr. Manoel da Piedade, que, com Jeronymo de Albuquerque, foi ao Maranhão em 1614.

O padre José de Moraes pelo contrario assevéra, e com melhor fundamento, que as pazes se devem aos padres Francisco Pinto, e Diogo Nunes, sobretudo ao primeiro.

Vide *infra* pag. 508 e nota (3) e o to. 1 destas *Memorias* pag. 84.

foi a dominga da *quinquagesima* do anno do Senhor de 1612."

Portanto o dia do baptismo do *Camarão* em sua aldêa do *Ygapó* foi em 22 de Fevereiro de 1612, se não ha defeito no nosso calculo. Se em lugar de *quinquagesima*, dissesse o autor *sexagesima*, que nesse anno cahio á 15 de Fevereiro, dia da trasladação de Santo Antonio, o nome do baptismo do celebre indigena Petyguar, teria facil explicação.

Por conseguinte estes dados são positivos, e posto que o autor seja religioso da Companhia de Jesus, corporação mal reputada nas obras do eminente historiador, parece-nos que podem ser acceitos, porquanto não nos consta que a questão da patria do celebrado indigena fosse posta em duvida no ultimo seculo, e menos no penultimo ; e consequentemente não havia um motivo ponderoso para um Jesuita, conhecedor das cousas do Brazil e dos serviços de sua ordem, attribuir aos seus aquillo que não lhes competia, podendo ser vigorosamente contestado.

Accresce que ninguem contesta que Antonio Potyguassú (1) fosse cathecumeno dos Jesuitas, nem mesmo os escritores das ordens religiosas rivaes ; logo, como pôr em suspeição o que escreve um historiador daquella companhia por contestação directa ou silenciosa?

Se pois não ha uma rasão para recusar a narrativa do padre José de Moraes, tão explicito quanto ao dia do baptismo do Camarão, e quanto aos nomes dos seus cathequistas; porque recusar-se-lhe o testemunho, tendo a sua *Historia* sido folheada, e lida pelo illustre titular? Se havia fundamento para duvidar-se de sua narração, porque envolvêr em silencio o nome dos que o contestão? O silencio neste caso não nos parece justificavel.

Confrontemos agora o que a respeito do Indio Petiguar *Camarão* diz o illustre Barão na sua *Historia das lutas com*

---

(1) *Antonio Potyguassú*. Simão de Vasconcellos na sua *Chronica* chama á este indigena — *Potyguassú*, mas Fr. Manoel Calado no *Valeroso Lucideno* denomina-o *Puty*, no que foi seguido por Southey. Os outros escritores tratão-o simplesmente de *Camarão*. Apenas Berrêdo nos *Annaes* n. 223 chama-o *Grande* Camarão.

Sendo este indigena cathecumeno dos Jesuitas pronunciamo-nos pelo nome de *Potyguassú*, e daremos mais adiante as rasões de nossa convicção em nota especial. Vide *infra* nota (1) á pag. 176.

os Hollandezes no Brasil desde 1624 *á* 1654, copiaremos as proprias palavras:

" A verdadeira naturalidade e a epocha do nascimento do heróe *Camarão* tem sido até nossos dias objecto de discussões e duvidas. Pelo que respeita á primeira, o facto incontestavel de ser da nação *petiguar;* o de ter a sua parentéla no Rio Grande, e de chamar-se este originariamente *Rio do Puty (Putigy)* e varias outras considerações, nos obrigarão a final a afastar-nos, tanto da opinião dos que o fasem *filho do Ceará* (opinião que haviamos chegado a abraçar (1), como dos que sustentam haver elle nascido *Pernambucano;* e somos hoje de parecer que, em presença de uma critica luminosa, não pode ser considerado senão como filho do mesmo Rio Grande.

" Mais difficil nos parece aventurar uma opínião acerca da verdadeira epocha do nascimento do heróe *Putigiano*, ja que nenhum escriptor nos diz que idade proximamente tinha elle quando falleceu.

" Reflectindo porem nos seus dous nomes *Antonio* e *Felippe*, e rastejando as praticas daquelles tempos de ser conferido o nome do soberano reinante aos chefes selvagens importantes, que se baptisaram, ou aos seus descendentes, *propendemos* a acreditar que o nosso *Camarão* seria baptisado em 1580, quando ainda lutavão em Portugal pela corôa, o Prior do Crato D. Antonio e Felippe II, e o Brasil esperava o resultado da luta, para saber á quem devia proclamar (2) : — ou antes que lhe derão o nome de Antonio, quando pensavão que seria acclamado o Prior do Crato, e lhe accrescentarão o de Felippe, para depois de algum modo remediar o engano.

" Com isto queremos diser que o *Camarão* deveria ter de idade quando falleceu, em 1648, sessenta e oito annos, e mais os que ja teria quando o baptisarão : — em todo o

---

(1) Vide *Historia geral do Brasil* to. 1 pag. 362. „ Este Indio celebre era filho do Ceará, e fôra dali trasido, como todos os bravos da sua escolta, pelo capitão Martim Soares, apenas teve noticia do perigo de Pernambuco. "

Todas estas asserções são inexactas.

(2) Nunca no Brasil houve tal hesitação, como bem o comprova o proprio illustre censor na *Historia geral do Brasil* to. 1 pags. 279 e 280, nas seguintes palavras : — „ Era pois ao Brasil absolutamente alheia a questão dynastica. "

caso tinha pelo menos sessenta e oito annos; e havia mais de quarenta que, *pela primeira vez*, passára á Bahia (1) com outros de sua nação, no tempo do capitão-mór Alvaro de Carvalho, para alli acudir em uma invasão de *Aymorés*, da qual encontrarão desafogada aquella cidade, pela industria de Alvaro Rodrigues, da Caxoeira. Prosigamos porem com a nossa narração." Liv. 10 pags. 242 e 243.

Entretanto no liv. 8 á pags. 213 e 214, exprime-se o mesmo escritor nestes termos referindo-se ao assalto que fez o heróe indigena no Rio Grande do Norte :

" Quanto ao *Camarão* devemos diser que elle cumprio o seu mandato muito alem do que se podia esperar. Desde que se apresentou como vencedor, grande numero de Indios que estavão com o inimigo, com essa fidelidade fluctuante commum á todo povo barbaro, segundo ja reconhecia a antiguidade, o abandonaram, e prestaram obediencia ao mesmo *Camarão*, que, com o seu auxilio, conseguio dominar todo o certão do Norte, chegando até os confins do Ceará (2), *onde havia ja estado* trinta e tantos annos antes (1612), *acompanhando* os padres Diogo Nunes e Gaspar de Sampère, *que ahi o havião baptisado e casado* (3). "

Para completarmos as citações necessarias para o esclarecimento da questão, ainda encontramos sobre este personagem historico no liv. 3 pag. 82 o seguinte, referindo-se ao procedimento de Duarte Gomes da Silveira e do padre Manoel de Moraes, religioso da companhia de Jesus, na Parahyba do Norte:

" Foi por esta occasião que o jesuita Manoel de Mo-

---

(1) O Camarão foi á Bahia em 1640, pela primeira vez, e por terra, e nunca em 1603. Nenhum chronista o assegura, e demais nenhum Petiguar voltou da Bahia ao Rio Grande, inclusive o cacique mais notavel, o Jurubabú *(Zorobabé)*.

Vide *infra* pag. 511, assim como a *Historia geral do Brasil* to. 1 pag. 311 nota 2, em vista da carta de D. Diogo de Menezes, de 4 de Novembro de 1608, escrita da Bahia.

(2) *Confins do Ceará*. Nunca o Camarão passou do estabelecimento Portuguez, e das aldêas visinhas, em 1611 ou 1612, e em 1614, como se vê do que relata o nosso historiador, e Diogo de Campos Moreno na *Jornada do Maranhão* impressa neste to. á pag. 176 e nota (1).

Que confins do Ceará são esses notados pelo autor?

(3) O nosso historiador, como ja vimos, diz positivamente o contrario. A que autoridade pois soccorreu-se o illustre censor para contradictar, posto que silenciosamente, ao padre José de Moraes ?

raes, o amigo e cathequisador do *Camarão* (1), ja sacerdote e confessor, se bandeou com os Hollandeses, e tão de véras que, indo para a Hollanda, se fez calvinista e casou em Amsterdam. "

Confrontando-se as duas citações vê-se que a narrativa do padre José de Moraes tem uma base tão solida que resiste a critica a mais rigorosa. O illustre Barão não querendo cita-lo, sempre aproveitou de sua narrativa a data de 1612 e os nomes dos padres Diogo Nunes e Gaspar de Sampère, que em nenhum outro escritor se encontrão.

O illustre censor pretende que o celebre indigena *Petiguar* fosse baptisado e casado no Ceará em 1580, e por aquelles Padres (2), que provavelmente ainda nessa epocha não terião chegado ao Brasil!

Por outro lado a guerra mais pertinaz com o gentio *Petiguar*, alliado dos Francezes, datava do reinado de D. Sebastião, e era este gentio que muito incommodava os colonos de Itamaracá. A guerra contra este gentio, o mais numeroso e valente do litoral do Brasil, tornou-se de absoluta necessidade; era forçoso expelli-los de Itamaracá, e conquistar a Parahyba.

Depois de muitas alternativas fez-se esta conquista em 1585, graças ao esforço do licenciado Martim Leitão, ouvidor geral do Estado do Brasil, que se houve como habil e intrepido general, e cujas façanhas bem descreve o padre

---

(1) *Cathequisador do Camarão.* Que fundamento ha para tal asserção? qual o autor coevo que o assegura? Nenhum. Apenas Fernandes Pinheiro na biographia que publicou deste indigena disse, na nota (2) á pag. 203 da primeira parte do to. 32 da *Revista do Instituto Historico* de 1869, que lhe *parecia* ter sido o jesuita Manoel de Moraes o catechista de Camarão, por ter sido elle quem levára o Camarão ao arraial do Bom Jesus, segundo o testemunho de Duarte Coelho de Albuquerque nas *Memorias diarias*. Mas, infelizmente, tanto o asserto como as rasões são inteiramente inexactos.

O mesmo escriptor nas notas á traducção da *Historia do Brasil* por Southey, to. 2 pag. 210 nota (1) diz, que o Camarão fôra levado á Pernambuco por Martim Soares Moreno!

(2) Não sabemos a epocha em que veio para o Brasil o padre Gaspar de Sampere, e nem o padre Diogo Nunes, que falleceu nas Antilhas hespanholas em 1619. Mas se o seu superior o padre Manoel Gomes veio para o Brasil em 1595, não he provavel que elles fossem mais antigos no paiz, e tanto que ja em 1580 andassem pelo Ceará!

Vide no to. 1 destas *Memorias* as pags. 104 e 105.

Jeronymo Machado, no seu *Summario das armadas que se fiserão e guerras que se derão na conquista do rio Parahyba*, escrito por mandado do padre Christovão de Gouvêa, visitador da Companhia de Jesus, na provincia do Brasil, e ha pouco tempo impresso na *Revista do Instituto Historico* tom. 36. Da *Relação annua* do padre Fernão Guerreiro de 1602 e 1608, que reprodusimos nestas *Memorias* a pag. 502, tambem constão essas proesas.

A conquista do territorio do Rio Grande do Norte somente se fez depois de assegurada a posição do da Parahyba. Quem desempenhou essa empreza foi o capitão-mór de Pernambuco — Manoel de Mascarenhas, que desbaratando os Petiguares em differentes combates fez com elles pazes definitivas em 1599 ou 1602. Manoel de Mascarenhas encarregado dessa conquista em 1597, começou-a no anno seguinte (1), mas somente terminou-a em 1599 (2), sendo auxiliado pelo capitão-mór da Parahyba Feliciano Coelho de Carvalho.

Se a guerra com os Petiguares do Rio Grande do Norte se fez naquella epocha, como seria possivel o baptismo do

---

(1) Segundo Fr. Agostinho de S. Maria, no *Sanctuario Marianno* to. 9 tit. 42 pag. 351, a armada Portuguesa que foi á conquista do Rio Grande do Norte chegou a Parahyba em 17 de Desembro de 1597. Compunha-se de seis naus *(navios da epocha)* e cinco caravelas. O primeiro porto onde ancorou depois de sahir da Parahyba foi no porto dos Busios, na fóz do Pirangy, onde se achavão sete navios franceses carregando pau brasil, e negociando com os Petiguares.

(2) Neste anno, depois de uma luta formidavel fiserão-se as primeiras pazes com os Petiguares, talvez dirigidos por Jurubabú *(Zorobabé)*, provavelmente auxiliado pelos Petiguares do Ceará-mirim.

Para essas pazes interveio segundo o mesmo Fr. Agostinho de S. Maria no *Sanctuario Marianno*, um *pagé* prisioneiro chamado Ilha grande *(Puam-assú)* á conselho do padre Gaspar de Sampere.

Mas parece que em 1602 houve revolta dos Petiguares, que poserão em assedio a cidade do Natal, onde estava Feliciano Coelho de Carvalho, capitão-mór da Parahyba. Chamando em soccorro Manoel de Mascarenhas, forão os indigenas desbaratados, solicitando o chefe Piraiuwath *(Pirajua)* a paz e o baptismo.

Deste facto quem dá noticia he Antonio Knivet, navegante inglez, que se achava na occasião em Pernambuco, para onde havia transportado do Rio de Janeiro Salvador Corrêa de Sá, que era capitão-mór da ultima cidade.

Vide no fim deste prefacio a nota sobre este acontecimento de que os nossos chronistas nenhuma noticia dão, não obstante havê-lo relatado João de Laet no *Novus Orbis* liv. 16 cap. 5.

Camarão em 1580, e no Ceará?! Os primeiros jesuitas que forão ao Rio Grande do Norte cremos que forão os padres Francisco Pinto (1), Diogo Nunes (2) e Gaspar de Sampêre, este era um habil engenheiro. Foi elle quem traçou a planta e fez edificar a primeira fortaleza dos Reys Magos, na foz daquelle rio chamado pelos indigenas Petigy e Putigy e por corrupção *Potengy*.

Havia naquelle territorio dezeseis grandes e populosas aldêas, dirigidas por *caciques* ou *principaes* de nomeada.

As Chronicas apontão os nomes dos mais celebres — *Tejucupapo*, *Pau-Secco (Ibiraypi)* o chefe da maior aldêa (3), talvez a de Cunhaú, *Metarouba* (4), *Potyguassú*, o antigo, talvez o pai do Camarão, que assim tambem se chamava (5), *Guerdópina* (6), *Araruna*, *Meiruguassú* (7), *Ibatatá* (8), *Abai-*

---

(1) A este padre e á Diogo Nunes attribuem Fernão Guerreiro e José de Moraes as pazes com os Petiguares. S. Maria troca o nome do padre Diogo Nunes por Lemos, no que sem exame segue Jaboatão.

(2) Neste ponto estão accordes Fernão Guerreiro e José de Moraes, Jesuitas, assim como S. Maria e Jaboatão, capuchos e pouco favoraveis aos primeiros. Mas Jaboatão sem fundamento algum attribue ao seu confrade Fr. Bernardino das Neves, o conselho das pazes com os Petiguares, que S. Maria affirma ter partido do padre Gaspar de Sampere.

(3) O indigena *Pau Secco* era o mais poderoso chefe Petiguar, antes da conquista do Rio Grande do Norte. Nesse tempo cremos que ja era fallecido. O centro da sua influencia era ao sul do Rio Grande proximo á fronteira da Parahyba. O porto dos Busios, e outros ao sul, como a bahia Formosa e a da Traição, erão por onde elle e os seus negociavão com os Franceses.

Em 1593 ou 94, senão antes, esse indio entendeu-se com o nauta francez Riffault, para que a França tomasse sob sua protecção aquelle territorio, que era pelos Francezes chamado *Potyiú*. O destroço dos navios de Riffault, que apenas conseguio arribar com um ao Maranhão em 1595, impedio o estabelecimento francez naquella provincia, e facilitou a conquista em 1599.

Claudio d'Abbeville dando noticia dessa expedição chama ao *Pau Secco*, o poderoso cacique Petiguar, *Ouirapiue*. Talvez aos ouvidos Portugueses fosse o nome *Ibiraypi*.

(4) *Metarouba*, corruptéla de *Metarobi*, pedra verde que os indigenas Tupis introdusião no labio inferior, como ornato. Hoje chama-se *bodoque*, e aos indigenas que usão *Botocudos*.

(5) Vide *supra* nota (1) á pag. 18.

(6) *Gueraópina*, corruptéla de *Guirapunga*; a Araponga, passáro conhecido, tambem chamado *Ferreiro*.

(7) *Meiruguassú*, melhor, *Meerúguassú* grande canna de assucar.

(8) *Ibatatá*, i. e., pau de fogo; talvez referindo-se á espingarda.

quijá, *Pirajuá* (1) que, se diz, fôra o grande Cacique Petiguar á quem Manoel de Mascarenhas venceu, senão he o *Cerobabé* ou *Jurubabu* (2), que fez as pazes com os portuguezes mediante os religiosos da Companhia de Jesus, e foi depois alliado fiel (3).

Esta especie de Confederação podia pôr em campo mais de cincoenta mil arcos. Simão de Vasconcellos suppunha que podia apresentar mais.

A grande reputação do *Camarão*, o *Potyguassú* junior, he posterior á epocha da conquista de Manoel de Mascarenhas; por isso tudo quanto imagina o illustre Barão, acerca da rasão do nome de *Antonio*, com que foi baptisado o *Potyguassú* do Ceará-mirim, não tem fundamento. Se a quinquagesima de 1612 cahio em 15 de Fevereiro e não em 22 do mesmo mez como suppomos, o nome do heroico— Cacique podia apoiar-se na folhinha, porquanto nesse dia festeja a Igreja a trasladação de S. Antonio. O segundo nome de Philippe pode ter, e tem a explicação imaginada no momento da guerra com os Hollandeses, e dos primeiros premios que lhe forão conferidos (4).

Estamos porem persuadidos de que o nome do Cacique ou Principal do Ceará-mirim, era em 1612 simplesmente *Antonio Potyguassú*, e por abreviatura *Poty*.

A naturalidade por tanto desse celebre chefe indigena não pode ser o territorio actualmente Cearense, porque os Petiguares habitavão o territorio comprehendido entre os rios Parahyba e Apody (5), e o que ficava alem até a

---

(1) Vide *supra* nota (2) á pag. 22. Antonio Knivet diz que esta palavra significa — *espinha de peixe*.

(2) *Cerobabé* ou *Sorobabé*, e tambem *Zorobabé*, parece-nos ser a corruptela de *Jurubabú*. Vide Duarte Coelho d'Albuquerque nas *Memorias diarias* pag. 146.

(3) Parece que foi este indigena com quem primeiro fez pazes Manoel de Mascarenhas em 1599, e depois em 1602. Mas como inspirava muita desconfiança aos vencedores, por isso o levarão para a Bahia na expedição de 1603, de onde nunca mais voltou.

(4) E esta opinião ja havia sido apresentada por Fernandes Pinheiro na biographia do Camarão. Vide *Revista do Instituto* to. 32 primeira parte pag. 201.

(5) Gabriel Soares he obscuro quando trata desta materia no cap. 7 da sua *Noticia do Brasil*. Do que elle diz se deduz que o dominio Petiguar não passava do rio *Apody* ou *Yponi* como chamava Marcgrav, na fé de Jacob Rabbi, e não o rio Jaguaribe.

Ibiapaba era pelos Tapuyas, especialmente Ganaçés, Juguaruanas e Teremembés, o que facilmente se pode verificar consultando as antigas chronicas.

Por tanto não pode ter solido fundamento o assegurar o padre Ayres do Casal ser, Villa-Viçosa, a patria do *Camarão*. Essa povoação, a antiga aldêa da *Thyaya*, he fundação muito nova dos Missionarios Jesuitas do Maranhão, depois de pazes celebradas com os indigenas Tabayares ou Tabajaras daquella serra — *Ibiapaba*.

Ora o aldeamento da *Thyaya* foi fundado em 1697, e tomou o nome de Villa Viçosa com o predicamento de villa, em 1759 (1).

Ha em verdade cousas singulares quanto á naturalidade deste celebre indigena. Pereira da Silva nos seus *Varões illustres do Brasil*, apresenta-o como natural da Parahyba do Norte e nascido em 1598; e Fernandes Pinheiro seguindo á Southey na sua biographia fá-lo *Carijó* (2), e, com Ayres do Casal, nascido nas visinhanças de Villa Viçosa!

Southey somente por equivoco o fez *Carijó*, pois referia-se a Britto Freire, que diz cousa mui differente. Essa tribu, a *Carijó*, como se sabe, occupava o litoral do Paraná e de S. Catharina até o Rio Grande do Sul (3).

Antonio Potyguassú era *Petiguar*. Di-lo positivamente

Entretanto Fr. Agostinho de S. Maria (*Manoel Gomes Freire*) não duvidou assegurar que o dominio Petiguar estendia-se até o Maranhão!

João de Laet no *Novus Orbis*, apoiado em Marcgrav, sustenta com bons fundamentos que o dominio Petiguar não passava do rio Assú, sendo o territorio septentrional occupado por nações Tapuyas, de que era chefe mui notavel Janduy ou João Wy como s'expressavão os Hollandezes, seus alliados.

O certo he que o paiz ou região de Jaguaribe começava na foz do Mossoró, onde estavão situadas *as salinas* ditas *de Jaguaribe*, local do desembarque do padre Francisco Pinto.

(1) Vide *infra* nota (1) á pag. 556.

(2) Vide *Rev. do Inst.* to. 32 pag. 201, nas seguintes palavras:— „ Pertencia á corajosa tribu dos Carijós, etc. "

Norberto na biographia da esposa de Camarão, D. Clara Philippa Camarão, diz o seguinte:— „ he todavia de crêr que, *como seu consorte*, descendesse dos Carijós e nascesse em Villa Viçosa, nas abas da serra da Hybyappaba, onde os Jesuitas estabelecerão uma colonia de Indios, que *assás concorreu* para a povoação da provincia do Ceará, etc. " *Rev. do Inst.* to. 10 pag. 387.

(3) Vide *infra* pag. 541, no artigo *Missão dos Carijós*, e Gabriel Soares na *Noticia do Brazil* caps. 66, 67, 68 e 69.

Duarte de Albuquerque Coelho, Conde e senhor de Pernambuco, coevo, em suas *Memorias diarias de la guerra del Brasil* (1) em differentes lugares e tambem Fr. Manoel Calado no *Valeroso Lucideno*, declarando quem era Antonio Puty (2), Principal *(cacique)* de uma aldêa, capitão-mór e governador dos Petiguaras; e, ainda mais positivamente, a carta regia de 14 de Maio de 1633, pois chama-o *Petiguar*, e capitão-mór dos *Petiguares* (3).

Francisco de Brito Freire na *Guerra Brasilica* trata o Camarão de *Tabayára* (4); mas este historiador, empregado na marinha, escrevendo no principio da guerra Hollandesa, não deu á este ponto toda a attenção, e seu engano resultou de um facto peculiar, que elle não podia logo descriminar; o que mais adiante notaremos.

Os sustentadores da pretenção Cearense appellão ainda para a circumstancia de haver naquelle territorio, na epocha

---

(1) *Memorias diarias* etc. edição de Madrid de 1654 pag. 129 v. „ Por los buenos procedimientos con que avia servido Antonio Felipe Camaron, le hizo el Rey capitan mayor de todos los Indios; no solamento de los de su nacion, *que era Pitiguar*, mas de los otros residentes en varias aldêas. "

(2) *Antonio Puty*. Assim o chama Fr. Manuel Calado ou do Salvador, e geralmente se tem seguido esta versão. *Valeroso Lucideno* pags. 12, 25, 164 e 165.

(3) João Pedro Ribeiro no seu *Indice Chronologico* to. 2 pag. 343 resume desta forma a carta regia de 14 de Maio de 1633:

„ Por esta carta regia foi determinado que se desse aos Indios algumas mercadorias de fazendas, roupas e quinquilharias, para estarem quietos e trabalharem na guerra, fazendo-se outro-sim, mercê do habito de Christo ao Indio Antonio Felippe Camarão, Principal da nação *Pitagarês*, com a tença de 40$000 rs. e patente de capitão-mór dos Indios. "

A commenda da mesma ordem dos Moinhos do Soure foi conferida ao Camarão por carta regia de 3 de Março de 1641, já no reinado de D. João IV. Mello—*Biographias* to. 2 pags. 186 e 187.

A Henrique Dias tambem se fez mercê de um habito por carta regia de 21 de Julho de 1638. *Coll.* Justino to. 5 pag. 160 e 161.

(4) *Historia da guerra Brasilica* pag. 183 n. 357 nestas palavras:

„ Deixando em meio ao Real (o *arrayal do Bom Jesus*), quasi debaixo de sua artilharia, alojavão 300 indios *Tabayares*, em que experimentamos valor e fidelidade, virtudes novas entre gentios barbaros. Antonio Felippe Camarão, *um destes* que governava os mais, veiu a conseguir por meritos assignalados, etc. etc. "

Accioli nas *Memorias da Bahia* to. I, pag. 96 (22) segue, sem critica, o que diz Britto Freire.

da conquista do Maranhão (1613), um indigena de nome — *Jacaúna* (1), irmão de Antonio Potyguassú. Esse facto tem explicação natural para quem attentamente examina nossa historia antiga.

Logo que os Portuguezes fiserão pases com os Petiguares servião-se delles como se havião servido dos Tabajaras da Parahyba, isto he, para atacarem as outras tribus, com o proposito de alargarem o dominio da colonia.

Com este empenho Pedro Coelho de Sousa, colono da Parahyba, em 1603, offereceu-se ao governador Diogo Botelho, que então residia em Olinda para ir faser a conquista do Maranhão, paiz de que então se fasião descripções maravilhosas que escaldavão as imaginações daquelles avidos aventureiros e colonos.

Em Maio desse anno a expedição ou parte della sahio de Pernambuco sob a direcção de Diogo de Campos Moreno — Sargento-mór do Estado, composta de oitenta Portugueses e quasi 800 indigenas que foi recebendo na Parahyba e Rio Grande do Norte.

A essa expedição acompanhou Martim Soares Moreno, sobrinho de Diogo de Campos, ainda joven, e que depois se tornou habilissimo na lingua tupy, e mui amigo dos Petiguares. Foi seu tio, que ficara no Rio Grande, quem o confiára á Pedro Coelho de Sousa, nomeado capitão-mór da conquista do Maranhão (2). Desses indigenas foi grande numero que embarcou em dous caravelões, com um habil piloto costeiro, da nação francesa, mais conhecido pelo nome indigena de *Otuimiri* (3).

Esta expedição foi ter ao ponto do Ceará ou antes ao porto de Mucuripe, e no local onde está hoje a cidade da Fortalesa, nas visinhanças da fóz da pequena ribeira, que mais adiante se chamou *Siará* ou *Ceará*.

Naquelle local fundou Pedro Coelho de Sousa o seu fortim sob a invocação de S. Thiago, e estabeleceu a margem esquerda da ribeira a sua povoação que chamou *Nova-Lisboa*, e á terra *Nova-Lusitania* (4).

---

(1) Vide *infra* a pags. 163 e 181 na *Jornada do Maranhão*.

(2) Vide *infra* a pag. 163 na *Jornada do Maranhão*.

(3) *Otuimiri*. Provavelmente pequeno *Tuim*. Especie de periquito.

(4) Vide *infra* pag. 160 e to. 1 destas *Memorias*, pag. 23 cap. 3.

Mas, em vez de seguir logo para o Maranhão, julgou mais acertado encaminhar a expedição a serra da Ibiapába, e accommetter os indigenas Tapuyas de que o paiz abundava, afim de faser carregamentos de escravos para Pernambuco, Parahyba e Bahia. Esgotados os recursos da empresa pedio-os á Pernambuco, sob a garantia dos indios apresados. Por infortunio o encarregado de recebê-los (1), não só levou os prisioneiros, mas exigio tambem os que havião auxiliado a captura, portanto, os Petiguares e Tabajaras, e muitos forão apprehendidos ; trama á que Martim Soares, ainda muito joven, foi estranho e adverso.

O local onde se praticou esse attentado era a povoação da *Nova-Lisboa*, o primitivo Ceará, e produsio tal terror que os indigenas alliados para escaparem da escravidão fugirão e dispersarão-se ; e muitos alli ficarão vivendo nas brenhas temendo novos assaltos. O governo mandou depois, he certo, restituir os prisioneiros alliados ás suas aldêas da Parahyba e Rio Grande do Norte, para onde naturalmente forão remettidos os escravisados. Mas os que ficarão no Ceará alli permanecerão, até que o padre Francisco Pinto e seu companheiro o padre Luiz Figueira forão depois, em 1607, aldea-los, levando em sua companhia alguns desses infelises (2), de ambas as tribus apprehendidos na *caiçara* de Pedro Coelho de Sousa e de João Seromenho, para com sua presença e narrativa, persuadirem os dispersos á depositar confiança nos padres da Companhia, e no governo que os havia libertado do poder dos escravisadores.

Eis a causa da colonisação Petiguar no Ceará, de que a povoação de S. Antonio de Pitaguary he uma recordação, assim como o corrego do mesmo nome e o de *Genipabú* affluentes do Cocó, e o do *Poty*. Como, na epocha, o paiz um pouco se assemelhava com os districtos alagados do Ceará-mirim ou Baquipe, os colonos Petiguares forão naturalmente impondo o nome de *Ceará* á pequena ribeira, que, quando ahi foi Pedro Coelho de Sousa (1603), tinha outra denominação, a de *Pirangy*, conforme o mappa

(1) Vide Varnhagen— *Historia geral do Brazil* to. 1 pag. 315.

(2) Campos Moreno na *Jornada do Maranhão* á pag. 161 eleva o numero a quarenta; mas o padre de José Moraes no to. 1 destas *Memorias* á pags. 28 e 29 não parece elevar a este numero.

do *Livro da Rasão d'Estado* de Diogo de Campos Moreno, que ao mesmo Coelho se reporta.

Quando Martim Soares Moreno, sobrinho de Diogo de Campos, foi, em 1609, como capitão estabelecer-se naquelle territorio, ja o *Pirangy* tinha o nome de *Ceará*, e no antigo ponto da Nova-Lisboa fundou a sua fortificação, e o povoado, por se acharem perto desse porto, proximo do Oceano, os seus amigos Petiguares, ja aldeiados pelos Jesuitas, em Soure *(Caucaia)*, em Arronches *(Parangaba)* e em Messejana *(Paupina)*. Em Arronches vivia o cacique *Amanay* (1), que os Portuguezes tratão pelo principal *Algodão;* em Soure ou Messejana o principal *Jacaúna*, irmão de Camarão, de que trata Diogo de Campos na sua *Jornada do Maranhão*.

He de presumir que, quando Martim Soares foi do Rio Grande do Norte para o Ceará, levasse comsigo outros amigos seus da tribu Petiguar, e provavelmente o *Jacaúna* acompanhou-o, servindo-o de guia ou auxiliar, maxime no proposito de repellir do litoral os Europeus de outros Estados que o frequentavão.

E nem o que disemos he inverosimil e fóra de rasão, porquanto, quando Martim Soares foi nomeado capitão e fundador da capitania do Ceará, ou melhor do *paiz de Jaguaribe*, servia interinamente de commandante da fortalesa do Rio Grande do Norte, no posto de Tenente (2). Estava, ainda por este motivo, mui relacionado com a tribu ou nação Petiguar, e sobretudo com a gente de Camarão, os *Potys*, no Ceará-mirim, da grande aldêa de *Ygapúa* ou *Ygapó*, depois villa de Extremóz, hoje extincta.

Essas relações erão taes que Martim Soares, por ser então muito moço, era tratado de *filho* pelo Jacaúna, irmão do Camarão, cuja aldêa era muito proxima da fortalesa dos Reys Magos, e, assim, ja he representada nos mappas de Diogo de Campos no *Livro da Rasão d'Estado*, ainda hoje inedito.

E *Jaguarary*, o tio de Camarão, depois de baptisado tomou para si o appellido de Soares (3), deixando o seu

---

(1) *Amanay*, ou melhor *Amaniú*. Gabriel Soares na *Noticia do Brazil* chama ao algodão *Manym*, cap. 62 pag. 178.

(2) Vide *infra* na *Jornada do Maranhão* pag. 163.

(3) O nome de baptismo deste indigena era Simão. Tambem figurou com distincção na guerra hollandeza. Vide *Mas emorias diarias* etc. pag. 254 v.

nome indigena, pelas boas relações com Martim Soares.

Entretanto he nossa conjectura que o Jacaúna da *Jornada do Maranhão* (1614), he o indigena conhecido na guerra Hollandesa por *João de Almeida* (1), nome do famoso apostolo dos Carijós, o padre João de Almeida, da Companhia de Jesus, de nação inglez, no seculo conhecido por John Martin.

Quando a expedição de Jeronymo de Albuquerque passou para o Maranhão, em 1614, ja ahi achou o Jacaúna, irmão do Camarão, com os Petiguares e outros indigenas vivendo nas aldêas creadas pelo padre Francisco Pinto em 1607. Como já notamos, podia aquelle indio ter ido para esse lugar com Martim Soares em 1609, e mesmo depois, na epocha em que o Camarão foi visitar os ossos do padre Francisco Pinto, em 1610 ou 1611. Havia por tanto muitos motivos para robustecerem-se as relações entre essas aldêas do Ceará colonisadas por Petiguares, e as do Rio Grande do Norte, maxime as dominadas pelos Camarões *(Potys)*. Os creditos do missionario martyrisado, o *Amanayára*, muito para isso concorrião.

Os que não fasem a descriminação destes factos, distinguindo o *paiz de Jaguaribe*, do Ceará propriamente, nome que ao depois estendeu-se á todo o territorio da actual provincia, estão expostos á commetter graves erros em nossa historia.

A narração do padre José de Moraes está de accordo com a *Jornada do Maranhão* de Diogo de Campos Moreno, tio de Martim Soares Moreno, o seu tutor e guia. He um coevo, e em certos casos uma testemunha de vista, mui illustrada, e conhecedora das cousas do Brasil, e das que particularmente trata naquella obra. Tambem está de harmonia com o resumo das *Cartas annuas* do padre Fernão Guerreiro (2), e com a *Relação da Missão da serra da Ibiapába* do padre Antonio Vieira (3); e nestas condições, como recusar-se-lhe a veracidade?

A pretenção da naturalidade do Camarão á qualquer ponto do Ceará he pois insustentavel, e se houvesse nisto

---

(1) Delle trata com elogio Duarte Coelho de Albuquerque nas *Memorias diarias* etc. pag. 216. He designado como irmão do Camarão.

(2) Vide *infra* pag. 502 e seguintes.

(3) Vide *infra* pag. 455 e seguintes.

algum fundamento o padre José de Moraes, religioso da Companhia de Jesus, o diria; pois sendo Camarão, cathecumeno da ordem, tanto importava que fosse de aldêa do Rio Grande do Norte, como do Ceará. Ora a aldêa da *Thyaya*, hoje Villa Viçosa, pertencia á vice-provincia do Maranhão, e se o Camarão alli houvesse nascido, aquelle religioso, que achou-se nesse lugar em 1720, quando a direcção do aldeamento passou para o collegio de Pernambuco, não deixaria de mencionar tão importante circumstancia. Ayres do Casal ouvio contar esse facto por alguem pouco lido em nossas historias, e, sem critica, foi consignando-o em sua *Corographia Brasilica* (1).

A naturalidade desse celebrado indigena pelo lado de Pernambuco, tambem não tem base solida. Os argumentos invocados mais fortes, limitão-se a dous, todos mui explicaveis. A carta de João Fernandes Vieira (2) ao Camarão, em Sergipe, no local onde se acha hoje a cidade de Maruim, conforme nosso parecer em vista do mappa de Barlœus; ou S. Amaro (3), onde positivamente lhe diz que he de Pernambuco (4), reforçada com a de Henrique Dias (5), e a circumstancia bem notavel de haver Camarão logo acudido ao reclamo de Mathias de Albuquerque no principio da guerra (1630). Tudo pois bem indica que, na epocha, vivia em Pernambuco o illustre Petiguar, e bem proximo de Olinda; não tendo vindo do Rio Grande do Norte nem com o padre Manoel de Moraes (6), e nem com Martim Soares Moreno, do Ceará (7), quando se apresentarão com os seus contingentes.

Tudo isto he exacto, e bem comprovou-o nas suas —

---

(1) Vide a mesma obra to. 2 pag. 207. Eis suas palavras:—„ He a patria de D. Antonio Filippe Camarão."

(2) Segundo Felner o verdadeiro nome desse heroe era—Francisco de Ornellas Moniz.

(3) A denominação de S. Amaro parece ser uma recordação do sitio por Camarão occupado junto ao arrayal do Bom Jesus, no principio da guerra hollandeza, e talvez assim intitulasse o bravo Petiguar, o ponto que Barlœus denomina—*Curral do Camarão.*

(4) Vide no *Valeroso Lucideno* pags. 164 e 165.

(5) Idem pag. 334.

(6) Vide *Memorias diarias* etc. pag. 18 edição de Madrid de 1654.

(7) Idem pag. 50.

Biographias de alguns Poetas e homens illustres de Pernambuco, o distincto commendador Antonio Joaquim de Mello (1).

A primeira objecção facil he refutar. A Parahyba, o Rio Grande do Norte, e o Ceará erão conquistas de Pernambuco, e então dependião immediatamente do seu governo, assim como Itamaracá; e por tanto diser-se *nascido* em Pernambuco naquella epocha, não importava havê-lo sido dentro do territorio da doação de Duarte Coelho, isto he, de Iguarassú até a margem esquerda do Rio S. Francisco. E esta objecção tanto menos robusta he quanto, he innegavel, Antonio Potyguassú não era nem Caheté e nem Tabayara, mas Petiguar, tribu que habitava longe do territorio Pernambucano, como declarão autoridades mui competentes.

O mappa do *Livro da Rasão d'Estado* de Diogo de Campos Moreno, o autor da *Jornada do Maranhão,* localisa, e até retrata, a *aldêa* de Camarão no ponto ou proximo da antiga villa de Extremóz, hoje extincta, tendo por nome *Yguapúa* ou *Ygapó,* á margem ou proxima do lago de Guajirú (2). O mappa do Rio Grande do Norte he organisado por um homem competente, militar illustrado, que escreveu na epocha em que vivia o Camarão, a quem pessoalmente conhecia, por vê-lo naquella Provincia, e no Ceará.

Trata-se pois de um autor coévo e mui autorisado. O que elle escreveu na obra já citada e na *Jornada do Maranhão* se conforma com os mappas de Barlœus, o famoso panegyrista hollandez, e com a descripção e nomenclatura das aldêas do Rio Grande do Norte, Parahyba e Pernambuco na epocha da invasão hollandeza, feita pelo padre Manoel de Moraes, que Southey transcreve em sua *Historia do Brazil,* extrahido provavelmente da sua obra — *Historia da America,* manuscripta, de que, desde João de Laet, muitos escriptores se tem aproveitado.

---

(1) Fallecido ha pouco.

(2) Parece que posteriormente á guerra Hollandeza, tomou essa aldêa o nome de *Guajurú,* quando reorganisada pelos Jesuitas que a doutrinavão em vista da carta regia de 26 de Novembro de 1689, dirigida ao Governador da Capitania de Pernambuco, sobre o procedimento singular do capitão-mór do Rio Grande do Norte, em relação á essa aldêa. Mello — *Biographias* to. III, pag. 262 e 263.

Ayres do Casal diz na sua *Corographia* que a villa de Extremóz he a antiga aldêa de *Guajirú.* Barlœus no seu mappa chama á esse ponto — *Itijurú.*

Se pois Antonio Potyguassú era de nação ou tribu Petiguar, por que rasão estava elle em Pernambuco, com gente de sua dependencia, no momento da invasão Hollandeza, a ponto de logo acudir *sponte*, ou a chamado de Mathias de Albuquerque?

III

Eis a difficuldade Pernambucana. Em verdade, diz-se, Antonio Potyguassú podia ser Petiguar e haver nascido no territorio da capitania de Pernambuco, pelas descidas que fazião os Missionarios de indigenas de differentes proveniencias para as aldêas que dirigião na proximidade do litoral e de seus collegios, afim de melhor instrui-los e educa-los.

O douto autor das *Biographias*, infelizmente hoje fallecido, creou mais outra objecção, a falta de identidade entre o *Camarão* do Rio Grande do Norte e o de Pernambuco, que tanto se distinguio na luta com os Hollandezes. Mas se os Jesuitas asseguräo em suas obras, que são um e o mesmo individuo, e tinhão rasão para sabê-lo, a duvida torna-se insustentavel, e por demais pueril.

Em verdade, depois da passagem da expedição do Maranhão que Antonio Potyguassú não quiz ou não pôde acompanhar do porto do Ceará, pretextando molestia ou o terror do mar, e a recordação do que acontecêra com os Petiguares que forão por seducção levados á Bahia, e nunca mais volverão aos seus lares, algum facto extraordinario occorreu a respeito deste celebre indigena, entre os annos de 1614 a 1630, epocha da invasão hollandeza em Pernambuco, e de que não temos cabal conhecimento.

Na primeira data a historia patria occupa-se do *Camarão* na conquista do Maranhão, e na segunda trata tambem delle estando já em Pernambuco. São mui limitados os documentos historicos sobre as tribus do Rio Grande do Norte nesse intervallo, assim como sobre as de Pernambuco, maxime depois da vandalica destruição dos archivos dos collegios dos Jesuitas durante a perseguição do marquez de Pombal no seculo passado.

Mas, estabelecida a identidade do personagem, facil he,

mediante conjecturas, determinar a causa que levou o celebrado Petiguar á Pernambuco, não se fazendo precisa a viagem por mar que tanto lhe repugnava.

A primeira conjectura que nos occorre he que, conhecido o grande prestimo do Camarão, fôra elle convidado para vir com sua tribu, ou parte, estabelecer-se no territorio da capitania de Pernambuco, afim de garantir os colonos da invasão dos indigenas Tapuyas do sertão, facto que tantas vezes acontecia. A tribu Petiguar era afamada por muito valente, e a indole do cacique bem conhecida e experimentada. Esta conjectura parece-nos aceitavel, explicando bem a presença de Camarão em aldêas de Pernambuco.

Quando não fosse por esta causa, outra podia tambem levar o Camarão á aldêa onde vivia em Pernambuco. Os religiosos da Companhia de Jesus, a despeito dos bons serviços que prestavão, erão em diminuta quantidade, e não podião ter no Rio-Grande do Norte, como bem o confessa Diogo de Campos Moreno (1), senão por intervallos ou periodicamente Missionarios no começo da colonisão dessa provincia (2); e os colonos, interessados no trafego dos escravos, pouco se agradavão da sua presença.

Notando a intelligencia e boas disposições do indigena Potyguassú lhe propozerão o vir estabelecer-se com sua tribu em uma das aldêas de sua direcção no territorio de Pernambuco, onde lhe poderão ensinar o que a historia insuspeita assegura quanto a esse indio (3), o que seria mui diffi-

---

(1) Vide *infra* nota (2) a pag. 520.

(2) Posteriormente á guerra Hollandesa tiverão Missionarios permanentes na aldêa de *Gagirú*, ou *Guajirú*, no sitio, ou proximo ao local da antiga aldêa do Camarão. No mappa de Barlœus diz-se *Itijurú* (Extremoz).

Vide *supra* a nota (2) á pag. 32 a carta regia de 26 de Novembro de 1689 citada por Mello—*Biographias* to. 3 pag. 262 e 263.

Antes desta guerra havia na fronteira da Parahyba, em Cunhaú, a grande aldêa do mesmo nome, missionada pelo padre Manoel de Moraes.

(3) A importancia que adquirio este indigena, na luta Hollandesa, fez com que Fr. Manoel Calado no *Valeroso Lucideno* declarasse que o trabalho de educa-lo havia corrido não só pela Companhia de Jesus, mas por outras ordens!

Eis suas palavras:—„ bem empregado foi o trabalho que os Padres da Companhia, e *outros* religiosos de differentes ordens, fiserão neste Indio" pag. 165 e 166.

cil no Rio Grande do Norte onde a Companhia de Jesus não tinha collegio.

E presumimos que esse facto teve lugar de 1614 a 1620, pois, segundo Jaboatão, foi por esse tempo que a aldêa de S. Miguel, sobre a ribeira de Mossuy, hoje Mussupe, abandonada pelos Franciscanos passára ao ordinario da Diocese, que pô-la sob a direcção dos Jesuitas, cujas habilitações na cathequese dos indigenas era por demais comprovada (1).

Ora, nessa aldêa, era onde assistia o Camarão na épocha da invasão hollandeza, e quem o prova he Southey em nota ao cap. 15 de sua *Historia do Brazil*, referindo-se a uma informação do padre Manoel de Moraes, provavelmente da obra — *Historia da America* que não pôde ser impressa pelos Elzevirs na Hollanda, em portuguez, por incompleta, mas foi em Inglaterra depois de traduzida em inglez (2). Eis como se exprime Southey:

„ Segundo elle *(o padre Manoel de Moraes)* havia seis aldêas na Parahyba (3) e igualmente no Rio-Grande (4); mas tanto havião soffrido dos Hollandezes e das hostes Tapuyas, que não podião dar mais de 800 guerreiros, nem passava mais de tres mil toda a sua população; emquanto que Ita-

---

Os chronistas das ordens rivaes dos Jesuitas vingão-se com o silencio, ou adulterando mais ou menos os factos. Oh! inveja!

(1) Vide Duarte Coelho de Albuquerque, *Memorias diarias* etc. á pag. 169, tratando da defecção do padre Manoel de Moraes; assim como á pag. 235.

(2) Assim nos pronunciamos pelo que diz João de Laet no *Novus Orbis* em differentes lugares, como mais adiante diremos em nota especial.

(3) Erão seis as aldêas dessa Capitania em 1629: — *Jaraguará* ou *Eguararaca*, *Jaknigh*, *Yapoam*, *Igapuam* ou *Pontal*, *Tapoa* ou *Urekatuva*, *Inocoça* e *Pindauna*. Alguns nomes estão alterados. A de *Igapuam*, a cinco milhas ao norte do Cabedelo, tambem se chamava *Potyguassú*, e deste mesmo nome havia outra aldêa á margem esquerda do Guajú, limite do Rio-Grande do Norte, como se pode ver no mappa da obra de Barlœus.

Parece que a sahida do Camarão da sua aldêa para Pernambuco não foi de um só jacto; mas estacionou naquelles pontos antes de chegar á Pernambuco, por circumstancias hoje difficeis de aquilatar.

(4) As do Rio-Grande do Norte erão as seguintes: — *Mopebi* e *Parawassu*, entre o Rio-Grande e Cunhaú, *Igapua* do outro lado do Rio-Grande, oito milhas ao norte da fortalesa, precisamente, a do Camarão; *Pirari*, a duas milhas de Cunhaú; *Vajana* ou *Goacano* a 7 milhas de Cunhaú para o lado do Rio-Grande; e *Itaipy*, 7 milhas ao oeste do mesmo rio.

maracá (1) e Pernambuco (2) nada tendo padecido dos Tapuyas, podião pôr em campo mais de mil Indios, apezar de não contar cada uma mais de trez aldêas. "

Entre as aldêas de Pernambuco nota-se a de *Mossuigh*, ou de S. Miguel, á sete milhas de Olinda, onde o Camarão era cacique das Petiguares e Estevão Tebu dos Tobajares, com seiscentos habitantes, e cento e setenta bons mosqueteiros (3).

Eis por tanto decifrado todo o enigma, e por quem bem o podia faser, um Jesuita, o padre Manuel de Moraes. O Camarão estava em Pernambuco, na qualidade de cacique *(principal)* com os seus Petiguares; e por isso quando o mesmo padre chega do Rio Grande do Norte, onde dirigia as aldêas da fronteira da Parahyba, todos os Petiguares se reunem, e elle continúa como director até a sua retirada (4). Eis tambem a rasão porque Brito Freire chamou á esse indigena *Tabayara*, pois tanto esses indigenas, como os Petiguares ja pacificados convivião na mesma aldêa, posto que com chefes differentes, o que esse escritor não pôde distinguir, por não examinar attentamente a questão.

Esse local da aldêa de Mossuigh *(Mussupe)*, he hoje o de um engenho, conhecido pelo nome simplesmente de *Aldêa*. Somente na distancia de Olinda houve engano, devendo talvez diser-se 17 milhas e não 7, se a aldêa não mudou de local como tantas vezes acontecia. Esse ponto vem muito bem assignalado nos mappas da edição em folio da obra de Barlœus, e demora na estrada de Pau do Alho *(Ybarema)* para Goyana.

---

(1) Em Itamaracá havia as seguintes aldêas; — *S. João de Caarese* hoje *Caricé; S. André de Itapeterica* e *Tabuçurama*.

(2) As de Pernambuco erão: *Moçuigh* ou *S. Miguel, Caheté* ou *N. S. de Pojuca*, e *S. Miguel* de *Iguna*.

(3) Vide Southey — *Historia do Brasil* (traducção portuguesa) to. 2 pags. 287 e 288 e nota.

Na pag. 210 do mesmo tomo Southey diz, que o Camarão era Cacique *Carijó*, referindo-se á Brito Freire: evidentemente houve equivoco.

Na nota á pag. 288 (quando accrescentava o seu primeiro volume) ao contrario diz — que era cacique dos *Petiguares*, sem ter rectificado aquelle descuido.

O douto annotador contradiz a rectificação de Southey desta forma: —„ Philippe Camarão (ou *Patig*, como lhe chamavão os seus) era *moçasara dos Carijós*, e não dos Pitaguares. "

(4) Vide *Memorias diarias* etc., pags. 31 e 50 v.

Antonio Potyguassù pelos seus serviços obteve, alem de cartas de nobresa (1), a nomeação de capitão-mór de todos os indigenas das capitanias de Pernambuco (2); e bem o mereceu, até porque sua nação era a mais numerosa e valente do nosso territorio, e foi sua pacificação que nos deu ou facilitou a posse de todo o norte do Imperio.

Por sua morte passou o commando dessa força á seu primo D. Diogo Pinheiro Camarão (3), fallecido em 1677, o qual foi então substituido pelo filho de Antonio Potyguassú, que tambem se chamava Antonio, e fôra educado á custa da Fasenda Real. Era seu nome D. Antonio João Camarão (4), e, como seu pai, tinha intercalado o nome do monarcha reinante, então D. João IV, entre o do baptismo e appellido.

Durou por algum tempo a administração do filho do famoso Potyguassù, mas foi della apeado em 1682 por seu reprehensivel e barbaro procedimento, como se vê da carta regia de 22 de novembro desse anno (5), conferindo-se o mesmo posto á Antonio Pessoa Arco Verde, indio Tabayara, immediato de D. Diogo Pinheiro Camarão e que havia tambem prestado na guerra Hollandesa e na dos Palmares relevantes serviços. Das duas nações Petiguar e Tabayára (6) sahião os governadores e officiaes dos corpos militares Indios.

Por morte de Arco Verde em 1692, que não tinha cartas de nobresa, e apenas era cavalheiro de habito de Aviz, passou a chefança dos Indios á D. Sebastião Pinheiro Camarão, filho de D. Diogo (7), em 1693. Este personagem

---

(1) Vide *supra* nota (3) a pag. 26.

(2) Vide Mello — *Biographias* pag. 198.

(3) Vide Mello — *Biographias* to. 2 pag. 188 e seguintes. Era filho de Francisco Pinheiro Camarão, outro irmão de *Potyguassú*.

(4) Vide Mello — *Biographias* to. 2 pags. 167, 168 e 196.

(5) Vide Mello — *Biographias* to. 2 pags. 167, 168 e 195, onde se lê a carta regia de 12 de Novembro de 1682.

(6) Erão as que estavão unidas na aldêa de Mossuigh. Mello nas suas *Biographias* publica muitos documentos comprovando esta asserção, principalmente a carta regia de 21 de julho de 1672. Vide Mello — *Biographias* to. 2 pags. 192 v. 7.

(7) Vide Mello — *Biographias* to. 2 pag. 198.

posteriormente muito se distinguio na guerra dos Mascates tomando por elles partido (1).

No topico que acima copiamos acerca do padre Manoel de Moraes, jesuita, ha evidentemente engano na asserção do illustre e douto Barão quando assegura que foi o *cathequisador* de Camarão. Nenhum chronista nosso o diz, e o padre José de Moraes nomeando os que forão, destroe o valor do asserto.

He certo que, em seu abono, conta de alguma sorte o illustre censor a palavra de outro mui distincto cultor de nossa historia o conego Dr. Fernandes Pinheiro, em nota á biographia que traçára do heroico Indio no to. 32 da *Revista do Instituto Historico,* nas seguintes palavras : „ — segundo o testemunho de Duarte Coelho de Albuquerque (*Mem. diarias da guerra entre o Brasil e a Hollanda),* foi Felippe Camarão levado ao arraial do Bom Jesus pelo jesuita padre Manoel de Moraes, que *parece* ter sido o seu cathechista. "

Mas, como se vê, Fernandes Pinheiro apenas faz uma conjectura, *parece,* e mesmo essa conjectura infelizmente repousa em um involuntario equivoco, porquanto Duarte Coelho não diz o que se lhe attribue naquella nota (2). No primeiro recontro que os colonos commandados por Mathias de Albuquerque tiverão com os Hollandeses á 16 de Fevereiro de 1630 no Rio Doce, antes da tomada de Olinda, já se achava alli o Camarão com dusentos indigenas seus subordinados. O padre Manoel de Moraes chegou do Rio Grande do Norte alguns dias depois daquelle desastre (21 á 22 de Fevereiro), e foi reunir-se á estancia de Santo Amaro, onde estavão os Indios do Camarão da mesma tribu ou nação (3).

---

(1) Vide *Revista do Instituto Historico* to. 16 pag. 5 e seguintes, Varnhagen *Historia do Brasil* to. 2 pag. 124.

(2) Vide *Memorias diarias* etc., edição de Madrid de 1654, á pag. 18.

Eis as palavras do autor :

„ 16 *de Febrero de* 1630. Avia mais algunos 200 Indios, com su principal, que los gobernava Antonio Felipe Camaron; y por sus lenguas Juan Mendez Flores, y Antonio Pereira. "

(3) Vide *Memorias diarias* etc., á pag. 27 onde se diz :

„ Algunos Indios mas, de los que y a assistian de las aldêas de Pernambuco, llegaron por este tiempo con el padre Manoel de Morales, Je-

Sobre este religioso da Companhia de Jesus que apostatou (1), alguma cousa se ha escripto entre nós e em Portugal com muita inexactidão. E na parte a que já nos referimos, o douto Barão aliás tão pesquisador, não só equivocou-se tratando de mais alguns factos da vida deste religioso, como aceitou de confiança em relação á outros factos, os assertos inexactos de varios escriptores.

Assim na nota ao mesmo topico sob n. 13 á pag. 309 exprime-se nestes termos:

„ Diz Fr. Raphael de Jesus (no *Castrioto Luzitano)* que Manoel de Moraes *se unio* depois á insurreição de 1645, *apresentando-se* á Fernandes Vieira (2). *Assim o refere* tambem Southey acreditando na palavra do *monge* (3), que não temos por bastante autorisada, á menos que por algum outro modo venha o facto a comprovar-se."

Ora nem o monge benedictino Fr. Raphael de Jesus no *Castrioto Luzitano*, e nem Southey na *Historia do Brasil*, que aliás apoiou-se tanto naquella obra, como na do Fr. Manoel Calado, o *Valeroso Lucideno* (4), em tudo quanto

---

suita, que con elles assistió tambien a la estancia de la hermita de San Amaro, etc. "

(1) Vide *Memorias diarias*, etc. á pag. 168 v. e 169, onde o autor, referindo-se ao procedimento de Duarte Gomes da Silveira, diz o seguinte:

„ I lo que no se puede dexar de dezir com grã sentimiento, es, que tambien el padre Manoel de Morales,con un pãnuelo en un palo, se fue a rendir al enemigo, tan olvidado de las obligaciones de su profession, que este tan notable desalumbramiento junto el mayor, que fue casar-se despues en Amsterdam, siendo sacerdote, y predicador Apostolico, y acetar la seta de Calvino. " Desembro 30 de 1634.

(2) Eis o que diz Fr. Raphael de Jesus no *Castrioto Lusitano* liv. 7 n. 10 á pag. 260 da edição de Paris:

„ Teve *(Fernandes Vieira)* certa informação de que naquelle districto *(Tabocas)* vivia o padre Manoel de Moraes, apostata da fé e do seu estado, refinado herege por obediencia e por observancia, seguindo, pregando e defendendo os erros de Luthéro e Calvino.... etc.

„ Mandou *buscar preso* o apostata; chegou este á seus pés banhado em lagrimas; protestou emenda, e com religioso pejo pedio ao governador fosse servido dirigi-lo, para que o tribunal á que pertencia o castigo se houvesse com a costumada brandura e piedade. "

(3) Vide Southey — *Historia do Brasil* (traducção Castro) to. 2 pag. 87 e to. 142 e 143.

(4) Este chronista não trata da prisão do padre Manoel de Moraes, mas dos serviços que prestou na batalha das Tabocas. *Valeroso Lucideno* liv. 4 cap. 1 pag. 202 e 203.

escreveu sobre o padre Manoel de Moraes, e em relação ao seu comparecimento no campo dos colonos rebellados, antes e durante a batalha das Tabocas (3 de Agosto de 1645), disserão o que se lhes attribue no texto citado.

Esse infeliz religioso, nascido em S. Paulo, deslumbrou-se em frente do poder e civilisação material dos Hollandezes, não tendo talvez ido vez alguma á Europa. Apostatando, foi para a Hollanda, como historiographo da Companhia das Indias Occidentaes (1). Casou em Amsterdam, mas perdeu cedo a esposa. Parece que voltando para Pernambuco desgostoso e desenganado depois da revolução de 1640, occultava os remorsos em uma situação agricola que cultivava nas visinhanças do local, onde feriose a batalha das Tabocas.

A sua apostasia, e apostasia de jesuita, facto extraordinario, devia fazêl-o bem conhecido e assignalado dos colonos Portuguezes que não havião abjurado a fé, e então lutavão contra a Hollanda. Por essa causa, como traidor á religião e á patria, pois havia praticado tudo isto durante a primeira campanha contra os hereticos invasores, foi denunciado ao chefe dos rebellados João Fernandes Vieira que mandou-o prender (2). Com todos aquelles predicados, era o padre Manoel de Moraes, depois da paz de 1641, um subdito Hollandez (3), que o governo Portuguez, ainda nascente, não podia deixar de respeitar dependendo, como dependia, do auxilio da Hollanda na luta da sua independencia. Entretanto esse padre, á primeira vista, devia ser para os rebellados um perigoso auxiliar dos dominadores.

Mas o apostata preso lançou-se aos pés de Fernandes Vieira, e, como diz Southey, reconvertêu-se, voltando ao gremio da Igreja. E, o que he mui notavel, poderosamente auxiliou as hostes rebelladas tomando parte activa e mui distincta nesse celebre combate, que, pode-se diser, decidio dos destinos do Brasil; demonstrando os colonos portuguezes e seus descendentes o que se podia esperar do seu valor na luta travada contra a republica Batava.

---

(1) Vide Barbosa Machado — *Bibliotheca Lusitana* to. 3 art. — *Manoel de Moraes.*

(2) Vide *supra* nota (1) á pag. 39.

(3) Pelo Tratado de 12 de Junho de 1641 convencionou-se tregoas com os Hollandeses por um decennio.

Eis como o facto se passou, e o que assegurão Fr. Raphael de Jesus e Fr. Manoel Calado, e reproduz Southey com a possivel exactidão.

Continuando diz ainda a nota:

„ Sabemos que o jesuita paulista aberrára do catholicismo, e se fôra para a Hollanda, onde se pronunciou pela restauração de D. João IV, publicando em Leyden em 1641, offerecido ao embaixador Tristão de Mendonça, a favor della, um opusculo em hespanhol (1) á que respondeu D. Juan Caramuel. Igualmente na Hollanda escreveu um trabalho acerca da *Historia do Brasil* (não sabemos se natural ou civil) da qual faz menção J. de Laet nas notas á dissertação de Grocio — „ *De origine Gentium Americanarum* " (2).

E accrescenta:

„ Sabemos tambem que *teve a candidez* de apresentar-se depois em Portugal apesar de haver sido já, no auto de fé celebrado em 6 de abril de 1642, relaxado em estatua, porem *falta* averiguar melhor se, para se apresentar em Portugal, foi primeiro ao Brasil.

„ O resultado que obteve da sua apresentação e arrependimento foi ser *condemnado em carne* á justiça secular,

---

(1) O obra do padre Manoel de Moraes tinha este titulo: — *Prognostico y respuesta a una pregunta de un caballero mui illustre sobre las cosas de Portugal.*

A resposta de D. Juan Caramuel foi exarada em dous opusculos: — *Respuesta al manifesto de Portugal* liv. 5 cap. 8, e *Joannes illegitimus Rex demonstratus*, pag. 197.

(2) A opinião, aqui manifestada, acerca do que João de Laet aproveitou da obra do padre Manoel de Moraes he tambem a do annotador da *Historia do Brasil* por Southey (traducção Castro), e consta da nota (1) pag. 142 do to. 3 dessa Historia.

Nessa nota se diz que Laet sómente aproveitou-se da *Historia da America* daquelle padre nas notas á Dissertação de Grocio — *de origine Gentium Americanarum*, e não no *Novus Orbis*, em razão da data da publicação desta ultima obra de Laet (1633), quando ainda o padre Moraes não tinha levado para a Hollanda o manuscripto da sua *Historia*, o que não acontecia com as notas á dissertação.

Mas cumpre attender que o *Novus Orbis*, além das duas edições Hollandezas de 1625 e 1629, foi tambem publicado em 1640 no idioma francez, sendo nas duas datas 1633 e 1640 mais completo. Por outro lado, a data do começo da impressão da obra, pode não ser a do fim da publicação, sendo distribuida por cadernetas *(livraisons)* á proporção que se imprime.

Ora, no *Novus Orbis*, os autores citados nos livros que tratão do Brasil

como profitente e *obstinado* (1), no auto de 15 de Dezembro de 1647. "

Como já vimos, a simples leitura do *Castrioto Lusitano* e do *Valeroso Lucideno*, cujos autores foram, pode-se diser, testemunhas presenciaes do facto excluem a idéa da apresentação espontanea desse padre em Portugal. O autor dos *Varões illustres* do *Brasil*, que tambem compôz um romance sob o titulo — *Manoel de Moraes*, não só assegura que esse religioso nascêra em 1586, como que viera de Amsterdam para Portugal em 1645 *movido por saudades da patria!* De onde o mui erudito escritor soube estas noticias ignoramos, e nem elle o diz, por quanto nem Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana*, e nem Pinto de Sousa na *Bibliotheca historica de Portugal*, que occupão-se da biographia e trabalhos litterarios deste Jesuita, assignalão a epocha do seu nascimento, nem a da sua vinda de Amsterdam para Portugal, arrastado pelas saudades da patria, o Brasil.

Barbosa Machado trata na biographia dos dous autos de fé de 1642 e 1647, affirmando que, com quanto arrependido, sahira Moraes no ultimo auto com insignias de fogo. Mas Pinto de Souza, na *Bibliotheca historica de Portugal*, diz simplesmente que abjurára o Calvinismo em Portugal em 1647, guardando silencio se fôra ou não sujeito á pena de fôgo. O comparecimento em auto de fé com insignias de fôgo, nem sempre importava o horrendo supplicio da combustão (2). He o que parece deduzir-se das palavras de Barbosa Machado.

Innocencio, no seu *Diccionario Bibliographico*, interpretando com rigor o que disse Barbosa Machado, assegurou que Manoel de Moraes fôra executado em carne, e á essa opinião subscreve o illustre titular, affirmando que Manoel de Moraes, como profitente e obstinado calvinista, fôra relaxado á justiça secular, não obstante apresentar-se em Portugal, arrependido!

---

não se achão todos contemplados na lista do prefacio. E muitas noticias ali apresentadas, Laet não podia conhecêl-as antes de 1633.

Mais adiante mostraremos alguns excerptos da edição franceza, indicando factos que não podião ser colhidos de outro autor.

(1) Isto não está de accôrdo com o que diz Barbosa Machado na *Bibliotheca Luzitana*.

(2) Vide a nota precedente, assim como o titulo 22 do liv. 2 do Regimento da Inquisição de 22 de Outubro de 1640.

Pelo contrario o autor dos *Varões illustres do Brasil* assegura que Manoel de Moraes, abjurando o Calvinismo e protestando sinceramente adoptar a religião catholica, fôra solto em 1647, depois de sahir no *auto de fé* desse anno com as insignias de fôgo. O erudito escritor accrescenta que Manoel de Moraes fallecêra em Lisbôa em 1651, sem ter podido regressar ao Brasil como desejára. Noticia importante, mas, infelizmente, está no caso das primeiras quanto á data do nascimento e sua volta de Amsterdam á Lisbôa. Falta a base.

Ao mui douto autor do *Diccionario Bibliographico* nos dirigimos solicitando esclarecimentos sobre este facto. Pareceu-nos singular que um prisioneiro e subdito Hollandez como era Manoel de Moraes, por isso que Portugal pelo Tratado de 12 de Junho de 1641 tinha reconhecido as conquistas Hollandesas no Brasil realisadas até aquella data, podesse ser sujeito ao tribunal da Inquisição de Lisboa; e, se foi, havia em seu favor a rasão de haver solicitado o julgamento para purgar o seu delicto, abandonando, como abandonou, a causa Hollandesa.

Eis o que o illustre bibliographo nos escrevêo em data de 4 de Janeiro deste anno (1873):

„ O ex-jesuita Manoel de Moraes não morreu no auto de fé, como eu escrevêra reportando-me unicamente ao testemunho de Barbosa Machado. Ja um patricio e seu collega o conselheiro Pereira da Silva, em um romance que publicou ha annos com o titulo *Manoel de Moraes*, desfez essa equivocação, como v. ahi melhor poderá ver.

„ O processo do dito Padre (que ainda não pude examinar o andamento) conserva-se e existe ainda inteiro, no archivo nacional ou Torre do Tombo. Delle consta, segundo m'informão, que Manoel de Moraes não só não foi executado, mas foi solto por ordem da Inquisição em 10 de Março de 1648, com permissão e licença para sahir do Reino.

„ He aquelle um erro que tenho de corrigir na continuação do *supplemento* do Diccionario Bibliographico, cujo tomo X tenciono metter no prélo, logo que a saude m'o consinta, mas que de certo não irá alem da letra J. "

Em relação aos trabalhos litterarios do padre Manoel de Moraes, não parece que o illustre titular esteja bem informado. Este sacerdote não escreveu somente o opusculo em pró dos direitos da dynastia de Bragança, intitulado:

— *Prognostico, y respuesta a una pregunta de un Caballero muy illustre sobre las cosas de Portugal* (1). Tambem escreveu, e imprimiu-se na Hollanda, um vocabulario da lingua Tupy, que Laet chamou *Diccionariolum nominum et verborum linguæ Brasiliensis maxime communis* (2). Hoje o que mais nos interessava era a descoberta do manuscripto da sua *Historia da America*, que talvez ainda exista em algum archivo da Hollanda, em Leyde, Amsterdam ou na Haya.

IV

Posta de lado a questão do celebrado Camarão, não podemos deixar de rectificar outros pontos de censura do illustre Barão.

Ha na narrativa da sublevação do Maranhão differentes asserções que merecem reparo, como por exemplo: as relações dos sublevados com a gente de Pernambuco (3); a excitação á luta por parte do governo Portuguez(4), na epocha, tão abatido, e em guerra com a Hespanha, e muito esperando do auxilio da Hollanda ; o numero de engenhos de Antonio

---

(1) Vide *supra* nota (1) á pag. 41.

(2) Este pequeno *Diccionario* anda annexo á *Historia natural* do Brasil por Marcgrav, coordenada por João de Laet, e publicada em 1648.

(3) Basta ler-se o que no to. 1.° destas *Memorias* pag. 180, tão explicitamente declara Antonio Teixeira de Mello para reconhecer-se a inexactidão deste asserto.

Havia na epocha tantas impossibilidades, que difficilmente se poderá acreditar em suggestões estranhas em uma colonia dominada no mar pelos Hollandeses, e por terra, mui affastada das suas visinhas; notando-se que o exito que teve, *à priori*, era inacreditavel. E foi o exemplo do Maranhão que animou a revolta de Pernambuco.

As citações de Barlœus, *post factum*, não podem aproveitar contra a verdade dos acontecimentos.

(4) Vide *Historia das lutas*, etc. liv. 7 pags. 171—174.

Os que soccorrerão do Pará ao Maranhão, o fiserão por outros motivos, amisade, relações de familia, o odio ao estrangeiro, e não por ordem do governo da metropole, pois, se assim acontecesse, não abandonarião tão cedo os revoltados. Reinava na epocha grande anarchia no Pará.

Moniz Barreiros (1), e o silencio a respeito daquelles que forão a alma da sublevação, e sem cujo auxilio e dedicação seria impossivel leva-la á bom termo. O espaço não he sufficiente para elucidar estes pontos, em que nos parece ha notaveis equivocos na narrativa.

Mas sem duvida ha grave injustiça no silencio do nome do principal autor da sublevação, e sua alma, o padre *Lopo do Couto* da Companhia de Jesus, cujos serviços eminentes são attestados com a nobre declaração de Antonio Teixeira de Mello (2). Que Berrêdo o fisesse, comprehende-se, era um adversario daquella corporação (3), e transtorna a historia, confunde as epochas e os factos (4), para não confessar a relevancia dos actos que tanto renome derão em Maranhão aos filhos de S. Ignacio.

Não se comprehende o mesmo interesse em um escritor deste seculo, em factos occorridos ha mais de dusentos annos. *Suum cuique* parece-nos ser a boa regra. Mas vejamos os defeitos do nosso historiador.

Em verdade o padre José de Moraes, referindo-se ao morticinio dos Hollandeses, nessas temiveis vesperas *itapicurinas* de 30 de Setembro de 1642, lança por certo um asserto demasiado arriscado, quando diz que *nenhum Hollandez* escapára com vida (5).

Mas havendo escapado mui poucos, como diz Schade no seu relatorio (6), e sendo essa a lenda, de que o Conde da Ericeira, contemporaneo, foi o primeiro á publicar (7), e de-

---

(1) Vide *Historia das lutas*, etc., liv. 7 pag. 175.

Antonio Moniz Barreiros possuia somente um engenho. Era um dos cinco proprietarios de taes estabelecimentos. Berrêdo — *Annaes* n. 810 e seguintes, com quem se conforma o padre José de Moraes no to. 1.º destas *Memorias* pags. 166 e 234.

(2) Vide to. 1.º destas *Memorias*, pag. 180.

(3) Vide *Jornal de Timon* to. 2, pag. 413.

(4) Vide Berrêdo — *Annaes* ns. 401 e 413.

(5) Vide o to. 1.º destas *Memorias*, pag. 157.

(6) Vide *infra*, pag. 451.

(7) Vide *infra*, pag. 425. Ericeira diz : „ não ficou Hollandez que com a vida não pagasse os delictos commettidos. "

E mais abaixo :

„ Degollarão todos os Hollandeses que guarnecião o forte *(Calvario)*. . . , perdoarão á alguns Franceses. "

pois Berrêdo (1), porque sobrecarregar tão somente o historiador Jesuita?

As criticas circumstancias em que se achavão os sublevados do Maranhão os impellia á essa crueldade; erão poucos, e não podião dispôr de força para guardar prisioneiros, e por outro lado, deixando-os vivos, ião augmentar as cohortes inimigas. A lenda que chegára até ao meado do ultimo seculo, autorisava de alguma sorte a affirmativa.

Tratando do sitio em que Antonio Moniz apertou a fortificação de S. Luiz, o douto autor das *Lutas dos Hollandeses* parece querer desvendar um erro na narrativa do padre José de Moraes, quando menciona as casas de Antonio Vaz, e não *S. Antonio de Morus* de que trata a carta de Pedro Bas, o chefe politico hollandez do Maranhão. Como neste tomo reprodusimos por extenso esta carta (2), poder-se-ha confrontar o que relata o nosso historiador com a exposição de Pedro Bas, e nenhuma contradicção existe.

O padre José de Moraes diz: — que necessitando os sublevados senhorear-se das *casas de Antonio Vaz*, sitas então no canto que *hoje* faz a rua que vai para S. Antonio, encommendou esse glorioso encargo ao capitão Pedro da Costa Favella, havia pouco chegado do Pará, que o conseguio.

Na epocha em que escrevêu o padre José de Moraes, isto he, em 1759, a rua chamada do Egypto ja se estendia alem das esquinas da do Ribeirão (3) fronteira á calçada que vai para o caes da Sagração (4), ponto em que, segundo as plantas de Barlœus e do carmelita S. Theresa, se achavão os ultimos edificios daquella parte da cidade. Ora he claro que alli estavão as casas de Antonio Vaz: e são dous edificios mui proximos á fortificação hollandesa.

Se esses edificios não erão as casas de Antonio Vaz, então outros não podião ser senão os da esquina da travessa de João do Valle fronteira a rua das Violas; o que á principio nos pareceu, mas, presentemente, examinando

---

(1) Berrêdo — *Annaes* ns. 816 e 820.
Neste n. tratando do assalto do Calvario, diz que escaparão *alguns* dos defensores em consequencia dos „ efficases rogos de um virtuoso sacerdote.“ Era o padre Lopo do Couto ou Benedicto Amodei.

(2) Vide *infra* pag. 444, e notas 2 e 3.

(3) Tambem se chama — *rua das Barrocas.*

(4) A rua denominada do *Trindade.*

melhor a questão nos pronunciamos pelo ponto da rua fronteira a do Ribeirão.

Podia tambem tomar-se a rua immediata na casa fronteira á igreja de N. S. do Rosario, mas essa posição não se conforma com as plantas de Barlœus e de Fr. José de S. Theresa, e ficaria distante para o emprego da artilharia; notando-se que ainda no seculo passado, talvez a rua com direcção a S. Antonio não fosse ainda a actual, embora ja existisse a igreja do Carmo velho (1), hoje Rosario.

Quem lê a narrativa de Berrêdo e a do padre José de Moraes comprehende que Antonio Moniz Barreiros, entrando em S. Luiz occupára o ponto elevado do actual convento do Carmo. Este posto foi cingido com uma *meia lua*, para que os sitiantes, diz Moraes, podessem resistir a qualquer repentino assalto: por tanto ás pressas construirão um revelim daquella forma para defesa.

Entre este acampamento e o forte Hollandez havia de intermedio o espaço occupado hoje pela quadra formada pelas ruas de Nazareth, largo e travessa de João do Valle, e rua do Egypto, que então continha alguns edificios. Parece que junto as obras adiantadas desse revelim estava o quartel do capitão-mór Antonio Moniz Barreiros, situado provavelmente no espaço occupado pelas casas fronteiras ao largo do Carmo proximas da rua do Egypto.

Depois da chegada do soccorro do Pará, he que Moniz Barreiros manda tomar posse das casas de Antonio Vaz (2), proximas á fortificação hollandeza pelo capitão Pedro da Costa Favella, posição que por sorpresa tomarão os Hollandeses. quando lhes veio o auxilio de Pernambuco; e, pretendendo com o mesmo arrojo assaltar o Carmo, forão repellidos com muita perda.

Pedro Bas limita-se a diser que tomado o quartel ou trincheira da gente do Pará, por tanto as mesmas casas de Antonio Vaz, de onde soffrião grande damno, matarão toda a guarnição que estava naquella trincheira, refugiando-se os que havião antes abandonado o posto ao quartel de

---

(1) *Carmo velho.* Vide Cesar Marques — *Diccionario historico-geographico da provincia do Maranhão*, art. *Convento de N. S. do Carmo*, pag. 153.

(2) Vide *Historia da luta dos Hollandeses*, etc., liv. 7 pag. 177. Ahi se diz que a gente que veio do Pará em soccorro de Moniz occupara o quartel do Carmo, o que he inexacto. Berrêdo — *Annaes* ns. 848 e 849.

S. Antonio de Morus (1), sob o commando, ou onde se achava o capitão-mór.

Se se não trata de um edificio dedicado ao culto de um Santo, como suppomos (2), talvez com aquellas palavras, Pedro Bas quizesse referir-se ao proprio quartel de Antonio Moniz Barreiros, que seria alguma casa nas immediações do Carmo, mas dentro das trincheiras, assaltadas após a tomada das casas de Antonio Vaz, posto de onde tanto damno se causava aos sitiados.

Mas Pedro Bas vivendo, havia muito tempo no Brasil, devia saber fallar o portuguez, ou pelo menos entendê-lo; e sendo bem conhecido na colonia maranhense o capitão-mór Antonio Moniz Barreiros pela gente da governança hollandesa, ja pelos cargos que tinha exercido, ja por ser um dos principaes proprietarios da colonia, pois era senhor de um dos cinco engenhos existentes naquella epocha, não com-

---

(1) Vide *infra*, nota 3, á pag. 444.

(2) Já na pag. 444 deste volume nota 3, demos uma explicação quanto a denominação do edificio occupado por Moniz Barreiros, a que additaremos algumas observações.

Com quanto a cidade de S. Luiz soffresse differentes transformações depois da occupação Hollandesa, e pouco se ache escrito acerca do antigo plano, todavia do que disem alguns escritores, se pode dedusir que entre o largo do Carmo e o fim da rua do Egyto havia um hospicio ou pequeno convento de S. Antonio, que desappareceu depois de fundado o novo no local onde ainda hoje se acha.

Berrêdo, nos *Annaes* n. 771, diz—que os Hollandeses depois do sacrilegio praticado com a imagem de N. S. do Desterro em sua Ermida, logo adiante praticarão outro com a de S. Antonio, o que indica que o convento não era no local de hoje. Cesar Marques no *Diccionario geographico do Maranhão*, art. *Convento de N. S. do Carmo*, diz—que o bairro que hoje se chama *rua do Egypto*, compõe-se de terrenos pertencentes á mesma Ordem, uns doados pela Camara, e outros comprados ao Convento de S. Antonio.

Por outro lado, o padre José de Moraes no to. 1.º destas *Memorias*, á pag. 142, diz — que querendo Bento Maciel Parente fortificar a cidade pelo lado de terra, mandou lançar um muro ou trincheira que corria da Praia pequena, detraz da cerca do collegio dos Jesuitas (*Sé*) até á Praia grande, ficando de fóra os *dous conventos do Carmo e de S. Antonio*, mas, dentro, o mesmo collegio.

Esta declaração indica que o convento de S. Antonio como o do Carmo erão mui visinhos da fortificação, pois se então fôra remoto o primeiro, escusado seria delle tratar.

Portanto o quartel de Antonio Moniz Barreiros era no antigo convento de S. Antonio, chamado S. Antonio o *Mouro*, ou do Nôto, visinho das trincheiras do Carmo.

metteria no momento um erro tão grosseiro, se de feito não houvesse na localidade um edificio proximo ao Carmo, onde se alojasse o chefe dos sublevados com tal denominação.

Por outro lado, conhecendo, ou devendo Pedro Bas conhecer, e perfeitamente, a topographia da pequena cidade que governava, havia dez mezes, a designação do quartel do Capitão-mor pelo nome de *Santo Antonio de Morus*, indica que a habitação se não era uma capella, pelo menos conteria algum nicho, de particular devoção.

Mas, como já notamos, a narração do illustre Barão he opposta ao que dizem Berrêdo e José de Moraes, assim como Pedro Bas, e até vai contra a ordem chronologica dos factos, e por isso aqui a copiamos (1):

„ Com esta victoria *(a emboscada onde succumbiu o escossez Sandelin)* (2), que ministrou aos sublevados armas e munições, animou-se Moniz a ir sitiar a cidade.

„ Com a pouca gente que lhes restava, limitarão-se os Hollandezes á guarnecer a parte alta da cidade, entrincheirando-se nas immediações do actual palacio do governo (3), e deixando de fóra varias casas e igrejas (4), inclusivamente o convento do Carmo, que logo occupou Moniz, ordenando que outros se postassem em um edificio no canto da rua que vai para S. Antonio (5).

„ Seguirão-se alguns tiroteios sem nenhuns resultados até que no dia 3 de Janeiro chegarão do Pará, em auxilio dos Maranhenses, os capitães Pedro da Costa Favella, Bento Rodrigues de Oliveira e Ayres de Souza Chichorro, em cincoenta e quatro canôas, condusindo 113 soldados, 600 indios (6), alguma artilharia (7) e poucas munições.

---

(1) Vide *Historia da luta dos Hollandêses*, etc., pag. 176.

(2) *Sandelin*. Vide *infra*, pag. 426, nota (1).

(3) Comprehendia maior espaço. Vide *supra*, nota (2) á pag. 48.

(4) Vide nota precedente.

(5) Para esse edificio, *as casas* de Antonio Vaz, forão os auxiliares do Pará com Pedro da Costa Favella, que era natural de Pernambuco.

Vide o padre José de Moraes no to. 1.º destas *Memorias*, á pag. 162, de onde forão transcritas as palavras: „no canto da rua que vai para S. Antonio. "

(6) Berrêdo nos *Annaes* ns. 845 diz: 700 *indios*, de accordo com o Conde da Ericeira *(infra* pag. 427), e o padre José de Moraes no to. 1 destas *Memorias*, á pag. 163.

E neste ponto a versão portuguesa he preferivel á Hollandesa.

(7) *Alguma artilharia*. Nenhum dos nossos chronistas sustenta se-

„ Todos se alojarão no quartel do Carmo (1), passando o Moniz, com os seus para o outro posto (2), com avançadas onde hoje estão a igreja do Rosario e o recolhimento da Annunciação (3). "

Nestes pequenos periodos ha infelismente muitos equivocos, sem duvida involuntarios, e não se podem apoiar no testemunho de autor algum coévo, e nem posterior, portuguez ou hollandez.

Pedro Bas, o chefe politico da colonia, desde o momento da conquista em 24 de Novembro de 1641, tratando da emboscada do Coty-mirim (4), após o abandono do assedio da fortaleza de S. Philippe, dominada e melhorada pelos Hollandezes, diz na sua carta de 31 de Janeiro de1643, que a expedição que fôra picar a retirada aos sublevados tinha por chefe o capitão Jacob Evers, e succumbira no mesmo lugar que a anterior, commandada por Sandalim *(Sandelin)*.

O padre José de Moraes, unico historiador que fixa bem esse ponto da terrivel emboscada do *Coty-mirim*, chama á esse chefe *João Lucas*, capitão que tinha sido do forte do Ceará ao passo que o conde da Ericeira e Berrêdo o tratão simplesmente de *governador do Ceará*, e Gayoso de *commandante do Ceará*.

---

melhante asserção, apoiada somente na carta de Pedro Bas *(infra* pag. 443*)*. Essa artilharia, que servio no ponto das casas de Antonio Vaz, foi delos colonos mandada vir do forte do Calvario. Porque neste caso preferir-se a versão Hollandesa?

Vide Berrêdo nos *Annaes* n. 846, e o padre José de Moraes no to. 1 destas *Memorias* pag. 162.

(1) He natural que parte da força ficasse no quartel do Carmo, indo a outra para *as casas* de Antonio Vaz.

(2) Inexacto, pelo que ja fica dito nas precedentes notas, pois *o outro posto* erão *as casas* de Antonio Vaz, e não era o local de que aqui se trata, maxime tendo em vista as plantas de Barlœus e de Fr. Joseph de S. Theresa.

(3) Vide a nota precedente. As avançadas erão mais proximas da fortalesa,em posto que ficava a cavalleiro della.

(4) Vide *Hist. das lutas dos Hollandeses* pag. 178. Ahi diz inexactamente o autor, o seguinte : — „ Era *as cabeceiras* do Cotim, lugar onde havião conseguido a primeira victoria. "

O combate nas duas emboscadas nunca teve lugar *nas cabeceiras* do rio Coty-mirm, e nem do outro Coty ou Anil.

Na verdade deve-se preferir, em circumstancias como estas, a versão hollandeza e de autor coévo e testemunha ocular, á de outro que escreveu sob informações de alguem (1), um seculo depois. Mas quantas vezes um individuo he conhecido na sociedade por dous nomes? Podia o nome de João Lucas ser o appellido desse official, e assim ser conhecido pela população de S. Luiz. Não he inverosimil, tantas vezes assim acontece, e a contradicção que parecia ser tão insoluvel, desapparece.

A verdade inteira, neste ponto, não podemos hoje saber. O erro do padre José de Moraes pode não ser senão apparente. Para abono da veracidade do historiador, que não podia ter interesse em substituir um nome por outro, temos sua plena justificação no que elle diz á pag. 168 do primeiro tomo destas *Memorias*, onde tratando do biscainho Pedro Dessaes, que nunca prestou juramento de fidelidade ao governo Hollandez, aponta Lourenço de Lyra cujas noticias manuscritas dessa famosa luta, fôra uma das fontes em que elle, o padre José de Moraes, bebêra os factos que assignala.

Portanto o nosso historiador, na qualificação do chefe hollandez que commandou a segunda partida que succumbiu no *Outeiro da Cruz*, junto ao rio ou riacho Coty-mirim, está de harmonia com o conde da Ericeira e com Berrêdo, e, se declina o nome desse chefe, he fundado em memorias da epocha, á que entendeu que podia prestar credito.

V

E ja que temos tratado de verificação de factos historicos concernentes á provincia do Maranhão, consinta o douto censor, no interesse da mesma historia, que discutamos dous pontos de que se occupa no livro 7 da sua *Historia das lutas com os Hollandeses*, em que se contesta a Berrêdo a exactidão de sua narrativa.

(1) Vide o to. 1 destas *Memorias* a pag. 168 no fim.

Berrêdo assegura nos *Annaes* n. 917 que os Hollandeses encravando toda a artilheria do forte S. Philippe, partirão em 28 de Fevereiro de 1644 para uma das Antilhas, a ilha de S. Christovão.

O illustre censor assegura, que ao contrario, dirigirão-se para o Ceará onde desembarcárão, e por terra seguirão para o Rio Grande do Norte. Infelizmente não indica de onde colhêra este facto, mas suppomos ser a obra de Fr. Domingos Teixeira— *Vida de Gomes Freire de Andrade*, a fonte dessa noticia, na p. 2 liv. 2 pag. 189 n. 41; onde, tratando deste acontecimento, diz : — „ que só ao mar se divitavão algumas velas que sahindo da barra se alargavão da serra *feitas na volta do Siará.* " Mas este religioso Augustiniano he silente quanto á viagem do Rio Grande do Norte.

Por outro lado : como he que das alturas da cidade de S. Luiz se podia saber que um navio que sahe barra fóra, pretende navegar para o Ceará ? Pode somente assegura-lo quem não conhece aquella cidade e seu porto. Accresce que tanto era proposito dos Hollandeses do Maranhão refugiarem-se nas Antilhas, que Pedro Bas claramente o diz em sua carta de 31 de Janeiro de 1643 (1).

Parece-nos que nesta rectificação ha um equivoco. Em verdade Berrêdo diz no n. 917 que com effeito os Hollandeses, em navios mal apparelhados, seguirão para S. Christovão, mas tambem declara no n. 919 que os indigenas que os acompanhavão, e erão perto de 80, forão lançados nas praias do Camucy.

Berrêdo, no que exara, copia fielmente o Conde da Ericeira na *Historia de Portugal Restaurado* to. 2 pag. 33, que, sendo coevo, estava em condições de saber perfeitamente a verdade (2).

O caso, assim narrado, tem á nosso ver todo o fundamento.

Nos navios redondos que difficilmente podião, contra vento e corrente, faser a viagem para o Sul, forão os Hollandeses para S. Christovão, e os indigenas seguirão para sua terra em algum barco de facil mareação, demandando-se o porto mais visinho, por quanto não se poderia ir mais longe por causa da extrema difficuldade da navega-

---

(1) Vide *infra* á pag. 447.

(2) Vide *infra* á pag. 432 e 433.

ção (1). Ora nesse barco, qualquer que fosse, podião ir alguns Hollandeses.

A autoridade do Conde da Ericeira, que occupava em Portugal uma grande posição official, em quem apoia-se Berrêdo, justifica este historiador, aliás pouco sincero em outros pontos.

Demais tudo se concilia, por quanto houve quem fosse para o Ceará e tambem quem seguisse para S. Christovão, o que Fr. Domingos Teixeira não examinára com cuidado. Continuemos.

Nos ns. 920–923 dos *Annaes*, diz Berrêdo, que os indigenas do Ceará escandalisados do procedimento dos Hollandeses no Maranhão á quem servião, surprehenderão e degolarão a guarnição Hollandesa do forte do Camucy, procedendo do mesmo modo com a de outro que demorava a 10 leguas mais para o Sul, em *Jericoacoara*, o chamado *buraco das Tartarugas;* e depois praticarão outro tanto com a do Ceará, mandando chamar Antonio Teixeira de Mello para entregarem a fortalesa.

Este facto tambem he narrado pelo Conde da Ericeira na *Historia de Portugal Restaurado* (2), de quem Berrêdo copía.

O douto censor, em nota, contesta a veracidade do facto, por quanto, em sua opinião, a entrega da fortalesa do Ceará aos Portugueses, *somente* se fez depois de rendida a praça do Recife.

Ainda neste ponto, ha notavel equivoco da parte do illustre censor; por quanto esses acontecimentos tanto se realisarão que chronistas nossos como Hollandeses o reconhecem. Assim o padre Antonio Vieira na sua *Relação da Missão da serra de Ibiapaba*, escrita muito antes da obra de Berrêdo e talvez da do Conde da Ericeira, reproduz o mesmo facto, com algumas differenças que não alterão o fundo. Confronte-se o cap. 2 dessa *Relação* a pag. 459 deste volume com os ns. 920 e 922 dos *Annaes* de Berrêdo, e bem assim com a exposição do Conde da Ericeira á pags. 432 e 433 *infra*.

Precisamente, pelo que respeita a tomada da fortalesa do Ceará em 1644, Barlœus he accorde com os nossos

---

(1) Sobre a difficuldade desta navegação vide *infra* a pag. 465.

(2) Vide *infra* pag. 433.

chronistas, assim como Netscher na sua obra — *Os Hollandeses no Brasil*, a pag. 132 e 133, expressando-se nestes termos:

„ Os movimentos sediciosos, que tinhão apparecido nas capitanias de Pernambuco e do Maranhão, forão seguidos da perda do Siará. A guarnição da fortalesa do Siará com o seu commandante Gedeão Morritz foi degolada pelos Indios em Janeiro de 1644. "

Barlœus he mais explicito (1), por quanto, depois de narrar o modo porque Jorge Garstman tomou a pequena fortalesa do Ceará (2), a margem esquerda do rio do mesmo nome, que João de Laet em seu mappa chama *Hupotem* (3), provavelmente *Ypety* ou *Ypoty*, rio Poty; tambem trata de sua alliança com o principal Algodão *(Amanyú)*, e do desastre do commandante Gedeão Morritz, em Janeiro de 1644, antes da entrega da fortalesa do Maranhão aos colonos Portugueses (28 de Fevereiro); pelo que o mesmo Barlœus não torna culpa desta revolta aos habitantes do Maranhão (4).

Gedeão Morritz era desde muito commandante da fortalesa e districto do Ceará. Havia, diz Barlœus, descoberto as salinas de Upanema *(Mossoró)*, as que o pa-

---

(1) Eis as palavras de Barlœus á pag. 290 da grande edição:

„ Post hæc novis motibus concussam *Siaram* accepit Nassovius, ubi excita in bellum Brasilianorum agmina castrum Belgis infessum *per dolum* occupavere et solo æquavere, trucidatis directore Gedeone Morritzio, præsidiariis omnibus, etiam his operariis, qui non longe ad salinas Vpanemmæ fluminis consederant. "

(2) Este facto deu-se á 20 de Dezembro de 1637. Vide *Memorias diarias*, etc. á pag. 258 e 258 v. e Barlœus á pag. 66 da grande edição.

(3) Esta denominação ainda vem provar o facto dá colonisação Petiguar no paiz visinho á Mucuripe, ponto importante para a communicação dos indigenas com os navios Europeus.

(4) Barlœus exprime-se assim á pag. 290 da citada edição:

„ Nec tamen hujus nefariæ seditionis auctores habebantur Maranhãohenses, licet proximi et contermini, verum culpa nostratium in subditos ferociæ et duriori imperio imputabatur. "

E continuando accrescenta estas reflexões:

„ Equidem nihil magis exasperat iratam plebem, quam ferendi impatientia. Ipsis agrestibus feris similis est, quas si arctioribus vinculis constringas, insaniunt, si laxioribus, quiescunt. "

Parece que por esta e outras reflexões os Hollandezes voltarão ás pazes com os indigenas do Ceará, como diz o padre Antonio Vieira na *Relação da Missão da serra daIbiapaba* cap. 2 pag. 459 *infra*.

dre José de Moraes chama *salinas de Jaguaribe*, tratando da viagem do padre Francisco Pinto (1).

Estas salinas forão postas á cargo de Elberto Smienthi, e dellas esperava-se, pela bella qualidade do producto, grandes reditos (2) o que, para um povo pescador como o Hollandez, era um grande achado.

Em Janeiro de 1644 os Indios do Ceará, não por escalada mas por surpresa, como tambem diz Berrêdo (3), tomarão a fortalesa, trucidarão Morritz, com a guarnição, bem como os operarios que trabalhavão nas salinas de Upanema (4). E a isto não se limitarão.

Chegando do Maranhão um navio, provavelmente o que fôra lançar no Camucy os Indios que alli tinhão servido os Hollandeses, e em que vinha o funccionario que ali servia de chefe politico, *Edil*, como chama Barlœus, os Indios rebellados receberão os novos chegados enganosamente, e lhes derão a mesma sorte que á Morritz e á seus companheiros (5). Esse chefe politico era a nosso ver, Pedro Bas, que tantas crueldadas e sacrilegios praticou, e permittira praticar no Maranhão (6).

---

(1) Vide o to. 1 destas *Memorias* á pag. 29.

(2) Vide *Memorias diarias*, etc. pag. 258 v. Barlœus á pag. 224 diz o seguinte :

„ Hic inventæ per Gedeonem Mourisium salinæ apud Vpanemmæ et postea Elberti Smienthi curæ commissæ, magnorum redituum spem fecére."

(3) Berrêdo nos *Annaes* n. 922, assim como Ericeira — *Historia de Portugal Restaurado* á pags. 432 e 433 *infra*.

(4) Vide *supra* nota (1) á pag. 54.

(5) Southey na *Historia do Brasil* to. 3 pag. 63 não interpreta bem á Barlœus cujo testemunho invoca, pois exprime-se neste caso desta forma :

„. . . . e um destacamento vindo com um official hollandez a inspeccionar o estado da guarnição, cujo exterminio ignorava, foi cercado e trucidado."

Eis o que diz Barlœus :

„ Eadem calamitas mansit *Ædilem Maranhoensem*, qui cum in locum istum infelix appulisset, militum censum initurus, ignarus eorum, quæ acciderant, in rebellium manus incidit similique cum suis fato periit."

Houve engano da parte de Barlœus. O *Edil* do Maranhão vinha dali em fuga, e não para faser inspecção de forças militares, maxime sendo funccionario civil ou politico.

(6) Vide mais adiante o que se diz sobre este personagem.

O mesmo ainda praticarão os indigenas com o capitão, guarnição e passageiros de um navio hollandez, que ali aportara para refrescar, escapando apenas trez marinheiros por se esconderem nos matos (1).

Barlœus dá como causa desse desastre a maneira barbara porque procedião os Hollandeses com os indigenas (2). Esta mesma causa influio no Maranhão, por isso que o cunhado de um dos chefes militares que ali servirão, Guilherme Negenton, entregou aos selvagens vinte e quatro colonos, sem nota, que por elles forão devorados, pelo que, segundo o mesmo escritor, o proprio governo Hollandez fê-lo punir (3).

A não ser esta barbaria nunca os Hollandeses poderião temer cousa alguma dos indigenas, por quanto no Ceará o Conde de Nassau não permittio que elles fossem escravisados (4); e do mesmo modo procederam no Maranhão Lichthardt e Koin (5), ordens que, parece, bem cumprio, ou propagou a nova, o commandante Sccadeo *(Schade)*, que tomara o forte do *Calvario* (6), para affastar dos colonos Portuguezes a affeição dessa gente.

Portanto, o que disseram Berrêdo e Ericeira quanto á esta revolta, póde-se acreditar, bem que o facto do Ca-

---

(1) Barlœus diz o seguinte á pag. 290:

„Etiam liburnicarum nostrarum una cum in portu staret, ad refectionem, lembo in terram exposuit navarchum, centurionem et vice-centurionem et milites aliquot gregarios, quos nil tale opinantes, velata blanditiis ira, obtruncarunt. Nautici tres, qui se silvis abdiderant, evasere, dejectamque arcem et rudera adspexere.“

(2) Vide *supra* nota (4) á pag 54.

(3) Barlœus á pag. 241 confessa o barbaro procedimento dos Hollandezes no Maranhão nestes termos:

„ Causæ malorum in Prœfectum referebantur, qui viciorum cumulo conspicuus, intemperantia in suos ferocia et inhumanitate, in iram et vindictam, quietos moverat. Illi è cognatis et à secretis Guillielmus Negentonius *(Negenton)* Luzitanos viginti quatuor (24), *nulla perfidia notos*, pudendo scelere in terram exposuit, quos Tapujarum anthropophagorum crudelitas ob gentis odium extemplo discerpsit. Ob hæc captus et in carcerem detrusus Nemesi servatus fuit.“

(4) Vide Barlœus, na grande edição pag. 226.

(5) Forão estes os chefes das forças de terra e mar que partirão do Recife em 30 de Outubro de 1641 na frota Hollandeza, para a conquista do Maranhão. Vide Barlœus, obra citada, á pag. 223.

(6) Vide *infra* pag. 449.

mucy não tivesse relação com o do Ceará, e este precedera o do Camucy e de Jericoacoara: e talvez tivessem, mas por motivo inverso do que attribuem os chronistas Portuguezes actuando as mesmas causas. Serião os indigenas do Ceará que influissem sobre os do Camucy, e não estes sobre aquelles, com temor das represalias dos Hollandeses. Passemos a outro assumpto.

Berrêdo, nos *Annaes* n. 929, tratando da posse do governador do Maranhão Francisco Coelho de Carvalho, que teve lugar á 7 de Junho de 1646, diz que por esse tempo: — „ *parece* que ja havia passado da presente vida o capitão-mór Antonio Teixeira. "

Funda Berrêdo a sua conjectura no acto da posse ser celebrado somente com assistencia dos ministros ou empregados da Camara, e sem a presença daquelle capitão-mór á quem Francisco Coelho de Carvalho veio render. A conjectura, baseada no instrumento authentico dessa posse que Berrêdo naturalmente consultou, parece ter a presumpção da verdade, comquanto a ausencia poder-se-ia tambem explicar pela molestia, ou outro motivo justificavel.

A conjectura de Berrêdo he acompanhada da affirmativa do padre José de Moraes (1) e de Gayoso, que na sua obra tambem sustenta o facto (2), isto he, que esse heroe pouco sobrevivera ao seu triumpho. A tradição foi sempre essa.

Entretanto o mesmo padre José de Moraes mostra em outra attestação desse heroe datada de 14 de Março de 1647, que não havia fallecido em 1646, a menos que não haja no algarismo 7 erro de copia. O principal neste caso he que Antonio Teixeira de Mello durou pouco tempo, após sua victoria (3).

He natural que os pesados trabalhos da ultima guerra, com o desgosto do iniquo processo que lhe moveu o donatario de Tapuytapera *(Alcantara)* Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho (4), primo-irmão do seu successor, lhe abreviasse os dias de existencia.

---

(1) Vide to. 1.º destas *Memorias*, pag. 179.

(2) Vide *Compendio historico-politico dos principios da lavoura do Maranhão* n. 69 á pag. 87 e 88. Gayoso cinge-se mais ao que escreveu Berrêdo nos ns. 923 e 929.

(3) Vide o to. 1.º destas *Memorias*, pags. 181 e 182.

(4) Vide Berrêdo — *Annaes* n. 1150.

Mas, á todos os dados que militão em pró da conjectura bem fundada de Berrêdo e da affirmativa do padre José de Moraes que contava em seu favor a tradição de sua ordem, tão querida do capitão-mór, que naturalmente foi sepultado na respectiva igreja, oppõe o illustre censor a seguinte peremptoria excepção.

„ Talvez como tenue indemnisação de tanta injustiça, o rei, *depois de restaurado Pernambuco*, vendo Antonio Teixeira de Mello redusido á pobreza lhe fez mercê (por carta do 1° de Dezembro de 1654) da capitania do Pará.“

Examinemos a excepção. Não he natural que após serviços tão brilhantes que a côrte de Lisbôa, por mais ingrata que queirão fazêl-a, reservasse a recompensa de homem tão benemerito para dez annos depois. A politica antiga não era tão boçal e nem pouco generosa. Premiava a seu modo. O premio do heroe Maranhense foi como o de João Fernandes Vieira, Vidal, e outros. Tiverão postos elevados fóra do local onde exercião propria influencia.

Assim veio para o Maranhão Francisco Coelho de Carvalho, e Antonio Teixeira de Mello passaria a servir no Pará, onde a sua influencia não tinha a importancia do Maranhão (1). Na data da carta régia ha uma visivel transposição de algarismo pois em lugar de 1654, deverá lêr-se 1645. Um exame mais detido nos archivos de Lisboa, onde se colheu essa data, mostraria a verdade do que acabamos de demonstrar.

E note-se que ainda que Antonio Teixeira de Mello, fosse nomeado Capitão-mór do Pará, dependia o seu exercicio do termo da administração de seu predecessor. De ordinario os administradores das Capitanias região por um triennio, e muitas vezes havião dous e trez já nomeados que esperavão a sua vez, como o douto censor reconhece em sua *Historia geral do Brasil* (2). Era bem deplora-

(1) Talvez a carta regia supra citada fosse lavrada, e ficasse sem execução, ou em razão do fallecimento do nomeado, ou por outra circumstancia, hoje ignorada.

(2) Tratando de Jeronymo de Albuquerque Maranhão, e data do seu governo como capitão-mór do Rio Grande do Norte, diz o douto censor o seguinte na *Historia geral do Brasil* to. 2 pag. 453 nota (2) :
„ As datas das nomeações dos seguintes *(capitães móres)* nada tem que ver com as posses ; as veses estavão dous e trez com as nomeações na mão, e á *bica* ou á *tamina*.“

vel, que se dessem nomeações de mais um individuo em expectativa para o mesmo cargo!

O facto do registro de uma carta regia não prova sua expedição, pois antes da posse podia ser cassada. O governador que substituio Antonio Teixeira de Mello, nomeou capitão-mór do Pará á Paulo Soares de Avellar (1), que entrou em exercicio em 28 de Julho de 1646. No começo da anno seguinte (1647) passou o cargo a Sebastião de Lucena Azevedo, que veio com patente regia (2), e portanto com um triennio para administrar. O despacho de Antonio Teixeira de Mello não podia aproveitar senão apos 1650, quando já não existia.

Ha ainda uma razão para não admittir-se a data de 1654 em que se firma o douto censor. Nesse anno (25 de Agosto) foi despachado governador e capitão-general do Maranhão e Pará André Vidal de Negreiros (3), que entrou em exercicio em Maio de 1655. Passando ao Pará em Agosto seguinte, alli demorou-se até Dezembro, tendo nomeado capitão-mór daquella capitania á Luiz Pimenta de Moraes, que logo tomou posse do cargo (4).

Se pois houvesse tal nomeação do 1° de Dezembro de 1654, Negreiros não faria uso da faculdade que lhe havia dado o governo da metropole, pondo á margem um heroe como foi Teixeira de Mello. Ha nesta data uma manifesta impossibilidade quanto a sua existencia (5).

---

(1) Vide Berrêdo *Annaes* n. 932.

(2) Vide Berrêdo *Annaes* n. 933.

(3) Em 1651 houve reclamação da camara do Pará para a divisão das duas Capitanias com administrações independentes; e assim se resolveu por carta regia de 23 Fevereiro de 1652.

Passados dous annos a metropole resolveu de novo a reunião das Capitanias em um só governo, e veio André Vidal de Negreiros encarregado de executar essa deliberação, munido de todos os poderes.

Vide Berrêdo — *Annaes* n. 998 e Baena — *Compendio das eras do Pará* pag. 73 e 81 e *Ensaio corographico sobre a provincia do Pará* pag. 133.

(4) Vide Berrêdo — *Annaes* n. 1005, e o to. 1 destas *Memorias* pags. 265 e 479.

(5) Se Antonio Teixeira de Mello fosse vivo, alem de 1647, he de presumir que Francisco Coelho de Carvalho, que não completou o seu triennio como governador da capitania, o tivesse deixado por seu substituto em 1648 quando falleceu, assim como nomeou á outros.

Vide Berrêdo — *Annaes* n. 942 e to. 1 destas *Memorias* pag. 233.

Ao concluir o livro setimo do seu interessante trabalho sobre a luta Hollandeza, o douto censor, fixando a data da partida do Conde de Nassau do porto da Parahyba para a Hollanda (22 de Maio de 1644), diz que a noticia da rendição do Maranhão chegára a Pernambuco em vesperas desse acontecimento. Naturalmente o conde recebeu-a por via das Antilhas, porquanto, do Maranhão, nenhuma lá foi, e nem logo poderia ir pela difficuldade da navegação para sotavento, o que he sabido, e Southey bem o reconhece (1). Mas accrescenta ainda o douto censor :

„ O governo da colonia escravisada ficou em mãos de trez conselheiros secretos : Henrique *Hamel*, antigo negociante de Amsterdam, A. van *Bollestrate*, outr'ora carpinteiro em Midleburgo, e o mesmo Pedro S. Bas, antigo ourives, *que tantas extorsões praticára no Maranhão*. Era secretario J. van Balbeeck. " No to. 2 da sua *Historia geral do Brasil*, pags. 2 e 3 tambem já havia dado estas informações,baseado, ao que parece, nas *Memorias historicas da provincia de Pernambuco*, to. 2 liv. 5 pag. 134 de José Benardo Fernandes Gama.

Este facto pouco importaria para o interesse deste livro, todo relativo á historia das provincias que outr'ora constituião o antigo *Estado do Maranhão;* mas o nome de Pedro Bas, incluido no triumvirato que substituio o Conde de Nassau em Pernambuco, obriga-nos á um pequeno exame, por nos parecer que o individuo em questão, se he o mesmo que se achava em Maranhão, não podia fazer parte dessa commissão do Supremo Conselho Secreto Hollandez *(Hoogen Raad)*, no momento da partida do Conde de Nassau, a menos que não tivesse deixado o Maranhão muito antes de 28 de Fevereiro de 1644, o que por ora ainda se não demonstrou.

O que Fernandes Gama assevera no livro 5º de suas *Memorias Historicas* está de accôrdo com o que diz Netscher, na sua obra — *Les Hollandais au Brésil* pag. 135, nas seguintes palavras.

„ Todavia o dia nefasto para o Brasil Hollandez tinha

---

(1) Southey no to. 3 da sua *Historia do Brasil* pag. 61, traducção portugueza, diz o seguinte :

„ E como baldado fôra tentar alcançar o Recife, demandarão a ilha de S. Christovão."

chegado. Em 6 de Maio de 1644 Mauricio abdicou a dignidade de governador do Brasil Neerlandez na sala das sessões do conselho do governo em Mauritsstad *(Recife)*, em presença de todos os altos funccionarios, commandantes militares e o cléro ; elle entregou seus poderes nas mãos do Grão-Conselho *(Hoogen Raad)*, que se compunha dos conselheiros *Hamel, van Bullestrate* e *Bas.* „

Em nota accrescenta.

„ *Nieuhoff* pag. 57, e, segundo este, Southey, *indicão* em lugar do nome de *Bas*, o de *van der Burg* ; he um erro. Tomamos os nomes conforme as suas assignaturas nos Archivos do Reino. "

Entretanto Fr. Manoel Calado que, na epocha, vivia em Pernambuco, e tinha relações com os governantes, publicando *verbo ad verbum* o Edital desse triumvirato, datado de 1645, apresenta por esta forma as assignaturas (1) : *João Bolestrate, Henrique Hamel, Petre Vaes, João de Valbeque.* Quando mesmo o *v* fosse tomado por *b* nos nomes de *Vaes e Valbeque*, ainda asssim Baes não seria Bas. No *Castrioto Lusitano*, liv. 6 n. 33, Fr. Raphael de Jesus escreve os nomes pela seguinte forma : João *Bolestrate.* Henrique *Manoel.* Pedro *Bakes.* João *Balbeques.* "

Toda a questão pois cifra-se em saber se *Pedro Bas*, o chefe politico, o director do Maranhão, o *Edil* de S. Luiz, como chama Barlœus, he o mesmo que figurou nessa commissão administradora (2).

Não temos no paiz meios para verificar esta questão, e decidi-la com perfeito conhecimento de causa, somente poderiamos encontra-los na Hollanda, em seus archivos. Mas temos dados para duvidar da identidade do personagem. O do Maranhão assigna-se P. J. Bas, o do douto censor pelo contrario chama-se Pedro S. Bas. Pode ser erro de copia ou de imprensa : mas, como prova-lo?

Nenhum chronista portuguez ou hollandez assegura que o Pedro Bas do Maranhão voltasse para Pernambuco no intervallo de 31 de Janeiro de 1643 á 28 de Fevereiro de 1644, sob qualquer pretexto. Tudo faz acreditar o contrario.

---

(1) Vide o *Valeroso Lucideno* liv. 3, cap. 3 pag. 182.

Mas, se a sua volta fez-se em 28 de Fevereiro de 1644, que caminho tomou para alcançar Pernambuco em tempo de ser nomeado para tão elevado posto? Se o Edil, a que allude Barlœus he, como suppomos, Pedro Bas, do Maranhão, esse foi assassinado pelos indigenas no Ceará, conforme aquelle escritor.

Por outro lado: as viagens para sotavento erão naquelle tempo mui difficeis, maxime em navio redondo. Não indo procurar a equinocial, as viagens acompanhando o litoral demandavão largo tempo,não poucas veses excedião de quatro meses, e mais.

Em taes circumstancias não he de presumir que o mesmo individuo vindo das Antilhas para Pernambuco, depois de tão deploravel abandono do posto, podesse logo fazer parte da commissão administrativa do Supremo Conselho do Recife, preterindo outros que ali devião existir com antigo e duplice prestigio.

Em todo o caso, parece-nos mui duvidosa a identidade dos dous individuos em questão.

Eis as observações que nos cumpria faser sobre o liv. 7 da *Historia das lutas dos Hollandeses*, em muitos topicos, em desharmonia com a obra do padre José de Moraes, que deviamos defender no que nos pareceu justo e veridico.

Esta obrigação, e o interesse da verdade historica, imposerão-nos a ingrata tarefa de contrariar as opiniões e affirmativas de um illustrado escritor que tantos e tão relevantes serviços ha prestado á historia patria, alem das qualidades distinctas que o ornão como cavalheiro. Mas, em tal situação, a *amica veritas* deve ter a preferencia, até por que conhecida ella, todos ganhamos.

Advertencia

Os leitores que não tiverem comprado o primeiro volume destas *Memorias*, e não quizerem formar collecção, podem não obstante utilisar-se do presente, servindo neste caso na encadernação do rosto de sobresalente, que juntamos sem a numeração.

Notas additivas

E

Rectificações.

Pagina III

linha 4 — Ja o *Semanario*, etc. : lêa-se : — Ja no *Semanario*.

lin. 15 — 1854 : lêa-se : — 1853.

Pag. IV

lin. 3, — Excidio : lêa-se : — morticinio.

Pag. VII

Sobre a respeitabilidade do caracter de Berrêdo, como historiador, alem do que fica dito na nota (2) desta pagina, consulte-se o to. 1 destas *Memorias*, de pag. 294 *usque* 296.

Pag. IX

lin. 2. — ne para lastimar etc. : lêa-se : — he para lastimar.

lin. 17. — *Suum cuique :* lêa-se : — *cuique suum.*

Pag. XIII

Gabriel Soares na *Noticia do Brasil*, cap. 67, chama tambem *Itapocurú* ao rio da provincia de S. Catharina, hoje conhecido pelo nome de — *Itapucu.*

Convem ainda notar sobre a etymologia da palavra — *Itapicurú*, que a rasão da corruptéla em *Itapicurú* provinha da difficuldade da pronuncia do *u* na lingua Tupy, que muito se assemelhava a do *u* Francez, e por isso os Jesuitas muitas veses o substituirão por *y* e *i*.

Pag. XIV

Etymologia da palavra — *Ceará.*

Ha duas versões sobre a etymologia desta palavra. Outr'ora tanto os nossos chronistas como os Hollandeses escrevião *Siará* e *Ciará ;* posteriormente tem prevalecido a nova orthographia — *Ceará*. Qual a rasão ? Ninguem poderia disê-lo.

Ayres do Casal na *Corographia Brasilica* to. 2 pag. 195, fundado em

um *disem*, assegura que *Ciará*, no idioma dos indigenas significava *canto da jandaya*, que he uma casta de papagaio pequeno e grasnador.

Milliet de Saint-Adolphe no *Diccionario geographico do Brasil*, art. *Ceará*, apoiando-se no precedente escriptor, e em Pisarro — *Memorias historicas do Rio de Janeiro* to. 8 pag. 221 nota 1, sustenta que o nome vem de certa especie de papagaio, que os indigenas appellidavão — *ciará*, com quanto outros (Pisarro) julguem que a origem do nome está na palavra indiana — *Suia*, que quer diser *caça*, e que os Portugueses achando-a com abundancia nos arredores da enseada de Mucuripe, servirão-se deste nome, que por corruptéla converteu-se em *Ceará*. Pompeu no seu pequeno *Diccionario topographico e estatistico da provincia do Ceará* não duvida adoptar semelhante etymologia.

Marcgrav, tratando da actual provincia do Ceará, diz *Ciará* como os Portugueses, e Barlœus *(van Baerle) Siará*. No mappa este escreve *Ciará*, a denominação do pequeno rio do territorio do Rio-Grande do Norte, ao passo que Marcgrav ou melhor João de Láet o denominou — *Syrag-minor*. Foi de Laet quem organisou os trabalhos de Marcgrav, mas tirou o nome de *Syrag-minor* da obra de Jacob ou João Rabbi, allemão ao serviço da Hollanda, que era um notavel interprete, tanto da lingua Tupy, como da dos Tapuyas.

As etymologias de Ayres do Casal e de Pisarro, que não se apoião em chronista algum, são arbitrarias, pois não existe semelhante papagaio, cujo canto exprima a palavra em questão; e caça, em Tupy, não he representada pela palavra *Suiá*, mas por *çoô*.

Mas conhecida a rasão do nome dado ao territorio, outr'ora de Jaguaribe, facil será, senão descobri-la, conjectura-la com alguma apparencia de verdade. *Siará-mirim*, ou *Syrag-mirim*, segundo Rabbi, era a corruptela de *Ciri-apoá-mirim*, i. e., pequeno caranguejo redondo, ou pequeno caranguejo do alagado, attenta a abundancia desse crustaceo no local ondo se deslisa esse pequeno escoadouro, chamado impropriamente rio. De *Ciri-apoá* se fez por contracção *Ciri-á*, e depois *Ciará*.

Poder-se-ia tambem explicar o nome por *Çoara-mirim* de rio ou corrente curta; *Ceyá-mirim*, rio do pequeno rebanho; *Cuar-y-mirim*, rio de bagas, certa planta palustre; *Cereruá* e *Cery-mirim*, rio de certas aves da familia do cuco, etc.

Outras combinações se podem faser das palavras — *Cay*, *Say*, ou *Saim*, o macaco que chamamos *saguim* abundante nas matas do litoral; *Saviá*, rato do mato, *Sijá*, certo passaro verde, *Corayá*, ave aquatica, *Curuá*, certa palmeira, *coara*, buraco, etc., etymologias mais supportaveis que as lembradas por Ayres do Casal e por Pisarro.

Gabriel Soares tratando do *Sijá*, passaro verde com o bico revolto, no cap. 87, diz que he do tamanho do papagaio, e vive na toca das arvores de cujo fructo se mantem. Mas não o contempla como papagaio ou de sua familia, como faz nos caps. 80 e 83, a respeito de outras variedades deste celebre volatil. Marcgrav nem delle trata.

Pag. XV

lin. 2. *Paiz ou região do Jaguaribe*. Sempre assim se entendeu o paiz ao norte do Apody, com quanto, sobre a extensão do dominio Petiguar ao norte, hajão duvidas, estendendo uns até o rio Jaguaribe, outros até o Apody, e outros, a nosso ver com mais fundamento, até o rio Assú. O espaço comprehendido entre esse rio e o Jaguaribe era dominio Tapuya, tribus que obedecião á Janduy, na epocha dos Hollandeses.

Pagina XI

lin. 10. *que escreveu em* 1594. lêa-se : que escreveu em 1584.

Foi até esta data que Gabriel Soares escreveu a sua obra, porquanto nos caps. 11 e 12, tratando da Parahyba do Norte, ainda não se refere á sua definitiva conquista por Martim Leitão, que teve lugar em 1585.

Elle fez entrega da sua obra em Madrid a D. Christovão de Moura no 1º de Março de 1587.

Vide *Revista do Instituto Historico* to. 21 pag. 455 onde se achão varios e importantes documentos sobre Gabriel Soares publicados por Varnhagen. Consulte-se tambem Innocencio no *Dicc. Bibl.* to. 3 pag. 112.

N. B. Esta rectificação por engano não entrou no lugar proprio, por isso aqui a contemplamos.

Pag. XVI

NOTA (1).

Convem distinguir a aldêa do *Ygapó* da epocha do Camarão, da de *Guagirú*, creada pelos Jesuitas depois da guerra Hollandesa, que talvez não fosse no mesmo local da antiga. Hoje os descendentes desses indios residem na aldêa chamada dos *Veados*, nas visinhanças do Ceará-mirim.

NOTA (2).

Segundo o que escrevemos na nota (2), á pag. 467, era nossa conjectura de que a aldêa onde forão sepultados os ossos do padre Francisco Pinto, era Messejana, em rasão do nome de *Pai-Pina;* mas reflectindo melhor, e attendendo á carta do padre Manoel Gomes, á pag. 79 do to. 1 destas *Memorias*, que fixa a distancia dessa aldêa da antiga fortalesa do Ceará, mudamos de parecer, e entendemos que outra não pode ser senão a antiga aldêa da *Parangaba* (Arronches).

Pag. XVIII

lin. 3 e 4. O nosso calculo quanto a data do baptismo de Camarão necessita de rectificação. A *quinquagesima* do anno de 1612 cahio em 4 de Março, por isso que a *paschoa* teve lugar a 22 de Abril.

NOTA (1).

Qual o nome indigena do celebre Camarão?

Simão de Vasconcellos he positivo quando o denomina *Potyguassú*, e outro tanto não se pode diser de Fr. Manoel Calado quando chama-o *Puty*, o unico chronista que assim o designa, e nome que lhe podia dar por contracção do primeiro, o que muitas vezes acontecia.

A traducção portuguesa mais se ajusta com o primeiro do que com o segundo nome. A palavra — *Poty* era o nome generico de marisco, especialmente o que não se revestia de conchas. O crustaceo que hoje chamamos *camarão*, era pelos indigenas chamado *Guaricurú*. O que então se chamava *cámarão* era o *Potyguassú*, e nesta parte Piso na edição de 1654 e Marcgrav na de 1648 da *Historia natural do Brasil* são accórdes com Gabriel Soares na *Noticia do Brasil*.

Piso e Marcgrav trasem a estampa do *Guaricurú*, o nosso actual camarão, e Piso descreve o *Potyguassú* desta forma:

„ Vulgo *Camaraon* dicitur, qui fusci est coloris, sex cruribus cum tribus internodiis spinosis et aculeatis, unguiculis in extremitatem desinentibus. "

Marcgrav em lugar de diser *fusci coloris*, diz *nigricans*, para differença-lo do *Potiatinga*, outra especie.

Gabriel Soares, no cap. 145 *in fine*, descreve por esta forma o *Potyguassú :*

„ *Potiassú* são uns camarões que se crião nas concavidades das ribeiras, e tem tamanho corpo como os lagostins, e o p scoço da mesma maneira, tem a casca nidia, e as pernas curtas, os quaes crião coraes em certo tempo, e em outro, tem o casco gordo como lagosta, que se tambem tomão as mãos, e são muito saborosos, e estes, e os mais não são nada carregados. „

Potyguassú — quer diser animal de grande mão de ponta ; de *po*, mão, *té* ou *ty*, ponta, e *assú* ou *guassú*, grande, precisamente o crustaceo descripto por Piso e Gabriel Soares. Vide *infra* pag. 176 nota (1) e 181 nota (2).

Pag. XIX

lin. 68. *Petiguar* e rio *Puty* ou *Pitigy*. O nome de *Petyguar* parece-nos o verdadeiro dessa tribu que vivia no Rio-Grande do Norte, que quer diser senhor do *petun* ou *peti*, a herva que chamamos *fumo* ou *tabaco*.

Petiuara ou *Petiguára* significa senhor do *petun* ou tabaco, titulo de nobresa, e não *Potiguára*, pescador de camarões. O Rio-Grande era chamado *Petungy* ou *Pettigy*, e por corruptéla — *Potengy*, nome que era dado pela plantação que em suas margens fazião os indigenas da famosa herva. Ora essa tribu era á que mais usava e apreciava o *petun*. Vide João de Laet — *Novus Orbis* liv. 15 cap. 4, referindo-se á viagem de Antonio Knivet, navegante inglez.

Gabriel Soares tratando destes indigenas no cap. 13 da *Noticia do Brasil* diz o seguinte *:*

„ Este gentio he de má estatura, baços na côr, como todo o outro gentio, não deixão cahir nenhuns cabellos no corpo senão os da cabeça, porque em elles nascendo os arrancão logo, fallão a lingua dos Tupinambás e Caytés, tem os mesmos costumes e gentilidades."

E mais adiante :

„ São grandes lavradores de seus mantimentos, de que estão sempre mui providos, e são caçadores bons e taes frecheiros que não errão frechadas que atirem. São grandes pescadores de linha assim no mar como nos rios de agua doce. Cantão, bailão, comem e bebem pela ordem dos Tupinambás. "

Pag. XXII

NOTA (2).

lin. 1. *Primeiras pazes*. As primeiras pases feitas com os Petiguares devem entender-se, as que se effectuarão em 1599, com os indigenas dessa tribu, que demoravão ao sul do rio *Potengy* ou *Petigy*. As outras, realisadas em 1602, dependerão de luta travada com os indigenas que vivião ao norte do mesmo rio, de que foi principal intermediario o padre Francisco Pinto, e á que alludem José de Moraes no to. 1 destas *Memorias* pag. 84 e Campos Moreno no *Livro da Rasão d'Estado* art. *Rio Grande do Norte*.

NA MESMA NOTA.

Antonio Knivet, nauta inglez, navegou por muito tempo na costa do Brasil entre 1591 e 1603. He elle quem em sua viagem, que se acha na collecção de João Lodewyk Gottfried, publicada em Leyde por Vander Aa, no anno de 1707, refere-se á esse cacique Petiguar *Pirajua* ou *Pirajiba*, que denomina em sua linguagem *Piraiuwath*, que cercara Feliciano Coelho na cidade do Natal em 1602.

As nossas chronicas somente mencionão um indigena notavel deste nome na Parahyba, era Tabayara. Mas o nome era vulgar entre os indigenas. Claudio d'Abbeville na sua *Historia* cap. 26 cita um cacique deste nome, e outro chamado *Sorouéué* o que faz lembrar o *Sorobabé* do Rio Grande do Norte.

Parece-nos tão cheio de verdade o que narra o nauta inglez, que em resumo aqui consignamos.

Em 14 de Agosto de 1601 Salvador Corrêa de Sá *(o velho)* e sua senhora seguirão para Pernambuco no navio de Knivet, que aportou em fins de Setembro a margem do rio Camaragibe *(Alagôas)* no engenho de um allemão.

O engenho chamava-se — *Buenos-Ayres*, e ainda hoje exis-te. O allemão era Christovão Linz, tronco de uma numerosa descendencia, em toda a diocese de Pernambuco. Vide Varnhagen — *Historia geral do Brasil* to. 2 pag. 12. Foi Linz ou Lintz, que era engenheiro, quem levantou a fortaleza do Cabedello, segundo refere o padre Jeronymo Machado no *Summario das Armadas* cap. 19.

Nesse engenho forão excellentemente tratados, e demorarão-se até o fim do anno. Por essa epocha veio visitar á Salvador Corrêa, Manoel de Mascarenhas, capitão-mór de Pernambuco, e, depois de dous dias de descanço voltou com os hospedes de Linz e Knivet para Olinda.

Vinte dias depois da estada naquella cidade foi que Manoel de Mascarenhas teve noticia do cerco de Feliciano Coelho na cidade do Natal pelos Petiguares *(Putiwarres)*, em grande numero (40 mil), tendo por chefe Piraiuwath, cujo nome diz Knivet, significava, *espinha do peixe*. Manoel de Mascarenhas com as forças que levou, destroçou os indigenas, matando-lhes 5000, e fasendo 3000 prisioneiros.

Feita a paz com o cacique, deixou Mascarenhas uma forte guarnição na fortalesa e 40 peças de ferro.

N. B. — Neste facto narrado por Knivet vem um importante esclarecimento para a historia do Rio de Janeiro, nessa viagem de Salvador Corrêa de Sá, sobre a qual nada disem nossos chronistas.

Ha incertesa sobre o tempo da administração de Salvador Corrêa de Sá *(o velho)*, que, segundo Moreri no *Diccionario historico*, excedeo de 30 annos de 1578 á 1617. Mas ha intervallos, de que não existem documentos, e os que se tem encontrado são silenciosos. Desta viagem á Camaragibe em 1601 ninguem dá noticia. Vide Pizarro — *Memorias historicas* to. 2 pags. 114 e 115.

Pag. XXIII

NOTA (2)

Este franciscano Fr. Bernardino das Neves era irmão de Fr. Manoel da Piedade, que foi ao Maranhão com Jeronymo de Albuquerque. Ambos erão filhos de João Tavares um dos primeiros conquistadores da Parahyba. Vide Jaboatão — *Orbe Seraphico* to. 2, e *infra* pag. 247 nota (1).

NOTA (3)

Feliciano Coelho de Carvalho na carta que dirigiu á Philippe II em 20 de Agosto de 1597 e que foi interceptada pelos Inglezes (Hackluyts o. 4 pag, 246), chama á este nauta francez *Rifoles*, e dá noticia de seu desastre.

Pag. XXIV

lin. 14. — Vide *supra* pag. LVX o que dissemos sobre a verdadeira data do baptismo deste cacique ou principal. — 4 de Março de 1612.

NOTA (5).

Jacob Rabbi. Barlœus chama-o João Rabbi, allemão do principado de Waldeck. Ja dissemos em outro lugar o que pensamos desse limite do dominio Petiguar, que suppomos não ultrapassava do rio Assú.

Pag. XXVII.

lin. 2. *Jacaúna*. Seria este indigena o pai de D. Diogo Pinheiro Camarão, Francisco Pinheiro, ou era outro irmão do Camarão? Nossa conjectura he contraria, suppomos que Jacaúna era João de Almeida. Vide pag. XXX nota (1), pag. XXXVII nota (3) e pag. 181 nota (3).

Milliet de Saint-Adolphe no *Dicc. Geog. do Brasil*, art. *Camarão*, diz que o *Jacaúna* tambem era conhecido por *Japaranátuba*, mas não indica a fonte de onde colheu esta noticia.

Pag. XXXI.

lin. 19. *Em Sergipe*. He inexacto. O Camarão demorou-se em Sergipe, em quanto a conquista Hollandesa não alcançou Rio Real. Em 1645 estava ou devia estar em territorio da Bahia, em local que ignoramos.

Pag. XXXII.

lin. 10. O rio Igarassú, com a foz formada pela ilha de Itamaracá, era o limite da capitania de Duarte Coelho Pereira, que chamou á sua doação — *Nova-Lusitania;* mas prevaleceu o nome de Pernambuco, corruptéla de *Paranapuc* ou *Paranapucu*, furo ou lingua de mar.

Prevaleceu o nome de Pernambuco porque o porto de Olinda tambem se chamava — *de Pernambuco*, cujo nome vinha da fóz ou lingua de mar que sahe ao Oceano, como um escoadouro do rio Capibaribe. He o pequeno esteiro chamado *mosqueiro*, onde ancorão em Pernambuco os navios de menos-calado, e que he formado pela muralha de pedra do Recife e o isthmo que líga essa cidade á de Olinda.

Pelo contrario em Itamaracá o nome do *rio de Pernambuco* perdeu-se, porque D. João III por carta regia do 1º de Setembro de 1534, que pode-se lêr no *Atlas do Imperio do Brasil* pag. 20, onde vem a concessão de Pedro Lopes de Souza, mudou o nome desse rio ou esteiro que cerca Itamaracá, em *rio de Santa Cruz*.

Ainda neste ponto o estudo do territorio do Ro-Grande do Norte veio dar-nos a explicação do termo — *Pernambuco* que Gabriel Soares, pretende que seja — *mar furado*, quando outra he a idéa.

O desaguadouro da lagôa Groahiras no Rio-Grande do Norte se chamou — *Pernambuquinho*, e porque rasão? Porque os indigenas o chamavão *Paranapuc* ou *Paranápucú*, como se pode ver no mappa desse territorio na obra de Campos Moreno — *Livro da rasão d'Estado*.

Parece que outr'ora na fóz desse desaguadouro havia uma aldêa com o mesmo nome, que depois se mudou mais para o Sul, onde presentemente se acha.

Hoje esse desaguadouro chama-se rio Camoropim.

Pag. XLI.

NOTA (2).

Fundamos o nosso juiso acerca do conhecimento que tinha João de Laet da obra do padre Manoel de Moraes no *Novus Orbis*, traducção franceza do mesmo de Laet, publicada em 1640, nos seguintes trechos :

Liv. 15, cap. 1 : — „ Mais je ne puis obmettre en ce lieu le jugement d'un nouveau autheur Portugais, le commentaire du quel a esté nouvellement imprimé en Angleterre, en Anglais. "

Cap. 2 : — Je rapporte ces choses sur la foi d'un certain religieux Portugais, que les a depuis peu escrites. "

Cap. 3 : — Voilá ce qu'en dit cet autheur Portugais imprimé en Anglais, et qu'on estime etre quelqu'un de la Societé. "

Cap. 12 : — Cuja inscripção diz : — Poissons de mer du Bresil selon cet autheur Portugais et autres. "

Pag. XLV.

Vide *supra* a rectificação á pag. LXIII em relação á pag. IX lin. 17.

Pag. XLVIII.

NOTAS (1) E (2).

O Conde da Ericeira distingue na sua *Historia de Portugal restaurado*, o quartel do chefe dos sublevados das trincheiras do Carmo (*infra* pag. 427), o que está de accordo com a carta de Pedro Bas, de 31 de Janeiro de 1643 (*infra* pag. 444), distincção que não fiseram Berrêdo nos *Annaes* n. 835, 836, 848, 849 e 820, e nem o padre José de Moraes no to. 1 destas *Memorias*, pags. 161 e 162, 165 e 166.

Pag. LIV.

lin. 22. — *Salinas de Upanema*. O nome de Upanema em outros lugares do Brasil tambem se escreve *Ypanema*. A difficil pronuncia do *u* em Tupy era a causa dessas differenças na escrita e na expressão.

Pag. 11

NOTA (1).

Em verdade he posterior a viagem de Luiz de Mello da Silva, por quanto demandou o Maranhão depois dos filhos de João de Barros, em 1549 ou 50, pouco mais ou menos, quando os companheiros de Orellana voltavão da segunda expedição.

O primeiro explorador portuguez que foi ao *Maranhão*, ou antes ao Amasonas, assim ja conhecido por aquelle nome, foi Diogo Leite em 19 de Fevereiro de 1531, mandado do rio de Pernambuco (*Itamaracá*) por Martim Affonso em duas caravellas. Elle commandava uma de nome *Princesa*. A outra chamava-es *Rosa*. Nos antigos mappas a bahia do Tury-assú tinha o nome de *abra de Diogo Leite*.

Por esse mesmo tempo (1531) o hespanhol Diogo de Ordaz tentou a mesma empresa sem fructo, ou antes com perda de um de seus navios. Vide sobre o primeiro facto o *Diario de navegação* de Pero Lopes de Sousa.

Pag. 14

NOTA (2).

Parece que o nome dessa fortalesa se conservou na fasenda da *Conceição* á margem esquerda do rio Itapucurú, pertencente á familia—Gomes de Sousa.

Pag. 20

NOTA (1).

Ordem Domiciana, lêa-se: *ordem Dominicana.*

Pag. 39

lin. 16 : — *Capuchinos*. Engano do autor. Erão *Capuchos*, o que he mui differente. Capuchinhos vierão somente com os Franceses.

Pag. 177

NOTA (4).

Parece que o nome indigena correspondente á — *Pau Secco* era *Ibiraypé*. Os Franceses disião *Ouyrapiue*.

Pag. 183

lin. 24 — *Anime*. Refere-se á gomma resina aromatica e medicinal deste nome. Tambem abunda no Rio Grande do Norte.

Pag. 190

lin. 37 e nota (1). Parece que os indigenas *Teremembés* dominavão a costa do Brasil, não desde a fóz do Jaguaribe, mas da do Camucy até a ilha do Maranhão.

Outros disem, mas sem fundamento, que o dominio dessa tribu tambem chegava ao rio Gurupy.

Berrêdo nos *Annaes* chama-os *Taramanbases*. Vide ns. 1231 usque 1236.

Vital Maciel Parente os destruio completamente em 1679, sem respeitar sexo ou idade, porque não era então permittido escravisa-los.

Pag. 191

lin. 22 — Francisco de *Pavares* : lêa-se — Francisco de *Tavares*.

Pag. 196

lin. 42 — *Birampitanguá*, i. e., *Ibirapitanga*, que os Portugueses tradusião por *Brasil*. Os filhos deste notavel cacique, dados em refens chamavão-se *Ipecutinga* (Cortapau branco) e *Guiraytapava* (ave de cachoeiras), como se vê á pag. 197 logo no principio. Vide *infra* pag. 250. Ivo d'Evreux diz *Ybouyra-Pouïtan*.

Pag. 242

lin. 41 e 42. *Com até agora* : lêa-se *como que até agora*.

Pag. 248

lin. 19. Novo convento dos *Capuchos* : deverá lêr-se — *Capuchinhos*.

NOTA (2).

A fonte d'agua viva, á que o autor refere-se, não pode ser senão a do actual convento de S. Antonio, por quanto os Capuchinhos Franceses, alem do Hospicio que possuião junto ao forte de S. Luiz que depois foi collegio dos Jesuitas, tinhão tambem uma capella com invocação de S. Francisco por sobre essa fonte. Confronte-se com esta passagem o que diz Claudio d'Abbeville — na *Hist. das Missão do Maranhão* pags. 66v. e 67.

O primeiro hospicio provisorio desses religiosos foi á margem direita do Anil, defronte do forte S. Luiz, tambem com a invocação de S. Francisco, segundo o mappa de Campos Moreno, no *Livro da Rasão d'Estado*. O segundo, ao lado esquerdo do mesmo rio, foi estabelicido no local onde se acha o Recolhimento de N. S. d'Assumpção. Vide o to. 1 destas *Memorias* pag. 74.

Pag. 251

lin. 10 — Aldêa dos *Pedras-Verdes*, vem a ser a aldêa de *Itaoby*.

Pag. 252

NOTA (2).

Segundo o *Quadro elementar* do Visconde de Santarem, to. 4 pag. 180 nota (1) da introducção, La Ravardiere fôra preso em Lisbôa á 25 de Junho de 1619; por tanto o tempo anterior passara alli como prisioneiro tendo a cidade por homenagem.

Elle embarcou de Pernambuco para Lisboa ja no fim de 1616. Em 1624, aos 27 de Novembro, estando em Pariz, obtinha do governo francez, com Londriers, um privilegio para colonisar o paiz entre o Amasonas e a ilha da Trindade.

Pag. 274

NOTA (2).

Carrazeao— lêa-se : *Carrazedo*.

Pag. 423

NOTA (3) NO FIM.

Em lugar de pags. 438, lêa-se: 437.

Pag. 424

NOTA (3).

Alguns negros. Os Portugueses assim tambem chamavão aos indigenas por se pintarem com genipapo, que lhes dava essa côr.

Pag. 436

NOTA (1).

Vide o que dissemos á respeito de Luiz de Mello da Silva a pag. LXIX.

Pag. 444

NOTA (3).

lin. 5: mas *dentro* da meia lua, etc. lêa-se: mas *fora* da meia lua, etc.

Pag. 450

lin. 34. Concebido a esperança *que de* por mão, etc., lêa-se : concebido a esperança de que por mão, etc.

Pag. 455

NOTA (3).

Vide *infra* nota (1) á pag. 459.

Pag. 459

NOTA (1).

O rio *Marajaitiba* onde os Hollandeses projectavão fundar uma fortalesa de cinco pontas, não he como suppunhamos a pequena ribeira do Ceará, mas outro rio mais ao sul, talvez o proprio Jaguaribe, em cuja fóz tambem os Portugueses tiverão um forte chamado S. Lourenço. Note-se que *Jaguaribe* quer diser rio de Onças, e entre este rio e o Apody havia pelo litoral um lugar chamado habitação de onças, o equivalente de Marajaitiba.

Varnhagen na *Hist. geral do Brasil* to. 1 pag. 401 diz *Marijaitiba*, no que parece houve equivoco, cousa muito natural em nossa historia tão pobre de subsidios.

Pags. 464 e 468

NOTAS (1) E (4).

Vide o que dissemos sobre estes indios á pag. LXX destas rectificações.

Pag. 495
NOTA (2).
Por esta nota vê-se que os *Teremembés* vivião ao norte do Ceará e erão visinhos do rio Camucy, pelo litoral. Portanto a região que dominavão era entre esse rio e a ilha do Maranhão.

Pag. 498
lin. 7 — *D. Jorge.* Era um indio filho de um dos principaes da Ibiapaba, o mais antigo. O padre André de Barros, na *Vida do padre Antonio Vieira* liv. 2 § 264, chama-o D. Jorge da Silva, e tambem Jorge Gomes *Tieuna.* Parece ser o ultimo o seu nome indigena.

Pag. 507
lin. 16 e 17 — Eis que um padre *nosso,* etc. Parece que o autor dessa façanha foi o padre Jeronymo Machado, autor do *Summario das Armadas,* etc., por isso que estando presente na conquista da Parahyba, cala o nome desse heroe.

Vide o mesmo *Summario* na *Revista do Instituto* to. 36 p. 1; pags. 36 e 37.

NOTA (1).
Os Francezes expulsos do Rio de Janeiro vierão primeiro attacar o Recife, e depois se estabelecerão na Parahyba.

Pag. 519
NOTA (1).
Vide *supra* pag. XXIII nota (3), assim como á pag. LXX, o que dissemos sobre a significação de *Pau secco* em Tupy.

Pag. 520
NOTA (2).
lin. 10 — possão *sorrir,* etc., lêa-se: possão *servir,* etc.

Pag. 522
NOTA (3).
Rodelas. Outros chamavão estes indigenas *Roderas,* julgando corruptela o primeiro nome.

Pag. 548
NOTAS (1) E (2).
Nem todos os indigenas do litoral do Brasil usavão de redes para dormir. Paulmier de Gonneville na sua *Relação* de 1503 e1504, publicada em 1869 nos *Novos Annaes de Viagens,* sustenta, e Gabriel Soares na *Noticia do Brasil* cap. 68 dá a entender que os *Carijós* dormião em camas de folhas *(esteiras),* ou de pelles, e não em rêdes. O mesmo praticavão os Guayanases e Goytacases.

Destes testemunhos devemos concluir que as rêdes de que aqui se trata, ou serião de pescar, ou para negocio com os colonos. E talvez que os mesmos *Carijós* tivessem posteriormente adoptado os usos dos indigenas que se servião de rêdes.

RELAÇÃO SUMMARIA

DAS

COUSAS DO MARANHÃO

ESCRIPTA PELO

CAPITÃO SIMÃO ESTACIO DA SILVEIRA.

DIRIGIDA AOS POBRES DESTE REINO

DE

PORTUGAL.

N. B. As notas desta *Relação* são do Edictor.

LICENÇAS.

Vi por mandado do Illm. Sr. Inquisidor Geral, esta *Relação do Maranhão*, composta pelo capitão Simão Estacio da Silveira, e não tem cousa contra nossa Santa Fé ou bons costumes, parece-me que se lhe deve de dar a licença que pede, porque brevemente, e sem affectação de encarecimentos, que outros costumão, diz as grandezas desta Conquista, que se assi he como se deve crer, uma pessoa qualificada e testemunha de vista e experiencia, esta terra virá a ser mui habitada de Christãos, e com ajuda do Céo nella se verá o nome de Jesus Christo mui venerado e dilatado; pelo que não póde esta breve *Relação* deixar de influir uns desejos mui apostados, e efficazes de tão louvavel empreza, nos animos dos ouzados e incansaveis Portuguezes, que n'outros tempos emprehenderão com menos esperanças cousas mais difficultosas, que á outras nações parecião temerarias, e segundo alguns praguentos ou invejosos da gloria Portugueza, barbaras e impossiveis.

Em S. Domingos de Lisboa, a 8 de março de 1624.

Fr. Thomaz de S. Domingos, magister.

Póde-se imprimir. Em Lisboa, a 8 de março de 1624.

O Bispo.

Póde-se imprimir esta *Relação*. Lisboa, a 8 de março de 1624.

Damião Viégas.

Que se possa imprimir esta *Relação*, e depois de impressa torne para se taxar, e sem isto não correrá a 9 de março de 1624.

Diniz de Mello. — V. Caldeira.

Taixão esta *Relação* em 30 réis em papel.

Diniz de Mello. — V. Caldeira.

Esta *Relação* concorda com o seu original.

Fr. Thomaz de S. Domingos, magister.

PROLOGO.

Quando fui á esta Conquista, no anno de 1618, se abalarão muitas pessoas das Ilhas a meu exemplo, parecendo-lhes que pois eu sem obrigação, a que ir buscar remedio deixava Lisboa, e me ia ao Maranhão, não seria sem algum fundamento. Na náo de que fui por capitão se embarcarão perto de trezentas pessoas, alguns com muitas filhas donzellas, que logo em chegando, cazarão-se todas, e tiverão vida que cá lhes estava mui impossibilitada, e se lhes derão suas legoas de terra.

Folgara de os ter agora aqui todos para testemunhas do que digo nesta *Relação;* mas reporto-me ao que escrevem, e aos que de lá vierão, que aqui andão chorando por tornarem. E se ainda houver alguns que suspirem por Portugal e pelas couves do Egypto (ou porque o amor da patria os provoca, ou porque só na gloria nos havemos de aquietar) quizera-lhes levar de novo outras tantas testemunhas que lhes forão lá contar, o que cá vai, para os acalentar. Eu não determinava publicar esta *Relação* sem ir diante de todos, abonando com as obras a verdade do que nella digo; mas quem me estorva esse bem (que devem ser meus peccados) não permittirá Deos que a impida tambem aos pobres deste Reino.

Aos que esta *Relação* (e as mais informações que tomarem) persuadir, a que vão viver nessa terra, peço em recompensa do bom animo, com que lh'a offereço, que quando se nella virem contentes e sem necessidades, roguem a Deos, que me leve tambem a ser-lhes companheiro, que eu, quando os vir ir, direi com o Poeta :

> Vivite felices, quibus este fortuna peracta,
> Jam sua; nos alia ex aliis in fata vocamur.

Deos escolha a todos o melhor.

Em Lisboa, a 7 de março de 1624.

Simão Estacio da Silveira.

Em Lisboa. Com todas as licenças necessarias, por *Geraldo da Vinha.* Anno de 1624.

RELAÇÃO SUMMARIA

DAS

COUSAS DO MARANHÃO.

I

DEMARCAÇÃO.

O Maranhão he uma conquista muito grandiosa e dilatada, cuja governação Sua Magestade tem demarcado desde o Ceará (que está em trez gráos e um terço da parte do Sul) até o ultimo marco do Brasil, que está em dous gráos da banda do Norte (1); em que ha de costa perto de quatrocentas legoas até o rio de Vicente Yanes Pinçon, onde dizem estar um padrão de marmore com as armas de Portugal desta parte, e as de Castella da outra, mandado alli fixar pela Cesarea Magestade do Imperador Carlos V, corre delle a costa a Leste quarta a Sueste. Tomou este nome de *Maranhão* do capitão que descobrio seu nascimento no Perú, (2), e para o Sul tem mais de quinhentas legoas pelo sertão.

II

PRIMEIROS DESCOBRIDORES.

No descobrimento desta conquista, tem Sua Magestade e os Senhores Reys passados, mettido muito cabedal, assim por terra como por mar.

Por terra, foi em seu descobrimento Gabriel Soares com

(1) Aliás 4 gráos e 6 minutos. Este erro muito nos tem custado na questão de limites com a França.

(2) Redacção incorrecta, faltando muitas palavras para explicar o pensamento do author que referia-se ao rio Maranhão, que deu nome ao paiz, tendo recebido o seu do Capitão que o descobrio no Perú.

muita gente, e chegando as cabeceiras do rio S. Francisco e á Serra Verde, perto de trezentas legoas pelo sertão escontra o Perú, perto da governação que lá chamão *Charcas* (1), na qual jornada se perderão muitos, e depois disto se fizerão algumas entradas pelos do Rio de Janeiro, onde tambem andarão annos sem conseguir nada.

Até que o governador daquelle Estado D. Diogo de Menezes, sabendo o cabedal, que pouco antes do seu tempo tinha mettido neste descobrimento Pero Coelho de Souza, e as guerras em que andou com o *Mel Redondo* nas serras de Goapava (2), e que entre aquelle gentio havia noticias do Maranhão (entendendo que estes descobridores devião andar perto delle) mandou conservar as amisades que elle deixou feitas com o gentio do Ceará, pelo capitão Martim Soares Moreno, que havia andado na companhia do dito Pero Coelho naquellas guerras: e para isto lhe deu um barco, e alguns companheiros, com que residio trez annos no Ceará, e adquirio pilotos e novas noticias do Maranhão.

III

JORNADA EM QUE SE DESCOBRIO

O governador Gaspar de Souza succedendo naquelle governo mandou (por particulares ordens de Sua Magestade) a Jeronymo de Albuquerque com cem homens por mar em quatro barcos proseguir esta empreza. O qual discorrendo a costa avante do Ceará foi até o Buraco das Tartarugas (3), e alli fez um presidio, e uma cerca, e se tornou a pedir mais gente, e cabedal para passar ao Maranhão, enviando entretanto a descobril-o pelo capitão Martim Soares Moreno em um barco, o qual o reconheceu, e por via de Indias (4) trouxe recado a este Reino, que estavão alli Francezes em quantidade, com o qual aviso mandou Sua Magestade ordem ao dito Governador Geral, que tornasse a enviar a este descobrimento e conquista ao dito Jeronymo de Albuquerque, que porisso lhe deu mais gente e munições com que em trez navios e cinco barcos veio

(1) Inexacto. Veja-se na REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO t. 21 pag. 455, a MEMORIA documentada do Sr. F. Ad. de Varnhagen sobre Gabriel Soares de Souza.
(2) Hoje IBAPABA.
(3) He a enseada de JERICOACOÁRA.
(4) Referia-se ás Antilhas (INDIAS OCCIDENTAES) por onde Moreno foi á Portugal.

até onde deixara o presidio, no qual se havia já provado á mão com os Francezes que ião em uma grande náo a povoarem o Maranhão, e desembarcando aqui em terra com duzentos homens bem armados para consumirem os nossos quarenta que estavão na cerca: lhes sahio o capitão Manoel de Souza d'Eça com dezoito homens, e metidos em um charco por entre umas junqueiras, e carriços que na praia fazia uma ribeira, os detiverão a todos, matando alguns, e os fizerão tornar a embarcar mal contentes.

IV

ENTRADA NO MARANHÃO, E BATALHA COM OS FRANCEZES.

Jeronymo de Albuquerque, que se ajuntou aqui com os seus, e ordenadas algumas cousas necessarias á jornada, fez resenha de sua gente e se achou com até quatrocentos Portuguezes e duzentos e vinte Indios amigos, que trouxera comsigo de Pernambuco, Parahyba, Rio-Grande, e partindo d'aqui foi ter a Guacenduba (1) que he a terra firme, que fica da parte de Leste da ilha de S. Luiz, onde estavão os Francezes, os quaes vendo as nossas embarcações e sabendo pelos Indios, que trasião por espias, a pouca gente Portugueza que havia na jornada: logo d'alli a poucas noites derão nelles, e lhes tomarão as embarcações com os mantimentos que havia, e d'ahi a oito dias nellas mesmas, e nas suas determinarão passar contra os Portuguezes des da ilha á terra firme, aonde ao desembarcar, os nossos como gente desenganada que não tinha nenhum remedio, nem mantimentos, derão nos Francezes, e quiz Deos favorecel-os, que sendo a este tempo mais de trezentos homens vencerão, matarão e prenderão a muitos dos Francezes.

E podera succeder muito ao contrario, se elles se não accelerarão em passar da ilha á terra em busca dos nossos com intento de não deixar nenhum para trazer novas.

E assim este despreso em que puzerão tão pouca gente de uma parte: e da outra a resolução, e aperto dos Portuguezes, vendo que nem para onde retirar, nem para esperar alli havia remedio, forão tudo meios que Deos tomou para lhes dar esta não esperada victoria, com que ficarão senhores do campo, e pozerão em fugida mais de trez mil Indios frécheiros,

(1) Guaxenduba. A costa fronteira á ilha na bahia de S. José.

que estavão em favor dos Francezes, depois de matarem dos Indios mais de quinhentos, e perto de cem Francezes.

V

SOCCORROS E EXPUGNAÇÃO.

Aqui teve o Capitão-mór alguns soccorros de mantimento de Pernambuco e da Bahia, com o capitão Francisco Caldeira de Castello-Branco, com cujo favor tratarão os Portuguezes de passar a ilha de S. Luiz, e como já o Capitão-mór tinha feito pazes com os Francezes, não houve de sua parte resistencia porque estavão em trégoas por quatorze mezes e enviarão seus embaixadores á Hespanha e França para que os Serenissimos Reys (como irmãos em armas) determinassem esta lide; e por se dilatar a resolução, foi Alexandre de Moura com uma armada de Pernambuco no anno de 1615, e não com pouca difficuldade e perigos do mar, entrou no Maranhão, pela barra de Peryá, onde (por ainda se não saberem aquellas barras) encalharão algumas vezes, mas sem damno, e com sua chegada se entregarão os mais Francezes do Maranhão, que estavão em trégoas, com pacto de se lhes dar passagem e matalotagem para França, em cuja entrega não faltarão competencias, por parecer a Jeronymo de Albuquerque, e á seus companheiros, que a elles se devia aquella gloria, que a tinhão trabalhado (1).

VI

PRIMEIRAS NOTICIAS DAS RIQUEZAS DO MARANHÃO.

Esta Provincia sempre foi muito requestada e desejada, e já em tempos dos serenissimos Reis el-Rei D. Manoel e el-Rei D. João III, se havia metido muito cabedal por descobrir e povoar o Maranhão, e não sem grandes motivos. Porque no tratado que Pero de Magalhães (2), escreveu das cousas do Brasil, no anno de 1575, refere, que indo certa nação deste

---

(1) O procedimento desleal de Alexandre de Moura ou do Governo da Metropole não prejudica a gloria de Jeronymo de Albuquerque; que nem he responsavel pela prisão que soffreu La Ravardière no Castello de Belém, por espaço de trez annos.

(2) Pedro de Magalhães Gandavo, HISTORIA DA PROVINCIA DE S. CRUZ, a que vulgarmente chamamos BRASIL, cap. 11.

gentio buscando novas terras em que habitar (que de seu natural são como ciganos amigos de andar pelo mundo) atravessarão algumas jornadas para o Poente, onde encontrando-se com outra nação sua contraria, que lhes sahio pelas espaldas, e sendo mais poderosa os obrigarão a metter-se muito pelo Sertão, e dos trabalhos do caminho e conflicto da guerra morrerão muitos, e os que escaparão forão ter a uma terra, onde havia povoações mui grandes e de muitos visinhos, entre os quaes erão tantas as riquezas, que havia ruas muito compridas de ourives que só se occupavão em lavrar peças de ouro e pedrarias, com os quaes se detiverão alguns tempos (1).

E vendo-lhes levar ferramentas, lhes perguntarão, de quem ou porque meios as havião, e elles os informarão; como da parte do Oriente ao longo do mar habitavão uns brancos que tinhão barba, de que as alcançavão: então lhe derão os outros os mesmos signaes dos Castelhanos do Perú, dizendo-lhes, que tambem da outra parte do Poente tinhão noticia haver gente semelhante, e lhe derão a troco das ferramentas, certas rodellas todas chapeadas de ouro, e ornadas com esmeraldas, pedindo-lhes que as levassem para mostrar áquellas gentes, que tinhão as ferramentas, e que lhes dissessem, que se a troco daquellas peças e outras semelhantes lhes quizessem levar ferramentas, e ter communicação com elles, que o fizessem, que estavão prestes para os receberem com muito boa vontade, e que partidos d'alli forão ter ao Rio das Amazonas, e navegando por elle acima dous annos, chegarão á Provincia de Quito (terra do Perú) onde logo forão conhecidos por gente do Brasil, e contarão sua jornada, e offerecerão as rodellas que forão vendidas por grande preço.

E conforme ao que Auctor discorre desta jornada (que elle testifica como cousa muito certa) estas gentes ricas, devem ser os habitadores do lago dourado, em cujo descobrimento se hão consumido infinitas gentes, e capitães Castelhanos, e vem a cahir no Sertão do nosso Maranhão, a que os do Perú chamão *Paytiti* e *Dourado*.

VII

JORNADA DE GONÇALO PIZARRO E FRANCISCO ORELHANA.

Por estas e outras informações, se moveu tambem Gonçalo

---

(1) He o celebre e phantastico paiz do EL-DORADO, que tanta cubiça excitou nos seculos XVI e XVII.

Pizarro (que foi o que depois se quiz levantar com o Perú) a vir (alguns antes deste successo) em descobrimento da canella, que achou haver muita em terra de Sumaco (1), que (conforme os signaes) he a mesma que a da India, segundo confere Antonio Galvão, e tambem Gonçalo Pizarro, e os seus vierão achar Gentio que tratava ouro em quantidade.

E do muito que delle houverão, procedeu a necessidade de fazer o bergatim em que metteu as bagagens, e poz por cabo, o capitão Francisco de Orelhana, o qual levado mais do peso do bergatim que das correntes do rio (que tomou por desculpa), se deixou levar de sua ambição, e desembocando pelo rio do Pará, veio á Hespanha: onde disse tanto das riquezas desta terra, que o Imperador Carlos V o despachou por Almirante deste descobrimento, e lhe mandou ordenar para isso uma boa armada, que não foi de effeito por elle morrer nas *Canarias* (2).

VIII

DESCOBRIMENTO DE LUIZ DE MELLO DA SILVA.

Luiz de Mello da Silva, filho do alcaide-mór d'Elvas, andava na costa do Brasil por aventureiro, a descobrir alguma boa Capitania, que pedir a el-Rei D. João III (3) e sendo forçado dos geraes a vir discorrer esta costa do Maranhão, lhe pareceu a terra muito excellente, pelo que aportou na ilha da Margarita, onde achou alguns do bergantim de Orelhana (4), que lhe disserão tanto da terra dentro, como testemunhas de vista, que o obrigarão a vir, á gran-pressa pedir á Sua Alteza, aquella Capitania, para a conquistar e povoar, e para isso, se lhe aviou uma armada de trez navios e duas caravellas, com que foi ter ao Maranhão, em cujos baixos se perdeu a armada. E elle e alguns que escaparão em uma caravella, que ficou fóra de perigo, tornarão a este Reino, e por ficar muito gastado desta jornada o despachou el-Rei D. João III, para a India, d'onde vindo rico e com animo de tornar a esta empreza, se perdeu na náo *S. Francisco*, de que não houve mais novas.

---

(1) He corrupção da palavra ZUMAQUE. Valle proximo á Quito nas fraldas de um volcão, na Republica do Equador.
(2) Inexacto. Falleceu no Amazonas na sua segunda expedição.
(3) O author, diz D. Manoel, mas uma emenda manuscripta, que suppomos ser de Barbosa Machado, diz D. João III, o que he mais exacto.
(4) Inexacto. Erão os companheiros de Orelhana da segunda expedição.

IX

OS FILHOS DE JOÃO DE BARROS NO MARANHÃO.

Por estas e outras informações (1), João de Barros, famoso historiador, que teve grandes noticias desta terra, como quem escrevia della uma Decada intitulada — *Santa Cruz* (2), se moveu a pedir a el-Rei esta Capitania e armando com Fernão Alvares de Andrade, thesoureiro-mór deste Reino e Ayres da Cunha, mandou em companhia dous filhos seus, no anno de 1535, a qual armada era de novecentos homens, em que entravão cento e treze de cavallo, e lá se perdeu esta frota: e a gente que escapou, depois de fazerem na Ilha de S. Luiz (onde agora se chama o *Boqueirão*) uma fortaleza de que ainda alli estão alguns vestigios, em que se vê pedras brancas das de Alcantara (3), os consummio o tempo, ou alguma desordem com o Gentio, sem ficar outro rasto mais, que descobrir-mos agora um Gentio na comarca, de antre o rio Monim e o Itapicurú, que he em tudo differente do Gentio da terra, porque vivem em sobrados, comem pão de zaburro e não usão da farinha de mandioca, nem de arcos e frechas, e por devisa crião barbas como os Portuguezes, e por isso os circumvisinhos os chamão de *Barbados*, como os de que atraz fica dito, e os do Mexico chamavão aos companheiros de Fernão Cortez, e tem umas espadas, como achas e umas zagaias de arremeço, com que são temidos e valentes, e dizem que são descendentes de brancos, a que elles chamão *Perós*, parece por memoria de algum Pedro notavel, de que conservão aquelle nome; he comtudo Gentio tão barbaro, ou mais que o outro; e porém não quizerão nunca paz nem trato com os Francezes, dizendo, que elles não erão verdadeiros *Perós*.

E quando souberão que os Portuguezes estavão no Maranhão tratarão de os vir ver, e fazer pazes com elles, e dizião que estes erão seus *Perós* desejados de que elles erão descendentes; e pelo menos serão filhos das Indias, e de alguns brancos que os houverão antes de se consummirem nesta conquista; assim como tambem agora achamos infinitos filhos e filhas dos Francezes, do tempo que aqui habitarão.

---

(1) Inexacto. A expedição de Ayres da Cunha com os filhos de João de Barros foi anterior á de Luiz de Mello.

(2) Infelizmente essa obra perdeu-se.

(3) Pedreiras de cantaria em Portugal, proximas á Lisboa, na direcção do celebre Aqueducto das Agoas-Livres.

X

FRANCEZES NO MARANHÃO.

Estes Francezes tambem vierão aqui povoar, movidos de noticias desta terra e de haver nella grandes riquezas, porque havia mais de vinte annos que vinhão a estas barras de suas pilhagens, e tinhão aqui uma ladroeira onde espalmavão e breavão com a almecega da terra, que tambem como o breu serve.

E como do alheio sempre a mão he mais larga, com o que furtavão nesta costa, tinhão nesta ilha, grande commercio e correspondencia com mais de trinta aldêas que nella havia de Gentio *Tupinambá*, e a troco de seus resgates, havião delles muito algodão (1), tabaco, pimenta, salsaparrilha, páos de tintas e outras madeiras de estima, e uma tinta vermelha muito fina, a que chamão urucú, e refazendo sua matalotagem com os mantimentos da terra se ião alastrados disto, até que no anno de 1610 um Carlos Volus (2) Francez, que se criara entre estes Indios, e era grande *tapijar* (3) e pratico na sua lingoa (á que o Gentio poz nome *Itajubá*, que quer dizer *braço de ferro*), veio a França, e com muitos gabos que disse da terra e informações que deu de haver nella minas de ouro e de prata, e de todos os metaes, e perolas, e outras muitas riquezas, persuadio a um fidalgo Francez, por nome Daniel de la Truxe, Monsiur de la Ravardièra (4) que fosse conquistar e povoar esta Provincia o qual para isso fez liga com outros dous Razalli (5), e Ferluj (6): e convocando todos os seus amigos e parentes, vierão ao Maranhão no anno de 1612, trazendo (posto que *lutheranos*) dois frades capuchos de S. Francisco (7) que começavão a cathequizar o Gentio; e desta Companhia erão os quinhentos homens que alli estavão.

---

(1) Provavelmente o algodão amarello, indigena.

(2) Carlos Des Vaux.

(3) Tapijar, caçador.

(4) Daniel de la Tousche, Seigneur de la Ravardière.

(5) Razilly.

(6) Ferluj — Não se enconira este nome nas obras da época, tanto Francezas, como Portuguezas. Provavelmente refer -se á Nicoláo d'Harlay, outro consocio de Ravardière.

(7) Erão quatro sob a direcção do Padre Fr. Ivo d'Evreux, Superior da Missão. La Ravardière chefe da Colonia, era Protestante Calvinista (Huguenote), mas os seus socios erão Catholicos.

XI

DESCOBRIMENTO DO GRÃO-PARÁ, FAMOSO RIO DAS AMAZONAS.

Alexandre de Moura depois de lançar os Francezes para a França, pela noticia que entre elles achou do Grão-Pará, famoso rio das Amazonas, mandou descobril-o por Francisco Caldeira de Castello-Branco, o qual indo pelo rio acima como vinte legoas, fez uma fortaleza no sitio que melhor lhe pareceu e alli se fortificou, e teve trezentos homens á sua ordem, alguns annos, nos quaes se fizerão algumas entradas por estes rios e terras, e se descobrirão muitas cousas de que o dito Francisco Caldeira mandou aqui copiosas relações, encarecendo muito, as maravilhas deste rio, e na verdade he mui famoso e ha nelle mais de cem ilhas, e outras grandezas e excellencias mui notaveis, e he o maior rio que ha em toda a redondeza da terra, e tem cento e vinte legoas de boca e mais de mil legoas de descida desde o Perú, ao qual Sua Magestade póde mandar abrir uma porta por este rio, por onde com grande commodidade e brevidade, venhão as riquezas delle á Hespanha, sem os inconvenientes de as traginar por terra ao mar do Sul, e por el e a Panamá, e d'alli outra vez a *Nombre de Dios*, e d'alli, na rota á Hespanha, que tudo são trabalhosas e difficultosas escalas.

XII

DESCRIPÇÃO DO MARANHÃO, SUAS TERRAS E RIOS.

O sitio do Maranhão he uma bahia, que olha para o Norte, e terá como quarenta e duas legoas da ponta do Peryá até a ponta do Cumá, dentro em si encerra perto de vinte ilhas, e ilheos. A de S. Luiz (onde agora estão os Portuguezes) tem vinte e duas legoas de comprido e sete de largo, e sahe desta bahia como lingoa, com a ponta de Arassoagy ao Norte: ao longo desta ha outras ilhas de cinco, seis, sete e mais, e menos legoas, como são a das Goiavas, do Maçame, a de Santa Anna, a de la Tuche (que he peninsula de Gaspar de Souza, que foi Governador daquelle Estado) que terá seis legoas; uma que se deu a um Cirurgião, que terá quatro legoas, e outra chamada das Pacas, de que Sua Magestade me fez mercê, que será, de até duas legoas (1).

(1) Hoje difficilmente se poderá descriminar por esses nomes as ilhas da grande bahia do Maranhão com excepção da de Santa Anna outr'ora UPAON-MIRIM.

Por detraz destas ilhas desaguão nesta bahia, cinco rios caudalosos, e todos navegaveis, que são o Monim, o Itapicorú, pelo qual, acima vinte legoas, temos uma fortaleza com quarenta soldados e alguns moradores, e uma aldêa ou duas com a gente de Bento Maciel.

O Mearim, que vem por formosissimas campinas de maçapêz, onde andão muitos bandos de emas.

O Pinaré, que dizem nasce muito perto do Perú (1), e o Maracú, que se deriva por muitos e mui espaçosos lagos; em todos, e cada um destes rios, se póde fundar um Reino opulentissimo; porque tem bonissimas agoas, muitos pescados, muito excellentes terras, muitas madeiras, muitas fructas, muitas caças.

A fóra estes, ha outros muitos rios menores, e ribeiras, que tambem desagoão nesta bahia, e na entrada do Maracú, ha umas salinas grandes, fabricadas pela natureza, aonde em uns lagos, que secão quando as agoas andão baixas, coalha muito sal, que ainda que não he tão alvo, he bom, e bastante para o uso commum.

XIII

ESTADO DAS COUSAS NO MARANHÃO.

Ha hoje no Maranhão, quatro fortalezas, e ao longo dellas mais de trezentos visinhos Portuguezes.

A cidade de S. Luiz, á sombra das fortalezas S. Felippe e S. Francisco, Itapary, á sombra da fortaleza S. Joseph, e os que estão no Itapicorú, á sombra da fortaleza chamada Nossa Senhora da Conceição (2).

Além das quaes, ha duas estancias de moradores, uma no sitio, que chamão dos Francezes, onde se deixarão ficar alguns, que depois casarão com mulheres das Ilhas, e são ferreiros, e gente de prestimo á conquista, e os que melhor sabem a terra. E outra na aldêa de Arassoagy, em companhia do capitão Branco que alli está.

Tambem ha nove aldêas de Gentio circumvisinhas, que fortalecem, acompanhão e servem aos Portuguezes de pescadores, caçadores e de outros misteres, e todas tem suas

---

(1) Inexacto. O seu curso limita-se á Provincia do Maranhão.

(2) Esta fortaleza he differente da de Vera-Cruz, que depois se edificou na foz do rio Itapecurú.

Igrejas muito fermosas, e desejão muito ser christãos, e agora vão frades Capuchos, para os cathequizar, além de que já lá estão padres da Companhia.

XIV

ADMINISTRAÇÃO DOS INDIOS.

E para esta terra ir em grande crescimento, convinha que Sua Magestade, désse estas aldêas á administradores casados e de cabedal; assim para que haja na Conquista com que premiar os benemeritos, como para os Indios terem quem acuda por elles e trate de os fazer christãos, e os ampare e conserve, e os faça arreigar na terra e cultival-a, e os tenha destros e promptos para qualquer occasião, e os taes administradores, devem residir nas aldêas, e obrigar-se a sustentar Igreja e Clerigo com algum moderado serviço, que para isso recebão de cada Gentio, cada mez, como se faz nas Indias; que he o principal meio de a povoação dellas ir em tão grande augmento, que por mais que digão, quem vai interessado nos Indios trata de os conservar e ter contentes, porque senão vão pela terra dentro, como tem ido por esta falta muitas aldêas, que havia no Maranhão, mais de trinta, quando nelle entrarão os Portuguezes, e todas fugirão de nossos tratos, elles sabem o porque, e eu digo, que he por não terem dono proprio (1), que d'outra maneira não falta quem lhes faça más praticas contra os Portuguezes por usurpar para si estas administrações (2), que pertencem aos que as ganhão com as armas nas mãos, e não he em damno do Gentio ser governado por um Capitão honrado que os ampare e adestre, que tambem os povos de Portugal são governados por ministros de Sua Magestade.

XV

COMMODIDADES DO MARANHÃO.

Com tudo vai o Maranhão cada dia em crescimento, e a terra mostrando sua fertilidade e fecundia: e são feitas muitas roçarias de farinhas e outras culturas, e ha já muitas

(1) A causa era a tyrannia com que erão os Indios tratados pelos Colonos.
(2) Allusão aos Jesuitas, de quem o author parece não ser affeiçoado.

casas de telha, muitas boas olarias, muitas caças, pescarias, mariscos, frutas, mel, hortas, sal e lenha, e algumas criações e outras muitas cousas, como adiante diremos, com que vivem contentes em grandissima abundancia, e cada dia se vai ennobrecendo a terra com Igrejas e outros edificios particulares, e a Camara do Maranhão tem perto de cem mil réis de renda de fóros da sua legoa de terra que se lhe tomou ao longo da cidade, só falta commercio de navios, em que os homens se valhão do que tiverem, e hajão a troco o que lhes falta, que como houver um navio na terra, logo começará a florescer e mostrar as grandezas de sua fertilidade.

XVI

ARRUMAÇÃO DA COSTA DO MARANHÃO AO PARÁ.

Do Maranhão até o Pará, corre a costa a Leste, quarta a Noroeste, de maneira que de dous gráos da parte do Sul, em que está a ponta da barra do Maranhão da parte do Poente, chamada o *Cumá*, correndo cento e vinte legoas, que ha até o *Separará* (1), que he a ponta da barra do Pará, da parte de Leste, se vem á achar justamente na linha equinocial (2).

Toda esta costa he bonissima, forrada de bellissimas ilhas, e estremadas bahias muito abrigadas, ornadas de caudalosos rios e ribeiras, e fresquissimos arvoredos, cujos madeiros sobem ao Céo e são infinitos.

Esta Provincia habitavão os *Tupinambás*, em muitas aldêas, que os Portuguezes atravessavão, indo e vindo do Maranhão ao Pará, até que no anno de 1618 (ou escandalisados de nossa visinhança ou movidos de sua fereza) ordenarão em uma mesma noite, matar todos os brancos, que entre elles andavão espalhados por differentes lugares, e os que estavão em um presidio no Cumá, e de effeito o puzerão em execução, pondo logo ao Pará um mui apertado cerco, do qual sahio o capitão Manoel Soares d'Almeida a pedir soccorro ao Brasil, e com sua boa deligencia lhe foi Jeronymo Fragozo de Albuquerque capitão-mór do Pará, com soldados de Pernambuco, e ainda achou os nossos cercados e com grande fome; depois de os remediar, seguio o Gentio, perto de duzentas legoas pelas ribeiras do Pará acima, aonde elle morreo, depois de se

(1) He hoje a ponta TIGIOCA.
(2) Erro, que provavelmente deu causa ao que já notamos na primeira nota ao capitulo I.

fazerem nesta jornada muito honrados feitos por todos, especialmente pelos capitães Custodio Valente e Pedro Teixeira, e outros que assignalarão muito suas pessoas, que a brevidade desta *Relação* não soffre recitar agora, fal-o-hemos de todos em particular na *Historia do Brasil*, que entendo em escrever (1).

XVII

CONQUISTA DOS TUPINAMBÁS.

E por terra foi o capitão Bento Maciel Parente desde o Maranhão, com oitenta homens e seiscentos Indios frécheiros das aldêas do Maranhão, e fez neste Gentio grandes estragos, e os mais delles descompostos de suas aldêas, e fugitivos pelos matos cahirão nas mãos dos *Tapuyas* (outra nação sua contraria) que com esta occasião matarão, comerão (2) e captivarão quantos acharão, e se entende, que passarião de quinhentas mil almas os mortos e captivos.

Alguns que escaparão se forão valer dos Portuguezes ao Pará pedindo paz, e misericordia, e o padre Vigario Manoel Filgueiras de Mendonça, os fez ajuntar em uma aldêa no Separará, promettendo-lhes amparal-os alli, se elles fossem fieis: como parece serão, por serem poucos, e estarem assás escarmentados, e como isto ficou, e está esta Provincia posta em paz, que com pouco receio se póde hoje povoar em qualquer parte della.

Principalmente he excellente, posto a bahia de S. João (3), e melhor que esta, he o *Caité* (que na lingoa da terra, quer dizer mata Real) porque na verdade o he de grandes fructaes, he arvoredos (4).

E neste sitio se diz que ha minas de prata de importancia, que fundem quasi ametade em prata; pelo menos assim fundio uma pedra que eu vi, que disserão ser destas minas, e agora era opportuna occasião de mandar aqui povoar; porque ainda anda o Gentio da terra espalhado, e quando eu passei para o Pará, fasião fogos á caravella (5), que era signal de quererem paz.

---

(1) Não consta que realisasse este projecto.
(2) Não se comprehende como estes barbaros sendo dirigidos por Christãos continuassem em sua antropophagia. O procedimento dos chefes foi mais abominavel que o seu.
(3) Hoje a bahia do Tury-assú.
(4) Cayté — a bahia de Bragança.
(5) Fasião fogos na costa para attrahirem os que ião nas caravellas, pequenas embarcações de 200 a 300 toneladas, em que então se navegava.

XVIII

ESTADO DO GRÃO-PARÁ.

O Pará ainda está como fronteira, porque ha muitos rios, e muita gentilidade por elles, e pelas ilhas que são infinitas, de que se não ousão fiar; e assim não povoão, senão á sombra da fortaleza, e por isso não ha ainda tantas roçarias; mas a tudo supprirá a visinhança do Maranhão, d'onde em grande abundancia lhe póde vir toda a farinha, e outras cousas, com que se podem resgatar muitas *peças* (1), das que legitimamente são captivas, conforme as leis de Sua Magestade (que são as que nós resgatamos do poder de seus inimigos, quando os tem captivos para os comerem), e com pouco cabedal se podem haver aqui muitas destas, com que ajudar muito o augmento do Maranhão, onde são de muito serviço e prestimo.

Da outra parte do Pará, se chama o Cabo do Norte, d'onde residem Hollandezes em suas Colonias.

E o anno passado mandou aqui um delles o capitão Bento Maciel, de dous que lá tomou: dos quaes soubemos como he excellente aquella terra, e elles se aproveitão muito della, não só em escalarem alli os navios que vão infestar aquelles mares, mas entrando por aquelles rios a que chamão *Curupap* (2), d'onde se diz que tirão ouro da mão do Gentio, e outras cousas, e que têem muitos escravos de navios de Angola, que tomarão indo para Indias.

XIX

CONVENIENCIAS DOS NAVIOS QUE VÃO DE ANGOLA A INDIAS.

Aos quaes navios de escravos, será de grandissima utilidade escalar no Maranhão, pelas muitas mais commodidades que alli tem, que em nenhuma outra parte.

A primeira, he ficarem d'alli mais navegados em Indias, e haverem de chegar lá com as *peças*, que aqui refrescarem muito inteiras, e vendaveis, o que não tem nos outros portos do Brasil; porque para soccorro estão muito cedo, e para lustre das *peças* ficão longe.

(1) Peças, era a designação dos escravos tanto na Africa, como na America.
(2) Gurupá, hoje villa e cabeça de Comarca. Foi estabelecimento Hollandez, conquistado em 1623, por Bento Maciel Parente.

Além desta barra ser muito excellente com os ventos do longo da costa, que são tão largos para entrar, como para sahir á toda a hora, sempre Lestes em pôpa para o Maranhão, e d'alli para Indias, vão em oito, dez dias, e d'entro tem bonissimos portos, com o vento por cima da terra, para espalmar e varar.

Muito aparelho para calafetar, e almecega da terra, com que brear em muita quantidade, que por ser amargosa, preserva do guzano, mais que o breu, e assim o usavão os Francezes, e hoje o fazem os nossos navios que aqui vão.

Tambem como he terra nova não valem os mantimentos nada, e por não haver saca delles (como nos outros portos), ha grandissima abundancia de tudo; de modo que podem aqui refazer, e reformar suas armações, com mais regalo para os negros do que nos outros portos acharão para suas proprias pessoas.

E para que a todos seja notoria a abundancia desta terra, o mostrarei nos capitulos seguintes.

XX

SALUBRIDADE DO CÉO.

A excellencia desta terra, consiste em muitas cousas notorias. A primeira, no amenissimo Céo, e saluberrimo ar, de que goza, aonde sempre he verão, e sempre está o campo, e arvoredo verde, carregado de infinita diversidade de fructas, cujos nomes, sabores, e feições, excedem a toda a declaração humana.

Sempre os dias são iguaes com as noites: de que procede um suavissimo temperamento, nem quente, nem frio.

Os ventos cursão de ordinario do Nascente, e vem com o Sol, e com elle crescem, e se põe; de maneira, que se o meio dia traz alguma calma (que não chega a ser nunca tão rigorosa como a do nosso Estio), aquella natural viração, que então sopra mais, o tempera, e mitiga de modo, que a calma se não sente, nem ha frio, senão de noite; e só por não ver a cara d'um inverno deste nosso clima, se podia estar nú no Maranhão, cuja salubridade será evidente á quem considerar quanto a nós, nos são gratos, e sadios os seus ares, quando lá imos; e que os naturaes d'alli vindo aos nossos, logo morrem.

XXI

PUREZA DAS AGOAS.

O infinito numero de fontes que esta terra produz, são tambem muita parte de sua frescura, porque como o Sol, aqui de mais perto visinha com a terra, tem ella os poros mais abertos, para brotar fontes, e a cada passo se achão correndo mil ribeiras da mais clara, e pura agoa, que o humano apetite sabe desejar, e tão sadia, que onde cae véda a muitos doentes, lá lhe serve de mesinha, porque no meio das sezões, e dos destemperamentos, e outras doenças, vimos muitas vezes, sarar com agoa, e nas febres, sarão pela mór parte lavando-se com ella.

Affirmo-me como de vista, que nenhumas agoas destas nossas partes, podem competir em nada com as desta terra: de que faz grande encarecimento o padre Joseph da Costa, na sua *Historia natural e moral das Indias* (1), e me serão testemunhas, as reliquias das aguadas que aqui chegarão das quaes, por grande excellencia, se fizerão presentes, sendo muitos mais os petitorios.

XXII

FERTILIDADE DA TERRA.

O terreno desta Provincia, he geralmente de uma terra golfeira, e muito criançosa, toda cheia de grandissimos arvoredos, que testificão sua fecundia; tambem ha nella muitas varzeas de terras grossas, e de maçapêz, aonde não leva arvoredo, senão hervaçaes muito fortes, em alguns dos quaes são postas cannas de assucar, que excedem a todas as mais do *Estado do Brasil*, em grossura, e grandeza; que pela maior são de dez, e doze palmos de comprido, e algumas de mais.

E além ser toda esta terra muito viçosa, ajudão muito a sua fertilidade, os quotidianos regadios, com que o Céo a refresca; porque ordinariamente chove cada dia, ou cada dous, sem se vestir o Céo de lucto como cá: mas em mangas d'agoa como as chuvas da Primavera, que nella parece continua.

A terra he chã, pouco montuosa, e tão branda, que por viço se póde andar descalço.

---

(1) Religioso Hespanhol, da Ordem Domiciana, hoje pouco conhecido.

Deste clima, e deste terreno debaixo da Zona torrida (de que os antigos não tiverão noticia, e forão de parecer, que seria inhabitavel) depois que a experiencia mostrou o desengano, houve auctores, que imaginarão, que aqui devia ser o Paraizo de deleites, onde nossos primeiros pais forão gerados.

E o dito padre Joseph da Costa o contradiz com a *Escriptura Sagrada* sómente: e no de mais bem reconhece, que he merecedor este clima daquelle predicamento, como se póde ver no cap. XIV, do segundo livro da sua *Historia* acima referida.

XXIII

PÃO.

Diz o *Sagrado Evangelho*, que não só com o pão vive o homem, em mais espiritual sentido.

Porém não será muito alheio de nosso intento, se moralisarmos este passo: entendendo pelo pão o mantimento quotidiano, e pelo homem, o genero humano; pois que das quatro partes do mundo, as trez, não uzão de trigo; toda essa grande Azia, vive pela maior parte com arroz, essa Africa, com arroz, e com milhos, e outras semilhas, e essa America com *mahiz* (1), que he milho zaburro (2), e com mandioca, que o Bemaventurado Apostolo S. Thomé, lhes industriou (segundo tradicções) vivem tão contentes, como nós com o nosso pão de trigo; do qual, diz Galeno, que he a peior cousa de que nos podemos fartar.

E já póde ser, que por isso as nações que comem muito pão, são muito melancolisadas, e a Portugueza, mais que todas; não porque tenha mais pão, que as outras; mas parece, que pela mesma razão, que nos custa mais caro, e nos vem de carreto fazemos mais estima delle, e como cousa que nos falta, a temos por mais preciosa, e por isso nos empregamos mais em comer pão, e, verdadadeiramente, elle he o que nosso Senhor nos ensinou a pedir, e a materia em que Sua Divina Magestade consagrou seu Sacratissimo Corpo, he o de que faz menção o Evangelho, para comprehender o sustento do homem.

---

(1) Maiz, he o nome que os indigenas da America davão ao milho, e assim he conhecido fóra do Brasil.

(2) He o milho grosso da Asia.

Porém o segundo lugar depois do trigo pertence á *mandioca*, que he farinha de umas raizes muito ferteis, muito sadias, e muito substanciaes, das quaes se fazem muitas sortes de farinha, uma muito fina, e tão branca, e mais que a do trigo de Alemtejo, a que chamão *carimá* de que fazem bolos, que chamão *beijús*, e biscouto, que chamão *caçave* e *filhós*, e bolinholos, e sobre tudo, um caldo, como de *almidão* (1), mas muito melhor, que chamão *mingáo*, e engommão com elle, como com a gomma muito fina de trigo.

Faz-se mais destas raizes, a farinha fresca que tira as saudades do pão molle, e a farinha ordinaria, que chamão de *guerra* (2), que serve de matalotagens e como cá chega já velha, e mascavada do mar lhe chama o povo *farinha de páo*, merecendo este mantimento outro nome de muita estima, porque della se fazem bolos, pão, biscouto, e cuscús muito excellente, e com ella se sustenta mais gente, que com o pão de trigo, que vivem mais annos, que nós, e vai á Angola, em quantidade de navios carregados, e vem com ella matalotados, milhares de almas outra vez ao Brasil e a Indias, e a este Reino, e tudo póde supportar tão bom mantimento.

Pela qual causa, Luiz Mendes de Vasconcellos do conselho de Sua Magestade, e governador de Angola, na sua *Arte Militar*, lhe dá o segundo lugar, depois do trigo, como quem bem penetrou as excellencias desta semilha, que se avantaja do trigo, em estar sempre na terra crescendo todo o anno, em que o trigo está mingoando nos graneis, e em estar sempre feita em boa sezão, que não está o pão passados oito dias, e em respeito dos Portuguezes, se avantaja, principalmente sobejar naquellas partes, d'onde elles a carregão para fóra.

Quando na nossa patria nos falta o trigo ordinariamente, e o comemos todo o anno, pela mão de estrangeiros, que com elle se fazem poderosos, e por elle nos levão tudo quanto trazemos da India e da China, e nem isso basta para termos pão e assim temos os Portuguezes, menos acção de desprezar a mandioca, que as outras nações do mundo, considerando, que he ella tal mantimento, que havendo no Maranhão muito milho zaburro, e muito excellente arroz em quantidade, não se faz lá caso nenhum delles para pão, sendo boa verdade,

---

(1) Amidão, amido, a fecula vegetal, a gomma do trigo.

(2) Hoje he vulgarmente conhecida por farinha de pinheiro. Não tem agradavel cheiro, e nem bom gosto.

que se o cá tiveramos em abundancia, não fora tão duro o captiveiro de comermos o pão pela mão do estrangeiro.

XXIV

VINHO.

Odiosa empreza será persuadir á muitas gentes deste mundo, que he boa terra o Maranhão, se lhes houver de decontestar, que não ha lá vinho; e assim só aos desapaixonados, ousarei a dizer, que lhes não faltará de carreto, he que o que lá chega, e muito melhor que o mais estimado do Reino, porque o refina o clima, e o sobe muito de ponto; e não se desconsolem os amigos desta fructa, porque o Maranhão, os brinda com vinho de palma (1), que na terra as ha, de todos os generos, de que se faz vinho por todo o mundo, a que na India chamão *urraca* e *sura*, que he muito doce, e alegra, e aquenta, e delle se faz arrobe, mel, assucar e vinagre.

Ha vinho de mel (2), muito excellente cousa, para os resfriados, oppilados, asmaticos e boubaticos.

Ha tambem uma fructa, que chamão *cajús*, que lança muito sumo, e em mosto, he mais doce que o das uvas, e depois de cosido (porque ferve tanto como o das uvas) fica palhete muito claro e bello, porém azedo, e quanto a mim á mingoa de herbolarios; que se lhe buscarem alguma casca, ou cousa com que o coser (que a meu parecer deve ser amargoza) ou se em mosto o arrobarem, e com o arrobe o coserem de modo que fique doce, na formosura e effeitos, he tão bom como o das uvas.

E comtudo ninguem perca as esperanças de ter lá vinho de uvas, porque na terra, se dão parreiras, e uvas todo o anno, porque todo o anno he verão; e essa he a causa de se não vindimar, porque como vão sempre dando, e florescendo, e estando outras em agraço, e ha poucas parreiras, estimão-nas para comer, e não se persuadão a que possa haver vindimas.

Mas eu cuido, que se se pozerem muitas parreiras, em quantidade (pois não faltão terras, e arvoredos a que as arrimar) que poderão vindimar cada mez, e que assim pelo discurso do anno, recolherão muito vinho.

---

(1) Faz-se geralmente da palmeira BABASSU', a mais commum, e cujo palmito sobremodo succulento he, ainda crú, saboroso. O seu fructo, côco do tamanho de uma grande laranja oblonga, tendo quatro amendoas, he mui apreciado.

(2) Aguardente de canna.

As mais industrias desta materia se encommendão aos devotos do licor, que se os que o são neste Reino, lá passarem, eu lhes asseguro, que se não deitão ás escuras, porque além dos sobreditos, ha outros muitos vinhos, que os Indios fazem do milho zaburro, e de outras fructas, com que elles se alegrão, e fazem suas ordinarias borracheiras.

XXV

CARNE.

Posto que até agora, não ha no Maranhão muitas criações de gado, todavia, essas vacas, que alli forão ter (as primeiras por ordem do Governador Geral do Brasil Gaspar de Souza), tem multiplicado grandemente, e dado mostras de valente producção, porque as crias vão sempre sendo maiores que as mães.

E logo ao segundo anno emprenhão as femeas, e os novilhos são de robusta estatura: tambem as cabras são de grande multiplico, que ordinariamente parem de dous em dous, e as crias medrão muito, e já ha alguns criadores particulares que tem bastante copia, para se inçar a terra (ainda que seria grande beneficio entrar agora nos principios mais gado) para em menos annos vermos nesta Conquista a abundancia, que ha de criações por todo o Estado, onde tambem forão de principio levadas de carreto, e a terra as abraçou de maneira, que quasi não valia a carne dinheiro, e uma vaca em pé muito formosa, vale hoje no Rio-Grande (1), dous mil réis, d'onde em seis dias se vai ao Maranhão, que tem tanto e melhor apparelho que as outras partes do Brasil, por causa das formosas campinas, muitas hervagens e salgados, e excellentes ribeiras de que a terra he enriquecida.

Não chegarão lá ainda cavallos, nem ovelhas: os porcos multiplicarão tanto, que já ha muitos lavradores, que tem cem cabeças, e são muito grandes e de bonissima carne, qual he toda a deste genero no Brasil, onde he notorio, que se dá aos doentes, e para este gado tem a terra grande disposição, pelos muitos e continuos fructaes, que nella ha todo o anno, e principalmente, porque nella se dá a *junça* (2), com que nas

(1) Rio Grande do Norte.
(2) Junça, he a planta que chamão em outras partes do Brasil côco de capim.

Ilhas Terceiras os cévão tambem, e melhor, que nas mesmas Ilhas.

Por cima disso ha infinidade de porcos bravos assim dos nossos javalis de Hespanha (1) como de outra casta de cochinos mais pequenos e cabeçudos (2), que tem o umbigo nas costas, é andão em grandes magotes, e se matão muito facilmente, de que pela mór parte se sustenta a Conquista; e por uma faca de cabo de páo amarello (ou por outro semelhante resgate) dá o Gentio da aldêa do Monim, um destes porcos, e por toda a terra firme ha grande copia delles.

Ha veados pela terra dentro, e por aquellas ilhas, ha muitas gazellas, que cada dia vem mortas á cidade.

Ha muitas antas verdadeiras, que são como vacas pequenas com o rosto como ellas: mas sem cornos, e o beiço debaixo mui comprido, e não sahem senão de noite.

Ha muitas pacas, que respondem cá ás nossas lebres; mas são muito melhores, porque a sua carne he mais branda, alva e gorda, e tem uns couros como leitão, e são muito carnudas, e gostosas assadas, e cosidas, e de todo o modo: tambem fogem para a cova, e se achão uma alagoa quando as perseguem, se salvão nel'a.

Ha cotias que são como os nossos coelhos, e melhores, e com a orelha de gato como a paca.

Ha tatús de diversos generos, que são armados de conchas como laminas de um cavallo d'armas, tamanhas como um bom gôzo, e tambem se encovão, e he gostosa carne.

Ha jabutys, que são como kagados, mas grandes, e muito ovados por cima: a carne he muito sadia, e o figado grande em sua quantidade, he o mais regalado comer que a natureza criou.

Ha aperças (3) e coelhos mais pequenos que os de Portugal, e outras diversidades de caças muito estimadas, que a brevidade desta *Relação*, não soffre descrever; basta que com um Indio caçador, que haja n'uma casa de grande familia, tem um açougue continuo para si e para os visinhos, e não trato agora mais, que, do que se come, porque além destes, ha outros muitos animaes, e bichos de que espero fazer larga relação na *Historia do Brasil*, mas não se intimidem com os re-

---

(1) Caitetú's.

(2) Porcos Queixadas, o pecary.

(3) Aperças, não conhecemos animal algum nosso com este nome; talvez seja erro de imprensa, lendo-se aperças em lugar de apereás. He o Preá ou Peria', especie de coelho.

sear (1), porque lhes affirmo que cá entre nós ha bichos mais peçonhentos e nocivos, de que nesta terra hão de ficar livres aquelles, que sua boa sorte lá guiar.

XXVI

AVES.

Ha muitas e mui excellentes gallinhas caseiras, tamanhas como perús, que multiplicão grandemente, ha pombas mansas, muito formosas que alli ficarão dos Francezes, que tambem tinhão muita criação de perús, que nesta terra se darão melhor que em nenhuma outra, e patos; porque ha muitos bravos, muitas gallinholas e marrecas, e outros infinitos passaros de agoa, que com um páo se deixão matar, e tambem se cação lindamente lançando cabaços nas alagoas (até que aves ... a elles) e depois se mete um Indio pela agoa com um cabaço na cabeça, e buracos nos olhos, e chegando a elles mansamente, os vai mergulhando pelas pernas, e debaixo da agoa lhes torce o pescoço.

Ha nambús, como as perdizes de cá.

Os Indios tinhão entre si, gallinhas de criação, mas ratinhas: ha muitas emas em bandos pelas campinas, ha muitas rôlas, muitos motúns, como perús, com o bico grosso e vermelho, jacús e aracoans como gallinhas, muitos tocanos e monções, como cá os tordos, e além d'estes, ha outros muitos passaros, uns vermelhos, outros amarellos, papagaios, aráras, coryeas, garçolas e outros de varias, e formosissimas pennas, aletos e garças, e outras mui reaes aves de rapina, de que largamente diremos na *Historia*.

XXVII

PESCADOS.

Entre todos os pescados, he notavel o peixe boi, porque em taçalhos sem osso, nem espinha, se tirão de um destes peixes, cinco e seis arrobas de carne, que mais parece que não he peixe: e o peixe he do feitio de um boi sem pernas, com o rabo redondo como uma botija, de que se tira muito azeite. E

(1) Resenhar, enumerar.

este dizem ser o peixe melhor, cujos ossos na India r. têm o sangue no corpo ferido: quando são da femea donzella, cosido com couves parece boa vitella, e como tal faz as sopas, e assado, e em pão, he excellente, e muito mais para estimar salgado para matalotagens, porque toma pouco sal, e he muito gordo e saboroso, e até dos couros se podem fazer muitas cousas de grande prestimo.

Em segundo lugar he excellente cousa o *jurará* (1) que assim chamão a uns grandes kagados da agoa doce, que se comem tambem por peixe, sendo elles mais carnosos que um porco, e os lombos assados e de vinhadalhos, são de vantagem, e se faz delles sarapatél bem como torresmos, e muita manteiga, que excede á de vaccas: são grandes, ha muitos e tomão-se facilmente, e durão em casa sem comer mais de um mez, e pelas praias se achão suas ninhadas de ovos, e outras vezes de tartarugas do mar (que tambem ha muitas) que tem quatrocentos ovos, e mais que he uma mina, porque são muito bons e sadios: tambem as conchas dos juraràs são de proveito.

Ha erubins (2), solhos, camaroupins, piraguivas, chernos, meros, que todos são peixes de uma, até trez e quatro arrobas.

Ha pescados de trez castas, bicudas, da linha, e outras que tem o couro como chamalote de sêda, ha corvinas, abroteas, enxarcos, dourados, pargos, bonitos, cações, arraias, bagres, moreias, enxarrecos, pampanos, enxadas, sargos, peixes pedras, requeimes, choupas, peixes reis, lingoados, peixe gallo, agulhas, robalo, bodião, enguias, cirós, polvos, e outra diversidade de pescados, que cá não conhecemos; e por isso os não nomeio, e sobre todos ha infinidade de fataças, e mugens em tanta copia, que saltão de noite nas canôas, de maneira que lhes vem fugindo e lançando o peixe ao mar, por se não irem ao fundo.

XXVIII

MARISCOS.

Ha muitos caranguejos de diversas sortes, e os da terra

(1) Os Juraràs, não têem a grandeza que inculca o auctor. No Pará chamão-se Mussuans.
(2) Erubins, são os peixes vulgarmente conhecidos por Serubins.

são os melhores: ostras do lodo e de pedras, grandes camarões; buzios de muitas sortes, mexilhões, berbigões, longueirões, ameijoas, perseves em pedras, e caramujos, pernambins, e no Pará muita quantidade das conchas de madre-perola: em que se achão perolas, e aljofares, ouriços e outros muitos mariscos em grande copia.

XXIX

LEGUMES E HORTALIÇAS.

Ha muito e bom arroz, muito milho zaburro e outro branco, muitos feijões, e favas de diversas castas, amendoins muito gostosos para regalo, muitas batatas de côres por dentro e por fóra, amarellas, roxas, alaranjadas, brancas e vermelhas, e todas melhores que as das Ilhas Terceiras, e a junça dellas se dá com vantagem.

Melhor que as batatas, são as macacheiras, tambem raizes mais compridas a modo de mandioca, que assadas e cosidas são muito boas e sadias.

Ha melões excellentes, pepinos, melancias e abobaras de diversas castas, e bugangos, a que lá chamão geremús (1), nabos e rabãos, couves, coentros, endros, segurelha, e cebolas se dão tambem naquella terra.

O afamado ananaz tem aqui seu lugar, porque nasce em umas hervas como a nossa babosa, do tamanho de um pepino, e do lavor de um pinho verde, e chegando a ser amarello rescende, e he o rei das fructas.

Tudo isto se dá todo o anno, de maneira que se cada mez vão pondo meloeiros em cada lua colhem melões, e já fica dito a fecundia das cannas de assucar, por isso não trato mais dellas, senão dizer que ha já muitas, e que muito cedo há o Maranhão de mandar aqui muitos navios de assucar.

XXX

ARVORES E FRUCTAS.

Toda a sorte de arvores de espinho, laranjeiras, cidreiras, limoeiros, zamboas, toranjas e limas, se dão nesta terra es-

(1) GEREMU' ou GERREMUX, he a abobora amarella.

tremadamente, e tambem romeiras, parreiras e figueiras, e marmeleiros se dão em todo o Brasil, e já eu deixei alguns nascidos no Maranhão, que devem já dar fructo: porque a terra cria muito depressa as arvores.

Tambem ficavão nascidos muitos cequeiros de cocos que vierão de Pernambuco, e a terra tem infinidade de palmeiras muito grandes, e de todas as castas, de que se usão dos palmitos, que por regalo, ou por uma necessidade servem.

E leio nas historias das Indias, que em terras desta altura ha oliveiras, e duras nozes, e amoreiras de que lavrão muita sêda.

Haja curiosos que o procurem, e não sejamos nós para menos, pois Deos nos deu tão boa terra que tamb m nas Indias não havia isto, e de Hespanha se levou, e hoje tem lá tudo o que ha em Hespanha, como refere o dito padre Joseph da Costa no livro quarto de sua *Historia das Indias*, cap. XXXI e XXXII, que terra que deu a junça e os melões, e tudo o mais que fica dito, com vantagem dos de cá, tambem dará o de mais se lh'o levarem a tempo e com modo: sem isto ha infinitos fructos naturaes da terra como são os cajús: mangabas com sabor de sorvas, mas maiores e melhores, goiabas, araçases, cajases, guajarases, pacovas (1), e bananas, bacorys, cequinhos de palma, e outros de fazer azeite como os de Guiné; e umas fructas em cachos, como uvas roxas, outras como pêras, outras como fructas novas, que chamão tuturubás; *as anhás* (2) do Pará (que nascem em umas arvores como castanheiros, e assim encadeão, mas são trez, e quatro tanto maiores) he a fructa mais excellente que ha no mundo de seco, porque são muito grandes, muito gostosas, e durão dois e trez annos, e ha infinitas.

Affirmarão-me que havia as mangas da India e os duriões de Malaca, e eu o cri; porque a terra está na mesma altura que Malaca.

Fallar nas madeiras e na grandeza, e diversidade das arvores he um infinito.

Basta saber que a terra he toda pela mór parte coberta de tão altos arvoredos que se vão ás nuvens, e tão vastos, que não apparece o Céo em muitas legoas de terra, e que ha madeiros de dez e doze braças de pé em redondo, e destes muitos, e que geralmente são todos tão direitos como cirios, e

---

(1) Pacova e banana importão a mesma fructa.
(2) Nome indigena da fruêta do castanheiro do Amasónas.

tão grossos no pé como na ponta, e quasi todos dão fructos, uns grandes, outros em cachos, outros redondos, outros quarteados, quaes agros, outros doces: uns com casca dura, outros molles com caroços e pevides, uns que se querem de cama: outros alporcados, outros assados.

Em que tudo se está mostrando a magnificencia e maravilhas do Creador.

Entre estas arvores ha madeiras de varias côres, brancas, pretas, adamascadas, vermelhas, roxas, rozadas e amarellas: todas estas com côres e lustre de muita perfeição, umas muito duras, outras molles: outras que cheirão a alhos e o fructo tem o mesmo sabor e picante, outras que parecem calambuco (1) com sua odorifera resina, aqui o páo de roza, os cedros, os louros, as murtas, os anjelins, e outros infinitos de contar: alguns dão tintas, outros dão balsamos e oleos cheirosos, e almecegas, e tacamáca (2), e tacaranha, e outras mil diversidades de cousas em que não ha tomar pé, mais que louvar a gloria de quem as criou tão bellas e formosas, todo o anno verdes, e com folhas e fructos.

XXXI

DROGAS.

Tem-se por cousa certa que ha minas de ouro e prata, e outros metaes nesta terra, e pedras de muito preço, e serras de cristal, e outras de salitre e de sal da terra: tambem ha muitas salinas do mar, ha barreiras de excellente barro, de que vale uma telha um real, e pedreiras de jaspe branco, verde e negro, de que eu trouxe as amostras a Sua Magestade, ha muito mel e cêra por aquellas arvores: muita almecega, e anime (3), e oleos cheirosos, e se os soubessemos compôr, cuidarei que se poderia fazer beijoim de boninas, que de semelhantes resinas deve ser feito.

Tambem suspeito que o almiscar que vem da China deve ser composto de alguma parte, ou partes de certos lagartos grandes (4), que ha por estes rios, cujas orelhas e mais partes glandulosas mirradas, tem o mesmo cheiro e mais vehemente, e dura-lhes sempre.

---

(1) CALAMBUCO, madeira odorifera da Asia do genero aloés, de qualidade inferior ao CALAMBÁ.

(2) Resina asiatica odorifera.

(3) Resina aromatica medicinal da India.

(4) Jacaré.

Não sabemos nós fazel-o, ou pelo menos contrafazel-o.

Os mais dos animaes do campo nesta terra, têm pedras bazares (1) no bucho, como em Indias.

Ha muito algodão, muito tabaco excellente, canna fistulas bravas, sal aparrilha, a herva de que se faz o anil em Indias, pita muito rica, gengibre, pimenta em grande quantidade, páo de sassafraz.

Pelo de Gonçalo Pizarro me consta, que ha canella da mesma que em Ceilão, alguns brancos que entrarão na terra, dizem que ha cravo como o de Ternate, em grandes matas, e o clima he aparelhado para se crer tudo delle, que emfim he Perú Oriental e está na mesma altura que as ilhas do Cravo, e se póde cuidar da bondade de tal terra que dará quanto lhe lançarem, até açafrão.

Póde-se fazer azeite das palmas de Guiné, que as ha em quantidade, e o dos rabos do peixe boi, he muito soffrivel, e a manteiga dos Jurarás excede a todas, e para as candêas ha muita cêra e muito oleo de copahiva, que allumia melhor que o de oliva, e he cheiroso, e dão uma botija por uma faca.

Eu me resolvo, que esta hé a melhor terra do mundo, d'onde os naturaes são muito fortes, e vivem muitos annos, e consta-nos, que, do que correrão os Portuguezes, o melhor he o Brasil, e o Maranhão he Brasil melhor, e mais perto de Portugal, que todos os outros portos daquelle Estado, em derrota muito facil á navegação d'onde se ha de ir em vinte dias ordinariamente.

E por ser esta terra tal, a fez Sua Magestade governo separado do Brasil.

E tem mandado que se contratem os provimentos desta Conquista, á qual envia ora dignamente, por primeiro Governador, Francisco Coelho de Carvalho; fidalgo tão qualificado e de tantas partes, e o fez do seu Conselho, e com elle envia outras pessoas de muita importancia, com um grande soccorro de soldados, armas e pagamentos.

Permitta Deos que tudo seja para seu santo serviço, e de Sua Magestade, e para augmento da Christandade neste Gentio, e aproveitamento dos vassallos deste Reino.

LAUS DEO.

(1) Concreção calculosa que se cria no estomago, intestinos e bexiga dos animaes, a que outr'ora se attribuia grandes virtudes medicinaes.

Parahyba do Sul. — Typ. de C. M. de A. — Rua dos Coqueiros n. 1.

DOCUMENTOS

CONCERNENTES

Á

BENTO MACIEL PARENTE

DONATARIO

DA

CAPITANIA DO CABO DO NORTE

e

CAPITÃO MOR DO PARÁ.

PETIÇÃO

DIRIGIDA PELO CAPITÃO MOR

BENTO MACIEL PARENTE

AO

REI DE PORTUGAL D. PHILIPPE III,

ACOMPANHADA DE UM MEMORIAL.

SEÑOR. — Benito Maciel Pariente, Capitan mayor que fue en el Marañon (1), dize que habiendo descobierto y conquistado mas de cuatrocientas leguas de tierra, con muchas provincias de Indios, en que ay infinitas poblaciones, le incumbe como Conquistador e Procurador de aquel Estado, acordar a V. M. la grande y principal obligacion con que aquellas tierras fueron dadas a los Señores Reyes passados, y para tratar de la redução y catequizar estas Gentilicas naciones a nuestra Santa Fé, digo Señor.

Que las mismas razones, y consideraciones con que V. M. se movió a mandar separar el gobierno del Marañon, del Estado del Brasil, por estar lexos aquel gobierno, y el viaje ser difficultosa por mar y tierra, y la grandeza d'este Estado, y su importancia: por estas y otras mas particulares razones, debe V. M. ser servido mandar criar un Obispo, y imbiar Religiosos que con todo fervor traten de catequizar tan gran numero de almas, con cuya presencia y auctoridad se conserve lo que está conquistado y descobierto, y se conquiste lo mucho que a un falta por aquellos grandes rios.

Y para el sustento de este Obispo, y demas ministros Eclesiasticos que fueren imbiados a esta nueva Monarchia, debe V. M. mandar encomendar los pueblos conquistados, y los demas que se fueren conquistando, assi como se haze en las Indias de Castilla, que es la causa de la conquista y poblacion dellas, estender-se por la tierra adentro con tan grande augmento, considerando que por precepto divino estan todas las criaturas obligadas a dar a Dios y a sus ministros el diezmo de los fructos que cogen de la tierra, conforme al quinto Mandamiento de la santa Madre Iglesia, y como en los Indios

---

(1) Bento Maciel Parente servio como Capitão-mór do Pará até 6 de outubro de 1626. Veja se Berredo — ANNAES n. 565 e 566.

no se puede bien averiguar estos diezmos, porque no respetan este mandamiento, porque no saben contar el numero de diez, ordenaron los predecessores de V. M. que los Indios pagassen estos diezmos por encabeçamiento, como en el Reino de Portugal se pagan las Sissas.

En este tan justificado acuerdo tienen fundamento las encomiendas, que no solamente en los Indios, mas tambien en el dicho Reino de Portugal, y en todas las Republicas politicas son establecidas para premiar los vassallos que sirven a sus Reyes, y Señores naturales, y con las armas conquistan y defienden sus Estados.

En las Indias de Castilla paga cada casar una cierta pension segun la fertilidad de la tierra que habita, y por este respeto parece será conveniente, que cada uno de los Indios del Marañon paguen cada año trez ducados en moneda, o en fructos que cogieren, o en servicio personal, los quales se repartan en trez partes iguales, una para el Obispo y Clero y Predicadores, otra para V. M., otra para el Commendador aquien se encommendare la administracion de la tal encomienda.

Y es engaño manifiesto dezir, ni pensar, que este modo de poblar es injusto ni violento a los Indios, y si alguno lo dixere, será quien con esta cautella quisiere administrar y usurpar estas administraciones, o tuviere en esto otros respetos interessados (1), porque estos diezmos son devidos por precepto divino, y los tienen los santos Pontifices aplicados a V. M. para los gastos destas Conquistas, y las encomiendas son devidas y ordenadas para los que com las armas ayudan las conquistas, y sirven en esto a Dios y a sus Reyes.

Y para esto y conseguir lo que se pretende con poca costa, deve V. M. mandar adjudicar a esta Conquista dos navios de buen porte, porque una vez armados y aprestados, se podran sustentar con los fretes de los tornaviajes, y en estos navios hade V. M. dar pasaje franca a todas las personas, benemeritas que quisieren ir al Marañon, con provission de V. M. para que el Gobernador les reparta tierras, y encomiendas, y a todos los que quisieren yr a servir a esta Conquista, y tambien a los Religiosos mandandoles dar lo necessario para el viaje, encommendando a los Prelados de las Religiones, el cuidado de embiar los tales Religiosos, pues en ello se haze tã gran

(1) Allusão aos Missionarios Jesuitas, cuja intervenção no governo dos Indios se temia, tendo se em vista a pratica do Brasil.

servicio a Dios y a V. M. para que esta nueva viña vaya en augmento, y estos Religiosos lleven comsigo muchos parientes y personas pobres y honradas para vivir y habitar estas nuevas tierras, esperando con su favor destos Religiosos les den encomiendas y tierras que manden cultivar, con que se irá poblando la tierra, y se deffenderá, y dará vida y remedios a mucha gente honrada y pobre, y se fundará en aquel nuevo mundo un nuevo Imperio para V. M. demas del verdadero de Christo Nuestro Señor.

Y no ay inconvenientes en se encommendaren los Indios en esta fórma, pues lo estan en las Indias de Castilla, cuyo Consejo puede informar a V. M. porque teniendo los Indios dueño proprio são deffendidos y conservados, y curados de sus enfermidades, y exercitados en la guerra, para que con sus armas ayuden a deffender la tierra, y a conquistar otras, y de todo se sigue augmento desta Conquista, y servicio de Dios y de V. M.

Y estas cosas son mui agenas de los Religiosos (1), a quien solamente toca la Dotrina Christiana, y el Catecismo de los Indios, y para esto basta la tercia parte de los diezmos, que de mil vesinos son mil ducados de renta, fuera las ofrendas, y pié de altar, y assi todos miraran por los Indios, y no cada uno por su particular, que es la causa de se consumir las Conquistas y que no vayan adelante ni entrar por la tierra adentro a poblar, y cesará la tirania y trazas con que se procuran cautivar estos Indios induzidos en guerras, en las quales se comen unos a otros (2), y se pierden muchas almas y V. M. ni sus vassallos no gozan de su compañia y servicio, siendo assi que en toda Europa servimos unos a los otros, y allá (3) con la dotrina y temor de nuestras armas se haran domesticos y politicos, y oficiales de todos oficios, de que estos Reynos tendran grandes aprovechamientos.

---

(1) Estes conselhos tinhão por fim desviar da direcção dos Indios os Padres da Companhia de Jesus. O que então se não conseguio, fez o Marquez de Pombal em 1758 com o seu Directorio; mas mui amargos forão os fructos para os Indios.

(2) Veja-se o cap. 17 da Relação Summaria do capitão Simão Estacio da Silveira a pag. 17 deste tomo, nota (2). Se Bento Maciel Parente procedia da fórma por que alli se narra, que confiança se podia ter quanto ao bom tratamento dos Indios? Eis os adversarios dos Jesuitas na obra das Missões.

(3) Isto parece indicar que o peticionario estava senão em Madrid, residencia do Soberano, em Lisboa.

MEMORIAL.

PARA CONSERVAR Y AUGMENTAR LA CONQUISTA Y TIERRAS DEL MARAÑON, Y LOS INDIOS QUE EN ELLAS CONQUISTO' EL CAPITAN MAIOR BENITO MACIEL PARIENTE, SON NECESSARIAS Y CONVENIENTES LAS COSAS SIGUIENTES :

Si deben repartir las tierras de aquella Conquista por Capitanias, dandolas a personas de caudal y obligaciones, para que en competencia cada uno por su parte procure poblar, fortificar y aprovechar la tierra, reservando para la Real Corona las Capitanias del Marañon y la del rio de las Amaçonas, que son las mas importantes de aquel Estado : el Marañon por estar ya poblado, y el rio de las Amaçonas estar conquistado : y ser las maiores barras de aquel Estado : y por lo mucho que se puede esperar de cada una dellas, por las grandes navegaciones de los rios, particularmente el de las Amaçonas, y verdadero Marañon, que penetran la America, por el qual se puede abrir puerta a las riquezas del Perú, y a lo demas que en aquel nuevo mundo está por descubrir y conquistar.

Y tambien en estas plaças ay buena commodidad de maderas, y otras cosas para fabricar navios, como en la Abana (1).

El gobierno del Marañon empeçando en la Capitania del Ceará, y acabando en el rio de Vicente Pinçon, tiene trecientas y ochenta leguas de costa por baxo de la Equinocial desde trez grados a la parte del Sur, hasta trez a la del Norte, corre la costa Oeste, quarta al Noroeste (2).

Y siendo V. M. servido repartir este Estado en Capitanias, deve empeçar la del Ceará en el Rio de Jaguaribi, que dista mas de cien legoas del Rio-Grande, ultima poblacion del Gobierno del Brasil y acabar en el Rio de Mondohytuba (3), d'onde hiziere cincoenta legoas, por costa, para la parte del Oeste : con que viene a quedar el puerto, y Castillo del Ceará en el medio de la dicha Capitania : la qual consta de tierras de

(1) Havana, a capital da ilha de Cuba.

(2) Esta declaração feita por um homem tão entendido, e tão pratico como Bento Maciel Parente, prova exuberantemente que o rio de Vicente Pinçon, he o que hoje chamamos Oyapork ; tanto mais quanto sabe-se que nos mappas do seculo XVI e XVII, a latitude das terras, por falta de bons instrumentos era graduada mais para o Sul. O impresso d'onde copiamos estes Documentos, he do principio do seculo XVII, e foi colleccionado por Diogo Barbosa Machado, no celebre volume intitulado : — Noticias historicas e militares da America, que pertence á Bibliotheca Nacional da Côrte.

(3) Suppomos ser actualmente o rio Mundahú.

campos, para ganados, cotones, tabacos, pimienta, y dará a'gun assucar: ay unas serranias que tienen maderas de vracotiara, y otras.

Sigue-se la Capitania de Jurucoaquara (1), por otro nombre *Agujero de Tortugas*, que debe empeçar en dicho rio de Mondohytuba, con otras cincoenta leguas por costa, y acabar en el Rio Paraoasú (2), tierra de la misma manera que la de Ceará, y que dale el puerto de las Tortugas, casi en medio de la Capitania.

Desde Paraoasú puede empeçar la Capitania del Marañon con sus Islas y acabar en la punta de Tapuytapera (3), en que ay de costa mas de cincoenta leguas, y por la boca del Rio Mearin, y por el Pynaré arriba se puede dividir esta Capitania, en la qual queda la Isla de *Todos los Santos* (4), con la ciudad de San Luiz, en que habrá quinientos hombres entre soldados, y moradores, con trez Monasterios de Capuchinos, Carmelitas y Jesuitas.

Y en la tierra firme della en el rio Itapicorú, ay dos ingenios de assucar, y se pueden hacer algunos otros.

La tierra dá bien coton, tabaco y ganados, tiene muchas, y buenas maderas, y fertilidad de mantenimientos, de que el Capitan Simon Estacio hizo relacion, que anda estampada (5).

De la punta Itapuytapéra puede empeçar la Capitania del Cumá, y acabar en el rio Pindohytuba (6), en que ay de costa quarenta leguas, con dos puertos buenos, uno en el Cumá, y otro en la Isla de San Juan, y la tierra firme; esta tierra es fertil, y dará lo que dá el Marañon.

Desde el rio Pindohytuba se sigue la Capitania del Cayté (7), que en la lengua de la tierra, quiere dezir *mata verdadera*, puede correr hasta el rio Acotyperú (8), en que ay quarenta leguas de costa, y tiene una poblacion de Portuguezes que aora hizo el Gobernador Francisco Coelho de Carvalho, con sesenta moradores que alli llevó del Pará y Marañon, la qual está en el rio Oatacapuhic (9): el puerto es poco capaz, la tierra es buena, como la de Marañon.

---

(1) Jericoacoara ou Buraco das Tartarugas.
(2) O rio Parnahyba, tambem outr'ora chamado Rio-Grande das Tapuyas.
(3) Tapuytapera, hoje Alcantara.
(4) A ilha do Maranhão, tambem outr'ora chamada, Ilha das Vacas, de Ferro, etc.
(5) A Relação Summaria, reimpressa neste volume.
(6) Suppomos ser hoje o rio Tury-assú.
(7) Hoje Bragança.
(8) Suppomos ser hoje o pequeno rio ou bahia Coatipurú, ao norte de Bragança.
(9) He o rio Gurupy.

A la Capitania del Cayté se sigue la Capitania del Pará, que empeçará en el dicho rio Acotyperú, y por la punta del Separará cortará por la boca del Pará arriba, y por el primer braço deste Rio de la parte de Leste yrá cortando hasta el primer salto del rio, y Provincia de los Tocantines, que dista del mar ciento y cincoenta leguas, ó poco menos: la qual capitania tiene por costa hasta la punta del Separará treinta leguas, y va-se ensanchando por el Rio arriba, con que viene a quedar tan grande como las otras, como en el Mappa se verá.

La tierra dará algunos assucares, aunque no es tão fertil de mantenimientos como las que quedan, arriba: tiene muchas maderas, y aparejo para hazer navios.

En esta Capitania queda la Ciudad de Belém, con la fuerça Presepio: que el capitan maior Benito Maciel Pariente hizo labrar de tapias de pilon, con portadas de cal y canto, y trez baluartes con su cava, y mas fortificaciones a lo moderno, que todo vale muchos mil ducados, y costó menos de cuatrocientos a la Real hazienda.

De la punta del Separará (1), que está en la linea Equinocial, de la parte de Leste del Rio, corriendo al Noroeste, hasta el cabo del Norte, es la boca del rio de las Amaçonas, verdadero Marañon, y ay oitienta leguas todas de agoa dulce, y dentro deste Archipielago ay muchas Islas pobladas de muchos Gentiles, las quales Islas se pueden repartir en quatro Capitanias.

La primera será la Isla de los Juanes (2), es Islas de los Aruans, Mapuas, Inhengahybas de Parijó, tierra para ganados, arroz, y algunos assucares, y tabacos, supuesto que es enfermiça por estar mui debaxo de la Equinocial.

La segunda se puede hacer de la Isla que está entre el braço Pará, y el braço Pacajá, que tiene veinte leguas de ancho, y quarenta de largo, y comprehende las Provincias de los Anduras, y gente de Uguape, y Pirapêz, con todas las Islas menudas del Camutá, que le son vecinas, tierra buena para ganados, coton, assucar, y tiene muchas maderas, y Gentiles.

La tercera se puede hacer en la Isla que cae entre el braço Pacajá, y el braço Parnahyba (3), que tendrá veinte leguas de ancho, y quarenta y cinco de largo en que caen las Provincias de los Pacajares, Goanapús, Caraguatás, y Jurubunas, tierra

(1) He a ponta da Tijoca cuja latitude he mais meridional.
(2) A ilha de Marajó, que então era assim denominada, segundo as tribus que a habitarão.
(3) He hoje o rio Xingú.

enfermiça: dá bien coton, tabacos y mantenimientos, dará algun assucar y ganados.

La quarta se puede hacer en la Isla que queda entre el braço Parnahyba, y el gran canal de las Amaçonas con las Islas que parten con ella de la parte de le gran canal, y de la parte del Norte, que tendrá de ancho doze leguas, y quarenta de largo: comprehende la Provincia de los Jacarés, y otros Gentiles, de que es bien poblada: tierra fertil con muchas maderas, y dará bien cotones, tabacos, arroz y algun assucar.

De la otra parte del Rio en el cabo del Norte, corre la costa a Loeste hasta el rio de Vicente Pinçon, en altura de trez grados de la linea al Norte: habrá cosa de quarenta leguas por costa entre el gran canal, y la demarcacion entre Portugal y Castilla.

Aqui se puede hacer otra Capitania (1).

Tierra de sierras, campos, y lagadizos, buena para ganados, dá bien tabaco, y coton, y puede-se estender por el Rio arriba, hasta la boca del rio de las Amaçonas, y Provincia de los Tapuyosús, comprehendiendo tambien las Provincias de los Tucuyús y Mariguins, en que habrá cerca de duzientas leguas por el Rio arriba.

Demas destas Capitanias se pueden demarcar otras, entre el rio de las Amaçonas, y el gran Pará, y por cima de la Provincia de los Tocantines, por ser el Rio mui navegable, y las tierras fertiles, que se entiende que daran trigo, y vinho, y otras cosas de España, como se dan en el Nuevo Reino de Granada, que alli es vecino, y está en la misma altura: tambien por aqui ay muchas minas, como en el Nuevo, y quiçá mas ricas.

Estas son las Capitanias que V. M. puede mandar repartir; y las dos que se dice deben quedar reservadas para la Corona, piden, que S. M. las mande poblar, fortificar y defiender, y para esso se pueden buscar buenos medios: porque assi como se van poblando, van tambien las Conquistas rentando, y para que estas se puedan aprovechar mejor, puede S. M. mandar repartir los pueblos de Indios por encomiendas, como se hace en las Indias, con que lo Eclesiastico lleve la tercia parte, el Commendador otra tercia parte, y la otra tercia parte de todas estas encomiendas sea para S. M.: y con este cau-

(1) Desta Capitania foi depois Donatario o mesmo Bento Maciel Parente, como consta da Carta de Lei de 14 de junho de 1637, que adiante vai transcripta.

dal se pueden poblar las dichas plaças, y sustentar los presidios y fortificaciones necessarias, sin gasto de la Real hazienda, o con mui poco, y habrá caudal, y mano con que yr conquistando, poblando y fortificando por aquel gran Rio arriba, hasta Potosi, pues es cierto que este Rio nace cerca del, y que por el se puede traer la plata de tierra firme con brevedad, y con seguro, ahorrando los gastos, trabajos y peligros, con que oy se trae por Arica, por la mar del Sur a Panamá, Puerto-Belo, Cartagena y Habana, por tantos escollos de Serranillas, Tortugas, Matacumbes, y Bahamas, y cabo de San Anton, d'onde tanto se peligra, a demas de las muchas riquezas que ay por aquellos grandes Rios, assi de minas, como de drogas, que todo se puede traer por ellos a España con mucha brevedad, acrescentamiento y seguro.

Y para dar principio a esto, será bien ordenado, que S. M. mande dedicar dos navios de hasta trecientos toneles, que anden en esta carrera del Marañon á Hespaña, y las Islas Terceras, que traigan maderas, tabacos, cotones, assucares y las demas cosas que los nuevos pobladores fueren cultivando, y lleven gente para ir poblando, que puede ir de las Islas Terceras, d'onde ay mucha, y ya por essa causa se mandó llevar de alli, por Jorge Lemos de Betancor, a las quales se deben conceder los mismos privilegios que entonces se dieron a os que fueron.

Es precisamente necessario meter luego gente hasta trecientos casares, y fundar con ellos una ciudad en la otra parte del rio de las Amaçonas (1), en el braço del Rio Ginipapo (2), para dar calor a la poblacion y a os Indios conquistados, y estorvar que no tornen a tratar con Olandezes, ni ellos buelvan allá, como lo han intentado despues de echados: y con estos pobladores vayan frayles de todas Ordenes para dotrinar los que se fueren encommendando: y con estos debe S. M. mandar ornamentos, y lo demas recaudos para administrar los sacrificios, y officios divinos: y con los nuevos encommenderos puede casar algunas huerfanas de las que tiene a su cargo el Real amparo: y tambien con aquel caudal se podran traer á España algunas maderas para la fabrica de navios grandes, que por tiempo adelante se podran allá fabricar, como en la Habana.

---

(1) Esta necessidade ainda hoje se sente, e nem Portugal e nem o Brasil tem cuidado seriamente deste objecto.
(2) Hoje o rio Pará, em cuja foz se acha situada — Almeirim.

Advierte-se en este lugar, que aunque conforme á las leyes de S. M. los Indios que son rescatados de poder de sus enemigos, quando los tienen presos para comer-los, son verdaderamente cautivos, es necessario prevenir el grande daño, y escandalo que se les sigue de llevar-los fuera de su patria, d'onde nunca mas buelven, porque en saliendo della perecen todos, como los pezes fuera del agoa: y por atajar a este, y al otro inconveniente de despoblar la Conquista por la codicia de llevar esclavos a vender al Brasil, y a las Indias.

Deve S. M. por tanto mandar, que los Indios que assi fueren rescatados, aunque sean cautivos no puedan ser sacados, fuera de la Conquista, ni desnaturalisados della, pena de quedar libres: y el Maestro que los truxere tenga obligacion de bolver-los a su patria a su costa, con todos los daños, y alimentar los entretanto.

COPIA DE LA REAL CEDULA, QUE SE DESPACHO' PARA EL CAPITAN MAYOR, BENITO MACIEL PARIENTE, PARA CONQUISTAR EL GRAN RIO DE LAS AMAÇONAS, Y ECHAR DE ALLI Á LOS ENEMIGOS.

Yo el-Rey (1), hago saber a los que esta cedula vieren, que Benito Maciel Pariente, que hasta aora (2) sirvio de Capitan mayor de la Capitania del Pará se me offreció por su carta de 20 de abril del año passado de 1625, a hazer a su costa el descubrimiento de tierra adentro, por el Rio Amaçonas, y sus braços, mandando-le yo passar cedula para poder hazer gente para esse effecto, y embiando-le municiones, y la mas gente que se pudiere juntar, assi soldados, como pobladores para poblar; con los quales se reparta la administracion de los Gentiles, a imitacion de quando se pobló Nueva-España (3), quedando yo obligado a le mandar premiar, conforme sus servicios merecieren, y rindieren a esta Corona.

Viendo yo su offrecimiento, y teniendo respeto á la buena información, que fue dada de las partes, y talento del dicho Benito Maciel, huve por bien de lo acetar, y por esta me plaze de le encargar el dicho descubrimiento, y conquista del Rio de las Amaçonas: para el qual effecto podrá en Pernambuco, y en las demas Capitanias del Brasil, que le pareciere, levantar a su costa la gente que le quisiere seguir, haziendola por si, y por las personas que para ello eligiere, sin se lo impedir

(1) Felippe IV da Hespanha, e III de Portugal.

(2) Aqui provavelmente se refere ao Decreto de nomeação do successor de Bento Maciel Parente, o Capitão-mór Manoel de Souza d'Eça, que tomou conta do governo do Pará em 6 de outubro de 1626.

(3) O Mexico.

el Governador General de aquel Estado, ni el Capitan mayor de Pernambuco, y Capitanes de las demas Capitanias del: antes le daran para ello todo el favor, y ayuda que les requiriere, y necessario le fuere: y al Capitan de Pernambuco mando, que dé al dicho Benito Maciel Pariente embarcaciones por cuenta de mi hazienda para la lleva de la gente que le siguiere, de las quales embarcaciones se podrá ayudar para el dicho descubrimiento.

Y al Governador del Marañon, y al Capitan maior del Pará, otro si mando le den todo el favor, y ayuda que les requiriere para el effecto del dicho descubrimiento, y no le impidan yr con el la gente que llevare del Brasil, y la de aquellas Capitanias del Marañon y Pará, que le quisieren seguir, quedando en ellas la gente necessaria para su seguridad.

Y al dicho Benito Maciel encargo, que escogiendo de los Religiosos que ay en aquella Conquista del Pará, los mas a proposito, procure llevar-los consigo, para conservacion de los Gentiles, y ayudar a lo que mas fuere necessario: advirtiendo, que el principal intento deste descubrimiento, y servicio, es aver de buscar a los Olandezes adonde se supiere que estan, y tratar-los como a rebeldes, y que no quede memoria suya en aquellas partes, ni de otra alguna nacion de las de Europa.

Y aqui mandé ordenar al Consejo de mi hazienda, que en la Compañia de Andres Diaz de Franca, que aora va por Capitan mayor de Pernambuco, se embie al dicho Benito Maciel docientos arcabuzes, y cien mosquetes, con polvora, municiones, y cuerdas, a esse respeto, para que se le entreguen yendo el a hacer el dicho descubrimiento y conquista.

Y conforme al servicio que en ello hisiere, y a la utilidad que dello resultare a esta Corona, le haré la mercēd que fuere justo.

Y esta Cedula tengo por bien que valga, puesto que su effecto aya de durar más de un año: y que no sea passado por la Chancilleria, sin embargo de las Ordenanças en contrario.

Yo *Antonio Figuera* lo hize en Lisboa a 8 de agosto de 1626.
Yo *Ruyz Diaz de Menezes* lo hize escribir. EL-REY. *El-Duque de Villa Hermosa, Conde de Ficallo* (1).

(1) Publicando-se todas as leis relativas ao Reino de Portugal, na lingoa Portugueza, he singular que esta fosse em Hespanhol, e escrita em Lisboa, com a referenda de Ministro daquelle mesmo Paiz, embora conde de Ficalho.

CARTA DE LEI DE 14 DE JUNHO DE 1637.

Faz Doação da Capitania do Cabo do Norte

a Bento Maciel Parente.

D. Felippe, por graça de Deos, Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar, em Africa Senhor de Guiné e da Conquista, Navegação, Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India.

Faço saber aos que esta minha Carta de Doação virem que tendo consideração aos serviços que o Conde de Basto (1), sendo Governador deste Reino, me representou em uma consulta no anno de 1631, que havia feito Bento Maciel Parente, fidalgo de minha casa, e aos mais que até o anno de 1634 fez em Pernambuco, cujos papeis apresentou na côrte de Madrid : houve por bem por cartas minhas de 18 de maio de 1634 e 13 de agosto de 1636, de lhe fazer mercê de algumas terras no Rio de Amazonas, além do fôro de fidalgo com dous mil réis de moradia de que se lhe passou portaria na côrte de Madrid ; tudo com obrigação de ir servir a Pernambuco trez annos, por quanto seria alli de proveito pela muita pratica que tinha daquella guerra ; e que a senhora princeza Margarida (2), minha muito amada e presada senhora prima, remetteu ao Conselho da Fazenda com ordem que se lhe nomeasse a dita Capitania, não sendo nenhuma das que tendo escolhido para minha Corôa, nem das terras que estão dadas a terceiro. E porque no Conselho da Fazenda, tomadas as informações necessarias, sendo ouvido o procuradordella, se lhe nomeou ao dito Bento Maciel, a Capitania do *Cabo do Norte*, que tem pela costa do mar trinta até quarenta leguas de districto, que se contão do dito Cabo até o rio de Vicente Pinçon, onde entra a repartição das Indias do Reino de Castella, e pela terra dentro Rio das Amazonas arriba, da parte do canal que vai sahir ao mar oitenta pera cem leguas, até o rio dos Tupuyosús (3).

---

(1) D. Diogo de Castro, que foi por duas vezes Governador de Portugal, e por ultimo Vice-Rei desde 22 de julho de 1633 a 31 de dezembro de 1631.

(2) A Princeza Margarida á que se refere esta Lei, era a Duqueza de Mantua, que governou Portugal desde o fim do anno de 1634 até a revolução de 1640.

(3) Desaguadouro oriental do lago Surubiú, no lado esquerdo do Amazonas pouco acima da foz do Tapajós, onde existia a aldêa dos TAPUYOSÚ'S, que transplantada para as margens daquelle lago, he hoje Alemquer. Veja-se Berredo — ANNAES n. 568. Silva — L'OYAPOK ET L'AMAZONE t. 2 n. 1886. O local dessa aldêa parece ser o que no mappa de Martins se chama TUBARIXUM.

E não he nenhuma das que tenho dado a terceiro, hei por bem de lhe fazer mercê da dita Capitania do *Cabo do Norte*, na maneira referida, e que se lhe passe Carta della, como ultimamente se passou a Alvaro de Souza de outra Capitania, de que fiz mercê no mesmo Estado (1), e com a mesma jurisdicção; e pagou de meia annata desta Capitania cincoenta mil sete centos e vinte réis ao thesoureiro della, João Paes de Matos, que he o mesmo que della se pagava na Chancellaria que lhe forão carregados em Receita á folhas cento e dez do 1º e 3º de seu recebimento.

Pedindo-me o dito Bento Maciel Parente, que visto ter eu já escolhido conforme as minhas ordens sitio das Capitanias, que hão de ser cabeça daquelle Estado do Maranhão, e pera como se via da certidão do Secretario Francisco de Lucena, que apresentava, pela qual consta haver eu por bem, de resolver por Carta minha de 13 de abril do anno de 1633, que ficassem reservadas para minha Corôa as duas Capitanias do Maranhão e Pará, demarcando-se a do Maranhão com suas ilhas desde o rio Paraossú (2), até a ponta de Tapuytapéra, em que se entende ha de costa cincoenta leguas.

E que se devida esta Capitania das mais por a boca do rio Meary e por o Pinary arriba (3), e a Capitania do Pará se comece no rio Maracanã, cortando pela ponta delle, pela boca do Pará arriba; e que pelo primeiro braço do mesmo rio, da parte de Leste, vá cortando até o primeiro salto do rio e provincia dos Tocantines, que se diz dista do mar cento e cincoenta leguas, e tem por costa até á ponta do Separará trinta leguas, e inclue nella a cidade de Bethlem, e pela dita declaração nomeou Alvaro de Souza, que elle escolhia para sua Capitania as terras que jazem desde os Tury até o rio Caytê, com os mesmos rios que dentro dellas estiverem entrando juntamente nesta nomeação.

E escolha os ditos rios Tury e Caytê, que ficarão ambos d'entro da demarcação por onde ha de demarcar a dita Capitania, que poderão ser quarenta e cinco até cincoenta leguas de districto por costa, e conforme a dita declaração se lhe passou ao dito Alvaro de Souza Carta de Doação da dita Capitania, se lhe mandasse passar a elle dito Bento Maciel sua

(1) Baena chama á este Donatario Gaspar de Souza, e Berredo nos seus Annaes Joseph de Mello e Souza.
(2) O rio Parnahyba, limite do Maranhão com o Piauhy.
(3) Os rios Mearim e Pinaré.

Carta de Doação da dita Capitania do *Cabo do Norte*, de que eu tambem lhe tenho feito mercê.

E visto por mim seu requerimento e a fórma da Portaria relatada, porque lhe fiz esta mercê ao dito Bento Maciel, com a mesma qualidade, jurisdicção e obrigação, com que foi concedida a outra Capitania ao dito Alvaro de Souza, e as mais do Estado do Brasil, e considerando eu quanto serviço de Deos e meu, e bem commum de meus Reinos e Senhorios, dos naturaes subditos delles, e ser a minha costa e terra do Brasil, Maranhão e Pará mais povoada do que até agora foi, assim para se nella haver de celebrar o culto divino e se exaltar a nossa Santa Fé Catholica, como trazer e provocar a ella os naturaes da dita terra infieis e idolatras como pelo muito proveito que se seguirá a meus Reinos e Senhorios.

E aos naturaes e subditos delles em se a dita terra povoar e aproveitar; houve por bem de mandar repartir e ordenar as Capitanias de certas em certas leguas para dellas prover as primeiras que bem me parecesse, pelo qual havendo respeito aos serviços que me fez e espero me faça o dito Bento Maciel Parente, e por folgar de lhe fazer mercê em satisfação delles, usando de meu poder Real e absoluto, certa sciencia, hei por bem e me praz de lhe fazer mercê como em effeito, faço por esta Carta irrevogavel doação entre vivos, valedoura deste dia para todo sempre de juro e herdade para elle e todos seus filhos, netos e herdeiros, e successores, que apoz elle vierem assim descendentes como transversaes e colaterãos, segundo ao diante irá declarado das terras que jazem no *Cabo do Norte* com os rios que dentro nellas estiverem, que tem pela costa do mar, trinta até quarenta leguas de districto que se contão do dito Cabo até o rio de Vicente Pinçon, aonde entra a repartição das Indias do Reino de Castella, e pela terra dentro Rio das Amazonas arriba, da parte do canal que vai sahir ao mar oitenta para cem leguas até o Rio dos Tapuyusús, com declaração que nas partes referidas por onde acabarem as trinta e cinco até quarenta leguas de costa de sua Capitania se porão marcos de pedra, e estes marcos correrão via recta pelo sertão dentro.

E bem assim, mais será do dito Bento Maciel Parente e seus successores as ilhas que houver até dez leguas ao mar na fronteira e demarcação das ditas trinta e cinco até quarenta leguas de costa de sua Capitania, as quaes se entenderão medidas via recta, e entrarão pelo sertão e terra firme adentro

pela maneira referida até o rio Tapuyosús, e d'ahi por diante tanto quanto poderem entrar e fôr de minha conquista, da qual terra, ilhas e rios pelas sobreditas demarcações lhe faço doação e mercê de juro e herdade para todo sempre como dito he. E quero e me praz que o dito Bento Maciel e todos seus herdeiros e successores, que as ditas terras herdarem, e nellas succederem, se possão chamar, e se chamem Capitães Generaes, e governadores dellas.

Outro-sim, faço doação e mercê de juro e herdade para todo sempre para elle e seus descendentes, e successores, no modo sobredito de jurisdicção civel e crime da dita Capitania, da qual elle dito Bento Maciel Parente e seus herdeiros e successores, uzarão na forma e maneira seguinte a saber:

Poderá, e por seu Ouvidor estar a eleição dos juizes e officiaes, e alimpar e apurar as pautas, passar cartas de confirmação aos ditos juizes e officiaes, os quaes se chamarão pelo dito Capitão governador.

E elle proverá o Ouvidor, que poderá conhecer de acções novas, dez leguas ao redor, d'onde estiver e de appellações e aggravos conhecerá em toda a dita Capitania e governança, e os ditos juizes darão appellação para o dito seu Ouvidor nas cousas que mandão minhas Ordenações, e do que o dito seu Ouvidor julgar assim, por acção nova, como por appellação e aggravo, sendo em causas civeis, não haverá appellação nem aggravo até quantia de cem mil rs.

E d'ahi para cima dará appellação á parte que quizer appellar, e nos casos crimes, hei por bem, que o dito Capitão e governador e seu Ouvidor tenhão jurisdicção e alçada de morte natural, inclusive em escravos e gentios.

E assim mesmo em taes Christãos homens livres em todos os casos, assim para os absolver, como para condemnar sem haver appellação nem aggravo; e porém, nos quatro casos seguintes a saber:

Herezia quando o heretico lhe fôr entregue pelo ecclesiastico; e traição e sodomia e moeda falsa, terão alçada em toda a pessoa de qualquer qualidade que seja, para condemnar os culpados á morte, e dar suas sentenças á execução sem appellação nem aggravo.

E porém nos ditos quatro casos para absolver da morte, posto que outra pena lhe queira dar, menos da morte, darão appellação e aggravo, e appellarão por parte da justiça, e nas

pessoas de maior qualidade, terão alçada de dez annos de degredo e até cem cruzados de pena sem appellação nem aggravo.

E outrosim me praz que o dito seu Ouvidor possa conhecer das appellações e aggravos que a elle houverem de ir em qualquer villa ou lugar da dita Capitania em que estiver, posto que seja muito apartado desse lugar onde assim estiver, comtanto que seja na propria Capitania, e o dito Capitão e Governador poderá pôr meirinho diante o dito seu Ouvidor; e Escrivães e outros quaesquer Officiaes necessarios e acostumados nestes Reinos, assim na correição da Ouvidoria, como em todas as villas e lugares da dita Capitania e Governança.

E serão o dito Capitão e Governador e seus successores obrigados, quando a dita terra fôr povoada em tanto crescimento que seja necessario outro Ouvidor, de o pôr onde por mim ou por meus successores fôr ordenado.

E outrosim me praz que o dito Capitão e Governador e todos seus successores possão por si fazer Villas, e quaesquer Povoações que na dita terra se fizerem e a elles lhes parecer que o devem ser, as quaes chamar-se-hão Villas, e terão termo e jurisdicção, liberdade e insignias de Villa, segundo o fôro e costume dos meus Reinos.

E isto, porém, se entenderá que poderão fazer todas as Villas que quizerem das Povoações que estiverem ao longo da costa da dita terra e dos rios que se navegarem, porque por dentro da terra firme pelo sertão as não poderão fazer menos espaço de seis leguas de uma a outra, para que possão ficar ao menos tres leguas de terra de termo a cada uma das ditas Villas.

E ao tempo que assim fizerem as ditas Villas, ou cada uma dellas, lhe limitarão e assignarão logo termo para ellas, e depois não poderão da terra que assim tiverem dado por termo fazer outra Villa sem minha licença.

E outrosim me praz que o dito Capitão e Governador, e todos seus successores que á esta Capitania vierem possão novamente crear e prover por suas Cartas os Tabelliães do publico e judicial que lhe parecerem necessarios nas Villas e Povoações das ditas terras, assim agora como pelo tempo á diante, e lhe darão suas cartas assignadas por elles, e selladas com seus sellos, e lhe tomarão juramento, que servirão seus officios bem e verdadeiramente, e os ditos Tabelliães servirão pelas ditas suas Cartas sem mais tomarem outras de minha Chancellaria.

E quando os ditos officios vagarem por morte ou renunciação, ou por erros, se assim he, os poderão por isso mesmo dar, e lhes darão os Regimentos por onde hão de servir conforme aos de minha Chancellaria.

E hei por bem que os ditos Tabelliães se possão chamar e chamem pelo dito Capitão e Governador, e lhe pagaráõ suas pensões, segundo a fórma do *Foral* do Estado do Brasil (1), das quaes pensões lhe faço assim mesmo doação e mercê de juro e herdade para todo o sempre.

Item: outrosim lhe faço doação e mercê, de juro e herdade para todo o sempre, das alcaidarias-móres de todas as ditas Villas e Povoações da dita terra, com todas as rendas e direitos, fóros e tributos que a elles pertencem, segundo he declarado no dito *Foral* do Estado do Brasil as quaes o dito Capitão e Governador e seus successores haverão, e arrendaráõ para si no modo e maneira no dito *Foral* contido, e segundo a fórma delle e as pessoas que as ditas alcaidarias-móres fôrem entregues da mão do dito Capitão e Governador, e elles lhes tomaráõ a menagem dellas, segundo a fórma das minhas Ordenações.

Item: outrosim me praz por fazer mercê ao dito Bento Maciel e a todos os seus successores, que a esta Capitania vierem, de juro e herdade para sempre, que elles tenhão e hajão todas as moendas d'agua, marinhas de sal, e quaesquer outros engenhos de qualquer qualidade que sejão, que na dita Capitania e Governança se poderem fazer.

E hei por bem que pessoa alguma não possa fazer as ditas moendas, marinhas, nem engenhos senão o dito Capitão e Governador, ou aquelles a que elle para isso dér licença, de que lhe pagaráõ aquelle fôro ou tributo que com elles se concertar.

Outrosim lhe faço doação e mercê, de juro e herdade para sempre, de deseseis leguas de terra de longo da costa da dita Capitania, que entraráõ por dentro do sertão tanto quanto puderem entrar e fôrem de minha conquista, a qual terra será sua, livre e isenta, sem della pagar direito, fôro nem tributo algum, sómente o dizimo á Ordem do Mestrado de nosso Senhor Jesus Christo.

---

(1) Ignoramos qual seja o —*Foral*— do Estado do Brasil a que se refere esta Carta de Lei, salvo se se trata das outras cartas de doação dos primeiros Donatarios, ou ao Regimento do primeiro Governador do Brasil Thomé de Souza, que ainda se acha inedito.

No art. 16 da Carta de doação de Francisco Pereira Coutinho, de 26 de Agosto de 1534, essas pensões erão annualmente de 500 rs. Veja-se a *Revista do Instituto Historico*, t. 18 pag. 164, e F. A. de Varnhagen na *Historia do Brasil* t. 1 secção 5 e 6.

E dentro de vinte annos do dia que o dito Capitão e Governador tomar posse da dita terra poderá escolher e tomar as ditas deseseis leguas de terra em qualquer parte que mais quizer, não as tomando, porém, juntas senão repartidas em quatro ou cinco partes, e não sendo de uma a outra menos de duas leguas, as quaes terras o dito Capitão e Governador e seus successores poderão arrendar e aforar em fatiota (1), ou em pessoas, ou como quizerem e bem lhes convier, e pelos fóros e tributos que quizerem, e as ditas terras não sendo aforadas, e as rendas dellas quando o fôrem, virão sempre a quem succeder á dita Capitania e Governança pelo modo nesta doação conteúdo; e das novidades que Deos nas ditas terras dér, não será o dito Capitão e Governador, nem as pessoas que de sua mão as tiverem ou trouxerem obrigados a me pagar fôro ou direito algum, sómente o dizimo de Deos á Ordem, que geralmente se ha de pagar em todas as outras terras da dita Capitania, como abaixo vai declarado.

E o dito Capitão e Governador, nem os que após elle vierem, não poderão tomar terra alguma de sesmaria na dita Capitania para si, nem para sua mulher, nem para filho e herdeiro della; antes darão, e poderão dar e repartir todas as ditas terras de sesmaria a quaesquer pessoas, de qualquer qualidade e condição que sejão e bem lhes parecer, livremente, sem fôro nem direito algum, sómente o dizimo de Deos, que serão obrigados a pagar á Ordem de tudo o que nas ditas terras houverem, segundo he declarado no dito *Foral*, e pela mesma maneira as poderão dar e repartir por seus filhos fóra do morgado, e assim por seus parentes; e, porém, aos ditos seus filhos e parentes não poderão dar mais terra da que derem ou tiverem dado a qualquer outra pessoa estranha, e todas as ditas terras que assim dér de sesmaria a uns e aos outros será conforme a Ordenação das Sesmarias e com a obrigação dellas; as quaes terras o dito Capitão e Governador nem seus successores não poderão em tempo algum tomar para si nem para sua mulher, nem filho, herdeiro como dito he, e pô-las em outrem para depois virem a elles por modo algum que seja; sómente as poderão haver por titulo de compra verdadeira das pessoas que lh'as quiserem vender passados oito annos depois das ditas terras serem aproveitadas, e em outra maneira não.

(1) Em *fateosim*, ou *emphyteusis*.

Outrosim lhe faço doação e mercê, de juro e herdade para sempre, de meia dizima do pescado da dita Capitania, que he de vinte peixes, em que tenho ordenado que se pague além da dizima inteira que pertence á Ordem, segundo no dito *Foral* he declarado, a qual meia dizima se entenderá do pescado que se matar em toda a dita Capitania fóra das deseseis leguas do dito Capitão e Governador, porquanto as ditas deseseis leguas he terra sua, livre e isenta, segundo atraz he declarado.

Outrosim lhe faço doação, de juro e herdade para sempre, da redizima de todas as rendas e direitos que á dita Ordem e á mim de direito na dita Capitania pertencerem : a saber :

Que de todo o rendimento que á dita Ordem e á mim couber, assim dos dizimos, como de quaesquer outras rendas ou direitos de qualquer qualidade que sejão, haja o dito Capitão e seus successores uma dizima, que he de dez partes uma.

Outrosim me praz, por respeito do cuidado que o dito Capitão e Governador e seus successores hão de ter de guardar e conservar o páo-Brasil, que na dita terra houver de lhe fazer doação e mercê, de juro e herdade para sempre, da vintena parte do que liquidamente render para mim, forro de todos os custos, o dito páo-Brasil que da dita Capitania se trouxer a estes Reinos, e a conta do tal rendimento se fará na casa da Mina desta cidade de Lisboa, onde o dito páo-Brasil ha de vir e da dita casa ; tanto que o dito páo-Brasil fôr vendido e arrecadado o dinheiro delle, lhe será logo pago e entregue o dinheiro de contado pelo Provedor e Officiaes della aquillo que por boa conta na dita vintena montar.

E isto, porquanto todo o páo-Brasil que na dita Capitania houver ha de ser sempre meu e de meus successores, sem o dito Capitão e Governador, nem outra alguma pessoa poder tratar nelle nem vendê-lo para fóra ; sómente poderá o dito Capitão, e assim os moradores da dita Capitania, aproveitar-se do dito páo-Brasil na terra do que lhe fôr necessario, segundo he declarado no *Foral* do Estado do Brasil ; e tratando nelle ou vendendo para fóra, incorrerão nas penas conteúdas no dito *Foral*.

E outrosim me praz por fazer mercê ao dito Bento Maciel e seus successores, de juro e herdade para sempre, que dos escravos que elles resgatarem e houverem na dita Capitania

possão mandar a estes Reinos trinta e nove peças cada anno para fazer dellas o que bem lhe vier (1), os quaes escravos viráõ ao porto desta cidade de Lisboa e não a outro algum porto, e mandará com elles certidão dos Officiaes da dita Capitania de como são seus, pela qual certidão lhe serão despachados os ditos escravos, forros (2) sem delles pagar direitos alguns nem 5 %; e além destas trinta e nove peças que assim cada anno poderá mandar forros, hei por bem que possa trazer por marinheiros e grumetes em seus navios todos os escravos que quiserem e lhe fôrem necessarios.

Outrosim me praz de fazer mercê ao dito Bento Maciel e seus successores, e assim aos vizinhos e moradores da dita Capitania, que nella não possão em tempo algum haver direitos de sizas nem imposições saboarias, tributos de sal, nem outros alguns direitos, nem tributos de qualquer qualidade que seja, salvo aquelles que por bem desta doação e do *Foral* ao presente são ordenados que haja.

Esta Capitania e Governança, e rendas e bens della hei por bem, e me praz que se herdem e succedão, de juro e herdade para todo o sempre, pelo dito Capitão e Governador, seus descendentes, filhos e filhas legitimos, com tal declaração que, emquanto houver filho legitimo varão no mesmo gráo, não succederá filha, postoque seja de maior idade que o filho; e, não havendo filho macho, ou havendo-o, e não sendo em tão proximo gráo ao ultimo possuidor, como a femea, que então succeda a femea.

E emquanto houver descendentes legitimos machos ou femeas que não succeda na dita Capitania bastardo algum; e não havendo descendentes machos nem femeas legitimos, então succederáõ os bastardos machos e femeas, não sendo, porém, de damnado coito; e succederáõ pela mesma ordem dos legitimos, primeiro os machos e depois as femeas, em igual gráo, com tal condição que se o possuidor da tal Capitania a quiser antes deixar a um seu parente transversal que aos descendentes bastardos, quando não tiver legitimos, o possa fazer; e não havendo descendentes machos, nem femeas legitimos, nem bastardos de maneira que o dito he, em tal caso succederáõ aos descendentes *(os ascendentes)* machos e femeas, primeiro os machos, e, em falta

---

(1) Erão os indigenas que se expatriavão, e que naturalmente ião para Portugal servir á amigos, parentes ou protectores do Donatario.

(2) *Forros*, livres de direitos.

delles, as femeas; e, não havendo descendentes nem ascendentes, succederáõ os transversaes pelo modo sobredito, sempre primeiro os machos que fôrem em igual gráo, e depois as femeas; e, no caso dos bastardos, o possuidor poderá, se quiser, deixar a dita Capitania a um transversal legitimo e tira-la aos bastardos, postoque sejão descendentes em muito mais propinquo gráo.

E isto hei assim por bem, sem embargo da Lei Mental, que diz que não succederáõ femeas, nem bastardos, nem transversaes, nem ascendentes, porque, sem embargo de tudo, me praz que nesta Capitania succedão femeas e bastardos, não sendo de coito damnado e transversaes, e ascendentes do modo que já he declarado.

Outrosim quero e me praz que em tempo algum se não possa a dita Capitania e Governança, e todas as cousas que por esta doação dou ao dito Bento Maciel Parente partir, nem descambar, espedaçar, nem em outro modo alhear, nem em casamento a filho ou filha, nem a outra pessoa dar, nem para tirar pai ou filho, ou outra alguma pessoa do captiveiro, nem para outra cousa, ainda que seja mais poderosa, porque minha tenção e vontade he que a dita Capitania e Governança, e cousas ao dito Capitão e Governador nesta doação dadas andem sempre juntas, e se não partão nem alienem em tempo algum; e aquelle que a partir e alienar, ou espedaçar, ou dér em casamento, ou para outra cousa por onde haja de ser partida, ainda que seja mais poderosa por esse mesmo effeito, perca a dita Capitania e Governança, e passe directamente aquelle a que houvera de ir pela sobredita ordem de succeder, se o tal que isto assim não cumprio fosse morto.

Outrosim me praz que, por caso algum de qualquer qualidade que seja, o dito Capitão e Governador commetta, porque, segundo o direito e lei destes Reinos, mereção perder a dita Capitania e Governança, jurisdicção, e rendas e bens della a não perca seu successor, salvo se fôr por tredo (1) a Corôa destes Reinos.

E em todos os outros casos que commetter crime punido quanto o crime obrigar, e porém o seu successor não perderá a dita Capitania, Governança, jurisdicção, rendas e bens della como dito he.

---

(1) Traidor.

Outrosim me praz e hei por bem, que o dito Bento Maciel Parente e todos os seus successores que á esta Capitania e Governança vier, usem inteiramente de toda a jurisdicção, poder e alçada nesta doação conteúda, assim e da maneira que nella he declarado, e pela confiança que delle tenho, que guardaráõ nisso tudo o que cumprir ao serviço de Deos e meu, e bem do povo e o direito das partes.

Outrosim hei por bem e me praz que nas terras da dita Capitania não entrem, nem possão entrar em tempo algum Corregedor, nem alçada, nem outras algumas justiças para nellas abusarem de jurisdicção alguma por nenhuma via, nem modo que seja, nem menos seja o dito Capitão e Governador suspenso da dita Capitania e Governança, e jurisdicção della; e porém quando o dito Capitão cahir em algum erro ou fiser cousa por que mereça e deva ser castigado, eu ou os meus successores os mandaremos vir a nós para ser ouvido de sua justiça, e lhe será dada toda aquella pena e castigo que de direito por tal caso merecer.

Outrosim quero e mando que todos os herdeiros e successores do dito Bento Maciel que esta Capitania herdarem e nella succederem por qualquer via que seja se chamem Maciel Parente e tragão as armas dos Macieis Parentes; e se alguns delles isto assim não cumprirem, hei por bem que, por esse mesmo effeito, percão a dita Capitania e successão della, e passe logo directamente á quem direito devia de ir, se este tal que isto assim não cumprir fosse morto.

Item: esta mercê lhe faço como Rey e Senhor destes Reinos, e assim como Governador e perpetuo Administrador que sou da Ordem e Cavallaria do Mestrado de Nosso Senhor Jesus Christo: e por esta presente Carta dou poder e autoridade ao dito Bento Maciel, que elle por si e por quem lhe aprouver possa tomar e tome a posse real, corporal, e autual das terras da dita Capitania e Governança, e das rendas e bens dellas e de todas as mais cousas conteúdas nesta doação.

E use de tudo inteiramente como se nella contém, a qual doação hei por bem, quero e mando que se cumpra e guarde em tudo e por tudo com todas as clausulas, condições e declarações nella conteúdas e declaradas, sem mingoa nem desfallecimento algum. E para tudo o que dito he, derogo a Lei Mental, e quaesquer autos, Leis, e Ordenações, glosas e costumes que em contrario disto haja ou possa haver, por qualquer via ou modo que seja, postoque

sejão taes que fosse necessario serem aqui expressas e declaradas de *verbo ad verbum*, sem embargo da Ordenação do Liv. 2° tit. 44, que dispõe que quando estas Leis e direitos se derogarem se faça expressa menção dellas e da substancia dellas. E por esta prometto ao dito Bento Maciel e a todos os seus successores que nunca em tempo algum vá nem consinta ir contra esta minha doação em parte, nem em todo; e rogo e encommendo a todos os meus successores que lh'a cumprão e mandem cumprir.

Pelo que mando ao meu Governador das conquistas do Maranhão e Grão-Pará, Provedor de minha Fazenda nellas, e aos meus Desembargadores, Corregedores, Ouvidores, Juizes, justiças officiaes, e pessoas de meus Reinos e senhorios; aos Juizes, Vereadores e Officiaes da Camara, pessoas da Governança e povo das terras, Povoações e lugares que nas ditas trinta e quatro leguas de terra houver que dêm a posse dellas ao dito Bento Maciel Parente ou a seu certo Procurador, e lh'a deixem lograr e possuir e o hajão por Capitão General e Governador das ditas trinta até quarenta leguas de terras, e lhe cumprão, guardem e fação mui inteiramente cumprir e guardar esta minha Carta como nella se contém, que se registrará nos livros das Contas da dita conquista do Maranhão e Grão-Pará, sendo o primeiro assentado nos livros das Mercês que faço a meus vassallos, a qual Carta, por firmeza de tudo, mandei dar ao dito Bento Maciel Parente, por mim assignada e sellada com o sello de chumbo pendente, e vai escripta em quatro meias folhas e rubricada ao pé de cada lauda pelo Conde de Miranda, do meu Conselho de Estado, Presidente de minha Fazenda e Governador da Casa do Porto.

Dada nesta cidade de Lisboa, aos 14 dias do mez de Junho. — *Bartholomeu de Araujo* a fez, anno de 1637.

E esta se passou por duas vias; cumprida uma e outra, não haverá effeito. — *Affonso de Barros Caminha* a fez escrever (1). »

---

(1) Esta Carta Régia se acha em portuguez antigo estampada na obra do Dr. Joaquim Caetano da Silva *L'Oyapock et L'Amazone* t. 2 pag. 485.

Foi extrahida por certidão do Archivo da *Torre do Tombo*, achando-se registrada no Liv. 34 do reinado de Philippe III, de 1637 á 1641, da Chancellaria-mór, onde se lançavão os padrões, doações e mercês reaes.

NUEVO DESCUBRIMIENTO

DEL GRAN RIO DE LAS AMAZONAS

POR EL

PADRE CHRISTOVAL DE ACUÑA

Religioso de la Compañia de Jesus, y Calificador de la Suprema General Inquisicion.

AL QUAL FUE, Y SE HIZO POR ORDEN DE SU MAGESTAD, EL AÑO DE 1639.

POR LA PROVINCIA DE QUITO EN LOS REYNOS DEL PERU.

AL EXCELENTISSIMO

SEÑOR CONDE DUQUE DE OLIVARES

Con licença. En Madrid, en la imprenta del Reyno

Año de 1641

AL EXCELENTISSIMO

SEÑOR CONDE DUQUE DE OLIVARES.

A quien, señor, debemos acudir con este nuevo mundo descubierto; sino al que en sus houmbros, por aliviar los de su dueño, sustentara gustoso, si pudiera todo lo restante del? Que otro Atlante no se rendiera a tamaña carga; sino el que con esfuerço mas que varonil, ha echado el pecho, a mayores y desmedidos pesos? Quien por celoso que se ostente de los acrescentamientos de su Rey; no se retirara, rezelando nuevas dificultades; si no el que quanto mayores, mas las apetece, para que mas luzga su amor mas su fidelidade? Y quien, para dezirlo de una vez, sino el Excellentissimo Señor Conde Duque, podrá patronicar tan grandiosa empressa, de que depende la conversion de infinitas almas, el acrescentamiento de la Real Corona, y la defensa y guarda de todos los tesoros del Perú?

En manos pues de V. Excelencia ofrezco este nuevo descubrimiento del gran rio de las Amazonas, a que por orden de Su Magestad fui, con cuydado averigué, y con toda pontualidad recopilé en breves hojas, siendo digno de volumenes enteros; para que añadida esta preciosa piedra a la Corona de nuestro Gran Rey Filipo IV, que Dios nos guarde, por tan sublime Artifice; mejor assiente, mas luzga, y para siempre permanezca.

Bien puede V. Ex. aceptar el ofrecimiento, seguro de que es en todo grande, y mas de lo que sin duda parece, que a no ser assi, ni yo le ofreciera, ni mereciera aceptacion de tales manos. Porque si el dilatado Imperio de Ethiopia se alça con glorioso renombre, por ocupar su juridicion espacio de novecientas leguas; si la gran China, por encerrar en dos mil de circuyto, quince diferentes Reynos, espanta al mundo su grandeza; y si la longitud que del Perú se publica, se reduze a terminos de mil y quinientas leguas, que se miden desde el nuevo Reyno de Granada, hasta los ultimos fines del de Chile; con quanta mas razon adquirirá sobre todo lo

descubierto, titulo de grande, el rio de las Amazonas, pues en espacio de casi quatro mil leguas de contorno, encierra mas de ciento y cincuenta Naciones de lenguas diferentes, suficiente cada una dellas a hazer por si sola un dilatado Reyno, y todos juntos un nuevo y poderoso Imperio, que, favorecido y amparado, a la sombra de V. Excelencia podrá parecer grande en los ojos de Su Magestad, a cuyos pies y a los de V. Ex. ofresco, para esta conquista mi persona, y las de otros muchos de mi Religion, si de nos otros se quisiere servir V. Excelencia, cuya vida prospere el Cielo, con los aumentos que su persona, celo y fidelidad merecen.

De V. Excelencia criado,

CHRISTOVAL DE ACUÑA.

AL LECTOR

Nacieron, curioso lector, tan hermanadas, en las cosas grandes, la novedad, y el descredito que no parecen sino gemelos de un parto, y que por el mesmo caso que en lo nuevo, repara con cuydado, la admiracion, peligra el credito en el assento de los mas acordados. Y aunque es verdad, que la eficacia de la curiosidad natural, nos inclina a saber novedades, la incertidumbre de su pontualidad priva al entendimiento del mayor deleite, de que sin duda gozara, si persuadido de lo cierto, depusiera toda perplexidade en lo dudoso.

Deseando pues sacar a vista de todos, el nuevo descubrimiento del gran rio de las Amazonas (a que por orden de Su Magestad fui, como despues verás) y temiendome, de que aunque por lo nuevo seria apetecido ; con todo no dexaria de padecer rezelos, en lo puntual quise assegurarte lo uno y lo otro : lo primero, con prometerte un nuevo mundo, Naciones nuevas, Reynos nuevos, ocupaciones nuevas ; modo de viver nuevo, e para dezirlo en una palabra, un rio de agua dulce, navegado por mas de mil y trecientas leguas, todo desde su nacimiento hasta su fin, lleno de novedades. Lo segundo, con ponerte delante de los ojos las obligaciones de mi persona, de religioso de la Compañia de Jesus, de Sacerdote, de Legado de Su Magestad, y otras, que ni a ti te importa el saberlas, ni a mi el dezirlas : y si con todo esto te persuadieres a que la aficion de lo que con algun cuydado trabajé, me adelanta ; oye a los que de a fuera, con testimonios jurados, acreditan esta relacion.

Vale.

CERTIFICACION

DEL CAPITAN-MAYOR DESTE DESCUBRIMIENTO PEDRO TEXEYRA.

Pedro Texeyra, Capitan-Mayor al presente en esta Capitania del Gran Pará, y Cavo que fuy de la gente de guerra, que fue en el descubrimiento del rio de las Amazonas, de ida y buelta, hasta la ciudad de San Francisco del Quito en los Reynos del Perú.

Certifico, y afirmo con juramento, por los Santos Evangelhos, que es verdad que por orden de Su Magestad, y por particular provision, despachada por la Real Audiencia de Quito, vino em mi compañia desde la dicha ciudad, hasta la del Pará, el Reverendo Padre Christoval de Acuña, Religioso de la Compañia de Jesus, con su compañero el Reverendo Padre Andrés de Artieda, en el qual viaje, cumplieron entrambos assi en lo tocante al servicio de Su Magestad, a que eran inviados como buenos y fieles vassallos suyos, notando, y advertiendo todo lo necessario, para dar entera, y cumplida noticia del dicho descubrimiento a que se deve dar entero credito, mejor que a otro ninguno der de los que fueron en la dicha jornada.

Y en lo tocante a las obligaciones de su abito, y servicio de Dios, acudieron siempre, como lo acostumbran los de su Religion; predicando, confessando, y dotrinando a todos los del exercito, componiendoles en sus dudas, amistandoles en sus rencillas, animandoles en sus trabajos, y pacificandoles en sus dissenciones como verdaderos Padres de todos; passando las mismas incomodidades y trabajos que qualquiera de los soldados particulares, assi en la comida, como en todo lo demas.

Y no solo hizieron los dichos Padres esta jornada a su costa, sin que Su Magestad les diesse algun socorro para ella, sino que antes todo lo que ellos traian, assi de sustento, como de medicinas, era comun de todos los necessitados, a quienes acudieron siempre con mui grande caridad y amor.

Y por ser verdad todo lo aqui contenido di esta certification, firmada de mi mano, y sellada con el sello de mis armas.

En esta ciudad del Pará, a 3 de Março de 1640.

El Capitan-Mayor,
PEDRO TEXEYRA.

CERTIFICACION

DEL REVERENDO PADRE COMMISSARIO DE LAS MERCEDES.

Fray Pedro de la Rua, Religioso de Nuestra Señora de las Mercedes, Commissario General de mi Orden en los Estados de Marañon y Pará.

Certifico a todos los que la presente vieren como los Reverendos Padres Christoval de Acuña, y Andres de Artieda su compañero, Religiosos de la Compañia de Jesus, vinieron desde la Provincia de Quito, en compañia de la armada portugueza, que de buelta del descubrimiento del rio de las Amazonas, baxó por el hasta la ciudad del Pará, costa del Brasil y Governo del Marañon; acudiendo en todo el tiempo que durò el viage como verdaderos hijos de su Religion, confessando, predicando y consolando a todos los del exercito, y acudiendoles en sus enfermedades y necessidades como verdaderos Padres de todos: cumpliendo juntamente con lo que por parte de la Real Audiencia de Quito, en nombre de Su Magestad, se les avia encomendado, en lo tocante a hazer averiguacion de las cosas mas principales del dicho rio de las Amazonas, que hizo el dicho Reverendo Padre Christoval de Acuña con el cuydado que se verá por su relacion, a que juzgo se deve dar entero credito, por ser persona desinteressada y que solo movido del servicio de Dios, y del Rey emprehendio jornada tan trabajosa.

De todo lo qual puedo dar fee, como testigo de vista que por todo el camino venimos juntos. Y por verdad di esta, firmada de mi nombre, y sellada con el sello de mi Religion.

En esta ciudad del Pará, a 19 de Març̧o de 1640.

Comissario,

Fray Pedro de Santa Maria y de la Rua.

CLAUSULA DE LA PROVISION REAL

QUE DIO LA AUDIENCIA DE QUITO EN NOMBRE DE SU MAGESTAD PARA ESTE DESCUBRIMIENTO.

En conformidad de lo qual fue por los dichos mi Presidente, è Oydores, acordado, que devia mandar esta mi Carta y Provision Real, para vos y cada uno de vos en la dicha razon: è yo lo he tenido por bien, y os mando que siendo con ella requeridos por los dichos Padres Christoval de Acuña y Andres de Artieda, Religiosos de la dicha Religion de la Compañia de Jesus, o por qualquiera dellos, veais los autos suso incertos, y en su cumplimiento les dareis, y hareis se les dè todo el avio breve, y buen passaje que huvieren menester para el mejor cumplimiento de su mission, viaje, buenos efectos que del espero han de resultar, sin que en ello les sea puesto estorbo, ni impedimento alguno, por ninguna causa ni razon que sea, pues de lo contrario me tendrè por deservido.

Y ruego y encargo a vos el dicho Padre Christoval de Acuña, que en cumplimiento de lo proveìdo por los dichos mi Presidente y Oydores, y en conformidad del nombramiento en primer lugar en vos fecho por vuestro Prelado y de lo que por su peticion tiene ofrecido; aviendoos sido entregada esta mi carta, por parte del dicho mi Fiscal, veais lo en ella contenido, y lo guardeis, cumplais y executeis; y en su cumplimiento partais desta mi Corte con el dicho vuestro compañero para la dicha Provincia del Parà, en compañia del Capitan-mayor Pedrò de Texeyra, y demas gente de milicia que con elle và teniendo, como aveis de tener particular cuydado de descrivir con la mayor claridad que vos fuere possible, la distancia de leguas, Provincias, poblaciones de Indios, rios y parajes particulares; que ay desde la primera embarcacion hasta la dicha ciudad y puerto del Parà: informandoos con la mayor certeza que pudiereis dello, para dar bastante noticia, como testigo de vista en mi Real Consejo de las Indias, de todo; y que se tenga la necessaria de las dichas Provincias: como os mando lo

hagais, pareciendo personalmente con esta mi carta, de parte de la dicha mi Audiencia de Quito, ante los mi Presidente é Oydores del dicho mi Real Consejo; y siendo necessario informar dello a mi Real persona lo hareis; enviando relacion de todo al acuerdo de la dicha mi Audiencia de Quito.

Y por vuestra falta el dicho Padre Andres de Artieda, con el cuydado y pontualidad que de vuestras personas y celo con que los de vuestra Religion acostumbran servirme confio: y como en negocio tan importante al servicio de Dios Nuestro Señor, y nuestro; bien, y conversion de tantas almas, como se tiene noticia ay en las dichas Provincias nuevamente descubiertas. Que de lo assi hacer y cumplir me tendrè de vos, y de la dicha vuestra Religion por bien servido.

Dada en Quito, a 24 del mes de Enero de 1639. —El Licenciado *D. Alonso Perez de Salazar*. —Doctor *Antonio Rodriguez de San Isidro y Manrique*.—El Licenciado *D. Alonso de Mesa y Ayala*.—El Licenciado *D. Juan de Valdes y Llano*. —El Licenciado *D. Geronimo Ortiz Zapata*. —Secretario *D. Juan Cornejo*.

RELACION

NUMERO I.

Noticias de este gran Rio.

Casi con las primeras vistas de aquella parte de la America, que oy tiene nombre de Perú, nacieron en nuestra España, aunque por confusas noticias, encendidos desseos de el descubrimiento de el gran rio de las Amazonas, llamando por error comun, entre los poco vistos en la geographia, rio de el Marañon. No solo por las muchas riquezas, de que fue siempre sospechoso; ni por la multitud de gente que mantenian sus orillas; ni por la fertilidad de las tierras y temples apacibles de su habitacion; sino principalmente, por entender con no pequeños fundamentos, que el era la unica canal, y como calle mayor, que corriendo por el riñon de el Perù, se sustentava de todas las vertientes, que al mar de el Norte, tributan sus encumbradas cordilleras.

NUMERO II.

Descubre Francisco de Orellana este Rio.

Estes desseos solicitaron el coraçon de Francisco de Orellana, a que al año 1540, en cierta embarcacion, y con algunos compañeros, se fiasse de las corrientes de este gran rio (que desde entonces tomò tambien el nombre de Orellana) y passando a España, por la relacion que de sus grandezas dio: la Cesarea Magestad de el Emperador Carlos V, le mandò dar tres navios con gente y todo lo necessario, para que le bolviesse a poblar en su Real nombre: a que saliò el año de 1549, si bien, con tan adversa fortuna, que murien-

dosele la mitad de los Soldados en las Canarias, y Islas de Cabo Verde, con los demas que cada dia se le ivan diminuyendo, llegò a la boca de este gran rio, tan falto de gente, que le fue fuerça dexar dos navios que hasta aquel punto avia conservado, y no se sintiendo con fuerças para mas, en dos lanchas de buen porte, que fabricò con toda su gente, prosiguio sus intentos, entrando el rio arriba, que a pocas leguas reconociò no avian de tener buen fin; y assi reduciendose todos a una sola embarcacion, se retiraron por la costa de Caracas, hasta dar en la Margarita, adonde acabaron todos y con ellos las esperanças, de que Su Magestad entrasse en possession, de lo que tanto se desseava, y en si prometia.

NUMERO III.

Entra por este rio el tirano Lope de Aguirre.

Bolvieron-se a avivar estas esperanças viente años despues, que fue el de 1560, con la entrada que por orden del Vice-Rey del Perú hizo a este gran rio el General Pedro de Orsua, arrojando-se con buen Exercito a sus aguas, para ser testigo de vista de las grandezas, que solo por noticias se publicavan del; pero con tan mal sucesso que fue muerto a traycion por el tirano Lope de Aguirre, el qual levantando-se no solo por General, sino tambien por Rey, y prosiguiendo el viage començado, no permitió Dios que acertasse a la principal boca, por donde este gran rio desagua en el Oceano (que desdecia de la fidelidad de Españoles, descubrir un tirano, cosa de tanta importancia a nuestro Rey y Señor) si no que deixando-se llevar de braços de el, vino a desembocar por la costa en frente de la Isla de la Trinidad, en tierra firme de las Indias de Castilla. Donde por orden de Su Magestad le quitaron la vida, y le sembraron las casas de sal, que oy dia se muestran en aquellas partes.

NUMERO IV.

Intentan otros este descubrimiento.

Estos mismos desseos de el descubrimiento de este rio obligaron el Sargento-Mayor Vicente de los Reyes Villalobos,

Governador y Capitan-General de los Quixos, juridicion de la Provincia de Quito, para que se ofreciesse con buenos partidos, a principiar-le por aquellas partes: en cuya conformidad despachó la catolica persona de nuestro gran Rey Filipo IV, que oy vive y viva felizes años, en el de veinte y uno, una cedula a la Real Audiencia y Chancilleria de San Francisco de el Quito, para que se capitulassen las condiciones que para el dicho descubrimiento fuessen convenientes, que por acabar en este interin el dicho Governador su oficio, no tuvieron efeto.

Como ni tam poco le tuvieron los ardientes desseos de Alonso de Miranda, a quien el sucedio en el cargo, por atajar-se-los la muerte. Que tambien atajó los luzidos empleos en que el General Joseph de Villa-mayor Maldonado, Governador mucho antes que los dos, de el mesmo Govierno de los Quixos, gastó lo mejor de su vida, con ardiente zelo de sugetar a Dios y al Rey la multitud de Naciones, que confusas noticias publicavan deste rio: poniendo en execucion por muchas partes, con no pequeños logros sus desseos.

NUMERO V.

Intenta Benito Maciel este descubrimiento.

Solicitaron estos mismos desseos, no solo los animos de los Castellanos, por las partes de el Perú, sino que estendiendo-se a las costas del Brasil, habitacion de Portugueses, quisieron con el zelo que siempre tienen aumentar su Corona, començando desde la boca deste rio, buscar-le su origen y desentrañar-le de sus grandezas, a que se ofreció Benito Maciel Pariente, Capitan-Mayor que entonces avia sido de el Pará, y al presente Governador del Marañon.

En cuya conformidad se despachó el año de 1626 una Real Cedula (1) para que llevasse hasta el fin sus intentos, los quales cessaron por querer Su Magestad servirse de su persona en la guerra de Pernambuco.

---

(1) Veja-se esta Cedula a pag. 13 deste tomo.

NUMERO VI.

Manda-se-le a Francisco Coello que haga esta entrada.

No parece que se quietava el coraçon de nuestro gran Rey hasta ver executada cosa que tanto se deseava, y ella de si prometia.

Y aunque se desbaratavan todos los caminos y trazas que a este fin ordenava la humana prudencia: no por eso dexava de insistir en el intento principal, a cuya causa despachó por los años de 1633 o 1634 una su Real Cedula a Francisco Coello de Carvallo, que a la sazon estava por Governador de el Marañon y Pará, con expresso mandato de que luego se hiziesse el dicho descubrimiento, y que no aviendo a quien imbiar, fuesse el en persona a poner-lo en execucion: tanto como esto desseava Su Magestad que se efetuasse, cosa, que por todas partes se intentava, y por ninguna llegava a devida execucion; pero tan poco la tuvo en esta ocasion, por no se juzgar el Governador con fuerças suficientes para poder dividir-las en tiempos que el Olandes infestava cada dia sus costas. Y apenas tenia gente para poder-le resistir la entrada. Pero no ay que espantar de que humanas traças, se desbaratassen quando las divinas tenian ya dispuesto el modo casi milagroso con que se avia de hazer este grandioso descubrimiento, que fue como aqui diré.

NUMERO VII.

Navegan este rio dos Religiosos legos de S. Francisco.

Está la ciudad de S. Francisco de el Quito, que es una de las mas famosas de toda la America, edificada sobre montes, en la mas alta cordillera, que corre por todo aquel nuevo Orbe, aun no medio grado a la vanda del Sur, de la linea equinocial, cabeça de una Provincia, la mas fertil, la mas abundante, mas regalada y de mejores temples que otra ninguna del Perú, y que en multitud de naturales, policia, buena enseñança y christiandad dellos, a todos se aventaja.

De esta ciudad, pues, por los años de 1635, 1636, y principio del 1637 salieron ciertos Religiosos de S. Francisco,

por orden de sus superiores, em compañia del Capitan Juan de Palacios y otros soldados, para proseguir estos en lo temporal, y aquellos en lo espiritual, con el descubrimiento deste rio, que ya mas avia de trinta años, principiaron los Padres de la Compañia de Jesus, por los *Cofanes*, donde los naturales mataron cruelmente al Padre Rafael Ferrer, en pago de la dotrina que les enseñava.

Llegando, pues, los dichos Religiosos de S. Francisco a la Provincia de los *Encabellados*, numerosa mucho en gente, pero bien estrecha para el encendido zelo con que estos siervos de Dios como siempre acostumbran, la pretendian reduzir al gremio de la Iglesia: assistieron entre los naturales algunos meses; y viendo el tiempo que perdian y que la mies aun no la tenia Dios sazonada, se bolvieron unos a su convento de Quito, que dando los otros en compañia de los pocos soldados que alli quisieron assistir al lado de su Capitan, que a pocos dias vieron por sus ojos, muerto a manos de aquellos a quienes ivan a hazer tanto bien: con que les fue fuerça desampa- rar la tierra, y endereçando su viage a Quito todos los de- mas, dos Religiosos legos llamados Fray Domingo de Brieva, y Fray Andres de Toledo, con seis Soldados en una embar- cacion pequeña, se dexaron llevar de la corriente rio abajo, no con otro intento, a lo que se puede imaginar que llevados de el divino impulso, que en tan flacos instrumentos tenia librado el primer descubrimiento deste rio.

NUMERO VIII.

Llegan los dos Religiosos al Marañon.

Favoreció Dios los intentos de estos dos Religiosos, y des- pues de muchos dias de navegacion, en que experimentaron bien su providencia, llegaron a la ciudad de el Pará, pobla- cion de Portuguezes, que está situada quarenta leguas, de donde este rio desenboca en el Oceano, juridicion de el Go- vierno de el Marañon: aviendo passado sin lesion alguna por inmensas Provincias de Barbaros, y muchas de ellas Caribes, que comen carne humana, recibiendo de ellos el necessario mantenimiento, para llevar al fin lo començado.

Passaron luego a la ciudad de S. Luiz de el Marañon, donde el Governador assistia, que entonces era Jacome Raymundo

de Noroña, electo a mi ver, mas por Providencia Divina, que por la voz de el pueblo, pues ninguno otro rompiera con tantas dificuldades, ni si opusiera a tan contrarios pareceres que no tuviera el zelo, y obligaciones que a el le corrian de servir desinteresadamente en este descubrimiento a su Dios, y a su Rey.

A este pues dieron los dos Religiosos noticia de su viage, que fue como de personas, que venian cada dia huyendo de las manos de la muerte, y lo que mas pudieron aclarar, fue dezir que venian de el Perú, que avian visto muchos Indios, y que se atreverian a bolver por donde avian baxado, aviendo quien quisiesse seguir esta derrota.

NUMERO IX.

Es nombrado para la Conquista Pedro Texeyra.

Confuso que dava en este estado nuestro descubrimiento, y mal podia Su Magestad tomar resolucion de lo que convenia a su Real servicio, si el Governador, como ya dixe, no tomara a pechos el aclarar estes sombras, y contra el parecer de todos, imbiar gente por el rio arriba hasta la ciudad de Quito, que con mas attencion, y menos rezelos, notassen todo lo que hallassen en el, digno de advertencia.

Para esta empressa nombró por cabeça, y caudillo de todos a Pedro Texeyra, Capitan por Su Magestad de los descubrimientos, persona a quien el Cielo sin duda tenia escogida para esta ocasion, pues sola su prudencia y sus obligaciones pudieran acabar lo que el trabajó y hizo en servicio de su Rey en esta jornada, no solo con gastos y perdidas de hazienda, sino tambien con mucho dispendio de su salud; si bien nada de estos es cosa nueva, en quien por tantos annos que ha que sirve a Su Magestad, nunca ha grangeado otros interesses que dar honrada cuenta de todo lo que se le ha encargado, que ha sido mucho, y en ocasiones de no poca importancia.

NUMERO X.

Comiença su viage Pedro Texeyra.

Salió pues este buen Caudillo de los confines del Pará, a los veinte y ocho de Otubre de mil y seiscientos y treinta

y siete años, con quarenta y siete canoas de buen porte (embarcaciones de que adelante se dirá) y en ellas setenta Soldados Portugueses, mil e ducientos Indios de boga y guerra, que con las mugeres, y muchachos de servicio, passarian todas de dos mil personas.

Duró el viage cerca de un año, assi por la fuerça de las corrientes, como tambien por el tiempo, que en hazer mantenimientos, para tan numeroso exercito, era fuerça se gastasse, y principalmente por caminar sin guias ciertas, que les pudiessen endereçar sin rodeos, ni dilaciones, por los rumbos mas breves, por los quales devieran seguir su camino. Por ser este tan cumplido, y por las incomodidades que en el se passavan, començaron los Indios amigos a mostrar poco gusto de proseguirle, y de hecho, algunos se bolvieron a sus tierras.

Rezeloso el Capitan-Mayor de que no hiziessen los demas lo mesmo, y le dexassen impossibilitado de proseguir su viage; usó de industria, y a que rigor, ni fuerça bastava a conservar los que estavan titubeando: y aunque se hallava a la mitad del camino, fingió estar muy propinquo al termino, y aprestando ocho canoas bien guarnecidas de bogas, y Soldados, las mandó ir delante, como por aposentadoras de lo restante del Exercito, y a la verdad, no eran sino descubridoras del mejor camino, en que mil vezes dudosos de lo cierto, alucinavan.

NUMERO XI.

Adelantase el Coronel Benito Rodriguez.

Nombró Pedro Texeyra por Cabo desta quadrilla al Coronel Benito Rodriguez de Olivera, hijo del Brasil, y persona que como criada toda su vida entre los naturales, les tiene calados los pensamientos, y con pequeñas muestras adivinalo que tienen en el coraçon, con que es conocido, temido, y respetado de todos los Indios de aquellas Conquistas, y en el presente descubrimiento, importó no poco su persona, para llevarle al fin con la felicidad que se hizo.

Llegó pues el Coronel con su esquadra, despues de vencidas muchas difficultades, al Puerto de Payamino, dia de San Juan a los veinte y quatro de Junio de mil y seiscientos y treinta y ocho, que es la primera habitacion de Castellanos,

que por aquellas partes, sugeta a la Provincia de los Quixos, juridicion de Quito, se avezinda a las orillas de este gran Rio.

Si bien por el de Napo (de que despues se hará mencion) huviera tenido toda la Armada, mejores Puertos, mas bastimientos, y menos perdidas, no solo de Indios, sino tambien de haziendas.

NUMERO XII.

Dexa el Capitan el Exercito en los Encabellados.

Siempre iva siguiendo el Capitan-Mayor los rastros, y avisos que su Coronel le dexava en las dormidas, con que alentados de nuevo, cada dia pensavan, seria el siguiente, el postrero de la jornada.

Sustentados con estas esperanças, llegaron a un Rio, que sale de la Provincia de los Encabellados (de que ya diximos arriba) poblado todo de naturales; de paz, en tiempos passados, pero ya rebeldes por la muerte de el Capitan Palacios. Pareció este sitio apacible, para dexar alli situada toda la fuerça de el exercito, y nombrando por Capitan y Cabo de todos a Pedro de Acosta Favela, que con la Compañia que llebava a su cargo, hiziesse alli pie fijo hasta tener nuevo orden; quedó tambien con la suya el Capitan Pedro Bayon; personas ambas, que bien mostraron en esta ocasion, el valor con que tantos años avia exercitado la milicia, y la fidelidad con que obedecian los ordenes de sus mayores, pues a pie quedo esperaron onze meses, sin jamas intentar otra cosa, con ser la tierra enferma, los mantenimientos ningunos, sino los que se buscavan debaxo de las armas, y essos tan cortos que apenas parece podian ser suficientes a sustentar la vida.

Pero bien satisfecho estava el Capitan-Mayor de los que dexava en semejantes riesgos, que sola la muerte les podria apartar de el cumplimiento de sus ordenes.

NUMERO XIII.

Llega el Capitan-Mayor a Quito.

Con esta confiança, y pocos compañeros, proseguió Pedro Texeyra en seguimiento de su Coronel, que ya halló estava dias avia en el ciudad de Quito.

Donde fueron bien recebidos y agasajados, assi de lo Secular, como de lo Eclesiastico, mostrando todos el gozo que tenian de ver en sus tiempos, y por vassallos de Su Magestad, no solo descubierto, sino tambien navegado, desde su fin hasta sus primeros principios, el afamado Rio de las Amazonas.

No tuvieron la menor parte en estos regocijos, todas las Religiones de aquella ciudad que son muchas, y muy autorizadas, ofreciendose cada una de por si, con obreros fieles, que desde luego entrassen trabajando en la grande, e inculta viña de inmensos barbaros, de que por los nuevos descubridores se les dava noticia.

NUMERO XIV.

Resolucion del Virrey del Perú.

Recebido en aquella Real Audiencia de Quito la noticia, que bastava para hazer pleno concepto de lo mucho que a ambas Magestades Divina, y humana, importava el acudir luego al buen despacho de negocio tan grave: no se atrevieron los Señores Presidente, y Oydores de ella a resolver nada, sin primero dar aviso de todo al Virrey del Perú, que a la sazon era el Conde de Chinchon.

El qual despues de consultado el caso con la gente mas practica de la ciudad de Lima, Corte de aquel nuevo mundo; resolvió por carta suya para el Presidente de Quito (que lo era el Licenciado D. Alonso Perez de Salazar) su fecha a los diez de Noviembre de mil y seiscientos y treinta y ocho, que el Capitan-Mayor Pedro Texeyra con toda su gente, se bolviesse luego, por el mesmo camino que avia venido, a la ciudad del Pará, dandoles todo lo necessario para el viage, por la falta que tan buenos Capitanes y Soldados, sin duda harian en aquellas fronteras, que tan infestadas son de ordinario de el enemigo Olandés. Mandando juntamente, que si fuesse possible, se despusiessen las cosas de suerte, que fuessen en su compañia dos personas tales, a quienes se pudiesse dar fee por la Corona de Castilla, de todo lo descubierto, y de lo demas que a la buelta de viage se fuesse descubriendo.

NUMERO XV.

El General D. Juan de Acuña, se ofrece a la jornada.

En confusion puso a todos la execucion deste ultimo orden del Virrey, por los muchos inconvenientes, que mirado a prima faz, representava: Si bien no faltaron seculares zelosos del servicio de Su Magestad, que atropellandolo todo, deseava ser cada qual uno de los que se nombrassen para tamaña empressa.

Pero el que entre todos se mostró mas fervoroso de nuevas ocasiones, en que proseguir en servicio de su Rey, lo que ya por mas de treinta años el havia hecho, y sus antepassados por toda la vida: Fue D. Juan Vazques de Acuña, Cavallero del Abito de Calatrava, Teniente de Capitan-General del Virrey del Perú, y Corregidor actual, por Su Magestad, de Españoles, y naturales, en la mesma ciudad de Quito, y su Comarca; el qual ofrecia, no solo su persona, pero juntamente, su hazienda pára a su costa, levantar gente, pagar Soldados, comprar mantenimientos, disponer pertrechos, y hazer todos los gastos necessarios para tan cumplido viage, solo con el interes que siempre tuvo, de que su Rey y Señor, fuesse mejor servido.

No surtió efeto su buen desseo, por no le dar licencia quien podia, que atendiendo a la falta que podria hazer, dexando el oficio que exercia actualmente se le negó. Si bien no quiso Dios que tan honrados desseos, quedassen del todo frustrados, disponiendo las cosas de suerte, que ya que el no iva, fuesse en su lugar el Padre Christoval de Acuña, Religioso de la Compañia de Jesus, su hermano; teniendo a gran dicha, poder por este medio, ofrecer al servicio de Su Magestad, cosa que tanto estimava, y le tocava tan de cerca: lo qual sucedio desta manera.

NUMERO XVI.

Nombra la Real Audiencia al Padre Christoval de Acuña para esta jornada.

Viendo el Licenciado Suarez de Poago, Fiscal de la Real Chancilleria de Quito, ya de partida la Portuguesa Armada,

y considerando como fiel Ministro de Su Magestad, los muchos utiles, y ningunos inconvenientes, que se podian seguir de que dos Religiosos de la Compañia de Jesus, la acompañassen, notando con cuydado todo lo digno de advertencia en este gran rio, con cuya noticia passassen a España, para dar cierta relacion de todo en el Real Consejo de las Indias, y siendo necessario, al Rey nuestro Señor en su Real persona.

Como lo pensó el Fiscal, assi lo propuso en el Real acuerdo, y pareciendo a todos bien la propuesta, se le dio noticia dello al Provincial de la Compañia de Jesus, que a la sazon era el Padre Francisco de Fuentes, el qual estimando la honra que se hazia a su Religion, en fiar de ella cosa de tanta importancia, y cudicioso de que por esta via se le abriesse puerta, a que sus hijos entrassen a llevar la nueva luz del Santo Evangelio, a tanto numero de almas, que en este gran Rio, yazen en la sombra de la muerte; nombró en primer lugar, para esta empresa, al Padre Christoval de Acuña, Religioso professo, y actual Rector del Colegio de la Compañia de la ciudad de Cuenca, juridicion de Quito: Y en segundo lugar, y por su compañero al Padre Andres de Artieda, Lector de Teologia en el dicho Colegio de la mesma ciudad de Quito.

Aceptado por los Señores de aquella Real Audiencia el nombramiento de los dichos dos Religiosos de la Compañia de Jesus; se les mandó dar una Real Provision (cuya clausula pusimos al principio) en que se les manda, que siendo con ella requeridos, luego al punto partan de la ciudad de San Francisco del Quito, en compañia del Capitan-Mayor Pedro Texeyra, y llegando a la del Pará, passen a España, a dar cuenta, de todo lo que con cuydado huvieren notado en el discurso del viage al Rey nuestro Señor en su Real persona.

NUMERO XVII.

Salen los Padres de Quito.

Obedecieron luego los dichos Padres a lo que se les mandava, y a los diez y seis de Febrero de mil y seiscientos y treinta y nueve, dieron principio a tan luengo viage, que duró por espacio de diez meses, hasta entrar en la ciudad del

Pará, donde tomaron puerto a los doze de Diziembre del mesmo año.

Despues de aver hollado con sus plantas los encumbrados cerros, que con el licor de sus venas, alimentan, y dan el primer sustento a este gran Rio; y caminado sobre sus ondas hasta donde dilatado en ochenta y quatro leguas de boca, paga caudaloso tributo al mar Occeano; despues de aver con muy particular cuydado notado, todo lo que en el ay digno de advertencia; despues de aver marcado sus alturas, senalado por sus nombres los Rios que le tributan, reconocido las naciones que se sustentan en sus orillas; visto su fertilidad, gozado sus mantenimientos, experimentados sus temples, comunicado sus naturales; y finalmente despues de no aver dexado cosa de las en el contenidas, de que no puedan ser testigos oculares.

Como a tales pues como a personas que tantas obligaciones nos corren de ser pontuales en lo que se nos ha encomendado; pido yo a los que esta Relacion leyeren, me den el credito que es justo, pues yo foy el uno dellos, y en nombre, y por parecer de entrambos tomé la pluma para escrivirla. Digo esto, por las que podra ser saquen otros a luz, quiza no tan ajustadas a la verdad, como convenia.

Esta lo será, y tanto, que por ningun caso pondre en ella, cosa de que no pueda con la cara descubierta, atestiguar con mas de cinquenta Españoles, Castellanos, y Portugueses, que hizieron el mesmo viage; afirmando lo cierto por cierto, y lo dudoso por tal, para que en cosa tan grave, y de tanta importancia, nadie se arroje a creer mas de lo que en esta Relacion se afirma.

NUMERO XVIII.

El Rio de las Amazonas es el mayor del Orbe.

Es el famoso Rio de las Amazonas, que corre y vaña las mas ricas, fertiles, y pobladas tierras de todo el Imperio del Perú; el que de oy en adelante, podemos, sin usar de hiperboles, calificar, por el mayor, y mas celebre del Orbe.

Porque si el Ganges riega toda toda la India, y por caudaloso escurece el mar quando desagua en el, haziendole que pierda el nombre, y se llame Sinu Gangetico, por otro nombre Golfo de Bengala. Si el Eufrates, por Rio afamado

de la Siria, y parte de la Persia, es las delicias de aquellos Reynos.

Si el Nilo riega lo mejor del Africa, secundandola con sus corrientes: el Rio de las Amazonas, riega mas estendidos Reynos, fecunda mas vegas, sustenta mas hombres, y aumenta con sus aguas a mas caudalosos Occeanos, solo le falta para vencerlos en felicidad, tener su origen en el Paraiso, como de aquellos lo afirman graves Autores. Del Ganges dizen las historias, que desaguan en el treinta caudalosos rios, y que en sus playas se ven arenas de oro: inumerables rios desaguan en el de las Amazonas, arenas de oro tiene, y tierras riega, que atesoran en si infinitas riquezas.

El Eufrates se llama assi, como notó San Ambrosio, a *lœtificando*, porque con sus corrientes alegra los campos, de suerte, que los que riega este año, asseguran abundante cosecha para el siguiente.

Del Rio de las Amazonas se puede afirmar, que sus orillas son en la fertilidad Paraisos, y si el arte ayuda a la fecundidad del suelo, será todo el unos apacibles jardines.

La felicidad de la tierra, que riega el Nilo, celebró Lucano en estos versos:

> Terra suis contenta bonis, non indiga mercis.
> Aut Jovis; in solo, tanta est fiducia Nilo.

No necessitan las Provincias vezinas al Rio de las Amazonas de los estraños bienes; el Rio es abundante de pesca, los montes de caça, los aires de aves, los arbores de frutas, los campos de mieses, la tierra de minas, y los naturales que le habitan de grandes avilidades, y agudos ingenios, para todo lo que les importa, como iremos viendo en el discurso desta historia.

NUMERO XIX.

Nacimiento del Rio de las Amazonas.

Dando pues principio a ella por el nacimiento, y origen deste gran Rio de las Amazonas, hasta aora oculto siempre, queriendo cada tierra hazerse madre de tal hijo, arribuyendo a sus entrañas los primeros sustentos que le dan ser, nombrandole con nombre de Rio Marañon: error tan asentado

en aquellas partes, que la ciudad de los Reyes (1), emporio de todas las de la America, se gloria de que las Cordilleras de Guanuco de los Cavalleros, a distancia de setenta leguas de su sitio, dan cuna, y cortan los primeros pañales de una laguna, que alli está, a este afamado Rio.

Y a la verdad, no va muy fuera de camino, pues ya que no sea este su origen del Rio de las Amazonas; eslo por lo menos de uno de los mas famosos, que el convierte en su propria sustancia, y alimentado de sus aguas, corre mas brioso, su carrera.

Quiere tambien el nuevo Reyno de Granada, aumentar su credito, prohijando a las vertientes de Mocôa, el primer nacimiento deste Rio, que en su origen llaman los naturales, el gran Caquetá (2); si bien con ningun fundamento, pues en mas de setecientas leguas, no se ven las caras estos dos Rios, y quando se encuentran, como reconociendo a su mayor, torciendo el Caquetá su curso viene a pagar vassallage al de las Amazonas.

Por otras muchas partes, quiere el Perú, alçarse con el principio, y nacimiento deste gran Rio, celebrandole, y festejandole, como a Rey de los demas. Pero de oy en adelante, no lo permitirá la ciudad de San Francisco de el Quito, pues a ocho leguas de su assiento, tiene encerrado este tesoro, a las faldas de la Cordillera, que divide la juridicion del Govierno de los Quixos, al pie de dos cerros, llamado el uno, Guamaná, y el otro Pulcan, distantes entre si aun no dos leguas; de los quales dá este por madre al recien-nacido, una grande laguna; y aquel otra, aunque no de tanto box, si bien de mucho fondo, que agujerando un cerro, que invidioso del tesoro, que de si ofrecia, con la fuerça de un terromoto se le echó encima, pretendiendo ahogar en sus principios, tan grandes esperanças, como de aquel pequeño lago, se prometian al mundo.

Destas dos lagunas, que caen veinte minutos debaxo de la linea Equinocial a la vanda del Sur, tiene su principio el gran Rio de las Amazonas.

---

(1) Lima, capital do Perú.

(2) He o rio Yapurá ou Japurá.

NUMERO XX.

Su curso, latitud, y longitud.

Haze su curso este Rio, de Oeste, a Leste, como dize el navegante, esto es de Poniente a Oriente, vezino siempre a la Equinocial a la vanda de el Sur, por dos grados, tres, quatro, cinco, y dos tercios en la mayor altura.

Tiene de largo desde su nacimiento, hasta que desagua en el mar mil y trecientas y cinquenta y seis leguas castellanas, bien medidas; y segun Orellana, mil y ochocientas.

Camina siempre culebreando en bueltas muy dilatadas: y como señor absoluto de todos los otros Rios que en el entran, tiene repartidos sus braços, que son como fieles executores suyos, por medio de los quales sale al encuentro, y cobrando dellos el debido tributo de sus aguas, los buelve a en incorporar en la Canal principal.

Y es cosa digna de notar, que qual es el guesped que recibe, tales son los aposentadores, que le despacha; de suerte, que con ordinarios braços, recibe los mas comunes Rios; acrecentando outros mayores, para los de mas quenta: y a algunos que son tales, que casi se le pueden poner hombro con hombro, el mesmo en persona con toda su corriente, les sale a ofrecer el hospedage.

De latitud y anchura, es muy vario, porque por unas partes, se esplaya una legua, por otras dos, por otras tres, y por otras mucho mas; guardando tanta estrechura en tantas leguas, para con mas licencia, dilatado en ochenta y quatro de boca, ponerse barba a barba con el mar Occeano.

NUMERO XXI.

Estrechura, y fondo del Rio.

El mayor estrecho donde este Rio recoge sus aguas, es de poco mas que de un quarto de legua, en altura de dos grados y dos tercios. Lugar sin duda que previno la divina Providencia, estrechando este dilatado mar dulce, para que en su angostura, se pudiesse fabricar una fortaleza, que impida el passo a qualquiera Armada enemiga, por muchas fuerças que trayga, si acaso entrare por la principal boca de

este gran Rio: que entrando por el Rio Negro, en el mesmo se avrá de poner la defensa.

Está esta angostura trecientas y setenta leguas de la Barra, de donde en ocho dias con embarcaciones ligeras, a vela y remo, se puede dar aviso mucho antes que el enemigo les dé vista.

La profundidad de este Rio es grande, y en partes tal, que no se halla fondo: desde la boca hastã el Rio Negro, que es espacio de casi seiscientas leguas, nunca le faltan treinta, o quarenta brazas de altura en la Canal principal: de aĩ arriba vá variando mas, ya con veinte, ya con doze, y ya con ocho brazas muy a sus principios, fondos suficientes para qualesquiera embarcaciones, que aunque la corriente impida, no faltan de ordinario, todos los dias tres, quatro horas de brizas fuertes, y a vezes por todo el dia con que vencerla.

NUMERO XXII.

Islas, y su fertilidad, y frutos.

Todo este Rio está poblado de Islas, unas grandes, pequeñas otras, tantas en numero que no se pueden contar, porque se encuentran a cada paso, las ordinarias son de quatro, o cinco leguas, otras ay de diez, y de veinte: y la que habitan los Tupinambás (de quienes hablaremos despues) tiene mas de cien leguas de circunferencia: ay tambien otras muchas muy pequeñas que les sirven a los naturales de hazer en ellas sus sementeras, teniendo en las mayores su habitacion.

Estas Islas de menor porte, y a vezes las mayores, o mucha parte dellas, vaña todos los años el Rio, fertilizandolas de suerte con sus lamas, que no pueden jamas alegar titulo de esteriles, aunque por muchos años continuados, se les pida el ordinario fruto, que es el maiz, y la *yuca*, o mandioca, comun sustento de todos, y de que tienen mucha abundancia: y aunque al parecer, estava expuesta a grande diminucion, y perdida, con tan poderosas avenidas; la naturaleza, madre comun de todos, dio a estos Barbaros, medio facil para su conservacion.

Cogen la yuca, que son unas rayzes, de que se haze el

cazabe (1), pan ordinario en todas aquellas costas del Brasil, y cabando en la tierra unas cuevas, o filos hondos, las sepultan en ellos, dexandolos muy bien tapados todo el tiempo que duran las crecientes, las quales passadas, las sacan, y benefician para su sustento, sin que por esso pierdan un punto de su valor. Y si la naturaleza enseñó a la hormiga a guardar como en troges en las entrañas de la tierra el grano, que ha de ser alimento suyo todo el año; que mucho diesse traça al Indio por mas barbaro que sea para prevenir su daño, y guardar su sustento: pues es cierto, que la Divina Providencia mas cuida de los hombres, que de los animales brutos.

NUMERO XXIII.

Generos de bebidas que usan.

Este es, como ya dixe, el cotidiano pan, que siempre acompaña las demas viandas. Y no solo sirve de comida, sino juntamente de bebida: a que son en general muy inclinados todos los naturales: para lo qual hazen unas grandes tortas delgadas, que cozidas en horno, se avizcochan de suerte, que duran por muchos meses; estas guardan en lo mas alto de sus casas para tenerlas libres de las humedades de la tierra, y quando las quieren aprovechar, echandolas en agua las deshazen; y cozidas al fuego, les dan el punto que han menester; reposan este caldo, y frio, es el ordinario vino de que ellos usán, que a vezes es tan fuerte, que como si fuera vino de hubas, les embriaga, y haze perder el juizio.

Con este vino celebran sus fiestas, lloran sus muertos, reciben sus guespedes, hazen sus sementeras, y las cogen. Y finalmente, no ay ocasion en que se junten, que no sea este el azogue, que los recoge, y la liga que los detiene.

Hazen tambien, aunque no es tan ordinario, otros generos de vinos, que como tan inclinados a la embriaguez, son como los taures, que nunca les falta de que echar manos; ellos la echan de qualesquiera frutas silvestres, de que abundan los arboles, que deshechas en agua, la dan

---

(1) O Beijú, ou a farinha da mandioca.

con su zumo tal sabor, y fuerça, que muchas vezes excede a la cerbeza, bebida tan usada en todas las Naciones Estrangeras.

Guardan estos vinos, unos en tinajas muy grandes de barro, como las de nuestra España: otros en pipas pequeñas, que labran de una pieça, de socabados troncos, y otros en vasijas grandes que texen de yervas, dandoles por dentro, y fuera tal betun, que no se les pierde gota del licor que en ellas recogen.

NUMERO XXIV.

Frutas que tienen.

Las viandas con que acompañan este pan, y vino, son muchas, no solo de frutas, como Plantanos (1), Piñas (2), Guyabas, Avios (3), Castañas mui sabrosas (4), que llaman en el Perú almendras de la Sierra, y a la verdad mas parecen esto, que no aquello: si bien las llaman assi por nacer en unos cocos, que se assemejan al herizo de la Castaña.

Tienen Palmas de diversos generos, que produzen, unas sazonados cocos, y otras sabrosos datiles (5), que aunque silvestres, son de muy buen gusto: y otras muchas diferencias de frutas, propias todas de tierras calientes.

Tienen tambien rayzes de mucho sustento, como son batatas, yuca mansa, que llaman los Portugueses Macachera, Carás, criadillas de tierra, y otras, que asadas, o cozidas, no solo son tan gustosas, sino sustanciales.

NUMERO XXV.

Pescados deste Rio, y del Pegebuey.

Con todo, delo que mas se alimentan, y lo que como dizen, les haze el plato, es el inmenso pescado, que con

---

(1) Bananas.
(2) Pinhas ou attas.
(3) Abios.
(4) Castanhas, denominadas do Maranhão ou do Pará, e tambem as amendoas da Sapucaia.
(5) Tamaras ou fructos de Palmeiras.

increible abundancia, cada dia cogen a manos llenas de este Rio.

Pero entre todos el que como Rey se señorea, y está poblado en todo el Rio desde sus primeros principios, hasta que desagua en el mar; es el Pegebuey; pescado que en el gusto, solo le queda el nombre de tal, pues no ay persona, que quando le come no tenga por sazonada carne: es tan grande como un bezerro de año y medio, y en la cabeça, a tener hastas, y orejas, no se deferenciara del; tiene por todo el cuerpo algunos pelos, no muy largos, a modo de cerdas blandas, y muevese en el agua con dos braços cortos, que en forma de palas, le sirven de remos, debaxo de los quales muestra la hembra sus pechos, con que mantiene con leche los hijos que pare.

Del cuero, que es muy gruesso, hazen adargas los guerreros, tan fuertes, que bien curado no le passa una vala de arcabuz. Sustentase este pescado solo de yerva que paze, como si fuera buey verdadero, de donde cobra su carne tan buen gusto, y es de tanta sustancia, que con pequeña cantidad, queda una persona mas satisfecha, y con mas fuerças, que si comera doblado de carnero.

Debaxo del agua detiene poco el refuelo, y assi donde quiera que anda, saca a menudo el ozico para cobrar nuevo aliento, de donde le viene su total destruicion, pues el mismo se va mostrando a su enemigo; veenle los Indios, y siguiendole, en canoas pequeñas, le aguardan a que queriendo respirar, saque la cabeça, y clavandole con sus arpones, que hazen de conchas, le quitan la vida: dividenle en postas medianas, que asadas sobre parrillas de palo, duran sin corrupcion mas de un mes.

No hazen del cezinas (1) para todo el año (que son de mucho precio) por no tener sal en abundancia, que la que usan para templar sus comidas, es muy poca, y hecha de cenizas de cierto genero de palmas, que mas es salitre, que sal.

NUMERO XXVI.

Tortugas del Rio, y como las guardan.

Mas ya que no les es dado conservar por mucho tiempo

(1) Carne secca ou de Sol.

estas cezinas, no les falta industria para tener carne fresca todo el invierno, que aunque no es tan gustosa como aquella es mas sana, y no de menos provecho.

Hazen para esto unos corrales grandes, cercados de palos, cabados por dentro, de suerte que como lagunas de poço fondo, conserven siempre en si el agua llovediza. Hecho esto, al tiempo que las tortugas salen a desovar a las playas, ellos tambien dexan sus casas, y emboscandose en los puestos conocidos, que ellas mas frequentan, esperan a que saliendo a tierra, comience cada una, a occuparse en componer la cueva donde pretende dexar los huevos (1); salen en esta sazon los Indios, gañalas la parte de la playa, por donde han de tener su retirada al agua, y dando de improviso sobre ellas, en breve tiempo se ven señores de mucha cantidad, con no mas trabajo que irlas bolviendole de abaxo, arriba, con que sin poderse menear, las tienen todo el tiempo que quieren, hasta que enfartadas todas por unos agujeros, que las hazen en el casco, en varios cordeles, y echadas al agua, bogando ellos en sus canoas, las llevan a remolco, sin ningun trabajo, hasta meterlas en los corrales que tienen dispuestos, donde sueltas todas, las dan por prision aquella estrecha carcel, y sustentandolas con ramas, y hojas de arboles, las tienen vivas todo el tiempo que las han menester.

Son estas tortugas tan grandes y mayores que rodelas de buen tamaño: es su carne como de baca tierna; tienen las hembras dentro del buche quando las matan, de ordinario, mas de ducientos huevos cada una, algo mayores, y casi tan buenos como los de gallina, aunque mas duros de digestion. Estan a sus tiempos tan gordas, que de dos solas se saca una botija de manteca, que templada con sal, es tan buena, y mas gustosa, y dura mucho mas que la cocida de bacas; sirve para freir pescado, y para qualesquiera generos de guisados en que por acá puede aprovechar la mejor y mas delicada manteca de todas.

Cogen estas tortugas en tanta abundancia, que no ay corral destos que no tenga de cien tortugas arriba; con que jamas saben estos Barbaros que cosa seian hambres, pues una sola, basta a satisfazer una familia, por mucha gente que tenga.

---

(1) O texto ora usa da expressão *guebos*, ora de *guevos*.

NUMERO XXVII.

Modos de pescas que usan.

Con mas facilidad gozan los moradores deste rio de todos los generos de pescados que en si encierra; pues nunca rezelando que les ha de faltar para el siguiente dia, se previenen en el antecedente, sino que con lo que oy cogen, sustentados disponen para comer mañana otra cosecha.

El modo de pescar es diverso conforme a la variedad del tiempo, y las crecientes, ó menguantes de las aguas; y assi quando estas baxan tanto, que ya los lagos se secan, sin permitirles comunicacion con el Rio, usan de un genero de torbisco, que en aquellas costas llaman *Timbó*, del grosor de un braço, poco mas, o menos, y tan fuerte, que machacados dos, o tres palos destos, y batiendo con ellos el agua, que estantia sustenta en aquellos lagos el pescado, apenas llega este, a gustar de su vigor, quando sobre aguado todo se dexa coger con las manos.

Pero el ordinario modo con que en todos tiempos, y ocasiones, son dueños de quantos pescados sustenta este abastecido Rio, es con las flechas que con una mano disparan de una paleta que en ella tienen, y clavadas en el pege les haze oficio de boya, para conocer, adonde despues de herida se retira la presa, a que con presteza se arrojan, y assiendola la recogen en las canoas: y este modo de pesca no se estrecha a uno, o a otro genero particular de pescado, sino tan en general, se estiende a todos, que ni los unos por grandes, ni los otros por pequeños, son privilegiados, mas antes, todos passan por un rasero.

Con ser estos pescados de tan diversos generos (como ya dixe) son de muy buenos gustos, y muchos dellos de particularissimas propriedades; como lo es la de un pege, que los Indios le llaman *Paraqué*, que es al modo de una muy grande anguilla, o por mejor dezir, como un pequeño congrio, el qual tiene tal propiedad, que mientras está vivo, quantos le tocan tiemblan luego todo el cuerpo, mientras el contacto dura, como si tuvieran un recio frio de quartanas, cessando todo al mismo instante que del se apartan.

NUMERO XXVIII.

Caça del monte, y aves de que se sustentan.

Pudiera ser que enfastiados estos naturales, siempre con solo pescado, aunque tan bueno, apetecieran, siquiera, de quando en quando, alguna carne; y assi les previno la naturaleza sus antojos, poblandoles la Tierra firme, con muchos generos de caças; como son: Dantas (1), que son del tamaño de una mula de um año, y muy parecidas a ella en el color, y disposicion; y el gusto de la carne, no se deferencia del de la baca, aunque toca algo en dulce.

Ay tambien Puercos montarazes, no javalies, sino otro genero muy diverso, que tiene el ombligo en el lomo, de que estan pobladas casi todas las Indias; es muy buena carne, y muy sana, como tambien lo es la de otra especie destos mismos animales, que se hallan en muchas partes, muy semejantes a los caseros nostros.

Ay Venados, Pacas, Cotias, Yguanas (2), Yagotis (3), y otros animales, proprios de las Indias, de buenas carnes, y de tan buen gusto, que poco se echan menos las mas regaladas de Europa. Ay perdizes en los campos, y crian en sus casas algunas gallinas de las nuestras, cuya femilla baxó del Perú, y de unos a otros se ha ido estendiendo por todo el Rio: el qual en muchos lagos que haze, les sustenta infinidad de patos, y otras aves del agua, para caday quando que ellos quieren aprovechar dellas.

Y lo que mas admira, es el poco trabajo que cuestan todas estas cosas: como se puede colegir de lo que cada dia experimentavamos en nuestro Real, de donde, despues de llegar a la dormida, y despues de ocupados los Indios amigos, que nos acompañavan, en hazer varracas suficientes para todo el alojamiento, en que se consumia mucho tiempo; se repartian unos por tierra, con perros, en busca de caça; y otros por agua, con solos sus arcos, y flechas, y en pocas horas viamos venir á estos, cargados de pescado,

---

(1) *Anta*: em outros paizes tambem se chama *Tapir*.
(2) He o lagarto das margens dos rios, que he vulgarmente conhecido por *Camcleão*.
(3) *Jaboty*, ou kágado das mattas, differente do *Jurará, Kangapara*, e Tartarugas, que vivem nos lagos e rios.

y aquellos con caça suficiente, para que todos quedassemos satisfechos.

Lo qual no era un dia, o otro sino todos quantos duró el viage, que fue tan cumplido, como ya dixe.

Maravilla digna de admiracion, y que solo se puede atribuir, a la Paternal Providencia de aquel Señor, que con solos cinco panes, y pocos pezes sustentó cinco mil hombres, quedandole el braço sano, y las manos llenas, para mayores liberalidades.

NUMERO XXIX.

Clima, y temple del Rio.

El clima deste Rio, y todas las Provincias a el circunvezinas, es templado; de suerte que ni ay calor que enfade, ni frio que fatigue, ni variedad que sea molesta; porque aunque se reconoce algun genero de invierno, no estanto, causado de la variedad de los Planetas, y curso del Sol; que siempre nace, y se pone a una misma hora; como de las inundaciones de las aguas, que con sus humedades, impiden por algunos meses las sementeras, y frutos de la tierra, por los quales nos regimos de ordinario en aquellas partes del Perú, de tan diferentes temples, para conocer, y distinguir el verano del invierno; de suerte que todo el tiempo que la tierra nos produze frutos, llamamos verano; y por el contrario invierno, al en que por alguna causa se impiden sus cosechas.

Estas son dos al año en este Rio, no solo en los maizes, uno de sus principales sustentos, sino tambien en otras semillas propias de la tierra.

Verdad es que las mas cercanas a las Cordilleras de Quito, gozan de mas calor que lo restante del Rio, por las muchas brisas que de ordinario refrescando lo mas propinquo a las costas de la mar: si bien este calor, quando mayor, es tanto como lo ordinario de Guayaquil, Panamá, o Cartagena, templandose en gran parte con los continuos aguazeros de casi cada dia: haziendoles a todas estas tierras gran ventaja en conservar por mucho tiempo, sus mantenimientos incorruptos, como lo experimentamos en las Hostias, con que cada dia deziamos Missa, que despues de cinco meses y medio que salieron de Quito, estavan tan frescas

como si fueran de pocos dias hechas, y por acabarse a este tiempo, no experimentamos todo lo que en adelante pudieran durar, cosa que espanta a los que tenemos corridos diferentes temples de las Indias, y sabemos por experiencia la facilidad, con que en tierras calidas se corrompen, aun cosas de mas sustancia.

No son los Soles deste Rio, con avezindarse tanto a la Equinocial, nozivos; ni se conocen serenos que hagan daño (1), de que puedo ser buen testigo, pues raras vezes en todo el tiempo que por el naveguė, dexé de passar las noches de claro en claro, a su inclemencia, sin que jamas me causasse un dolor de cabeça, que en otras partes; solo un pequeño rayo de la Luna, los suele causar muy desmedidos: si bien es verdad que en sus primeras entradas, casi todos los que veniamos de tierras frias, tuvimos quatro calenturas, que con otras tantas sangrias nos dexaron libres.

Ni tampoco ay en este Rio ayres corruptos, que con repentinas calidades dexan lisiados a aquellos a quienes mas hieren; como a costa de su salud, y a vezes de la vida, los sienten muchos, casi en todo lo descubierto del Perú. Y a no tener la plaga de mosquitos, de que abunda en muchos parages, se pudiera llamar a boca llena un dilatado Paraiso.

NUMERO XXX.

Disposicion de la tierra, y drogas medizinales.

Desta apacibilidad de temples, nace sin duda la frescura de todas sus orillas, que coronadas de varios, y hermosos arboles, parece que aporfia estan de continuo dibujando nuevos paises, en que la naturaleza se esmere, y el arte aprenda.

Y aunque en lo comun es tierra baxa; tiene tambien, altos bien proporcionados; campiñas desembaraçadas de arboledas, y cubiertas de flores; vales que siempre conservan la humedad; y en lo mas retirado, cerros tales, que pueden con razon passar con nombre de Cordilleras.

En estos incultos bosques, tienen los naturales librada para sus dolencias, la mejor botica de simples, que ay en lo

---

(1) O mesmo acontece nas Provincias proximas ao Amazonas.

descubierto: porque aqui se cosa la mas gruesa cañafistola que en parte alguna: la çarçaparrilla mas perfecta; las gomas, y resinas saludables, mas en abundancia; la miel de avejas silvestres, mas a cada passo; y tanto, que apenas se llega a paraje, donde no la aya; gastandola, no solo en medizinas, para que es muy saludable; sino tambien sustentandose con ella, por ser de lindo gusto, y aprovechando la cera, que aunque es negra, es buena, y arde tambien como qualquiera otra.

Aqui el azeyte de Andirova, que es un arbol, que no tiene precio para curar heridas. Aqui al de Copaiba, que tambien lo es; no iguala el mejor Balsamo.

Aqui se hallan mil generos de yerbas, y arboles de particularissimos efectos; y ay aun por descubrir otras muchas, que pudiera salir segundo Dioscorides, y tercero Plinio, y todos tuvieran bien que hazer en averiguar sus propriedades.

NUMERO XXXI.

Maderas, y aderezo para navios.

Los arboles en este Rio, son sin numero, tan altos, que se suben a las nubes, tan gruesos que pone espanto; cedro medi con mis manos, de treinta palmos de circuito; son todos por la mayor parte de tan buenas maderas, que no se pueden dessear mejores; porque son cedros, ceibos, palo hierro, palo colorado, y otros muchos, reconocidos ya en aquellas partes y experimentados por los mejores del mundo, para fabricar embarcaciones: las quales en este Rio, mejor, y con menos costo, que en parte ninguna, se podran acabadas, y perfectas echar al agua; sin que se necessite de nuestra Europa, sino solo hierro para la clavaçon.

Porque aqui, como digo, estan las maderas a pedir de boca; aqui la xarcia tan fuerte como la de cañamo, de ciertas cortezas de arboles, de que se hazen amarras, que solas ellas sustentan las naos en tormentas deshechas; aqui la pez, y brea tan perfecta como la Araviga; aqui el azeite, assi de arboles, como de pescados, para darla punto, y templar su dureza.

Aqui se saca estopa excelente, que llaman *embira*, que para calafetear las naos, y juntamente para cuerda de arcabuz, no se conoce otra mejor.

Aqui el algodon para el velambre, es la semilla que mejor produzen los campos; y aqui finalmente, está la multitud de gente, que despues diremos, con que no falta nada para fabricar quantos galeones se quisieren poner en astillero.

NUMERO XXXII.

Quatro generos de cosas provechosas que ay en este Rio.

Ay en este gran Rio de las Amazonas, quatro generos, que cultivados, seran sin duda suficientes, para enriquezer, no a uno, sino a muchos Reynos: de los quales es el primero, maderas; que fuera de aver muchas de tanta curiosidad, y estima como el mejor evano; ay tantas de las comunes para embarcaciones, que juntamente se podran sacar para otras partes, seguros siempre de que por muchas que se saquen, jamas se podran agotar.

El segundo genero, es el del cacao, de que estan sus orillas tan llenas, que algunas vezes las maderas que para el alojamiento de todo el exercito, se cortavan; apenas eran otras que las de los arboles que produzen este tan estimado fruto en la Nueva España, y en donde quiera que saben que cosa es chocolate; el qual beneficiado, es de tanto provecho; que a cada pie de arbol, corresponde de renta todos los años, horros de todos gastos, ocho reales de plata: y veese bien con quan poco trabajo, se cultivarian estos arboles, en este Rio, pues sin ningun beneficio de el arte, sola la naturaleza les llena de abundantes frutos.

El tercer genero, es el Tabaco, de que se halla gran cantidad, y muy crecido entre todos los moradores de sus Riberas; y si se cultivasse con el cuydado que pide esta semilla, seria de los mejores del mundo; porque a juizio delos que lo entienden; la tierra, y temples, es todo lo que se puede dessear, para grandiosas cosechas.

Las mayores, que a mi ver, se debieran entablar en este rio son las de el Azucar, que es el quarto genero, que como mas noble, mas provechoso, mas seguro, y de mayores acrecentamientos para la Corona Real: y mas en tiempos que tanto ha caido el trato del Brasil, se debiera tomar mas a pechos, y procurar luego á los principios entablar muchos ingenios, que en breve tiempo restaurassen las perdidas de aquella costa.

Para lo qual, no fuera menester, ni mucho tiempo, ni mucho trabajo, ni lo que oy mas se rezela mucha costa: pues la tierra para caña dulce, es la mas famosa que ay en todo el Brasil, como lo podemos atestiguar los que avemos corrido aquellas partes; porque es toda ella un mazapé continuado, que es por lo que los labradores destas plantas se desvelan; y con las inundaciones del Rio, que nunca duran sino pocos dias, que dan tan fertilizadas, que antes se puede temer el demasiado vicio.

Y no será nuevo en aquella tierra llevar caña dulce, pues por todo este dilatado rio, desde sus primeros principios, siempre la fuymos encontrando: que parece dava desde entonces, muestras de lo mucho que despues multiplicará, quando se quieran hazer ingenios para labrarla.

Estos serian de muy poco costo, por tener, como dixe las maderas a la mano, y el agua en abundancia, y solo se necessitarian cobres, que con mucha facilidad contribuyera nuestra España, codiciosa de el buen retorno que por ellos avia de recebir.

NUMERO XXXIII.

De otros generos de estima que aqui se hallan.

No solo estos generos podian prometerse en este nuevo mundo descubierto, con que enriquecer a todo el Orbe, sino tambien otros muchos, que aunque de menor quantia, no dexarian de ayudar con su cornadillo, al aumento de la Corona Real, como son el algodon que se coge en abundancia: el urucú, que es con lo que tiene perfecto colorado, que los Estrangeros estiman grandemente; la Cañafistola, la zarçaparrilla, los azeites que compiten con los mejores balsamos en el efeto de curar heridas; las gomas y resinas olorosas, la pita de que se saca el mas estimado hilo, de que ay grande abundancia, y otros muchos que cada dia ha de ir sacando a luz la necessidad, y la codicia.

NUMERO XXXIV.

Riquezas deste Rio.

No trato de las muchas minas de oro, y plata, de que se tiene noticia en lo descubierto, y que se descubriran

forçosamente en adelante: que si mi juizio no me engaña, han de ser mas, y mas ricas que todas las de el Perú, aunque entren en ellas las de el afamado Cerro de Potosi.

Y no digo esto al ayre, y sin fundamento, llevado solo, con o pensará alguno de la aficion que muestro a engrandecer este Rio, sino estrivando en la razon, y en la experiencia: esta la tengo de el oro que en algunos Indios de este Rio encontramos, y de las noticias que dieron de sus minas: aquella me obliga a formar este argumento.

El Rio de las Amazonas, recibe en si las vertientes, todas de las tierras mas ricas de la America; pues por la vanda de el Sur, desaguan en el caudalosos Rios, que decienden de cerca de Potosi, unos, otros de Guanuco, Cordillera que se avezinda a la ciudad de Lima: del Cuzco otros, y otros de Cuenca, y Gibaros, que es la tierra mas rica de oro, que ay en lo descubierto.

De suerte, que por esta parte quantos Rios, quantos manantiales, quantos arroyos, quantas fuenticillas vierten en el Occeano en espacio de seiscientas leguas, que ay desde Potosi a Quito: todos rinden vassallage, y pagan parias a este Rio, como tambien lo hazen todos los que baxan del nuevo Reyno de Granada, no inferior en oro a todos los demas. Si este Rio pues, es la calle mayor, y el principal camino por donde se sube a las mayores riquezas del Perú: bien puedo afirmar, que es le principal dueño de todas.

Fuera de que, si el *Lago Dorado* tiene el oro, que la opinion le arribuye: Si las Amazonas habitan, como atestiguan muchos, entre las mayores riquezas de el Orbe: Si los Tocantines en piedras de precio, y abundancia de oro, son tan afamados de el Frances: Si los Omaguas con sus averes alborotaron al Perú, y despachó luego un Virrey con grueso exercito a Pedro de Orsua en busca dellos: En este gran Rio, está todo encerrado: aqui el *Lago Dorado*, aqui las Amazonas, aqui los Tocantines: y aqui los ricos Omaguas, como adelante se dirá. Y aqui finalmente está depositado el immenso Tesoro, que la Magestad de Dios, tiene guardado para enriquezer con ela la de nuestro gran Rey, y señor Philipo Quarto.

NUMERO XXXV.

Son quatro mil leguas de circuito lo descubierto.

Tiene de circuito este dilatado Imperio, segun buena Cosmographia, al pie de quatro mil leguas: y no pienso que me alargo mucho, porque si solo de longitud, medidas con cuydado tiene mil y trecientas y cinquenta y seis, y conforme a Orellana, que fue el primero que le navegó mil y ochocientas; y por cada Rio que en el entra de una y otra vanda, segun buenas informaciones de los naturales, que pueblan sus bocas en mas de dozientas leguas por cada vanda, y por muchas partes, ni aun en mas de quatrocientas, nunca se sale a poblacion de Españoles, encontrando siempre naciones diferentes; fuerça es que le concedamos de anchura, por lo menos quatrocientas leguas en lo mas estrecho, que con las mil y trecientas y cinquenta y seis: o segun Orellana mil y ochocientas de longitud, le daran de circuito, segun buena Aritmetica, muy pocas menos de las quatro mil, que ya dixe.

NUMERO XXXVI.

Multitud de gente, y de diferentes Naciones.

Todo este nuevo mundo, llamemosle assi, está habitado de Barbaros en distintas Provincias, y Naciones: de las que puedo dar fee, nombrandolas con sus nombres, y señalandolas con sus sitios, unas de vista, y otras por informaciones de los Indios que en ellas avian estado; passan de ciento y cinquenta, todas de lenguas diferentes, tan dilatadas, y pobladas de moradores, como las que vimos por todo este camino, de que despues diremos.

Estan tan continuadas estas Naciones, que de los ultimos pueblos de las unas, en muchas dellas, se oyen labrar los palos en las otras. Sin que vezindad tanta les obligue a hazer pazes, conservando perpetuamente continuas guerras, en que cada dia se matan, y cautivan inumerables almas. Desague ordinario de tanta multitud, sin el qual, ya no cupieran en toda aquella tierra.

Pero, aunque entre si, se muestran belicosos y de brios: ningunos tienen para con el Español, como se notó en todo el viage, en que jamas barbaro, se atrevió a usar contra los nuestros de otra defensa, de la que de ordinario estan los cobardes prevenidos, que es la huida que tienen muy a la mano, por navegar en unas embarcaciones tan ligeras, que en abordando a tierra las cargan en los hombros, y arrojandose con ellas a un lago, de los muchos que el Rio tiene, dexan burlado a qualquier enemigo, que con su embarcacion, no pueda hazer otro tanto.

NUMERO XXXVII.

Armas de que usan los Indios.

Sus armas son, en unos azagayas medianas, y dardos labrados de maderas fuertes, bien aguzadas, y todas las puntas, que tiradas con destreza, passan con facilidad al enemigo.

En otros, son *estolicas*, arma en que los guerreros del Inca, gran Rey del Perú, eran muy diestros; son estas estolicas unos palos tableados, de una vara de largo, y tres dedos de ancho, en cuyo remate, a la parte de arriba, fijan un diente de guesso, en que haze presa una flecha de nueve palmos, con la punta tambien de gueso, o de palo muy fuerte, que labrada en forma de harpon, queda como garrocha, pendiente de aquel a quien hiere; esta cogen en la mano derecha, en que tienen la estolica por la parte inferior, y fijandola en el diente superior, la disparan con tan gran fuerça, y acierto, que a cinquenta passos, no yerran tiro.

Con estas armas pelean; con estas flechan la caça; y con estas son señores de qualquier pescado, por mas que se les quiera ocultar entre las ondas; y lo que mas admira, con estas clavan las tortugas, quando huyendo de ser reconocidas, solo de quando en quando, y por un muy breve espacio muestran la cabeça enzima de las aguas, atravessandolas el cuello, que es solo en lo que por estar libre de las conchas se puede hazer el tiro.

Usan tambien para su defensa de rodelas, que hazen de cañas brabas, hendidas por medio, y texidas apretadamente

unas con otras, que aunque son mas ligeras, no son tan fuertes como las otras que ya dixe, de cuero de Pegebuey.

Algunas destas naciones, usan de arco, y flecha, arma que entre todas las demas es siempre respetada, por la fuerça, y presteza con que hiere. Abundan de yerbas venenosas, de que hazen en algunas naciones, una ponçoña tan eficaz, que enherboladas con ella las flechas, en llegando a sacar sangre, quitan juntamente la vida.

NUMERO XXXVIII

Su commercio es por el agua en canoas.

Todos los que los que viven a las orillas deste gran Rio, estan poblados en grandes poblaciones, y como Venecianos, o Mexicanos todo su trato es por agua, en embarcaciones pequeñas, que se llaman canoas; estas de ordinario son de cedro; de que la Providencia de Dios les proveyo abundantemente, sin que les cueste trabajo de cortarlos, ni sacarlos del monte, inviandoselos con las avenidas del Rio, que para suplir esta neccessidad, los arranca de las mas distantes Cordilleras del Peru, y se los pone a las puertas de sus casas, donde cada uno escoge lo que mas acuento le parece.

Y es de admirar, ver que entre tanta infinidad de Indios, que cada uno necessita, por lo menos para su familia, de uno, o dos palos, de que labre una, o dos canoas, como de hecho las tienen; a ninguno le cuesta mas trabajo, que saliendo a la orilla echarle un quando va palazoando, y amarrarle a los mismos umbrales de sus puertas, donde queda preso, hasta que aviendo ya baxado las aguas, y aplicando cada uno su industria, y trabajo, labra la enbarcacion, de que tiene necessidad.

NUMERO XXXIX

Las herramientas que usan.

Las herramientas de que usan para labrar, no solo sus canoas, sino sus casas, y lo demas que han menester, son hachas, y azuelas, no fraguadas por buenos Oficiales en las herrerias de Vizcaya, sino forjadas en las fraguas de sus entendimientos, teniendo por maestra, como en otras

cosas, a la necessidad. Esta enseñó a cortar del casco mas fuerte de la tortuga, que es la parte del pecho; una plancha de un palmo de largo, y algo menos de ancho, que curada al humo, y sacandola el filo en una piedra, la fijan en su hastil, y con ella como con una buena hacha, aunque no con tanta presteza cortan lo que se les antoja.

Deste mismo metal hazen las azuelas, sirviendoles de cabo para ellas, una quijada de Pegebuey, que la naturaleza formò con su buelta, aproposito para el efecto. Con estas herramientas, lavran tan perfectamente, no solo sus canoas, sino tanbien sus mesas, tablas, assientos, y otras cosas, como si tuvieran los mejores instrumentos de nuestra España.

En algunas naciones, son estas hachas de piedra, que labrada a poder de braços, la adelgazan de suerte, que con menos rezelos de quebrarse, y mas en breve, que con las otras de tortuga, cortan qualquier arbol, por grueso que sea. Sus escoplos, gubias, y cinceles, para obras delicadas, que las hazen con gran primor; son dientes, y colmillos, de animales, que encavados en sus palos, no hazen menos bien su oficio, que los de fino azero.

Casi todos tienen sus Provincias algodon, unos mas, otros menos; pero no todos le aprovechan para vestirse del, mas antes los mas andan desnudos, assi hombres, como mugeres, sin que la verguença natural les obligue, a no querer parecer, que estan en el estado de la inocencia.

NUMERO XL

De ritos y Dioses que adoran.

Los ritos de toda esta Gentilidad; son casi en general unos mesmos: adoran Idolos, que fabrican con sus manos, atribuyendo a unos el poder sobre las aguas, y assi les ponen por divisa un pescado en la mano; a otros escogen por dueños de las sementeras; y a otros, por valedores en sus batallas.

Dizen que estos Dioses baxaron del cielo, para acompañarlos, y hazerlos bien: no usan de alguna ceremonia para adorarlos, mas antes les tienen olvidados en un rincon hasta el tiempo que los han menester; y assi quando han de ir a la guerra, llevàn en la proa de las canoas, el Idolo en quien tienen puestas las esperanças de la vito-

ria; y quando salen à hazer sus pesquerias, echan mano de aquel aquien tienen entregado el dominio de las aguas; pero ni en unos, ni en otros fian tanto, que no reconozcan, puede aver otro mayor.

Colijo isto de lo qne nos sucediò con uno destos Barbaros, si bien este no lo muestrava ser en la agudeza de su discurso; el qual aviendo oydo algunas cosas del poder de nuestro Dios, y visto por sus ojos que subiendo el rio arriba nuestro exercito, y passando por medio de tantas naciones tan belicosas, bolvia sin recibir daño de ninguna; lo qual juzgava, era fuerça, y poder del Dios, que le regia, llegò con grandes ansias a pedir al Capitan Mayor, y a nos otros, que en pago del hospedaje, y buen agasajo, que nos hazia, no queria otra merced, sino que le dexassemos alli un Dios de los nuestros, que como tan poderosos en todo, le guardasse a el, y a sus vassallos en paz, y con salud, y juntamente les pudiesse acudir con el necessario mantenimiento de que necessitavan.

No faltó quien le quisiesse consolar, con dexar en su pueblo enarbolado el estandarte de la Cruz; cosa que acostumbran hazer los Portugueses entre estos Gentiles, no con tan buen zelo como la accion muestra de suyo; sirviendoles sel sacro Santo Palo de la Cruz, levantado en alto de titulo y capa, para colorar sus mayores injusticias, como son las continuas esclavitudes de los pobrecitos Indios, que como mansos corderos, los levados a sus casas para venderlos en rebaños unos, y servirse con rigor de los otros.

Levantan pues como digo estós Portugueses la Santa Cruz y en pago del buen recebimiento delos naturales que en sus pueblos les hazen, la fijan en lo mas levantado del lugar, diziendoles, que la han conservar siempre intacta: succede por algun acontecimiento, o que la Cruz con el tiempo se cayò, y deshizo: o que maliciosamente, ellos por ser Gentiles, y no reconocer estima en ella la derribaron: con que luego les dan los Portugueses la sentencia, y los condenan a todos los de aquel pueblo por esclavos perpetuos, no solo por su vida, sino para todos sus descendientes.

Por esta causa no consenti yo que se levantasse la santa Cruz, y juntamente para no dar al barbaro que nos pedia un Dios, ocasion de idolatrar, atribuyendo à quel madero el poder, y Deidad del que en el nos redimiò. Si bien le consolé con assegurale; que nuestro Dios, le haria

siempre compañia, que le pidiesse lo que avia menester, y fiasse del, que algun dia le traeria a su verdadero conocimento.

Bien persuadido estava este Indio de que no eran sus Dioses, los mas poderosos de la tierra, pues queria libremente le dexassen otro mayor a quien obedecer.

NUMERO XLI

Un Indio se hazia Dios.

Del mismo parecer que el passado, aunque de mayor malicia, se mostró otro barbaro: el qual no reconociendo poder, ni Deidad en sus Idolos, el mismo se hazia Dios de toda aquella tierra.

De este tuvimos algunas leguas antes de llegar a su habitacion noticia: y despachandole nueva, de que se la traimos del verdadero Dios, y mas poderoso que no el, le rogamos nos esperasse a pié quedo. Hizolo assi, y apenas llegaron nuestras embarcaciones a tomar puerto en sus Ribeiras, quando codicioso de saber del nuevo Dios; saliò en persona a perguntar por el. Pero aunque se le declaró quien era, como no le pudo ver con sus ojos, quedose en su ceguera, haziendose hijo del Sol, adonde con el espiritu, afirmava ir todas las noches, para mejor disponer el dia siguiente del universal gobierno que le incumbia.

Tal era la malicia, y sobervia deste barbaro.

Mejor discurso y entendimiento mostrò otro que perguntado, porque causa estando sus compañeros retirados en el monte, rezelosos de la vezindad de los Españoles, él solo con algunos sus parientes, salia tan sin temor a meterse en sus manes. Respondiò, que considerava, que gente que avia subido una vez por medio de tantos enemigos, y bolvia a baxar sin lesion alguna, no era possible menos, sino que como señores de todo este gran Rio, tornassen una, y muchas vezes a navegarle y poblarle: y que aviendo de ser esto assi, no queria andar siempre sobresaltado a sombra de texado, sino salir deste luego a reconocer de grado por amigos, a los que los demas avrian de recebir por fuerça.

Discurso bueno, y que permitirà la Magestad de Dios, le veamos algun dia puesto en execucion.

NUMERO XLII

De los Hechizeros que ay.

Prosiguiendo con el hilo nuestra historia, y bolviendo a los ritos destas Naciones. Es para notar la grande estima en que todas tienen a sus Hechizeros; no tanto por amor que les muestren, como por el rezelo con que siempre viven de los daños que les pueden hazer.

Tienen para que usen de sus supersticiones, y hablen con el demonio, que les es muy ordinario; una casa que solo sirve desto, donde con cierto genero de veneracion, como si fueran Reliquias de Santos, vàn recogiendo todos los guesos de los Hechizeros que mueren, los quales tienen colgados en el ayre, en las mesmas amacas en que ellos dormian en vida. Estos son sus Maestros, sus Predicadores, sus Consejeros, y sus guias; a estos acuden en sus dudas para que se las declaren, y destos necessitan en sus mayores enemistades, para que les den y ervas venenosas con que tomar vengança de sus enemigos. En el enterrar sus difuntos, son varios entre si; por que unos los tienen dentro de sus mesmas casas, teniendo siempre en todas las ocasiones pressente la memoria de la muerte; que si con este fin lo hiziessen, las tendrian sin duda mas ajustadas.

Otros en hogueras grandes, no solo queman los cadaveres, sino juntamente con ellos quanto posseyeron en vida. Y assi los unos, como los otros, celebran sus exequias por muchos dias con continuos llantos, interrumpidos con grandes borracheras.

NUMERO XLIII

Son estos Indios de apacibles naturales.

Es a una mano toda esta Gentilidad, de buena disposicion, bien agestados, y de color no tan tostado como los del Brasil, tienen buenos entendimientos, y raras abilidades para qualquiera cosa de manos. Son mansos, y de apacibles naturales, como se experimentava con los que una vez nos salian al encuentro, que con gran confiança conversavan, comian, y bebian entre los nuestros, sin jamas rezelarse de nada.

DavanNos sus casas enque vivir, recogiendose ellos todos juntos en una o dos de las mayores del pueblo; y con recebir infinitos agravios de nuestros Indios amigos, sin que fuesse possible el evitarlos, nunca correspondian con malas obras

Todo lo qual junto con la poca aficion y muestras que dan della, de todo lo tocante al culto de sus Dioses: prometen grandes esperanças de que si se les diesse noticia del verdadero Criador de Cielos y tierra, con poca dificultad abraçarian su santa Ley.

NUMERO XLIV

Trata-se en especial de las casas del Rio, y de sus entradas.

Hablando he hasta aqui en general de todo lo tocante a este gran Rio de las Amazonas.

Razon será y a ir descendiendo en particular a declarar sus entradas, a nombrar sus puertos, averiguar las aguas de que se alimenta, desentrañar sus tierras, señalar sus alturas, notar las propriedades de sus Naciones; y finalmente no dexar cosa digna de saberse, que como testigo de vista, y persona imbiada de su Magestad, a solo a hazer inquisicion de todo; podré quizà mejor que otros dar con bastantes fundamentos, razon de lo que tomè a mi cargo. Nó trato aqui de la principal entrada deste Rio por el mar Oceano en las costas del gran Pará; que essa, ha ya muchos tiempos, que como conocida, y que cae debaxo de la linea Equinocial en los ultimos fines del Brasil; es cursada, y sabida de todos los que quieren navegar aquellas partes.

Ni tan poco hago mencion de proposito, de la por donde el tirano Lope de Aguirre salio en frente de la la Trindad por ser essa transversal, y que derechamente no se entra por ella a este Rio, sino que teniendo a otros por madre principal, de lance en lance, se viene a dar en braços, que de el deriban su origen.

Solo es mi intento sacar en limpio, señalar como con el dedo, todas las puertas por donde delas partes del Perú, pueden las moradores de aquellas Conquistas, tener entrada cierta a este gran Rio: al qual como ya dixe por la una, y otra vanda de sus riberas, le comunican a otro mucho numero de otros muy caudalosos, por cuyas correntes, es

fuerça quien las siguiere que venga a dar en este principal: pero como de cierto, no se sabe de que Ciudades, o Provincias traigan sus primeros principios, no se puede tan poco tratar cosa fija de sus entradas.

Pero podréro hazer de algunas ocho, en que ningun versado en aquellas tierras, podrá dificultar: tres de estas caen ázia la vanda del nuevo Reyno de Granada, que está en este Rio a la parte del Norte; a la del Sur veremos otras quatro; y una debaxo de la mesma linea Equinocial.

NUMERO XLV

De tres entradas que ay por el nuevo Reyno.

La primera entrada que por la parte que cae al nuevo Reyno de Granada, está descubierta para este inmenso pielago de aguas dulces, es por la Provincia de Micóa, que pertenece al Governador de Popayan; siguiendo las corrientes del gran Rio Caquètá, que es el dueño, y señor de todas las vertientes, que de parte de Santa Fé de Bogotá, Timaná, y el Caguan, se le allegan; muy afamado entre los naturales, por las grandes Provincias de Gentiles, que sustentan sus orillas.

Este Rio tiene muchos braços por dilatadas naciones, y bolviendolos a incorporar en el principal, haze gran multitud de Islas, habitadas todas de infinitos Barbaros. Corre siempre por el rumbo del de las Amazonas, acompañandolo, aunque a lo largo, y echando en el de quando en quando algunos broços, que pudiera bien ser cada uno, cuerpo de qualquiera otro caudaloso Rio; hasta que rocogiendo todas sus fuerças, en altura de quatro grados, pecho por tierra se le rinde.

Por uno de estos braços que mas se avezinda a la Provincia de los Aguas, de Cabeça chata; es por donde se ha de salir a gozar de las grandezas de nuestro gran Rio de las Amazonas: porque al que se dexare llevar de los que mas se inclinan a la vanda del Norte; sucederle ha, lo que los años passados al Capitan Fernan Perez de Quesada;que aviendo entrado por este Rio con trecientos hombres, y dexandose llevar a la parte de Santa Fé, dio en la Provincia del Algodonal, y con ir tan reforçado de gente, le fue fuerça retirarse con mas priessa de la que avia llevado en la entrada.

La segunda puerta, que por la parte del Norte podemos señalar a este Rio, es por la ciudad de Pasto, juridicion tambien del Govierno de Popayan, de donde atravesando la Cordillera con algunos incovenientes de mal camino, de a pie, que de a cavallo, es impossible llegando al Putumayo, y navegandole Rio abaxo, se vendran a salir al de las Amazonas en altura de dos grados y medio, a las trecientas y treinta leguas del Puerto de Napo. Por este mesmo camino, saliendo, como dixe de la ciudad de Pasto, y passada la Cordillera; acercandose a los Sucumbios, que estan no muy lejos del Rio, llamado Aguarico, por otro nombre *Rio del Oro*, se puede salir por el a este principal, casi debaxo de la linea, en el principio de la Provincia de los Encabellados, que es a las noventa leguas del dicho puerto de Napo.

Y esta es la tercera entrada que por la parte del Norte se puede intentar.

NUMERO XLVI

Otras entradas.

La puerta que para gran Rio está debaxo de la Equinocial cae en el Govierno de los Quixos, mas cercada a Quito, en la Ciudad de los Cofanes; de donde por el ri de la Coca, se coge deste luego la canal principal del nuestro de las Amazonas, si bien por las muchas corrientes que trae, hasta la encontrarse con el de Napo, no es tan buena la navegacion, como será por las demas partes que participan la vanda del Sur.

De las quales, la primera de todas, aunque no la mejor es por la ciudad de Avila en el mesmo Govierno de Quixos, de donde a trez jornadas por tierra se viene a dar en el rio Payamino, por donde la Armada Portuguesa salió a tomar puerto en la juridicion de Quito.

Desemboca este rio entre el de Napo, y la Coca, en aquel paraje que llaman las luntas de los Rios, a las veinte y cinco leguas del Puerto del Napo. Mejor puerta abrimos a esta mesma armada, para la buelta de su viaje, que no la que a la subida, con mucho trabajo, y perdidas, avia descubierto, que es por la ciudad de Archidona, en la Governacion tambien de los Quixos, y juridicion de Quito, de donde a solo un dia de cámino, a pié, por ser invierno, que en tienpo de verano,

a cavallo se pudiera andar, dimos en el puerto de Napo, Rio caudaloso, y en quien los vezinos de todo aquel govierno, tienen librado su tesoro, sacando todos los años de sus orillas el oro que necessitan para sus gastos.

Es muy abastecido de pescado, y sus riberas de caça; de buenas tierras, que agradecidas a poco trabajo de los labradores, rinden colmados frutos.

Y este es el principal camino por donde con mas comodidades, y menos trabajos, podran baxar al Rio de las Amazonas todos los que por la Provincia de Quito, le quisieren navegar. Porque aunque por allà se dize que cerca del Pueblo de Ambato, que està diez y ocho leguas de la ciudad de Quito, camino de Rio Bamba, ay entrada a un Rio que sale a este principal; sino la impide algun salto que hagan las corrientes; es muy aproposito esta baxada por venir a salir al dicho Rio, setenta y siete leguas mas abaxo del Puerto de Napo: con que se ahorrara todo el camino de los Quixos.

NUMERO XLVII.

Otras entradas a este Rio.

Por la parte de la Provincia de Macas, que cae debaxo de la mesma juridicion, y Govierno; de cuyas sierras baxa el Rio Curaray; siguiendo su raudal, se puede tambien salir al de las Amazonas, en altura de dos grados, ciento y cinquenta leguas de Napo: distancia que està bien poblada de diferentes nacionaes.

Y esta es la septima entrada de este Rio.

La octava y ultima, es por Santiago de las Montañas, y Provincia de los Maynas; tierras que vañan uno de los mas caudalosos rios, que al de las Amazonas tributan, en ellas con nombre de Marañon; y en su boca, y muchas leguas antes, de Tumburagua.

Es este rio tal, que mas de trecientas leguas, de donde en quatro grados desagua en el principal, se rezela su navegacion, assi por su profundidad, como por sus precipitadas corrientes; mas con las grandes noticias de los muchos Barbaros que sustenta; mayores dificultades allanan los celosos de la honra de Dios, y del bien de las almas, en busca de las quales entraron a el à los principios del año de mil y seiscientos y treinta y ocho, dos Religiosos de mi Religion, por los

Maynas; de quienes tuve muchas cartas en que no acaban de de encarecer su grandeza, y las inumerables Provincias de que cada dia ivan teniendo mayores noticias. Iuntase este Rio con el principal de las Amazonas a las ducientas y treinta leguas del puerto de Napo.

NUMERO XLVIII.

Rio de Napo.

Tiene su origen este, tantas vezes por mi nombrado Rio de Napo, a lás faldas de un Paramo que llaman de Antezana, que cae diez y ocho leguas de la ciudad de Quito; y aunque tan vezino a la linea, es de maravillar, que assi el, como otros muchos, que en varias Cordilleras, coronan aquellas poblaciones, siempre cubiertos de nieve, sirven de templar el calor con que forçosamente, segum afirma San Agustin, la torrida zona avia de hazer aquellas tierras inabitables, quedando con este refrigerio, de las mas apacibles, y templadas de todo lo descubierto.

Corre este Rio de Napo desde su nacimiento entre grandes peñascos, con que no es navegable hasta que en el puerto donde los vezinos de Archidona tienen las rancherias de sus Indios, mas humano, y menos bullicioso, consiente sobre sus hombros ordinarias canoas, con que se tragina; y aunque desde este sitio, por quatro, o cinco leguas no olvida sus humos, humilde luego hasta incorporar-se con el Rio dela Coca, que es a espacio de veinte y cinco leguas con mucho fondo, y grand serenidad, ofrece buen pasiage a mayores embarcaciones.

Y está la junta de los Rios donde Francisco de Orellana con los suyos, fabricó el barco com que navegó por este Rio de las Amazonas.

NUMERO XLIX.

Aqui mataron al Capitan Palacio.

Quarenta y siete leguas destas juntas a la vanda de el Sur está Anéte, poblacion que fué del Capitan Juan de Palacios, muerto a manos de los naturales, como ya diximos.

Y a las diez y ocho deste sitio desemboca a la vanda del Norte el Rio Aguarico bien conocido, assi por su temple menos

sano, como por el oro que del se saca, de que tomó tambien nombre de Rio del Oro.

Y en su boca de la una y la otra vanda, da principio la gran Provincia de los Encabellados, que corriendo por la del Norte por mas de ciento y ochenta leguas, y gozando siempre de las aguas que el gran Rio de las Amazonas explaya por caudalosos lagos; desde sus primeras noticias influyo ardientes deseos de sugetarla en toda la juridicion de Quito; por la mutitud grande de Gentiles de que està poblada: y de hecho en varias ocasiones, se començò a poner por obra; si bien la ultima en que el Capitan Juan de Palacios lo intentava, le saliò tan mal, como ya vimos.

NUMERO L

Aqui que dó la Armada Portuguesa, Provincia de los Encabellados.

En esta Provincia a la boca del Rio de los Encabellados, que cae veinte leguas mas abaxo del de Aguarico, donde ella tiene su principio, quedaron apiè quedo por espacio de onze meses quarenta Soldados dela Portuguesa Armada, con mas de trecientos Indios amigos de los que llevavan en su compañia.

Y aunque a los principios hallaron buena acogida en los naturales de la tierra, y por la paga, recibian dellos los mantenimientos necessarios; no duró por mucho tiempo tanta confiança en pechos en que aun todavia hervia la saña con que avian derramado la sangue del Capitan Español; y como està por su parte, tambien pedia vengança contra sus agresores; rezelosos de que se les aviá de castigar su atrevimiento, con pequeña ocasion se alborotaron, y matando tres de nuestros Indios, se pusieron en arma para defender sus personas, y tierras.

No se descuydaron los Portugueses, que como mal sufrídos y peor acostumbrados a semejantes libertades de Indios, quisieron luego poner por obra el castigo de esta. Toman las armas, y con sus ordinarios brios, dan en ellos de tal suerte, que con pocas muertes, cogieron vivas mas de sesentas personas; las quales tuvieron presas hastas que muertas unas, y huydas otras, no quedó ninguna.

Puesto en este estado el Portugues esquadron, y que si

queria comer, lo avia forçosamente de buscar de las manos de el enemigo' o sino perecer. Determinaron hazer correrias la tierra adentro, y por fuerça, o de grado redimir su vexacion. Entravan nos, y otros quedavan en el Real, y assi estos como aquellos, no dexavan de ser molestados del enemigo, que viendo la suya acudia a hazer todo el daño que le era possible; como lo hizo en muchas de las embarcaciones, destroçandó unás, y haziendo pedaços las mas flacas.

Y no fué este el mayor daño que de el se recibiò, sino el que sus emboscadas causavan contra nuestros Indioss degollando los que pudieron aver a las manos; si bien pagaron con tres dobladas vidas de los suyos las que quitaron a los nuestros.

Castigo pequeño para los rigorosos que suelen executar los Portugueses en semejantes casos. Llamaron a estos Indios con nombre de Encabellados, los primeros Españoles que los descubrieron, por los largos cabellos que assi hombres, como mugeres usan, que a algumas les passan de las rodillas.

Sus armas son dardos, su habitacion, casas pagizas hechas con curiosidad, y sus mantenimientos los ordinariosde todo el Rio. Traen continuas guerras con las naciones circunvezinas, que son los Seños, Becabas, Tamas, Chufias, y Rumos.

Corren en frente de esta Provincia de los Encabellados por la vanda de el Sur, las de los Avixiras, Yurusunes, Zaparas, y Yquitos, que encerrados entre las aguas de este Rio, y el de Curaray fenecen. Donde tambien entrambos se convierten en uno, que es a las quarenta leguas de los Encabellados en casi dos grados de altura.

Rio Tumburagua.

Ochenta leguas de Curaray a la misma vanda, desemboca el famoso Rio Tumburagua, que ya dixa arriba, baxava por los Maynas con nombre de Marañon; hazese respeitar del de la Amazonas de tal suerte, que con tener este todo su caudal junto, detiene algunas leguas antes su ordinario curso, dando lugar a que aquel explayado por mas de una legua de boca, le entre a besar la manu, pagandole no solo el ordinario tributo que de todos cobra, sino otro muy abundante de muchos generos de pescados que hasta la boca deste Rio, no se conocen en el de las Amazonas.

NUMERO LI

Provinciaz de los Agúas.

Sesenta leguas mas abaxo de Tumburagua comiença la mejor, y mas dilatada Provincia de quantas em todo este gran Rio encontramos, que es la de los Agúas, llamados conmunte Omagúas, improprio nombre que les posieron, quitandoles el nativo ; y ajustado a su habitacion, que es a la parte de a fuera, que esso quiero dezir Agúas.

Tiene esta Provincia de longitud mas de ducientas leguas, continuandose sus poblaciones, tan amenudo, que apenas se pierde una de vista, quando y a se descubre otra. Su anchura es al parecer poca, pues no passa de la que tiene el Rio, en cuyas Islas que son muchas, y algunas muy grandes, tienen su habitacion ; pero considerando, oue todas, o estan pobladas, o cultivadas por lo menos para el sustento destos naturales, se podrà hazer concepto de los muchos Indios que en tan cumplida distancia se alimentan.

Es esta gente la demas razon, y mejor gobierno que ay en todo el Rio: ganancia que les grangearon todos los que dellos estuvieròn de paz,no ha muchos años en el Goviernо de los Quixos ; de donde obligados del mal tratamiento que se les hazia, se dexaron venir el Rio abaxo, hasta encontrar con la fuerça de los de su Nacion ; y introduciendo en ellos algo de lo que avian aprendido de los Españoles, les pusieron en alguna policia.

Andan todos con decencia vestidos, assi hombres, como mugeres, las quales dèl mucho algodon que cultivan, texen no solo la ropa que han menester, sino otra mucha que les sirve de trato para las Naciones vezinas, qne con razon codician el trabajo de tan sutiles texedoras : hazen panos muy vistosos, no solo texidos de diversos colores, sino pintados con estes mismos tan sutilmente, que apenas se distingue lo uno de lo otro.

Son tan sugetos y obedientes a sus principales Caziques, que no han menester mas de una plabra para ver luego executado lo que ordenan.

Son todos de cabeça chata, que les causa fealdad en los varones ; si bien las mugeres mejor lo encubren con el mucho cabello ; y està en ellos tan entablado el uso de tener las cabeças aplastadas, que desdé que nacen las criaturas, se las meten en prensa, cogiendoles por la frente con una

tabla pequeña, y por la parte del celebro con otra tan grande, que sirviendo de cuña, recibe todo el cuerpo del recien nacido; el qual puesto de espaldas sobre esta, y apretado fuertemente con la otra, queda con el celebro y la frente tan llanos como la palma de la mano; y como estas apreturas no dan lugar a que la cabeça crezca mas que por los lados, viene a desproporcionarse: demanera, que mas parece mitra de Obispo mal formada, que cabeça de persona.

Tienen por la una, y outra vanda del Rio continuas guerras con las Provincias estrañas, que por la del Sur entre otros, son los Curinas, tantos en numero, que no solo se defienden por la parte del Rio, de la infinita multidud de los Agúas, sino que juntamente sustentan las armas contra las demas naciones, que por la parte de tierra les dan continua bateria.

Por la vanda del Norte, tienen estos Agúas por contrarios a los Tecunas; que segun buenas informaciones, no son menos, ni de menos brios que los Curinas, pues tambien sustentan guerras a los contrarios que tienen por la tierra adentro.

NUMERO LII

Uso de los esclavos que cautivan.

De los esclavos que estos Agúas cautivan em sus batallas, se sirven para todo lo que han menester, cobrandoles tanto amor, que comen con ellos en un plato, y tratarles de que los vendan es cosa que lo sienten mucho como por experiencia los vimos en muchas ocasiones: llegavamos a un pueblo destos Indios, recebiannos, no solo de paz, sino con danças, y muestras de grande regocijo; ofrecian quanto tenian para nuestro sustento, con gran liberalidad. Compravanseles paños texidos, y labrados, que con voluntad davan; tratavaseles de venta de las canoas, que son sus caballos ligeros en que andan, al punto salian a concierto. Pero en nombrandoles esclavos, y apretandoles a que los vendiessen, *hoc opus, hic labor est*, aqui era el descompadrar, aqui el entristecerse, aqui las trazas de encubrirlos, y aqui el procurarse çafar de nuestras manos: muestras ciertas de que mas los estiman a solos ellos, y mas sienten el venderlos que deshazerse de todo lo demas que posseen.

Y no diga nadie, que el no querer vender los Indios sus esclavos, nace de tenerlos para comer en sus borracheras; que es dicho comun con muy poco fundamento, de los Portuguezes que andan metidos en esto trato, y con esto quieren colorear su injusticia. Porque a lo menos en esta nacion, yo averigué con dos Indios de los que avian subido con los mismos Portuguezes, y eran naturales del Pará, los quales huidos desde Quito, vinieron a ser cautivos destos Agúas, con quienes estuvieron ocho meses, y fueron a algunas guerras en su compañia (tiempo bastante para conocer sus costumbres).

Estos asseguraron, que jamas les avian visto comer los esclavos que tratan; sino, que la que usavan con los mas principales, y valientes; era matarlos en sus fiestas, y juntas generales, rezelando mayores daños si les conservavan la vida; y arrojando los cuerpos en el Rio, guardavan por trofeo las cabeças en sus casas, que eran las que por todo el camino veniamos encontrando.

No quiero con esto negar que ay en este Rio, gente Caribe, que en ocasiones, no tiene horror de comer carne humana. Lo que quiero persuadir, es no ay en todo el carnicerias publicas en que todo el año se pesa carne de Indios, como publican los que a titulo de evitar semejante crueldad la usan ellos mayor, haziendo con sus rigores, y amenaças, esclavos a los que no lo son.

NUMERO LIII

Sitio frio em que se podrá coger trigo.

A las cien leguas pocas mas, o menos, de las primeras poblaciones destos Agúas (que caen tres grados de la Equinocial) y viene a ser en el riñon desta dilata Provincia, llegamos a un pueblo, donde estuvimos tres dias, con tan buen frio, que los nacidos, y criados en las mas frias de España, huvimos menester añadir ropa a la ordinaria.

Causóme admiracion, mudança tan repentina de temples, y preguntando a los naturales, si aquello era cosa extraordinaria en aquella poblacion, me aseguraron que no, porque todos los años espacio de tres Lunas, que assi cuentan ellos, y es lo mismo que dezir tres meses, esperimentavan todos los años, aquellos frios, que conforme lo que ellos afirmaron, son los de Junio, Julio, y Agosto.

Pero yo aun no bien satisfecho de su dicho, quise con mas fundamento hazer inquisicion de la causa de frio tan penetrante; y hallé que lo era una gran sierra, o paramo, que a la vanda del Sur la tierra adentro està situada por la qual passan todos aquellos tres meses los vientos, y helados con la fuerça de la nieve de que està cubierta, causan tales efetos en la tierra circunvezina.

Y siendo esto assi, no ay duda sino que en este sitio se darà muy buen trigo, y todas las demas semillas, y frutas que produze la comarca de Quito, que aunque situada debaxo de la linea, semejantes ayres, passados por nevados cerros, la habilitan a tales maravillas.

NUMERO LIV.

Rio Putumayo, y naciones que en el, en Yetaù ay.

Diez y seis leguas desta poblaciones a la vanda del Norte desemboca el gran Rio Putumayo, bien conocido en el Govierno de Popayan, por ser tan caudaloso, que antes de desaguar en el de las Amazonas, entran en el treinta caudalosos rios; llamanle los naturales en este paraje, Uzá.

Deciende de las Cordilleras de Pasto azia el nuevo Reyno de Granada; tiene mucho oro, y segun nos afirmaron está muy poblado de Gentiles, a cuya causa se retiraron con alguna perdida los Españoles que por el baxaron pocos años ha. Los nombres de las Provincias que le habitan, son Yurunas, Guaraicùs, Yacariguaras, Parianas, Ziyus, Atuais, Cunas, y los que mas a sus principios de una, y otra vanda, como señores deste Rio, le pueblan, son los Omagùas, a quienes los Agùas das Islas llaman *Omagúasyeté*, que quire dezir Omagúas verdaderos.

A las cinquenta leguas de esta boca, a la parte contraria, encontramos la de un hermoso, y caudaloso Rio, que trayendo su origen de àzia el Cuzco, feneze en el de las Amazonas en altura de tres grados y medio. Llamonle los naturales Yetaù, y tiene entre ellos mucho nombre, assi por sus riquezas como por la multitud de naciones que sustenta, como son los Tipunas, Guanarûs, Ozuanas, Moruas, Naunas, Conomomas, Marianas, y los ultimos que mas se avezindan a los Españoles que pueblan el Perù, son los Omagùas, que dizen que son gente riquissima de oro, que traen en grandes planchas, pendientes de las o-

orejas y narizes; y si no me engaña mi discurso segun lo que lei en la historia del tirano Lopes de Aguirre; esta era la Provincia de los Omaguas, en cuyo descubrimiento iva Pedro de Orsua inviado del Virrey del Perù, por las muchas noticias que de sus averes avia publicado la fama. Pero el no encontrar con ella, nacio de que tomando su entrada por un braço de rio que sale algunas leguas mas abaxo, quando desembocó en el de las Amazonas, ya que davan estas náciones tan arriba, que le fue impossible el volver a ellas rezeloso del impetu de las corrientes, y principalmente por el poco gusto con que ya sus soldados tituveavan. Es este rio de Yetaú(1), mui abundante de pesca y caça, y que segun las informaciones de sus moradores, se puede navegar por el con facilidade, por ser de sufficiente fondo, y las corrientes moderadas.

NUMERO LV.

Fin de la Provincia de los Aguas, y rio del Cuzco.

Siguiendo el curso de nuestro rio principal, dimos a las catorce leguas en la ultima poblacion desta dilatada provincia de los Aguas (2), que fenece con un lugar muy populoso, e de muchos soldados; enfin como primera fuerça que por este parte resiste el impetu de sus contrarios. De los quales en espacio de cinquenta y quatro leguas, ningunos pueblan las riberas del Rio, de suerte que del se de vista a sus rancharias, mas algo retirados a dentro en la tierra-firme, por pequeños braçuelos, salen a buscar del lo que necessitan. Estos son, en la banda del norte los Curis y Guayrabas, y en la del sur, Cachiguarás y Tucuriys. Pero aunque como digo, no podimos dar vista a estas naciones, dimosla a la boca del rio, que con razon le podemos llamar del Cuzco, pues segun un regimiento desta navegacion, que vi de Francisco de Orellana, está norte sur con la misma cidade de Cuzco.

Entra en el de las Amazonas en cinco grados de altura, y a las veinte y quatro leguas del ultimo pueblo de los Aguas:

(1) Actualmente chama-se este rio—*Hiutahy* ou *Jutahy*.
(2) A nação dos Agúas ou Omagúas era pelos Portuguezes conhecida por *Cambibas*.

llamanle los naturales Yurúa (1), es muy poblado de gente, que por la vanda de la mano derecha, entrando por el arriba, no es otro sino la que yo dixe habitava las riberas de Yetaú, que tendiendose hasta sus orillas, queda como aislada entre entrambos rios. Y este es por donde Pedro de Orsua baxó del Perú, si mi fantasia no me engaña.

NUMERO LVI.

Provincia donde se halló oro.

Veinte e ocho leguas mas abaxo del Rio Yurúa, a la mesma vanda del sur, en tierras de mui altas barrancas dá principio la muy poblada nacion de los Curuziraris (2), que siguiendo sempre una ribera corre por espacio de ochenta leguas, tan continuadas sus poblaciones, que apenas se passavan quatro horas, sin encontrar outras de nuevo, y a vezes por espacio de medio dia entero no cessavamos de mirar sus rancherias. Destas, las mas hallavamos sin gente que con nuevas falsas de que veniamos destruyendo, matando, y cautivando; casi todos estavan retirados a los montes, fuera de que ellos son de suyo de naturales mas esquivos que outros ningunos deste rio. Si bien no muestran menos govierno y policia, segun se echó de ver, assi por los muchos mantenimientos de que estavan prevenidos; como tambien por las alajas de sus casas, que para el beneficio de las cosas tocantes a la vida, eran de las mejores de todo el rio. Tienen en las barrancas donde moran muy buen barro para todo o genero de basijas, e aprovechandose del, fabrican grandes olerias, en que labran tinajas, ollas, hornos en que cuezen sus harinas. Cuezelas, jarros, librillos, y hasta sartenes bien formadas; teniendo todo esto prevenido para trata comun de las demas naciones, que obligadas de la necessidad, que de estos generos passan en sus tierras, vienen a hazer grandes cargazones de ellos, recibiendo por paga las cosas de que ellos necessitan. A la primera aldea de esta nacion viniendo rio abajo, llamaron los Portuguezes a la subida, la *Aldea del Oro* (3),

---

(1) Actualmente chama-se este rio — *Hiuruá* ou *Juruá*.
(2) Amazonas no seu *Diccionario* chama-se *Curucicuris*.
(3) Em frente ao canal do rio Japurá, denominado *Uaranapú*.

por aver hallado en ella y rescatado alguno, que en planchas pequeñas traian los Indios pendientes de las narizes y orejas; que en Quito se provó y halló ser de veinte y un quilates mucho de ello.

Como los naturales vieron la codicia de los soldados, y que tan a pechos se tomava el hazer diligencia para que les trayessen mas de aquellas planchillas, luego las recogieron todas, sin que mas pareciesse ninguna; lo qual observaron tambien a la buelta. Desuerte, que aunque vimos muchos Indios, solo uno trajo dos orejeras de oro, bien pequeñas, que yo le rescaté.

NUMERO LVII.

Minas de Oro.

No se pudo a la subida de la armada averiguar con fundamento cosa alguna de quantas se encontraron en este rio, porque jamas tuvieron lenguas, con quienes hazer la inquisicion; y si de algo les pareció a los Portugueses, que podian dar razon, eran de lo que por señas avian entendido; las quales eran tan incertas, que cada uno las aplicava a lo que tenia en su pensamiento. Todo lo qual cessó a la buelta, queriendo nuestro Señor favorecer a esta jornada, con prevenirla de ordinario de buenos lenguas, por medio de los quales, se averiguó todo lo que se contiene en esta relacion. La que a mi me dieron de las minas de donde se sacava este oro, es la que aqui diré.

En frente de esta aldea algo mas arriba a la vanda de el norte, entra un rio llamado Yurupazi(1), subiendo por el qual, y atravesando en cierto parage por tierra tres dias de camino hasta llegar a otro que se llama Yupurá, por el se entra en el Yquiari(2) que es el rio del Oro, donde de el pié de una sierra que alli está, le sacan los naturales en grande cantidad; y este oro, todo es en puntas e granos de buen tamaño, de los quales, forman a fuerça de batirlo, las planchas que ya diximos cuelgan de las orejas, y narizes.

Los naturales que contratan con los que sacan este

(1) Talvez o rio *Yauapiri*, affluente do rio Negro.
(2) Nome indigena do rio Negro.

oro, se llaman Managús (1), y los mismos que habitan el rio, y se occupan en saccarlo, Yumaguaris, que quiere dezir sacadores de metal; porque *Yuma*, es el metal, y *Guaris*, los que lo sacan, y llaman todo genero de metales con este nombre general de *yuma*; y assi para qualquiera herramienta de las nuestras, como eran hachas, machetes, y cuchillos, usavan deste mismo vocabulo *yuma*. Dificultosa parece la entrada a estas minas por los inconvenientes que muestra en mudar rios y abrir caminos por tierra; y assi no me satisfice hasta descubrir otra mui mas facil, y de que adelante diremos.

NUMERO LVIII.

Usan orejas, y narizes agujeradas.

Estan estos barbaros desnudos todos, assi hombres, como mugeres, sin que les sirva su riqueza de mas que de un pequeño atavio, con que adornan orejas y narizes, que casi todos tienen agujeradas; y en las orejas lo afectan tanto, que a muchos les cabe todo el puño por el agujero que en la parte de abaxo, donde suelen pender los zarcillos; tienen, trayendole de ordinario ocupado, con un mazo de ajustadas ojas que en el por gala acostumbran.

Por la vanda de en frente de todas estas poblaciones altas, es tierra llena, a una mano, y tan cerrada, assi de otros rios, como de los braços que el Caquetá (2) tiende por sus orillas, que aislada en grandes lagos corre por muchas leguas, hasta que todos encorporados en el Rio Negro se junta con el principal. Estan pobladas estas islas de muchas naciones, pero la que mas se estiende por ser mas populosa, es la de los Zuanas.

NUMERO LIX.

Entrada a las minas del oro.

Catorce leguas desta aldea que llamamos del Oro a

(1) Corrupção do nome dos Indios—*Manáos*, que habitavão as margens do rio Negro.

(2) Nome que os Indios da America Hespanhola derão ao rio Japurá ou Hiupurá.

la vanda del norte, sale la boca del rio Yupura (1), que es por donde se entra en el del oro; y esta es la mas cierta y derecha entrada para con brevedad llegar a dar vista à la tierra que tan liberal ofrece sus tesoros. Es la altura de la boca deste rio de dos grados, y medio; como tambien de la una poblacion, que quatro leguas mas abaxo, en la vanda del Sur, està situada sobre una grande barranca, al desembocar de un caudaloso, y claro rio que los naturales llaman Tapì (2); y tiene en sus riveras mucha multitud de Gentiles que llaman Paguanas. Son todas las tierras, que como dixe, por espacio de ochenta leguas ocupa esta nacion de los Curuziraris; muy altas, de lindas campiñas, y yerbas para ganados; arboledas no muy cerradas, abundantes lagos, y que prometen muchas y buenas comodidades a los que las poblaren.

NUMERO LX.

Lago dorado.

Veinte y seis leguas del rio Tapí desagua en el de las Amazonas el Catuà (3); que formando en la boca un grande lago de agua verde, trae el su origen de muchas leguas la tierra a dentro a la vanda del sur, tan pobladas sus orillas de barbaros, como todos los demas. Si bien le haze ventaja en multitud de naciones diversas, otro rio, que con nombre de Araganatuba (4), seis leguas mas abaxo, sale a la parte del norte, por el qual tambien se comunica el Yupura, de que arriba tratamos. Llamanse estas naciones: Yaguanais, Mucunes, Mapiarús, Aguaynaús, Huirunas, Marirúas, Yamorúas, Terarús, Siguiyas, Guanapuris, Piras, Mopitirus, Yguaranis, Aturiaris, Macaguas, Masipias, Guayacaris, Anduras, Caguaraús, Maraymumas y Guanibis.

Entre estas naciones, que todas son de diferentes lenguas, segun las noticias, que por la parte del nuevo Reyno de Granada ay, està el deseado *Lago dorado* que tan inquietos tiene los animos de toda la gente del Perú. No lo afirmo de cierto,

---

(1) Hoje Japurá.
(2) Actualmente tem o nome de *Teffé*.
(3) Conserva ainda o nome.
(4) He um dos braços do grande delta do Japurá, conhecido pelo nome de *Copéya*.

pero algun dia quiera Dios que salgamos desta perplexidad. Porque no la aya con el nombre de un rio que sale a la vanda del norte, diez y seis leguas de Araganatuba, y se llama como el, se deve advertir que entrambos a dos son uno mas no, que por dos distintos braços de un nombre desagua en el de las Amazonas. Y a las veinte y dos leguas deste braço ultimo, da fin la populosa y rica nacion de los Curuziraris, pobladores de uno de los mejores migajones de tierra, que en todo este gran rio encontramos.

NUMERO LXI.

Provincia de Yoriman (1).

Dos leguas mas abaxo, comiença la mas nombrada, y belicosa nacion de todo el Rio de las Amazonos, y con quienes en sus primeras entradas, atemorizavan a toda la armada Portuguesa, que es la de Yoriman. Está a la banda del sur, ocupando, no solo la tierrafirme de sus orillas, sino tambien mucha parte de sus Islas: y aunque de longitude se estrecha en pocas mas de sesenta leguas, como se aprovecha de las islas, e tierrafirme esta tan sobrada de gente, que en parte ninguna vimos juntos mas barbaros que en ella. Son comumente mas bien agestados, y de mejores talles que los otros; andan desnudos como ellos; y se echa de ver que fian de su valor, pues con gran seguridad entravan y salian entre los nuestros; viniendo cada dia al Real, mas de ducientas canoas cargadas de niños y mujeres; con frutas, pescados, harinas y otras cosas, que con abalarios, agujas y cuchillos se les rescatavan. Está la primera poblacion desta provincia, situada sobre la boca de un rio cristalino, que muestra ser muy caudaloso, por la grande fuerça con que impele las aguas del principal (2). Estará sin duda como todos los demas, sustentando en sus riberas otras inumerables naciones, de que no supimos los nombres, por caminar de passo por su boca.

---

(1) Deste nome fizerão os Portuguezes *Sorimão* e depois *Solimões*, com que he conhecido o rio Amazonas entre Manáos e Tabatinga.
(2) Talvez Ega.

NUMERO LXII.

Un pueblo de mas de una legua de largo.

Veinte y dos leguas de la primera poblacion de Yoriman, tiene su sitio la mayor que en todo el rio encontramos, ocupando sus casas mas de una legua de largo, y no vive en cada casa una sola familia, como de ordinario sucede en nuestra España, sino que las menos que debaxo de cada techo se sustentan son quatro, o cinco, y muchas vezes mas; de donde se podrá colegir la multitud de solo este pueblo(1); el qual pacifico en sus casas nos aguardó sin faltar persona dellas; dandonos todos los mantenimientos que huvimos menester, de que ya el exercito necessitava. Aqui estuvimos cinco dias, y en ellos se hizieron para matalotaje, passadas de quinientas fanegas de harina de mandioca, con que huvo que comer para todo lo restante del camino. Este prosiguimos, topando muy a menudo poblaciones desta mesma nacion. Pero donde assiste junta la mayor fuerça della, es treinta leguas mas abaxo en una grande isla, cerçada de un braço que arroja el rio principal, en busca de otro que le viene á pagar tributo; y juntamente por las riberas deste nuevo guesped, donde son tantos estos naturales, que con razon, aunque no sea mas que por su multitud, son temidos, y respetados de todos los demas.

NUMERO LXIII.

Rio de los Gigantes.

Diez leguas adelante del sitio referido dá fin la Provincia de Yoriman; y passadas otras dos, desemboca a la vanda del sur, un famoso rio, que los Indios llaman Cuchiguarà (2). Es navegavel, aunque en partes con algunas piedras; tiene mucho pescado, gran suma de tortugas, abundancia de maiz y mandioca; y todo lo necessario para facilitar su entrada. Està poblado este rio de varias naciones, que començando por su boca, y prosiguiendo por el arriba, son las siguientes.

---

(1) Provavelnente a povoação hoje denominada Coary.
(2) Presentemente este rio he conhecido pelo de—*Purús*. Conserva o nome de *Cuxiuára* a segunda boca, a mais occidental do rio Purús.

Los Cuchiguaras, que toman el mesmo nombre del rio; Cumayaris, Guaquiaris, Cuyariyayanas, Curucurus, Qualausis, Mutuanis; y por fin y remate, de todos estan los Curiguerés, que segun las informaciones, de los que los avian visto, y que se ofrecian a llevarnos a su tierra, son Gigantes de diez y seis palmos de altura, muy valientes; andan desnudos, traen grandes patenas de oro en las orejas, y narizes, y para llegar a sus pueblos son necessarios dos meses continuos de camino desde la boca del Cuchiguarà.

Por el de las Amazonas abaxo, a la vanda del sur, corren los Caripunàs y Zurinas, gente la mas curiosa que ay en todo el, en labrar de manos, sin mas herramientas, que las que arriba dixe; hazen bancos forjados en forma de animales, con tanto primor, y tan acomodados para tener el cuerpo con descanso, que ni la comodidad, ni el ingenio, los pudiera fingir mejores.

Labran estolicas, que son sus armas, de palos muy vistosos tan delicadamente, que con razon las codician las demas naciones. Y lo que mas es, sacan de um tosco leño un idolillo tan al natural, que tuvieran bien que aprender dellos, muchos de nuestros escultores. Y no solo les son todas estas obras de entretenimento, y comodidad propria, sino tambien de mucho provecho, hallando a trueque dellas, entre los demas todo lo que han menester.

NUMERO LXIV.

Rio Basururù, y sus naciones.

Treinta y dos leguas de donde desagua este rio Cuchiguarà lo haze tambien, a la vanda del norte otro, con nombre entre los naturales, de Basururú(¹) que dividido la tierra a dentro en grandes lagos, la tiene toda partida en muchas islas, las quales todas pueblan infinitas naciones.

Son tierras altas, y que nunca se anegan, por majores inundaciones que aya: muy fertiles de mantenimientos, assi de maizes, mandioca y frutas como tambien de cazas, y pescados, con que los naturales viven hartos, y se multiplican cada dia mas.

---

(1) Este rio tem hoje o nome de *Bururuní*.
O autor enganou-se dizendo que elle desemboca acima do rio Negro, quando he o contrario, pois que o seu desaguador he o rio chamado Arauató, que sahe do lago Saracá.

Llamanse en general todas las naciones que habitan este dilatado sitio, Carabuyana; y en particular las Provincias en que estan divididos, son las siguientes: Caraguanas, Pocoanas, Urayaris, Masucaruanas, Quererús, Cotacarianas, Moacaranas, Ororupianas, Quinarupianas, Tuinamainas, Aragũanaynas, Mariguyanas, Yaribarus, Yarucaguacus, Cumaururuayanas, y Curuanaris.

Uzan estes Indios de arco y flecha: ay entre algunos dellos herramientas de yerro; como son hachas, machetes, podones y cuchillos: y preguntando con cuydado por los lenguas, de donde les vienen; responden, que las compran de los naturales que por aquella parte estan mas cercanos al mar, a los quales se las dan unos hombres brancos como nosotros, que usan nuestras mesmas armas, espadas y arcabuzes, que en la costa del mar tienen su habitacion; y que solo se distinguen de nosotros en el cabello que a una mano le tienen todos amarellos; señas bastantes para poder colegir con claridad, son los Olandezes, que àzia la boca del rio Dulce(1), o el de Felipe(2), ha dias tienen tomada possession.

Y el año de treinta y ocho, dieron con fuerça de gente en la Guyana, juridicion del nuevo Reyno de Granada, y no solo se apoderaron della, sino que fuê tan de improviso, que no podiendo los nuestros sacar el Santissimo Sacramento, quedó cautivo en poder de sus enemigos, que como sabian quan estimada es esta prenda entre los catholicos, esperavan grande rescate por ella: el que se les aparejava quando salimos de aquellas partes, eran buenas compañias de soldados, que com animo christiano, ivan a dar las vidas por rescatar a su Señor: con cuyo favor, se lograrian sin duda tan buenos desseos.

NUMERO LXV.

Rio Negro.

Aun no treinta leguas cabales mas abajo de Basururú en la misma vanda del norte, en altura de quatro grados, sale al encuentro de las Amazonas el mayor, y mas hermoso rio, que en mas de mil y trecientas leguas le rinde

(1) He hoje o rio Essequibo, na Guyana Ingleza.
(2) He o rio Surinam, ou de Berbice nas Guyanas Hollandeza e Ingleza.

vassallage. Si bien como tan poderoso en su entrada que es de legua y media de ancho, parece que se corre de reconocer otro mayor; y aunque el de las Amazonas con todo su caudal le echa los braços, no se le queriendo sugetar hombro con hombro, sin respeto alguno, señoreado de la mitad de todo el Rio, le acompaña por mas de doze leguas, distinguiendose claramente las unas aguas de las otras, hasta que no sufriendo el de las Amazonas tantas mayorias, revolviendole en sus turbias hondas, le haze entrar por camino, e reconocer por dueño al que el queira avassallar.

Llamaron los Portugueses, y con mucha razon, a este gran rio *el Negro*, porque en su boca, y muchas leguas mas dentro, el mucho fondo que tiene, y la claridad del agua que de immensos lagos en el vierte, le hazen parecer tan negras sus ondas, como si deproposito estuvieran teñidas, si bien fuera de su natural son cristalinas. Haze su curso de oeste a leste en sus principios, aunque las bueltas son tantas, que a distancia muy cortas, muda rumbos differentes, el que trae por muchas leguas antes de entrar en el de las Amazonas es de poniente a oriente. Llamanle los naturales que le habitan *Curiguacurù*.

Si bien los Tupinambàs de quienes despues dirémos, le pusieron por nombre *Uruna*, que en su lengua quiere dezir agua negra: como tambien llamaron al principal de las Amazonas en este parage, *Paranáguazú*, que significa rio grande; a distincion de otro menor pero muy caudaloso, que llaman *Paranámiri*, esto es rio pequeño, que desagua a la vanda del sur, una legua antes de el rio Negro, que afirman estar muy poblado de diferentes naciones; la ultima de las quales està vestida y usan sombreros; señal cierta de que se avezindan a los Españoles de el Perú.

Los que lo estàn a las aguas del rio Negro, son grandes provincias; es a saber los Canizuarís, Aguayras, Yacuncaraes, Cahuayapitis, Manacurus, Yanmas, Guanamas, Carapanaris, Guarianacaguas, Azerabaris, Curupatabas; y los que primero pueblan un braço que este rio arroja (1), por donde segun informaciones se viene a salir al rio *Grande* (2), en cuya boca en el mar del norte, estàn los Olandeses; son los Guaranaquazanas.

Usan todas estas naciones de arco y flecha; muchas dellas

(1) O Caciquiary.
(2) Rio Grande, devera ser o Orinoco.

enherboladas con ponçoña. Son todas las deste rio tierras altas, de lindo migajon y que cultivadas, prometen qualesquier frutos, aun de los nuestra Europa en algunas partes; tienen muchas y buenas campiñas cubiertas de sazonados pastos para poder en ellas pastar innumerables cabeças para ganados. Produze grandes arboles de buenas maderas de todo genero de embarcaciones y edeficios, que no solo con ellas, sino tambien con muy buena piedra de que este sitio abunda se pueden edificar. Estàn sus orillas pobladas de todo genero de caza: verdad es, que el pescado en este rio no es tanto como en el de las Amazonas, a causa de ser sus aguas tan claras, si bien en lagos que la tierra a dentro haze, siempre se coje a manos llenas.

Tiene en su boca, buenos sitios para fortalezas, y mucha piedra para fabricarlas, con que se podrà defender la entrada al enemigo, que quisiera salir por el al principal. Aunque yo juzgo que no en este paraje sino muchas leguas mas a dentro, en el braço que desemboca al rio Grande, que, ya dixe, desagua en el Oceano; es donde mas seguramente se deviera poner toda defensa, con que quedava, del todo cerrado el passo al enemigo para todo este nuevo mundo, que sin duda codicioso ha de intentar en algun tiempo.

No me atrevo a afirmar, si el rio Grande en quien desemboca este braço del Negro; es el Dulce, o el de Felipe, aunque mucho me inclino a este segundo, segun buenas demarcaciones; pues este es el primer rio de consideracion, que pasadas, algunas leguas, entra en el mar despuez del Cabo del Norte: lo que puedo determinadamente assegurar, es, que en ninguna manera, es el Orinoco(1), cuya principal boca cae en frente de la isla de la Trinidad, mas de cien leguas mas abaxo de donde desagua el rio de Felipe, por el qual salio a la mar del norte Lope de Aguirre, y pues el lo navegó, poderà tambien otro qualquiera entrar, por donde una vez se abrio camino.

NUMERO LXVI.

Intentan los Portugueses entrarse por el rio Negro.

Situada estava la Armada Portuguesa de buelta de viage, en la boca del rio Negro, a los doze de Octubre de seis-

(1) Engano do autor, como posteriormente provou-se.

cientos y treinta y nueve, quando considerandose los soldados, ya como a las puertas de sus casas; y bolviendolos ojos no sobre los acrecentamientos que traian, que essos eran ningunos; sino sobre las perdidas que en espacio de mas de dos años, que avian andado en este descubrimiento, avian tenido; que no eran pocas. Y enterados por otra parte, que los servicios hechos a su Magestad en estas conquistas, ninguna satisfacion de tener en tierras, donde los que mas sangre han derramado en semejantes ocasiones, están oy aniquilados, muriendo de hambre, por no poder parecer delante de quien los pudiera premiar.

Determinaron atraer a su voluntad la de el Capitan-Mayor persuadiendole, que ya que su pobleza los obligava a buscar algun remedio con que poder passar, y las noticias de los muchos esclavos, que en lo interior deste rio Negro posseian los naturales, ofrecia la ocasion en la mano; no permitiesse dexarla passar sin aprovecharse della, dando orden, de que la gente siguiesse esta derrota, pues con los muchos esclavos que deste rio se sacasse, quando no llevassen otra cosa, serian bien recebidos de los del Parà, y sin ellos, sin duda serian tenidos por hombres para poco, pues passando por tantas y tan diferentes naciones, y aviendo encontrado tantos esclavos, se salian con las manos vacias; y mas aviendo hombres en estas Conquistas, que a las puertas de sus casas saben hazer esclavos de que se sirvan.

Muestras dava el Capitan-Mayor, de quererles dar gusto; quizà porque ellos eran muchos, y él solo; y assi dió permisso de que se pusiessen velas en las embarcaciones, porque el viento en popa favorable para la entrada las pedia. Alboroçados estavan todos con esta determinacion, y nadie se prometia menos que mucho numero de esclavos, y persona huvo que no so contentava el solo sino llegavan a trecientos los que le tocassen de de su parte. Cuydado, y no pequeño me pudiera dar esta resolucion, a no conocer el noble animo de nuestro Caudillo, que desinteresado de semejantes empleos, estava yo muy confiado de que se siguiria en primer lugar lo que fuesse de mayor servicio de ambas Majestades. Con esta confiança despues de aver dicho Missa, recojiendome a parte con mi compañero, desseoso de por todas vias impedir intentos tan descaminados, hizimos el papel siguiente.

NUMERO LXVII.

Requerimiento hecho al Exercito.

Los Padres Christoval de Acuña, y Andres de Artieda, religiosos de la Compañia de Jesus, personas a quienes el Rey nuestro Señor por una Real Provision, despachada por su Real Audiencia de la ciudad de San Francisco del Quito, en los Reynos del Perú; a veinte y quatro dias del mes de Enero deste presente año de mil y seiscientos y treinta y nueve; manda, y encarga, que aviendo venido en compañia de esta armada Portugueza por todo este gran Rio de las Amazonas, nuevamente descubierto; tomemos noticia suficiente, y la mas clara que ser pueda, de las naciones que en el habitan, rios que se le juntan, y lo demas necessario, para que en el Real Consejo de las Indias, se haga pleno concepto desta empreza; y que aviendolo hecho assi, con la mayor brevedad possible passassemos a España, a dar cuenta a su Magestad de todo, sin que persona alguna nos pueda impedir la execucion de todo lo referido Como mas largamente constará por la dicha Real Provision, que en nuestro poder viene, y siendo necessario estamos prestos para mostrarla a todos, como lo havemos hecho a algunas de las principales cabeças deste exercito.

Al presente aviendo entendido por dicho de muchos, y por las velas que se disponen para la navegacion; que el Capitan Mayor Pedro Texeyra, y los de mas Capitanes y oficiales mayores desta dicha armada, en cuya compañia venimos por mandado de Su Magestad intentan dilatar mas el viaje, entrandose por el rio Negro, en cuya boca al presente nos hallamos; con desino de rescatar piezas esclavas del, para llevarlas por tales a sus haziendas del Pará, y Marañon; como acostumbran hazer en todas las entradas que desde el dicho Pará hazen a los naturales que habitan en sus confines. Y porque en este se ha de gastar forçosamente mucho tiempo, a dicho de perpersonas experimentadas en semejantes entradas; y ha de aver otros muchos inconvenientes.

Por acudir a la obligacion que nos corre, y para descargo nuestro ante la Real persona de su Magestad, en nombre suyo, hablando con el acatamiento devido; requerimos al Capitan Mayor Pedro Texeira; al Coronel Benito Rodriguez

de Oliveira, al Sargento-mayor Felipe de Matos, a los Capitanes Pedro de Acosta, y Pedro Bayon, y a los demas oficiales vivos, que al presente se hallan governando este exercito en la boca deste dicho rio Negro.

Que por quanto ya su Magestad tiene noticia, por su Real Audiencia de la ciudad de Quito, y por su Virrey del Perú, del despacho de nuestras personas para los finos de suso dichos, y de la brevedad con que se esperava aviamos de llegar à su Real presencia; pues segun el dicho Capitan Mayor Pedro Texeira, y otros muchos de su compañia, asseguraron a los señores da la dicha Real Audiencia de Quito; que aviamos de estar en el Parà dentro de dos meses y medio; y de aqui la seis dias se cumpiran ocho meses que salimos de la dicha ciudad de Quito; y aun faltan seiscientas leguas, desde este puesto al del Parà; de cuya dilacion, pueden resultar muchos, y graves inconvenientes; como son: el dilatar su Magestad la fortificacion deste rio, que tantos años ha dessea se descubra, esperando la brevedad conque nosotros aviamos de llegar con las informaciones del; y en el interin apoderarse el enemigo de sus principales entradas; cosa de que resultarà gran perjuizio a su Real Corona.

Y juntamente tan buenos y esforçados Capitanes, como aqui van, haran sin duda con tantas dilaciones grande falta a la fortaleza del Parà, a donde si el enemigo llegasse, estando ellos ausentes, seria muy cierta su perdida. Demas desto los Indios deste rio Negro, donde se pretende entrar, son a juizo de todos, gente muy belicosa, y de arco y flecha hervada con que nos podran hazer mucho daño, y mas viendo la poca fuerça de los Indios amigos, que nos han quedado; muchos de los quales estan enfermos, y otros son muchachos, sin experiencia de guerra, y todos a una mano con ningun gusto de hazer la dicha entrada; de que puede resultar la total perdicion deste exercito: fuera de que yendo con poco gusto podra ser qne se nos huyan, como lo han hecho los mas de los que salieron del Pará, y mas viendose ya a las puertas de sus casas.

Aqui añadimos, que los esclavos que se pretenden sacar, ay mucha dificultad si se puede hazer con buena consciencia (excepto los que fuessen necessarios para lenguas) porque esta tierra es nueva, y aunque aya cedulas de su Magestad (como se dize) para sacar esclavos, esto es en la juridicion circunvezina del Pará, y Marañon, y con

las demas calidades que se requieren: y estos deste rio no se sabe a que juridicion pertenescan. Y dado caso que ninguna de las dichas razones haga fuerça, y que se consiguiesse el fin que de la dicha jornada se dessea, que es sacar gran cantidad de esclavos; estos mismos, por las pocas fuerças que para guardarlos, y defendernos dellos, tenemos al presente, podrá ser que sean la total ruina y destrucion de todos. Por todo lo qual, y por lo demas que ofrecerse pudiere en deservicio de las dos Magestades, Divina, y humana, y perjuizio de la salvacion de tanta immensidad de almas, como ay en este rio.

De nuevo una y outra vez volvemos a requerir al dicho Capitano Mayor Pedro Texeira, coronel, sargento mayor, capitanes y oficiales vivos que al presente goviernan este exercito, que no dando lugar a dilaciones, que no sean del servicio de Dios, y de su Magestad, con toda brevedad se procure, que prosigamos nuestro viage del Pará, para de alli passar á España, a cumplir con el fin y obligaciones de nuestra legacia, y se pueda acudir, con brevedad, teniendolo assi su Magestad por bien, a la salvacion de tantas almas como se han descubierto en este nuevo mundo, que miserables yacen en la sombra de la muerte. Y si lo dicho no fuere suficiente, para obligar a que todos juntos prosigamos nuestro viaje con la dicha brevedad; requerimos de nuevo con la Real Provision que para ello traemos al dicho Capitan Mayor Pedro Texeira, y a los demas officiales del exercito, que para ello tuvieren mano; quedandonos el avio necessario, y todo buen passaje para resguardo de nuestras personas; se nos permita proseguir sin detencion nuestro viage, que aunque sea con riesgo de enemigos, lo posponemos todo por cumprir con lo que su Magestad nos manda en su Real Provision.

Y lo contrario haziendo, protestamos, de todos los daños, y inconvenientes que de la dilacion que huviere en la dicha jornada se siguieren y de dar cuenta dello al Real Consejo de las Indias, y a su Real persona del Rey nuestro Señor, como se nos manda lo hagamos. Y ultimamente para resguardo de nuestras personas, y muestras de que desseamos cumplir efectivamente con lo que somos mandados; pedimos se el ordene al Escrivano nombrado deste exercito, no s dé

testimonio de todo lo que en este nuestro requerimiento se contiene, y de lo que a el nos fuere respondido, etc.

NUMERO LXVIII.

Prosigue el viaje, y del rio de la Madera.

Hecho este papel, y comunicado con el Capitan Mayor; alegrandose el mucho, de tener ya quien se pusiesse de su parte, y reconociendo la fuerça de las razones; mandó al instante recojer las velas, cessar con las prevenciones, y disponer para que el siguiente dia, bolviendo a desembocar por la boca del rio Negro, prosiguiessemos todos por el de las Amazonas abaxo nuestro viaje. Hizimoslo assi, y a las quarenta y quatro leguas, dimos con el gran rio de la Madera, llamado assi de los Portugueses, por la mucha, y grueça que traia quando le passaron, pero su nombre proprio entre los naturales que le habitan, es *Cayarì*.

Deciende de la vanda del sur, y segun lo que averiguamos, se forma de dos caudalosos rios, que algunas leguas adentro se le juntan; por los quales, segun buenas demarcaciones, y segun las señas de los Topinambás, que por el baxaron, es por donde mas en breve que por parte alguna, se ha de descubrir salida a los mas cercanos rios de la comarca de Potosí. De las naciones deste rio, que son muchas, las primeras se nombran Zurinas, y Cayanas, y luego se van siguiendo los Ururiaus, Anamaris, Guatinumas, Curanaris, Erepunacas y Abacatis. Y desde la boca deste rio, corriendo por el de las Amazonas abaxo le pueblan los Zapucayas, Urubutingas, que son muy curiosos en labrar cosas de madera: tras estos se siguen los Guaranaguacas, Maraguas, Quimaus, Burais, Punouys, Oreguatus, Aperas, y otros cuyos nombres no pude con certeza averiguar.

NUMERO LXIX.

Isla grande de los Tupinambás (1).

Veinte y ocho leguas de la boca deste rio, caminando

(1) Actualmente denomina-se—*Tupinambaranas*.

siempre por la mesma vanda del sur, está una hermosa isla, que tiene sesenta de largo, y consiguientemente mas de ciento de circuyto, poblada toda de los valientes Tupinambàs, gente que de las conquistas del Brazil, en tierras de Pernambuco, salieron derrotados muchos anos ha, huyendo del rigor con que los Portugueses les ivan sugetando. Salieron tan gran numero dellos, que despoblando a un mesmo tiempo, ochenta y quatro aldeas donde estavan situados, no quedo de todos ellos, ni una criatura que no troxessen en su compania.

Cogieron siempre a mano izquierda las faldas de la Cordillera, que viniendo desde el estrecho de Magalanes, cinen toda la America; y descabeçando quantos rios tributan della en el Occeano: llegaron algunos a entrar-se con Espnaoles del Perù, que habitavan en las cabeças del rio de la Madera. Estuieron con ellos algun tiempo, y porque un Español açotò a uno, por averle muerto una baca; aprovechando-se de la ocasion del rio, se arrojaron todos por sus corrientes, viniendo a dar en la isla que al presente habitan.

Hablan estes Indios la lengua general del Brasil, que tambien corre casi entre todos los de las conquistas del Marañon, y del Parà. Dizen tambien que como salieron tantos, que no pudiendo por aquellos desiertos sustentarse todos juntos, se fueron dividiendo en tan dilatado camino, que por lo menos serà de mas de novecientas leguas, quedando unos a poblar unas tierras, y otros otras; de quienes sin duda estaràn bien llenas todas aquellas Cordilleras. Son gente de grande brio en la guerra, y bien lo mostraron los que llegaron a estos parajes, donde al presente habitan; pues siendo ellos, sin comparacion, muchos menos que los naturales deste rio, de tal suerte los assolaron, y sugetaron a todos aquelos con quienes tuvieron guerras; que consumiendo naciones interas; a otras obligaron a dexar de miedo su natural, y irse peregrinos a tierras estranas.

Usan estos Indios de arco, y flecha, que con destreza disparan. Son de coraçones nobles y ahidalgados; si bien, como ya casi todos los que al presente ay, son hijos, y nietos de los primeros pobladores, ya se van acomodando a las baxezas y mañas de los de la tierra con cuya sangre estan mesclados. Mostraron nos todos grande agasajo, dando muestras de que en breve se avián de reduzir a vivir entre los Indios amigos del Parà; cosa que serà sin duda de mucho util para conquistar todas las demas naciones deste rio, si se huviere

15

de poblar; pues a solo el nombre de Tupinambás no ay ninguna dellas que no se rinda.

NUMERO LXX.

Noticias qui dieron los Tupinambás.

Destos Indios Tupinambàs, como de gente de mas razon y que no necessitan de interpretes, por correr, como ya dixe entre ellos la lengua general, que muchos de los mesmos Portugueses hablan con eminencia, por ser nacidos y criados en aquellas costas. Tuvimos algunas noticias, que aqui diré que como de gente que tiene corrido y sugeto todo lo circunvezino a su juridicion, se pueden tener por ciertas.

Dizen que cercanos a su habitacion, a la vanda del sur en tierra firme, viven entre otras, dos naciones; la una de enanos tan chicos como criaturas muy tiernas, que se se llaman *Guayazis*, la otra es de una gente que todos ellos tienen los pies al revès, de suerte que quien no conociendo los quisiesse seguir sus huellas, caminaria siempre al contrario que ellos: llamanse *Mutayus*, y son les tributarios a estos Tupinambàs de hachas de piedra para el desmonte de los arboles, quando quieren cultivar la tierra que las hazen muy curiosas; y de continuo se ocupan en labrarlas.

A la vanda de enfrente, que es la de el norte; dizen que estan continuadas siete Provincias bien pobladas, pero que por ser gente para poco, y que solo se sustentan con frutas y animalillos silvestres, sin jamas sustentar guerras entre si, ni con otros, no hazen dellos caso. Tambien afirman, que con otra nacion que confina con esta tuvieron pazes mucho tiempo, aviendo comercio entre ellos de lo que cada uno en su Provincia abundava; y lo principal de que los Tupinambás se proveian era de sal, que los amigos les traian por sus rescates, que afirmavan venirles de otras tierras vezinas de las suyas: cosa que si se descubriesse seria de grande utilidad para la conquista, y poblaciones deste Rio. Y quando aqui no se halle, se han de descubrir en grande abundancia en un rio de los que baxan de àzia el Perú; de donde el año de treinta y siete, estando yo en la ciudad de Lima, salieron dos hom-

bres, que de lance en lance, aportaron por aquellas partes, a cierto paraje, donde baxando por uno de los rios, que en este principal desaguan; dieron con un gran cerro todo de sal, de que los moradores tenian el estanco, sustentandose ricos, y abundantes, con las pagas que por ella recibian, de los que de mas lejos la venian a contratar.

Y no es nuevo en el Perú, y en todas sus Cordilleras tener cerros de sal de piedra excelente pues esta es la que en todo el se gasta, sacandola de su natural con barretas azeradas, en pedaços tan grandes, que tienen a cinco y seis arrobas cada uno.

Ocupa esta Provincia de los Tupinambás sesenta y seis leguas de largo que fenece en una buena poblacion que està situada en tres grados de altura, como tambien lo estava, la primera de los Indios Agúas, de que ya hizimos arriba mencion.

NUMERO LXXI.

Dan noticia de las Amazonas.

Con el dicho tambien destos Tupinambás, confirmamos las largas noticias que por todo este Rio traiamos de las afamadas Amazonas, de quienes el tomò el nombre, desde sus primeros principios, no le conociendo por otro ninguno, sino por este, todos los Cosmografios, que del hasta oy han tratado. Y fuera cosa de admiracion, que sin muy graves fundamentos, huviera usurpado el nombre de rio de las Amazonas pudiendole qualquiera dar en rostro, de que por el se queria hazer famoso, con no mas razon que de vestirse de lo ageno. No me lo persuado yo de su nobleza; ni es creible, que teniendo este gran rio tantas grandezas de que echar mano, solo que fisesse gloriarse del titulo que no le competia. Baxeza ordinaria, de quien no valiendo por sus braços alcançar la honra que dessea, la procura mendigar del vezino.

Los fundamentos que ay para assegurar la Provincia de las Amazonas en este rio, son tantos, y tan fuertes que seria faltar a la fee humana el no darles credito. Y no trato de las graves informaciones, que por orden de la Real Audiencia de Quito, se hizieron con los naturales que le habitaron muchos años, de todo lo que en sus riveras contenia; en que

una de las principales cosas que se asseguravan; era el estar poblado de una Provincia de mugeres guerreras, que sustentandose solas sin varones, con quienes, no mas de a ciertos tiempos tenian cohabitacion, vivian en sus pueblos, cultivando sus tierras, y alcançando con el trabajo de sus manos, todo lo necessario para su sustento.

Tampoco hago mencion de las que por el nuevo Reyno de Granada, en la ciudad de Pasto, se hizieron con algunos Indios, y en particular con una India, que dixo aver ella misma estado en sus tierras donde estas mujeres estan pobladas; conviniendo en todo con lo que ya se sabia por los primeros dichos. Solo hecho mano de lo que oí con mis oidos, y con cuydado averigué desde que pusimos los piés en este rio. En que no ay generalmente cosa mas comun, y que nadie la ignora, que dezir, habitan en el estas mujeres, dando senas tan particulares, que conviniendo todos en unas mesmas; no es creible se pudiesse una mentira aver entablado en tantas lenguas, y en tantas naciones; con tantas colores de verdad. Pero donde mas luz tuvimos del sitio donde viven estas mujeres, de sus costumbres, de los Indios que las comunican, de los caminos por donde se entra a sus tierras, y de los naturales que los pueblan (que es la que aqui daré) fue en la ultima aldea donde dà fin la Provincia de los Tupinambàs.

NUMERO LXXII.

Rio de las Amazonas.

Treinta y seis leguas desta Aldea, corriendo rio abaxo, està a la vanda del norte el de las Amazonas, que con nombre de rio *Cunuris* (1), es conocido entre aquellos naturales. Toma este rio el nombre de los primeros Indios que sustenta en su boca; a quienes se siguen los Apantos, que hablan la lengua general de todo el Brasil. Tras estos estan sitiados los Taguaus, y los ultimos, que son los que comunican, y comercian con las mismas Amazonas, son los Guacaràs.

Tienen estas mujeres varoniles su assiento entre grandes

(1) O nome actual deste rio he—*Nhamundá* ou *Jamundá*.

montes, y eminentes cerros, de los quales el que mas se descuella entre los otros, y que como mas subervio es combatido de los vientos con mas rigor, a cuya causa toda la vida se muestra escalvado y limpio de yerba, se llama *Yacamiába*.

Son mujeres de gran valor, y que siempre se han conservado sin ordinario comercio de varones; y aun quando estos por concierto que con ellas tienen, vienen cada año a sus tierras, los reciben con las armas en las manos, que son arcos y flechas, que juegan por algun espacio de tiempo, hasta que satisfechas de que vienen de paz los conocidos, y dexando las armas acuden todas à las canoas, o embarcaciones de los guespedes, y cojiendo cada una la amaca que hallan mas a mano, que son las camas en que ellos duermen, la llevan a su casa, y colgando en parte donde el dueño la conozca, le recibe por huesped aquellos pocos dias: despues de los quales ellos se buelven a sus tierras, continuando todos los años este viaje por el mismo tiempo.

Las hijas hembras, que deste ayuntamiento nacen las conservan y crian entre si mesmas, que son las que han de llevar adelante el valor, y costumbres de su nacion, pero los hijos varones no ay tanta certeza de lo que con ellos hazen.

Un Indio, que siendo pequeño avia ido con su padre a esta entrada, afirmó que los hijos varones los entregavan a sus padres quando el siguiente año bolvian a sus tierras. Pero los demas, y es lo que parece mas cierto por ser dicho mas comun, dizen que en reconociendolos por tales les quitan la vida. El tiempo descubrirà la verdad; y si estas son las Amazonas afamadas de los historiadores, tesoros encierran en su comarca para enriquecer a todo el mundo.

Està la boca deste rio, que pueblan las Amazonas, en dos grados y medio de altura.

NUMERO LXXIII.

Estrechura de todo el rio.

Passada la boca deste rio de las Amazonas, y corriendo veinte y quatro leguas del principal, desagua à la mesma vanda del norte, otro mediano, que se llama Urixamina (1),

---

(1) Hoje este rio tem o nome de—*Trombetas*.

que sale a aquel paraje, donde como ya dixe arriba, se estrecha este gran rio en espacio de poco mas de un quarto de legua. Donde ofrece apacibles sitios, para plantar de una, y otra vanda das fortalezas (1), que no solo impidan el passo al enemigo, que por la parte del mar le intentaren: sino que tambien sirviendo de Aduanas, se registre en ellas todo lo que por este rio de las Amazonas, si se poblare, será fuerça que baxe del Perú. Desde este paraje que està, como arriba dixe, mas de trecientas y sesenta leguas de la mar, se comiençan a sentir sus marèas, reconociendo se todos los dias crecientes,y menguantes, aunque no tan a las claras, como de algunas leguas mas adelante.

NUMERO LXXIV.

Rio, y nacion de Tapajosos.

Quarenta leguas desta estrechura desemboca por la vanda del sur, el grande, y vistoso rio de los Tapajosos (2), tomando el nombre de la nacion, y Provincia que sustenta en sus orillas, que es muy poblada de Barbaros, en buenas tierras, y de abundantes mantenimientos. Son estes Tapajosos, gente de brios, y que les temen muchas de las naciones circonvesinas, porque usan de tal ponçoña en sus flechas, que con solo llegar a sacar sángre, quitan sin remedio la vida. Y a esta causa los mesmos Portugueses les relezaron la comunicacion por mucho tiempo, desseando por bien traerles a su amistad, a que nunca salieron del todo, porque les obligavan con ella a dexar su natural, y venirse a poblar entre los ya pacificos, cosa que sienten mucho estas naciones. Si bien en sus tierras recibian con buen agasajo a los nuestros; como lo experimentamos aloxados junto a un pueblo suyo, de mas de quinientas familias; de donde en todo el dia no cessaron de venir a rescatar gallinas, patos, amacas, pescado, harinas, frutas, y otras cosas; con tanta seguridad, que mujeres, y ninos no se apartavan de nosotros; ofreciendo, que si los dexassen en sus tierras, viniessen muy en hora buena a poblarlas los Portugueses, que los recibirian, y servirian de paz toda la vida.

(1) Do lado do norte fundou-se a fortaleza de—*Pauxis*, hoje *Obidos*.
(2) Este rio conserva o nome de *Tapajós*.

NUMERO LXXV.

Opresion que hizieron los Portugueses.

No bastaron los humildes ofrecimientos de estos Tapajosos, para personas tan interessadas como son las de estas conquistas, y que solo enprenden dificultades con la codicia de los esclavos que esperan rescatar; para que fuessen admitidos, o por lo menos puesto en toda razon y conveniencia. Si no que sospechando tenia esta nacion muchos en su servicio trataron con toda fuerça, a titulo de rebeldes, irles a ofrecer cruda guerra. Esta se estava disponiendo quando llegamos de nuestra jornada al fuerte del Destierro (1), donde se juntava la gente para tan inhumana faccion.

Y aunque por los mejores medios que pude, la procuré, ya que no impedir, a lo menos suspender hastan que huviesse nuevo orden de su Magestad: y el Sargento Mayor del Estado, Cabo, y Caudillo de todos que era Benito Maziel, hijo del Governador, me dió su palabra de que no prosiguiria con su intento, hasta tener aviso de su padre. Apenas bolvi la cabeça, quando con la mas gente que pudo, en una lancha con piezas de artilleria, y en otras embarcaciones menores, dando sobre ellos de improviso, les ofreció cruda guerra, sino querian buena paz.

Esta admitieron luego ellos con buena voluntad, como siempre la avian ofrecido, rendidos a todo lo que quisiesse disponer de sus personas. Mandales entregar todas las flechas herbadas de ponçoña que tenian, que era, de lo que mas se podian rezelar, a que los miserables obedecieron luego al punto: y viendolos ya desarmados cogen gran cantidad de Barbaros, y encierranlos todos como carneros en un corral fuerte con suficiente guarda; sueltan los Indios amigos que llevavan, que para hazer mal cada uno es un diablo desatado, que en breve tiempo saquearon todo el pueblo, sin dexar cosa en el que no assolassen: aprovechandose, como me contó quien lo avia visto, de las hijas, y mugeres de los afligidos presos, a vista de sus mesmos ojos: y ha-

(1) Fortalesa situada junto á fóz do rio Uacarapy, na margem direita. Depois mudou-se para o lugar do Parú.

ziendo cosas, que me asseguró esta persona, que es bien antigua en aquellas conquistas, que por no verlas, no solo dexaria de comprar esclavos, pero que aun daria debalde los que posseia.

No parò aqui la crueldad de los Portugueses, que como iva embuelta en codicia de esclavos, no que dava satisfecha hasta verse señora dellos. Amenazan los Indios encorralados, y temerosos, atemorizanles de nuevo con nuevos rigores, para que ofrezcan esclavos, asseguran-doles que con esto no solo quedaran libres, sino amigos suyos, y cargados de herramientas, y lienço de algodon que les darian por ellos. Que avian de hazer los mi-serables? Presos ellos, quitadas las armas, saqueadas sus casas, oprimidas sus mujeres, y hijos, sino rendirse a todo lo que de ellos quisessem haver? Ofrecen mil es-clavos, envian por ellos que con el alboroto de la tierra se avian puesto en cobro, y no pudiendo juntar mas de pocos mas de ducientos, entreganlos: y con palabra de que cumpliran los restantes, dexan libres, a los que por verse assi, ofrecieran sus mismos hijos por esclavos, como muchas vezes ha acontecido.

Despachan todos estos al Marañon, y Pará, que yo vi con mis ojos, y saboreados de la presa, disponen luego otra mayor en otra nacion mas a dentro del rio de las Ama-zonas; donde seran sin duda mayores las crueldades, porque van menos personas de valor, que puedan ir a la mano al que leva el cargo de todos. Con que que-dará el rio tan alborotado, que quando su Magestad quiera que se pacifique, aura de tener muy grandes di-ficultades; siendo assi que como yo le dexé quando sa-li del, á muy poca cosa se pudiera hazer. Estas son las conquistas del Pará, este el trato de que se sustentan, y esta la justissima causa porque todos andan arras-trados, sin tener un pan que comer. Y sino fuera por los servicios que han hecho a entrambas Magestades Di-vina, y humana en resistir valerosamente al enemigo Olandes, que varias vezes han vencido en aquella tierra; ya nuestro Señor la tuviera assolada.

Bolviendo pues a la de los Tapajosos, y al famoso rio que baña sus riberas; digo que es de tan buen fondo, que por el arriba muchas leguas, subio en tiempos atras una náo Inglesa de gran porte; que pretendiendo hazer

assiento en esta Provincia, y entablar cosechas de tavacos con los naturales, les ofrecieron buenos partidos; pero ellos dando de improviso en los Ingleses, no aceptaron otro, que matar los que pudieron aver a las manos, y aprovechando-se de sus armas, que oy en dia tienen; les hizieron dexar la tierra mas apressa de lo que avian venido; escusando la gente que quedó en la nào, con hazerse luego a la vela, otro encuentro semejante, en que del todo quedassen consumidos.

NUMERO LXXVI.

Curupatuba.

Apocas mas de quarenta leguas de la boca del Rio de los Tapajosos, está el de Curupatuba (1), que desaguando en el principal de las Amazonas, a la vanda del norte, dá a la primera poblacion, o Aldea, que de paz tienen los Portugueses a devocion de su Corona. No muestra este Rio ser muy caudaloso de aguas, pero si de tesoros, si los naturales del no nos engañan; los quales afirman, que subiendo por este Rio, que ellos llaman con nombre Yriquiriqui, camino de seis dias, se halla gran cantidad de oro, que cogen en las orillas de un riacho pequeño, que baña las faldas de un mediano cerro, llamado Yaguaracurú.

Dizen tambien que cerca de este està otro sitio, cuyo nombre es Picuru; donde han sacado muchas vezes otro metal, mas duro que el oro, de color blanco, que sin duda es plata, de que labraron antiguamente hachas, y cuchillos, pero que viendo no ser de provecho, y que luego se mellavan, no hizieron mas caso del. Ay en este mismo distrito dos sierras; que la una, segun las señas que dan los Indios, es de azufre; y de la otra, que se llama Paraguaxo, asseguran que quando la dà el Sol, y tambien en las noches claras resplandece de suerte, que toda ella parece esmeralda de rica pedreria; y de quando en quando revienta con grandes estruendos: muestra cierta de que en si encierra piedras de mucho valor.

(1) Hoje he conhecido por—*Gurupatuba.*

NUMERO LXXVI.

Rio Ginipape (1).

No promete menos tesoros, segun noticias comunes, el rio de Ginipape, que corriendo por la misma vanda del norte desemboca en el de las Amazonas, a las sesenta leguas mas abaxo de la Aldea de Curupatuba (2) de quien dizen los Indios tanto, del mucho oro que en sus orillas se puede recoger que si ello es assi, solo este rio dexarà atràs con sus averes, los mayores de todo el Perú.

Las tierras que este rio riega, son de la Capitania de Benito Maziel Pariente, Governador del Marañon; que fuera de ser ellas solas, mas que toda España junta; y aver en ellas muchas noticias de minas son en si por la mayor parte del mejor migajon, y para rendir mayores frutos, y provechos que quantas ay en este immenso rio de las Amazonas. Estan todas a la vanda del norte; contienen en si grandes Provincias de Barbaros; y lo que es mas de estima, encierran debaxo de su juridicion, las afamadas, y dilatadas tierras del Tucujú (3); tan suspirado, y tantas vezes poblado, aunque con su daño, del enemigo Olandes, que reconociendo en ellas las mayores comodidades del mundo, para enriquecer sus moradores jamas las puede olvidar. Son no solo aproposito para grandes cosechas de tavacos, y capaces de las mejores de lo descubierto para muchos ingenios de açucar, y agradecidas con sus mantenimientos, a qualquier pequeño cultivo, que en ellas aya sino tambien de excelentes campiñas, que con abundantes pastos sustentaran infinitos ganados.

En esta Capitania, seis leguas de donde desagua Ginipape; el rio arriba de las Amazonas, està un fuerte de Portugueses, que llaman del Destierro (4), con treinta soldados, y algunas piezas de artilleria; que para lo que toca a defender el rio, no sirve de nada, áutorisando solo la dicha Capitania, y teniendo en algun temor los Indios que de ella se van reduziendo.

---

(1) Hoje denomina-se—*Uacarapy*.
(2) He actualmente a villa de Monte-Alegre.
(3) Parece que assim se chamava o territorio comprehendido entre o rio Uacarapy e o rio Anaueirapurú.
(4) Era tambem conhecida por fortalesa do Parú (depois da sua mudança para este ponto), junto á aldêa do mesmo nome, que hoje tem o nome de Almeirim.

Este fuerte quitó Benito Maziel con braço de Governador del Curupà(1), que cae treinta y seis leguas mas abaxo, donde por muchos anos estuvo situado en muy buen sitio, y donde las naos enemigas venian a reconocer de ordinario.

NUMERO LXXVIII.

Rio Paranaìba (2).

Diez leguas mas abaxo del rio Ginipape, sale a la vanda del sur, uno muy vistoso, y caudaloso, que con dos leguas de boca, entra rindiendo parias al principal, llaman le los naturales *Paranaìba*; estan en sus riberas algunas poblaciones de Indios amigos, que teniendo assientos en sus primeras entradas, obedecen los ordenes de los Portugueses, que los goviernan. Y en lo mas interior viven otros muchos; de quienes, y de lo demas que este rio contiene, aun no ay suficientes noticias.

NUMERO LXXIX.

Rio Pacaxà (3).

Desde dos leguas mas abaxo del Ginipape comiença a dividirse en grandes braços el rio de las Amazonas, que causan la multitud de islas que hasta desembocar en el Occeano en el se conocen ; pobladas todas de diferentes naciones, y lenguas ; si bien las mas entienden la general de aquella costa. Son estas islas tantas, y las naciones que las habitan tan diversas, que solo para ellas era menester una nueva historia.

Con todo nombraré aqui algunas de las mas conocidas, como son las de los Tápuyas, Anaxiases, Mayanases, Engaibas (4), Bócas, Ivanes, y la de los valientes Pacaxàs, que en las Riberas del rio, de quien tomaron nombre,

---

(1) Actualmente chama-se — *Gurupá*.

(2) He o nome antigo do rio Xingú, a que o padre Samuel Fritz em sua carta denomina *Aoripana*, segundo assegura Mr. de la Condamine, na sua viagem pelo rio das Amazonas.

Xingú, diz o mesmo de la Condamine, he o nome indio de uma aldêa onde se acha uma Missão, a algumas leguas subindo o rio, o que não he confirmado por Baena, Accioli, e outros authores,

(3) Ainda conserva o nome de Pacajá.

(4) Os Portuguezes dizião—*Nhengaíbas*.

que sale ochenta leguas del Paranaíba, a la mesma vanda, tienen su habitacion, y en tanto numero, assi de aldeas, como de moradores, segun afirman los Portugueses que allà estuvieron, como qualquiera otra de las mas pobladas de nuestro rio.

NUMERO LXXX.

Poblacion del Conmutà (1).

A quarenta leguas del Pacaxà està situada la Aldea del Conmutà, que en aquellas conquistas, fue en tiempos passados de grande fama, assi por sus muchos moradores, como por ser alli donde de ordinario se aprestaran las armadas, quando havian de hazer sus correrias. Pero ya no le ha quedado, ni gente, por aversele mudado a otras tierras; ni mantenimientos, por no aver quien los cultive; ni otra cosa mas que el sitio antiguo con poucos naturales; siempre bueno, y que con su apacibilidad, y linda vista està brindando hermosura, y comodidades a los que le quisieren poblar.

NUMERO LXXXI.

Rio de los Tocantines (2).

A las espaldas del Conmutà desemboca el rio de los Tocantines, que aunque en aquellas partes tiene nombre de rico, y al parecer con algunos encarecimientos; ninguno ha conocido su caudal, sino solo el Francez, que quando poblava sus costas, cargava naos, de sola la tierra que de sus orillas sacaba; para beneficiandola en la suya, enriquecerla. Sin atreverse jamas a mostrar tales tesoros a los Barbaros que en el habitan, rezeloso de que haziendo de ellos la estima que era razon; sin duda los defenderian con los armas, para no se dexar desposseer de tantas riquezas.

A las cabeçadas de este rio aportaron ciertos soldados Portugueses, que desde Pernambuco, con un sacerdote en

(1) Os Portuguezes disião a principio — *Camutá*, e depois — *Cametá*, nome com que hoje se conhece a cidade deste nome.
(2) He o rio Tocantins.

su compañia, atravesaron todas las faldas de la Cordillera, embusca de nuevas conquistas, y queriendo por el abaxo navegar hasta darle fin, ellos le tuvieron desastrado a manos de los Tocantines, en cuyo poder se halló no ha muchos años el caliz, con que el buen sacerdote les dezia missa en sus peregrinaciones.

NUMERO LXXXII.

El Parà.

Treinta leguas del Conmutà, tiene su assiento la fortaleza del gran Parà, poblada, y governada por Portugueses.

Ay en ella Capitan Mayor, que es sobre todo los de aquella Capitania, y a quienes estan sugetos otros tres Capitanes de infanteria, que de ordinario assisten con sus compañias, para la defensa de aquella plaça. Si bien assi estos, como aquel, en todo obedecen al Governador del Marañon: que tiene su assiento mas de ciento y treinta leguas la costa arriba àzia el Brasil: de que nacen graves inconvenientes en el Govierno del Parà, que si este rio se puebla, serà fuerça, quede por dueño del, como quien tiene en su mano la llave de todo.

Y aunque es verdad, que el sitio donde apresente està no es, a juizio de muchos, el mejor que se podia escoger, aviendo de ir este descubrimiento adelante, serà facil mudarle a la isla del Sol, catorce leguas mas a la mar; puesto en quien todos tienen los ojos; por los muchos comodos que ofrece para la vida humana; assi de capacidad, y bondad en la tierra para el sustento de la poblacion: como tambien por la comodidad de los navios que a ella aportaren; que en una enseñada, segura de todos contrastes, pueden estar todo el tiempo que quisieren; y quando se huvieren de hazer a la vela, con la primera plena mar quedan desembocados de todos los baxos, que hazen dificultosos estos puertos; que no es pequeña comodidad.

Es esta Isla de mas de diez leguas de circuyto, de buenas àguas, mucho pescado de la mar, y del rio, gran multidud de cangrejos, sustento ordinario de los Indios, y gente pobre; y al presente es de las principales a donde van del Parà de ordinario, a cazar la carne que han menester para su sustento.

NUMERO LXXXIII.

Entra en el mar el rio de las Amazonas.

Veinte y seis leguas de la isla del Sol, debaxo de la linea Equinocial, esplayado en ochenta y quatro de boca, teniendo por la vanda del Sur, al Zaparará (1), y por la contraria al Cabo del Norte; desagua en el Occeano el mayor pielago de aguas dulces, que ay en lo descubierto; el mas caudoloso rio de todo el Orbe: el Phenix de los rios; el verdadero Marañon, tan suspirado, y nunca acertado de los del Perú; el Orellana antiguo; y para dezirlo de una vez, el gran rio de las Amazonas.

Despues de aver bañado con sus aguas mil y trecientas y cinquenta y seis leguas de longitud; despues de sustentar en sus riveras infinitas naciones de Barbaros; despues de fertilisar inmensas tierras; y despues de aver passado por el riñon de todo el Perú, y como canal principal, recogido en si lo mejor, y mas rico de todas sus vertientes.

Este es en suma el nuevo descubrimiento de este gran rio, que encerrando en si grandiosos tesoros anadie escluye; mas antes, a todo genero de gente combida liberal a que se aproveche de ellos. Al pobre ofrece sustento; al trabajador, satisfacion de su trabajo; al mercador, empleos, al soldado ocasiones de valor; al rico mayores acrecentamientos; al noble honras; al poderoso estados; y al mesmo Rey un nuevo Imperio. Pero quienes mas interessados se han de mostrar en esta conquista, son los zelosos de la honra de Dios, y bien de las almas, pues tanta multitud dellas, està ya clamando, por fieles Ministros del Santo Evangelio, para que con la claridad del se les avienten las sombras de la muerte, en que ha tanto tiempo que miserables yazen. Y nadie se escuse desta empresa, pues para todos ay campo descubierto, y por muchos trabajadores que se con iuzgan la mies serà mayor; y siempre necessitarà esta nueva viña, de nuevos, y fervorosos obreros para que la cultiven; hasta sujetarla toda debaxo de las llaves de la Iglesia Romana

A que sin duda nuestro grande, y Catolico Rey Felipe IV, que Dios nos guarde muchos, y felizes años, acudirà de su parte, con la liberalidad que acostumbra, en lo

temporal, para el sustento de Ministros tales. Y la Santidad de nuestro muy Santo Padre Urbano Octavo de gloriosa memoria, como padre, y cabeça que oy es de la Iglesia ; se monstra en lo espiritual no menos liberal, y benigno. Teniendo a grande dicha que en sus tiempos se abre anchurosa puerta, para reduzir al rebaño de la Iglesia de una vez, mas naciones juntas, y mas populosas, de quantas en toda la America, desde sus primeros principios, se descubrieron.

LAUS DEO VIRGINIQUE MATRI.

MEMORIAL

PRESENTADO

EN EL REAL CONSEJO DE LAS INDIAS SOBRE EL DICHO DESCUBRIMIENTO

DESPUES DEL REVELION DE

PORTUGAL.

Señor.

Christoval del Acuña, religioso de la Compañia de Jesus, que vino por orden de vuestra Magestad, al descubrimiento del gran Rio de las Amazonas: cuydadoso siempre de los mayores aumentos de su Real Corona, y rezeloso de que acontecimientos menos favorables, vistos a nuestras puertas, ahoguen, y impidan el luzimiento de sus afectuosos servicios.

Dize, que aunque es verdad, que la principal puerta de aquel nuevo mundo descubierto, para mas en breve començar a gozar de los provechosos, y ricos frutos, que liberal ofrece; es la boca principal del, por la parte que desagua en el Occeano, de las costas de el Brasil, sujeta a Portugueses, y por esso menos sazonada, para que de presente se procure esta entrada. Pero que no por esso deve vuestra Magestad desistir, ni dilatar la possession de este gran Rio, pues con mas facilidad, y muchos menos

gastos lo podrà hazer por la Provincia de Quito, ne los Reynos del Perú, por las mesmas entradas por donde el, y sus compañeros baxaron. De que resultaran sin duda grandes servicios de Dios nuestro Señor, y de vuestra Magestad, y se evitaran no menores inconvenientes, que de no executarlo en breve se experimentaran, y quizà sin remedio. Lo qual se podrà efectuar sin gastos considerables de la Real hazienda con solo embiar orden a la Chancilleria de Quito, para que capitule las entradas que mas convenga, por los rios que en su juridicion desaguan en este principal, con algunas de las muchas personas, que a su costa se ofrecen a hazer estas conquistas, solo por los interesses que de ella se sacan como son, las encomiendas de los Indios, repartir tierras, proveer oficios, y otros semejantes.

Cometiendo juntamente lo espiritual de ellas, en lo tocante a la conversion, y enseñança de los naturales, a los Religiosos de la Compañia de Jesus, cuyo instituto es este, y a que con no pequeño titulo, en este particular descubrimiento, pueden mostrar algun derecho: pues sus hijos, no solo han aclarado, a costa de sus trabajos, y de suelos, y aun de muchos ducados, las sombras de un nuevo, y dilatado Imperio, que bañado de este grandioso rio, ofrece crecidos aumentos a la Real Corona de vuestra Magestad; sino que por possession de mas de quarenta años, adquirida con la sangre del dichoso Padre Raphael Ferrer, derramada por los naturales, in quienes en los principios deste rio predicava, se les deve. Continuando el no perder este derecho los Padres de la Compañia, que por Santiago de las Montañas, ha años que cultivan con su doctrina a los principales raudales desta nueva conquista que para continuar se necessita en aquella Provincia de Quito, nuevos obreros de Europa, que les ayuden en tan copiosa mies. A que sin duda acudirà vuestra Magestad con la piedad que siempre, y la liberalidad que pide la necessidad estrema de tanta inmensidad de naciones diferentes, de que resultaran los provechos siguientes.

Lo primero, y que siempre lo es en el christianissimo pecho de vuestra Magestad, darase sin mas dilaciones; principio a la conversion de un nuevo mundo de infieles, que miserables yacen en la sombra de la muerte; obra tan del servicio de Dios, que no se puede ofrecer otra

que mas lo agrade; y tal que por ella se darà por obligado a establecer con perpetuidad su Corona de vuestra Magestad, y de nuevo dilatarla à mayores Imperios.

Lo segundo, ahorraranse los muchos gastos, que como forçosos, eran inescusables, si esta conquista se huviera de hazer como se intentava, por la boca del Rio; en conduzir soldados, prevenir embarcaciones, juntar pretrechos, y disponer todo lo necessario para formar nuevas poblaciones, que sin duda avian de ser muchos. Lo qual todo se escusa con mandar que se comiençe esta conquista por las entradas de Quito; pues los particulares a quienes se cometiere, haran con gusto todo el gasto, y solo necessitaran para lo espiritual della, de obreros, y Ministros aptos del Evangelio, que vuestra Magestad embie de España, por la estrema necessidad que de ellos ay en aquellas partes.

Lo tercero, començarà vuestra Magestad a posseer, y gozar de lo que todos los señores Reyes sus predecessores, desde el señor Emperador Carlos Quinto que Dios aya, digno visabuelo de vuestra Magestad, dessearon, y con no pocos gastos, y deligencias procuraran sugetar a su Real Corona. Para lo qual el año de mil y quinientos, y quarenta y nueve el mesmo Señor Emperador Carlos Quinto, mandò dar a Francisco de Orellana tres navios con suficiente gente, y pertrechos, para que en su Real nombre tomasse possession de este gran rio de las Amazonas (que nueve años antes el mesmo avia navegado), por los muchos utiles que de executarlo assi se esperavan; si bien las tormentas, y muerte de casi todos los soldados, les obligaron, a que reduzidos a una breve embarcacion, arribassen a la Margarita; donde con su mal sucesso, cessaron las esperanças que de muchos buenos se prometia España si les huviera corrido mejor fortuna.

Y vuestra Magestad desde los primeros principios de su Reynado, que sea por muchos, y felicissimos años, ocupó su desvelo en la consecucion de esto mismo; cometiendo la execucion de este descubrimiento a varias personas; como consta de sus Reales Cedulas, despachadas en esta conformidad, por los años veinte y un, y veinte y seis, y treinta y quatro.

La de de veinte y uno, despachada a la Real Audiencia y Chancilleria de Quito, para que se capitulassen las con-

diciones que para el dicho descubrimiento fuessen convenientes, con el Sargento Mayor Vicente de Reyes Villalobos, Governador, y Capitan General, en aquella sazon, de los Quixos, jurisdicion de Quito, que por llegarle sucessor en el Govierno, no tubo efecto.

La de veinte y seis, despachada en favor de Benito Maziel Pariente, Portugues de nacion, para que por las Provincias del Marañon, y gran Parà, que caen a la boca de este rio, començasse su descubrimiento; que tampoco se puso por obra, por averle mandado acudir a la guerra de Pernambuco,

La de treinta y quatro, despachada a Francisco Coello de Caravallo, Portugues, Governador que entonces era del Marañon, y Parà, con espresso orden de que con toda brevedad por personas de confiança, y si necessario fuesse, el mesmo diesse principio, por aquellas partes, a lo que tanto se desseava; que nunca surtio efecto. Y al presente, queriendolo assi vuestra Magestad, tendra feliz ejecucion, y en adelante se veran cada dia mayores logros de lo que tan ardientes desseos prometian.

Lo quarto, cerrarase con esto la puerta, a que ninguno de los del Perú, intente arrojarse con los tesoros de por las corrientes deste rio, por escusar los derechos que por Cartagena, se pagan a vuestra Magestad, y huir de los riesgos de Cosarios, que casi siempre son ordinarios por aquellas partes, que es cierto lo han de pretender, ocasionados de la facilidad con que lo podran ejecutar; a que en ningun modo se atreverà nadie assegurados los puertos principales de sus entradas, como de hecho lo quedaran, con las personas que por ellos començaren la conquista.

Lo quinto, impedirse-ha el trato, y comunicacion que tanto dessean entablar los Portugueses, que assisten en la boca de este rio, con los de su nacion del Perú (1), que en estos tiempos seria bien perjudicial. Y en ninguna manera se atreveran a intentarlo, si supiessen desde luego, se prevenia con tiempo su malicia, tomando las entradas del. Y de que intenten esta comunicacion los Portugueses de aquella costa del Marañon, y Parà, constame con toda

(1) No tempo do dominio Hespanhol os Portuguezes em grande numero se estabelecerão no Perú, onde se tornarão celebres por sua felicidade na dessoberta de minas.

claridad, y con o testigo de que lo oí tratar muchas vezes entre ellos, lo podré afirmar como cosa sin duda.

Lo sexto, reduziendo vuestra Magestad a su obediencia las principales naciones deste rio, y en especial las que habitan en sus Islas, y orillas, que son muy belicosas, y que con valor ayudaran al que una vez reconocieren por dueno: en que aura poca, o ninguna resistencia por las muchas guerras, que de continuo tienen, unas con otras, y sugeta una, lo estaran con facilidad las demas; podrà por el mesmo rio abaxo, mejor aunque por la mar, echar de la boca del a qualesquiera otros, que con siniestro titulo la possean, y assegurar por este camino los muchos, riquissimos frutos, y que de el se esperan, que solo se dilatarà el gozarlo, lo que se dilatare el posseerle. Y dado caso que con brevedad, como esperamos, se ponga freno, y castigue el mal mirado atrevimiento de los Portugueses, y quede desembaraçada la boca deste rio, para que por ella se prosiga la conquista. Començada esta ya, por las entradas de Quito, se harà mas facil, y necessitarà de menos gastos para concluirse con felicidad.

Lo septimo, se deve advertir con muy particular cuydado, que ya los Indios en todo el Perú, y casi en todo lo descubierto, y en especial en donde quieira que ay minas, o otras grangerias de importancia, que dependen de su trajo personal, estan tan acabados, como lo podremos afirmar los que avemos corrido aquellas partes, y cada dia van en tanta diminucion, que en breves años, por faltar ellos avran de cesar, o por lo menos disminuirse en gran parte; los muchos interesses que a su existencia estan annexos, dano sin duda grande, y que vuestra Magestad con esfuerço deviera prevenir con tiempo, y remediar por todos los medios possibles, que no ay, ni se pueden imaginar otros, que tomar muy a pechos la conquista y conversion deste nuevo mundo, donde son tantos los naturales que le habitan, que podran poblar de nuevo todo lo despoblado del Perú: que si se sugetan al yugo del Santo Evangelio, y con general paz, cessaran las continuas guerras con que cada dia se consumen unos a otros, se aumentaran de suerte, que rompiendo por cortos los limites que al presente les encierran, serà forçoso el dilatarse por mas espaciosos Reynos. Y quando con ellos solos se beneficiaran las muchas minas, y demas

interesses que en sus naciones ofrece la fertilidad de la tierra; se debiera, qual otro nuevo Perú aceptar luego su conquista, y con mas la facilidad que aqui se ofrece.

Lo Octavo, si sucediesse que los Portugueses que estan en la boca deste rio (que todo se puede presumir de su poca christiandad, y menos lealdad) quisiessen, ayudados de algunas naciones belicosas que tienen sugetas, penetrar por él arriba hasta llegar a lo poblado del Perú, o nuevo Rey-de Granada: aunque es verdad, que por algunas partes no hallaran resistencia; pŏr otras muchas la huviera muy poca, por salir a pueblos muy faltos de gente, y enfin pisaran aquellas tierras vassallos desleales de vuestra Magestad, que en Reynos tan distantes, pudiera solo este nombre de desleales, causar gravissimos daños. Pues que si unidos con el Olandes, como lo estan muchos del Brasil intentassen semejante atrevimiento? ya se vé el cuydado que pudiera dar.

Y que el Olandes dessee muchos años ha, y aunque procura con veras señorearse deste gran rio; es cosa tan cierta, que no dudó afirmarlo, y publicarlo Juan Laeth; autor Olandes, en el libro que intituló. *Utriusque Americæ*, que sacó a luz el año de treinta y tres, dónde el libro 17. cap. 13. *in fine* dize estas palabras: « *Verùmtamen, tam hi* (scilicet Angli et Hiberni) *quam nostri* (scilicet Belgi) *a Portugalis è Parà venientibus, inopinato oppressi et fugati, non leve damnum fuerunt perpesi; ad quod ressarciendum, et acceptas injurias vindicandas majori conatu, et viribus institutum repetere et urgere satagunt* : »

Y en el mismo liv. cap. 2 dize: « *Post annum autem 1615 Portugali ad Paræ ripam qui sine dubio hujus magni fluminis ramus est, cœperunt incolere, ut ante diximus, et animum ad cætera forté adjiciente, nisi ab Anglis et Belgis nostris impediantur.* »

De donde se colige bien claro, que el dilatar el Olandes la conquista deste gran rio de las Amazonas, de que en entrambos lugares habla el autor; es a mas no poder, y no porque le falten desseos, y estima de lo mucho que en executarlo, ha de interessar.

Prevenga pues vuestra Magestad, tan graves daños, que este su fiel vassallo le propone, no permita si dé lugar a que algun dia lloremos perdidas, y en lo que al presente se nos ofrecen crecidas ganancias.

Finalmente, si andando el tiempo, sugeto, y allanado ya el passo deste gran rio, ya claradas las entradas que a el ay por todo el Perú; la quisiesse reduzir a esta viagen quanto de aquellas partes enriqueze a España; me gloriara yo de aver hecho a vuestra Magestad uno de los mayores, y mas provechosos servicios, que de vassallo se pudieran esperar; con que no solo se ahorravan gran suma de ducados; en inmensos gastos, que seran inescusables; mientras durare el tragin de Panamà, y Cartagena; que por este rio por ser por agua, y ayudar sus corrientes, serian muy moderados.

Sino que tambien (que es lo demas consideracion) assegurava vuestra Magestad de una vez sus flotas, y sin rezelos de Cosarios, ponia en salvo todos sus tesoros, por lo menos hasta llegar al Parà; de donde en veinte y quatro dias, por mar ancho, con galeones, hechos en el mismo rio, a todos tiempos se ponian en España, sin que enemigo alguno les pueda guardar a la salida; por ser la costa del Parà tal, que ni dos dias pueden los navios fuera del rio resistir a las corrientes de la mar. Con que cessaran de una vez los continuos cuydados que cada dia nos causa tan peligroso y dilatado viage como es el de Cartagena.

Todo, Señor, se remediarà con lo que tengo propuesto en este Memorial: a que solo añado, que la mayor parte del buen sucesso en esta materia, serà la brevedad en la execucion. Y si yo para algo fuere de provecho, siempre estaré a los pies de vuestra Magestad.

JORNADA

DO

MARANHÃO

POR

DIOGO DE CAMPOS MORENO

SARGENTO-MÓR DO ESTADO DO

BRAZIL

Prefação.

A *Jornada do Maranhão* feita por Jeronymo de Albuquerque em 1614, e que a Academia Real das Sciencias manda publicar, como fazendo parte dos Documentos para a Historia dos Dominios Ultramarinos Portuguezes: foi tirada de hum Manuscrito, que pela sua letra e fórma parecia não só datar da mesma epoca dos acontecimentos que refere, mas até ser o proprio autographo do Auctor, que quiz occultar o seu nome.

Bernardo Pereira de Berredo, Auctor bem conhecido pelos seus *Annaes Historicos do Estado do Maranhão*, teve já hum bem cabal conhecimento deste mesmo Manuscrito; pois além de o citar em o catalogo dos Livros e Relações manuscritas, que vem no principio da sua Obra, se serve muito delle em o seu segundo livro, quando trata das primeiras tentativas dos Portuguezes, para recobrar aquelle Paiz; e sobre tudo em o terceiro e quarto, em que transcreve quazi pelas mesmas palavras a maior parte delle: o mesmo Berredo confessa esse plagiato em as seguintes expressões tiradas do § 217.

« *Porque tive a felicidade de que a universal vivente bibliotheca das nossas idades D. Francisco Xavier de Menezes,* 3° Conde da Ericeira, *me communicasse generosamente hum* Manuscrito, *sem nome de Auctor, porém do mesmo tempo desta expedição, que conferido com as minhas* Memorias, *acho que he exactissimo Diario dos successos della; me pareceo fazello público á insaciavel ambição dos estudiosos procurando com tudo na restricção formal das suas noticias inclinar a benevolencia dos mais severos inspectores dos preceitos da Historia, na rigorosa critica das reflexões modernas.* »

Julgamos bastante esta passagem a acreditar este Opusculo; visto ser elle o mais antigo, ou para melhor dizer

o unico monumento, donde he tirado tudo o que actualmente se sabe a respeito daquella Jornada de Jeronymo de Albuquerque.

Em quanto ao Auctor, que a escreveo: não temos duvida em affirmar, que foi Diogo de Campos Moreno (1), Capitão e Sargento Mór do Estado do Brazil, o qual acompanhou Jeronymo de Albuquerque naquella Conquista, não só em o seu posto de Sargento Mór do Estado, mas como seu Adjunto e Collateral; expressões, de que se serve o Governador Gaspar de Souza em a patente, que lhe passou em Olinda aos 30 de Julho de 1614.

Os motivos, que nos movem a esta persuasão, são bem faceis de verificar pela leitura da mesma Obra. Mostra-se pelo contexto della, que o seu Auctor presenciou os factos, que refere tão miudamente, e que tinha huma instrucção sufficiente da Sciencia Naval e Architectura Militar; além disso conta por duas vezes, e com muita miudeza factos, em que elle se achou só dentre os Portuguezes, ou com hum unico companheiro; sendo o primeiro a entrevista que teve com *Mr. de la Ravardiere*, e que vem a pag. 78, e 79; e o segundo a outra entrevista com o mesmo Governador, e que vem a pag. 99, e seguintes: em ambas as quaes relata com tanta miudeza as palavras que disse, e lhe respondêrão, e até os risos e gestos dos Francezes na sua presença, que só huma testemunha ocular era capaz de fazer aquella narração tão circumstanciada.

Outro motivo que nos induz a esta crença, he que a historia he escrita com tal arte, que toda a gloria daquelle successo se attribue não a Jeronymo de Albuquerque, mas sim ao mesmo Diogo de Campos Moreno; sem que por isso o Auctor diga huma unica palavra em seu elogio, como era de esperar; pelo contrario elle se contentou de fazer fallar os factos, sem passar pelo desdouro de se gabar a si mesmo.

Em quanto ás razões, que fizerão com que Diogo de

---

(1) He tambem reconhecido como author da obra denominada—*Razão d'Estado* contendo um mappa do Brazil.

Campos não assignasse o seu nome, ficarão conhecidas, quando depois de lida a sua Obra, se vir a liberdade com que he escrita, e as expressões com que se explica a respeito de alguns individuos, principalmente do Capitão Mór da Expedição Jeronymo de Albuquerque; do qual a apezar de tudo elle sempre se ficou dando por amigo como diz expressamente a pag. 48.

Finalmente deve-se notar, que este Diogo de Campos foi quem trouxe a Lisboa o Ajuste de suspensão de armas, entre os dous Commandantes Francez e Portuguez; e que com a sua sahida do Maranhão para Portugal se dá fim áquella historia, que acompanha seu Auctor até o apresentar diante do Arcebispo Vice-Rei de Portugal em 5 de Março de 1615, epoca em que pouco mais ou menos este Opusculo teria sido escrito; não sendo assim para admirar, que o Conde da Ericeira viesse a ficar de posse delle.

O Manuscrito foi communicado á Academia pelo seu Correspondente Joaquim José da Costa e Sá, pessoa tão conhecida pelos seus muitos trabalhos philologicos. A sua arrebatada morte privou a Academia, de que elle acabasse huma erudita prefação a este Livro: o qual elle se propunha dedicar ao Principe Regente Nosso Senhor, magnanimo e augusto protector de todas as empresas Academicas.

JORNADA DO MARANHÃO

POR ORDEM DE S. MAGESTADE FEITA O ANNO DE 1614.

Depois que os Portuguezes intentárão a conquista do Maranhão, segundo o refere João de Barros em suas *Decadas* (1), e nella se perdêrão muitos homens, e muitos navios, sempre esta empreza ficou espantosa, para os que quizerão olhar para ella, e tão desacreditada pela mesma razão diante de seu dono, que poucas vezes se achou conveniente só o fallar nisso: mas Deos que das coisas em bem nosso tem differente cuidado, ordenou, que o anno de 1603 hum Pero Coelho de Souza, homem nobre, morador na Prayva (2) do Estado do Brazil, no tempo que governou Diogo Botelho, quizesse intentar por terra o que já em outra occasião por mar tinha sabido desta conquista: da qual se dizião tantas grandezas que parecia fabuloso o sitio, as terras, as gentes, e tudo o mais, que d'alli se promettia.

Não faltavão homens, que acompanhando esta tenção se offerecêrão á Jornada á sua custa, não pedindo mais, que licença, a qual em fim se lhes deu o dito anno, e no mez de Maio. Por ordem do dito Governador, foi fazer esta expedição Diogo de Campos Moreno, Capitão e Sargento Mór daquelle Estado, por obrigação do cargo; e porque juntamente foi visitar aquellas fortalezas; de modo que partio o dito Pero Coelho com oitenta homens brancos, e quasi oito centos Indios de guerra, e com outros homens práticos na lingoa da terra, e levou Provisões de Capitão Mór da dita Conquista, em virtude das quaes fez Capitães de Infantaria, e levou dois caravelões, e hum grande Piloto da costa Francez chamado *Otuimiri*, sem o qual não fizera nada.

Jornada ... significa expedição

---

(1) *Decada* 1 liv. 6 cap. 1 *in fine*.
(2) *Prayva*, i. e., Parahyba.

Nas demaís coisas do provimento, não foi largo como convinha, porque as forças erão poucas, e assim marchou até o Jaguaribe, donde no Siará ajuntou a si todos aquelles Indios moradores: com os quaes por necessidade da comida, e por passar avante foi até a grande serra de Buapava (1), e teve grandes recontros com os Tabajares de Mel Redondo, e deu-lhe Deos grandes victorias, e taes successos, que realmente se fôra sua tenção o Maranhão sómente, muitos asseguirão, que chegára a ver suas terras. Porém o homem obrigado de cartas de seus mandadores, e do máo provimento, e soccorro, que lhe derão, pois nunca foi tal que passasse de promessas, se tornou a Jaguaribe com desenho de fazer alli nova povoação, e Colonia. Para a qual trouxe desde a Prayva (1) sua mulher, e filhos, e deu nome á terra a *Nova Lusitania*, e ao lugar a *Nova Lisboa* (3).

Mas como todas estas obras erão sem ordem, nem braço de Rey, e o Governador tratava de que lhe mandasse parte dos Indios, como por cartas, e ordens suas hoje parece, discorrendo que como de captivos era gente devida ás primicias de seu governo, entendendo disto os homens, que a Jornada se havia feito sómente para captivar, e vender Indios, derão-se tão boa manha que em breves dias vendêrão até aquelles, que fielmente os havião ajudado e acompanhado na guerra.

Neste tempo succedeu, que os Hollandezes accommettêrão a Bahia de Todos ös Santos, sendo seu General Paulo Wancarden, a qual se defendeu desta armada honradamente, não tendo fortificação, nem artilharia equivalente a semelhantes forças, e assim para avisar a Sua Magestade deste caso, como da necessidade, que aquelle povo tinha de fortificação, e Paranambuco de hum forte na sua barra, e de artilheria de alcance, e de munições de guerra, e armas, e assim para que avisasse ao dito Senhor das cousas da conquista da Costa de Leste oeste, e das muitas razões, que havia para se acudir áquella costa, da qual

---

(1) *Buapava*, i. e., Ybiapaba.
(2) Vide nota 2 a pag. 159.
(3) Suppõe-se ser o lugar onde está hoje edificada a cidade do Aracaty, outr'ora denominado—*Cruz das Almas*, para onde os Indios Potyguáras transportarão os ossos do celebre Missionario Jesuita, Padre Francisco Pinto, por elles denominado—*Amanayára*, senhor da chuva.

sabidamente se servião, e apoderavão os inimigos: foi mandado o dito Diogo de Campos á Hespanha a tratar estas cousas. O que fez partindo no fim do anno de 604, e no de 605, e 606, alcançou ordem para as fortificações do dito Estado, e outras cousas de importancia; porém nunca pôde alcançar, que lhe deferissem ás propostas do Maranhão: porque houve alguma opinião, que a *Jornada* (1) era mais conveniente aos particulares. que desordenadamente se havião havido nella, que não ao commum do serviço de Deos, e de Sua Magestade, e que o Governador mais tratava della por se estar em Paranambuco, que para soccorrer a Pero Coelho, nem mandar tratar do que convinha.

E estes juizos, que podião ser temerarios, todavia se fomentavão com novas, que cada dia se escrevião destas desordens; que chegárão a estado a Pero Coelho de Souza, que desamparado dos seus, e quasi mais vendido, do que o forão os que elle vendeu, se veio deixando tudo miseramente a pé com sua mulher, e filhos pequenos, parte dos quaes perecêrão de fome fazendo tão lastimoso este seu passagem como o de Manoel de Souza na terra dos Cafres (2). E assim se acabou a boa tenção desta empreza bem começada em nome de Sua Magestade, e sem custa alguma de sua Real Fazenda, ainda que todos os particulares ficárão perdidos, e foi necessario, que o dito Senhor mandasse acodir á desordem dos captivos, tirando-os a quem os tinha, e tornando-os a mandar restituir á suas terras vestidos, e contentes.

Acabado este successo pareceu ao Collegio dos Padres da Companhia de Jesus, que esta empreza era sua delles, e de sua opinião, e doctrina, como em fim pessoas dedicadas a descer, e amparar os Indios. Pelo que havendo-se bem aconselhado na materia pedirão licença para dois Padres, e quarenta Indios irem até a grande serra da Buapava (3), e della ao Maranhão, ou ao menos ás partes a elle mais visinhas. Porque entendião, que os mesmos Indios havião de abalar-se para os receber, e levallos a tomar posse de todos aquelles mundos: porém

---

(1) *Jornada*, i. e.. expedição, facção, etc.
(2) Refere-se a Manoel de Sousa de Sepulveda de que trata Camões no episodio de Adamastor.
(3) Vide nota (1) á pag. 160.

Deos foi servido de outra cousa, e succedeu, que havendo os Reverendos Padres chegado já a Buapava deixando de novo quietos, e mui amigos os do Siará.

Passando avante fôrão no caminho salteados dos Tapuias da serra, salvajes, que a todos fazem o mesmo, andando como feras sempre no campo, foi morto o P. Pinto (1) nesta envolta, homem de grande bondade e exemplo na vida, que alli perdeu por Deos, e está hoje o seu corpo venerado no Siará dos mesmos Indios, que dizem, que depois que o tem comsigo, que sempre lhes chove agoa do Ceo, e lhes vai bem. O outro P. Figueira (1) escapou por entre o mato com alguns dos Indios, que o encaminhárão, e quando se vio no Siará não fez pouco, nem alli estivera muito seguro; mas neste tempo vindo outra vez o dito Sargento Mór do Estado visitar a fortaleza do Rio Grande, e achando noticia do aperto, em que o dito Padre estava, e vendo que o P. Pedro São Peros queria ir ao buscar, deu a sua embarcação, e Soldados, que fôrão ao trazer dalli cem legoas, donde estava enfermo, e consumido, e tal fim houve esta segunda empreza do Maranhão (2).

Já neste tempo governava o Estado do Brazil Dom Diogo de Menezes, cujo zelo, e christandade parecia assegurar as maiores emprezas delle, tendo entre outras muitas cousas de substancia alcançado, praticado, e quasi assentado a fórma mais facil, mais breve, e menos custosa de aquella conquista desdenhada, e quasi de todos já aborrecida, e dando com sua costumada prudencia, e verdade conta da importancia da costa de leste oeste, e de seus portos até o Maranhão, e mostrando, que não só estava em perigo de Cossarios se valerem della, mas de outros tyrannos, que possuindo-a podião intentar grandes cousas contra o Perú, e todo novo mundo da America, ao melhor do qual ficavão de barlavento, juntando a isto a Relação de certos Francezes, que em hum pataxo se tomarão na boca da Bahîa; os quaes descobrirão muito do que sabião: finalmente deferindo Sua Magestade aos avisos do dito Governador, lhe mandou, que com particular cuidado, e

---

(1) Vide sobre o fim deste Missionario o tomo 1 destas *Memorias* á pag. 40 e 41.
(2) Vide sobre esta empreza o tomo 1 desta *Memorias* á pag. 43.

diligencia se tornasse a informar das cousas daquella conquista, e do modo melhor em que podião fazer-se.

Em virtude desta carta de Sua Magestade, logo o Governador o anno de 611 mandou ao Sargento Mór Diogo de Campos ao Rio Grande, para que como parte mais proxima ao Jaguaribe de novo se informasse do que convinha ao comprimento da ordem do dito Senhor.

Tinha o dito Diogo de Campos hum parente seu, o qual de mui pequeno havia mandado com Pero Coelho de Souza, para que servindo naquella entrada aprendesse a lingoa dos Indios, e seus costumes, dando-se com elles, e fazendo-se seu mui familiar, e parente, ou *compadre* como elles dizem. Succedeu isto tanto á medida do desejo, que havendo-se Pero Coelho de Souza retirado em descredito dos Indios, e os Padres da Companhia com pouca dita, só o moço chamado Martim Soares Moreno sustentou o credito, e amizade destas gentes do Jaguaribe.

Pela qual opinião o dito Governador D. Diogo de Menezes o fez Tenente da fortaleza do Rio Grande, donde o achou servindo Lourenço Peixoto Sirne (1), quando foi ser Capitão de aquella Capitania, fazendo que em seu tempo o dito Martim Soares fosse como foi trez vezes ao Jaguaribe, cada vez confirmando mais a paz, e amizade com Jacaúna, *Principal* (2) de aquellas gentes, o qual lhe chamava filho: de que succedeu, que chegando o dito Sargento Maior ao Rio Grande, fez huma mui conveniente, e nova relação das cousas de aquella conquista, de modo assim guizada narração de seus fundamentos, que foi assignada por todos os Capitães de aquellas Capitanias do Norte até do de Paranambuco, assegurando ser convenientissimo fazer-se a conquista, e irem-se assegurando, e povoando primeiro alguns portos de aquella costa com pequenos presidios.

Com estes pareceres se resolveu o dito Governador, não só de avizar a Sua Magestade, como fez comprimento da ordem que tinha: mas de dar como deu principio

---

(1) Este Governador foi nomeado em 21 de Agosto de 1609 (Varnhagen—*Historia do Brazil* t. 2 pag. 453).

(2) *Principal*, i. e.. Morubixaba ou Chefe. Por aqui se vê que Jacaúna era Potyguára, e não Tabajára.

á obra o dito anno; e assim despachou ao dito Martim Soares fazendo-o Capitão de Siará, e dando-lhe sós dois soldados, a fim que os Indios o não tivessem por hospede pezado, e vissem como não hia a lhes fazer guerra; mas antes a se fiar nas suas amizades, e forças: e que assim tratasse de fazer fortaleza, e Igreja para se baptizarem, e doctrinarem os ditos Indios. Para o que lhe deu Capellão, ornamentos, e hum sino, e outras cousas necessarias com que se partiu, e chegou a salvamento ao Siará. Donde fundou Igreja a Nossa Senhora do Amparo, e fez hum forte capaz de duzentos homens soldados, e moradores, e nelle com amizade, e fé de Jacaúna. O qual fez vir a alojar-se meia legoa do forte com a sua Aldêa.

Succedendo para confirmação deste bom principio, que tomou o dito Martim Soares hum navio Hollandez com ajuda dos Indios, indo elle nú entre elles, e tingido de gimpapo (1), que faz a carne como negro de Guiné; matando em terra, e no dito navio 42 homens ficando senhores da nau, e do que tinha em si de mantimentos, armas, e artilheria, e munições, e com este successo augmentando-se o credito da dita Povoação, fizerão fugir do porto de Mucuripe outra nau, matando-lhe alguns homens do batel, o que foi causa de que a 15, ou 16 legoas daqui fosse dar á costa: onde dizem, que se perdeu álêm da gente, muito marfim, e ouro da costa da Mina, que com doença não havia quem mareasse as velas: tudo isto aconteceu já no cabo do governo do dito D. Diogo, e estando elle na Bahia de Todos os Santos, confiando que de Paranambuco se teria cuidado do que á nova Colonia importasse

Mas succedeu, que se descuidárão tanto do dito Martim Soares, que quasi se viu desacreditado, e perdido com os Indios, que soberbos das prezas alcançadas, e não vendo, que se fazia conta de aquelles brancos, e não faltando hum máo Christão, que de secreto avisava aos barbaros, que os matassem, que sem ordem se havião ido alli para os captivarem. Estiverão mui em risco de

(1) *Gimpapo*, i. e., genipapo, fructo que produz uma tinta preta de que usavão os Indios.

perder as vidas, e o bom principio, que com justa quietação se havia dado: e succedêra damno, se o dito Martim Soares já mui pratico na lingoa, e modos de proceder dos Indios não se valêra de sua industria, até que lhe chegou soccorro.

Neste tempo sendo Sua Magestade já informado das cousas do Maranhão, e da importancia dellas, e do modo em que o Governador D. Diogo de Menezes lhe tinha dado principio, e havendo creado novo Governador do dito Estado a Gaspar de Souza, Fidalgo de tantas partes, e tão grande soldado, que para elle parece que guardava o Ceo este encantamento, e que delle se podião esperar todos os bons successos: mandou, que conformando-se com o que mais conveniente lhe parecesse para a dita conquista, assistisse sua pessoa em Paranambuco, e tratasse de eleger pessoas em cargo, quaes para a tal *Jornada* bem lhe parecesse.

Porque de tal sorte lha encarregava, que para a fazer lhe dava todo o poder necessario em assistencia de dinheiro, como em effeito lhe deu, e parou todas as prevenções, e cartas necessarias, como se verá adiante, e assim tanto, que o dito Gaspar de Sousa entregou a Paranambuco, não só tratou de soccorrer como fez a Martim Soares em hum momento; mas para a conquista elegeu logo Capitão, nomeando no dito cargo a Jeronymo d'Albuquerque por ser experimentado nas cousas do sertão e dos Indios, como por ser grande Truxamante (1), ou lingoa entre elles, e com nome de seu bemfeitor, e parente ser mui acceito, e conhecido em toda aquella costa.

Nas quaes qualidades parece que consistiu o maior pezo da expedição, que sem Indios era impossivel fazer-se, antes o número delles quanto maior fosse, mais parece, que assegurava a *Jornada*, e assim se tinha o dito Governador persuadido nesta consideração, que com só este homem abalar-se, se abalaria todo o Gentio de todas as partes, sem despeza da fazenda de Sua Magestade, sem algum trabalho. Com tudo não quiz o Albuquerque partir-se sem muitos homens brancos, e tanto resgate, quanto pôde tirar da fazenda de Sua Magestade, dizendo que além da sua fama e

---

(1) *Truxamante*, i. e., interprete: do Francez *truchement*. Tambem se diz trugimão.

das davidas (1) se havião de abalar todos os Indios de Jaguaribe (2), de Buapava (3), e os Tapuias do Parameri (4), chamados *Teremembês:* e em effeito vindo a contentar-se com o que lhe derão, que não foi pouco, se partiu, e chegou ao Siará o anno de 613, donde levou comsigo ao Capitão Martim Soares, que com facilidade se lhe offereceu para reconhecer tudo o que faltava da costa até o Maranhão, e que entraria no mesmo rio, e com toda a brevidade possivel tornaria a dar aviso se podesse, que entre tanto seria bem povoar-se o Camurí (5), que era um rio naquellas partes de muito nome, e muito proximo á grande Serra de Buapava, e dos Teremembés, com os quaes era mui necessario assentar pazes.

Partido Martim Soares, o dito Jeronymo d'Albuquerque se foi ao Camurí, e não achando cómmodo para povoar por ser toda a terra misera, secca, e sem agoa para beber, se tornou atraz cousa de oito legoas á bahia das Tartarugas chamada *Peruquaquará* (6), e alli assentou huma povoação; na qual fundou hum Altar a nossa Senhora do Rosario, e tratou com os Indios da Buapava, que o seu principal, chamado o *Diabo Grande* (7) o viesse vêr, e ouvir sua falla; mas o Indio dando suas escusas, mandou hum filho seu, offerecendo ao diante, quando elle tornasse, fazer o que lhe mandassem em nome de Sua Magestade, de quem era amigo, e dos brancos: com isto se acabárão os tratos, e obras de aquelle anno, e da despeza nelle feita, que realmente, como dizia o mesmo Governador, já parece que pedia maior satisfação de obras; mas faltando Martim Soares, de que não havia mais novas, que as que havia mandado do Pará, dizendo, que tratára amizades com os Teremembês, e que passava ao Maranhão: e vendo que o *Diabo Grande* havia refusado vir a seu chamado, e que os mantimentos faltavão, e a gente padecia falta de todas as cousas, determinou de deixar nas Tartarugas 40 soldados com hum seu sobrinho, e partir-se por terra ao Siará com o resto da gente, mandando os barcos, que costeando a costa

---

(1) *Davidas*, i. e., dadivas.
(2) Potyguáras.
(3) Tabajáras.
(4) *Parameri*, Paramirim, he hoje o Parasinho.
(5) *Camuri*, he hoje o Camucy, rio do Ceará.
(6) *Peruquaquará*, hoje chamamos—*Jericoacoára*. Outros dizem—*Juraràcoara*.
(7) *Jurupary-assú*.

como melhor podessem, se tornarem a Paranambuco, para donde elle tambem logo caminhava, não lhe parecendo necessario para nenhuma cousa destas ordem do Governador; e assim foi este o fim da primeira *Jornada* de Jeronymo de Albuquerque o anno de 612 (4), chegando a Paranambuco a salvamento.

Neste mandou Sua Magestade ao Sargento-Mór daquelle Estado Diogo de Campos, que logo se embarcasse em Lisboa, donde com licença do dito Senhor havia ido a levar sua casa e que se fosse a servir na *Jornada do Maranhão*; porque quando de lá viesse lhe mandaria fazer as mercês e honras, que por aquelle, e os demais seus serviços merecesse. A isto replicou por trez vezes com instancia o dito Sargento-Mór, escusando-se de tornar ao Brazil, donde estava já despedido com licença do dito Senhor: mas estando nestas duvidas, succedeu, que chegou aviso á Côrte como os Hollandezes armavão para o Brazil. Pelo que o Secretario Fernão de Mattos em Junho de 613, da parte de Sua Magestade, mandou ao dito Diogo de Campos, que logo se partisse a Lisboa, donde acharia huma armada até 400 homens, a qual se fiava só da diligencia, e partes de sua pessoa, com a qual, e com Ministros de guerra, e artilharia se havia de partir a soccorrer o Governador Gaspar de Sousa. Chegou a Lisboa o dito Sargento-Mór em sete dias, donde achou trinta soldados assentados no armazem.

Comtudo sustentou esta opinião como póde, avisando ao Governador: do qual teve resposta, que a gente que se fazia era mui necessaria; porque quando para a Jornada do mar para o effeito não servisse, seria para a *Jornada do Maranhão*, donde ninguem se deliberaria ir por sua vontade. Com esta carta se tornou a aquentar a leva da gente. Porém chegou logo outro aviso do mesmo Governador, que a gente não convinha, porque se não achava em tempo aquelle Estado para os pagar, e que só tomaria artilharia, e armas, de que havia grande falta para o novo forte do Recife, e para os moradores. Com esta carta o Sargento-Mór do Estado tratou de se partir com as náos da India, e assim alcançando duas colebrinas para o Forte da Lagem do Recife de Paranambuco, e algumas armas e munições, e cousas para

(4) Vide Berredo—*Annaes do Maranhão* liv. 2 de n. 194 á 198.

a *Jornada do Maranhão*, se partio em huma urca em 8 de Abril do 1614 com até cincoenta soldados, para guarda de tudo sem levar outra cousa; porque conforme aos avisos do Governador, se entendia não haver mister nada.

A 26 de Maio do dito anno chegou o Sargento Mór do Estado ao Recife, donde no tocante á *Jornada do Maranhão*, achou hum caravelão da costa apercebido de 300 alqueires de farinha sómente para levar soccorro aos das Tartarugas, que havia trez mezes, que comião hervas do campo, padecendo notavel necessidade de todas as cousas: e achou que os ditos soldados havião sido accommettidos de Tapuias barbaros daquellas comarcas, que em numero de até 300 vierão huma madrugada a dar na cerca, donde os Portuguezes se defendêrão honradamente, tratando-os de sorte, que os fizerão affastar, e depois os obrigárão a ser amigos.

Com este soccoro estava o caravelão, e á falta de gente nao partia. Porque ainda que Jeronymo de Albuquerque que estava nomeado, e se passeava na Villa, estavão tão frias as suas prevenções, que foi necessario mandar o Governador hum substituto com o soccorro, até que a armada fosse, e assim foi Manoel de Sousa de Eça, natural das Ilhas naquella Provincia, e Provedor dos defuntos, e ausentes em Paranambuco. Finalmente para o caravelão partir se tomárão quatorze soldados, dos que trouxe o Sargento Mór, e dezeseis Castelhanos arribados alli das Filipinas.

Com este apresto aos 28 de Maio partio o dito soccorro, levando por culpa dos Officiaes menores tão pouca polvora, que não chegou a dois arrateis. Chegarão a salvamento ás Tartarugas a tempo, que logo a 12 de Junho chegou áquelle porto huma náo de 400 toneladas com 300 Francezes, de que se dirá adiante, os quaes hião de soccorro ao Maranhão. Mas parecendo-lhes conveniente desfazer aquelle presidio, lançarão em terra até 100 homens, com os quaes os Portuguezes vindo as mãos fóra da sua cerca os escozerão de feição, que com hum morto, e sete feridos, os Francezes se retirárão á sua náo, e se forão seguindo sua viagem, ficando dos do Forte morto hum, e feridos quatro.

A causa desta gente se embarcar sem fazerem mais

força aos da cerca; foi porque não trazião mais ordem, que para seguir sua viagem. Com tudo quizerão provar a mão para chegar honrados; mas como virão mais resistencia, do que lhes havião dito, logo desistirão seguindo seu caminho.

De tudo isto teve o Governador geral aviso, e de que em Siará tambem a mesma náo lançàra gente em terra, a qual levava Frades, e houve cartas suas delles em latim, a que se não deo credito. Isto se soube por avisos dos Presidios, os quaes ainda que distante 200 legoas, já se aventuravão os soldados por terra a levar cartas a Paranambuco em menos de hum mez. E assim este ultimo aviso, de que se trata, levárão Jorge Corrêa, e Jorge da Gama, soldados do Siará, que chegárão a Paranambuco em 15 de Junho, e Manoel de Sousa d'Eça, chegou com o soccorro ás Tartarugas a 9 do dito mez, segundo depois se soube.

O Governador Gaspar de Sousa, com o empenho desta gente, a qual com os de Siarà chegava á 90 soldados de paga, parecia-lhe não dilatar o resto, por não fazer vans as despezas de cada dia, e os soccorros, que andavão, e devião de andar na carreira: pelo que desejava a sahida de Jeronymo de Albuquerque; e d'outra parte como as cousas do Maranhão, e da sua Costa andavão tão escuras, não havia pessoa alguma, que daquellas partes désse a conveniente noticia, tendo-se Martim Soares, por perdido por faltar recado seu, já quasi passando hum anno, determinou com tudo de não estar parado, antes lhe pareceu como prudente, que aquella Costa, ou por terra, ou por mar se acabasse de reconhecer até o mais proximo ao Maranhão, que se podesse, fazendo-se no Parà (1), ou no Ototoy (2) huma grande povoação, a qual fosse abrigo da *Jornada*, e de todas as outras; assentando-se em parte, que houvesse terras para cultivar, por vêr se poderia forrar-se á custa, e trabalhos dos mantimentos, que com tanta difficuldade se achavão, quando convinha.

Pelas quaes razões, e por huma natural confiança, que tinha em dar bom fim à empreza, mandou a Jeronymo de

---

(1) *Pará*, i. e., na fóz do Parnahyba, tambem chamado Pará-guassú, ou simplesmente *Pará*.
(2) *Ototoy*. Hoje chamamos Tutoya.

Albuquerque, logo se partisse a abalar os Indios, para que conforme a quantidade delles se aprestasse o necessario: mandou juntamente, que ao dito se lhe passassem novas Provisões, e Regimento, e ao Sargento mór do Estado do Brazil, Diogo de Campos, nomeou por Collega, e collateral do dito Jeronymo de Albuquerque á igual voto nas cousas, para que nem se escusasse da ida donde Sua Magestade o mandava por estar nomeado o outro, nem já que fosse, houvesse differenças nas resoluções das ordens, que como havião de ser por votos, sempre a publicação dellas de necessidade havia de ser em nome do Capitão da Conquista, que a ninguem se ficava subordinado mais, que ao Governador, e ao Sargento Mór do Estado por seu cargo: tão pouco de outra pessoa naquellas partes, que do Governador Geral podia tomar a ordem.

Assim foi mui conveniente a traça para Sua Magestade ficar melhor servido, como depois se mostrou nos effeitos.

Tendo isto assentado, mandou que se embarcassem 2.200 alqueires de farinha da terra em cinco barcos, ou caravelões da costa com ferramentas, e coisas necessarias, parecendo-lhe, que para o que se havia de fazer, que bastava este apresto ; porque cada dia esperava ir provendo como necessario fosse, de modo que Jeronymo de Albuquerque partio para as fronteiras dos Indios da Prayva a 22 de Junho : e Diogo de Campos começou de entender com as embarcações, e assentos dos soldados, advertindo do que mais conveniente lhe parecia para o tempo, e necessidades da *Jornada*, a qual com menos de seis mil alqueires de farinha não era justo intentar-se pela falta de Pilotos, que havia pára levar soccorros, dos quaes não se podia ter confiança, até que dos mesmos navios tornassem alguns a barlavento, coisa que até aquelle tempo se tinha por infinita.

Fundava-se, que a junta havia de ser de mais de mil almas, entre os quaes o mesmo Governador fazia conta de 300 homens de mar, e guerra, e de 500 frecheiros Indios, fóra suas mulheres, e creaturas, e os do Pará, e Buapava, que o de Albuquerque assegurava, que se abalarião com elle para a *Jornada*. E tudo isto mal podia em cinco caravelões fazer-se, e com a dita farinha, que não chegava a 3.000 alqueires, sem outro provimento de comida, vinho, e azeite, nem carne, nem mesinhas,

nem Fysico, nem Barbeiro, nem coisa alguma das que Sua Magestade manda se dem a huma não, que parte do porto, quanto mais a huma Conquista tão perigosa nestas coisas. Ainda que o dito Sargento Mór se mostrava sollicito, não era mui agradavel ao pouco que se podia a respeito do dinheiro, que faltava, e da gente, que não havia, e dos avisos do Albuquerque tão varios, que se não podia sobre elles fundar mais que dúvidas.

O Governador com sua prudencia a tudo satisfazia, mandando Ministros por todas as partes, ajuntar farinha, pedindo dinheiro emprestado para a leva da gente: tomando mais embarcações, mas de tal modo, que nem custosas, nem defendidas fossem de seus donos, e estas taes como rão navios mancos, pequenos, e velhos não authorizavão, nem asseguravão a *Jornada*, antes no meio destas prevenções todos entendião de fóra, que a *Jornada* se deixasse. O Governador tudo isto fazia com o olho em Jeronymo de Albuquerque, que humas vezes avizava, que havia de marchar por terra, e logo tornava, que não podia ser, senão por mar, e isto assim como com elle o praticavão os Indios, que huns querião, e outros não querião embarcar-se.

Os Padres da Companhia dizião, que por terra era impossivel fazer-se coisa boa por a larga distancia ate o Siarà, e caminho sem gota de agoa, nem folha verde em muitas partes, de modo que quando mais as coisas se mostravão tibias, e que como digo nem o mesmo Governador parecia fiar-se nellas, então largando a casa de Paranambuco se veio ao Recife, desejando de huma ou de outra sorte lançar fóra o que junto tinha, promettendo ser mui continuo, e prompto cada mez em mandar os soccorros necessarios.

Alexandre de Moura, e quasi todos os homens praticos daquelle Governo tinhão comtudo o negocio por duvidoso, e não se contentavão dos fundamentos, nem da noticia, nem do cabedal daquella coisa; a qual estando assim chegou aviso de Portugal do Capitão Martim Soares Moreno ser vivo, e estar em seus trabalhos arribado por Indias, e que havia visto o Maranhão, e suas terras, e a grandeza, e bondade dellas, e que achava, que tinha muitos Francezes, e fortalezas, e infinitos Indios à sua devoção; pelo que julgava serem necessarias para aquella Conquista grandes forças, e excessivos gastos, e que para mais assim se

informar do que passava naquellas partes mandava o Piloto Sebastião Martins, e alguns soldados dos que com elle se achárão, dos quaes se poderia tomar mais larga informação, até que Sua Magestade mandasse o que fosse servido.

Esta gente, e aviso chegou a 24 de Julho a tempo, que o Almoxarife da *Jornada* tinha já recolhido assim todo o pagamento dos presidios de Siará, e Tartarugas, em fato, e alguma polvora, e munições de guerra, e sempre se recolhia, e embarcava a mais farinha, que se podia sem se tratar de outro algum mantimento

Tambem estes dias à persuasão do dito Governador se acabárão de resolver os Reverendos P. Capuchos de darem para a *Jornada* os dous, que tinhão offerecido, os quaes fôrão nomeados, e tocou a sorte ao P. Fr. Cosme de S. Damião, que havia sido Guardião da Prayva (1); e assim ao P. Fr. Manoel da Piedade, natural daquella Provincia do Brazil, homem nobre, Theologo, e grande lingoa dos Indios. A estes Reverendos Padres se não deu coisa alguma da fazenda de Sua Magestade, antes elles de esmolas se aviárão de calices, ornamentos, e tudo o mais ao culto divino necessario, e da comida, com que fizerão infinitas caridades a todos os da *Jornada*, a que pozerão nome a *milagrosa*. Quiz o Céo mostrar, que na maior pobreza dava o mór provimento, e na menor noticia o maior conhecimento. E assim que tambem havia de dar como deu no tempo da mór fraqueza o maior esforço. Isto só pela virtude destes dois Sacerdotes, sua vida, seu exemplo, e seu bom zelo.

Tambem neste tempo se offerecêrão alguns particulares para a dita *Jornada*, como foi o Engenheiro do Estado Francisco de Frias, que com grande louvor tinha acabado a fortaleza da Lajem do Recife, e assim o Capitão Gregorio Fragoso de Albuquerque, que acceitou à sua custa servir huma companhia, e foi exemplo aos demais Capitães; que tambem se contentárão com a paga ordinaria de soldados, até Sua Magestade mandar ordenar se lhes désse soldo, conforme a causa, e elles o merecessem, e assim se formárão quatro companhias de 60 soldados cada huma, afora os particulares Aventureiros, que em huma esquadra á parte acompanhavão ao Capitão Mór, quando convinha.

Com as novas de Martim Soares, e com a vinda de Sebas-

---

(1) Vide nota (2) á pag. 159.

tião Martins se acabou de deliberar o Governador a fazer mais alguma despeza, e mandar ganhar a barra primeira do Maranhão chamada Perejà (1); porque o dito Piloto se obrigava a metter nella os navios em parte segura com agoa, e terras boas para cultivar. Supposto que o homem huma só vez havia entrado naquelle porto, sendo já passado hum anno; mas a sua segurança, e o desejo do Governador que tinha de lançar fóra esta armadilha, fazião ganhado o Perejá, e a todos mui contentes se se vissem nelle: e assim mandou fazer assento, de que se fortificassem nesta barra, e déssem logo aviso a Sua Magestade, e a elle Governador do que convinha a seu Real serviço.

Já as ordens chegavão a este termo, e a cadeia, e os fortes estavão cheios de presos para embarcar, e os voluntarios abicados ás embarcações pedião que comer; mas a comida, e coisas mais necessarias não se achavão: pelo que o Sargento-Mór do Estado não cessava de fazer lembranças, advertindo, que Manoel Mascarenhas Homem, e Feliciano Coelho de Carvalho, quando fôrão a conquistar, e povoar o Rio Grande sessenta legoas de Pernambuco, que o Governador D. Francisco de Sousa, antes de tratar na expedição, fizera o provimento da *Jornada* com 12 mil cruzados em dinheiro da náo da India, que foi ter á Bahia de Todos os Santos, e deu todos os direitos dos escravos de Angola, e pôz hum cruzado de tributo sobre cada caixa de assucar, que se carregava naquelle porto, e mandou, que se tomasse todo o dinheiro que estava recolhido dos defuntos, e absentes, afora os sobejos dos dizimos, e afóra o que gastárão muitos particulares por servir a Sua Magestade, em que houve homem, que só de sua fazenda gastou dez mil cruzados naquella *Jornada*: e que além disto Alexandre de Moura estava naquelle tempo no Recife assistindo a mandar ao dito Rio Grande todos os navios de provimento, vinhos, azeites, comidas, assim como chegavão do Reino; e que Sua Magestade tambem mandou em duas grandes urcas, pela grande diligencia, e zelo do Conde Meirinho Mór, que governava a Fazenda do dito Senhor em Portugal, nove peças de alcance de bronze, e muitas de ferro coado, com tantas munições, armas, e comida, que hoje parece coisa incrivel.

Tambem veio ordem ao dito Manoel Mascarenhas para no-

(1) *Perejá*, i. e., *Periá* ou *Piriá*.

mear, e dar cargos, e ordenados, quaes lhe bem parecesse, como em effeito deu. E com tudo isto dizem, que a *Jornada* esteve tão arriscada a se alargar da mão, que tiverão feito assento disso, se Feliciano Coelho de Carvalho não chegára com o soccorro da gente da Prayva; sendo que os Indios erão em mui differente numero, que os do Maranhão; e os Francezes, que com elles andavão, não chegavão a 60 homens sem cheiro de nobreza, nem ordem de Rey: o que tudo he tão differente na *Jornada*, que se trata, que só de Paranambuco a Perejá ha 300 legoas, sem remedio, nem de tornarem tão cedo os navios, que lá forem; e que he coisa mui assegurada serem as forças dos Francezes mui grandes; pois só huma náo, de que havia noticia, além do que avisava Martim Soares, era de 400 toneladas, e levava 300 homens, muitos Frades, e povoadores, o que tudo assegurava haver daquella banda alguma grande Colonia, contra a qual achava serem necessarias mui differentes forças das que ao presente sua Senhoria tinha, nem ajuntar podia sem outros particulares favores, e ordem de Sua Magestade, de quem era necessario aguardar-se aviso; pois o que estava apparelhado só servia para engrossar as Colonias da Costa, e lançar as balisas mais avante, o que a boamente faria se podesse, sem aventurar o todo da *Jornada*, a qual se esta vez se desacreditava, ou perdia, que para sempre o encantamento do Maranhão ficava mais cerrado, e mais espantoso aos olhos de todos pelas perdas já apontadas.

Bem via o Governador, que isto era fallar a proposito, ainda que não mostrava agradar-se de difficuldades, e mais quando as achava geralmente naquelles, que aconselhar ó podião na materia; e para mais ajuda, chegou estando nestas duvidas huma carta de Sua Magestade, em que mandava, que sobre toda outra coisa se lhe carregasse o *páo brazil* ás despezas do dinheiro dos dizimos, e que não houvesse nada, que isto estorvasse, sob pena de se haver pela fazenda, e bens de quem causasse o contrario.

Aqui acabou o Governador de se desgotar da *Jornada*, e sem dúvida a deixára, senão estivera tanto cabedal mettido. Comtudo tomando novo parecer, mandou fazer outro assento, que visto ter feito despeza de mais de 16 mil cruzados, e estar quasi prestes tudo o que a terra podia a boamente dar de si, e Jeronymo de Albuquerque ser já parado ao Rio Grande com 300 Indios frechei-

ros conforme avisava em 29 de Julho dito, com muita gente branca com todos os quaes fazia, e tinha feito despeza de dinheiro, armas, e mantimentos, e que parte dos Indios já marchavão por terra, sem embargo do que dizião os Padres da Companhia, mandou, que logo se partissem dous caravelões da Costa dos cinco, que estavão destinados com 1200 alqueires de farinha, os quaes com a gente, que levar podessem, se fosse logo ao Rio Grande para assistir a Jeronymo de Albuquerque; o qual entendia, que sem dúvida marcharia por terra neste modo de empenhar as coisas.

Fundava o Governador hum grande atalho ao que se lhe presentava de difficuldades, esperando que Deos o desempenhasse, pois a *Jornada* era tanto de seu serviço, e comtudo não parava de aviar ao Sargento Mór, que sempre apertava por farinha para seis mezes pelo menos, pois dos soccorros não havia que ter confiança, como fica dito, nem nas partes donde chegassem, se havia de presumir, que havião de achar mais favor, que o que comsigo levassem; e o que o rigor da guerra lhes permittisse.

Emfim o Govrenador havendo chegado do Rio de Janeiro navios com farinha, e outros com peixe; mandou tomar até seis mil alqueires de farinha com a que estava embarcada, e 100 arrobas de peixe, e vinte canastras de sardinhas, e 20 quintaes de polvora: tres peças de artilheria de ferro coado, duas de 13 quintaes, huma de 13, com 200 balas de ferro coado, arcabuzes, e mosquetes, chumbo, e murrão; e tudo o que mais pode do armazem, com que logo mandou ao Sargento Mór do Estado, que se partisse pondo no Regimento da *Jornada* huma postilla, que a *Jornada* fosse ao Pará (1), ou Ototoy (2), ou ao Perejá (3), donde melhor podessem sem aventurar nada, antes que chegando ao Perejá, se fortificassem, e avisassem Sua Magestade ao Reino, e a elle Governador, por todas as vias; levando sempre a mira a fazerem a Conquista do Maranhão sem se perder ponto, nem oc-

---

(1) *Pará*, i. e., o rio Parnahyba. Provavelmente o porto hoje chamado da Amarração, ou qualquer outro na grande fóz deste rio, actualmente chamada —*Barra das Canarias*.

(2) *Ototoy*, i. e., Tutoya.

(3) *Perejá*, i. e., Periá, ou Piriá.

casião, quando se offerecesse por ser este o ultimo fim de tanta despeza.

Com isto, e com outro aviso do de Albuquerque, que tinha 320 frecheiros com suas familias; além dos que por terra marchavão com o Camarão (1), Indio seu Principal delles, e homem de que fazião muita conta. Comtudo, que convinha serem as embarcações muitas, e mui capazes para embarcar-se estes, que com elle estavão com suas familias, e assim virem muitos mantimentos, e ferramentas, que era a sua oração, sem tratar de outra coisa.

O Governador vendo esta ultima petição, mandou se tomasse mais uma caravela, e hum pataxho Francez, tambem navios mancos, e não mui capazes; donde se pozerão dois falconetes de bronze, que estavão em dois dos caravelões da farinha. Com isto feito em 21 de Agosto estando todos embarcados, mandou o Governador descer a armada para baixo; a saber, dois navios redondos, uma caravela, e cinco caravelões com até 100 homens de mar, e guerra, que com os que esperavão nos presidios fazião numero de até 300 Portuguezes; e esta foi a armada milagrosa, com que sahio o Sargento Môr do Estado, Diogo de Campos Moreno á Conquista do Maranhão aos 23 de Agosto de 1614, sabbado ás 7 horas da manhã, a se ajuntar no Rio Grande com Jeronymo de Albuquerque seu collega, Capitão da dita Conquista.

Este dia veio a armada a surgir no porto dos Francezes, defronte do rio Aviyajá (2), na Capitania de Itamaracá.

Deste porto em 24 do dito partio a armada com bom vento terral, e correndo a Costa veio a surgir á bahia da Treição(3) no cabo da Capitania da Prayva (4), e na derrota encontrarão este dia o caravelão, que vinha das Tartarugas de levar a Manoel de Souza, e o já dito soccorro, o qual como parece tinha na viagem posto desde 8 de Junho até 24 de Agosto, em que se mostra a difficuldade com que daquellas partes se torna para balravento.

Em 25 do dito com bom tempo terral partio a armada na volta do Porto dos Buzios, e na derrota se tomou o

---

(1) *Camarão.* Traducção do nome de *Poty*. Por aqui se vê que este Indio, que depois foi tão celebrado na luta com os Hollandezes era *Potyguara*, e do Rio Grande do Norte.

(2) *Aviyajá.* He o rio ou fóz que hoje se chama *Abiá* ou *Abiahy*.

(3) Bahia da *Traição*, ou *Acejutibiró*.

(4) Se era este ponto, o limite da Capitania da Parahyba, a pretenção á margem direita do rio Guajú, não tem fundamento.

sol em seis gráos, e se despedio o caravelão do Almoxarife para que fosse, como foi, a dar aviso no Rio Grande da vinda da armada; a qual este dia por chegar ainda com sol ao Porto dos Buzios, passou a surgir na Ponta Negra, que dista 82 leguas ao Sul da fortaleza (1).

Ao outro dia, que forão 26 de Agosto, veio por terra o Capitão Mór Jeronymo de Albuquerque a vêr-se com o Sargento Mór do Estado, e assentarão, que na maré da tarde a caravela, e todos os caravelões fossem a entrar no Rio Grande para alli se estibarem os navios, e se embarcarem todos; o que se poz em execução, indo nelles o dito Sargento-Mór para aprestar toas (2), e bateis, e ao outro dia metter na mesma maré os navios redondos, como em effeito entrarão a 27 do dito na maré da tarde com vento Sueste rijo, que naquella barra he mui ponteiro, mas os navios entrarão bem.

Logo aos 28 de Agosto fizerão resenha da gente dos Indios para vêr os que faltavão ao numero de 500 frecheiros, quantidade, que o de Albuquerque assegurava levar do Rio Grande, para que com os de Siará, e Buapava, com quem tinha grandes lianças, podesse metter na *Jornada* até mil Indios de guerra; e assim se tomou mostra, e parecêrão os *Principaes* que se seguem:

Da Aldeia de Ibatatan, Marcos Mariguy com .	22
Da dita Aldeia, o Arco Verde (3) com . . .	9
De Paravasú, Alexandre com.	10
De Tambepé o filho do Beijú D. Francisco com	35
Da Pindauná, Jorge com	18
De Joacocá o Pao Secco (4) com	22
Da mesma Aldeia o Mandiocapuá com . . .	16
De Jacarcuná, André com	9
De Pirary, Mucurapirá com	12
De Maritanguá, Minàsu com	7
De Guaramasio, o Beyjú com	16
De Tambásuramá, o Tambôr (5) com	24
Do Rio Grande o Patacú deu	20
Do Paranasú derão	14
Sommão	234

De modo, que como parece estes 12 *Principaes* não

(1) Aqui ha manisfesto engano de computação. Em vez de 82 leguas. deverá ler-se oito leguas.
(2) *Toas*. reboques, sirgas, etc.
(3) Traducção do nome Indio—*Uiráuby*.
(4) Traducção do nome Indio—*Ubiratining*.
(5) Traducção do nome Indio—*Uapy*.

trouxerão mais que 224 frecheiros, e mais de 300 bocas de mulheres e meninos. O Camarão que havia marchado por terra levava poucos mais de 30 frecheiros, como se verá adiante.

Tomada esta mostra se armou a gente branca, que até este lugar se lhe não havião dado armas; e se repartirão os soldados pelas quatro companhias na fórma, que o tinha o Governador ordenado: a saber, huma a Antonio de Albuquerque, filho do Capitão Mór; outra a Gregorio Fragoso de Albuquerque, seu sobrinho; outra a Manoel de Souza de Eça, que estava nas Tartarugas; outra a Martim Calado de Betancor, que do Reino vinha com o Sargento-Mór a se achar nesta *Jornada*; fizerão-se assi mesmo Alferes, Sargentos; e listas das companhias, nomeando de novo embarcações, e estancias; e dando polvora, e munições a todos, para a partida ao tempo de se embarcarem.

Pareceu totalmente a Jeronymo de Albuquerque cousa impossivel poder ir por mar, tanto pelo numero dos navios lhe parecer incapaz do que alli tinha, como por se temer, que se na viagem encontrasse qualquer cossario, ou vela inimiga, que não podia deixar de perder, preso com tão desguarnecidas, e captivas embarcações; e vendo que o queixar-se não dava remedio, determinou-se de caminhar por terra com os seus Indios, e com os demais, que lhe parecesse, e assim começou de se aprestar, e nomeou os soldados, que por terra havião de ir com elle: e assim fez falla aos Indios para que se aprestassem, porque não cabião nos navios.

Chegou esta nova ordem ao Sargento Mór do Estado, que mostrava não saber cousa alguma, e disse ao Capitão Mór, que lhe parecia muito bem o accordo; mas que para se dar satisfação ao Governador Geral, convinha que primeiro se embarcasse a gente, e constasse publicamente a todos, que não cabia, e que feito disto assento se tomaria o accordo, que desenhado tinha, pois d'outro modo não davão boa razão de si; pelo risco que corrião em se separar huns de outros; pois a armada ficava sem gente, e a terra era incapaz de lhes dar agua, nem comida em tão largos dias como havião de passar até se ajuntarem no Siará, donde se sobreviesse qualquer pequeno accidente, ficavão sem poder dar aos presidios nenhum pequeno soccorro, quanto mais fazer a Conquista, donde os mandavão: com estas razões, e

outras o dito Sargento Mór, e o mesmo Jeronymo de Albuquerque tomarão a gente branca, e Indios, e de sorte os accommodarão, que ao outro dia só a pessoa, e gente dp Capitão Mór estava em terra; mas vendo roto seu desenho se embarcarão tambem, e se fizerão á vela, quarta feira 3 de Setembro ás 11 horas do dia.

Porém a Capitania que seguia o caravelão do Machado metteu tanto de ló por sugigar o recife, que deu em secco na corôa de arêa, que está defronte da fortaleza, e assim aquelle dia tornarão todos a surgir em seus postos. A' quinta feira ao amanhecer houve Junta sobre a sahida com todos os Mestres, e Pilotos da armada; porque a maré era mui matinal de agoa viva, e lua nova, o vento muito, a barra roim, de sorte que ao outro dia lhes parecia mais conveniente a sahida; porque o terral, e a maré vinhão em maior conjuncção, e que para se forrar a demora daquelles dois dias, podião sem tomar terra, chegar ao Siará em dois dias e duas noites, ou á bahia do Iguapecasy (1).

Com este assento se derão as ordens necessarias, e á sexta feira 5 de Setembro de 1614 ás 6 horas da manhã com vento fresco, partio a armada pela barra fóra do Rio Grande, e forão seguindo trez horas ao Nordeste para dobrar os baixos de S. Roque levando a terra sugigada a quatro legoas, e assim naquelle compaz(2) governárão outra hora pelo Norte, e logo guinando ao Nornoroeste, e pelo Noroeste seguindo a derrota desviados da terra as legoas ditas, não virão baixos, nem pedras, nem escarcéos de mar, nem coisa, de que guardar se devessem: antes com esta navegação tirou esta *Jornada* o medo, que os caravelões da Costa publicavão daquelles baixos, fazendo que nas Cartas se désse de resguardo 25 legoas fazendo a serventia daquella Costa por hum canal, que fica a huma legoa de terra, pelo qual precisamente querião que houvesse de ser o caminho cedo, como dito he, o de fóra bom para quaesquer navios.

Tambem aquella noite foi o caminho da armada ao Noroeste; mas a Capitania havendo-se feito mais ao mar do necessario, amanheceu com alguns navios a dez legoas de terra, e achou-se menos da conserva o pataxo francez, em que vinha o Capitão Fragoso com a sua companhia, e o ca-

---

(1) *Iguapecasy*. He a enseada de Iguape perto da ponta de Mucuripe.
(2) *Compaz*, i. e., compasso.

ravelão, em que Martim Calado vinha com parte da sua ; e o caravelão em que vinha o Baracho, e assim sem elles com vento rijo forão correndo a Costa para entrarem no porto da *Ubaraná* (1); mas tanto que se chegárão bem á Costa, houverão vista dos ditos navios não sem algum rumor de armas até se assegurarem huns dos outros, por ser aquella costa mui continuada de cossarios (2).

Desta separação dos navios teve a culpa o Piloto Mór, que sem advertir aos demais, quiz dar resguardo a restingua de Guamaré (3), que está trinta legoas do Rio Grande, donde se acabão os parceis de S. Roque, a qual bota ao mar duas legoas.

Este dia por esperar huns por outros, não houve tempo para se tomar a Ubaranà (4), e assim passando avante com boa vigia fôrão até o amanhecer pelo Noroeste, até que no quarto da ante-alva, indo todos com o prumo na mão, muito vento, e grande escuro, se achàrão em trez braças; pelo que foi necessario guinar duas horas ao Norte, até que se acharão em sete braças fazendo conta ser este o parcel de Jaguaribe, que bota ao mar duas legoas e meia, que tanto podião vir naquelle tempo desviados da terra; mas entrando logo no caminho de Noroeste, fôrão a entrar na grande bahia do Iguapé (5), vespera do nascimento de Nossa Senhora hum Domingo ás dez horas do dia, o resto do qual se gastou em amarrar-se, e desembarcar o Capitão Mór, que vinha mui mal tratado do mar, e os Indios, e suas mulheres, que como gente descostumada destes transes navaes vinhão lastimosos, e assim caminhárão para as Aldeias do Siará, que dalli distão dez legoas, ficando com a armada o Sargento Mór com todos os soldados, com os quaes tratou de se partir a outra bahia mais avante chamada Mocuripé (6), e alli esperar seu companheiro, que por terra queria vir com os Indios; e assim fazendo-se a Armada á vela aos 8 do dito, veio a surgir a trez legoas da povoação do Siará ; donde está a casa, e forte de Nossa Senho-

---

(1) *Ubaraná.* Hoje se chama *Jibarana* ou *Retiro Grande.*

(2) *Continuada de Cossarios.* Parece que o author quizera dizer—*contaminada de Corsarios.*

(3) *Guamaré* na Provincia do Rio Grande do Norte.
Hoje dizem *Aguamaré* aportuguezando-se a expressão indigena ou *Tupy.*

(4) Vide nota (1) supra.

(5) *Iguapé.* Actualmente chamão Iguape.

(6) *Mocuripé.* Actualmente dizem Mucuripe.

ra do Amparo, e em chegando se despedio hum caravelão com farinha para ir a Jeruguáguara (1), o qual levou a cargo Paulo da Rocha, soldado de boa experiencia, e chegado a salvamento, deu aviso da Armada naquellas partes.

Neste presidio de Nossa Senhora do Amparo estava com dez e seis soldados Portuguezes o Capitão Manoel de Brito Freire, que com muitos trabalhos, e pouco proveito havia quatorze mezes, que aguardava naquelle lugar, tendo a cargo o sucesso da Conquista, para a qual o Governador lhe havia dado entretenimento conforme sua qualidade, e partes; e assim tanto que a Armada chegou, se embarcou deixando o Sargento com presidio, e mudando daquelles soldados os que quizerão embarcar-se, ficando em seu lugar outros; porque o numero nunca he bem, que seja, nem pode ser menos, que de 20 homens de guerra para em companhia dos Indios poderem assistir à guarda da terra, e daquellas barras.

Proveu-se esta gente de vestidos, armas, e munições, e visitarão-se as Aldêas dos Indios para confirmação da boa amizade, e derão-se áos *Principaes* ferramentas, e casacas das que de Portugal para este effeito mandou Sua Magestade, tambem se fez diligencia, e se houverão destas gentes alguns mantimentos da terra, que derão a troco de resgates para ajuda de se sustentar a despeza da farinha da Armada, e nisto se gastarão até 6 do dito Setembro, no qual dia chegou o Camarão com sua gente, que como fica dito, havia vindo por terra desde o Rio Grande (2); e tal chegou do caminho, que mandou pedir licença para se ficar naquellas Aldêas com seu irmão Jacauná (3), o qual tambem fazia força para que lho deixassem, ou ao menos lhe dessem tempo para engordar, como quem diz, para se refazer, e tanto porfiarão, que pelos contentar, ficarão alli as mulheres, e alguns dos seus Indios.

Com este achaque, que não quizerão parar avante, com que o numero dos que na Armada vinhão, antes foi diminuindo-se, que crescendo aqui no Siará, nem destas Aldêas o d'Albuquerque pôde tirar com todas suas fallas, e dadivas, mais que até 20 frecheiros com hum filho do Jacauná, moço de 18 annos, ficando por estes mais de 40 dos da Armada; +

(1) Vide nota (6) á pag. 166.
(2) Que melhor prova de que o celebre Camarão *(Poty)* era do Rio Grande do Norte?
(3) *Jacauná*. Outros dizem *Jacaúna*.

+ deve ser o que dizem sobrinho do Camarão que mais tarde chamou-se D. Diogo — M. C.

nem tão pouco Jacauna dera nenhum dos seus, se não que Jeronymo d'Albuquerque deixando alli algumas criadas Indias suas, deixou hum menino seu de dois annos juntamente com que ficarão assegurados e contentes.

Daqui se póde ver o cabedal, que he bem fazer-se das palavras dos Indios do Brázil, e quanto importa estarem obrigados continuamente mais do temor, e força dos brancos, que de palavras de *lingoas*, as quaes não guardão se não no que nos está bem (1). E aqui como escala de tantos Cossarios importa terem freio, por que lhes dão ambar, algodão, páo Cutiará, e outros, e pimenta da terra, e fumo, e comida, e agoa, com que refazendo-se caminhão ás Indias, ou donde querem.

14. Pela dilação, que houve en todas estas coisas, e por que os Indios não acabavão de embarcar-se, e os soldados com achaque de o Capitão-Mór estar em terra, andavão nella licenciosos, e as agoas daquelle sitio causarem maleitas, e o fundo da bahia ter pedra, que, roía as amarras, e as quebrava: pareceu, que recolhida a gente branca, a Armada se fosse ao Paramiri (2), donde dizião, que havia melhor commodo para se poder esperar a vinda dos Indios, que até aquelle lugar querião caminhar por terra com o Capitão Mór: feito este assento partiu o Sargento Mór do Estado à quarta feira 17 de Setembro, e foi surgir com toda a Armada ás duas horas da tarde no Paramiri, havendo caminhado com pouca vela até esta bahia, que está em 3 gráos 2/3, e tem para se povoar muitas mais commodidades, que todos os outros lugares até ali vistos.

Este dia se pôz a gente em terra com seus corpos de guarda, em fronte de armas, donde se começarão de adestrar os soldados entrando todos os dias nas Companhias, para verem o modo de proceder no serviço ordinario, e com os inimigos quando os houvessem, e foi de grande effeito o tempo que se tardou em vir por terra Jeronymo d'Albuquerque.

Porque muita desta gente em Paranambuco se havia embarcado por força, e outros desarmados, e mui bisonhos, e no Rio Grande não se lhes havião fiade as armas em terra, e

---

(1) *Que nos está bem.* Parece que houve erro de copia; e que o author redigira a frase da seguinte fórma: — *que lhes está bem.*

(2) *Paramiry.* He hoje o lugar chamado — *Parasinho*, traduzindo-se a palavra *miry.*

no mar não havia lugar nem para irem deitados, aqui se ordenou o que convinha, e se aguardou com tudo mui a ponto a vinda do Capitão Mór, que chegou aos 24 de Setembro; e logo aos 25 o Sargento Mór do Estado foi pelo rio Curú (1) acima em hum batel armado, mais de cinco legoas por reconhecer aquellas terras, e agoas, nas quaes não achou coisa de consideração, ao longo do rio, mas achou infinita caça, e pescaria, de que tudo aquillo abunda maravilhosamente, e assim neste lugar sómente se pode dizer, que aquella gente não teve fome.

Em 28 do dito com a vinda dos Indios, se tornou a tomar mostra para saber o que o Siarà havia rendido de ajudas, e parecerão em todos 220 frecheiros com a gente do Camarão, e Jacaúná (2), de sorte, que dos embarcados no Rio Grande ficarão mais de 50: os que vião, e sentião estas coisas entregues a paciencia, não fazião mais que encommendar o negocio á Deos, e ás boas orações dos Capuchos. Os quaes estes dias disserão Missas solemnes, que forão as primeiras que nesta paragem se disserão, em que commungou muita gente.

Aqui nesta partedo Paramiri (3) se acharão no mato perto do mar as arvores, de que se distilla, e nasce o incenso chamado *Jataubá*, e se achou nellas, e no chão muito de muito bom cheiro, e tambem se achou muito anime, e outras gomas aromàticas de diversas arvores, e muita almecega, e huns busios no mar como botijas, com muito que comer dentro, de modo, que como dito he, o Paramiri pelo seu porto, terras, e boas agoas para beber, he o melhor de toda aquella costa.

Em 29, dia de S. Miguel, estando todos embarcados, partio a Armada na volta das Tartarugas às duas horas depois do meio dia, com vento Lesnordeste, que tal entrou a viração aquelle dia, havendo em toda aquella noite ventado o terral, e quasi todas as paradas de aquella minguante de Lua. No qual tempo melhor, que na crescente, se mostra aquelle mar navegavel para balravento ao longo da Costa.

Todo o resto do dia caminhou a Armada ao Noroeste quarta de Loeste correndo francamente a Costa, sem haver

---

(1) *Curú*. He o rio que desemboca na enseada do *Parasinho*.
(2) Vide nota (3) á pag. 181.
(3) Vide nota (2) á pag. 182.

nella visto coisa de que guardar se devessem: tambem de noite se fez o mesmo caminho com pouca vela até o amanhecer, que se achárão a seis leguas da Costa com terral rijo do Sudoeste, com o qual pela bolina se vierão chegando á Costa, que já corria mais a Loeste, e sendo reconhecida se mostrou ser a terra do Acuracú (1), e seus parceis, que a uma legua ao mar não davão mais, que duas braças e meia de agoa, e pela banda do Loeste jà se descobria a ponta, ou morro de Juruguaguará (2), para a qual chegando-se com o prumo na mão, e vendo mui claro o fundo, derão em quatro, e em cinco braças bem pegados à ponta, que já corria a Loessudoeste com grandes penedias ao longo do mar, e rochedos todos de marmore jaspeado finissimo de muitas côres.

Entrados, e surtos no porto se gastou o dia em desembarcar a gente, e em se alojar dentro na cerca, e os Indios de fóra em seus tigipazes, ou cabanas ao longo da agoa: com os navios ficárão alguns soldados para sua guarda, por ser este porto tambem mui demandado dos Cossairos, sem embargo que com a viração fica tudo tão desabrigado, e trabalhão tanto as embarcações, que não ha amarras, que durem, nem quem possa sahir a terra, até que o vento acalma de noite, e nas madrugadas até ás oito horas do dia, que com o Sol torna a viração.

E isto dizem ser alli de ordinario até os mezes de Janeiro, Fevereiro e Março, que os ventos cursão por cima da terra, e tem aquella paragem mais bonança.

Sendo tal como dito he esta enseada das Tartarugas esparcelada, perigosa, e de pouco abrigo pareceu bem que a Armada, e toda a gente della, e do presidio se parasse ao porto do Camuri (3) oito leguas mais adiante para alli se tomar assento nas coisas da viagem, e no soccorro dos Indios Tabajares da Buapava, com quem o Capitão Mór assegurava ter feito grandes amizades, e por que tambem os Indios Teremembés do Pará, ou Ototoy ficavão mais perto, com os quaes já Martim Soares havia tido fallas, e parecia nisto para o que se offerecesse deixar asseguradas todas aquellas gentes, e aquella Costa toda amiga para bem de se caminhar por terra, quando importasse.

---

(1) *Acuracu*. Hoje diz-se *Acaracú*.
(2) Vide nota (1) á pag. 166.
(3) *Camuri*. He o que chamão hoje *Camucy* ou *Camucim*.

Finalmente para em tudo sahir com o prumo na mão conforme ao Regimento do Governador, e as forças daquella Armada, e assim para este effeito tratarão de mandar reconhecer de novo o Camury por terra para se passarem á elle: mas como as seccas de aquelle anno fôrão mui grandes, achou-se, que não havia agoa para beber, nem folha verde com que se cubrirem, e que a barra era mui perigosa, e que na entrada tinha humas ruinas de pedra, e cal, como que em algum tempo houvesse sido povoada de gente de Europa; as quaes coisas denotavão não ser aquelle posto de cobiça. Se bem he verdade, que alli entravão algumas embarcações pequenas a resgatar o páo Cutiará (1), de que os Indios davão noticia haver alli muito.

Com estas novas foi forçoso aguardarem em Jeruguaguará (2) tomando mostra a toda agente Portugueza, e acabando de repartir aquelles soldados, e as suas companhias até o numero de 60 a cada huma, como o mandava o Governador; pagando-se a todos o seu tempo atrazado em fazendas pelos preços do contracto, que fôrão taes, e em taes coisas, que apenas houve com que os pobres se vestirem.

Entretanto mandou o Capitão Mór á serra de Buapava dois Indios para avisarem ao *Diabo Grande* (3) da sua chegada, com os Portuguezes, para que descesse a vellos, e a dar o soccorro, que tinha promettido para a *Jornada do Maranhão*: desta embaixada se rirão os do presidio, que de raiz conhecião a natureza do Indio *Diabo*, e contarão, que havendo-os convidado em dias passados a huma guerra contra certos certos Tapuias seus inimigos, que forão dois soldados daquelle forte, a darlhe ajuda: com a qual teve victoria, e comeu, e trouxe á sua serra quantidade de captivos; e como se vio em casa, por pagar a boa companhia, quiz tambem comer os soldados, e sem duvida o fizera, se sua mulher chamada *Itabù*, os não avisara, dizendo-lhes, que se fossem; porque seu marido tratava de os matar fingindo certo aggravo de hum delles; mas que ella não queria, que tal passasse. De modo que com esta paga se retirarão ao presidio a salvamento, em que não fizerão pouco.

---

(1) *Pau Cutiará*, madeira contendo manchas, que lhe dão certa belleza, e a tornão importante para a marcineria.
(2) *Jeruguaguará*, he a mesma enseada ou bahia do buraco das Tartarugas, que hoje chamamos—*Jericoácoára*.
(3) *Jurupary-guassú* ou *assú*.

Em 3 de Outubro foi Lua nova á sexta feira, muito ventosa do vento Loeste na crescença do Sol, como fica dito; de noite houve terral do Susudoeste, que durava até ás 7, e oito do dia: ao quinto da Lua se mostrou o tempo nubloso, e o vento foi mais sobre a terra com alguns chuveiros, e o mar andou mais brando nesta quebrança das agoas.

Sabbado dia do beato Padre S. Francisco 4 de Outubro, houve Missa solemne de canto de orgão, e frautas naquelles desertos de Jeruguaguará com summa devoção, e grande alegria, em que commungou muita gente: este mesmo dia á tarde chegarão dois Indios da Buapavá com embaixada do *Diabo Grande* (1), o qual por elles se desculpava dizendo ser impossivel de presente vir ouvir a falla do d'Albuquerque, nem dar-lhe gente para a *Jornada* por falta da saude, que todos os seus, e elle tinhão tal, que havião queimado as casas, e Aldêas, e vivião no campo até se passar a contagião de aquelle mal que os affligia.

Isto dizião os Indios, os quaes tambem trazião huma carta de hum de dois soldados, que o Capitão Manoel de Sousa mandára á dita serra, para que avisassem da vinda da Armada, e elles pedião nella barbeiro, e mesinhas para se curarem, que tambem o mal os tinha apalpado.

Com esta nova verdadeira, ou fingida, que fosse, ficou desenganado o Capitão Mór, e bem enganados os que se vião mettidos entre taes ajudas, e palavras de Negros para darem fim a huma *Jornada* tão arriscada, e de tanta importancia.

Deixemos o que tinha custado de dinheiro, e resgates este pensamento, e tratemos como ao Domingo dia de nossa Senhora do Rosario se celebrou sua festa com Missa solemne, e pregação, que foi a primeira que fez, que se pregou nesta Costa, e a primeira que fez dos seus estudos o P. Fr. Manoel da Piedade, filho de aquella Provincia: na tarde deste dia houve alardo geral, esquadrão, e escaramuça por honra da Festa daquella Senhora nossa. No qual se acharão 220 soldados effectivos das companhias, e da gente do már 60, de que se fez outro, de sorte, que com os enfermos chegou o numero dos Portuguezes a 300, e com os Indios não passarão de 200 Frecheiros, de modo que todas as forças com os desenganos do Siará, e da Buapavá se rematárão nisto,

---

(1) Vide nota (7) á pag. 166.

e as de todo o campo em 500 homens de mar e guerra. A estas Festas assistirão os Embaixadores da Buapavá, por amor dos quaes foi necessario juntarem-se a conselho, assim para responder ao *Diabo.*, como para fazerem viagem.

Sobre o qual houve grandes altercações e debates, assim pelos desenganos, e faltas de tudo, como pela pouca confiança, que se podia ter nas ajudas do Maranhão, pois estas tão de casa, e tão obrigadas aos favores Portuguezes tão mal acudião a seu fiador.

Todos vião este damno, e outros que se derivavão delle, quanto mais se chegavão ao Maranhão, sem deixarem atraz coisa alguma, que asseguradamente fosse amiga ; mas como doutra parte o ficarem alli, não era honroso, e passar ao Camury era impossivel ; chamarão á esta junta os Mestres, e Pilotos da Armada para que dissessem o que sabião da entrada do Pará, ou do Ototoy, donde tratava o Regimento, que se melhorassem para se irem assim chegando ao Maranhão, ou Perejá sem risco notavel da *Jornada*. A isto responderão todos, que não sabião naquella Costa porto algum, mais que o Perejá, donde o Piloto Sebastião Martins, que alli estava presente, assegurava, que metteria toda a Armada: mandando-se de tudo fazer um assento, para que constasse a todo tempo, que mais por necessidade, que por razão de guerra se partião ao Perejá, donde não tinhão reconhecido o que convinha ao total empenho : e isto feito tratarão de se partir, mandando que á serra de Buapavá se avisassem os soldados, que tanto que a saude lhes désse lugar se fosão presidio de Siará, para que no primeiro barco, que viesse de soccorro podessem juntar-se com o campo, despedir os Indios.

Gastou-se o dia de segunda, e terça feira, em accommodar os repáros dos falconetes, e das peças de ferro, que vinhão no porão do Pataxo abatidas ; por que as embarcações não erão capazes de as soffrer, fizerão agoa, e lenha : e assim á quinta feira, sendo a Lua mais crescida, e as agoas mortas, que em tal conjunção sempre naquellas partes o vento he mais bonança, dando-se signal de recolher, gastando-se o tempo de sexta feira, e Sabbado em embarcar, e repartir a gente com infinito trabalho, porque com os de Jeruguaguará crescia a impossibilidade, e faltavão lugares nos navios ; mas foi coisa maravilhosa, que sem se dar de queixa huma só palavra, todos se embarcarão, donde era impossivel irem

deitados, nem havia mais, que comer farinha, e agoa; porém era tal o desejo de todos sahirem daquelles degredos, e de vêrem, se mais avante podião melhorar sua sorte, que todo o outro trabalho lhes parecia gloria.

Domingo 12 de Outubro ás seis horas da manhã sendo tudo a ponto derão fogo aos quarteis de Jeruguaguará, e a Armada se fez a vela com terral de Sueste, e assim fôrão correndo a ribeira com boa ordem, até que com a crescença do dia entrando a viração do Leste com furia, e grandes mares foi necessario navegar com balselhos (1), correndo em popa com muito trabalho, e grande perigo; indo sempre a gente dos caravelões por debaixo do mar: sobre a tarde abonançou o vento algum tanto, e assim com a Lua da noite, e bôa vigia se foi fazendo o caminho pelos perigosos parceis do Pará, e Ototoy, e ao amanhecer se achou a Armada toda junta, coisa que parecia impossivel por ser tão differentes generos de embarcações tão carregadas, e tão captivas: em fim aclarou o dia, chegou a Armada bem á terra, a qual não foi conhecida de nenhum Piloto; Sebastião Martins affirmava estar trez legoas de Perejà.

Pelo que chegando-se á terra mais do que convinha, se o vento não fôra todo bonança áquellas horas, custára caro o desengano, em que dalli a pouco confessou, que entrava; por que o Perejá ainda lhe demorava ao Leste mais de 16 legoas.

Pelo que fazendo força de vela para de dia se alcançar a barra, com tudo não foi possivel, e assim chegou a Armada com huma hora de noite a querer embocar, e a tempo que a maré descia para baixo, sem haver donde de noite podessem aventurar a surgir navios tão carregados, e entre tantos parceis, e alfaques ainda não conhecidos, donde até ás nuvens o mar andava; de modo que mettido o negocio nestas duvidas, fundados no luar, e na agoa morta, e vento em popa, com o qual contrastavão a maré, que descia, fôrão com milagroso, ou barbaro atrevimento entrando para dentro com faroes, e fuzilando huns aos outros; e mais que tudo foi notavel, que houve navios, que hião tocando, e dando grandes pancadas nos bancos ao entrar da barra, e por não atemorisarem os que vinhão de traz, calavão,

---

(1) *Balselhos*, i. e., com pouco panno por causa do grande vento, ou para navegar pouco.

e paravão sem se ouvir huma palavra de rumor, que turbasse a viagem, e assim com o prumo ná mão fôrão todos surgir a salvamento ás dez horas da noite dentro do rio Perejá, trez legoas por elle acima da banda de Leste, donde em hum pensamento saltando em terra o Capitão-Mór, e o Sargento Mór do Estado com a mór parte da gente fazendo fronte de armas, ate que se reconhecesse, e assegurasse o campo; succedeu, que em quanto se reconhecia e o Capitão Francisco de Frias, e os demais buscavão sitio para a fortificação conveniente, que o Alferes Pestana da bandeira de Martim Calado esquecido da ordem, que se havia dado a todos se não sahirem a terra as bandeiras, senão já de dia, elle com a sua ás costas em que estava figurado o glorioso Patrão de Hespanha, foi o primeiro que saltou em terra, o que vendo os soldados tendo-o por bom prognostico, acclamárão *Viva Sant-Iago*, e este nome se deu a este primeiro quartel, de que se tomou posse ao outro dia com acto solemne em nome d'El-Rey de Hespanha nosso Senhor Emperador de aquelle Novo Mundo, e se plantou huma grandissima Cruz de forte madeira, por padrão, e posse tomada desta primeira barra do Perejá.

Aos 13 do dito havendo-se buscado sitio para a fortificação, para em tudo se dar cumprimento ao que convinha, todas as agoas para beber se achavão distantes dos sitios convenientes; verdade seja, que abrindo poços na areia tiravão agoa doce, que podia servir em necessidade; mas os Soldados escarmentados das cacimbas, ou poços de Jeruguaguará, desejavão boa agoa, pois só isso, e farinha tinhão, e sobre isto já tratavão mal do Perejà, e fazião côrrilhos, e se descompunhão em absencia dos superiores, de que o Sargento-Mór do Estado mandou tirar devaça para se castigar alguns dos causadores.

O Capitão-Mór em lugar de acudir a isto lançou-se de fóra, e esquecido do pouco, que havia medrado com os Indios do Siarà, e da Buapavá sem lhe valerem dadivas, nem lingoa se persuadia, que em chegando á outra barra dentro do Maranhão defronte da *Ilha dos Topinambás* (1), que sem duvida em fallando com hum delles, todos se havião

(1) Os indigenas chamavão a actual ilha do Maranhão—*Upaon-assú*, e os Francezes *Maranhão*, e alguns Cosmographos—*Ilha do Ferro*, pela extrema abundancia deste mineral, que nella existe, e de boa qualidade.

de vir á sua obediencia; e de sorte lhes gabavão os seus esta opinião em favor dos Soldados, que já a elle mesmo lhe aborrecia o fortificar-se no Perejá, de que tudo estava suspenso sem se fazer mais, que perder tempo, e dizia, que pois em toda a Costa, em até alli não havião apparecido Francezes, nem coisa que désse sinal de guerra, que realmente os não devia de haver no Maranhão, e se os havia, que devião ser mui poucos, e sem defensa, pois não havião guardado aquella barra; pelo que determinava ir-se logo ao Maranhão, ainda que fosse com os caravelões sómente; porque este era o fim da *Jornada*, e de seu desejo.

A isto se oppunha o Sargento-Mór do Estado, dizendo mui ao contrario, que em nenhum modo convinha largarem o posto do Perejá, por ser barra de barlavento das outras, e já com bom principio ganhada conforme a ordem do Governador, que alli convinha seguir-se em tudo; pois no demais havia tempo, quando fosse assim o que dizia o Capitão-Mór; porque tambem podia a náo grande estar no outro porto, pois sabidamente era passado a elle, e que não estaria sem outros navios com artilheria, e gente de mar e guerra, quiçaes differente da dos Portuguezes na pratica naval; o que sendo assim, que mais era doidice, que esforço irem-se lá metter sem primeiro estar tudo mui bem reconhecido no Maranhão; pelo que era de parecer, que se fortificassem logo, e juntamente que mandassem reconhecer a Ilha e sitios a ella visinhos, e que dalli avisassem ao Governador de como estavão no Perejá a salvamento, para que soubesse com tempo donde havia de mandar os soccorros; e que tambem era importantissimo avisarem a Sua Magestade, despedindo para huma, e outra coisa aquelles navios, que havia tantos dias que estavão carregados, que já as bombas os não podião sustentar sobre as agoas: e que olhasse que se os Francezes estavão assim fortes, como a fama soava em Paranambuco, e avisava Martim Soares, que já a sua força não podia estorvar a fortificação do Perejá, nem a amizade dos *Teremembés* (1), Indios alli visinhos tão inimigos dos da Ilha.

Antes elle Capitão-Mór havendo-se alli fortificado lhe ficava facil o podellos persuadir, e juntar as pequenas forças

(1) Estes indigenas occupavão a costa desde a fóz do Jaguaribe até a ilha do Maranhão.

daquelle campo para assim se fazer igual, ou superior a seus inimigos, e assegurar as espaldas para qualquer successo; porque os da *Ilha Topinambás*, ou acompanhado, ou sós, que estivessem, sempre havião de temer esta liança; pelo que em modo algum havia nunca de ser de parecer de largarem o Perejà sem ser mui bem primeiro tudo o de mais reconhecido, assim como he costume de Soldados praticos, e gente de guerra, como todos os que alli estavão presumião ser: e que olhasse, que aquillo não era *Jornada* de sertão, senão de Sua Magestade, e que já agora tinhão obrigação de lha sustentarem, pois estava tomada posse em seu Real Nome: pelo que era necessario caminharem mui a tento.

Com isto se socegarão algum tanto os curiosos de caminhar, e se mandou um batel esquipado com dois Pilotos, seis marinheiros e seis soldados particulares a reconhecer o Maranhão, e sua barra, e a Ilha grande; e isto pela parte mais occulta, que fosse possivel, vendo se podião tomar lingoa. Foi por cabo desta obra Melchior Rangel, natural do Rio de Janeiro, mancebo de boas partes, e grande lingoa dos Indios; com elle forão o Alferes Estevão de Campos, e Pedro Teixeira, Francisco de Pavares, e Manoel da Silva: os Pilotos forão Sebastião Martins, e João Machado, os quaes partirão a 15 de Outubro, ás 7 horas da manhã.

Entretanto o Capitão-Mór, e o Sargento-Mór do Estado por mar, e por terra não paravão de buscar agoas, e reconhecer sitios, e accommodar ferramentas para o que se offerecesse, tendo de continuo toda a gente ao pé das armas, e das bandeiras, e os navios abicados á terra muito, como á defensa de tudo convinha; mas sem se dar principio á fortificação, de que o Sargento-Mór do Estado andava desejoso, e solicito; mas não tinha poder para forçar o seu companheiro, antes aguardava, que o tempo desenganasse a todos do que lhes convinha, como depois succedeu.

Erão jà passados quatro dias, que do batel não havião novas; pelo que já se duvidava do bom successo, e tão adiante foi esta imaginação, que aquella noite sendo já mui tarde se foi o Capitão Mór a buscar o Sargento Mór do Estado ao seu rancho, e lhe disse: «Amigo tratemos de nos fortificar logo, e em sendo de dia, faça-se disto assento; porque tenho máo conceito do nosso batel, e quando venha, nenhum mal faz estarmos preparados, e olhai que ainda

que todo o mundo seja contra nós, que em nenhum modo deixemos de nos fortificar. » O Sargento Mór lhe louvõu a resolução, e de novo lhe repetio as causas que tinha para já tudo estar feito, e assim logo áquellas horas chamando a Francisco de Frias, se fôrão em um batel à boca da barra a ver outro posto, e uma agoa a elle visinha de uma legoa ; e assentarão, que o mais perto da barra, e da agoa se começasse a fortificação em amanhecendo, e que antes se dissesse uma Missa ao Espirito Santo. Andando nisto virão fuzilar ao longe na entrada da bahia, e tocando-se á lerta, mandarão dois bateis a reconhecer, os quaes avisàrão ser o batel que vinha fazendo festa.

Com esta nova cresceu na gente tal rumor, que sem saberem o que os outros dirião, começarão os soldados em corrilhos com palavras atrevidas a dizer, que não querião aquelle sitio, senão o que mais perto houvesse dos inimigos, aos quaes ao pelouro havião de tomar a comida, e a agoa se faltasse. Emfim como a primeira se não castigou, esta com a chegada, e festa do batel com boas novas, passou por alto, e os reconhecedores disserão ; que não havião visto náo, nem Francezes, nem coisa em todo o Maranhão que damno podesse fazer, e que havião achado defronte da ilha hum sitio bom, e eminente com hum rio de agoa doce pelo pé, e terras bellissimas para toda a sorte de mantimento, e tudo tão bem assombrado, e o caminho até lá tão escuso, e facil por entre as Ilhas, que tinhão por grande erro deixarem semelhante parte.

Com este aviso não somente o Capitão Mór se fez com os demais, mas sem se lembrar do que estava assentado, mandou subitamente, que se embarcassem todos, e que quem quizesse ficar ali que ficasse.

Com isto parárão as cousas do Perejà, disse-se Missa, embarcou-se a gente, e ao outro dia, que forão 22 se fez a Armada á vela com huma pressa tão fatal, que realmente ninguem da terra naquillo parece que concorria : porque cada qual dos adjuntos do Capitão Mór, antes da imaginação já lhes gabavão os effeitos : e assim ao tempo de darem á vela, disse o de Albuquerque ao Sargento Mór do Estado :

« Apostemos humas meias de sêda, que antes de Sabbado tenho Indios do Maranhão em minha companhia. « Sou contente de as perder, disse o do Estado, a troco de que todos

tenhamos esse gosto ; porém se as ganhar lembro, que m'as ha de dar Vm. »

Com isto partirão, e forão surgir aquella noite a huma ilha, passando por entre outras infinitas, que por serem tantas, e o dia ser das *onze mil Virgens* (1), a todo aquelle posto se poz este nome.

Ao outro dia seguinte os Pilotos, que nos dois caravelões mais ligeiros caminhavão diante, forão navegando emquanto durava a maré por huma grande bahia toda cercada de ilhas com barras ao mar grande, a que os Francezes chamavão *Grandança* (2), na qual em descabeçando a maré, logo minguando o mar 19 palmos de agoa se acharão os navios grandes em secco, de modo que calçados, e vestidos os homens se sahirão a passear na areia, que quasi ficou enxuta, e andarão de huns em outros navios, que parecia encantamento sendo de quilha, e não tendo escoras, estarem direitos sem cahirem á banda, dando fim a taes desordens, as quaes para quem as entendia sem lhes poder dar remedio, erão tossigo (3), que consumia a vida e o gosto.

Tornou a maré, nadarão os navios; a noite entrou escura, tanto que com infinito trabalho, e perigo entrarão pelo canal de Mamunà, dando de novo em secco no lamarão o navio do Sargento-mór do Estado ; mas como subia a maré, logo chegou donde estavão os caravelões, que sem esperar havião seguido seu caminho por gozar da agoa doce daquella Ilha, donde alojados em terra estavão como em Toledo sem cuidar, que no mundo podia haver inimigos.

Deu-se a isto subito remedio fazendo, que se embarcassem todos para navegarem, mas o navio de Gregorio Fragoso deu em secco de feição, e a taes horas, que houve votos de o deixarem assim como estava com munições, artilharia, e comida, o que succedêra, se não fôra a grande diligencia dos Ministros da Fazenda, com o Sargento-mór, tirando-lhe parte da carga, e com força de tôas o fizerão sahir aonde os demais estavão, sem haver em todo aquelle caminho de dia, nem de noite huma hora de repouso.

Ao outro dia sexta feira fazendo-se a Armada á vela pelas angusturas, ou interrompeduras de aquellas Ilhas tão estreitas

---

(1) Estas ilhas tambem se chamão do *Piriá*. Geralmente são comprehendidas no archipelago de S. Anna. Tambem são chamadas de—*Anajatuba*.
(2) *Grandança*. Talvez *Grand'anse*, i. e., grande enseada.
(3) *Tossigo*. Talvez *toxico*.

e de mato tão alto, e cerrado, que cada huma promettia hum esquadrão de perigos. Indo pois nesta parte, começarão os navios a dar de novo em secco; mas porem movendo-se por cima do lamarão, pelo qual resvalando com toda a força de vélas, podemos diser, que mais de seiscentos passos navegarão por terra, até que derão em mais fundo, e fôrão seguindo os caravelões, que se adiantárão tão desordenadamente, quanto a necessidade os obrigava; porque a gente era tanta, e tão apinhada, que não havia agoa, que os sustentasse contra a excessiva quentura do Sol, nem o mantimento era mais que huma pouca de farinha de guerra secca, de modo que todos desejavão chegar aquelle lugar, em que tinhão sua esperança.

O Capitão-Mór doutra parte com achaque de vêr ir sondando diante, metteu-se em hum batel com poucos companheiros, e foi-se a Ilha de *Sant'Anna*, chamáda *das Guayavás* (1), donde se fazia a praça d'armas para entrarem no Maranhão.

Desta ida succedeu, que como os caravelões perderão de vista o batel da sonda, tomando por diversos canaes, cada hum foi por seu caminho, e os navios grandes como lhes faltarão os caravelões dando em secco a cada passo, tambem se apartárão sem haver Piloto, que tomasse o remediar isto; até que já mui noite, em huma jangada chegou o Machado, e foi por hum canal muito mais estreito, que os até ali passados encaminhando os navios, que pôde: e assim em toda aquella noite, e no outro dia chegarão á Ilha dita de *Santa Anna*, contra as correntes dos mares atoando-se pelas arvores na terra, até que finalmente se vierão ajuntar na boca da barra, da qual Domingo ao amanhecer, qũe fôrão 26 de Outubro se fizerão á vela por entre aquelles parceis, e bancos perigosissimos para bateis, quanto mais para navios tão carregados, e assim ao expedir da barra derão taes pancadas os navios grandes, que se teve a *Jornada* por concluida; porém Deos, que milagrosamente guiava o negocio, foi servido, que sem damno algum ás 10 horas do dia se achassem todos no *Guaxindubá* (2) á salvamento, que assim se chama o posto que

---

(1) O author confunde a ilha de S. Anna com a das *Goyábas*, que Simão Estacio da Silveira distingue na sua *Relação Summaria*, á pag. 13 deste tomo.

(2) *Guaximdubá*, hoje dizemos *Guaxenduba*.

He o lugar de Villa Velha, o primeiro estabelecimento Portuguez na Provincia do Maranhão, na bahia, hoje denominada de S. José.

occuparão dentro nesta grande barra do Maranhão: as embarcações erão oito, como está dito, e tanto que sahirão ao mar, postas em ala com todas suas bandeiras tendidas fizerão tal apparato, que subitamente em toda a Ilha grande, a qual a duas legoas e meia estava defronte, se fizerão fumaças por toda a costa dando aviso, que durou espaço grande, pelo que o Sargento-mór do Estado disse ao Capitão Mór: Cuido, Senhor, que ganhei as meias, e que não sómente não terá V. m. Indios de paz, mas que terá Francezes de guerra; por que aquelles fogos não são feitos acaso, nem por barbaros; pelo que será bem, que sem dilação nos fortifiquemos, e descarreguemos os navios, que este porto não he para se conservarem muito nelle.

Era aquelle sitio vaza de lama com algumas pedras, e a partes areia, e todo esparcelado ao mar mais de meia legoa, que de maré vazia ficava sem gota de agoa, e tão desabrigado, que entrando a viração não havia remedio de se chegar aos navios, nem de desembarcar nada delles. *Além* disto he este porto desviado da barra mais de quatro legoas, de sorte que com grande facilidade lhe podem tirar o favor, e serventia da Costa quaesquer navios, de modo que tirando ter agoa para beber, e boas terras, e madeiras ao redor de si, tudo o demais que se busca em razão de guerra lhe falta; mas já chegados alli, e descubertos, não havia outro remedio.

Gastou-se o dia em reconhecer o sitio, em amarrar os navios, e pôr a gente em terra com fronte de armas; cada qual ao pé da sua, que assim convinha.

Logo sobre a eleição do sitio, e forma da fortificação teve Jeronymo d' Albuquerque alguns debates com o Engenheiro Francisco de Frias, querendo que se fizesse entre o mato huma casa, como fazem os Indios no sertão, que he huma cerca de mato cortado com a rama para fóra com folha, e tudo como quem cerca o gado, dizendo, que bastava aquillo, que cá nestas partes não se usavão outras fortalezas: além disto, que determinava de se passar dalli ao *Muny*, rio quatro legoas avante daquelle posto, junto donde desemboca o *Tapucurù* chamado *Maranhão*(1), de que tudo alli toma o nome; porque lhe dizião os Indios, que lá

(1) Luiz de Mello da Silva foi o que deu causa á esta denominação, não tendo conseguido ir ao Amazonas, não obstante as informações recebidas dos companheiros de Orellana, na ilha Margarita.

havia melhores terras, e agoas para engenhos; porém nestas praticas chegou o Sargento-Mór do Estado, e tomando comsigo ao Capitão-Mór, se foi a lhe mostrar o sitio, que alli melhor havia para se fazer a povoação com as qualidades à terra necessarias, já que as do mar lhe faltavão, e disse, quão fóra do sentido estava, quem em tal tempo fallava de se metter a dentro dos perigos, que ainda não sabião, pois naquelle lugar se houvesse inimigos, como cuidava, que havia, nem alli havião de ser senhores de tomar hum caranguejo; pelo que deixasse ao Frias fazer seu officio, e que todos ajudassem sua traça, que assim convinha.

Finalmente depois que bem virão, e reconhecerão tudo, dando parte ao Frias do que estava assentado, logo traçou destramente hum sexagono perfeito, capaz de alojar em si toda aquella gente, e se defender com mui pouca, accommodando-se com o terreno, e assim aos 28 do dito se disse Missa; e nella os Padres Capuchos lançárão sorte ao nome da fortaleza, e sahio o Nascimento de Nossa Senhora, e assim se chamou o forte *Santa-Maria*, o qual este dia se começou com todos os soldados, cada companhia seu lanço, e na descarga dos navios andava a gente do mar, e de serviço, quando virão vir correndo á ribeira huma canôa grande com muitos Indios, a qual chegada á terra forão recebidos de Jeronymo d'Albuquerque, e de todos com alegria; porém elles mostrando mui pouca, estavão com tanta turbação, que ao *Principal* lhe tremião quantos ossos tinha descompostamente, e não de frio.

Derão-lhes dadivas, vestidos, e coisas de resgate; mas com o receio de ser esta vinda movida de outra causa mais que de sua vontade: nas perguntas tambem variavão, houve delles que disserão, que na Ilha havia muitos Francezes; outros disserão que já erão idos, e que não havia ninguem: pelo que elles havião vindo a saber, que gente era esta, que havia chegado para serem seus *compadres*: em fim o Capitão-Mór levado de suas imaginações, e credito, que se persuadia ter com todos os Indios do Brazil, em lugar de reter a estes, até saber pontualmente a verdade, os largou pedindo-lhes, que o viessem ver a miude, e que dissessem a seus parentes de sua vinda; e mandou, que com elles fossem dos nossos cinco, para fazerem suas fallas aos da ilha; e em lugar destes, fez que lhe ficassem dois da canôa, filhos de um *Principal* da Ilha, chamado *Birampitanguá*, moços

de boa feição: o mais velho se chamava *Ipecutingá*, o outro *Guiraytapavá*, dos nossos que forão, o Principal se chamava *Mucurapirá*, Indio velho, e de importancia (1).

Nesta obra dos Indios não se quiz metter ninguem; porque o Capitão-Mór não tomasse achaque a dizer, que lhe estorvavão as pazes, que elle tanto assegurava, em fallando com um Indio do Maranhão.

Partida a canôa logo se assentárão as trez peças de artilheria em huma esplanada, que para isso fizerão com seus cestões, em quanto os baluartes, e cortinas da obra se formavão de grossas vigas, assentados sobre grade, e cruzados de per alto com fortes travessas, e logo atè o meio altura de hum.

Estando feita huma trincheira com seu entulho de oito palmos de largo por dentro todo a roda; e cada baluarte duas guaritas no alto da cerca para as sentinellas, de modo que com 12 soldados se vigiava, e escortinava tudo, porém o trabalho era grande, e o terreno mui duro, e secco. A comida sómente agoa, e farinha, porque do mar, nem da terra inda não podião valer-se, e assim cada dia dos soldados de Jeruguaguará morrião, e dos demais adoecião sem nenhum humano remedio, ou consolação alguma.

Andando pois todos occupados nas obras ditas aos 30 de Outubro ao amanhecer, derão os Indios da Ilha em humas Indias, e moços, que desviados do Quartel andavão mariscando, e com terrivel brutalidade despedaçárão quatro moças, e matarão hum Indio, que acaso acudio aos gritos, e captivárão algumas outras Indias, e meninos, os quaes recolhião na canôa, em que havião vindo.

Tocou-se arma, e acudio a gente com tal presteza, que não sómente lhes tirarão o que tomado tinhão; mas pelo valor de hum Principal de nação Tabajar, chamado o *Mandiocapúa* (2), o qual sentindo, que lhe levavão sua mulher, e hum filho captivos, correu com tal ligeireza, que foi forçoso arremetter só a todos os contrarios, dos quaes matando dois, pôz os demais em tal desordem, que quando chegarão os que vinhão com elle assim Portuguezes, como Indios, já tinha rendido a canôa, e preso o Capitão della, e sua mulher, e filho livres, a qual abraçando-se com o ma-

---

(1) Da aldêa *Pirary*. Vide pag. 177.
(2) Da aldêa *Joacocá*. Vide pag. 177.

rido naquella furia, lhe pedio, que não matasse, nem consentisse matarem aquelle Principal, que a defendera a ella, e a seu filho da furia dos outros, o que o marido fez: e depois na prizão, que em ferros derão ao da canôa, esta mulher tinha cuidado de lhe mandar de comer todos os dias: tanto pode hum beneficio feito em sugeito nobre, por barbaro que seja!

Este successo foi causa de que os praticos no sertão do Brazil começárão de murmurar da confiança, que se havia feito da primeira canôa, e dizião que sem dúvida a Ilha estava cheia de Francezes, os quaes havião mandado reconhecer os navios, e gente com a primeira canôa, e sabendo que erão Portuguezes, mandárão logo conforme ao costume, e ritos de suas guerras a segunda canôa, que viesse a quebrar cabeças para se romper todo o signal de paz entre huns, e outros Indios, assegurando-se mais por este meio de seus alliados; e que logo traz este effeito se seguirão os de mais da guerra, sem a qual, e sem se lhes dar huma grande rota, não cuidasse ninguem, que havia de haver pazes.

Isto dizia huma, e muitas vezes o Capitão Simão Nunes Corrêa que fazia o officio de Ajudante de Sargento-Mór de aquella Conquista, homem de experiencia em aquellas guerras do Brazil, e nas de Buapavá, companheiro de Pedro Coelho de Sousa; mas com todas estas coisas, praticas, e discursos em publico, e secreto, o Capitão-Mór sempre esperava pela paz, que lhe havião de trazer os Indios, que havia mandado á Ilha, e quasi desgostava de ver fazer as obras da fortificação, em que o Sargento-Mór do Estado trazia mettido todo o cabedal; mas tudo ao de Albuquerque parecia desnecessario em comparação do que estimava a palavra dos Indios, em que não consentia, que se posessem duvidas: e assim de continuo estava olhando com grande bondade, se vinhão canôas de paz.

Porém o Indio preso, que já via ser-lhe necessario agradar a seus amos revelando segredos, não já que ninguem com força o constrangesse; por que o Capitão-Mór estava de permeio, que era seu Pai, e seu parente de todos, como elle dizia, emfim disse, que na Ilha havia muitos Francezes, e muitos fortes, e muita artilheria de ferro, e de bronze, e muitos navios, em particular huma não muito grande, a qual sabia de certo, que estàva para vir contra aquelles navios, e que

partiria sem duvida em dando lugar o tempo; e que disto dava por signal, que duas embarcações pequenas appareceriāo ao outro dia ao longo da Ilha, e que tinhão os ditos Francezes tomado todos os principaes portos, e occupados com gente de guerra, e que todas as canôas dos Indios de aquellas Comarcas estavão debaixo de sua potencia, de feição que nenhuma se bolia sem particular ordem do seu Major; e que os Indios que havião ido de paz com a primeira canôa, que todos estavão em ferros, e que havião sido apertados com cordeis para dizerem o que se passava entre os Portuguezes.

Ouvidas estas novas, logo tratarão de mandar aviso a Paranambuco por duas vias; começando de arrecear, que antes de muito nem por mar, nem por terra seria possivel fazer-se: e assim se aprestárão Bastião Martins (1) com o seu caravelão, e o Machado com o seu por serem os mais ligeiros, e melhor velejados: em hum se embarcou o Almoxarife Francisco Mendes Roma, e em outro o Capitão Martim Calado mui enfermo para darem conta a Sua Senhoria de tudo o que passava, e solicitarem, e trazerem o conveniente soccorro.

Andando nestas prevenções appareceu ao longo da Ilha huma lancha grande, e após ella outra, e logo dahi a pouco tempo desparárão em terra em duas partes artilheria á vista do forte *Santa-Maria*, do qual tambem responderão largando as bandeiras nas novas estancias; e lá sobre a tarde com a maré veio huma das lanchas a reconhecer os Quartões, e os navios, d'entre os quaes lhe sahio o caravelão do Martins com 20 soldados, e os Francezes se recolherão depressa. Soube-se depois, que vinha dentro com 15 soldados Monsieur du Prat, grande soldado, e pessoa de substancia da Camara do Christianissimo Rey de França.

Este successo foi a 2 de Novembro, de modo que era passado o mez de Outubro, e não se desenganava o de Albuquerque esperando sempre Indios de paz da Ilha, e de lhe não virem todos, dava por escusa terem-lhes os Francezes tomados os portos, e as canôas: com tudo com os principios, que havia visto derão-se pressa ao despacho dos caravelões, e partirão em 5 do dito Novembro, indo-se-lhes fazer guarda até á boca da barra com os outros bem

(1) Sebastião Martins, o piloto de que acima se tratou.

armados, que tornarão ao outro dia depois, que bem guiados os lançárão pela barra fóra.

Neste mesmo tempo a náo grande já se vinha chegando com tóas, por ser contravento, e aos bordos, e estava nas corôas de *Arasanhug* (1), quando os caravelões lhe passarão por balravento coisa de duas leguas, e assim não pôde ninguem fazer-lhes damno, e a náo querendo porfiar a chegar á barra grande do Maranhão para se pôr na Ilha de Santa-Anna, quebrou duas amarras, e perdeu duas ancoras com a furia do temporal, que Deos mandou aquelles dias; e assim á quinta feira se tornarão arribados ao forte S. Luiz.

E este foi hum dos maiores bens, que teve a *Jornada* dado por Deos, a quem se devem as graças destas coisas; não se sabia nenhum no Quartel dos Portuguezes, antes aguardando cada dia a dita náo se fazião prestes, e se trabalhava de noite, e de dia: coisa que se não póde crer de gente tão cansada, e tão mal provida, e que continuamente andavão com as armas nas mãos, e atravessando matos, e rondando os postos das praias, guardando postos, fazendo emboscadas, batendo varedas, reconhecendo pistas, vigiando lanchas, e trabalhando nas obras, e na descarga dos navios, de sorte que não havia sahir de hum trabalho, sem se deixar de entrar em outro: de todos a guarda do mar, e dos navios dava mais cuidado, porque por momentos as lanchas, canôas, e patachos apparecião em diversas partes, e como nenhuma era segura aos novos hospedes de todas se arreceavão, e convinha guardarem-se, de modo que descalços, despidos, rotos do mato, transidos, pállidos, mas mui animosos andavão todos os soldados, e officiaes com huma conformidade grande.

Neste tempo, que foi a 7 do dito, os Francezes para ver se poderião tomar nova lingua, pozerão huma bandeira branca em huma corôa de arêa, que está defronte em meio canal do Forte Santa Maria, a qual em sendo vista do Capitão-mór, mandou logo, que sahisse um caravelão com 20 soldados, e lingua dos Indios, dizendo que sem duvida os da Ilha a nado, ou como havião podido, se havião vindo áquelle lugar para se passarem a est'outra banda; por tanto que levassem huma jangada para os metterem no caravelão.

Foi em effeito a embarcação, e em chegando á corôa, foi a

(1) Talvez *Araçagy*.

jangada até á lingua d'agua, e os Indios pouco a pouco se vierão chegando á falla; hmas de mistura com elles vinhão Francezes com roupões largos, dos quaes vendo que os da jangada não sahião a terra, desenvolvendo as armas, que trazião cobertas, começarão de dar huma carga, á qual se descobrirão de detraz da arêa outros mosqueteiros, que sem duvida tomárão a jangada, se o caravelão com hum barco, e com os mosquetes os não desviára.

Tornado o caravelão ao quartel, ainda Jeronymo de Albuquerque não podia crer, que estas cousas havião de levar outro caminho, que o da paz, que esperava dos Indios; e nesta conformidade aos 10 do dito havendo as sentinellas da emboscada do Muny descoberto huma canôa, se lhe armou de feição, que sós dous, que se lançarão ao mar, escapárão nadando como golfinhos mais de duas leguas; os demais fazendo, que vinhão de paz, quando se virão atalados, e a canôa veio ao quartel, donde o Capitão-mór sahio a recebe-los ao caminho; mas o Sargento-mór do Estado a quem mais doião estas cousas, disse: « Senhor, não sejão estes como os outros, mandem-se pôr a recado, e saibamos o que se passa, que tanta gente, nem tão bem concertada não vem senão a tomar lingua por parte dos Francezes. » A isto lhe respondeo o Capitão-mór publicamente: « Senhor, isto não he guerra de Frandes (1). Vm. me deixe com os Indios por me fazer mercê, que eu sei como me hei de haver com elles, que sei que me vem buscar de paz » ; e assim fallando com elles á parte, lhes deu vestidos, espelhos, e resgate, e despedio a canôa deixando-os ir livremente; mas Deos que via esta innocencia, ordenou que de sua vontade se deixasse ficar hum Indio, que tinha sua mãi, e parentes em Paranambuco, o qual tanto que a canôa se partio, disse ao Padre Frei Manoel: « Vêde como estais, que esta noite vos hão de vir a dar nos navios os Francezes; que para isso mandárão esta canôa a reconhecer como estavão, e tanto que os tomarem, ou queimarem, logo vos hão de vir pôr cerco por mar, e por terra, porque tudo está prestes. »

Ouvido isto o Sargento mór do Estado, por ser já boca da noite, tomou comsigo huma esquadra de soldados, e se foi marchando a se metter nos navios, mandando aviso a seu companheiro do que fazia, o qual acudio logo á praia, e

(1) *Frandes*, i. e., Flandes, na Belgica.

disse ao do Estado, que nos navios não havia para que metter soldados, nem ir lá ninguem; porque não havião vindo alli a defender navios podres, senão a terra, de que estavão de posse. Houve sobre isto vozes de parte a parte, por que o Sargento mór gritava.

« Os nossos navios são hoje os que nos authorizão, assim semnada como estão, e se o inimigo os toma, ou os queima que credito nos fica com os Indios, nem com os Francezes, que andão apalpando nossas forças, e que descarga daremos, Senhor, de os perder sem sangue? » Eu a darei por escrito a Vm. cada vez que m'a pedir, disse o Capitão mór; e não consentindo, que a gente fosse, se retirarão ao forte, mandando avisar a gente dos navios, que estivessem com boa vigia, e que vindo a maré se atoassem á terra todo o possivel.

O Sargento-Mór do Estado com Francisco de Frias, e alguns outros particulares se pozerão com artilheria a ponto, e em vigia aguardando aos inimigos, os quaes no quarto da ante alva com a maré, que crescia, e com o escuro da noite se vierão chegando sem serem sentidos da gente do mar; mas os da artilheria, que os divisavão dando fogo a huma peça tocarão arma, e do mar tocando as trombetas, e dando uma carga investirão os Francezes a seu salvo com os navios, a gente dos quaes, como erão sós os marinheiros, lançando-se ao mar lhes deixarão a presa nas mãos: a artilheria do forte não cessava de jogar dando em huns, e em outros navios; porém não que se fizesse com ella effeito de substancia.

O rumor era grande, as arcabuzadas muitas, até que os Francezes desenganados da pouca força dos navios, e guiados por Monsieur de Pisiau, e Monsieur de Prat, e o Cavalleiro de Raselli, da Ordem de S. João, tomarão a caravela, que estava mais ao mar, e o patacho Francez, e hum barco; os outros trez navios, ou porque já tocavão em secco, ou por mais obrigados da artilheria, escaparão desta envolta, que foi tão mal guiada, com fica dito, na madrugada da quarta-feira, 11 do dito Novembro.

Não se póde contar a soberba, com que o inimigo dalli em diante corria o mar livremente de huma a outra parte dos Quarteis Portuguezes, e como tinha occupado todo o canal com velas, dando tanta inquietação, e tão novos trabalhos aos do forte de Santa Maria, que nem comer,

nem trabalhar deixavão a gente, antes armando as trez embarcações, que tomarão, com ellas vinhão a se metter debaixo da artilheria, tirando as mosquetadas aos que andavão na praia; e os Portuguezes, vendo o successo da levada dos navios, e reconhecendo o perigo, em que estavão sem remedio de soccorro por mar, nem por terra, e o poder das embarcações, artilheria, e gente do inimigo, e o innumeravel numero de Aldeias de Indios, que tinhão até o Pará, e as muitas canôas armadas de 60 e 70 palmos de comprido, e outras munições de guerra, e bastimentos de que estavão providos, já alguns se tomarão em Perejá, e começárão de vêr cumpridas as profecias do Sargento-Mór do Estado.

Os Indios amigos, vendo, que os Francezes havião tomado os navios assim a mãos lavadas andavão tão encolhidos e espantados, que já lançavão novas, e fazião contas, e não parecião ao trabalho como dantes, nem o Capitão-Mór ousava a lhes mandar nada; e foi tanto que chegando-se a elle o Sargento-Mór do Estado seu companheiro, sempre seu amigo, disse: « Será bom, que por terra aventuremos alguns Indios com quatro soldados até a Buapavà, para que dalli ao Siará, e a Paranambuco levem nova ao Governador de como estamos, e que o soccorro, que houver de vir, seja como convém a este novo desengano, porque tenho medo, que se o não fazemos, que venhão alguns barcos da Costa, assim como nós viemos, e que sirvão de refresco aos que guardão a barra, que até agora mui como soldados, vejo que não perderão ponto, nem o perderão até nos consumirem, ou nós a elles; e isto convém, qae seja com toda a brevidade, e segredo. »

O Capitão-Mór respondeu, que lhe parecia mui bem; mas que estava desconfiado dos Indios, aos quaes abrindo o caminho para que hum sò se fosse, que sem duvida se havião de ir todos; pelo que em nenhum modo havia, que fallar no tal aviso. « Pois, Senhor, replicou o Sargento-Mór, se a vossa confiança com os maiores amigos está nesse estado, tratemos que no Perejà, que tão cedo largamos, haja huma guarda para que avise aos nossos barcos quando vierem; pois sem duvida não hão de vir a outra parte senão alli, porque não sabem outra; e se alli houver 20 soldados em hum reducto, podem fazer a paz com os *Teremembés*, que nós não fizemos; e por ella poderemos

ter sujeitos aos nossos Indios, e os da Ilha seus inimigos em tremores ; e se nos vier soccorro de gente, póde metter-se no reducto com os outros, e descarregarem alli o mantimento, e tornarem a despedir as embarcações, e a nós darem-nos avisos por terra, ou com hum soldado de noite em huma jangada : e nisto, Senhor, cuidai, porque por ora não temos melhor remedio, nem que mais nos assegure, salvo o de Deos, porque se perdermos o soccorro, assim como os navios, pouco val o que fica, pois com a morte não damos boa conta do que nos mandarão. »

Em fim ficarão em que se mandaria reconhecer o rio mais vizinho no *Jaguarapim* (1), ou Ilha das *Guayavás*, para vêr se por dentro havia algum canal, que se communicasse com os outros do Perejá.

Em quanto as cabeças andavão dando por estes conselhos, os demais tambem discursavão, e quasi que resolvião : e assim se chegou hum certo ao Sargento Mór do Estado, e disse : « Senhor, isto está de modo, que não temos outro remedio mais que o do mato, e para que não venha tempo, que nem desse valer nos possamos, ha neste quartel quem trata de dar fogo á polvora ; e sei, que se deixa de o fazer, he porque está toda junta, e temem-se que falte para a viagem ; porque neste achaque enterrada a artilheria fundão o poder sahir daqui ; são mais de 70 homens os conjurados ; mas por vos não darem mais desgosto do que tendes, dissimulão, até ver a resolução, que se toma no remedio destas coisa. »

Confessa o dito Sargento Mór, que nunca em sua vida teve tal aperto de sentimento, pois gritar sobre o homem, que lhe fallava em segredo, não podia ; matallo de qualquer modo, era a ruina de tudo ; a respeito dos confederados, descobrillo peior, pois não havia a quem, pois a materia não era para todos ; e assim resolvendo-se com o rosto mais alegre, que pôde, respondeu. « Quando esta polvora se houver de voar, ha de ser mettendo-a debaixo dos pés dos inimigos, e nos nossos depois, se as mãos nos faltarem. V. m. agradeça aos amigos o seu bom zelo, que eu não quero saber quem são, e os assegure, que antes de muito tempo terão em que empregar-se, sem aventurar

(1) *Jaguarapim*. Não se sabe hoje que ponto era este, ou se he outra denominação da ilha das *Goyábas*.

tanto como he a honra; e se acaso isso se me avisa para que ponha na polvora mais cuidado, eu vos asseguro, que quem avoar, que ha de avoar antes della, e amanhã sendo Deos servido, mandaremos a reconhecer algum bom caminho para a communicação de nossos soccorros, com que tudo parará no que desejamos. »

Acabado este colloquio, logo aquella tarde se metteu a polvora entre todo o mantimento, e se lhe dobrarão as guardas sem dizer o porque, mais que por assegurar a farinha, e coisas do armazem, que não estava: acabado isto juntamente se nomeou Melchior Rangel com 60 arquebuzeiros, e 30 frecheiros Indios para ir a reconhecer a Ilha das *Guayavas*, ou *Jaguarapim*(1) para o effeito dito do canal, que desejavão; e porque os inimigos continuavão tanto aquella parte, que davão a entender terem em terra alguma gente, ou solta, ou fortificada,

Deu-se ao mancebo huma mui boa guia, e ao outro dia, que forão 17 de Novembro, partio levando ordem de reconhecer todos aquelles rios, a vêr se se communicavão por dentro com os que havia trazido á Armada, e que se achassem gente na Ilha das *Guyavas*, que a investissem no quarto d'alva encamisados (2), e que do successo bom ao longo da ponta fizessem hum só fogo, e se houvessem mister soccorro, que fizessem muitos, chegando-se para o rio mais visinho ao forte Santa Maria, donde logo acudirião todos.

Dada esta ordem, e despedidos todos, foi coisa maravilhosa, que em todo aquelle dia, e em toda a noite, e grande parte do outro não acertasse esta gente, levando guia, o caminho de quatro legoas, pelas praias já outras vezes andadas delles; e foi que se entrárão no primeiro braço do rio proximo ao Quartel, e querendo atravessar por elle aos outros vasou a maré, e o lodo era tal, que quanto se desviarão da praia, se impossibilitarão a sahir delle: em fim sem poderem ir adiante aos dezoito dias do dito para tomarem ao lojamento tão descompostos, e cheios de trabalho, como se todo o anno houverão andado na vasa.

Disto tomou notavel despeito o Sargento-Mór do Estado, e

---

(1) Vide nota precedente.

(2) *Encamisados*, de *encamisar-se*, i. e., vestir uma camisa sobre as armas para distinguir-se dos inimigos nas surpresas nocturnas que antigamente se fazião, chamadas por isso—*encamisadas*.

assim logo naquelle ponto mandou concertar dois bateis, nomeando dez Soldados para cada hum, e quatro Marinheiros todos com seus mosquetes, e fouces de roçar, machados, pás, e enxadas, e avisou ao Capitão Frias, Engenheiro, que na maré da madrugada se havião de ir a vêr os canaes, e cada hum em seu batel, e que em caso, que necessario fosse havião de abrir a terra de huns a outros para fazer o caminho por dentro, que desenhado tinhão, pois era coisa possivel pela disposição do terreno.

Estando tudo prestes, e elles para se embarcarem naquella reponta da maré do dia 19, andando no quarto d'alva vigiando se andavão no mar as lanchas, virão que tudo estava coalhado de embarcacões de vela, e remos, que vinhão com grande silencio chegando-sa á praia desviados do forte um tiro de falcão por detraz dos mangues: deu-se aviso, e com o novo dia começarão de se mostrar tantas bandeiras, e tanto numero de gente, que a uma grande Cidade podéra dar cuidado, o mais que começárão de saltar em terra com tantas trombetas, caixas, buzinas, e rumor, que não houve mais que fazer, que acudir os do forte Santa Maria, cada qual á sua estancia; e o Capitão Mór Jeronymo de Albuquerque com até oitenta soldados por ver como desembarcavão; se foi na volta do inimigo; mas dizem, que alguns dos que levava comsigo, vendo tanta gente o persuadirão, que sem mais tardar se retirasse; já quando elle vinha, o Sargento-Mór do Estado por ver como se alojava o inimigo, se foi com doze arcabuzeiros, adonde já a vanguarda do inimigo tomava posto, que dizem, que a guiava o Sr. du Prat, e entretanto desembarcava de batalha Monsieur de Pisiau (1), Lugar-Tenente General de aquella empresa, o qual vendo tão adiante seu Companheiro, parecendo-lhe que elle só havia de levar a honra daquella jornada, dizem, que com demasiada louçania se lançou á água, e a seu exemplo muitos dos seus, que foi causa de haver frascos, e bandoleiras molhados, e os Indios das canôas vendo saltar na agoa os Francezes em hum momento cubrirão tudo; e elles vinhão cobertos de pavezes, e rodelas tintos de mil cores, e empennados de seu modo, que parecia estar alli todo o inferno.

Neste tempo com alguns arcabuzeiros, que se chegarão

(1) *Mr. de Pisiau.* Mais adiante lê-se *Pisiaus.*

mais, começou o Sargento-Mór de travar a escaramuça a ver como se punhão, e havendo cahido dous Francezes, e hum soldado dos Portuguezes, parou a obra, e o Sargento-Mór se veio ao forte, a ver o que determinava seu collega, o qual achou com hum oculo de longa vista olhando por huma bombardeira o que os inimigos fazião ; ao qual disse :

« Senhor, não ha já que ver por oculos, que nem os trabalhos hão de diminuir, nem hão de fazer os inimigos menos. »

« Pois que havemos de fazer, Senhor Capitão ? respondeu o de Albuquerque. »

« Valer-nos de Deos e de nossos punhos, disse o Sargento-Mór, que já aqui não ha outro remedio. O inimigo se fortifica, e vio que nos retiramos, e entende que queremos aguardar o sitio, e assim trata de se alojar primeiro, e desembarcar suas coisas, se agora sem dilação formos com toda essa gente por duas partes, sem duvida os desbarataremos, e nos dará Deus hoje hum dia muito formoso ; pelo que Vm. com a metade desta gente branca, e Indios sem se deter, vá pela montanha, e eu com os demais irei pela praia ; e tanto que Vm. chegar aos inimigos faça signal tocando arma os tambores, que até alli hão de ir com muito silencio, e investindo eu por esta banda farei o mesmo, e Deus nos ha de ajudar a todos. »

« Não replicou palavra o Capitão Mór, antes movendo-se logo, mandou dar em pé aos Soldados hum bocado de biscouto, e huma vez de vinho ; e com isto sahirão todos marchando para fóra da cerca sem tocar caixas, e sem bandeiras.

Está diante do forte de Santa Maria hum oiteiro eminente a distancia de hum tiro de falcão, immediato ao mar pela parte do Norte, o qual tem hum rio de agoa doce pelo pé, que pela banda do Sul participa de agoa que bebem os Portuguezes. Neste sitio desembarcou o inimigo de preamar, como está dito, lançando em terra ao pé do monte de 50 canoas mais de dous mil Indios frecheiros da Ilha, e de Tapiterá (1), e com elles 200 Soldados Francezes em duas tropas, como está dito, nos quaes entravão muitos fidalgos de casas conhecidas de França, e dos mais bravos soldados della, com peitos, e ro-

(1) *Tapiterá*. Outros dizem *Tapuytapera*, actualmente a cidade de Alcantara.

dellas d'aço, morriões, e colladas (1); e muitos, e bons mosquetes, alguns de nova invenção, que sendo curtos, tiravão 500 passos aos Indios, além de suas costumadas rodelas, e espadas, arcos, e frechas : trazião cada qual seu feixe de varas atadas a modo de faxina, com que os que vinhão destinados a este effeito em hum momento, como erão tantos, fizerão huma cerca no alto do monte, a qual se guarneceu de mosqueteiros á ordem de Mr. de la Fos Benart, com mais 400 Indios Topinambás, com o lingoa Turcou, aos quaes deu ordem Mr. de Pisiau, que ainda que sentissem tocar arma, e revolver-se tudo, que não largassem o posto, antes mais cada vez o fortificassem, cerrando-se nelle.

Logo mais abaixo desta corôa, ou cerca fizerão outra ajudando-se do sitio, e do mato, a qual como barbacan da outra lhe dava resguardo, por ser levantada duas braças do terreno da praia. Esta barbacan com soldados Francezes, e Indios se deu a cargo de Mr. de Canonvilha, soldado velho, e de muito nome, assegurando o monte nesta forma :

Atulharão todo o espaço de terra, que havia entre a maré, e o monte com sete trincheiras de pedra em sosso (2) altas, e grossas, que fazião rosto ao forte Santa Maria, e á estas se retirarão os Francezes, quando a escaramuça do Sargento-mór porque estavão guarnecidas da sua melhor gente, até donde batia o mar com suas sentinellas ; e as canôas todas estavão abicadas ao pé da montanha, e cobertas das ditas trincheiras, e todos os mais Indios occupavão tudo o que o mar vasava, guarnecendo a ilharga das trincheiras ; em todos os navios daquelle campo serião mil e quinhentos frecheiros, que todos fazendo os seus motins, e momos se vinhão chegando para a praia do forte *Santa Maria*, que era a parte sómente, donde temer se podião.

O Capitão-Geral, Monsieur de la Ravardiere estava no mar com outros 200 soldados Francezes, á ordem do Cavalheiro de Raseli da Ordem de S. João, e do Capitão Mathieu Malharte, que com outros 100 frecheiros de Comat (3), havião de sahir com a artilheria em se assegurando o sitio.

Já havia marchado o Capitão-Mór por huma vereda secreta

---

(1) *Collada*, i. e., garganta larga entre outeiros e serras. Mas as *colladas* de que aqui se trata erão guarnições de aço para defender a garganta dos guerreiros.
(2) *Pedra em sosso*, ou em *sossa*, i. e., solta, sem cal, nem outro liame.
(3) *Comat*, i. e., *Cumà* o nome do territorio onde se acha a villa de Guimarães.

da montanha com 75 soldados Portuguezes, gente escolhida, que levavão em suas companhias o Capitão Manoel de Sousa d'Eça, e Francisco de Frias, aos quaes tocou ir por esta parte.

Levava mais 80 frecheirosPortuguezes, gente velha, e destra nas occasiões, e guerras do Brazil, e o Sargento-Mór do Estado já estava pegado aos inimigos com só Antonio d'Albuquerque, filho do Capitão-Mór, moço de 20 annos, que aquelle dia quiz seu Pai, que fosse com a sua companhia pela praia com o Sargento-Mór, a quem o encommendou: com esta companhia, e com o resto dos Indios, em que entrava o *Mandiocapúa* com os *Tabajáras*, se foi mel horando ode Campos coberto com um pouco de mato por não mostrar a gente ao inimigo; mas os soldados, que vião o que tinhão diante, movião-se mui tibiamente, querendo antes estar-se ao socairo do forte *Santa-Maria*: e nisto se houverão de modo não obedecendo aos Sargentos, que o do Estado, virando-se a elles com uma pistola na mão disse:

« Não me persuado, que tão valentes homens duvidem de vencer aquelles inimigos, e mais quando hontem no Perejá vos amotinastes por chegar a este ponto, no qual se agora houver algum infame, ou covarde, o que não cuido, e como tal torcer o rosto, cuide, que me tem aqui para seu verdugo: fazei, Senhores, e irmãos, o que me virdes fazer, advertindo, que a minha vida, e a vossa está na morte de aquelles que logo hão de fugir, se hum pouco lhes temos a barba tesa á sua primeira furia. »

Dizendo isto virou-se ao Capitão Madeira, valente soldado, e Capitão dos Indios todos, e disse-lhe:

« Mettei-vos, Senhor, com toda essa gente detraz daquellas embarcações nossas, que já estão em secco, e não arremettais se não depois que me virdes, que vou investindo, e então cerrai com os Indios da praia, que guardão a ilharga das trincheiras, e fazei como costumastes sempre. »

E dando esta ordem, disse ao Alferes Diogo da Costa. soldado velho, e de honra, natural das Ilhas: « V. m, se vá voando ao forte, e diga ao Capitão Gregorio Fragozo, que com toda a sua companhia venha logo marchando pouco a pouco sem bandeira, e sem tocar caixa, e se ponha na retaguarda dos nossos Indios, e tanto que nos vir arremetter, entre pela praia de soccorro com a sua arcabuzaria, para que os nossos Indios o sintão nas espaldas, e o inimigo

se descomponha pela ilharga. » Ordenado assim o que convinha aguardando o sinal dos da montanha, saltou em terra de huma canôa hum Trombeta com as Armas Reaes de França bem concertado, e tocando, e chamando, se veio até que hum tambor dos Portuguezes com ordem do Sargento-Mór do Estado o foi recolher, e vindo á sua presença lhe deu huma Carta em Francez do seu General, ao qual em quanto se via, lhe mandou o Sargento-Mór tapar os olhos ao Trombeta, e pôr boa guarda, e lendo a Carta para si sómente vio, que dizia assim:

« Ao Senhor Jeronymo de Albuquerque.

« Senhor de Albuquerque, o vosso atrevimento he incomparavel vindo accommetter em minha pessoa ao maior Monarcha da Christandade, com seu povo, e Reino, do qual eu tomei posse por Sua Magestade, com meus companheiros a perto de trez annos, tendo Commissões, e Letras patentes do meu Rey para este effeito, e tendo tambem para este effeito vinte Capuchinhos guarnecidos de mui boas Missões do Pará.

« Por tanto eu te peço, ó Albuquerque, donde está a justiça da tua causa; e se Deos te quer ajudar, vindo sem algum direito a turbar. nossos limites, e a transtornar por hum tempo os bons effeitos, que aqui se fazem em todas as coisas; eu não deixo de rogar á Deos, que te não mande o castigo, que tu mereces turbando-te em tal sorte o espirito, que tu não acceites a graça, que como Christão, e como Nobre eu te quero fazer por duas razões principaes; a primeira por teu coraje de haver ousado vir dentro aos limites Francezes accommettendo hum numero de bravos Fidalgos, onde eu sou o menor, e incapaz da honra, que tenho de os mandar: a outra razão mais forte he a prevenção, que faço á perda do sangue Christão, que não posso estorvar, se não guardares as condições seguintes, assim como o desejão todos os meus; porque tenho hum numero infinito de salvagens, que não desejão mais, que de te abocanhar a ti, e ás tuas gentes, e de executar em ti, e nos teus todas as sortes de carnicerias, gozando dellas, e de outras mortes: e com tudo eu por desviar estas inevitaveis maloras (1), porque as não

(1) Traducção de *malheurs*.

desejo ; olha, se te queres render por meu prisioneiro de guerra com todos os teus Fidalgos, e soldados, e salvagens, porque fazendo-o, te prometto sobre minha honra, e a elles todos de vos fazer todas as cortezias em vossas pessoas, que podereis desejar de hum verdadeiro Christão, e Fidalgo Francez ; e não querendo tu acceitar este favor, dando-me a pena de pôr os pés em terra, e de te plantar a bateria das minhas peças, não tens que esperar de mim nada mais, que o que as Leis da nossa arte promettem : assim que pois não és ignorante, e tens as qualidades, que eu hei visto em teus passaportes, não confies no soccorro, antes assegura a vida tua, e dos teus, que está hoje posta no vento, e mais quando tu vês o estado em que estou para lhes romper a cabeça, antes que vejão o teu forte, e antes que venhão a mim, tem que fazer com huma náo de 400 toneladas, que tenho na entrada da barra com hum seu patacho, assim que eu te concedo termo de quatro horas para receber a lei de teu bemfeitor, e servidor, se fizeres para teu bem o que te digo acima.

Ravardiere. »

« Se desejas de me mandar hum de teus Cavalleiros, póde vir seguramente ; porque te dou minha fé, e palavra de t'o tornar a mandar, em fallando com elle ; e porque não ignores tu, e os teus o estado em que estou, e vós vos achais. Ahi vos mando parte das cartas, que elles escrevião pelos navios tomados por meus companheiros. No campo Francez diante do forte S. Simão dos Portuguezes no Maranhão a 19 de Novembro de 1614. »

Havia passado a palavra ao Capitão-Mór da vinda do Trombeta ; o qual para mais não era vindo, que para reconhecer, e empachar os Portuguezes em quanto os Francezes se fortificavão, e espantar com aquellas palavras aos que sabião pouco : emfim o dito Capitão-Mór fez alto sonido já ao pé do monte da outra banda de Leste, e para saber a novidade, mandou hum Alferes a informar-se ; mas o Sargento-Mór do Estado, a resposta que deu foi metter a Carta no uco do chapéo, e ao Alferes por nome Manoel Vaz de Oliveira disse : « Diga ao Capitão-Mòr, que a Carta vem em Francez, e que sua mercê a não ha de poder ler ; mas que lhe aviso, se não quer ser captivo dos Francezes, que arremetta logo, como está assentado ;

porque aqui estamos prestes para fazer o mesmo: e que pedem, que nos rendamos a Sua Mercê dentro de quatro horas, se não que seremos postos ao cutelo. » Foi o Alferes voando com este recado, o qual tanto que o Capitão-Mór o ouvio, arremetteu como mui esforçado Cavalleiro, e ao signal o Sargento-Mór dando por nome: *Virgem de Guadalupe*, e gritando *Sant-Iago* cerrou com as trincheiras da praia, e apôz elle arremetteu o Madeira com os Indios amigos, que não chegavão a cem homens: o soccorro com o Capitão Gregorio Fragoso entrou assim como lhe estava ordenado, dando a carga pela banda do mar.

Já neste tempo a gente estava abarbada com a primeira trincheira, donde os mortos, que cahião de huma, e de outra parte fazião duvidoso espectaculo: mas a virtude do soffrimento nos Portuguezes foi grande, pois sem torcerem o rosto, sempre levados do exemplo, e vozes do Sargento-Mór, apertarão tanto, que ganharão a primeira trincheira, e isto a tempo, que os Indios do inimigo, que erão em multidão grande, como nelles se não perdia hum tiro, e a gente Portugueza os hia entrando, virarão as costas a tempo, que o Capitão-Mór já chegava á praia, e o Sargento-Mór gritava: *Victoria, que fogem.*

Com tudo os Francezes pelejando galhardamente, ainda que com pouca fortuna, entretinhão o impeto de huma, e de outra parte, até que de todo vendo desamparada a sua ilharga dos seus selvagens, e occupada dos Portuguezes, que derramados destramente lhe fazião o officio, e que os seus Indios occupavão o lugar da retirada; tomando a carga começarão juntos de tropel de caminhar, para se valer dos navios,porém forão dar com o Capitão-Mór, que como dito he, vinha sahindo do mato, e arremettendo quasi só. Porque os seus, ou porque elle se adiantasse, ou porque elles marchassem menos, chegarão descompostos, mas mui valerosos, e honrados, e como taes, ainda que o Capitão-Mór esteve em perigo, logo foi soccorrido de huns, e de outros, e nesta envolta foi morto Monsieur de Pisiau, Lugar Tenente-General, Fidalgo Catholico, e de tantas partes, que sempre será chorado dos seus.

Era primo com irmão da Princeza de Condé, o qual vendo cahido seu companheiro Monsieur Duprat, e tudo em rota com mais pressa, do que a barafunda dava lugar, se retirou, e escapou a nado com a espada no boca. Todos

os demais Fidalgos Francezes elegêrão antes morrer pelejando junto do seu General, e assim quanto mais em Francez o Sargento Mór do Estado lhes gritava, que se rendessem, tanto mais se defendião. Pelo que em menos de huma hora, que durou a força da batalha, ficou todo o campo coalhado de mortos Francezes, e Indios.

Monsieur de la Ravardière, vendo do mar o que se passava, mandou na furia do conflicto aos navios mais ligeiros, que se apresentassem á fortaleza para divertir o damno, que á d'outro modo remediar não podião; mas o Capitão Manoel de Brito Freire, que com o Alferes Diogo da Costa com quasi trinta Soldados Marinheiros, e doentes fizerão tão bem seu officio com a artilheria, que desviárão de si este perigo, dando a entender differente força da que havia, de modo que no mar, e na terra, e no monte, e na praia tudo erão bombardadas, cutiladas, e arcabusadas, com tanto fervor, qual no Estado do Brazil já mais foi visto, nem que tanto se aventurasse como este dia: no qual para mais espantosa tragedia dos Francezes, mandou o Sargento Mòr do Estado dar fogo a todas as canoas, que estavão varadas em terra, que erão quarenta e seis com todo o seu maçame, remos, em que havia algumas de setenta e cinco palmos de comprido, que vogavão vinte cinco remos por banda, o que se fez por tirar o pensamento aos fugidos de se salvarem nellas, e por quebrar o animo aos alliados dos Francezes, que nisto perderão seu regalo e remedio, e mostrar aos do mar sua Armada feita cinzas, e aos da terra, que todavia se fortificavão na montanha, que não tinhão, que esperar soccorro pois as canoas ardião.

O Capitão-Mór Jeronymo de Albuquerque tanto que vio o bom successo da rota, em que como está dito, pelejou como quem era, foi-se ao Forte a descançar do trabalho passado, deixando que a seu alvedrio cada qual despojasse, e saqueasse tudo o que achasse de mantimentos, e munições, e armas, de que estava o campo coberto; mas o Sargento Mór do Estado, que trazia outro pensamento, tinha sempre junta, e firme huma tropa de sessenta Soldados, e todos os Officiaes comsigo, sem consentir, que se desviassem hum ponto, até ver o inimigo de todo roto, e a montanha desoccupada; e assim cada momento provia com esquadras de refresco, para que sem parar lhes tivessem a escaramuça em tezo aos Capitães Francezes: a

saber, a Monsieur de la Fos Benart, que como está dito guardava o monte, e ali se defendia valerosamente, e a Monsieur de Canonvilla (1), que se havia ajuntado com elle, tanto que vio a rota: e era de temer, que se o negocio se esfriava, que se podia mudar a fortuna, e mais se os do mar entendião, que a sua gente estava fortificada.

Pelo que o Sargento Mór do Estado buscando seu companheiro o Capitão Mór, lhe foi dito, como estava na cerca em sua casa, e assim se foi a o buscar deixando com a gente o Capitão Frias, e chegando aonde estava Jeronymo Albuquerque lhe disse: « Meu Senhor, não temos feito nada, se logo nos não tornamos a ajuntar, e vamos desfazer a cerca da montanha, donde os inimigos que fugirão estão recolhidos, e bem sabeis, Senhor, que se falta qualquer de nós do campo, que ametade dos Soldados hão de desapparecer. »

O Capitão Mór com muita vontade tornou a tomar as suas armas, e levando seu filho comsigo se tornárão á praia, donde repartidos sem que houvesse Indios, que levar de ajuda, porque todos andavão encarniçados em quebrar cabeças, e despir os mortos, se foi o Capitão Mór por huma banda, e o Sargento Mór ficou na da praia, e pelo mato cerrado chegando-se bem á cerca, houve huma contenda mui desigual; porque os Portuguezes a coronha rasa descubertos querião ás mãos desfazer tudo, e se mettião nas bocas dos mosquetes inimigos, tanto que com o fogo lhes queimavão o fato, e os derrubavão, como fizerão a hum sobrinho do Sargento Mór do Estado chamado Luiz de Guevára, que de duas arcabuzadas cahio em terra morto pegado nos páos da cerca, e Antonio Grisante moço nobre, que á porfia se arremeçou da banda de dentro, tambem ficou morto de mil feridas: logo ferirão a Antonio de Albuquerque filho do Capitão Mór, e ao seu Alferes Christovão Vaz, e outros soldados, e nesta pressa e bateria mais atrevida, do que dizer-se póde, derão huma mosquetada ao Turcou (2), *Lingoa Mór* dos Indios, que estavão na cerca, os quaes tanto que o virão ferido, e alguns delles mortos, não havendo quem os exhortasse a estar firmes, e havendo a polvora faltado já aos Francezes, e Monsieur de la Fos Benart tendo huma arcabuzada em hum braço, começárão os Indios, ao seu modo,

(1) *Canonvilla.* Canonville.
(2) Este interprete dos Francezes, tinha por companheiro outro por nome — *Minguão.*

de bater as palmas, e dando atravez com o canto contrario da cerca, se lançárão fugindo pela montanha abaixo, levando traz si as arvores, como se fôra algum caudal de rio, porque erão mais de 600 homens.

Os Francezes havendo feito seu dever, como mui bons soldados se misturarão com os indios de Tatuasu (1), que era o *Principal* daquella tropa, e com o Caranguejo Branco (2) outro *Principal* da Ilha, e assim se salvarão pela espessura do mato. O Sargento-môr tanto que vio arrebentar aquella gente, poz o joelho no chão, e disse aos companheiros, « Demos graças a Deos, que nos ha dado inteira victoria.»

E logo recolhendo-se a gente, não quiz consentir, que mais se desmandassem pelo bosque, antes mandando tocar a recolher se veio marchando para o Forte *Santa Maria*, jà quasi noite, havendo-se recolhido todos os mortos Portuguezes, e feridos.

O Capitão-mór jà tinha feito outro tanto, sentido porém das feridas do filho. Sepultàrão-se aquella noite, e ao outro dia os mortos, que em todos forão onze, e tratou-se de acudir aos feridos, que erão muitos, e no Quartel, a Deos louvores! não havia Cirurgião, nem mezinha alguma, que hum pobre moço, que ainda que soubesse atar huma ferida, não tinha cousa, que lhe pôr mais, que azeite commum, ou de copaiva (3), e pannos d'agoa com empsalmo (4), que para tão terriveis feridas, como alguns tinhão, era cousa lastimosa: e por que he bem saberem-se os nomes dos que honradamente servindo a Deos, e à Sua Magestade, morrêrão nesta batalha, e fôrão feridos: os mortos são os seguintes:

Luiz de Guevára, natural de Tangere, filho de Gonçalo de Guevára, Cavalleiro da Ordem de Christo.
Antonio Grisante, homem nobre, natural de Braga.
Francisco de Bessa, Castelhano.
João da Mata, natural do Brazil.
Pedro Alvares, de Viana.
Amaro do Couto, natural de Lisboa.
Bartholomeu Ramires, natural das Ilhas.
Manoel de Loureiro, natural de Abrantes.

---

(1) Melhor—*Tatú-assú*.
(2) Traducção da palavra—*Uçátinga* da lingua *Tupy* ou geral.
(3) *Copahyba* ou *Copahuba*.
(4) *Empsalmo*, i. e., *ensalmo*: oração supersticiosa para curar, composta de palavras tiradas dos Salmos. Provavelmente o ensalmo seria aqui outra cousa.

Matheus Gonçalves, natural de Mondego.

Domingos Corrêa, natural da Ilha Graciosa. Mestre de hum caravelão da *Jornada*.

Os feridos na batalha:

O Capitão Antonio de Albuquerque.

O seu Alferes Christovão Vaz.

O Alferes Estevão de Campos, sobrinho do Sargento-mór do Estado.

Pedro Bastardo.

Domingos Martins.

Encenso Fernandes (1).

João de Oliveira.

O Sargento Rodovalho, que se assinalou muito.

Francisco Páes.

João de Mendiola, Castelhano,

Manoel Lopes.

Gonçalo de Souza.

Bartholomeu Carrasco.

Francisco de Velasco, Castelhano.

Braz Mendes.

Jorge da Costa.

Roque de Mesquita.

Melchior Rangel.

Do inmigo se contarão mortos no campo cento e quinze Francezes, entre os quaes os Fidalgos, e principaes de nome são os seguintes:

Mons. de Pisiaus (2), do Delfinado, Tenente-General desta Empreza.

Mons. de Longueville, de Paris.

Mons. de Chavanne, primo-irmão de Mons. de la Ravardiere, natural de Xavanha.

Mons. de S. Gil, de Normandia.

Mons. de Hautnouesa, Normando.

Mons. de Rochefarte, Normando.

Mons. de la Hey, Normando.

Mons. de la Benuviera, Normando.

Mons. de S. Vicente, Normando.

Mons. de Batallà, Normando.

Mons. de la Praeria (3), Normando.

---

(1) Provavelmente Innocencio Fernandes.
(2) Vide nota á pag. 206.
(3) *Praeria*. Provavelmente *Prairie*.

Mons. de Magnihi, Borgonhão.
Mons de Fossé, Picardo.
Mons. Vanet, Astrologo de la Franqua.
Mons. de la Roche,Limosine Conte,
Mons. de Sablon, primo de Mons. de la Roche Depuis, Normando.
O Sargento la Verdura.
O Sargento Bixot, da Companhia de Mons. Du Prat.
Mons. do Sauvensi, Bolonhez.
Mons. d' Ambreville, Borgonhão,
Mons. de la Ruelle, Secretario do Condestavel.
Mons. de la Crux, de Paris de França.
Mons. Margot.
Mons. de Basserua, de Paris.
Mons. Chateau, de Paris.
Mons. de Bachiler, de Paris.
Seu Irmão le Balchiler, de Paris.
Vicente Grande, Mestre de Navios.
Mons. Bridu, natural de Dieppa, famoso.
Hum Lingua dos Indios chamado o Minguão.
Mons. Gatignat, de Paris.
Mons. Des Marais, de Ruão.

A fóra estas pessoas particulares, que aqui morrerão, dizem, que com os affogados, e perdidos chegarão a 150 , mas os que se contárão no campo, como dito he, fôrão 115, a fóra os prezos, que forão nove.

Aquella noite depois da batalha não consentirão, que da Fortaleza sahissem Soldados fóra, tanto por dar aos inimigos ponte de prata, como porque na verdade a gente estava tal, e havia tanto em que entender com feridos, e mortos, e com vivos mortos de fome, e juntamente tendo a armada á vista, na qual os prezos dizião, que havia mais de 200 Soldados, e que estava grande soccorro de Indios para vir ao outro dia ; os quaes vinhão da terra firme de Comat.

Tambem os Indios da Ilha, que como está dito, fugirão aos primeiros encontros, e assim os da montanha, era de crer, que não devião de estar mui longe, e que vendo as canoas dos amigos, que se poderião animar, e refazer com ellas, e mais se tinhão em sua companhia alguns Francezes, os quaes avisando a Monsieur de la Ravardière poderião fazer, que outra vez se tentasse a fortuna, e mais quando os ditos Francezes tinhão as suas forças do mar inteiras, e

os Portuguezes nem hum batel para seu serviço, que tudo estava varado e tiradas as taboas, e rombas; porque das embarcações que havião ficado, se não valesse ninguem até que o tempo mostrasse melhor o rosto.

Todavia aquella noite houve grande vigia, e guardas dobles, a causa de que em toda ella sempre se sentio rumor de gente, assim nos matos visinhos, como na baixamar da praia, na qual se fuzilava ás vezes por signal dos que pedião favor aos navios.

Nesta noite se veio a render á Fortaleza hum Indio, Principal dos da Ilha, que declarou o grande medo, que havia em todos os fugidos, e escapados da batalha, e a grande tristeza, que havia pelos mortos, e perda de armas, e canoas.

Tudo isto mais se certificou em sendo de dia; porque em toda Armada não havia bandeira alguma, e arvorada a Capitania tinha abatida, e desarvorada a sua Real, e a do mastro grande; nem se tocou trombeta, nem caixa na alvorada, nem se disparou arma de fogo, tudo pela morte do Tenente General de Pisiau, e pelos demais parentes, e amigos do Senhor de la Ravardière, o qual aquelle dia, nem o outro fallou a ninguem, encerrado em seu camarote, como homem pouco costumado a ser vencido.

Estas coisas ainda que se vião, e entendião no Forte Santa Maria, não erão tão solemnisadas exteriormente, porque todavia se vião com o porto tomado como dantes, e sabião de raiz, quaes erão as forças do inimigo, e quam poderosos em gente, navios, e artilharia, e o pouco poder, que de presente havia para acabar de consumir tudo isto.

Sómente entre os Indios havia ao seu modo bailos, e cân tos toda a noite, e as mulheres apregoando pelo Quartel andavão cantando das proezas de seus maridos, publicando os nomes dos homens de guerra, que havião tomado nos contrarios, quebrando-lhe as cabeças, cerimonia notavel, e de muita graça pelo fervor, com que as mulheres Indias de aquellas partes dão a execução este rito.

Estando pois huns, e outros desta sorte; apparecêrão pelas sete horas da manhã do dia 20 de Novembro 16 canoas grandes, que huma tras outra em largo gyro, vinhão chegando-se à terra, e á Armada, as quaes trazião de soccorro da terra firme de Comat 600, para 700 Indios Tupinambás, e vi-

nhão á assentar o quartel da banda do rio Mum(1), para que os Portuguezes perdessem a esperança de remedio de nenhuma parte.

Tanto que apparecêrão as canoas logo o Sargento-Mór do Estado lançou fóra cem arcabuzeiros com o Capitão Manoel de Souza d'Eça : os quaes marchando á vista da Armada pela baixamar fôrão a pôr-se adonde as canoas apontavão, e os Indios amigos ao longo do mato fôrão sempre reconhecendo o bosque, até ao mesmo posto, donde aguardavão o que fazião as canoas ; as quaes tomando terra da outra banda do rio; fôrão advertidos dos Indios, que lá andavão (buscando em que salvar-se), e assim tanto que tiverão noticia do estrago passado, e virão que já os Portuguezes da outra parte do rio esperavão pela baixamar para se verem com elles, não lhes parecendo bem provar-se com gente que antes delles chegar já os buscava, embarcando depressa os escapados, que á boamente levar poderão, se tornarão na volta de suas terras sem fallarem á Armada, nem ao Principal da Ilha, que nella estava com o General Ravardière chamado o *Brazil*, nem lhes darem a obediencia, ainda que da Capitania lhes tirarão huma peça, e os foi chamar huma lancha.

Com este successo se recolherão os Portuguezes, vindo de caminho ás cercas do inimigo, queimando-as, e desbaratando-as de todo, e desmanchando as trincheiras da praia, mandando juntamente dar sepultura a todos os mortos, Francezes, e Tupinambás, em que todos os escravos, e gente do serviço gastarão todo o dia ; e assim acabarão de saquear-se os Quarteis, em que houve muita farinha, e legumes, e muitas redes de dormir, e grande cópia de armas, arcabuzes mosquetes, pistolas, peitos, rodelas, morriões, e celadas(2), infinitos arcos, e frechas, pavezes, e rodelas dos Indios, alguma polvora em cabaços, murrão, pelouros. Tambem este dia se tomou huma India moça, a qual havia vindo á guerra com seu marido, o qual ao tempo de fugir a deixou, esquecendo-se dos amores ; mas ella teve tanta astucia, que disse aos que a acharão que era Tapuia,escrava de hum Principal da ilha, para que assim a captivassem, e a não matassem ; como succedeu, que sendo levada por escrava de huns Ta-

(1) *Rio Mum.* He naturalmente o rio *Muny* ou *Munim.*
(2) *Celadas*, i. e., armaduras ferrêas da cabeça.

bajares, que a tomarão, passada a furia, disse quem era, e foi restituida a seu marido dahi a poucos dias.

Passadas estas cousas, a 21 do dito mandou o inimigo hum Indio dos que lá tinha da primeira canoa, quando forão de paz á Ilha, e lhe deu huma Carta em Francez, cerrada para que désse aos seus Portuguezes: a qual traduzida dizia assim:

« Senhor d'Albuquerque, eu te mando esta para saber a verdade da guerra, que fazes, e queres fazer aos meus; porque até aqui não quiz praticar-te nada de aquillo, que toca á nossa arte.

« Porque tu quebras todas as Leis praticadas, em todas as guerras assim Christãs, como Turquesquas, ou seja em crueldade, ou seja na liberdade das seguridades, que os homens tomão huns com os outros para seus parlamentos; e tu retendo os Trombetas, que te mandão pessoas livres, pelo meio de todos os inimigos fazes, que em ti vejamos, e pratiquemos Leis novas em nossos officios.

« Pelo que tu nunca terás jámais para com pessoas de merecimento, nem farás mais, que abocanhar a carne Christã; mas a Justiça Divina te castigará como tu mereces, e me dará graça, que tu, e os teus proveis a cortezia Franceza, cahindo nas minhas mãos, a qual eu te prometto em vingança de tuas crueldades, que eu poderei executar sobre ti, e sobre os teus, que cá tenho no Forte de S. Luiz sendo doze salvagens, a que faço melhor tratamento, que posso.

« Por tanto não te ensoberbeças havendo espantado huns poucos de salvagens, os quaes te deixárão nas mãos alguns oitenta homens dos meus Francezes, governados pelo meu Tenente mancebo, e bravo Capitão, e experimentado na guerra, se jamais o houve, que foi morto na primeira occasião em que aqui se achou.

« Tambem havia outro bravo, e experimentado na guerra chamado *Mons. du Prat*, o qual me veio achar depois da defensa, que fez fazer aos Francezes, e Salvagens, de que não tirassem em modo algum do mundo em quanto durava o parlamento, e esta foi a causa, que tu a tão bom preço os tomaste com toda a Lei de Guerra, violando tudo o que nella se pratíca.

« O Senhor du Prat virou o rosto álarma, e vendo a desordem se pôz a resistir, e vendo o atrevimento dos teus, e sua audacia acompanhou os seus pelejando até que te vio

senhor do campo, e depois se salvou, e está com saude, donde me assistirá bravamente a tomar razão de teus crueis effeitos.

« Tu tens somente a honra de ficar com a praça, a qual eu espero haver bem cedo porque ainda me ficou assaz gente de bem para executar meu desenho, sem ter necessidades daquelles, que mandei ao Pará, os quaes espero cada dia, e outros muitos de França; e assim esperarei tambem tua resposta, sobre o que acima te digo, a qual me pódes mandar sobre minha fé, e palavra, que eu nunca jámais quebrei, nem o farei.

« Porque tenho vinte e cinco annos de Governador de gentes, pelo que se te mostrares Christão, faze boa guerra aos meus, e manda-me o meu Trombeta, se não queres, que á tua vista te faça enforcar em 54 horas todos os teus assim Portuguezes, como Salvagens.

« Este teu mortal inimigo. *Ravardiere.*

« Diante do Forte S. Simão aos 21 de Novembro 1614. »

Lida e declarada esta Carta pelo Capitão, e Sargento Mór do Estado, pareceu, que respondesse a ella, mostrando aos Francezes a pouca razão, e pratica de guerra, que tinhão, e assim lhe se escreveu a seguinte em nome do Capitão Mór, e por elle assignada:

« Senhor Ravardiére.— El-Rey Catholico de Hespanha nosso Senhor me mandou a este Rio Maranhão com o Capitão, e Sargento Mór de todo este Estado do Brazil Diogo de Campos meu Collega, e muitos homens Nobres, Fidalgos, e Cavalleiros de diversas gerações de Portugal, de que realmente eu tenho muita honra, e tanto me fio de sua companhia, qne tenho dois filhos comigo nesta empreza, na qual nunca me persuadi, que tinha parte o Christianissimo Rey de França, nem os Francezes Nobres, que se me nomeão.

« Pois he de crer, que sendo o meu Rey Imperador deste novo mundo ha mais de cento e doze annos, que não dará parte delle a outro Principe, e se lha der, que lha não tornará a tirar: pelo que sobre o titulo de nossa vinda não ha que disputar, que se os Reys o hão de averiguar, mal faz quem faz a guerra, e se as armas, escusadas são palavras.

« Por averiguar dúvidas, e saber quem estava nessa Ilha, mandei os dias passados os meus Indios com paz

á mesma Ilha, e tomarão-mos os Francezes, della vierão outros a buscar-me com engano, dissimulei, e mandei-os livres: depois disto vierão os Francezes de Itapary a esta corôa de arêa, que me jaz defronte, e pozerão bandeira branca de paz, a que logo acudi com hum barco, em que hia hum filho meu, e hum Capitão da Caza Rangel para vêr sua falla: vierão com armas cubertas os Francezes, e tanto que entendêrão poder danar aos meus, lhes tirárão cruelmente muitos golpes de arcabuz, e mosquete.

« Eis-aqui, Senhor Ravardière, quem por trez vezes rompeu, e violou a lei das gentes, e do primor da guerra, e que se fez incapaz de fidelsdade: passadas estas coisas vierão os Francezes a tomar dois pobres cascos de navios desarmados a meus pobres marinheiros, os quaas estavão á boa fé no mar d'El-Rey nosso Senhor sem fazerem mal a pessoa, e foi a interpreza a honras, e termos pouco valentes, em fim ficàmos lastimados de tanta ousadia, e má vizinhança.

« Passado isto, Senhor Ravardière, vierão os Francezes em número grande com todas as forças do Estado dos Indios destas Comarcas enganados para nos comerem, e tirarem a vida á fome, e sede, e ao cutelo, e andando-nos apercebendo para nossa defeza, mandárão hum Trombeta não sei de quem, o qual queria que dentro em quatro horas nos rendessemos; e em quanto fallava com meu companheiro Diogo de Campos, e a gente Franceza desembarcava, e os Salvagens se chegavão, os Francezes astuciosamente se fortificavão: sendo assim, que que cada crime destes he intoleravel.

« Pelo que, seguindo-se o effeito pela nossa parte, começando, a Deos graças, o Trombeta ficou salvo, e a vosso serviço, e vos dou palavra de o mandar quando fôr tempo por minha cortezia, e vossa boa tenção; não pelo merecimento da causa, que já vai declarado para diante dos que da nossa arte mais entenderem.

« Do sangue, que se derramou de Francezes, e Portuguezes, Deos he testemunha; que não tenho eu a culpa, a quem a tiver elle dará a pena.

« Por tanto se os meus, que lá estão, enforcardes, mal fareis aos vossos, que cá tenho, que são nove com

o Trombeta, e hum vosso Tambor, mas *il serà, comme vous plairá.*

« Todos os mortos Francezes fiz enterrar como pude, não como merecem, se delles algum he necessario, ou os ossos pódem livremente vir por elle, sem nenhum interesse : a muitos salvei a vida, mas os Salvagens, que vem comigo, confesso, que são mais crueis, que os vossos, não para comerem carne humana, e assim he fabula, que faltou perna, nem braço a nenhum Francez, e isto sobre minha honra, antes a hum Soldado meu valeroso de casaca grisante, que morreu peleijando dentro já na cerca, os vossos Tapuias, ou Salvagens lhe cortárão hum braço, e sem elle foi á terra ; nem me maravilhei disso ; porque sou velho, e ha muitos annos, que ando nestas coisas, e por derradeiro sei, que será o que Deos quizer.

« Dada no Forte Santa Maria no Rio Maranhão, a 21 de Novembro 1614.—*Jeronymo d'Albuquerque.* »

« Andava fóra á caça, por tanto não mandei a resposta mais cedo : as cartas dos meus vi, fallão verdade ; mas póde alguem enganar-se com ellas, torno-as a mandar, para que se vejão mais d'espaço. »

Esta Carta se mandou pôr em hum pau na praia com huma bandeira branca, porque o Indio, que trouxe a outra não quiz tornar com a resposta ; mas elles sem perder ponto, ao outro dia mandárão a que se segue, e ha-se de advertir, que as Cartas de que fallão atraz, fôrão as que os Soldados Portuguezes escrevião ao Reino nos navios, que os Francezes tomárão, em que cada hum conforme seu talento contava da Jornada, e significava as necessidades do estado presente ; nas quaes, e na tomada dos navios o inimigo havia feito juizo certo das forças Portuguezas, e para que soubessem, que não ignorava nada do que convinha, mandava as Cartas originaes ; mas os Capitães Portuguezes não dando dellas a entender nada a pessoa alguma, por não lastimar, e escandalizar aos que com simplicidade as havião escrito, as tornárão ao inimigo, dizendo que fallavão verdade, mas que podia alguem enganar-se com ellas : e tornando á carta do Ravardière dizia deste modo.

« Senhor d'Albuquerque.—Tenho visto pela tua a boa

guerra, que tens feito aos meus Francezes, que eu governo, e assim estou mui alegre, e crê de mim hum natural, que jámais ficará vão de cortezia, e que assim tudo te pagarei em dobro, quando Deos me der a occasião.

« Peço-te, que me mandes os nomes dos meus, a quem tu salvaste a vida, e não creias, que se te dará por isso hum só enojo, e assim me avisa, quando me dás tua palavra, e tua fé para que eu mande hum Fidalgo dos meus a vêr o corpo do meu lugar Tenente General, homem de Caza illustre, e se tu mo queres mandar buscar por alguem, eu te dou minha fé, e minha honra, que pòde vir, e tornar seguramente; e assim se algum dos teus Padres quizer vir, eu lhe farei, que veja os nossos, e responderei de viva voz a todos os pontos da tua Carta á pessoa, que mandáres, ou a quem lá fôr sobre tua palavra, na qual me fio tanto, como tu te pódes fiar da minha, pois que ta dou como Christão verdadeiro, e servidor fiel do meu Rey, e teu amigo.

« Manda-me dizer, se me dás a palavra para ir lá o Capitão Malharte, que tu jà viste em Paranambuco; e assim te rogo, que me faças escrever em Francez, ou em Hespanhol pelos teus, que tu tens, que sabem de tudo.

« Dada em 22 de Novembro 1614.—*Ravardière.*

A esta Carta cortez, cheia de rogos se dispuzerão com parecer de todos a lhe mandar o Trombeta livremente, para que mais se desenganasse do animo, e das forças dos Portuguezes, e com o dito Trombeta foi a Carta seguinte:

« Mi Señor de la Ravardiere, más obligua a los Caballeros Portuguezes un termino cortes que la fuerça de las armas, y assi doy mi palabra, que de nuestra querella en fuera, que a todo lo que fuere de gusto, y servicio de Monsieur de la Ravardière de lo hacer mui a punto.

« Luego que recebi este segundo mensaje imbié dos Capitanes con dos Francezes, y el Trompeta a buscar el cuerpo de Monsieur de Pisiaus: y mal aya la fortuna, y desconfiança, que de mi se tuvo, que si ellos nò pelearen tan valerosamente, y dar se quisieran a mi persona, que se lo rogava tiniendo el impetu de los mios sobre mis armas, todos oj fueran bivos, ò a lomenos si el mismo dia de la batalha y o tuviera aviso como se acostumbra enlas occasiones, para enterrar los muertos, pu-

diera estar hecho lo que á la amistad y lealdad de los tales hombres se deve, y por vida de mis hijos, que yo los sepultara mui de otra manera.

« Pero como cosa sin noticia los hize enterrar como a los mios, a quien todo el bosque es mui honrada, y dichosa sepultura, e assy en lo de los muertos tengo hecho la devida diligencia.

« El Trompeta dirà como quedamos, yo diré que mejor le trataramos, se estuvieramos en nuestra patria : pero como somos hombres, que un punho de harina, y un pedaço de culebra, quando la ai nos sustenta, quien a esto nó se accomoda, siempre rehusará nuestra companhia.

« Con los demàs prisioneros hago cierta diligencia conveniente, a quien ha de dar cuenta a su Rey, hecha que sea, se tratará de dar gusto a todos.

« Entretanto si pareciere conveniente puede venir a tierra un personaje Francez, de los de mas principales para que vaya un Caballero Portuguez de los mios a tratar de los màs puntos en vox viva, como se me promette, advertiendo, que està la fee de Monsieur de la Ravardiere, y de Hieronymo d'Albuquerque de permedio, e que no avrà quien haga macula en ella.

« Fecha en el fuerte S. Maria en el rio Maranhon a 22 de Noviembre 1614.—*Hieronymo d'Albuquerque.*

« Los hombres de los Franceses, a quien salvé la vida por Dios, que a todos la salva, son :

Noé de la Motte.
Antonio Lanclure.
Marin Bartier.
Chretien Marixal.
Jean Pagier.
Pierre Laleman.
Abraham (le funditor.)
Un tambor garçon.

A esta Carta, que com pressa foi sem assinar, mandou o Francez o Trombeta logo com a que se segue :

« Meu Senhor d'Albuquerque.—A clemencia de aquelle grande Capitão d'Albuquerque, Vice-Rey da Magestade D. Manoel nas Indias Orientaes apparece em vós na cortezia, que fazeis aos Soldados Francezes meus, e a sepultura, que haveis dado aos meus mortos, entre os quaes tenho hum

que amei em vida como a irmão, porque era bravo, e de boa caza : eu louvo a Deos com tudo esperando, que se tornarmos ás mãos, tomará minha justa causa, e minhas coisas nas suas.

« Para responder á vossa Carta, como vier assinada, a mandarei communicar ao resto dos meus Capitães, e lida se vos dará a resposta, fiando-me inteiramente na vossa fé, e palavra, tanto que vier o vosso sinal posto assi, como vós vedes na minha : eu vo-la mando, e não digo por hora outra coisa, senão que honrarei a caza, e o nome dos d'Albuquerques.

« Feita ante o forte Santa Maria a 23 de Novembro 1614 no Maranhão.—*Ravardière.* »

Mandou-se-lhe logo a carta assinada, e por estar indisposto o Capitão Mór, respondeu o Sargento Mór do Estado com duas regras, que continhão esperar-se o assento, que tomavão os Senhores Francezes.

Com a qual resposta se levantárão todos os navios de defronte do forte, e se fôrão á entrada da barra de Jaguarapim ou das Guajavás (1), adonde estiverão dois dias e meio, tratando do que lhes convinha.

Entretanto o Sargento Mór do Estado tirou sua informação authentica dos prisioneiros, sendo perguntado cada hum por si, e achou que de presente os inimigos tinhão onze navios de alto bordo, em que entrava a náo Regenta de 400 toneladas, e quatro fortes na Ilha com muita boa artilheria de bronze, e ferro coado, e que tinhão muitas munições de guerra, e comida, e que dos Indios da outra Costa esperavão soccorro com copia de canoas, que sem dùvida virião com os Francezes, que lá andavão da banda do Pará, e de Cayetêe (2), e que se devião de achar inda com 300 homens de mar, e guerra :

Disserão tambem outras coisas ácerca da viagem até o Maranhão ; e dos Capuchos, que chegavão á 20 Frades, os quaes começavão na Ilha hum Convento, e Seminario de importancia : de modo que com esta noticia, e com a miseria presente de fome, e falta de tudo, a que a victoria em modo algum per si só não dava remedio, e com

(1) *Barra de Jaguarapim ou das Guajavás.*

Hoje difficilmente se poderá designar este lugar pela mudança dos nomes, e falta de outras tradicções.

Vide *supra* nota (1) ao § XII á pag. 13, e o mesmo §.

(2) *Cayetée*, hoje Bragança, no Pará.

a dúvida que tinhão de os barcos de aviso haverem passado a Paranambuco, em que de presente, depois do favor Divino, estava o bom successo, sem haver remedio de se mandar outro, nem por mar, nem por terra, nem á Sua Magestade, a quem tanto convinha dar-se conta, como o tinha mandado o Governador: todos estavão esperando se Deos lhes administrava algum bom meio, como já milagrosamente se havia começado a mostrar, e bem sabião todos, que se houvera embarcações depois do successo, com que os Portuguezes poderão communicar-se com os Indios da Ilha a despeito das guardas, e diligencias Francezas, que sempre dos Indios se presumia alguma novidade em favor dos Portuguezes; mas estava tudo tão cerrado com a ronda das lanchas, e assistencia dos navios, e persuasão dos *Lingoas*, e finalmente com a força dos presidios, que não era possivel nenhum honesto meio, que do mar dependesse; e bem sabião, que o espanto dos Indios era tal, que os que fugirão pela banda do Tapucurú rio, com a desordem, e medo se affogárão mais de duzentos ao passar do rio a uma Ilha, entre os quaesse affogou Caracantim de Cayeté (1), Principal dos longos cabellos, que havia vindo se offerecer elle, e a sua nação, assim chamados a vir contra os Portuguezes: e como a coisa foi tão açodada, os seus não vierão, e elle ficou affogado: e outros houve, que não parárão menos que pelo rio Meari dentro mais de 200 legoas, tendo os Francezes, e a Ilha, e tudo por perdido, e com elles forão trez Francezes, porque já á sua sombra se havião escapado da batalha; mas tudo isto com o mar cerrado, tanto que nem se podia tomar hum caranguejo, nem huma jangada podia tomar hum peixe, era confusão, e miseria grande.

Pelo que faltava o gosto, que de razão se devia a tamanha victoria.

Passados dois dias e meio, tornárão os navios a surgir defronte de Santa Maria, e mandárão a terra o Trombeta com a Carta, que se segue:

« Senhor d'Albuquerque.—Tenho considerado os pontos principaes da vossa Carta, e conforme aos discursos, que vós tendes feito ao meu Trombeta, parece que tudo não attende mais, que á paz.

« Por esta banda de cá, como os nossos Reys tem pela

(1) Vide nota (2) á pag. 226.

parte della com muito estreita liança, e como me fallárão em Suas Magestades, logo me resolvi com meus Capitães, que não he possivel terdes soccorro por mar.

« Todavia vos quero óuvir sobre o que me quereis propôr á cerca do de cima, e isto tanto de palavra, como por escrito por aquellas pessoas, que me mandardes, sejão quem forem, eu vos dou minha fé, e minha honra em penhor, que podem vir seguramente, e tornar quando quizerem; e se fôr servido o Senhor Diogo de Campos de vir, eu serei contentissimo, porque falla Francez, e nós havemos feito a guerra hum contra outro servindo nossos Reys, quando elle andava com o Principe de Parma, segundo me disserão.

« Eu lhe beijo as mãos com vossa licença, e o mesmo faço a vós ambos.

« Vosso servidor.—*Ravardière.*»

« Peço-vos que sempre me escrevais em Francez, ou bem Hespanhol, porque não podemos ás vezes achar de pressa o sentido de vossas cartas.

« Feita diante do forte Santa Maria, a 25 de Novembro de 1614. »

A esta Carta se respondeu a que se segue, para dar conclusão aos Parlamentos:

« Monsieur de la Ravardière.— Yo soy contento de os embiar al Capitan Dieguo de Campos mi Compañero, y otro Capitan de Infantaria para tratar los puntos a que por hora no respondo confiando, que se los harà la cortesia, en tales casos acostumbrada; mas para que guardemos el estilo de la guerra, supuesto que de nuestra fè, y palabra mucho me fio, conviene, que vengan a tierra de vuestra parte un Caballero de S. Juan, que teneis, y el Capitan Mallarte, que deve conocerme, y con estos se tratará lo que conviene.

« El Capitan de Campos, y yo os besamos las manos muchas vezes: quanto à la siguridad de mi parte siempre la darè, y doi con los terminos devidos.

« Dada en el fuerte Santa Maria, en 25 de Noviembre de 1614.—*Hieronymo d'Albuquerque.* »

Logo que tiverão esta Carta ao outro dia, que forão 26 do dito, mandárão á terra ao Cavalleiro de Rasilly da Ordem de S. João, e ao Capitão Matthêus Malharte, mui acompanhados até a lingoa d'agoa, donde em terra forão recebidos com a devida ceremonia e cortezia, sem entrarem no Forte, antes

fazendo-se huma tenda perto do mar, no campo, forão alli servidos e festejados como o tempo deu lugar.

O Capitão e Sargento Mór do Estado, Diogo de Campos, tanto que os deixou em poder do Capitão Mór, tomando licença se foi á bordo da Capitania, levando comsigo ao Capitão Gregorio Fragozo d'Albuquerque; foi em chegando mui bem recebido de Monsieur de la Ravardière e Monsieur du Prat, e de muitos Fidalgos, que com elles estavão com mostras de grande gosto, sem se tratar de cousa alguma do passado, mais que das damas, e saráos de França, quando foi tempo se apartárão o Sr. de la Ravardière com o Sr. du Prat a tratar do porque se havião juntado, e antes de se discursar muito avante, disse o Sr. de la Ravardière:

« Que estava mui sentido dos seus, em sua absencia, pôrem a bandeira branca de paz na corôa, para fallarem, e depois fazerem máo trato, que juraria por vida de Sua Magestade, que se vivos forão, que os houvera de enforcar; mas que bem castigados estavão, pois erão mortos na batalha ás mãos dos Portuguezes, de sorte que nenhuma culpa era, bem que se lhe imputasse a elle, da tal desordem. »

Huma sempre traz outra, respondeu o de Campos, e assim não ha tão pouco, que maravilhar da tomada do Trombeta, nem do assalto subito; porque bem alto, e claro era o dia. »

« Passemos ávante, disse o Sr. du Prat, e tratemos do que convém.

« Estamos todos tão desejosos de vos servir por vosso valor, que já agora fazemos tudo o que á honra e vida de todos fôr mais conveniente: e parecendo-nos, que como gente apertada, e que carece do mar, podeis desejar a paz.

« Vêde a fórma, e o como vos parecer pedi-la, que Monsieur de la Ravardiere está de animo de vos fazer todo o favor. »

O do Estado fez a todos hum comedimento grande, e disse:

« Em verdade, Senhor du Prat, que a minha vinda cá, não foi, nem he mais que por vos ver, e conhecer a todos pela affeição antiga, que tenho a esta Nação, e assim no que toca á paz, nem á guerra não posso dizer palavra, que se a Monsieur de la Ravardière, e vós, meus Senhores, tendes entendido, que está bem fallar nella: assim como fizestes a guerra sem nos amoestardes, assim pedi a paz, sem nos metter em

mais, que em ver se está bem aceitarmos as condições, que propozer-des, advertindo que somos gente, que não podemos nadar tanto mar como ha d'aqui a Hespanha.

« Pelo que, ainda que hoje tendes a barra, nós temos a terra, que pizamos, a qual sempre será de nossos corpos até que Sua Magestade d'El-Rey de Hespanha nosso Senhor, cujo tudo he, outra cousa ordene; e além disto na guerra melhor ás vezes, que na paz se achão os remedios. »

A isto se rio muito o Sr. de la Ravardière, e abraçou o Sargento Mór, dizendo :

« Vamos a comer, Companheiro. »

E com isto se chegárao á meza, donde não faltou de comer, e musica naval bem concertada, mostrando na autoridade e no trato hum vestigio honrado, em que se enxergava despeza mais que ordinaria.

Nisto se praticou hum pouco, e de como Sua Magestade El-Rey Catholico de Hespanha nosso Senhor pagava bem, e grandiosamente aos que o servião, maravilhando-se, que até o Tambor dos Portuguezes tivesse de praça dez cruzados cada mez.

Em discursos familiares, e de gosto foi passando parte do dia, até que ao tempo do despedir-se, tornou o Senhor du Prat a dizer :

« Ora sús sobre nossos negocios como ficamos ?

« Como mandar o Sr. de la Ravardière, respondeu o Sargento-Mór, e assim póde, sendo servido mandar hum Papel ámanhã com o Capitão Malharte, para que os nossos Capitães saibão o que passa, e vejão o que lhes parece, que todos façamos. »

Com isto despedindo-se com mil modos de cortezias, e signaes de amor, ao desamarrar do batel toda a Armada disparou a artilharia, com grande ruido de trombetas, e vozes a seu modo.

Neste mesmo tempo embarcados em terra os Capitães com semelhante estrondo, que fez o forte, se forão cada qual aos seus, e Jeronymo d'Albuquerque ajuntando os Capitães, com a vinda do Sargento-Mór, se propôz a todos o que havia passado, para que estivessem advertidos para ao outro dia verem os Capitulos ou Artigos que os Francezes pedião, e se antes de se assentarem, ou firmarem pazes ; se tinhão elles

autoridade para as fazer como gente Real, ou se como Piratas banidos de França?

Erão quiçá homens, com quem Deus, e as gentes tinhão roto todo o genero de tregoas, que com os taes mandava Sua Magestade, que se não uzasse clemencia, e que assim era bem, que todos com muito tento se houvessem nesta materia.

Acabado o dia ao outro, que forão 27, veio á terra o Capitão Mattheus Malharte, e trouxe escripto os Capitulos, que se seguem em Francez da mão, e letra de Monsieur de la Ravardière, e disse:

« Que sendo conformes ao que convinha a todos, que o Sr. de la Ravardière os viria firmar, e sellar a terra, e ver, e servir a todos, como bom e leal amigo; e que entretanto os ditos Capitulos ou Artigos se traduzissem na Lingua Castelhana, para que em huma, e outra Nação se entendessem de todos claramente » e dizião assim:

« Artigos acordados entre los Señores Daniel de la Tousche, Señor de la Ravardière, Lugar-Tiniente General en el Brazil por el Christianissimo Rey de Francia, y de Navarra, Agente de Misire Nicolas de Harlei, Señor de Sansi, del Consejo de Stado del dicho Señor Rey, y del Consejo Privado, Baron de Molè, y Grosbués, y por Misire Francisco de Rasilli, Señor de las Haumellas, e del dicho Lugar de Rasilli, entre ambos Lugar-Tinientes Generales por El-Rey Christianissimo en las tierras del Brazil con cincoenta leguas de Costa, con todos los meredianos en Illas inclusos, y Hieronymo d'Albuquerque, Capitan Maior por la Magestad Catholica del Rey D. Philippe d'España de la Jornada del Maranhon, y ansi del Capitan, y Sargento Maior de todo el Stado del Brazil, Dieguo de Campos Moreno, Collega, y Collateral del dicho Capitan Maior por la Magestad del dicho Señor en esta Tierra.

« *Item*. Primeramente la paz se acordò entre ellos dichos Señores dende el dia de oy hasta el fin de Deziembre de mil y seiscientos y quinze, durante el qual tiempo cessaràn entre ellos todos los actos de inimistades, que fueron, y han durado dende 26 de Otubre hasta el dia de oy por falta de saber làs intenciones los unos de los otros, y de nó se entender, donde se siguiò gran perdida de la sangre Christiana de ambas partes, y grande desgusto entre los dichos Señores.

Item. « Se acuerda entre los dichos Señores, que embiaran a Sus Magestades Christianissima, y Catholica dós hidalguos, cada uno para saber sus voluntades tocante à quien deve de quedar en estas tierras del Marañon : a saber dòs Cavalleros, uno Francez, otro Portuguez, iran à Francia, y otros dos Cavalleros de la misma suerte iran à Hespaña.

Item. « Durante el tiempo, que los dichos Cavalleros tardaran en bolver de Europa, y traer de Sus Magestades à este lugar el acuerdo, y orden de lo que se deve seguir, se advierte, que ningum Francez, ni Portuguez nò passarà à la Isla del Marañon, ni Salvajes de los Indios, ni à la tierra firme de Leste, ni de una parte à otras sin Passaportes de los Señores nombrados arriba.

Item. « Los Señores d'Albuquerque, y de Campos prometten al Señor de la Ravardière de nò tratar alguna cosa con los Salvajes de la Isla, ni de Tapitaperà (1), ni Comat (2), la qual nò sêa tratada por las *Lenguas* del Señor de la Ravardière, ni los consentiran poner los piès en tierra à menos de diez leguas de sus fortalezas, ni de sus puertos, sin la permission del dicho Señor.

Item. « Que tanto que las nuevas venieren de Sus Magestades para aquellos, que deven quedarse en la tierra, la nacion destinada à se partir se aprestarà dentro de tres mezes para dexar al otro la tierra, y los Salvajes, que queiran quedarse dentro de la tierra, y haziendose todo con buena orden, amistad, y intelligencia, seguiendo la intencion de las alliangas de Sus Magestades, à las quales los suso dichos se remetten enteramente por todo aquello, que pertenece à esta Colonia del Marañon.

Item. « Se acuerda, que los prisioneros tomados tanto de una parte, como de otra queden libres, assi los Christianos, como Salvajes, los quales se bolveran sin ninguna rançon ; y si algunos dellos por algun tiempo queiran quedarse en la parte, que se hallan, les serà permittido con licencia dellos suso dichos.

Item. « Todos los actos de inimistades passadas hasta el dia de oy quedaran olvidados, y extinctos, sin que los unos, ni los otros puedan ser buscados por ninguna via, que sea

---

(1) *Tapitaperá*, hoje Alcantara.
(2) *Comat*, hoje Guimarães.

quedando cada uno dellos libre en el estado en que son.

Item. « De aqui en delante los dichos Señores, y sus gentes biviran en paz, y buena amistad, y concordia los unos con los otros, dandose poder por sus personas, y de sus criados solamente para poder ir, y venir à los fuertes de la Isla, y tierra firme todas las veces, y quando bien les pareciere.

Item. « Ninguno accidente en controversia de lo que arriba està assentado por estes Señores, serà capaz de hazer romper este dicho Tratado de paz, a causa de las grandes lianças, que oy tenemos, entre nuestros Reyes, y por el perjuyzio, que puede venir à sus Magestades alterandose tales amistades, y concordia ; y si succiedere algun caso entre los Christianos, y Salvajes de una, y otra parte ; la otra Nacion offendida harà su quexa à su General para se lhe dar remedio, el qual promette sobre su fè, y honra de le dar satisfacion como el caso pedire.

Item. « En consideracion de lo que queda dicho, y por testimonio de la buena intelligencia, que dende esta hora avemos como Christianos, y Caballeros de honra, el Señor de la Ravardière promette debaixo de su fè de dexar la mar libre à los Señores d'Albuquerque, y de Campos, y llevar sus navios para la Isla tantos aquellos, que estan delante el fuerte Santa Maria, como aquellos, que estan en la entrada desta baya, à fin que los dichos Señores d'Albuquerque, y de Campos puedan hazer venir todas suertes de vituallas para ellos, y sus gentes tantas, quantas les pareciere con toda seguridad, y se succediere, que les venga soccorro de gente de guerra, ò que nos venga a nos otros durando el tiempo de nuestra paz ; los dichos Señores nombrados se obligan sobre sus honras, y fè, de que cada uno tendrà su gente en paz assi como esta acordado, sin alteracion alguna durante el dicho tiempo de la paz, y para esto se obligan de hazer guardar en todo, y por todo, y delante todo el mundo ; y quanto à otras cosas de menos substancia los dichos Señores nò las especifican, porque se confian en sus palabras verbales, en las quales no faltaran ya màs, como gente de honra, y para seguridad de todo lo arriba declarado, mandaron hazer esta, que todos tres los suso dichos Señores de la Ravardière, y d'Albuquerque, y de Campos firmaron, y sellaron con el Sello de sus armas.

« Hecha en la Armada de los Portuguezes, en el Rio Marañon, en 27 de Noviembre de 1614. — *Ravardière, Hieronymo d'Albuquerque* Marañon (1), *o Capitão Dieguo de Campos Moreno.* »

Mostrárão-se os Capitulos referidos antes de se firmar aos Capitães Portuguezes, e fez-se hum Auto, em que todos assignárão em como era bem, e serviço de Sua Magestade, visto não poderem continuar a guerra por mar, faltando os meios necessarios á Conquista por agua, em que tão superiores erão os inimigos, e quanto importava terem o mar livre para avisar a Sua Magestade sem dilatar tempo, na perda do qual estava a de todos; e assim ficarem capazes dos soccorros do Brazil entrarem seguros, dos quaes tinhão tão fraco conceito, que nunca passarião de ser barcos da Costa com só alguma farinha ; e que esses conforme as promessas do Governador de os mandar cada mez, que já tardavão havia cinco mezes, e que realmente as pazes, que com tanta instancia dissimulada, o inimigo pretendia, devia ser para despedir a náo grande, a qual devia de lhes fazer grande despeza, e que se para isto erão, que isto mesmo parecia ser o que mais á occasião presente convinha; porquanto a náo havia de levar a maior, e melhor parte de suas forças, e que nas que ficavão, já não se podia presumir dança; e que assim tambem as mortes de tanta gente principal em huma só occasião de guerra, se em França se soubesse, que de força havia de esfriar os animos aos que quizessem vir buscar a vida, e que Sua Magestade poderia mandar com mais commodo o que fosse servido; pois o tempo se limitava pondo-se tudo em suas Reaes mãos ; e que assim sem duvida por estas, e outras muitas, e mui urgentes necessidades era bem, que as tregoas se acordassem, e assim se formou hum escripto, para em virtude delle ao outro dia vir á terra o Sr. de la Ravardière para mostrar os Poderes e Patentes, que dizia ter do seu Rey de França; e assim tambem as Missões dos Padres Capuchos, que tinhão de Sua Santidade, ou do seu Geral, as quaes offerecião mostrar aos Padres Portuguezes, e para os obrigar, que tambem se lhe mostrarião, as Ordens de Sua Magestade Catholica de Hespanha nosso Senhor.

---

(1) Parece que já nesta occasião Jeronimo de Albuquerque se appellidáva—*Maranhão*.

Com isto se tornou o Capitão Mattheo Malharte á bordo, e na madrugada d'aquella noite houve fogos de alegria, e cargas de mosqueteria, que durárão muito em que pareceu, que se solemnizava a passada victoria.

Aos 28 do dito, segundo estava acordado, veio á terra o Sr. de la Ravardière, e o Sr. du Prat, e o Sr. de Petresi bem vestidos todos, e acompanhados, e em sua companhia trazião ao Padre Commissario Frei Archangelo de Pembré com dous Religiosos da sua Ordem dos Capuchos tão venerados, e de taes mostras, que realmente parecião Santos, e como taes forão recebidos dos Religiosos Portuguezes, entre os quaes sobre a benção houve ceremonias, e entre os Capitães cortezias, em que forão até chegar a Infantaria, que bem concertada, e armada estava desde muito fóra do forte em duas alas, que chegavão até o lugar do alojamento, que estava feito aos Srs. Francezes de palmas e ramos, e assentos do campo; as bandeiras por se não abaterem, estavão pelos baluartes arvoradas: e entrando o Sr. de la Ravardière da porta do forte para dentro, se lhe fizerão com muita lealdade as honras militares, que á taes cargos se costumão até entrar no lugar, que lhe estava prevenido, em que sempre elle, e os demais tratárão com admiração do muito que havia trabalhado a gente na fortificação; e havendo descançado, e comido com mais musica, que manjares, porque os não havia, tratárão de assignar os Acórdos, e assim se mostrárão as Patentes, e se derão os traslados authenticos huns aos outros para mais firmeza do que á boa fé fazião: pois sempre a vontade, e honra dos Reys, e seu melhor entendimento ficava reservado, e elles todos sujeitos á ordem, que se lhes désse.

A Provisão, que se leu primeiro era do Christianissimo Rey de França, do theor seguinte:

« Luiz, pela graça de Deus, Rey de França e de Navarra, a todos aquelles, que as presentes letras virem, saude.

« Fazemos saber, que pelo aviso, que nos deu o nosso Christianissimo, e bem amado Primo o Sr. Dampuille, Almirante de França, e de Bretanha, das muitas Costas e partes situadas além da linha equinoccial, que ainda não são habitadas de Christãos alguns, nem de povos civilisados ou doutrinados, e que todavia são bem temperadas e de muita fertilidade, as quaes se poderáõ povoar em pouco tempo, e

trazer os naturaes dellas a receber o Christianismo e bons costumes, usando com elles toda a brandura ordinaria em nosso tratamento, assim como usamos com nossos sujeitos, e assim havendo tambem ouvido a advertencia sobre isto a nós feita por nosso carissimo, e bem amado Daniel de la Tousche Sr. de la Ravardière, o qual tendo por pràtica expressa, e navegação alcançado o conhecimento das ditas carreiras navegadas por elle, e juntamente pela digna relação a nós feita por nosso dito Primo de seus merecimentos e coraje, virtude, sufficiencia, experiencia, inteireza e predominação em o effeito das armas do mar, e boa diligencia além das provas singulares já por elle feitas de sua fidelidade e devoção ; e além disto vista a Commissão do nosso dito Primo, segundo o poder que tem no dito cargo, e depois de ter sabido nossa intenção, e vontade sobre este caso, e que o tinha feito seu Vice-Almirante nas Costas e Terras, que podesse habitar:

« Confirmando nós a dita Nomeação havemos de nosso abundante, e pleno poder, força e authoridade Real dado ao dito Sr. de la Ravardière todo o poder, e permissão de poder armar, e provêr tal numero de navios de tal grandeza, e em taes de nossos portos, e tantas vezes quantas bem lhe parecer debaixo da licença particular do nosso dito Primo, e os poder fornecer de todas as sortes de pessoas de guerra, de mar e de mecanica, e outras cousas necessarias ao dito descobrimento, e estabelecimento de Colonias, como tambem de artilharia, polvora, armas e munições de comida, provisão e cousas necessarias fazendo seu caminho além da dita Linha em taes partes, quaes achará a seu commodo, e que julgará expedientes para o accrescimento da Christandade, e bem do nosso serviço:

« E assim fará naquellas, que não são ainda descobertas huma diligente reconhecença de todas as suas avenidas ou barras, e praticará todos os lugares, e entradas donde houver alguns habitantes, buscando por todos os modos de brandura e bom tratamento de os reduzir, e chegar ao conhecimento de Deus debaixo da nossa autoridade, e não querendo, lhes poderá fazer toda instancia por todas as vias de armas, e de hospedage, para tudo reger e governar, conforme as Ordenanças de nossos Reinos: ou outros menos differentes, que servir possão para o commodo das pessoas e das cousas, e lugares, e essas poderão fazer e publicar em nosso Nome, e de nosso dito

Primo, e guardar, observar e sustentar diligentemente, e assim punir, e castigar os contravenientes, ou lhes fazer perdão, como melhor lhe parecer bom e necessario, e para recompensar aquelles, que lhe haverão dado ajuda, ou que se haverão ajuntado com elle para effeito desta empreza, accrescentando-lhes a vontade de perseverar, e dar exemplo aos outros de o seguir, e de segundarem.

« Pelo que damos, e havemos desde a presente dado ao dito Sr. de la Ravardière todo o poder para lhes dar, e repartir todas as Costas, que poderá conquistar cincoenta leguas de huma e de outra parte, de seu primeiro forte e morada, e tanto avante nas ditas terras quanto poder reduzir debaixo de nossa obediencia, em que fará as repartições, dons e bemfeitorias, que poderáõ gozar, e gozarão elles, e seus descendentes para sempre em todos os direitos e propriedades, a saber, aos Fidalgos, e gentes de merecimento as dará em Senhoria, e Feudo, e em todos os titulos, e dignidades a condição, e cargo conveniente á nossa honra, e serviço conforme suas obrigações, para a defensa das ditas terras debaixo de nossa authoridade; e aos trabalhadores em tal obrigação annaes, que elle os avisará; como tornando assim das ditas viagens por elle serão partidos todos os ganhos, e proveitos por aquelles, que o haverão, assistindo a cada hum segundo seu dever, qualidade, e merecimentos, e nas avenças já ditas se reservárão:

« *Primeiramente* nossos direitos, e os do nosso dito Primo, e os outros devidos, e costumados; e reconhecendo além disto que no effeito suso dito poderáõ occorrer diversas occasiões de passar Cartas, Convenções, Artigos, Acórdos, Titulos, e Provisões, nós havemos validas, e confirmadas, validamos, e confirmamos todas as que serão feitas, e passadas debaixo do Signal e Sello do dito Sr. de la Ravardière, e dos de agora considerando, e provendo os diversos, e não esperados acontecimentos, que podem acontecer em mar, e em terra na expedição do tal desenho, nós lhe damos todo o poder de se ajuntar, ou metter com outros, seja por Companhia, commissão, ou por tenencia com igual poder, que aquelle por nós a elle outorgado, ou da parte delle, que quererá igualmente dar, ordenar, e dispôr em todas as cousas suso ditas, e suas circumstancias, e dependencias, tudo aquillo fazendo, que nós fariamos, ou fazer poderiamos se

presente em pessoa nós estivessemos, e como nosso Lugar-Tenente-General em absencia de nosso dito Primo em todas as ditas Costas da distancia de 50 leguas de huma, e outra parte do seu primeiro assento, tanto avante nas terras quanto habitar possão, como o havemos nesta hora feito, ordenado, e estabelecido, fazemos, ordenamos, e estabelecemos por esta presente, seja, que o caso requeira mandamento mais especial, e particular, ratificando e approvando desde a presente tudo o que pelo nosso Lugar-Tenente suso dito, ou seus ditos Lugar-Tenentes, ou acompanhados será feito, tratado, e negociado para esta boa, e santa execução, com obrigação de bem, e devidamente observar por elle, e fazer observar pelos seus nossos Edictos e Ordenanças; e se alguns lhe quizerem pôr impedimentos atravessando-se no effeito desta presente, nós retemos, e reservamos, e havemos retido, e reservado toda esta jurisdicção, e o conhecimento della para o nosso Conselho de Estado privativamente; e a todos os outros nossos Juizes, e Officiaes fazemos toda a interdicção, e defensa, como da mesma maneira a todos os nossos sujeitos desta hora em diante; mandamos, que sem a vista, e sabedoria, e vontade do dito Senhor, e dos seus não possão fazer alguma viagem, trafego, ou commercio, negociação na quantidade de terras, que por elle serão escolhidas, e povoadas sob pena de confiscação dos navios, e mercadorias dos que contravierem depois da publicação de nossa dita defensa feita:

« E assim damos, e mandamos a todos os nossos Lugar-Tenentes, Mestres, Guardas nos Portos, e obras, e a todas outras nossas Justiças, e Officiaes, e sujeitos, a quem pertencer, que ao dito Sr. de la Ravardière (do qual temos tomado o Juramento para isto devido, e costumado) façâo, soffrão, e deixem na dita qualidade de nosso dito Lugar Tenente-General em absencia do nosso dito Primo o Sr. Dampuilla, deixando-o gozar, e uzar plenariamente, e aprazivelmente do pleno, e inteiro effeito destas ditas presentes, dando-lhe nisto todo o favor, e ajuda; cessando, e fazendo cessar todos os rumores, e impedimentos ao contrario; porque tal he nosso gosto; e porque das presentes poderá ter necessidade em muitos, e diversos lugares, queremos, que ao *vidimus* desta, feita por hum de nossos amados Officiaes, Conselheiros e Secretarios, ou por Notario Publico, lhe seja dada toda a fé como ao presente Original.

« Dada em Pariz, ao primeiro dia de Outubro, anno de graça de 1610, e de nosso Reino o primeiro, assim firmado. *Luiz*. »

E sobre a outra parte, pelo Rey, a Rainha Regente, sua Mãi, presente *de Lomenia* ; e sellada em cêra amarella do Sello grande, dobrada a ponta.

Traduzido do Francez, e assignado *Ravardière*, e o Secretario *Beauvallon*.

Esta Provisão do Christianissimo Rey de França, e outra do Sr. Dampuilla Charles de Momeransi, do mesmo theor, com todas as forças, que em seu cargo passar a podia a hum seu Tenente-General, que por escusar leitura aqui se não presenta ; deu, e presentou o Sr. de la Ravardière aos Capitães Portuguezes, e o Rev. Padre Capucho Frei Archangelo de Pembroc, Commissario na dita Provincia do Brazil, apresentou a sua Patente aos Padres Portuguezes Frei Cosme de S. Damião, e Frei Manoel da Piedade, ácerca da Commissão, que tinha do Revm. Padre Geral da dita Ordem, Frei Honorato Parisino, na qual com todos seus Poderes fazia Commissario da Provincia do Brazil ao dito Frei Archangelo : a qual Patente foi trasladada de Latim bem, e fielmente pelos ditos Padres Portuguezes, os quaes no pé do Traslado dizem assim :

« Os abaixo assignados certificamos, e damos fé pelo caracter de nossas Ordens, que o acima escripto he o traslado *ad litteram* de huma Patente escripta em pergaminho com Sello ao pé, a qual pelo Rev. Padre Frei Archangelo de Pembroc nos foi apresentada.

« Maranhão, em 28 de Dezembro de 1614. »

Juntamente presentárão os ditos Padres outra em Francez, que traduzida bem, e fielmente pelo Sargento-Mór do Estado, dizia assim :

« Luiz, por graça de Deus Rey de França, e de Navarra, a todos nossos Lugar Tenentes-Generaes, Governadores de nossas Provincias e Cidades, Thesoureiros Geraes de França, Mestres de nossos Portos, Officiaes de nossos Tratos, e Fóros, Bailios, Ouvidores, Justiças, Juizes, ou seus Lugar-Tenentes, Capitães e Governadores, e Conductores de nossa gente de guerra, Presidentes de Camaras, e Conselheiros, Guardas de Portos, Pontes, Praias, Passagens e districtos, e outros

nossos Officiaes de Justiça, sujeitos á nossa Jurisdicção, a quem pertença, e a quem estas presentes serão mostradas, saude.

« Mandamos de presente á *Nova França* doze Padres Capuchos, para nella instituirem a Santa Religião Christã Catholica e Apostolica Romana :

« E assim queremos, e mandamos, que os ditos Capuchinhos levem hum baúl de livros, dous bauis de calices, Casulas e Paramentos, e cousas de moveis da Igreja ; e assim mais outro baúl de livros, e cousas de refresco para sua embarcação ; e mais huma grande caixa de estamenhas, e de lenço (1) para se vestirem os Religiosos ; e mais huma caixa de papel, e de candeias de cêra, e de bugias para o serviço da Missa ; mais outra caixa de cousas de refresco, e outras necessarias ; trez caixas de arcabuzes e mosquetes ; e huma pipa de banduleiras, digo huma caixa, e assim huma caixa de espelhos, e huma caixa para o Capitão que os leva a cargo, dentro da qual vão seus vestidos ; e outra caixa para o seu Tenente do mesmo modo ; mais outra caixa para o seu Alferes, na qual vão seus vestidos : quatro ou cinco caixas para os Soldados, em que vai o seu fato : tres caixas para os Indios, e oito almudes de vinagre : e assim vos mando, que os deixeis livre, e francamente passar cada hum em vossas jurisdicções sem lhes dardes oppressão, nem impedimento, antes lhes dareis toda ajuda, e favor, e assistencia, que necessaria lhes fôr, que tal he nossa vontade : e requeremos a todos os Reys, Principes, Republicas, Potentados por donde passarem os ditos doze Padres Capuchinhos, ou em terras, e parte de nossa obediencia, que todos lhes fação favor; e lhes dêm ajuda, e lhes dêm todo o tratamento, que nós fariamos a seus sujeitos, se para isto fossemos requeridos.

« Dada em Pariz, em o 1° de Fevereiro, o anno de graça 1614, e de nosso Reino o anno 4, assignada *Luiz*, por El-Rey, a Rainha Regente, sua Mãi, presente *Brubarte*, Secretario. »

Vistas estas Provisões, com a mesma lhaneza os dous Capitães Portuguezes mostrárão tambem as que de Sua Magestade Catholica tinhão, e do seu Governador, em seu Real Nome, e antes Jeronymo de Albuquerque quiz que

(1) *Lenço*, i. e., toda a téla de linho ou algodão.

vissem do dito Senhor a Carta seguinte, para que se desenganassem do cabedal, e das veras, com que se tomava, e havia de tomar aquella empreza, de que sòmente elles representavão a vanguarda :

« Gaspar de Souza, Governador do Estado do Brazil, amigo.

« Eu El-Rey vos envio muito saudar.

« Vi o que me enviastes representar em vossos apontamentos sobre as despezas, e cousas necessarias para o bom proseguimento da Conquista do Maranhão, que vos tenho encarregada :

« Hei por bem, que façais a despeza da dita Conquista do dinheiro mais propinquo, que houver nesse Estado, que pertença á minha Fazenda, começando pelo que sobejar da renda dos Dizimos delle, depois de pagar as ordinarias, e ordenados, fazendo hum Feitor, e Escrivão para esta materia, para que em livro separado se faça de tudo Receita e Despeza.

« E que sendo forçado para esta occasião valerdes-vos de algum dinheiro, o possais haver por emprestimo de pessoas particulares, que o queirão fazer por me servir, ou do das imposições, que os moradores pozerão sobre si para o feito de suas fortificações, e Igrejas, procurando primeiro have-lo dos particulares, e da imposição, consignando-lhes a huns, e outros os pagamentos em cousa certa, e precisa, sem que possa haver duvida em o haverem, o que particularmente ficará á vossa conta, e vos hei nisso por encarregada a consciencia; e tereis advertencia, que os emprestimos, que se fizerem hão de ser voluntarios, e sem haver nelles constrangimento algum.

« E quanto ao que apontamos, que por esta Jornada ser de tanta importancia, e eu vo-la mandar encarregar a pessoa de confiança, como deve ser, e da mesma maneira os mais Capitães, Ministros e Officiaes adjunctos lhes devia mandar limitar Ordenado para haverem de vencer necessariamente não os havendo taes, que elles só por me servir o fizessem, hei por bem de vos commetter tudo isto com declaração, que aos Capitães, e mais Officiaes de Milicia não dareis mais, que o que eu tiver ordenado para os mais desse Estado, e que o mesmo façais nos Officiaes, em que nelle houverem exemplos, e que logo em fazendo a tal nomeação, e declaração de ordenados, me deis de tudo conta.

« E assim houve por bem de mandar passar Provisão na fórma, que lembrastes, a qual com esta se vos enviará; porque mando signifiqueis, que me haverei por bem servido de todos os que forem na dita Jornada para lhes fazer as Mercês e Honras, que conforme a seus serviços e qualidades merecerem.

« E ao Sargento-Mór Diogo de Campos Moreno tenho mandado ordenar, que se embarque para ir servir seu cargo na mesma Jornada com os Ordenados, que tinha, e que acabada ella lhe mandarei fazer as Mercês, que merecer por esse, e os mais serviços, que me tiver feito.

« Escripta em Lisboa, a 8 de Novembro 1612.—*Rey.*

« O Conde Almirante *Presidente.*

« Para Gaspar de Souza, Governador do Estado do Brazil.

« Por El-Rey.

« A Gaspar de Souza, do seu Conselho, seu Gentil-Homem da boca, Governador e Capitão Geral do Estado do Brazil. *Segunda via.* »

Depois desta Carta se lhe mostrou a Patente do dito Capitão Jeronymo de Albuquerque, do theor seguinte:

« Gaspar de Souza, do Conselho de Sua Magestade, seu Gentil-Homem da boca, Governador e Capitão Geral do Estado do Brazil, etc.

« Faço saber aos que esta virem, que o dito Senhor me manda por sua Instrucção, e Carta de 9 de Outubro de 612, que está registrada nos livros da Fazenda desta Capitania de Paranambuco pelas cousas de seu serviço, que nella representa, trate com muita diligencia em chegando a este dito Estado, da Conquista, e terras do Rio Maranhão, para o que me commette poder eleger a pessoa, que a mim pareça, a qual na dita Conquista faça o Officio de Capitão della, e a tenha a seu cargo; e considerando a disposição das cousas, e como não convinha deixar perder o tempo sem trabalho, logo da dita Conquista na conformidade, que me Sua Magestade manda.

« Passei Provisão em 29 de Maio do anno passado de 613, a Jeronymo d'Albuquerque, Fidalgo da Caza do dito Senhor, para ser Capitão da dita Conquista, e Descobrimento, com até agora desde o dito tempo foi continuando, e levando

gente ao Rio Camusí (1), e Jaguaribé (2), fazendo pazes com o Gentio da Serra de Buapavá (3), e tudo mais, que da minha parte lhe foi encarregado para melhor disposição, e effeito da Jornada : e porque hora vai o dito Jeronymo d'Albuquerque com a gente, e prevenções possiveis conforme ao tempo, e estado presente das cousas, para com o favor Divino proseguir a dita Conquista com todo o calor em fórma, que se consiga até se pôr sobre o dito Rio Maranhão, segundo leva por meu Regimento: me pareceu lhe devia mandar passar nova Provisão, como em effeito mandei passar a presente ; pela qual em nome de Sua Magestade, e em virtude do Poder, que para isso me concede, como acima se declara, hei por bem, e seu serviço, que o dito Jeronymo d'Albuquerque pela confiança, que delle tenho, e ser experimentado nas guerras deste Estado, e a satisfação, que tem de sua pessoa os Indios delle, que he de grande importancia para o bom effeito, que se pretende, sirva de Capitão da Conquista, e de seu descobrimento das ditas terras, e Rio do Maranhão, uzando de todos os Poderes, que ao dito cargo são concedidos, e assim dos que se declarão no dito Regimento, que lhe mandei dar, não excedendo cousa alguma delles :

« E mando a todas as pessoas de qualquer qualidade e condição, cargo e preeminencia, que sejão, Officiaes, Soldados, e Ministros assim da Guerra, como da Fazenda da dita Conquista, que durante ella conheção, e hajão o dito Jeronymo d'Albuquerque por seu Capitão na maneira sobredita, e lhe obedeção, e guardem suas ordens, e mandados com a observancia devida, por assim cumprir ao serviço de Sua Magestade ; com o qual Cargo haverá o dito Capitão de seu Ordenado em cada hum anno 200$, a metade em dinheiro, a metade em fazendas pagas no Almoxarifado da dita Conquista, os quaes começará a vencer do primeiro de Maio proximo passado ; e me fará outro si o dito Jeronymo d'Albuquerque, preito, e menagem em Nome de Sua Magestade, segundo o uzo deste Reino de Portugal pela Capitania, e Descobrimento da dita Conquista, e terras della ; de que hora o encarrego, de que se fará assento nas costas desta, a qual se registrará nos Livros da Fazenda desta Capitania, e da dita Conquista.

---

(1) *Rio Camusí*, i. e., o rio Camucy ou Camucim.
(2) *Jaguaribé*, i. e., o rio Jaguaribe.
(3) *Serra de Buapavá*, i. e., serra da Ibiapaba.

« Dada nesta Villa de Olinda, Capitania de Pernambuco, em 17 de Junho. Francisco Fragozo, meu Secretario, a fez em 1614 annos.—O Governador, *Gaspar de Souza.* »

A Provisão do Capitão, e Sargento Mór do Estado dizia desta sorte ;

« Eu El-Rey, Faço saber aos que este Alvará virem, que por eu ter mandado tratar da Conquista das Terras, e Rio do Maranhão no Estado do Brazil, e confiar de Diogo de Campos, Sargento-Mór delle, que hora serve, e está neste Reino, aonde veio por minha licença, que me servirá na dita Conquista como se deve esperar da muita experiencia, que tem daquellas partes, e pelas de sua pessoa, hei por bem, e me praz, que torne a ellas a me servir na dita Conquista do Maranhão, no dito cargo de Sargento-Mór, e que nella sómente uze, e execute todas as Prerogativas, e Preeminencias do dito Cargo, e emquanto durar a dita Conquista, e depois de acabada, emquanto eu não mandar o contrario, tenha e haja de ordenado com o dito Cargo 300$ em cada hum anno, entrando nessa quantia o que até agora tinha com o mesmo Cargo, e os começará a vencer no dia que partir desta cidade de Lisboa em diante, o que justificará no Brazil pelos Officiaes, e Pessoas do navio em que fôr elle, e serão pagos no mesmo Estado do Brazil, por virtude deste sómente, sem para isso ser necessario outra Provisão minha, ou Carta, e nas porque até agora se lhe pagava o Ordenado, que lhe estava taxado, e em seus Registros se porão Verbas, de como por ellas não ha de haver pagamento algum, de que se fará declaração nas costas deste.

« Notifico-o assim, etc. Manoel do Rego a fez em Lisboa a 19 de Dezembro de 1615 —O Secretario Antonio Villes de Simas a fez escrever.—*Rey.* »

« Gaspar de Souza, do Conselho de Sua Magestade, seu Gentil-Homem da boca, Governador e Capitão Geral deste Estado do Brazil, que por especial ordem, e mandado do dito Senhor mando fazer a Jornada, e Conquista do Maranhão, etc.

« Faço saber, que Sua Magestade manda hora a Diogo de Campos Moreno, Sargento-Mór do dito Estado para que na dita Conquista faça, e execute o dito officio com todas as Preeminencias delle: e pela confiança que tenho da pessoa do dito Diogo de Campos Moreno, e sua sufficiencia, e partes; e assim por alguns respeitos, que a isso me movem, enten-

dendo ficar Sua Magestade melhor servido, hei por bem que exercitando elle o dito Officio de Sargento-Mór na fórma sobredita, vá juntamente por Adjunto, e Collateral de Jeronymo d'Albuquerque, Capitão, que he da dita Conquista com igual voto nas cousas com declaração, que as Ordens, e Resoluções se publicarão em nome do dito Jeronymo d'Albuquerque, como Capitão que he da dita Conquista: e estando encontrados nos pareceres, se porão os negocios em Conselho, seguindo-se os mais votos, e estando iguaes, se seguirá a parte, onde o dito Jeronymo d'Albuquerque acostar.

« Notifico-o assim ao dito Capitão, Officiaes, e Soldados da dita Conquista, e lhes mando, que guardem esta minha Provisão, como se nella contém, e ao dito Diogo de Campos dei juramento, que bem, e verdadeiramente servirá o dito Cargo, fazendo, e aconselhando sem respeitos tudo o que entender ser mais serviço de Sua Magestade, e bem da dita Conquista,

« Dada em Olinda, sob meu signal, e sello de minhas armas, em 30 de Julho. Francisco Fragozo, meu Secretario, a fez de 1614.—O Governador, *Gaspar de Souza.* »

« Fica registrada no Livro dos Registros desta Conquista a fls. 45, por mim Luiz Moniz, Escrivão da Fazenda de Sua Magestade da dita Conquista.—*Luiz Moniz.* »

Da vista destes Papeis entendeu o Sr. de la Ravardière as veras, com que Sua Magestade tomava as cousas do Maranhão; e como o dito Senhor premiava as Pessoas, que nella o servião, e como estava fundado o dinheiro da despeza em parte, que não podia faltar; e fallando muito nestas cousas se foi para as suas embarcações, sendo de todo o presidio acompanhado até os bateis, que ao despedir forão festejados com Salvas Militares.

Ao outro dia, que forão 29, com toda a sua Armada se fez á vela, salvando primeiro a Capitania, e logo todos os demais navios ao forte Santa Maria, do qual tambem lhes fizerão a devida resposta: e assim se desoccupou o mar, e a terra, e os Francezes se recolhêrão na Ilha, e nos seus fortes; e os Portuguezes entendêrão em fazer a sua Igreja, e cazas do alojamento, e os Indios fóra do Forte, tomando sitio conveniente, se alargárão fazendo suas Aldêas, e roçando para mantimento, e começárão huns, e outros a sahir buscar de comer; e finalmente as gentes até então opprimidas louvárão a Deos

de Mizericordia com Procissão solemne, todos com as armas na mão, que bem podesse a devoção militar parecerem toda a parte!

O altar da nova Igreja de Nossa Senhora d'Ajuda se guarneceu de hum frontal, e cazula, que mandou aos Padres Portuguezes o Padre Fr. Archangelo, certificando ser lavrado o dito ornamento pelas mãos da Duqueza de Guisa.

Era todo broslado (1), e lavrado de seda de côres sobre branco, fazendo cruzes de Jerusalém, contrapostas todas de fructas, e rosas, e ramos.

Obra bem vistosa, e curiosa, e mais de estimar por vir donde vinha.

Juntamente mandou o dito Padre com o ornamento trez Retabolos pequenos de excellente illuminação, guarnecidos de setim carmezim, tudo broslado descarchado de ouro fino (2), portas e pavimento.

D'alli a dous dias mandou o Sr. de la Ravardière ao Capitão Mattheu Malharte, com o seu Cirurgião, e mezinhas para curar os feridos, que se perdião á falta de remedio; e assim mais mandou avisar aos Capitães Portuguezes, que era tempo de se embarcar a Pessoa, que havia de ir a França, porque se partia a náo *Regente*; e assim os que se havião de ir a Portugal, que se fizessem prestes: tambem mandou advertir, que todos os Indios da Ilha andavão desejosos de fugir á terra firme, porque havia passado a palavra entre elles, que os concertos dos brancos erão para os captivarem a todos, e partirem entre si para os venderem, como havia feito Pedro Coelho na Serra de Buapavá, quando teve a guerra com o *Mel Redondo*, e fez a paz com os Francezes, que alli se achárão; e que para aquietar esta novella, pedia ao Sargento-Mór do Estado, que passasse á outra banda, e levasse ao Padre Fr. Manoel comsigo para fallar aos Indios, e para que vissem, que os Acórdos erão firmes, e por outros respeitos de maior consideração feitos.

Neste tempo com toda a diligencia estavão acabando de apresentar hum Caravelão os Portuguezes, para mandar a Pernambuco com trez Avisos ao Governador Gaspar de Souza, para que com as novas da victoria recuperasse a falta de gosto, que havia de ter de não saber da gente, e da Jornada,

---

(1) *Broslado*, i. e., bordado.

(2) *Descarchado de ouro fino*, Provavelmente entremeiado, entrançado de ouro fino. He expressão que não encontramos nos *Diccionarios* de nossa lingua.

e para que mandasse com melhor aviso, e animo o conveniente soccorro.

Elegeo-se para esta ida o Capitão Manoel de Souza d'Eça, para que como testemunha de vista désse conta do que passava.

Tambem o Capitão Francisco de Frias havendo acabado com a obrigação do forte, que desenhado, e em defensa deixava, se embarcou para dar conta ao Governador destes, e de outros particulares, que todos realmente se podião fiar de sua pessoa: emfim sendo prestes tudo o que convinha á partida desta embarcação, o Sargento-Mór do Estado, e o Padre Fr. Manoel Tavares (1) se partirão para a Ilha, e o Ajudante Simão Nunes Corrêa, e entrárão nella a 3 de Dezembro, pela banda do forte de Itamparí (2), que está Leste-Oeste com o forte Santa Maria: nesta parte estava o *Lingoa-mór* dos Indios, Francez, por nome *Hibacon*, pelo qual forão agazalhados os hospedes aquella noite, que com parte do dia se gastou em fazer o Padre Fr. Manoel da Piedade (3) fallar aos Indios em seus ajustamentos, e assim forão até o forte S. Luiz, que são nove leguas deste Posto, sempre por Aldêas de Indios tão povoadas (3), que a cada passo havia milhares delles daquella Costa Tupinambás; e em cada Aldêa assistia hum Francez Nobre com quatro, e seis Soldados, como por salva-guardas dos Indios, ou seus Encommendarios; e estes tinhão obrigação de se ajuntarem, havendo rebate, com todos os Principaes, e Frecheiros da sua Aldêa; e elles com suas armas no forte S. Luiz, ou donde se lhes assinalava a praça d'armas.

Passadas estas Aldêas, navegarão por hum braço d'agoa salgada (5) em huma chalupa (6) até chegarem ao dito Forte de S. Luiz, donde forão recebidos dos Srs. Francezes com toda a demonstração de alegria, e honra, que foi possivel fazer-se; estando toda a gente, até fóra da ponte levadiça do dito Forte, com as armas na mão até á porta da caza do Sr. de la

---

(1) *Fr. Manoel Tavares*, i. e., Fr. Manoel da Piedade.
Deve ser erro de cópia ou typographico por isso que na expedição de Pernambuco sómente vierão dous sacerdotes Franciscanos, Fr. Cosme de S. Damião, e Fr. Manoel da Piedade.

(2) *Itamparí*, i. e. Itapary.

(3) Vide *supra* nota (1).

(4) *Aldêas de Indios tão povoadas*.
Isto durou pouco tempo, apóz o dominio dos Colonos Portuguezes.

(5) *Hum braço d'agua salgada*. Provavelmente o rio *Anil*, ou *Coty*. O *Cotim* como vulgarmente se diz.

(6) *Chalupa*, i. e., bote, ou *casco* como vulgarmente se chama os pequenos bateis que servem nos rios.

Ravardière, donde com apparato estava adereçado o aposento do Sargento-Mór do Estado, ao qual por mostrar o Sr. de la Ravardière, que não ficava atraz nos modos de cortezia, mandou, que em Nome de Sua Magestade d'El-Rey Catholico de Hespanha, cuja Pessoa em aquelle acto o dito Diogo de Campos representava, e como a tal se recebia, e honrava naquelle Forte, que nelle désse a Ordem, e o Nome, porque se não havia de dar outro.

Sobre isto houve muitas escusas justas, e cortezes ; porêm dellas passando a porfias, foi forçoso obedecer o Sargento-Mór, por ser cousa mandada em Nome do seu Rey, e Senhor, e dedicada em sua absencia a seu Real Culto : e assim deu por Nome *D. Felippe*.

Com isto se forão ao aposento do Sr. de la Ravardière, donde não faltárão globos, livros, e planisferios, quadrantes, e muitas armas, com que parecia estar naquelle deserto gente de valor, e de sciencia (1).

Ao outro dia se foi o dito Capitão Sargento-Mór a ver o novo Convento dos Capuchos, e nelle ao Rev. Padre Archangelo, e seus Companheiros ; o qual depois de dizer Missa, lhe mostrou o sitio do seu Mosteiro, refectorio, e cellas, e huma fonte d'agoa viva (2), que tinhão descoberto, a qual antes de sua vinda não tinha aquelle sitio; e assim mais lhe mostrárão o Seminario dos Moços Francezes, e Indios da terra, donde se aprendião as lingoas huns dos outros, para o qual disserão, que o Cardeal de la Joyeuse tinha offerecido huma grande cópia de dinheiro, e a Rainha Regente huma grande ajuda : assim mais lhe mostrárão ao dito Sargento-Mór grande cópia de ornamentos, calices, e cousas de Igreja, das quaes o segurou o dito Padre Archangelo, que tinha mais de 20:000 cruzados alli, e em Pariz em cofres, que estavão para vir, quando se ordenasse a volta destas cousas.

Tratou o dito Padre largamente da grande diligencia, que elle, e os mais Religiosos fizerão para que os Francezes não fossem a fazer guerra aos Portuguezes á outra parte, e que elle em pessoa estivera em Itamparí trez dias para estorvar a Jornada ; mas que não podendo mais, se tornára para o seu Convento tão desconsolado, que logo dissera aos seus Religiosos :

---

(1) Quanta differença dos Conquistadores Portuguezes !
(2) *Huma fonte d'agua viva.*
Ainda hoje existe na cerca do Convento de Santo Antonio.

« A nossa gente virá ao que entendo com a cabeça rota, pois commettem a quem os não busca, e não tomão o meu conselho. »

Pelo que depois do successo ficou tão desconsolado com a morte de tantos Nobres, em particular a de Monsieur de Pisiaus, Catholico, e de grande Caza, e grandes esperanças, que realmente não via já a hora, em que deixar tal terra, donde todos vierão enganados a estar debaixo da mão de hum Hereje, que ainda que era bom Companheiro, e governava com quietação, que todavia era mal soante, e como tal estava ordenado, que Ravardière se fosse a França, e em seu lugar ficasse o dito defunto de Pisiaus, porém que já Deos mostrava haver-se servido de outra cousa.

Pelo que, e pelas cousas, que tinha visto, se partiria sem falta com o Sr. du Prat a dar conta á Rainha Regente (1), que particularmente lhe tinha mandado, que o fizesse, e dado prendas da devoção, que tinha áquelle habito, e de como de outrem não faria o crédito daquellas materias : e assim determinava levar todos os seus Frades, dos quaes deixaria sómente dous para remedio daquelles Catholicos, que alli ficavão, e de mais de 20.000 almas Indios, que havião feito Christãos; porém que seria com tal condição, que vindo ordem para se os Francezes retirarem, que os Padres Portuguezes tomassem a cargo o favorece-los, tendo-os conventúalmente comsigo até lhos mandarem á França, porque a isto não ser, que os não deixaria; porque no tocante a outros proveitos, mais que os das almas, elle não havia visto entre os seus cousa de substancia, mais que andarem todos embaraçados em trabalhos, e esperanças, as quaes mal se lograrião havendo de haver guerra.

Nisto entrou o Senhor de la Ravardière, com o qual, mudando-se a pratica, se forão para o Forte, donde acabada a comida vierão muitos Principaes da Ilha Tupinambás, vestidos de roupas Francezas azues de panno fino coalhado de flammas de veludo, folha morta broslada de troçaes de seda, e nos vazios Cruzes do mesmo veludo, como as de monteza, e entre elles vinhão dois Indios vestidos á Franceza de calções, e casacas curtas de veludo carmesim, guarnecidas de passamanes de ouro fino, e gibões de tela de ouro fino leo-

(1) Era então Maria de Medicis, viuva de Henrique IV.

nado, e suas espadas douradas, e dargas (1) com talabartes de veludo carmezim lavrados de ouro, sapatos, meias de seda, e ligas com ouro, e tudo o demais nesta conformidade, até chapeos de castôr com muitas plumas brancas, e bandas de Paris de resplandôr de prata lavradas, e Cruzes de ouro fino ao pescoço como homens do habito de S. Luiz.

Trasião comsigo suas mulheres moças, Francezas brancas vestidas de Damas com taes cotas, vestidos, e adereços, que tudo era seda, guarnições, e ouro, em que se manifestava a tenção, com que estas despezas ditas erão feitas: e assim depois de fazerem seus comedimentos: disse o Senhor de la Ravardiére ao Sargento mór.

« Estes dois Indios, e outro que falleceu Tupinambás são desta Ilha, os quaes Monsieur de Rasilli, meu companheiro, levou a França, e os apresentou a Suas Magestades da Rainha Regente, d'El-Rei Luiz (2), meu Senhor, os quaes lhe fizerão tantas mercês, e honras, que vos não saberei dizer o número dellas: sómente digo, que custarão mais de dez mil cruzados, os favores, vestidos, Baptismo, casamentos, até os fazerem Cavalheiros, dando-lhes habitos da nova Ordem de S. Luiz, que agora instituio este Rey; os demais Indios das roupas azues, são Principaes desta Ilha, a saber, o *Brazil*, e o *Xapiasú* (3), homens, que para Indios acho de grande entendimento; e assim elles como os demais vos vem ver como a homens, que nos feitos lhes haveis parecido serpentes, e assim ainda hoje se não asségurão, e temem de vós. »

« Esse temor he mui de atraz, respondeo o do Estado; porque tem já tantas vezes fugido de nossas armas, que hoje não pòdem buscar mais desengano, que na Buapavá hontem (4), e na Praíva(5), e no Rio Grande(6), donde os levava a sua ignorancia, e a malicia dos que os acaudilhavão, dos quaes todos tem seu castigo como o *Mingão* (7), que havendo quatroze vezes escapado das mãos dos Portuguezes, veio a morrer na batalha de Guaxindubá; porem agora somos, e seremos seus amigos, se forem bons, e fizerem o que devem, porque tempo de captivar, e vender Indios he já passado, e Sua Ma-

---

(1) *Dargas*, i. e., adagas.
(2) Era Luiz XIII.
(3) Berredo chama *Japy-assú*.
(4) *Buapava*, i. e., Ibiapaba.
(5) *Prayva*, i. e.. Parahyba do Norte.
(6) *Rio Grande*, i, e., Rio Grande do Norte.
(7) *David Mingan*, Francez de Dieppe.

gestade d'El-Rey Catholico nosso Senhor, em tempo, e a instancia do Governador Geral D. Diogo de Menezes, passou huma Lei o anno de 610, que nenhum Indio do Brazil fosse captivo, antes mandou, que os usurpados fossem postos em sua liberdade, e levados as suas terras à despeza de sua Real Fazenda ; e isto se fez por amor da desordem, que succedeu com estes, de que tratamos na Buapavá. »

Acabada esta pratica, que os Lingoas declaravão aos Indios, se fôrão ver o sitio da Ilha, e o porto, artilharia, e navios, e Aldêa dos *Pedras-Verdes*, Indios, assim chamados, que havião feito vir de varias partes povoar ao longo do dito forte S. Luiz, para ajuda de sustentarem os Soldados do presidio, e assistirem a defesa, quando importasse.

Ao outro dia levou o Senhor de la Ravardiére ao Sargento Mór, e seus Companheiros a vêr a náo *Regente*, que estava no porto de *Guarapary* (1) à vista do forte S. Luiz, e debaixo de outro forte, em que havia quatro peças grossas de ferro coado.

Na Não estava ordenado grande recebimento, e demonstrações navaes de artilharia, e bandeiras ricas de seda, que certificou o Francez haverem custado mais de quinhentos cruzados a fóra o Estandarte Real, que dera a Rainha Regente, que de pinturas, e ouro tinha muito custo.

Depois que estiverão na Náo se fôrão a vêr a terra, e conhecenças da entrada da grande barra de Arasajú(2), e virão a terra de Tapitaperá, e de Comat; da outra banda de Loeste, e assim as Ilhas, que jasem sobre o Porto de S. Luiz, fortes em sitio, e povoadas de mato, mas sem agua.

Todas estas coisas, com permissão do Senhor de la Ravardière, o Sargento Mór notava, e desenhava em seu livro de memoria.

Pelo que la Ravardiére disse :

« Vejo-vos tão curioso, que me parece para vos livrar de trabalho, que vos hei de dar o desenho, que fiz de tudo isto até o Pará, em que me aventurei, e trabalhei muito, e se não fôra a vinda do vosso sobrinho Martim Soares, que me inquietou, e fez acudir a este Forte, cuidando serdes jà todos vindos, certo tivera feito grandes descobertas; mas espero

(1) *Guarapary*. Provavelmente era a enseada de S. Francisco, onde estava o antigo forte deste nome, em frente do Baluarte, outr'ora Forte de S. Luiz.
(2) *Arasajú*, i. e., Araçagy.

que Monsieur de la Blanjartierá, que deixei em meu lugar, me trará grandes novas, e mostras de coisas estranhas, de que à nossa vinda de Hespanha vos mostrarei tudo: com este Fidalgo ficarão quarenta soldados Francezes para melhor seguirem nossos bons intentos. »

O Sargento-Mór lhe deu as graças do desenho, que lhe promettia, e assim tratando de diversas coisas, se tornarão ao forte S. Luiz, donde assentarão, que o dito Sargento Mór se fosse ao outro dia com o Reverendo Padre Fr. Manoel, e que viesse logo o Capitão, que havia de ir a França, e para a viagem de Portugal; assentarão que os Soldados Francezes darião por resgate a caravela, que havião tomado na guerra passada aos Portuguezes, como fica contado; visto que para a viagem era o melhor navio, que os Francezes tinhão, e os Portuguezes nem peor, nem melhor não possuião coisa, em que aventurar-se podessem.

E assim se deu pela caravela, algum resgate de coisas do Armazem (1); e o demais, que se pagaria em Portugal ao Capitão Malharte, que em nome de todos estava elegido para ir com o Sargento-Mór.

E prometteu o Senhor de la Ravardiére (2) de mandar concertar e apparelhar a caravela de novo, e dar duas peças de artilharia, e o mantimento necessario, e assim toda a gente do mar Portuguezes, que tinhão em sua companhia tomados em varios navios, e por varios Cossarios, que ali os havião trazido, e os havião deixado captivos, com este assento, e com muitos feijões, e milho, e favas para plantarem, e comerem os do Forte de Santa Maria, se partio o Sargento-Mór do Estado, e em chegando ao Forte se aviou o Capitão Gregorio Fragoso de Albuquerque, e se veio ao Forte S. Luiz, donde partiu na Náo *Regente* em companhia de Monsieur du Prat á 13 de Dezembro de 1614, levando além dos Avisos, e Ordens de palavra, a Carta para o Senhor Embaixador de Hespanha em França, que se segue, e assim mais o Regimento, que se verá adiante.

---

(1) *Coisas do Armazem.*

O *Armazem* on *Almazem*, como pretende Moraes, era a caza, ou lugar onde se recolhião as armas, e munições de guerra, metralhas, e todo o fornecimento para a guerra, da terra ou naval.

Entende-se tambem por provisões de boca, e guerra.

(2) O homem que assim procedia tão cavalheiramente, foi depois remettido á Lisbôa, e ali jázeu prezo muitos annos no Castello de Belém.

Vide *supra* nota (1) pag. 8, e Ives d'Evreux—*Voyage dans le nord du Brésil pag. XXI* nota (1).

Carta ao Embaixador de Hespanha em França

« Su Magestad d'El-Rey Catholico nuestro Sñor entendiendo ser cosa mui conveniente à su servicio me embiò el año passado de 613 por orden del Governador General destas Provincias Gaspar de Souza a que lhe descubriesse, poblasse, y conquistasse esta Costa del Brazil, que llamanos de Leste Oeste, teniendose por cierto, que en ella se fortificavan para damnar al Perú algunos Cossarios de las Naciones del Norte.

« Partiendo yo pues con pequeña assistencia de las cosas necessarias, solo hize, y reparè algunos presidios en la dicha Costa, haziendo pax con aquellos Selvajes.

« Este año de 614 aviendoseme dado alguna màs assistencia, y dandoseme por Collegua al Capitan, y Sargento Maior de todo este Estado Dieguo de Campos, Soldado viejo de Flandres, que Su Magestad para esta Conquista embiò dende España, venimos à nos alojar en el Rio Marañon, que divide el Perú del Brazil, por la parte del Norte, y porque tuviemos nuevas, que avia Francezes, nos fortifiquamos, y tratamos de occupar por Su Magestad Catholica en sus tierras, lo que nos pareciò à su servicio conveniente.

« Pero fuimos de subito cercados de grandes naus, patachos, y lanchas Francezes, con tanto aparato de guerra, que quasi perdimos la esperança de poder ser soccorridos, y màs que sciendo de subito accommettidos nuestros navios mancos, que sin gente, ni artillaria estavan vazios para bolverse, nos tomaron tres, de que quedamos lastimados, y màs impossibilitados de ningun soccorro.

« Pero los Señores Francezes juntando las fuerças del Estado de los Indios de una Isla, que tienen occupada en este rio con quatro, ò cinco fortalezas, venieron em 19 de Noviembre passado con mas de 2,200 Indios Flecheros em 50 canoas, que son como bergantines, y con mas de 400 Soldados, y Cavalleros de Francia en siete embarcaciones de alto bordo, con artillaria de bronye y de hierro collado para batirnos nuestro fuerte ; en que, como diguo, estavamos en tierra de Su Magestade, y con su orden, y banderas menos de 200 Soldados Portuguezes, y muchos menos de 200 Indios de guerra nuestros amigos.

« Pero como era fuerça acudir à lo que tanto convenia, guarneciendo el Fuerte, como se pudo, salimos em campaña, y

los dimos la batalla, en que Dios se serviò mirar por nuestra justicia, de que le damos infinitas gracias, quedando Señores del campo, y del sitio, y de todas las embarcaciones de remo que fueron quarenta y seis, à que dimos fuego.

« Muriò Monsieur de Pisiaus, y otros muchos Nobles, y Soldados en numero de mas de 115, de los nuestros tambien murieron algunos, pero como della buena guerra succede la buena pax, veniendo los Francezes con orden de Mons. de la Ravardière a pedir sus muertos para darles sepultura, lo que yà por nos otros estava hecho; tras este trato se conseguiò, que supimos, que Su Magestad Christianissima d'El-Rey de Francia sin dar parte a V. S., y Monsieur de Momoransi (1), Almirante desse Reino, avian embiado à hazer esta Conquista, ò Colonia dizen, que à persuasion de Mons. de Rasilli, vezino de Loudun, y Chinun, y del Sñor de Sansi Nicolàs de Harley del Consejo d'Estado desse Reino, de quien èl dicho Ravardière se nombra fator, ò compañero, y como de ambas partes tuvimos precisa necessidad, de que los tratos fuesen adelante: pareciò que se diesse aviso à Sus Magestades, aviendo hasta su Real repuesta, suspension de armas, que durarà hasta el mez de Diciembre de 615, ordenando que un Cavallero Portuguez, y un Francez vaya à Francia, otro tal à España, y assi fuè elegido para esse Reyno, y para el servicio de V. S. mi sobrino el Capitan Gregorio Fragozo de Albuquerque, y para España mi compañero el Capitan, y Sargento Maior Dieguo de Campos, que con Su Magestad sabrà en España tratar lo que conveniere.

« Supplico à V. S., que en esse lugar oiga à mi sobrino, pues son materias tan inportantes al servicio de Su Magestad, y de V. S., y de todos tan desamparadas; y en lo que se offereciere, V. S. se sirva mandarlo encaminar para que todos acertemos, porque es hombre destas partes, y tiene poca pratica dessas; mal el, y todos nos otros tenemos mucha confiança, que V. S. nos harà la merced que merecemos, para que con respuesta breve seamos favorecidos.

« Los Francezes llevan los papeles, y acuerdos de una via, el Capitan de Campos lleva la otra à Portugal, y à España, donde V. S. serà mas largamente advertido, que esta solamente sirve de aviso.

---

(1) Era o Duque de Montmorency.

« Dios guarde a V. S., del rio Marañon, en el fuerte Santa Maria de los Portuguezes a 13 de Diciembre 1614.— *Hieronymo d'Albuquerque.* »

O Regimento que juntamente se deu ao dito Gregorio Fragozo foi o seguinte :

Cousas que por serviço de Sua Magestade ha de advertir o Capitão Gregorio Fragozo d'Albuquerque, em o Reino de França, ao Sr. Embaixador de Hespanha.

« Primeiramente continuará a caza do dito Sr. Embaixador, sempre servindo, e acompanhando a S. S. até com effeito ser respondido, e fará todas as diligencias, que pelo dito Senhor lhe forem mandadas sobre os negocios desta Conquista.

« Advertirá a S. S., que o Maranhão, e suas terras, e assim as de Tapitaperá, Comat, e Pará, e todas as demais de aquestas Costas são á parte do Norte do Perú, e do Brazil : as quaes Provincias hoje não são desertas, mas desoccupadas de Portuguezes, ou Castelhanos por infortunios notaveis, e perdas de navios, e gentes, como as Chronicas estão cheias ; porque neste Maranhão estão os fundamentos dos primeiros Portuguezes, que aqui povoárao, a saber :

« Os filhos de João de Barros, e os Mellos, e outros, a que, pelos trabalhos de Portugal, se não póde dar soccorro, e que não são despovoadas ; pois o Brazil tem mais de 30,000 Portuguezes, e tantas Cidades, e Villas, como se sabe, e o Perú, o que he notorio, sendo o Imperio do Novo Mundo de Sua Magestade ; de modo, que se por não ter moradores huma terra, se ha de tomar a seu dono, Silves no Algarve, Algisiras junto a Gibraltar estão sem moradores no coração de Hespanha, e aqui nesta parte, que he do Perú, se fórma huma nova França, ou está já formada com vinte Capuchos, de que he Commissario o Padre Fr. Archangelo de Pembroc da dita Ordem, do qual S. S. póde saber muitas cousas ; e que estavão 800 Francezes mettidos nesta Colonia com mulheres, e custo incrivel, e com pouco proveito até agora, segundo dizem, que o Sr. de la Ravardière tem dado terras, e Indios a Fidalgos, e Soldados seus ; os quaes vivem fazendo fazendas, e as possuem como suas na terra d'El-Rey de Hespanha, cousas, que denotão mais fundamento, do que se póde dizer neste negocio.

« Que temos entendido, que se não forão as lianças de Hespanha, e França, estiverão já nesta Colonia mais de dois mil homens Francezes.

« Que na cidade de Paris em carros triumphaes forão levados os Indios Tupinambás, e os padrinhos o Senhor de Guiza, e Sua Magestade d'El-Rey de França lhes deu mulheres Francezas, e muitos vestidos, e dadivas, com que os tornou a mandar ao Maranhão por seus vassallos, sendo d'El-Rey nosso Senhor, e além destes, e outros muitos liados, que tem, trazem *Lingoas* Francezes em todas estas Provincias, com que nos tem feito, e fazem muito damno.

« Que o Cardeal de la Joyeuse tinha offerecido para esta Colonia a despeza de hum Seminario, como o dirá o P. Archangelo, e assim a Rainha Christianissima Regente huma grande ajuda, que tudo com capa de Religião Christã, vem a ser em damno do serviço de Deos, e destas Provincias : nas quaes dizem, que tem descoberto minas de Lapislazur (1), e nova pescaria de perolas, e tem achado pedraria de valor, sobre que ha preitos entre elles, e que cada dia de novas madeiros, e tintas dos Indios, tratão de tirar a substancia, com que levar avante estes principios ; acolhendo aqui da mesma maneira aos Cossarios, que de roubar as terras do Brazil, e da Mina(2) vem aqui desgarrados a buscar mantimento, e remedio a suas viagens.

« Que resgatão por machados, e fouces, e outras coisas de pouca substancia muitos escravos dos mesmos Indios, que huns a outros se comem, e se captivão, e com elles se vão engrossando em modo de fazer fazendas : e que tratão de mandar ao mar de Angola a tomar os navios, que vem com escravos ao Brazil, e ás Indias, para metter nesta Colonia, e fazerem sem despeza mais, que a agencia dos Cossarios, hum riquissimo Reino, e que achámos aqui seus captivos, com ferros nos pès, muitos Portuguezes nossos de trez annos de escravos, que como taes lhes roçavão, e plantavão, e servião no campo.

« Os quaes para sempre estavão condemnados a esta vida, cousa, que nem em Barbaria se usa.

---

(1) *Lapislázuli*, he huma especie de lapis (plumbagem mineral) ou pedra azul, com bêtas, ou pontas de ouro scintillantes.

(2) *E da Mina*.

Refere-se ao forte de *S. Jorge da Mina* na Costa de Guiné, que depois tomarão os Hollandezes.

« E isto, porque não dessem noticia do que havião visto nesta Colonia, na qual tem mettido tanto cabedal, que seguramente entendemos, e sabemos, que pedem favor a Inglaterra offerecendo-lhe o feudo, e menajem, e em caso que de França lhes falte assistencia, por quanto o Senhor de la Ravardiére, alèm de ser da Religião(1), he cunhado do Conde de Mongomeri, que tem em Inglaterra mil parentes, e cunhados, homens de substancia, poderosos, e ricos.

« Tambem por sua natural inclinação de conquistar, e povoar coisas estranhas, e novos descobrimentos, he de arrecear, que não viverá quieto, se a força o não obriga, ou beneficios.

« Pelo que parecendo a Sua Senhoria, que os pobres Francezes Catholicos, e mecanicos, que aqui estão casados com suas mulheres, e filhos, que de França trouxerão, e alguns solteiros, e dos Nobres accommodados na terra, que fiquem os que quizerem possuindo o que tem, como vassallos de El-Rey Catholico nosso Senhor, e aos que não tiverem terras, que possão dar-se-lhes, sem embargo da prohibição feita, que trata dos Estrangeiros, estes taes sempre serão de grandissimo effeito, porque como tão praticos em todas as coisas de aquella Conquista, e nas execuções dos desenhos de seus maiores, e juntamente liados, e vindos com os Indios, de que não temos ainda hoje noticia alguma, ficarão entre nós outros fasendo hum effeito maravilhoso, e os Indios que dependem de suas linguagens, e promessas, não terão alteração alguma ; e por este meio mais breve, e mais quietamente, e com menos despezas seremos senhores do que á Sua Magestade tanto importa, e lançaremos os Hollandezes do Cabo do Norte nesta Costa (2), donde se fortificão na boca do Rio das Amazonas, sem que de Hespanha seja necessario buscarem-se, e mandarem-se homens a grande custo, ignorantes do que estes sabem, e nisto não ha duvida ser mui conveniente tomar-se hum bom assento.

« Ha-se de notar, e entender além destas cousas com grande diligencia, e todo o segredo, o que tratão, e machinão os Srs. de Sansi e de Rasilli (3), e se juntão gente, e se tornão a mandar a sua náo *Regente*, que he de 400 toneladas, e leva 300 a 400 homens, e he sua, e dedicada a esta Colonia :

---

(1) *Religião*. Assim erão conhecidos os Protestantes.
(2) Isto prova a precedencia dos Hollandezes no territorio do Cabo do Norte.
(3) *Rasilli*. Yves d'Evreux escreve *Rasilly*.

porque se assim fôr, convém qualquer cousa por pequena que seja, que se souber disto, avisar a Hespanha para prevenir Sua Magestade, o que convém, e que nos não tomem desapercebidos, donde com Altares, e Mosteiros de Capuchos, e Clerigos, Curas d'almas se vai continuando com a obrigação do Santo Evangelho prégando-se em todo este barbarismo.

« Isto que aqui se adverte ao Sr. Embaixador, he o mesmo que em Hespanha se ha de tratar pelo Capitão, e Sargento-Mór deste Estado, com Sua Magestade, que Deos muitos annos guarde, e sempre engrandeça : a 13 de Dezembro 1614. »

Neste mesmo dia foi com o dito Gregorio Fragozo para a Ilha, Mathias de Albuquerque, filho segundo do Capitão Jeronymo de Albuquerque, para assistir com os Francezes, emquanto no Forte Santa Maria dos Portuguezes assistia Mons. de Lastre (1), Cirurgião Maior dos Francezes, que curava os feridos Portuguezes, nos quaes fez notaveis curas sem algum interesse.

Porque ainda que quizessem não tinhão com que pagar taes beneficios, mais que acudirem todos a Deos, a quem se devem as graças.

Pois *(dedit salutem ex inimicis nostris, et de manu omnium, qui oderunt nos)*.

A 16 do dito Dezembro partio a náo *Regente* para França com Mons. du Prat, e o Padre Archangelo com dezesete Religiosos da sua Ordem, ficando na Colonia dous sómente, e hum Clerigo de Missa.

Tambem se embarcou Mons. de Canon-Ville, e outros até numero de cem pessoas, em que entrou Gregorio Fragozo, que ia com Mons. du Prat, como está dito.

Ao largar a vela, a náo *Regente* salvou ao Forte S. Luiz, do qual fazendo-se a devida resposta, arrebentou huma peça grande de ferro coado Ingleza, e matou cinco homens nobres, e o Condestabre, e estropeou dous ; toda esta gente era da obrigação do Sr. de la Ravardière, o qual mostrou sentir tanto esta desgraça, como a passada da rota, que lhe derão.

Partida a náo *Regente*, logo se pôz com diligencia mão no concerto da caravéla, e em se prevenir algum mantimento de

(1) Vide sobre este Cirurgião a obra de Yves d'Evreux á pag. 392 e notas de Mr. Ferdinard Denis, além de Ternaux Compans—*Archives des Voyages publiées.*

farinha, e agoa para o Sargento-Mór, a quem seu companheiro Jeronymo d'Albuquerque dava huma notavel pressa, a que se partisse; ou por se vêr sem quem lhe podesse ir á mão, ou porque esperasse desta ida mais remedio, que de todas as dos outros, de que tinha pouco conceito.

Finalmente sendo já todas as cousas reduzidas ao estado melhor, que o tempo dava lugar, e feitos todos os Assentos, e Papeis necessarios em como Jeronymo d'Albuquerque ficava quieto de posse de sua Fortaleza acabada sobre o Maranhão, com Religiosos, Igreja, cazas de vivenda, roças, plantas, dous barcos, e dous bateis, que hum dos barcos se havia comprado aos Francezes por haver na Fortaleza mais serviço, e assim redes para pescar, e mais de quarenta jangadas feitas para as pescarias, e mantimentos dos Indios; veio o Capitão Maillarte (1), ao qual se derão pela caravéla 500 cruzados, a saber em cousas de resgate 130$, e em hum Escripto a pagar em Lisboa o resto, com o mais, que custou o mantimento para a viagem, de que se fez Assento ser tudo por conta da fazenda de Sua Magestade; pois a caravéla não se tomava para mais, que para seu serviço, e assim feitas estas cousas, se despedio o Sargento-Mór do Estado dos Soldados, e seu companheiro, e com a benção dos Revs. Padres Capuchos, partio do Forte Santa Maria á terça-feira, depois da derradeira Oitava do Natal, e se veio por mar reconhecendo os baixos, e barras até o Forte S. Luiz, pela barra grande de Arasajú (2).

Depois de embarcado o Sargento-Mór na caravéla se deteve dous dias a respeito das vazilhas para agoa, que se não achava ordem de as accommodar; e porque nesta parte havia mais commodo de mantimentos, que no Forte dos Portuguezes.

Neste tempo houve ordem de se tratarem algumas cousas do serviço de Sua Magestade com alguns daquelles Particulares; os quaes derão ao dito Sargento-Mór as mostras de todas as cousas, que achado tinhão naquellas partes, e o Sr. de la Ravardière lhe deu hum traslado da *Relação*, que mandava a França de seus successos com os Indios, a qual traduzida diz desta sorte:

---

(1) *Maillarte.* Yves d'Evreux na sua *Viagem* chama *Maillar*, pag. 134.
(2) *Arasajú.*
Actualmente chama-se *Araçágy.*

SUMMARIO DO QUE FIZ NESTAS TERRAS DO BRAZIL.

« Primeiramente tenho assegurado aos povos dos Gentios, tanto da Ilha, como da terra firme, ajuntando-os, e unindo huns com os outros debaixo da obediencia do meu Rey ; estorvando-os, que não fujão de medo dos Portuguezes, e reduzindo-os á tal obediencia dos Francezes, qual desejar se póde.

« Porque além de que já não comem mais carne humana em todas estas Comarcas ate duzentas legoas de aqui, donde fenece a dos Tupinambás, e nenhum Principal destes não emprehenderão guerra contra outros seus contrarios, chamados *Tapuias*, sem primeiro lhes pedirem licença, para o que lhes mandão seus Agentes, ou vem elles mesmos a pedir-me a dita licença, e de proximo oito dias antes, que chegassem os Portuguezes, aqui vierão trez *Principaes* do Parà, e de *Cajeté* (1) a me pedirem licença para irem fazer guerra a huma Nação a quatro centas legoas de aqui, chamada *Camarapi* (2) sobre hum rio chamado *Pacajari* (3).

« Logo que a Náo *Regente* foi partida, que foi em oito de Dezembro de 1612, no mez seguinte mandei ao Meari, rio aqui visinho, quarenta Francezes buscar aos *Tabajares*, Nação de Indios inimigos, que estavão duzentas leguas de aqui sem haver delles alguma noticia.

« Nesta primeira viagem deixarão os meus dois Indios nossos escravos da dita Nação ; os quaes, ficando no mato com mantimento para os irem buscar, porém feita diligencia, se tornarão sem achar nada ; e isto tenho advertido em outras *Memorias* minhas, que esta Nação havia sido muito maltratada dos outros nossos Tupinambàs.

« E finalmente depois de sete, ou oito mezes, havendo feito muita mais diligencia com quatro viagens, que ali fizerão os Francezes, derão com esta gente, e disserão logo que havia duas Castas delles desta mesma Nação *Tabajares*, que vivião em guerra, e comião huns a outros cruelmente ; e como se ajuntarão a mim, vivem hoje nesta Ilha

---

(1) *Cajeté*, i. e., *Cayté*, actualmente—*Bragança*.
Vide Yves d'Evreux—*Voyage* pag. 130, 418 e 424.
(2) *Camarapi*. Ignora-se que tribu de Indios era.
Vide Yves d'Evreux—*Voyage* pag. 27 e 400, que os denomina *Camarapins*.
(3) *Pacajary*. Provavelmente o *Pacajás* ou *Pacayá*.
Vide Yves d'Evreux—*Voyage* pag. 27 e 401.

em paz, e todos juntos com os Tupinambás naturaes, que antes de huns, e outros erão inimigos.

« Depois tendo aviso, que havia outra Nação dos *Tabajares* mesmos em hum rio, que a sua barra he daqui cem legoas, mandei ao meu Lugar-Tenente General Monsieur de Pisiaus (1) com 35 Francezes, os quaes achárão a dita Nação mais de duzentas legoas pelo rio acima, a qual se chama *Vuarpì* (2); e deixando alguns Francezes para os trazerem, vierão até as terras de Comat (3), e serão desta parte em entrando as chuvas, porque já os *Principaes* estão comigo, e desta mesma tenho aviso de outra Nação Tapuia, chamados *Igaran Uvanvá*, que estavão nas terras defronte de *Pacuripanam* (4), os quaes não desejão mais, que chegar-se à nós outros pela noticia, que tem de alguns escravos nossos de sua Nação, os quaes lhes mandamos livres para que entendessem, que queriamos paz com todos os Naturaes ; e sobre este aviso mandei com outros escravos alguns Francezes com hum Lingua por nome o *Mingão* (5), o qual os fez vir até às terras de *Pacuripanam*, e estão hoje de paz, e mistura com os Tupinambás, e fazem roças de mantimentos, em toda a paz, e amisade com aquelles, com os quaes pouco antes havia tal guerra, que se comião huns aos outros.

« Depois disto feito mandei Monsieur du Prat a hum rio chamado *Guajabug* (6) a 200 legoas de aqui com 30 Francezes, e alguns escravos de huma Nação de Tapuias, que fica sobre este rio.

« A qual gente havendo navegado com imaginação certa de os achar, ou perto, ou longe, tanta diligencia fizerão até que os nossos *Lingoas* os descobrirão, e lhes derão a entender como os quereriamos por amigos perto de nós outros ; e assim os obrigárão a trabalhar em fazer canôas para se virem, e nas que tinhão se embarcarão logo trez, ou quatro

---

(1) *Pisiaus*. Yves d'Evreux chama *Pezieux* e *Pisieux*.

(2) *Vuarpí*. Yves d'Evreux chama—*Ouarpy*, que era um rio e paiz ha 120 legoas da ilha do Maranhão, pag. 146 e 424.

Não póde ser outro paiz senão o alto Gurupy.

(3) *Comat*, i. e., *Cumá* ou *Cuman*.

He hoje a Comarca de Guimarães.

Vide em Yves d'Evreux, pag. 27 e 401, 130 e 418, e 306 e 446, a significação deste nome; que uns querem que seja *lugar de apanhar peixe*, e outros *paiz das terras leitosas*.

(4) *Pacuripanam*. Actualmente—*Bacuripanam*.

(5) Vide *supra* nota (7) pag. 250, e Yves d'Evreux—*Voyage* pag. 60 e 401. Mas este author o chama *David Migan*.

(6) *Guajabug*. Hoje chama-se *Grajahú*, e *Guajahú*.

Aldeias, e se vierão a esta Ilha, e depois delles os demais com o dito Senhor du Prat.

« O qual os trouxe aqui, com que me achei bem embaraçado pelos accommodar, e sustentar juntos, que nunca quizerão dividir-se pelas Aldeias dos outros, de modo de que os não comessem, como tinhão de costume.

« Entonces me resolvi de largar huma Aldeia, que tinha de minha gente a huma legoa daqui, e os mandei aposentar nella, fazendo sahir os meus (1); e lhes dei todas as roças de mandioca para seu sustento, e elles me promettêrão fazerme outras, e ainda que já por este anno he tarde, será ao outro com o favor de Deos, se a terra nos fica como espero.

« De mais disto tenho mandado vinte e cinco Francezes com hum de meus escravos, *Principal* de sua Nação, a buscar huma de Tapuias 250 legoas dentro do Rio Pará, que são em tanta quantidade, que me offerecem cem canôas grandes, como os Principaes me tem promettido, aos quaes eu fallei em *Parijop* (2), sobre a terra dos *Pacajazes*, quando fui ás Almazonas: aguardo por esta gente no mez de Maio, se não tiverem algum estorvo, esperando recado meu. Pois hão de saber, que estão já aqui os Portuguezes.

« Os quaes se tardarem mais hum ou dois annos, já tinha dado ordem, para que se ajuntassem aqui comnosco mais de dez outras Nações, que entre ellas ha huma sobre hum rio da nossa bahia, que he maior Nação, que toda a dos *Tupinambás*.

« Não digo o número das viagens, e caminhos, que tenho feito, e mandado fazer em estas terras, e rios pelos meus, nem digo da minha viagem, que quiz fazer ás Almazonas; porque ficou imperfeito pela vinda a esta terra de Martim Soares Moreno (3), Portuguez, que veio a

---

(1) Parece que erão estes Indios chamados das *Pedras Verdes*, de que já se tratou á pag. 251. Tinhão vindo do lado do Mearim, e chamarão-os os Francezes *Pedras Verdes*, porque trazião pedras dessa côr nos labios, e as extrahião de uma montanha não mui longe da sua Aldêa; segundo refere Yves d'Evreux na sua *Viagem* á pag. 39. Assegura o mesmo escriptor que havia *esmeraldas* mui finas nessas montanhas, que suppomos ser as de onde nascem os rios Mearim e Grajahú.

(2) *Parijop*. Refere-se á Aldêa do *Parejó*, ou *Parijó*, uma legoa abaixo de Camutá, na mesma margem do Tocantins, no local hoje denominado *Azevedo* (Baena—*Ensaio Corographico sobre o Pará*, pag. 298 *in fine*). Yves d'Evreux dá em sua *Viagem* á pag. 27 e 401 o nome de *Parísop* ao rio Tocantins.

(3) Sobre a viagem ou exploração de Martim Soares Moreno, consulte-se a *Viagem* de Yves d'Evreux cap. 10 pag. 33.

descobrir estas terras, e bahias do Maranhão no mez de Agosto de 613 de parte de Jeronymo d'Albuquerque, que em ella está presente, como parece em nossos *Artigos de paz*.

« De mais disto tenho mandado fazer quatro Fortes sobre as principaes partes, e portos desta Ilha, donde em todos tenho artilheria, principalmente em este de S. Luiz, donde tenho muita quantidade: não ponho aqui minhas penas, e trabalhos, e perdas, que tenho corrido indo, e vindo 300 legoas desta Costa dentro em huma canôa, atravessando as barras, e bahias, e dobrando as pontas de todas ellas no tempo das brigas (1), nem fallo em trez crueis, e compridas enfermidades, que me causárão estes trabalhos; porque quem quizer considerar tudo isto, e julgar com igualdade, rogará a Deos, que o gratifique, e nos sustente em paz dentro no nosso Mundo arctico.

« Feito no Forte de S. Luiz no Maranhão, a 29 de De-Dezembro de 1614.—*La Ravardière.* »

Além destas Informações, e Papeis, vio o dito Sargento Mór as terras da Ilha, e roças de algodão, de que os Francezes tirão algum proveito, e o tabaco, ou herva santa, do qual fazem quantidade com tão boa tempera (2), que val huma livra em França hum escudo de ouro.

Tambem vio a canafistola do rio Meari (3), da qual levão a França quantidade em conserva, e secca.

Tambem vio as perolas, que Mons. de Pisiaus trouxe do rio *Zouarpi* (4), que são maiores, que grãos, e da feição de cabacinhas algumas, em que vio huma mui grossa.

Tambem trouxe Mons. de Pisiaus desta sua Jornada enxofre mineral, o qual assegurão que se não acha, senão

---

(1) *No tempo das brigas.*
Parece que he erro de copia ou typographico, e que o author referia-se ás *brisas*.

(2) *Tabaco.... com tão boa tempera.*
Ainda hoje assim he; mas o cultivão pouco, e não o fazem bem conhecido nas Exposições.

(3) *Canafistola do rio Meari.*
A *Canafistola* he uma especie de cana de côr preta, cheia de polpa, e medicinal.
Não he hoje artigo de exportação, e nem de cultivo.

(4) *Zouarpi.*
Parece ser a mesma denominação do rio *Gurupy*, que acima era chamada—*Vuarpi.*
Qual era a verdadeira denominação deste rio, ignoramos; mas julgamos que entre todas se deve preferir a de Yves d'Evreux—*Ouarpy*, que parece ter sido escripta com mais cuidado, e approximar-se de *Gurupy*.

donde ha minas de ouro, ou prata (1), e para isto fizerão vir de França na Nau *Regente* hum Capucho, grande Mineiro, chamado *F. Hivo* (2), o qual adoeceu de sorte na Ilha do Maranhão, que não pôde ir às Minas, antes, por não perder a vida, se tornou a França.

O Cavalheiro de Rasilli, da Ordem de S. João, e seu irmão Mons. de Lone, e o Sr. de la Blanjartiere, e outros Fidalgos aprendem, e fallão a lingoa dos Indios, obrigados de esperanças, que ninguem declara, e todos as confessão; e assim vão lançando mão de todas as miudezas, que achar podem, fazendo cazo da tinta vermelha do *Orucú* (3), e da outra mais fina chamada *Carajoru*, e do páo amarello chamado *Tatajuba*, e de todas as madeiras, que de diversas côres achão para se poder fazer obra ou tinta.

Tambem no Rio Meari tem descoberto *salitre* (4), com que já hoje refinão sua polvora, e isto de minas, e terra salitrosa, que o dá em grande abundancia: tem da mesma maneira descoberto marinhas naturaes de sal (5) mui perfeito em quantidade, que podem carregar quantos navios quizerem, o qual está quarenta legoas do Forte S. Luiz, da outra banda da terra firme de Loeste.

Tem estas terras muita almecega (6), de que se valem muito, e mui fino incenso, do qual ha huma especie de arvores, que dão tanto, que breão com elle os navios e canoas.

Tem infinito oleo de Copahyba em toda esta Costa, de que os Francezes tirão a quinta essencia para suas mezinhas, e fica como agoa.

Tambem nestas partes dizem, que a temporadas achão muito *ámbargris* (7), e o anno de 1610 achou hum Francez, Sol-

---

(1) *Minas de ouro e prata.*
Ellas existem no territorio entre os rios Gurupy e Turyassú, hoje abandonadas por difficuldade de minerar.

(2) *Chamado F. Hivo.*
Refere-se ao Capuchinho Fr. Yves d'Evreux, author da obra—*Voyage dans le Nord du Brésil fait durant les années* 1613 e 1614.

(3) *Orucú*, i. e., urucú.

(4) *Salitre.*
Ignora-se o local desta mina.

(5) *Marinhas naturaes de sal.*
Talvez se refira as minas que se achão no territorio banhado pelo rio *Iguará*, no local denominado *Salitre*; por quanto as *Marinhas* de sal ficão mui proximas nas praias de Alcantara.

(6) *Almecega.*
A *almecega* he a resina do lentisco. A do Brazil ou gomma *eleme* he extrahida da arvore Issicariba, ou *almacega*, da qual ha a *brava*, e a que dá a de boa qualidade.

(7) *Ambargris*, ou ambar branco, he uma substancia opáca, leve, oleosa, cinsenta, semeada de pequenas manchas brancas, amarelladas, ou escuras no

dado de la Ravardière, por nome Mons. de Baull, na terra dos *Pacajares*, da banda do Pará duas pedras (1), huma como hum ovo de pomba, outra menor : pela qual dizem, que dá El-Rey de Inglaterra 20:000 libras sterlinas ; huns dizem ser *balais* (2), outros lhe dão differentes nomes.

As aves, e animaes silvestres desta terra são innumeraraveis, e estranhos, de que se toma grande abundancia para sustento das gentes ; e assim no mar, e nos rios são infinitas as sortes, e quantidades de peixes, os quaes se tomão ás mãos muitas vezes, e ás pancadas, e de *peixes bois*, cuja carne he como de vacca da mesma côr, sabor e cheiro, e he tão abundante este sitio, que só de hum rio tinhão os Francezes tirado 250 ; e com estas, e outras cousas, que vio, e entendeo o dito Diogo de Campos, se partio do Forte S. Luiz, a 4 de Janeiro de 1615, trazendo comsigo ao Capitão Mattheu Maillarte Francez, com o qual para refem, e testemunho do que dito fica, se apresentou diante do Sr. Arcebispo (3), Vice-Rey de Portugal, em 5 de Março do dito anno, sendo o primeiro Portuguez, que do Maranhão em direitura veio a Lisboa de tantos, quantos intentárão aquella empreza, de que a Deos sejão dados eternos louvores.

FINIS.

---

seu interior; odorifera, electrica, resinosa e inflamavel: sendo pura, arde com viva claridade, e sem residuo

Encontra-se em varias arvores, e no ventre de alguns cetaceos.

Ha o amarello chamado tambem succino, e o preto, que he o de inferior qualidade.

Os Tupinambás o chamavão *Pirápoty*, i. e., excremento de peixe. Yves d'Evreux —*Voyage* á pag. 143 e 423.

(1) *Duas pedras*, i. e., preciosas.

Parece que foi isto uma fabula.

(2) *Balais*, i. e., uma especie de rubim, inferior ao *espinel*, e ao verdadeiro da *Pegú*, que he o mais estimado.

(3) D. Aleixo de Menezes, Arcebispo de Braga.

PRIMEIRA EXPLORAÇÃO

DOS

RIOS MADEIRA E GUAPORÉ

FEITA POR

JOSÉ GONÇALVES DA FONSECA

EM 1749

POR ORDEM DO GOVERNO

NAVEGAÇÃO FEITA DA CIDADE DO GRAM-PARÁ

até a boca do Rio da Madeira pela escolta que por este Rio subio ás Minas do Mato-Grosso (1), *por ordem mui recommendada de Sua Magestade Fidelissima no anno de* 1749, *escripta por José Gonçalves da Fonseca no mesmo anno.*

Sahirão as canôas de Sua Magestade em 14 de Julho do porto da cidade do Grão-Pará com o designio de fazer viagem pelo rio das Amazonas, e deste entrar no Madeira seu confluente pela margem do Sul, e buscar por elle os Arrayaes do Mato-Grosso, na fórma das ordens d'El-Rey Nosso Senhor.

Navegou-se o dia referido tomando o caminho do rio chamado *Mojú*, que desemboca duas horas de viagem do Pará.

Com o favor da enchente da maré se entrou e discorreu pelo Mojú no rumo de Susueste, e parte ao Sudoeste ; e principiando a vazante se fez pausa a esperar a maré seguinte ; chegando a qual se navegou o mesmo rio no rumo de Oessudoeste até á boca do *Igarapé-merim*, aonde chegámos ás 2 horas da tarde do dia 15.

Este *Igarapé-merim* he huma como valla de agoa, que corta a peninsula de terra que ha entre este rio Mojú e o dos Tocantis : a entrada desta valla he tão estreita, que apenas dá passagem a canôa grande, e assim continúa por espaço de meia legoa, até que vai alargando em formosas enseadas, em que ha bastantes moradores com roças de farinhas, canaviaes, e algum cacáo, e vai sahir á bahia chamada *Marapatá*, que he a boca do rio Tocantins.

Entrando no dito Igarapé-merim se navegou a Oesnoroeste, e neste mesmo rumo se desembocou na mencionada bahia.

Para fazer viagem da cidade á esta bahia ha outro caminho a que chamão por fóra, que he navegar entre a grande Ilha de *Joannes* (2), que lhe fica ao Poente, e a costa da peninsula já mencionada ; porém este caminho, supposto seja mais breve, he bastantemente perigoso em razão dos bancos de arêa e pedras que tem, e sem abrigo para as trovoadas, que ordi-

---

(1) *Minas do Mato-Grosso*. Assim se chamou á principio o territorio dessa Provincia; bem como tambem se chamava o de Goyaz, *Minas dos Goyazes*.

(2) He a ilha de *Marajó*.

nariamente se levantão de tarde, que fazem a dita costa mui desabrida e de difficil navegação, a qual só por necessidade emprehendem os moradores: porém os Indios da mesma costa que habitão em duas aldêas chamadas huma *Murtigura* (1), e outra *Sumaúma* (2), a navegão em canoinhas a toda a hora, porque ainda que as alague o mar, nelle mesmo desagoão a canôa, e continuão viagem ; e se isto não podem fazer, sempre a nado salvão as vidas.

Chegados á bahia de Marapatá, se devia atravessar á terra opposta em ordem a ir buscar as Ilhas que ha entre a de Joannes e a terra firme da parte de Leste ; porém como era preciso tirar Indios da aldêa do *Parejó*(3), aggregada á Villa do *Camutá*, se foi costeando a bahia á parte esquerda subindo Tocantins acima, navegando-se por elle a Susudoeste e ao Sul, que he o seu verdadeiro rumo ; e á 8 horas de caminho á vela se entrou em canaes que fazem muitas Ilhas, por entre as quaes se navegou seis horas, e se foi atravessando para a villa do *Camutá*, gastando trez horas de transporte da margem de Leste á de Oeste.

Acha-se esta Villa situada em 2 gr. e 40 min. de elevação austral na margem dos Tocantins, á parte occidental, em sitio pouco elevado, aonde faz huma planice capaz de se construir nella muito melhor povoação da que existe, que se contém em huma pequena rua de cazas humildes, e sómente duas com cobertura de telha ; tem Igreja Matriz mui pobre de edificios e ornatos, e hum hospicio de Mercenarios, não menos destituido de Igreja e claustros, porém tem muito melhor asseio para o Culto Divino.

Vivem os moradores em suas roças, em que lavrão mandiocas, cacáo e tabacos, e fazem muito azeite, que costumão extrahir de huma castanha que se colhe pelas Ilhas, e tem uzo para o candieiro : chama-se a este azeite—*Andiroba*—, e em todo o *Estado* se fabrica : os ares dos Tocantins são salutiferos, os horizontes mui alegres, as agoas do rio mui crystallinas e saborosas, porêm trazem em si tão subtil porção ou qualidade petrificante, que aos habituados a ella occasiona o terrivel achaque de pedra.

He o mesmo rio abundante de peixe, e as suas margens e Ilhas de toda a sorte de caça, e gosão aquelles habitantes

---

(1) He hoje a villa do *Conde*.
(2) He hoje a villa de Béja.
(3) *Parejó*.
Os Francezes chamavão *Parijop*, e *Parisop*. Vide *supra* nota (2) á pag. 262.

desta fertilidade que a natureza espontaneamente lhes offerece, e poderião adiantar a sua utilidade dos fructos, se cultivassem as terras com cuidado, pois são todas de huma e outra margem de admiravel disposição para todo o genero de lavouras.

Nasce este rio dos Tocantins na chapada grande que corre do Brazil de Leste para Oeste; e nas suas cabeceiras se descobrirão as Minas de Goiaz, Maranhão, S. Felix, Natividade, Crixás, e outras, que todas tem vertentes ao mesmo Tocantins.

Da dita Villa do Camutá se foi buscar a aldêa do *Parejó* (1), que em distancia de quasi huma legoa está situada no mesmo continente á parte do Norte.

Embarcados os Indios desta aldêa, que são os de melhor prestimo para o serviço de remar canôas, se navegou por entre Ilhas no rumo do Norte a buscar o Igarapé chamado do *Limoeiro*, que he outra porção de agoa em semelhante distribuição á do Igarapé-merim acima mencionado, por onde passão as canôas evitando a viagem da costa, que he da mesma sorte perigosa que a de Mortigura.

Entra-se neste Igarapé ao rumo de Noroeste, e no mesmo tem a sahida defronte da Ilha do *Marajó* (2).

Entre esta e a terra firme donde desemboca o dito Igarapé ha huma immensidade de Ilhas que correm a differentes rumos, e ha canaes e bahias entre humas e outras, por onde atravessão as canôas a buscar seu caminho ou para a Ilha de *Joannes* navegando ao Norte, ou a buscar a aldea de *Araticú* (3) a Oeste; e este fizerão as canoas da escolta com 12 horas de caminho á vela e remo até huma Ilha, em que está situada a dita aldêa.

Desta se buscou, fazendo viagem ao Norte, a grande Ilha de *Joannes* pela ponta de Leste, aonde finaliza a mesma Ilha para a parte das Amazonas; e fazendo-se observação na dita ponta se achou estar em 2 gr. e 12 minutos ao Sul.

Desta ponta correndo ao rumo de Oeste, e Oessudoeste se buscou a aldea de *Aricurú* (4), que está situada á parte do Poente, e se chegou a ella em 10 horas de caminho á vela.

Desta aldêa fazendo caminho ao Sudoeste e Susudoeste em

---

(1) Hoje se denomina—*Azevêdo*. Vide nota precedente.

(2) O author parece desta forma distinguir a ilha de *Marajó* da de *Joannes*, quando hoje são identicas.

(3) *Araticú*. He hoje a villa de *Oeiras*.

(4) *Aricurú*. He hoje a villa de *Melgaço*.

trez horas se chegou a de *Arucará* (1), situada ao Nascente sobre a terra do Camutá em ponta de terra firme.

Todas estas aldêas são missionadas por Padres da Companhia de Jesus, e nellas se aldeárão antigamente os Indios chamados *Ingahibas* catequizados nos matos pelo celeberrimo Padre Antonio Vieira da mesma Companhia, e ainda se conserva alguma descendencia da dita nação.

A navegação, que aqui se fez de humas aldêas para outras, toda foi por entre Ilhas, e para se formar conceito do grande pelago em que se formão, he preciso saber-se que o grande rio das Amazonas, chegando com as suas agoas a topar com a Ilha de Joannes, se divide em dous braços, hum que he o maior se encaminha ao *Cabo do Norte* a desagoar no Oceano por entre a dita Ilha grande e a terra firme do mesmo Cabo ; o outro, que he o menor, buscando a parte do Sul se junta com as agoas do caudaloso rio *Xingú*, e rio *Pacajáz*, e assim congregadas todas estas agoas formão a immensidade de canaes, bahias, e enseadas que ha entre as referidas Ilhas ; e correndo entre as Peninsulas de terra firme da parte do Nascente e costa de Joannes da parte do Poente, vão desagoar no Oceano entre a mesma Ilha e a terra do Pará, levando tambem as agoas do Tocantins, Mojú, Acará, e outros já mencionados.

O numero de Ilhas que ha em todo este espaço, se ao menos a terça parte dellas fosse capaz de habitação, fazia hum Archipelago mais celebre do que qualquer dos quatro tão famosos que ha no mundo, porem quasi todas com a inundação das agoas ficão alagadas no Inverno, e em todo o tempo inhabitaveis: com tudo ha nellas abundancia de caças e montes, mas todo o seu arvoredo he sylvestre, e todo elle inutil.

He recreativa porém a navegação dos seus canaes e bahias, por ser quasi por hum bosque continuado naquelle labyrintho de agoas, excepto em occasião de trovoadas, que levanta grandes mares, e tem grande risco as embarcações nos bancos de areia, e algumas restingas de pedras que ha pelos referidos canaes.

Nas ditas aldêas, que vulgarmente se chama dos *Bócas* (2),

---

(1) *Arucará*. He hoje a villa de *Portel*.
(2) *Bócas*. Era uma tribu Indigena.
As aldêas dos *Bócas* erão as trez ultimas já mencionadas, principalmente *Araticú* (Oeiras).

se derão os Indios necessarios com pontualidade para remar as canôas ; e logo se fez caminho ao *Tajupurú* pelo rumo do Noroeste.

Este *Tajupurú* he composto de huma quantidade de Ilhas dispostas com tal direcção, que desagoando por entre ellas o braço menor do Amazonas mixto com as agoas do rio Xingú, formão varios rios, que todos vão desembocar nas bahias e enseadas referidas, que navegão buscando as aldêas dos *Bócas*, como acima se deixa expressado.

Chegou-se á boca principal do Tajupurú, e por ella se encontrou no rumo de Nornordeste, e se navegou por elle dous dias á vela e remo ao rumo do Norte a maior parte do caminho ; e ultimamente tomando a Oessudoeste, se sahiu na parte que olha para o Poente, fronteira a humas Ilhas que correm quasi de Norte a Sul, entre as quaes e as Ilhas de Tajupurú haverá pouco mais de huma legoa de distancia.

Aqui se ajuntão as agoas do *Xingú* que correm da parte do Sul, e o braço menor do Amazonas que as vai buscar da parte do Norte, e juntas se repartem por entre as Ilhas que formão o referido Tajupurú, em cuja boca feita a observação, se achou estar 55 min. ao Sul.

Trez caminhos se podem fazer deste sitio : correndo ao Norte se vai a *Macapá* e *Cabo do Norte*, e dobra este Cabo para *Caena*, colonia de Francezes : outro fazendo-se na volta de Oeste se póde entrar no Amazonas por onde he mais caudaloso e de bastante perigo : o terceiro caminho he seguir á parte do Sul buscando a fortaleza do *Gurupá* : e esta he a derrota que ordinariamente fazem as canôas que sobem ao sertão.

Seguio a escolta este caminho costeando a terra firme da parte esquerda aos rumos do Sul, Sudoeste e Oessudoeste, nos quaes corre a mesma costa ; e com 12 horas de caminho á vela e remo se chegou á fortaleza de Santo Antonio do *Gurupá* situada na terra firme da referida costa em hum gr. e 46 min. de latitude austral.

Esta Fortaleza he a de registro das canôas, tanto á ida como á volta do Sertão.

Nesta fortaleza ha hum Capitão-Mór commandante, provido por Sua Magestade em concurso, e governa o seu presidio, que se compõe de huma Companhia de dezoito homens, com Capitão e mais Officiaes subalternos.

Desde o Pará até esta fortaleza se gastárão onze dias de viagem, e se navegaria por estimativa noventa e huma legoas.

Em distancia de hum tiro de canhão para a parte do Sul da dita fortaleza está situada huma Aldêa de Indios (1) applicados para o serviço da guarnição missionada pelos Religiosos Capuchos da Provincia da Piedade.

Havia nella bastante numero de Indios, porém os successivos contagios de bexigas e sarampo a deixárão mui destituida de habitantes de hum e outro sexo e idade.

Desde que da boca do Tajupurú se principia a navegar para o Gurupá, ficão á parte direita as Ilhas referidas que correm do Norte a Sul, seguindo em parte os mesmos rios, a que discorre a terra firme da esquerda, formando entre esta e as mesmas Ilhas hum formoso rio de mais de legoa de largo a agoa que vem do rio Xingú, e a que por entre as Ilhas introduz o Amazonas.

Estão estas Ilhas situadas entre humas e outras agoas, occupando mais de duas legoas de largura, e de comprimento tudo o que se vai navegando até a boca do Xingú, como se irá vendo nesta narração.

São inhabitaveis as referidas *Ilhas*, que vulgarmente se chamão, *do Gurupá*, porque todas estão sujeitas ás inundações do inverno, e sem embargo de tão grande invasão tem muita abundancia de caça sylvestre, que consiste em Pacas, Cotias, Veados, Javalis, etc.

Ha tambem nellas huma grande fertilidade de cacáo inculto, que os moradores não só daquelles districtos mas os do Pará vão aproveitar no tempo da colheita ; e se não houvesse grande desordem em desfructar as arvores antes de sazonado aquelle fructo, poderia bastar a colheita deste genero só das mencionadas Ilhas em annos de safra (costumão ser os em que ha grande cheia) para fazer carga a muitos navios.

Sahindo do Gurupá se foi navegando no rumo de Oessudoeste entre a costa e as Ilhas, e em dez horas de caminho se chegou á Aldêa de *Arapejó* (2), que jaz na mesma terra firme.

He a a sua positura em hum plano no cimo da ribanceira, não muito elevada.

---

(1) He a povoação de *Mariocay*.
(2) Baêna diz *Arapijó*, cujo nome mudou-se para *Carrazeao*.

Está missionada por Capuchos da Piedade, e consistirá o seu povo em 300 almas de hum e outro sexo.

Seguio-se logo outra aldêa, a que se chegou com mais de duas horas de caminho no mesmo rumo, fundada no mesmo continente da referida, e se chama *Caviand* (1), tambem da administração dos mesmos Padres, e constará o seu povo de 200 pessoas de hum e outro sexo.

Desta aldêa se continuou viagem no mesmo rumo de Oes-sudoeste entre a terra firme da parte esquerda e as Ilhas que continuão á direita; e já por esta altura tem mais extensão de agoas, que formão varias enseadas em largura de quasi duas legoas em partes das Ilhas á terra firme, na qual se acha hum sitio de sete ou oito moradores chamado o *Boa-vista*, tão aprazivel e de tão deliciosos horizontes, que desempenha bastantemente a denominação do lugar.

Com cinco horas de caminho se chegou á aldea chamada de *Muturú* (2), situada na mesma margem das acima referidas em huma planicie ao nivel das agoas ja na embocadura do Xingú.

O Missionario he Capucho da Piedade, e constará a sua povoação de 400 almas de hum e outro sexo.

He esta embocadura de huma mui formosa e agradavel extensão em 2 gr. e 7 min. de elevação do Polo austral.

Entre os rios caudalosos, que são collateraes ao Amazonas, tem seu lugar este rio *Xingú* pela abundancia de agoa que lhe tributa, sendo o maior argumento da sua grandeza a largura e profundidade com que acaba, e rapidez com que discorre.

A sua direcção mostra ser do Sul para o Norte, e são as suas origens ainda incognitas ao nosso completo conhecimento; por quanto sendo elle a poucos dias de viagem na sua subida mui povoado de formidaveis cachoeiras, embaraça a navegação aos moradores do Pará, que apenas dos seus sertões tem praticado bastante Gentio, que se acha nelle aldeado com Missionarios Jesuitas; e desfrutão annualmente das suas margens grande porção de *cravo* (3), que serve ao commercio: a positura porêm da sua barra, e rumo com que discorre, dá assumpto a se entender que como

(1) Baêna diz *Cauhiana*, cujo nome mudou-se para *Villarinho do Monte*.
(2) Baêna diz *Maturú*, hoje vill de *Porto de Móz*.
(3) *Cravo*. Esta droga assemelha-se á canella, mas tem o perfume do crave das Molucas.

entre as fontes dos rios Tocantins e Tapajós, que lhe são parallelos, nascem os rios chamados Bacaris e das Mortes, que ambos unidos formão hum tronco, que promette grande apparato de agoas na sua barra ; e entre os dous mencionados parallelos não ha outra maior que a do Xingú, será provavel que o Bacaris e Mortes tenhão as suas origens da mesma sorte, que o Tocantins e Tapajós os tem ao Norte da cordilheira geral, que tudo são vertentes ao Amazonas.

As agoas deste rio Xingú mostrão na superficie côr preta ; feridas com o remo representão finissimos crystaes, que se quebrão.

A sua diafaneidade he tal, que nas margens em huma braça de fundo se percebe o que está nelle.

Pelo deduzido nesta narração até este lugar bem se mostra não se haver navegado legitimamente o Amazonas em razão do grande numero de Ilhas, que separão as suas agoas das do Xingú, em cujos termos para deste se passar ao Amazonas se fez a viagem seguinte.

Da dita aldea do *Muturú* sahirão as canôas fazendo caminho ao Sul, e logo no de Oeste se foi atravessando a buscar a margem occidental, aonde vem sahir hum rio chamado *Akeky*(1), que he braço do Amazonas, o qual introduzido pela terra firme por duas entradas vai receber logo na boca do Xingú o feudo das suas agoas.

Navegou-se o Akeky nos rumos de Oeste, Oesnoroeste, e Noroeste, e a quatro horas de caminho desagoa neste braço um rio chamado *Jaraukú*, que corre emparelhado com o Xingú, porém de muito menor grandeza : desce por entre serranias desde a sua origem, e continúa com algumas cachoeiras até se dilatar por campinas, que finalizão, quando desagoa.

He fertilissimo de peixe, e nas suas margens aonde tem cachoeiras ha sufficiente porção de cravo.

Passada a boca deste rio se continuou viagem nos rumos referidos, e pernoitando-se já vencida a maior parte deste caminho, se experimentou na pausa a primeira avançada de innumeravel praga de mosquitos, que como chuva miuda cahia sobre os navegantes, que sem embargo de os não molestar tanto como aos Egypcios em tempo de Faraó obstinado, dava comtudo bastante exercicio á paciencia, de sorte

---

(1) *Akeky*. Outros escrevem *Haquiquy*.

que não podendo os remeiros soffrer parados aquella importuna bateria se resolverão a continuar viagem, pois he sem perigo, e ás sete horas da manhã seguinte com vinte e huma horas de caminho ao todo chegámos no rumo do Norte a huma das entradas, que faz o Amazonas no todo do seu espaçoso senhorio.

Defronte desta boca á parte do Norte se achão e avistão humas serras em disposição de Cordilheira, em que na falda de huma dellas está situada a fortaleza chamada do *Parú*(1), da qual toda aquella serrania e costa toma o nome até o perder na de *Macapá*, caminhando já para o Cabo do Norte, cujo continente buscão as ditas serras no rumo de Oessudoeste, e nos mais até olhar ao Norte.

Estas serras, que pela margem occidental do Amazonas se avistão de formidavel grandeza, fazem tambem sua extensão para o centro com alguns intervallos de valles mais estereis do que as serras; porque nestas ha bastante producção de salsa e cacáo, e naquellas nem agoa ha no verão, para refrigerio dos moradores do Pará, que vão a colheita daquelles generos.

Corre huma grande murmuração de que nestas serras ha *ouro*; porém não se tem feito exame regular que o certifique.

Destas serras nascem os rios que desagoão na Costa de Macapá, que são Jary, Tueré (2), Uramucú, Culipurú, Arauary, e outros do Cabo do Norte para dentro; como tambem dão o nascimento aos que desagoão do mesmo Cabo para fóra, que são Vicente Pinson, Japoco(3), e outros de menos conta a Leste e Oeste do Cabo de Orange na costa de Cayena.

Sahindo com effeito da boca do Akeky ao Amazonas (que não sem injuria da sua grandeza se lhe chama *rio*), se costeou á parte oriental, que he a esquerda seguindo o rumo de Oessudoeste, e, levando sempre na vista as serras da parte opposta, se chegou com oito horas de caminho a hum sitio, a que os naturaes chamão *Mauary-ajura-pára*, que he hum canal que faz o rio entre a terra firme e huma Ilha que corre ao Sul; e dá navegação por dentro ao mesmo rumo.

---

(1) *Parú.*
Actualmente chama-se a povoação ou antiga aldêa do Parú, *Almeirim* outr'ora com o predicado de Villa.
(2) He o rio *Tocré.*
(3) He o rio *Oyapock.*

Deste canal lança o Amazonas pela terra dentro aquella porção d'agoa, que, junta com a referida do Akeky, fórma o rio deste nome, que dá entrada para o Amazonas pela boca do Xingú.

Desde a sahida, que se fez ao Amazonas até á boca do Mauary, se gastárão quatorze horas de caminho, em que, á véla e remo, se andaria por estimativa dez legoas dando desconto á correnteza.

Deste sitio Mauary para se continuar viagem he preciso aproveitar a madrugada, que de ordinario costuma ser de serenidade mui importante nesta passagem em razão de *tujucaes* (1) baixios que tem, aonde com qualquer mediana porção de vento se levantão grandes mares ; ainda que estes prejudicão mais aos que navegão para baixo por lhes ser o vento ponteiro.

Nestes termos para se evitar algum máo acontecimento se navegou logo depois da meia noite correndo a costa ao mesmo rumo de Oessudoeste a remo até amanhecer, e depois á vela : com oito horas de caminho se buscou a ponta de huma Ilha, que corre com o mesmo rumo, e se prolonga ao Noroeste, para o qual se foi navegando costeando a mesma Ilha em ordem a atravessar o Amazonas á outra parte, o que se executou com quatro horas de demora.

Portárão as canoas da outra parte do Amazonas, e depois se entrou pelo rio de *Urubú-quara* a buscar a aldêa deste nome (2), onde com trez horas de caminho se foi tomar porto.

Este rio he hum braço que o Amazonas lança pela terra dentro ao Noroeste, até que em distancia de seis horas de caminho se derrama em varios Lagos em huma dilatada planicie, que ha nas faldas de humas serras, as quaes são da mesma cordilheira do *Parú*, que desviando-se da margem caminhão em partes para o centro.

Os referidos Lagos em tempo de cheia se reduzem a hum só tão extenso e profundo, que tem capacidade para embarcações maiores que canoas ; nelle ha infinidade de jacarés e cobras de desmedida grandeza, a que chamão Sucurujús, Giboias e Boia-assú.

Tem muita abundancia de peixe, e de toda a variedade, que produz o Amazonas.

---

(1) *Tujucaes* de *Tujuco*, lameirão, tremedal de mangue.
(2) Baêna diz que hoje essa aldêa se chama—*Outeiro*.

A referida Aldêa está situada em 2 gr. e 20 min. de latitude austral na planicie que ha sobre huma montanha, que dá mui difficultosa subida por espaço de meia hora.

A meia ladeira desta elevação corre de hum penhasco huma fonte d'agoa excellente, mui diafana, saborosa, e com a circumstancia ou qualidade de mui diuretica.

Da mencionada planicie se avistão varias serras para a parte do Norte e Leste; e ao mesmo tempo para a do Sul varios bosques, lagos e planicies, que ao todo fazem huma vista de paiz alegre e recreativo.

He missionada esta Aldêa pelos Padres de Santo Antonio da Provincia da Estremadura; tem sufficiente numero de habitadores Indios; porém achava-se a povoação mui destituida de cazas em razão de as haver consumido hum incendio, que na sua construcção de madeira e palha qualquer faisca basta para em breve espaço se reduzir a cinzas huma grande habitação desta qualidade.

Desde que se sahio da boca do Mauary até esta Aldêa, se gastarião quinze horas de caminho á vela e remo, e se andaria por estimativa dez legoas.

Da aldêa de *Urubú-quara* se buscou o Amazonas retrocedendo pela mesma parte, por onde se havia entrado, e sahindo á mãi do rio se foi costeando a margem occidental, que he a direita do rumo de Oessudoeste; e com quatorze horas de caminho se chegou á aldêa chamada *Gurupatuba* (1), para a qual se entra por hum braço semelhante ao antecedente em tudo, e só differe na grandeza dos lagos, por serem os de Gurupatuba muito maiores que os de Urubú-quára; e se houver de se dar credito ao que dizem Indios, ha nestes Lagos cobras de tão desmedida grandeza em comprimento e grossura, que depois da balêa não se sabe que no Oceano hajão outros animaes tão avultados, como as taes cobras.

Acha-se a referida Aldêa situada sobre montanha em huma planicie cercada pelas partes do Norte e Oeste de arvoredo, e as que olhão para o Sul e Leste são summamente apraziveis, porque como domina todas as campinas por onde desafoga o Amazonas a formar os lagos mencionados, se offerece á vista hum delicioso apparato de recreação, que consiste em quantidade de lagos guarnecidos de viçoso arvo-

(1) *Gurupatuba*.
He hoje a Villa de *Monte Alegre*.

redo, rematando-se o horisonte pela parte de Leste em serras mui elevadas em distancia que fazem agradavel perspectiva, e pela do Sul em huma porção do Amazonas que vai circulando ao longe toda a dilatada campina, que parece cingida com artificio daquella crystallina guarnição, que a natureza sem estudo lançou para realce vistoso de todo aquelle alegrissimo paiz.

He esta Aldêa povoada de nações de Indios de prestimo, e capazes para toda a sorte de trabalho ; e ainda as mesmas Indias são dotadas de curioso engenho ; porque de pinturas fazem varios lavores em alguns trastes para o uso das gentes, especialmente *cuias*, em que com rezinas de arvores dão huma especie de *charão*, que resiste a todo o liquor, que se lhes lance fervendo, e para melhor intelligencia do que he esta manufactura, he preciso dizer, que *cuias* he um genero de fructo parecido á melancia globosa, porêm a qualidade he semelhante á cabeça, ainda que a casca he mais dura, e o miolo mais denso ; he producção de arvores chamadas *cuieiras* (1), que não são grandes, nem fazem copa ; são mui semelhantes ás romeiras no ramificado dos troncos e figura das folhas.

Colhem-se as *cuias* de diversas grandezas, e fendidas diametralmente se lhes arranca o miolo até ficar a parte concava tão liza, como a convexa, deixando-lhes de corpo a a grossura de pouco mais ou menos de huma pataca.

Depois de bem seccos estes cascos se ornão com pinturas varias por huma e outra parte, e se cobrem com hum genero de verniz formado de gomas, que destillão as arvores do paiz, com que ficão lustrosas, e a pintura fixa, de sorte que se usa dellas para os ministerios ordinarios dos Indios e moradores (2).

Com vinte e quatro horas de demora nesta Aldêa, que he missionada por Padres da Piedade, depois de se receberem nella Indios e mantimento, sahirão as canôas de noite a buscar o Amazonas para na madrugada seguinte dar principio

---

(1) *Cuieiras*. Em outras Provincias se chama á estas arvores *Cujubeiras*, e ao fructo *Cujuba*.

(2) Baêna referindo-se á *Camutá* diz o seguinte :

« As mulheres pintão mui bem *cuias* e *taquaris*, e fazem bacias e gomis de argilla branca pintadas de um modo tão peculiar, que não deixa de agradar á vista ; e da mesma argila tambem formão Jabutys, Pombas, Tartarugas e Tatús, tudo matisado no mesmo gosto das bacias. »

á navegação da costa chamada das *Cuieiras*(1), que he bastantemente perigosa, por ser sem abrigo para as trovoadas, e qualquer vento encosta as canôas á terra, e facilmente se alagão e perdem.

Pelas 4 horas da manhã se entrou a costear correndo a rumo de Sudoeste e Sul, e com oito horas de caminho a remo se descançou por tempo de huma hora; depois do que continuando a navegar nos mesmos rumos o espaço de sete horas portárão as canôas na boca de hum Igarapé ou valla, unico abrigo que ha em toda aquella distancia, e se chama o *Igarapé das Cuieiras*(2), havendo-se caminhado neste dia doze leguas.

No dia seguinte ao amanhecer se partio deste sitio, e caminhando ao Sudoeste se chegou com seis horas de caminho á vela e remo ás Ilhas que atravessão o rio, e dão lugar passando de humas ás outras a transportar á outra parte sem perigo, com designio de entrar na boca do rio dos *Tapajós*, á qual se chegou pelas cinco horas da tarde, e portárão as canôas junto da Fortaleza, que ahi ha: com onze horas de caminho se andarião nove legoas ao todo computando quatro de travessia.

Da fortaleza do Gurupá até a dos *Tapajós* (3) em oito dias de viagem se faria por estimativa setenta e cinco legoas de caminho.

He o *rio* chamado *dos Tapajós* bastantemente caudaloso, e terá de embocadura huma legoa de largo: a direcção desde a sua origem he do Sul para o Norte, e assentão ser parallelo com o Xingú.

Tem a cinco dias de viagem da sua foz cachoeiras em grande numero, e mui difficeis de vadear para cima.

Por esta altura dizem ser bastantemente nocivo á saude o seu clima, ou as suas agoas, pois ainda não está bem averiguado, se a causa das muitas doenças, que ordinariamente costumão contrahir os que alli vão á colheita dos generos, procede da infecção dos ares ou das correntes.

Nas suas cabeceiras se sabe haver huns dilatados cam-

---

(1) Esta costa chama Baena, de *Cuçary*, onde estão as barreiras do mesmo nome. As Indias que habitão nestes lugares, diz Baêna, são dotadas de mui curioso engenho como as da Villa (*Monte Alegre*) para fabricar e pintar louça, cuias, e tacuarys (*canudos para fumar*).

(2) *Igarapé das Cuieiras*. Assim se chamava o rio *Curuá* em cuja foz terminão as *barreiras de Cuçary*.

(3) *Tapajós*. He hoje a cidade de *Santarem*.

pos, a que chamão dos *Paracizes* (1), nome que lhes deu huma nação de Gentio assim chamada, que hoje se acha extincta; pela haver debellado e destruido com estranha inhumanidade a gente do Cuyabá, que com repetidas tropas fazião entradas por aquellas dilatadas planicies a explorar oiro.

Estas campinas se dilatão da falda da Cordilheira Geral, que corre de Leste para Oeste pela altura de 14, 15 e 16 gráos de latitude austral para o Norte, e da mesma Serrania nascem os rios *Juina* e *Jezuena* (2) meridianos em nascimento com o *Aporé* (3) e *Jahurú* (4), cujas fontes brotão ao Sul da cordilheira ;e á parte mais oriental tem origem os rios dos Arinos, Sumidouro e Preto, que unidos formão hum tronco, que junto ao que se compõe do Juina e Jezuena faz hum todo, que constitue o Tapajós, sendo certo que a fonte do Arinos está tão proxima á do rio Cuyabá, que só medeia trez legoas de chapada de hum a outro nascimento.

Na entrada da boca do Tapajós á parte esquerda sobre huma ribanceira de pedra está fundada huma Fortaleza de regulada construcção de figura quadrangular : tem guarnição de soldados governados por hum Capitão e hum Tenente : este presidio em cousa nenhuma póde ser util à passagem do Amazonas, porque entre este e a fortaleza ha varias Ilhas, por entre as quaes podem navegar as canôas sem perigo das agoas, e occultas á vigilancia (no caso de a haver) da mencionada guarnição; a qual só pode ser conveniente para conter em respeito os Padres missionarios das Aldêas que ha no Tapajós, que são cinco domesticas administradas por Padres da Companhia de Jesus.

As agoas deste rio ainda são mais diafanas que as do Xingú, de sorte que lançadas em hum copo de crystal tudo parece a mesma cousa, e em fundo de quasi duas braças se registão as arêas e pedras miudas, que ha na margem.

Em huma e outra deste rio ha abundancia de *cravo*.

A sua extracção he perigosa em razão de muito Gentio bravo, que infesta o seu districto.

---

(1) *Paracizes*. Os campos dos *Paricys* jasem na grande chapada dos montes que formão o *divortium aquarum* dos rios Amazonas e da Prata.
(2) *Jezuena*. Hoje diz-se *Juruena*.
(3) *Aporé*. Hoje chama-se *Guaporé*.
(4) *Jahurú*. Hoje escreve-se *Jaurú*.

Está a embocadura do Tapajós em altura de 3 gráos e 4 minutos ao Sul da equinocial.

Do Tapajós sahindo em 9 de Setembro no rumo de Noroeste se atravessou por entre Ilhas para o Amazonas, e, chegando a este, se foi navegando a costa a parte esquerda nos rumos de Oeste e Oessudoeste, e com quatorze horas de caminho, em que se andarião oito legoas, anoiteceu na ponta de huma Ilha, aonde se esperou a madrugada para navegar.

Na margem occidental do Amazonas opposta à oriental, que se ia navegando nestes ultimos rumos, ha hum lago mui semelhante aos já mencionados de Gurupatuba e Urubú-quara chamado do *Surubiú* (1).

Por duas bocas desagoa no Amazonas, ou este por um braço vai receber as agoas que descem das serras àquella planicie, e por outro as recolhe, para com este e outros semelhantes tributos se augmentar formidavelmente aquelle grande rio.

No referido lago ha bastantes Ilhas, muita abundancia de peixe, e na sua margem oriental está fundada huma Aldêa chamada da mesma sorte que o lago (2), e he administrada por Padres Capuchos da Provincia da Piedade.

Os Indios desta Aldêa vivem com bastante fertilidade, não só pela que lhes resulta do lago, mas pela que ha nas campinas em criação de gado vaccum, de que ha poucos annos se utilizão.

Chegou a hora de navegar á véla muito de madrugada, e foi a escolta costeando á esquerda á vela a beneficio de huma trovoada de vento secco, que durou por espaço de duas horas com demasiada furia, donde resultou levantar o Amazonas entumescidas ondas de mais formidavel condição que as do Oceano, porque estas correm direitas com a primeira borrasca, e aquellas encapellão-se contra a correnteza causando entre si hum tal combate, que he de fatal consequencia ás canôas que descem, porém ás que sobem costuma ser favoravel, se tem a prevenção de desviar-se da terra buscando o largo, pois são ordinariamente á pôpa semelhantes furacões, e mui frequentes da parte de Leste; e a razão de fugir da ribanceira he por livrar a canoa des-

(1) *Surubiú*. Actualmente he a villa de *Alemquér*.
(2) Vide nota precedente.

pedida de topar nos grandes e amontoados madeiros, que se achão encostados e detidos nas enseadas, aonde os reprêsa a correnteza que os traz dos rios Madeira e Ucaiale, do qual desembocão mui a miudo cedros de incrivel grandeza.

Com a mencionada trovoada se navegou a Oesnoroeste, e depois a Noroeste, e com dez horas de caminho, em que se andarião sete legoas, se fez espera já noite na mesma costa á vista da fortaleza dos *Pauxiz* (1), para no dia seguinte atravessar para ella.

Desde que o Amazonas se faz navegavel a canoas possantes, que he desde Jaen de Bracamoros até ao Cabo do Norte, tem unicamente dous passos estreitos.

O primeiro he quando depois de receber, o rio chamado de S. Tiago passando pela cidade de Borja atravessa hum serro de penhascosa construcção, que lhe dá transito na largura somente de vinte e cinco varas Castelhanas por espaço de trez legoas, as quaes por virtude da furiosa rapidez das agoas se navegão em hum quarto de hora com bastante horror e perigo.

A este estreito chamão os Hespanhoes *Pongo*, que no idioma dos Indios Mainas habitantes daquelle districto quer dizer — *Porta*; e este he o passo de maior perigo que ha em toda a navegação deste grande rio.

O outro estreito he no lugar de que agora se trata, em que está fundada a Fortaleza dos *Pauxiz*, aonde o Amazonas depois de constituido em pasmosa grandeza pela confluencia de muitos e grandes rios, que lhe são collateraes por huma e outra margem, chegando a encontrar-se com as serras dos Pauxiz he tal a disposição daquelle terreno, que a distancia em que se havia de espraiar converteu em profundidade, de sorte que esta em trezentas e mais braças de sonda não se acha por espaço de quasi huma legoa de correnteza, que nesta passagem he bastantemente forte, e de huma a outra margem occupará mil braças de distancia, que a respeito da largura antecedente, e posterior na sua longitude mais parece Bosphoro, porque se communicão dous mares, do que lugar em que se estreita hum rio.

Chegou a hora de atravessar a Fortaleza sendo ja dia claro, e avançando a navegação da costa oriental aquella distancia que bastava para se abater na que se havia des-

(1) *Pauxiz*. He hoje a fortaleza e cidade de *Obidos*.

cahir com a correnteza, se principiou a atravessar com toda a força do remo no rumo do Nordeste, e em hum quarto de hora se tomou porto na márgem occidental, aonde he o desembarque para a mesma Fortaleza.

Acha-se esta situada no alto de huma não muito elevada montanha em 2 gráos e 40 minutos ao Sul do Equador: a sua construcção he de taipa de pilão com alguma irregularidade, accrescendo a esta alguma ruina nos angulos, e na cortina da parte do rio, que necessîta de hum grande reparo.

Esta Fortaleza he certo que domina aquella passagem, mas por causa da elevação de sitio não póde ter a sua artilharia mais uso para impedir navegação prohibida, do que aquelle que se póde considerar á do castello de Almada, se delle se quizesse confiar a defesa do Tejo a embarcações do lote das que podem navegar o Amazonas ; aonde só plataforma, que cruzasse huma com outra ao nivel da agoa naquelle estreito, poderia ser chave capaz de o fechar não so a todo o arrojo nacional que pretendesse transgredir as leis, mas ainda a qualquer projecto estrangeiro que intentasse alguma invasão.

Consta a guarnição desta Fortaleza de hum Capitão, hum Tenente, Sargento, e huma esquadra de soldados que raras vezes tem completa : he destacamento do presidio do Pará.

Corre a montanha em que está fundada a mencionada Fortaleza margeando o Amazonas até á foz do rio das *Trombetas*, de que adiante se fará menção, por espaço de trez legoas, e a distancia de pouco mais de tiro de mosquete da Fortaleza. No continente desta mesma elevação está fundada huma Aldea de Indios (1) de pouco numero de gente administrada por Padres Capuchos da Provincia da Piedade, que tambem doutrinavão hum descimento de Indios, que se achava aggegado á fortaleza para serviço della, que ha pouco tempo desertárão para o sertão das Trombetas, depois de haverem executado varias enormidades e delictos, por que devião ser punidos.

Sendo preciso á escolta demorar-se nesta Fortaleza dous dias em esperar hum soccorro de mantimento, que se havia mandado buscar á aldea de *Surubiù*, logo que chegou se largou aquelle porto no dia 15 de Setembro pelas cinco

(1) He a mesma cidade de *Obidos*.

horas da tarde, e costeando á parte direita no rumo de Oessudoeste chegamos com sete horas de caminho, em que se andarião trez legoas, á boca do rio das *Trombetas*, em que se fez pausa.

Tem este rio a sua entrada ao Nordeste, e será provavel ser este rumo o da sua direcção: não he caudaloso, mas mui abundante de cachoeiras: habita as suas margens quantidade de nações barbaras, com as quaes ha pouca communicação em razão da difficuldade da subida do rio, em cujo sertão ha excellentes madeiras finas, especialmente a que chamão *borapenima* (1), que depois de lavrada em obra polida quasi se equivoca com tartaruga em quanto conserva o lustro, e se lhe não confundem as ondas com que realça muito a sua qualidade.

A 16 do mesmo méz muito de madrugada se continuou viagem costeando a Oessudoeste e Sudoestes, e com 12 horas de caminho, em que se andarião 6 legoas, se portou em huma praia no meio do Amazonas, e he a primeira que na subida deste rio se offerece aos que o navegão para cima em occasião de vasante, e logo se vão seguindo outras que no ultimo ponto de vasante são de prodigiosa grandeza.

Nestas praias ou corôas de areia se faz a fertilissima colheita das *Tartarugas*, quando estas deixando a sua habitação das agoas sahem a estas praias a desovar em tão immensa quantidade, que chegão a cobrir muita parte daquellas arenosas estancias, nas quaes se estabelecem feitorias não sò dos moradores do Pará, mas de todos os habitantes do Amazonas a fazer duas conveniencias, a primeira he a colheita das Tartarugas para sustento, e a segunda he a dos ovos dellas que enterrão na areia, de cuja incrivel immensidade extrahem por beneficio da arte huma manteiga, de que todo aquelle vasto paiz usa para tempero das viandas, da mesma sorte que na Europa se pratica com a manteiga de vacca, ou azeite.

Este genero de colheita he todos os annos no mez de Outubro a maior força: e á não haver tão grande extracção no Amazonas e seus collateraes, se faz crivel que o infinito numero desta qualidade de animaes não so faria mais fertil aquelle dilatado Continente, mas em partes seria a navega-

---

(1) *Borapenima*. Hoje chamão *Marapenima*.

ção difficil pelo embaraço, que lhe resultaria da mais estranha abundancia que se poderia imaginar.

Neste dia 17 se navegou a mesma margem occidental no rumo do Oessudoeste pouco mais de huma hora, e logo se atravessou a buscar a margem oriental costeando humas Ilhas, que se dilatão pelo meio do rio no rumo da sua direcção, e costeando pela esquerda o que restava do dia no rumo mencionado e no de Sudoeste, com 8 horas de caminho se vencerião cinco legoas em razão de não ter havido vento, e ser muita a correnteza.

Por esta altura á margem occidental desagoa no Amazonas o Lago chamado de *Jamundás* (1), mui semelhante aos de que ja se fez menção de Gurupatuba, Urubúquara, &c.

Na boca deste lago ha hum formidavel *sumidouro* de fluxo e refluxo de agoa, que he necessario grande cautela para do Amazonas passar á Aldea que ha na margem do mesmo lago chamada tambem de *Jamundás* (2), missionada por Padres Capuchos da Piedade.

Este lago se communica com a boca do rio das Trombetas por hum braço, que admitte navegação, a qual se não frequenta pelo receio que ha de cahir no dito sumidouro, que os naturaes chamão *caldeirão* (3), e os Sertanejos de Minas *Jupiáz*.

No dia seguinte se proseguio viagem costeando a parte esquerda nos rumos de Sudoeste, Sul, e outra vez Sudoeste, até que se chegou ao rumo proprio de Oessudoeste, e com dez horas de caminho se andarião sete legoas por haver favorecido o vento, e já de noite portou a escolta na falda de huma serra (4), que naquella parte margeia o Amazonas com maior elevação que a dos Pauxis, e por grande espaço de longitude não mostra declive algum, sendo por toda a grande altura talhadas verticalmente quasi mui povoadas de arbustos nas quebradas, e hervagens espessas, porém no alto coroadas de frondoso arvoredo de mata virgem.

No dia 19 correndo a mesma costa com bom vento nos rumos de Oessudoeste, Oeste, e Oesnordeste avistando pon-

---

(1) *Jamundás*. Corrupção do nome *Nhamundá*, que toma o lago e o rio; limite da Provincia do Amazonas.

(2) *Jamundás*. He hoje a Villa de *Faro*.

(3) *Caldeirão*. Baena chama *rilheiro*, rodomoinho d'agua.

(4) He a serra dos *Parintins*, tambem limite da Provincia do Amazonas.. Foi na garganta deste lago que mulheres Indias attacarão a flotilha de Francisco Orellana, de onde veio a tomar o rio o nome de *Amazonas*.

tas de serras que fazião ribanceira ao rio por aquella parte, chegou a escolta com sete horas e meia de caminho, em que se venceria delle cinco legoas á boca chamada dos *Abacaxis* (1), aonde portou a escolta.

Esta boca dos Abacaxis he mais propriamente embocadura menor do rio da Madeira (2), pois he braço que este lança a receber a contribuição de varios rios, riachos, e grande numero de lagos para hir entregar ao Amazonas, em que desagoa com 400 braças de boca; pela qual não fez caminho a escolta, em razão de que a aldêa chamada dos *Abacaxis* (3) que havia neste braço se mudou para o tronco principal do Madeira, á qual era preciso ir, e para este effeito de necessidade se havia de continuar a navegação do Amazonas a buscar a embocadura maior do mesmo Madeira.

Nestes termos no dia 20, fazendo viagem costeando á esquerda no rumo de Oessudoeste e Oesnordeste até ás 4 horas da tarde, foi preciso neste tempo atravessar á margem occidental para evitar a navegação de mui dilatadas enseadas que se seguião pela oriental.

Por entre Ilhas se fez a passagem de huma para outra parte, e a não ter aquelles favoraveis canaes que faz o rio por entre as mesmas Ilhas, com grande difficuldade se farião semelhantes transportes, pela grande largura em que por aquelle lugar se dilata o rio.

Com huma hora de travessia no rumo do Norte se chegou á primeira Ilha, e passando o canal para a segunda nella se fez pausa por ser já de noite: e neste dia com 13 horas de caminho se vencerião sete legoas.

Na madrugada do dia 21 se continuou viagem de Ilha em Ilha até às nove horas da manhã, em que se principiou a costear a parte occidental nos rumos de Nornoroeste, Oessudoeste, e ultimamente Sul; e com dez horas de caminho, em que se andarião 6 legoas portou a escolta em huma enseada, que se formava na boca de hum riacho, que

---

(1) *Abacaxis.* Esta Aldêa teve cinco assentos, até que parou definitivamente no lugar *Itacoatiára* (pedras pintadas) no Amazonas, e he hoje a villa de *Serpa.* Quando passou esta expedição estava no quarto assento, na margem direita do Madeira, 12 leguas abaixo do Furo de Urariá (Baena—*Ensaio Corographico* pag. 447).

Neste lugar onde aportou a expedição se acha fundada a villa *Bella da Imperatriz.*

(2) Chama-se a este braço o Furo de *Urariá.*

(3) Vide supra nota (1).

se ia ao Amazonas por entre *duas pontas de pedras*, em que havia huma mui desordenada correnteza.

A 22, continuando a navegação no mesmo rumo do Sul, passou logo a Sudoeste e Susudoeste até chegar entre Ilhas, aonde se fez pauza com doze horas de caminho, em que vencerião sete legoas.

No dia 23 foi preciso esperar huma canôa que se havia atrazado, e por se não perder tempo sem utilidade se mandou fazer pescaria nos muitos e grandes lagos que havião nas mesmas Ilhas, de que resultou copiosa abundancia de peixe, com que se abasteceu toda a escolta, a qual sómente neste dia depois de incorporada a mencionada canôa fez viagem 4 horas nos rumos de Oeste e Oesnoroeste, em que se andaria legoa e meia.

A 24 se fez viagem costeando á esquerda desde a madrugada até meio dia; logo depois delle se principiou a atravessar por entre Ilhas a buscar na margem oriental a boca principal do rio *Madeira* (1), e navegando até de noite nos rumos do Sul e Sudoeste portou a escolta em huma grande Ilha fronteira á entrada do dito rio em mais de huma legoa de distancia; e neste dia com 14 horas de caminho se andarião oito legoas.

A 25 de madrugada se dobrou a ponta da Ilha para o Sul, e logo ao romper do dia se avistou a entrada do rio da *Madeira*, para o qual se navegou a remo no rumo de Sudoeste, e neste mesmo se fez a entrada, e continuou a navegação.

Navegação do rio da Madeira principiada em 25 *de Setembro de* 1749.

Antes de se entrar pelo rio da *Madeira* se fez alto pela madrugada do dia 25 de Setembro em huma praia mui dilatada, que procede de huma Ilha, das muitas que ha no rio das Amazonas, fronteiras á boca do dito Madeira.

Com a luz da manhã se deixou perceber todo o horisonte, que se terminava pela parte de Oeste e Leste com as immensas agoas do Amazonas, e pela do Sudoeste com as do *Madeira* na barra que faz no mesmo Amazonas, que terá de

---

(1) *Madeira*. O nome indigena deste rio he *Cayary*. Foi o Capitão Francisco de Mello Palheta, quem em 1723 lhe dêo o nome de *Madeira*.

boca 800 braças, desagoando entre duas pontas de terra baixa, em que ha arvoredo ordinario sem differença do das Amazonas.

Entrou-se a atravessar da referida praia a buscar o *Madeira* pelas sete horas da manhã, e com huma hora de caminho no rumo de Sudoeste a remo se entrou na sua barra, sem nella se perceber correnteza maior que a do Amazonas até aquelle lugar.

Antes de se chegar a primeira volta que faz o rio, foi preciso esperar a hora do meio dia para se fazer observação, a qual com effeito se executou, e por ella constou estar aquella entrada em 4° 14' de latitude austral.

Nesta primeira volta do rio se notou não haver terra firme nem da parte oriental, que he a esquerda, nem da occidental capaz de habitação, porque toda se alaga com o rio cheio ; e a que estava descoberta em razão de se entrar quasi no fim da vasante, mostrava ser enlodada, a que no Paiz chamão de *alagadiço* : e a mesma qualidade de terra he a do Amazonas pela parte de Leste e Oeste, aonde o Madeira desemboca.

Feita a observação se continuou viagem no rumo de Sudoeste, e logo voltando a segunda ponta se navegou a Susudoeste, que logo ahi mostrou ser o verdadeiro rumo.

Antes de passar a primeira ponta á parte direita está hum Lago que enche com as agoas grandes, diminue com a vasante ; nelle ha peixe com abundancia de que se aproveitão os Viajantes.

Voltando a segunda que se seguia, se acha á parte occidental huma praia, em que se vai formando huma Ilha ; e nesta praia ha muita abundancia de Tartarugas no tempo da sua producção, que he na vasante do rio na lua nova de Outubro.

Chegando á terceira ponta se notou ser de *pedras*, de que se fórma ahi a ribanceira não muito alta da parte direita ; mas não se alaga com a enchente do rio : no principio da enseada, que começa nesta ponta na mesma qualidade da ribanceira, está hum lugar que foi aldêa de Gentio (1), e nelle permanecem vestigios de habitação em arvores de fructo, que alli se conservão : no seu interior ha cacoaes, e aqui he

(1) *Aldêa de Gentio*. Parece que este lugar denominado *Ponta de Pedras* ainda hoje não he habitado.

que dá principio grande quantidade delles que ha neste rio.

Neste sitio fazem assento alguns moradores, que vão fazer salgas de peixe.

Continuando viagem á vela (ainda neste dia e no seguinte se alcançou vento geral) nos rumos referidos chegámos ás 7 horas da noite a portar entre huma Ilha e a terra da parte direita, aonde chamão *Paraná-mirim* (quer dizer no idioma da terra *rio pequeno*, não que o haja alli pela terra dentro, mas por chamarem assim os Indios áquella porção d'agoa, que medeia entre a terra e a Ilha).

Nesta espera se fez experiencia de pescaria, e em breve tempo mostrou a sua fertilidade o rio em peixe de linha, que bastou para aquella occasião.

Em sete horas de caminho, que se andou este dia, se vencerião quatro legoas.

No dia 26, ás 6 horas da manhã, se principiou a navegar á remo no rumo de Sudoeste até Susueste, e a pouco mais de huma hora de caminho se atravessou a parte esquerda a passar por hum canal, que ha entre a terra firme e a outra Ilha, que atravessa o rio quasi de huma a outra parte.

Na da parte direita fronteira a esta mesma Ilha está hum lago chamado do Padre S. Paio (1) : nelle ha immensa quantidade de Tartarugas, e outros peixes de salga em abundancia.

Continuando a viagem da parte direita se foi costeando huma dilatada enseada, na qual ha outro lago, mas de menor grandeza e utilidade que o antecedente, e delle vão correndo humas barreiras não muito altas, que em partes tem pedra até o lugar em que se acha a Aldêa chamada dos *Abacaxis* (2), aonde se chegou ás 10 horas da manhã ; e em quatro de caminho se andarião duas legoas, que com as quatro do dia antecedente farão seis legoas ; e he a distancia que ha da boca do rio até esta primeira Aldêa.

Acha-se situada sobre a ribanceira da enseada referida, fronteira a huma Ilha que corre ao comprimento do rio ; a qual he alagadiça da mesma sorte que as antecedentes.

Esta aldêa se achava estabelecida no braço do rio Madeira,

---

(1) Foi o Padre João de S. Paio, Jesuita (*nota do author*).

(2) Este foi o penultimo ponto em que se estabelecerão os Indios *Abacaxis* de onde seguirão para o lugar das *Pedras pintadas* (Itacoatiára), na margem esquerda do Amazonas, hoje villa de *Serpa*.

Amazonas, no seu *Dicc.*, assegura que o estabelecimento na margem direita do Madeira, teve lugar em 1716 qnando se reunirão aos Abacaxis os Indigenas *Torás*, submettidos pelo Capitão-mór João de Barros Guerra naquelle anno.

Baêna chama á esses Indios—*Turases*.

que sahe ás Amazonas com nome dos *Abacaxis* ou *Tupinambás*, e daqui se mudou para a parte mencionada, em razão de que o sitio antigo era rodeado de varios lagos, donde resultava muita doença e mortandade nos Aldeanos, os quaes no sitio em que de presente se achão, ainda não estão de todo remediados de semelhante calamidade; porque o presente sitio está fundado em huma pequena porção de terra, que medeia entre o rio e hum lago, que no tempo da secca lhes occasiona doença; por cuja razão habitão poucos na Aldêa, e a maior parte se acha espalhada pelas roças que fabricárão nas terras firmes daquella vizinhança.

Pelas mortandades que tem experimentado não só pela malignidade do clima, mas pelos dous contagios de bexigas e sarampo, que affligirão o Estado desde o anno de 1743 até o presente de 49, se acha com menos da terça parte dos habitadores, os quaes só de Indios de guerra e serviço passávão de mil (1) em tempo que os administrava o Padre João de S. Paio da Companhia, antes das epidemias mencionadas.

Tem sufficiente fertilidade, pescarias de Tartarugas, e de outros varios peixes; porém de farinha havia tanta penuria, que aos Revs. Missionarios era preciso mandar ir da cidade, a de que necessitavão para o seu sustento, e tambem de alguns Indios que não tem lavouras.

Foi precisissimo fazer demora nesta Aldêa dous dias para della se receberem quinze Indios destinados a conduzir as canôas grandes para baixo, depois de se embarcar a comitiva nas pequenas, que antes das cachoeiras se havião de fabricar; o que com effeito se executou na fórma que adiante se dirá.

Entregues os referidos Indios no dia 28, ás 11 horas do dia, se continuou viagem ás quatro da tarde, no rumo de Sudoeste costeando á parte esquerda, e depois ao voltar da ponta da enseada em que está a Aldêa referida se seguiu a de Susudoeste e Oessudoeste; e ultimamente ao Sul buscar a boca Abacaxis (2), donde o Madeira entra por aquella parte a buscar o Amazonas.

Pelas 8 horas da noite portárão as canoas com seis horas de caminho, em que se andaria duas legoas, na entrada da

---

(1) *Passavão de mil.*

Este resultado quasi sempre se observou na America. O contacto dos Européos era fatal aos Indegenas.

(1) *A boca Abacaxis.*

He uma das entradas do furo *Urariá*, que cerca a ilha de Tupinambaranas.

parte do Norte a que chamão boca dos Tupinambás (1); porquanto o rio da Madeira fórma o braço dos Abacaxis introduzindo-o por duas partes, deixando huma Ilha em meio, e cortando a terra até sahir ao Amazonas.

Desagoa no referido braço, além de 23 lagos de huma e outra parte, hum rio chamado *Canomá* (2), que corre da terra firme bastantemnte caudaloso, e nelle habitão varias nações de Gentio, que não he do mais feroz; mas não admitte prática de civilidade, sem embargo de algumas diligencias que se tem feito amigavelmente a este fim.

Nestes termos se mostra com evidencia que o rio da Madeira entra no Amazonas por duas bocas, fazendo barra principal a mãi do rio, e inferior á dos Abacaxis, que recebe as agoas do Canomá, deixando aquella Ilha grande porção de terra, que se costêa pelo Amazonas, pelo mesmo Madeira, e pelos Abacaxis; de sorte que não tendo prática e experiencia varios Autores de cartas Geograficas, situão esta grande Ilha em meio do Amazonas fronteira á boca do Madeira dando-lhe o nome de *Tupinambás* (3): e o que ultimamente a descreveu, como na verdade he, foi Monsieur Lacondamine na carta, em que descreveu o rio das Amazonas e seus confluentes, impressa em Amsterdam no anno de 1745, que explicou no *Diario*, que com a mesma carta imprimio quando navegou o Amazonas desde a Provincia de Quito ao Pará; e sem embargo de que este Mathematico não entrasse no *Madeira*, nem examinasse praticamente a fórma da sua communicação com o Amazonas pelos Abacaxis, se valeu de noticias verdadeiras, que lhe derão pessoas de experiencia assistentes no Pará, que havião navegado por huma e outra parte o mesmo *Madeira*.

E a não fazer esta indagação cahiria no erro commum dos mais Geographos nesta parte, assim como por menos exacção não descreveu o mesmo Condamine na referida carta em termos proprios a grande Ilha de *Joannes* na boca do Amazonas, nem a immensidade de Ilhas do Tajupurú, persuadindo-se talvez que não mediava mais agoa entre a terra firme oriental e a dita

---

(1) *Boca de Tupinambás.*
Vide a nota precedente.

(2) *Canomá*, hoje *Canumá*. Em frente a embocadura do rio deste nome existe presentemente o povoado da Parochia de *Canumá*.

(3) Chama-se hoje *Tupinambaranas*, a grande ilha formada pelo Amazonas, e o braço do Madeira (*o furo Urariá*), que desagoa mais abaixo de sua fóz.

Ilha do que aquella, que fazia o canal por onde elle transitou, quando passou ao Pará e depois a costa do Cabo do Norte.

No dia 29, ás 3 horas da manhã, se principiou viagem a buscar sitio accommodado para se dizer *Missa*, e ao amanhecer portárão as canoas em outra Ilha menor que a antecedente, fronteira á outra boca do *Tupinambás* (1), em que havia boa praia para se armar o altar portatil, e se appellidou aquella Ilha com o nome de S. Miguel, por ser dia deste glorioso Archanjo, o em que alli se celebrou *Missa* (2).

Haverá huma legoa de distancia da boca da parte do Norte, donde se sahiu de madrugada até a da parte do Sul, aonde amanheceu; tanto a Ilha de *S. Miguel* (3), como a antecedente, e a terra firme que faz a boca dos Tupinambás he tudo alagadiço em tempo de cheia.

Depois de celebrado o santo sacrificio da *Missa* se continuou viagem á vela e remo no rumo de Sudoeste e depois Oessudoeste; costeando á parte esquerda terras alagadiças de huma e outra margem, e pela oriental trez lagos, se portou com seis horas de caminho em que se andarião cinco legoas.

Pelo meio do rio, na jornada deste dia, se notárão trez Ilhas em pouca distancia humas das outras, que alagão no tempo da cheia ; e huma *correnteza grande* da mesma parte esquerda no remate de huma enseada em que havia pedras arrimadas á ribanceira.

Portárão as canoas na margem do rio pouco acima da referida correnteza, passada a ponta da enseada.

A 30 se principiou viagem ás 6 horas da manhã no rumo de Sudoeste, e logo a Oessudoeste e Susudoeste, e outra vez a Sudoeste, em cuja volta no meio de huma enseada achámos situada a Aldêa chamada do *Trocano* (4), fronteira a huma Ilha

---

(1) Vide a nota precedente.

(2) O Capellão desta expedição era Fr. João de Santhiago, Religioso Capucho da Provincia da Conceição.

Segundo Baena, que chama, sem razão, segunda a esta exploração, designando como primeira a viagem que fez em 1723 Francisco de Mello Palheta por ordem do Capitão-General João da Maia da Gama, que subio o rio, e foi pelo Mamoré acima até a aldêa da *Exaltação*. Compunha-se esta do Chefe, que era Astronomo geographo, do Capellão, dos Missionarios de Matto-Grosso José Leme do Prado, Paulo Leme e Francisco Xavier, e de João Leme irmão dos primeiros, do Cirurgião Francisco Rodrigues da Costa, de Tristão da Cunha Gago, de uma escolta commandada por um Sargento-mór (*Major*) de que era Ajudante e Almoxarife Aniceto Francisco de Távora.

(3) *S. Miguel.*

Este nome ainda se conserva.

(4) *Trocano.*

He presentemente a villa de *Borba*. Vide em Baena—*Ensaio Corographico* o art. relativo á esta villa á pag. 405.

que se prolonga ao comprimento do rio: quatro horas de caminho se gastou a remo, em que se andaria duas legoas; e vem a distar esta Aldêa pouco mais ou menos da dos *Abacaxis* nove legoas.

Desde que se entrou no rio da Madeira até a ponta da parte do Norte da enseada, em que está a referida Aldêa, conserva o rio a largura de 350 a 400 braças; porém chegando perto da dita enseada, depois de se passarem duas Ilhas que estão á parte direita, vai estreitando por espaço de meia legoa de margem, em que haverá distancia de pouco mais de cem braças ao voltar a ponta em que principia a referida enseada, em cujo lugar passada a ponta, em que ha huma praia que quasi atravessa o rio, se achão *bastantes pedras* sobre que se levanta a ribanceira da parte oriental, e a margem que se segue até à dita Aldêa he de barreira em parte não muito alta, que não alaga em tempo de cheia.

Esta aldêa, chamada do *Trocano*, he a que com a invocação de Santo Antonio se fundou entre o rio *Jamary* e a primeira cachoeira do Madeira, e se compunha de gente que se praticou na occasião que no anno de 1722 andou com huma tropa de exploração por todo o *Madeira* Francisco de Mello Palheta (1).

Foi Missionario deste estabelecimento o Rev. Padre João de S. Paio, da Companhia de Jesus, e passados alguns annos vendo que o sitio não era accommodado para a saude dos Indios, e que estes erão vexados pelas nações barbaras vizinhas, tomou o expediente de a mudar para o sitio do *Trocano*, em que de presente existe.

He a sua fundação em huma planicie que ha sobre humas barreiras da referida enseada da parte oriental do Madeira.

Os ares são aprazíveis, e mais salutiferos que os dos Abacaxis, e a construcção da Aldêa por melhor fórma que a antecedente.

He missionada pelos Religiosos da Companhia, cujo Padre se não achava na occasião na Aldêa, por ter subido ao rio *Negro* na diligencia de praticar gente do mato para a mesma Aldêa: e não só por esta razão, mas por se evitar alguma desordem dos Indios, forão portar as canôas nas praias de

(1) A exploração de Palheta não era regular, como a presente, pois lhe faltavão os conhecimentos que tinha José Gonçalves da Fonseca, o director desta.
Vide supra nota (3) a pg. 293.

huma Ilha que corre rio acima da parte direita, e se termina ainda á vista da Aldêa em mais de meia legoa de distancia, e em canôa ligeira se ia tratar do que era conveniente para o serviço da escolta.

A menos de hum dia de viagem desta Aldêa pelo rio acima ha varias habitações de Gentio, o qual já tem tido o atrevimento de investir a dita povoação, e para cautela de semelhantes insultos vive o Missionario em huma caza entrincheirada de estacada, para della se defender melhor de alguma invasão soccorrido de dous seculares, que lhe assistem, e estavão administrando a Aldêa na ausencia do Padre, no tempo que alli chegárão as canôas, e se houverão com tão pouca pontualidade em executar as insinuações do mesmo Missionario para darem soccorro de Indios á escolta, que hum delles se escondeu no mato com a maior parte dos Indios, e alguns que dahi se tirárão para voltarem com as canôas grandes foi por entrepreza.

Da mesma sorte se não póde ahi fazer fornecimento de viveres, porque supposto houvesse bastante criação, não havia quem a vendesse : o que succedeu tambem com a farinha, que era soccorro mais essencial.

A 2 de Outubro, pelas 7 horas da manhã, deixando na aldêa huma canôa ligeira com hum Official e dous soldados na diligencia de fazerem alguma compra de farinha, partirão as canôas com vento fresco no rumo de Nornoroeste, e depois de passar huma ponta da parte direita em que havia huma grande praia, se navegou ao Susudoeste ; e com trez horas de caminho, em que se andarião trez legoas, portárão na praia de huma Ilha situada à parte direita, onde esperámos pela dita canoinha o resto do dia referido, e o seguinte que forão trez.

Quando se navegou ao Sudoeste buscando a parte direita do Madeira se passou junto á boca de hum rio que desagôa em huma pequena enseada chamado *Goaotá* (1) : não he caudaloso, as terras donde desemboca são alagadiças, e como se não entrou nelle, não se póde examinar a direcção da sua corrente, e costeando a mesma parte occidental na enseada que se seguia, se achou huma Ilha com praia mui dilatada até chegar á ponta de outra enseada, no meio da qual em

---

(1) *Goaotá*. Hoje se chama *Uautás*, lago que se communica com os rios Madeira e Amazonas por braços, que se podem denominar rios.

outra Ilha semelhante á antecedente portárão as canôas na praia della, como fica dito.

Defronte desta Ilha se via a boca de hum lago que ha da parte oriental mui abundante de peixe: e este he o primeiro alojamento de Gentio bravo, e sem embargo de que não foi visto, se deu aqui principio a toda a cautela necessaria para rebater qualquer acontecimento dos barbaros.

A agoa do rio Madeira desde a sua entrada até este sitio he *clara*, e de *bom gosto*, porém já desta altura principiou a achar-se turva nas partes, em que as ribanceiras são de terra enlodada, e aonde desagoavão lagos, e só donde havia barreiras ou pedras se achava menos defeituosa; e até este sitio ainda alcançavão os ventos geraes, mas já diminutos; de sorte que só com trovoada he que havia nelles actividade para ajudarem os remos contra a correnteza.

No dia 4 de Outubro tendo chegado de madrugada a canoinha que ficou na aldêa, sem negociar cousa de consideração, se celebrou Missa na referida praia, por ser o dia dedicado a *S. Francisco de Assis*, em cujo obsequio se apellidou a Ilha do nome deste Santo (1), e partindo ás sete horas no rumo de Susudoeste se deixou á mão direita huma grande praia de arêa, e com o rumo do Sul se navegou a buscar duas Ilhas que estavão á parte esquerda, em cuja margem ha bastantes Cacoaes; porém as terras da ribanceira, que tem por detraz hum grande lago, são soltas, e continuamente estão cahindo com arvores mui grandes, que ahi se produzem; *este passo* (de que ha muitos por huma e outra margem deste rio) *he o de maior perigo e o mais formidavel* que se pode imaginar; e finalmente não tem até ás cachoeiras outro rio de maior consequencia esta navegação.

As Ilhas referidas que estão huma junto da outra se chamão de *Carapanátuba* pelo idioma dos Indios, e no Portuguez significa *terra de muito mosquito*; com o mesmo nome se apellida o lago, de que já se fez menção.

Passando as referidas Ilhas no rumo de Sudoeste, que assim correm ambas costeando a parte esquerda no meio de huma enseada ha huma ponta de pedras, em que de rio cheio faz huma grande correnteza, e neste lugar pelas 4 horas da tarde forão vistos alguns Gentios, assentados

---

(2) He hoje pouco conhecida por esse nome.

nas pedras, que avistando huma canôa ligeira, em que ião por exploradores hum soldado e dous Indios, se metterão para o mato á observar, e feito signal para se prevenirem as mais canôas, logo que estas forão chegando desapparecerão os Gentios das vigias, e se recolherão ao interior.

Vencida a correnteza das pedras, sem se dar mostras de que se fazia caso do encontro, se passarão as canôas à outra parte do rio a buscar hum canal que ha entre a terra e a Ilha do *Jacaré*, porquanto o caminho da parte oriental tem grande correnteza, e de rio cheio faz no meio do canal hum sorvedouro (no Paiz se chama *caldeirão*), que dá grande trabalho para se escapar delle, e costeando a enseada da parte occidental, cuja ribanceira he de terra solta, buscámos a praia da Ilha, e nella se portou á noite com as cautelas necessarias.

No canal da parte oriental desagoa hum lago chamado tambem do *Jacaré* (1) ; neste dia em cinco horas e meia de caminho se andaria trez legoas.

A 5 continuando viagem se costeou á parte direita no rumo do Sul e Susudoeste, e com trez horas de caminho a remo se encontrou a Ilha nomeada de *José João* (2) (tomou este nome de hum morador do Pará assim chamado que muitos annos fazia nella feitoria de cacáo, de que a mesma Ilha he abundante) ; e logo junto desta Ilha se seguio outra mais pequena, mas com huma grande praia que se prolongava ao comprimento do rio, o qual se foi continuando a navegar no rumo do Sul e Sudoeste : e logo ao lado occidental pouco acima da referida praia, em cuja margem havia junto à terra hum areal, se vio hum posto que mostrava ser frequentado de Gentio ; porém não se avistou nenhum.

Passada huma ponta de pedras á parte esquerda, em que o rio he mais estreito, está hum lago a que os Indios dão o nome de *Matamátá* (3) : nelle não ha mais que Tartarugas, de que os Gentios se aproveitão.

Atravessou-se o rio á parte direita, e já quasi noite portámos na margem junto á ribanceira, por não haver praia nem Ilha, onde se podesse pernoitar com mais segurança.

---

(1) *Jacaré*. Hoje chama-se *Sapucaya-oroca*.
(2) Ainda hoje conserva o nome.
(3) *Matamátá*. Hoje chama-se *Matary*.

Neste dia em oito horas de caminho, a maior parte a vêla, se andaria quatro legoas, no decurso das quaes se não offereceu mais cousa alguma que notar, por quanto as terras são alagadiças, o arvoredo todo sylvestre pelas margens, sem dar indicio de que nelle houvesse prestimo.

No dia 6 se principiou viagem no rumo de Oeste, Sudoeste, e Susudoeste costeando a margem direita, e com dez horas de caminho a remo e a véla se andaria seis legoas, sem no decurso dellas haver couza de que se podesse fazer memoria.

A 7 se continuou viagem navegando ao Sul costeando a parte direita, e com duas horas de caminho a remo se avistou á parte esquerda o rio chamado *Aripoaná* (1), e atravessando a examinar a sua desembocadura se achou teria de largura oitenta braças, mostrando a sua direcção ser quasi de Leste para Oeste.

A agoa deste rio era clara e de melhor gosto que a do Madeira, no qual desagoa defronte de huma Ilhota de figura quasi ovada, que corre de Norte a Sul no mesmo Madeira em mui pequena distancia da margem em que faz barra o referido *Aripoaná*, no qual habitão algumas nações de Gentio, razão porque se não tem navegado para saber ao certo a sua origem, e a qualidade das terras por que discorre.

Deixando a boca do *Aripoaná* se proseguio viagemno rumo de Sudoeste costeando á esquerda, em cuja margem junto ao mato se achou huma casca de páo de trez braças de comprido, e meia de largo, atracadas as extremidades com cipós em fórma que fazião poupa e prôa de embarcação, deixando no meio huma concavidade de pouco mais de dous palmos. E desta qualidade são as de que uza o Gentio de todo o rio; e nesta que se achou tinhão ido alguns áquelle sitio, e que estarião no mato na diligencia de alguma caza ; por quanto semelhantes embarcações nunca o Gentio as tem nos seus portos, sem as guardarem debaixo da agoa ; e de mergulho as vão desatar, e fazem aboiar para se servirem dellas.

Esta que se topou sustentava dentro quatro pessoas com aptidão para poderem remar e navegar, mas em occasião de tranquillidade, porque a haver quaesquer ondas por pequenas que sejão alagão a embarcação, de cujas cazualidades se

(1) *Aripoaná* ou *Aripuaná*. Ainda hoje conserva o nome, ainda que outros escrevem *Ariupaná*.

sabem livrar admiravelmente os Gentios pondo-se a nado, esgotando-lhe huns a agoa, e os outros guardando as flexas, que he ordinariamente o cabedal de mais importancia que os acompanha.

Continuou-se viagem no rumo de Oeste a buscar a Ilha chamada dos *Arāras*(1), que se avista da boca do Aripoaná já referido, e chegando a ella se achou ser de terra firme, e nella habitava huma nação de gentio chamada dos *Arāras*, donde toma o nome a mesma Ilha, a qual fórma o Madeira quasi com igual distancia de agoa por huma e outra parte, que será de duzentas braças no mais largo ; corre esta Ilha com as enseadas do rio por espaço de duas legoas, que tanto terá de comprimento, a largura não se póde ajuizar ao certo o que terá.

Navegou-se entre a dita Ilha e margem da parte esquerda no rumo de Sudoeste costeando huma enseada, que se terminou com huma *ponta de pedras*, em que havia huma grande correnteza, e antes de chegar á referida ponta desagoava hum pequeno lago, e depois de passada a correnteza desembocava outro, tambem de igual entidade.

Em pouca distancia deste sitio na mesma margem portárão as canôas em huma *Ilheta de pedras*, que havia em pouca distancia de terra, mas não apparece em tempo de rio cheio, por ser a sua elevação a metade menos do que tem a ribanceira da terra, que tambem alaga com a cheia.

Nesse dia em oito horas de caminho se andaria pouco mais de trez legoas em razão de não haver vento.

Da Ilheta de pedras se principiou viagem á 8 no rumo de Susueste costeando a parte esquerda, e antes de chegar á ponta da enseada desagôa hum lago de pouca consideração: e seguindo o rumo do Sul depois de passar huma praia de arêa, que ha na referida ponta, se encontrou com a *maior correnteza* que até aquella parte se havia topado ; por quanto havendo huma Ilha (2) no meio do rio com huma grande praia, que se avizinha á da ponta mencionada, fazia a agoa grande força pelo pouco fundo que havia por todas as partes,

---

(1) *Aráras*.
A ilha ainda conserva o nome, assim como ainda se acha selvagem a tribu dos *Aráras*.

(2) Na margem da parte direita, defronte da ponta desta Ilha, estando hum Antonio Corrêa, morador do Pará, em sua feitoria de cacáo o investirão nella de noite os *Muras*, e o matárão a flexas, e a cinco Indios domesticos. (*nota do author*)

e foi preciso arrimar as canôas á Ilha, e puxa-las á corda até horas de jantar em que se descançou.

Continuando logo viagem no rumo de Susudoeste com o mesmo impulso da corda junto á praia da Ilha, succedeu apartar-se das canôas grandes huma ligeira de exploradores, e passando á parte esquerda da margem sahirão de repente á ribanceira cousa de dez ou doze gentios *Muras*, e largárão sobre a canoinha huma descarga de flexas, das quaes não perigou pessoa alguma, e tendo-se da canoinha o acôrdo de uzar das suas espingardas, se retirárão logo os aggressores, e não forão mais vistos em todo o resto da tarde, que foi preciso gastar na conducção das canôas á corda em quanto se costeava a referida Ilha, na qual se pernoitou aquella noite com grande vigilancia e cautela.

Neste dia em oito horas de caminho se venceria trez legoas, em razão do embaraço da correnteza, a qual ficou vencida até o lugar mencionado em que se pernoitou.

No dia 9 sendo já dia claro se deu principio á viagem buscando a margem esquerda continente á em que appareceu o Gentio, e costeando no rumo de Susudoeste abeirando huma praia, que havia daquella parte se achou na arêa da mesma *huma flexa cravada*, que disserão os Praticos era signal que o Gentio fazia de desafio, e entendendo-se que os barbaros nos estarião esperando na ponta da enseada, onde havia correnteza, se caminhou por ella com o cuidado necessario.

Não houve novidade nesta passagem, porém indo a dobrar outra ponta que se seguia descobrirão as duas canoinhas da vanguarda *cinco canoêtas* (1) de Gentio, navegando para baixo mui junto da ribanceira, e sem mostrar receio se empenhavão no encontro; porém apenas avistárão a primeira canôa grande com incrivel ligeireza saltarão em terra e sumirão as cascas de páo em que navegavão, de sorte que nem rasto se achou de nada.

Do meio da enseada, passada a referida ponta se atravessou á parte direita em que havia ribanceira mais alta, e ha no seu interior bastantes Cacoaes, e se foi costeando no rumo de Susudoeste, e Oesudoeste, e ultimamente a Sudoeste, até chegar á Ilha chamada *Matawrá*(2),

---

(1) Erão estas canôas da qualidade da que acima se dá noticia (*nota do author*).

(2) *Matawrá*.
Tanto a ilha como o rio ainda hoje conservão o nome.

defronte da qual portarão as canôas em huma ponta de terra baixa, aonde não havia receio de ataque, sem embargo de que sempre se passou a noite com as cautelas costumadas.

Quasi defronte desta Ilha desagoa pela parte esquerda hum riachão, de que a Ilha toma o nome, de sorte que huma e outra cousa se chama *Mataurá*.

Não houve occasião de se lhe examinar a barra, por se chegar de noite á sua vizinhança; mas dizem os Praticos ser de menor grandeza que o rio Aripoanã (1) já mencionado no dia 7, e que neste *Mataurá* habitão varias nações de Gentio.

A enseada em que desagoa, que he até a ponta donde sahião as canoinhas, he superior a enchente do rio, e mostrava ser de boa qualidade para lavrar, porque o arvoredo alèm de ser alto e frondoso era limpo da espessura ordinaria, que ha nas partes que alaga o rio.

Na viagem deste dia em sete horas e meia de caminho se andaria trez legoas.

A 10 de madrugada atravessando a parte direita se navegou no rumo do Sul, e logo no Sudoeste com bastante correnteza, e depois de trez horas de caminho se avistou da parte esquerda huma barreira vermelha, a que no idioma geral dos Indios se chama *Guarapiránga*, e dilatando-se por hum quarto de legoa com seu arvoredo de matavirgem desemboca no fim desta ribanceira um riacho chamado *Matapy*, não mui caudaloso, que tem defronte da boca huma Ilha com sua praia em huma e outra ponta, que correm ao Essudoeste. Passada esta Ilha se encontra na margem direita *barreira vermelha* semelhante á da parte esquerda, mas de menor extensão no comprimento.

Continuou-se viagem até ás seis horas da tarde, e portárão as canôas em huma ponta da ribanceira da parte esquerda, e em nove horas de caminho se andaria trez legoas e meia, a maior parte no rumo de Sudoeste.

No dia onze ao romper da manhã se continuou viágem no rumo do Sul e Susueste costeando a parte esquerda,

(1) O contrario se observa hoje nas cartas do rio.

na qual logo se encontrou com uma *ribanceira de pedras*, defronte da qual se prolongava huma Ilheta ao comprimento do rio, por entre a qual e a margem direita se fez viagem, para salvar a correnteza que havia nas pedras da parte esquerda : nesta se seguia a dita ribanceira huma dilatada enseada de terra baixa, no meio da qual desagoa hum grande lago chamado *Manicoré* (1), e a ultima ponta da dita enseada rematava com uma feitoria da cacáo.

Defronte desta principiava huma grande praia ou corôa de areia, que levantando-se pelo meio do rio ao seu comprimento o divide em dous canaes : no da parte direita desagoão dous Lagos pequenos, e toda a sua ribanceira he de terra cahida, que depois de costeada ao largo se chegou ás sete horas da noite defronte da boca do rio *Unicoré* (2), que desagoa na margem esquerda quasi fronteiro á ponta de huma Ilha, em cuja praia portarão ao canôas.

Este rio Unicoré he medianamente caudaloso, e sua direcção he para Sueste, e se acha habitado de Gentio bravo.

Neste dia com dez horas de caminho se andaria cinco legoas por se ajudar da véla toda a tarde com huma trovoada á pôpa. Rumo principal Sudoeste.

A 12 se proseguio viagem costeando a parte esquerda, canal que fazia o rio entre a ribanceira e a Ilha mencionada, cuja praia da parte do Sul se dilata por espaço de mais de huma legoa nos rumos de Sul até Sueste por toda a enseada, no fim da qual a buscar o rumo de Sudoeste ao principiar outra enseada se encontrarão trez Ilhas, e por entre os seus canaes, em que havia menor correnteza, se fez caminho até ás quatro horas, ficarão pela pôpa, e seguindo no rumo do Sul a findar a enseada, portarão as canôas em uma praia, que da ponta da enseada da parte esquerda se dilatava atè meio do rio

Neste dia em nove horas de caminho se andaria quatro legoas : seu rumo principal Sudoeste.

Dia 13. Neste dia se andou mais que huma enseada toda desde o rumo do Sul para Leste atè chegar ao Norte : toda a enseada era de *terriveis* correntezas.

---

(1) *Manicoré*. Ainda hoje conserva o nome.
(2) *Unicoré*. Actualmente chama-se *Manicoré*.

A' parte direita caminhando já o rumo de Leste principiou huma ribanceira de *terra vermelha*, em que havia huma ponta de pedras, onde corria a agoa com grande furia.

Dilata-se a ribanceira por espaço de trez quartos de legoa ao comprimento do rio: achou-se ser sua mata de castanhal e cacáo. Remata em hum lago chamado pelos Indios *Capaná* (1).

He este pedaço de contingente o mais capaz de fundação de Aldêa que até aqui se havia encontrado; porque além da terra ser capaz de lavoura, he o rio nesta enseada abundante de peixe e muita caça volatil e quadrupede. A ribanceira da parte esquerda quasi toda he de terra cahida, e estava a madeira amontoada pela margem em summa quantidade.

Portarão as canôas ás 6 horas da tarde em huma praia, que sahe da ultima ponta da enseada da parte direita até quasi ao meio do rio.

No dia 14 se principiou viagem ás 6 horas da manhã, costeando a parte direita por hum canal entre a ribanceira e huma Ilha nos rumos de Sueste, Sul, Sudoeste até chegar a Oeste: e a meia legoa de enseada se vio a boca de hum *Igarapé* (2), que cortando ao centro desagoa no lago, de que se fez menção no dia antecedente, chamado *Capaná*; e continuando no rumo de Oeste pelas quatro horas da tarde ajudou huma trovoada o remo, e portárão ás 6 horas as canôas em huma Ilha nova : e em dez horas de caminho se andaria quatro legoas.

Seguia-se a esta Ilhota em que se portou, outra de bastante extensão, e por entre a boca que huma e outra faz, se avista a ribanceira da parte esquerda, em cujo lugar teve arraial o Capitão João de Barros da Guerra(3), quando no anno de 1719 foi mandado por Cabo de uma tropa a destruir os Gentios chamados *Torazes*, os quaes habitavão estes districtos, e erão de tanta ousadia que navegando rio abaixo sahião ao Amazonas, e roubavão as canôas que do Pará sahião ao cacao dos Solimões, e matavão a gente. A guerra que lhe fez o dito Capitão os deixou extinctos (4).

---

(1) *Capaná.* Hoje dizem *Cupaná.*
(2) *Igarapé.* Pequeno corrego ou riacho.
(3) *Guerra.* Este lugar tem nos mappas o nome de *Guirra*, por erro.
(4) Esta, sempre foi de ordinario a sorte das tribus que disputarão com valentia a conquista Européa.

Dia 15. Pelas 6 horas da manhã se proseguio viagem no rumo de Oeste por hum canal entre a terra da parte direita e huma Ilha, que se prolongava ao comprimento do rio, e quasi na ponta della desagoa pela margem esquarda hum rio chamado *Araxiá*, que mostrava na sua direcção vir do rumo de Leste.

Continuando a derrota do mesmo canal a quatro horas de caminho se encontrou com *terra mais elevada e vermelha*, passada a qual se vio desagoar hum lago chamado *Macoapy*, em que ha huma cobra de extraordinaria grandeza, a que os Indios pelo seu idioma geral chamão—*Boyá assú*—que quer dizer no nosso vulgar *cobra grande*(1). Contão os mesmos Indios deste genero de animaes couzas que parecem incriveis, razão porque se remitte esta noticia á curiosidade.

Passada a boca do referido lago em distancia de trez horas de caminho da mesma parte direita ficando já a referida Ilha pela pôpa, se observou sahir huma fumaça da margem junto á agoa, e chegando ao lugar donde havia signal de fogo da canôa da vanguarda, ainda forão vistos huns poucos de Gentios que o fazião, os quaes apenas se deixarão ver, logo se esconderão embuscando-se pela espessura do arvoredo.

Continuou-se a derrota, sem fazer caso da novidade, e dahi a huma hora de caminho portárão as canôas na ponta de huma dilatada praia, que offereciá huma Ilha encostada á margem esquerda. Nesse dia em oito horas do caminho se andaria trez legoas.

Dia 16. Fazendo viagem pelo canal que havia entre a terra da parte direita e a Ilha mencionada, se continuou ainda o rumo de Oeste por espaço de duas horas de caminho, em que finalisava a ponta de huma enseada, em meio da qual (ja depois de passada a Ilha) sahia huma *ponta de pedras*, aonde o rio cheio costuma haver mui grande correnteza.

Ao entrar na enseada que se seguia, andou a agulha para Oessudoeste, e passado pouco espaço chegou ao rumo geral Sudoeste, e nesse se proseguio caminho costeando á direita cuja ribanceira he de *terra alta e vermelha*, que terá meia

---

(1) He a serpente denominada *Sucuriú*, *Sucurujú* e *Sicury*. Nomes differentes e que significão o mesmo animal.

legoa de distancia no seu comprimento abeirando o rio, porèm no centro se dilata esta terra firme, na qual fez seu alojamento o Capitão Francisco de Mello Palheta, quando no anno de 1723 foi despachado pelo Governo do Pará a explorar este rio da Madeira: e neste lugar (1) se fabricarão as canôas ligeiras, em que se proseguio derrota, que foi até chegar a *Santa Cruz de los Cajubabas*, ou por outro nome a *Exaltação*, Aldêa situada na margem direita do rio *Mamoré*, pelo qual entrámos deixando o Madeira a esquerda, em que desagoa a Mamoré.

Passada a referida terra firme, em cujo logar se fez pausa a jantar, se proseguio caminho abeirando a ribanceira que se seguia de terra solta, que continuamente estava cahindo e com ella algumas arvores: e com o susto que causava este perigo, que se não podia evitar em razão de ser a outra margem sem fundo capaz de se navegar, se sahio deste trabalho ás 6 horas da tarde, em que o rio nos offereceu huma Ilha com sua praia, em que portárão as canôas sem os viajantes terem mais cuidado que o ordinario de fazerem sentinella ao Gentio.

Neste dia por causa de ser ja *maior a correnteza* do rio se andaria trez legoas em nove horas de caminho.

No dia 17 se principiou viagem de madrugada costeando a margem direita no rumo de Sul por entre uma Ilha, que corre na direcção do rio, e depois de passada em breve espaço, dahi a meia hora de caminho se principiou a passar outra Ilha já no rumo de Sudoeste, que chegada a margem esquerda se dilata com as mesmas enseadas do rio por espaço de cinco horas de caminho.

No canal menor que faz o rio entre esta Ilha e a terra da parte oriental, desagoa um rio chamado *Urupuny* (2), cuja direcção não foi possivel averiguar, porque o canal cheio de baixios e correnteza não permittia passagem a canôa grande.

Neste rio habita Gentio *Mura*, e das queimadas que elles fazião neste districto se manifestava de noite o clarão dos fogos, como se observou na deste dia e na do seguinte. Passada a referida ilha, se segue outra a huma hora de caminho de muito maior extensão tambem encostada a parte es-

(1) He este o lugar denominado *Baêtas*.
(2) *Urupuny*. Chama-se tambem *Urupuná*.

querda,cuja extensão he conforme ás enseadas que faz o rio, sendo o seu rumo principal a Sudoeste. Na ponta quasi desta Ilha (1) portarão as canôas com dez horas de caminho, em que se andaria no referido rumo 4 legoas, por ser já por esta altura mui frequente a correnteza, e *quasi insuperavel* a canôas grandes.

Dia 18. Neste dia se principiou viagem costeando a referida ilha pelo braço maior do rio entre ella e a margin direita, e não se venceu mais neste dia de caminho do que duas enseadas, em que se andaria trez legoas por causa da grande correnteza. O rumo principal foi Sudoeste. Em huma praia que sahia da ilha em que ella finalisou, portarão as canôas, e na mesma praia se conservarão no dia 19.

Como já por este districto erão grandes as correntezas, e mui frequentes os baixos, que tudo difficultava a navegação de canôas grandes, se gastou todo o dia 19 em explorar as matas da mesma ilha, e da terra da parte oriental na diligencia de se achar madeiros capazes de fabricar embarcações ligeiras para nella se proseguir viagem, tanto para se vencerem os obstaculos referidos, como para o transito das cachoeiras, para cujo trabalhoso passo se ia avizinhando a derrota.

Não se acharão na dita ilha troncos com capacidade da obra que se projectava, e sómente na margem oriental de terra firme se acharão os precisos para o intento, porém com o desconto de ser preciso formar o Arraial para a factura das canôas no mesmo continente, em que de necessidade havia maior risco dos ataques do Gentio, do que poderia succeder na ilha, aonde não costumão invadir os viajantes, por não terem retiro facil, depois de commettida a hostilidade; o que não lhes succede em terra firme, aonde mais a seu salvo accommettem favorecidos do terreno e dos bosques, em que se embrenhão, o que depois se verificou por experiencia.

Não houve outro arbitrio se não fazer alojamento na terra da margem oriental do rio, cuja planice por então estava desalagada, e para effeito de se entrar á operação das novas canôas passarão as grandes no dia vinte ao amanhecer ao sitio que na parte referida se achou mais proprio para formar alojamento, para o qual se reservou parte sufficiente

---

(1) Esta Ilha he a denominada dos *Múras*.

dos Indios, e a outra se destinou ao côrte dos troncos que erão precisos, para delles se fabricarem as novas embarcações, e com felicidade se acharão os taes madeiros na visinhança do alojamento, e de mais desta commodidade se encontrou tambem a abundancia conveniente de viveres para o sustento, assim de caça como de peixe; e só de hum lago que se descobrio perto do arraial, houve huma tal fertilidade de tartarugas, que além de ministrarem a maior parte do sustento a toda a escolta, ainda delle se tirarão na despedida do sitio as que bastarão para fornecimento de muitos dias de viagem.

Construindo no dia referido e 21 o Arraial (1) cingido de huma trincheira de estacaria, e fachina pára reparo sufficiente de qualquer invasão dos Barbaros, se guarnecia de noite aquella circumferencia com sentinellas, que erão trez, para fazerem signal de qualquer movimento que se offerecesse, observando-se tambem o estylo militar de rondarem os Officiaes da escolta as ditas sentinellas para evitar algum descuido.

Doze dias se passarão de alojamento sem nelles haver signal de Gentio, até que na madrugada de trez de Novembro, estando de fóra da trincheira huma porção de Indios abrindo o casco da canôa á fogo (serviço que só aquella hora he proveitoso, em razão de não haver vento, que he mui prejudicial á obra) de repente se sentirão assaltos de Gentio *Mura*, que favorecido do escuro e espessura do mato despararão quantidade de flexas sobre os ditos Indios, que se achavão com suas armas, e escoltados pelo Sargento-Mór Commandante, e Ajudante da tropa(2).

Nesta avançada não houve offensa na nossa parte, antes hum dos nossos Indios teve o accordo de poder empregar huma flexa em hum dos inimigos, que avistou em parte que a luz do fogo lhe fez perceber.

Tocou-se á rebate, e posto todo Arraial em armas (ficando guarda conveniente ás canôas que estavão no porto) succedeu que ao sahir hum Indio do seu alojamento acudindo ao rebate, e apanhou huma flexa por entre o osso da furcula e o pescoço da parte esquerda, que logo o deixou sem vida.

Botou-se hum cordão de gente por fóra a trincheira da

---

(1) Este arraial foi denominado de *N. S. da Conceição.*
(2) Vide *supra* nota (2) á pag. 294.

parte accommettida, e outro pelo mato com designio de se apanharem ao romper do dia em cerco, onde fosse castigado o seu atrevimento: não teve effeito o projecto, porque os *Muras* carregando o seu ferido que dava grandes brados, se acharão ja longe daquelle sitio quando aclarou o dia.

Não houve lugar na occasião do ataque de ter effeito o uso das espingardas, porque se não podia ver onde fazer pontaria: cahião as flexas, porém não se distinguia o vulto que as impellia: cessou ainda assim a flexaria, depois que para aquella parte donde sahião, se disparou huma descarga de quatro armas.

Para se continuar o serviço da fabrica das canôas foi preciso dobrar as sentinellas na trincheira : e quando era necessario ir ao mato buscar cipó, folhas, estopa, e outros materiaes, sempre os Indios ião escoltados, e só em huma occasião apparecerão os *Muras* em hum corte de páo, porém como forão vistos, e attenderão á disposição de armas, usarão da sua covardia retirando-se sem obrarem acção alguma.

Sómente de noite rodeavão ao largo do Arraial, e não se resolverão mais chegar perto da trincheira, sem embargo que das portas para dentro he que se abrirão as mais canôa á fogo.

Como aos Indios trabalhadores era já mui custoso de dia lavrarem madeira e de noite fazer sentinella,pareceu conveniente, depois de estarem cinco cascos de canôas abertos, que erão os precisos, mudar o Arraial para a parte mais accommodada, em que os desvelos nocturnos fossem de menos trabalho ; e tomada essa resolução, se abandonou aquelle lugar no dia 19 de Novembro, no qual com quatro horas de caminho rio acima se elegeu huma Ilha pequena com sua praia, onde no dia 20 se armarão sómente os estaleiros em que se acabassem as cinco canôas, o que se effectuou sem a menor perturbação de Gentio até o dia primeiro de Dezembro, em que carregando-se as novas embarcações, se expedirão no dia seguinte de manhã as canôas grandes para baixo preparadas de mantimentos, armas, e lenha para evitar o portar em terra a cortal-a, com ordem os soldados que as governavão de portarem na aldêa dos *Abacaxis*, e esperarem a volta da escolta.

Esta no dia 3 de Dezembro pelas oito horas da manhã

principiou sua derrota rio acima no rumo de Oeste, e logo a Sudoeste rumo geral.

Costeou-se a parte esquerda, que quasi toda a ribancêra he de terra cahida, e a parte direita desagoa hum lago mui abundante de peixe, o qual ou seja guisado com tempêros ou assado, não tem sabor de cousa alguma: razão porque os Indios no idioma de sua lingua geral lhe chamão *Jerúpary-pirá*(1), que no Portuguez quer dizer: *lago que tem peixe do Diabo*.

Não se sabe attribuir ao certo de que procede aquella insipidez tão extraordinaria. Sendo ja noite portarão as canôas em huma ilha chamada de *Santo Antonio* : e em oito horas de caminho se andaria trez legoas nos rumos já referidos.

Em 4 de Dezembro se proseguio viagem costeando á esquerda uma grande enseada de terra alagada, sendo a outra terra da margem direita de *barreiras vermelhas*. No fim da dita enseada desagoa hum lago chamado *Pirá-Jacaré*, defronte de cuja boca principia huma ilha encostada á parte direita, que se dilatava até a meia enseada que se seguia.

Defronte da ponta desta enseada havia huma *restinga de pedras*, em que havia grandissima correnteza, passada a qual sendo já de noite portarão as canôas na ribanceira da parte esquerda com treze horas de caminho, em que se andaria 4 legoas nos rumos do Sul a que se principiou, e logo a maior parte do caminho a Sudoeste, e se portou no de Oeste.

A 5 se continuou viagem costeando á esquerda no rumo de Sudoeste e Sul terra alagadiça; defronte desagoavão dous lagos de *terra que não alagava*.

Passada a enseada se seguião trez ilhas lançadas a rumo de Sueste, ao qual se navegou pelos que fazia o rio, e passando a enseada se costeou á direita, e entrou já de noite por hum canal entre a terra e huma ilha (2), e se portou na ribanceira ás 8 horas da noite, e em 15 de caminho se andarão cinco legoas.

No dia 6, que succedeu ser muito tempestuoso de chuva e vento, se continuou a navegar o canal referido nos rumos de Sudoeste e Sul seguindo-se mais duas Ilhas á antecedente,

---

(1) Outros escrevem—*Jurupary-pirá*.

Perto deste Lago esteve a aldêa de *S.* João Baptista do Crato, que por sua insalubridade extinguio-se em 1828 (Amazonas—*Dicc.* art. *Crato.*)

(2) He a ilha das *Flechas*.

e sahindo a enseada costeando á direita foi visto hum Gentio na ribanceira encarando o arco para disparar flexa sobre a gente de huma canôa; porém andando mais destra a espingarda de hum soldado em ser disparada por elle, não se sabe ao certo se foi ou não chumbado, porém he sem duvida que não foi mais visto.

Seguio-se logo na mesma ribanceira huma *restinga de pedras*, em que com algum trabalho foi preciso sirgar as canôas á corda, e acabada esta operação por ser quasi noite portarão as canôas em huma praia da Ilha que havia no meio do rio.

Neste dia em 6 horas de caminho se andaria nos ditos rumos 2 legoas.

Dia 7. Proseguio-se viagem costeando á esquerda no rumo de Susudoeste e Sul, e da margem direita desagoa defronte da ponta da enseada hum lago, e logo mais adiante hum ribeiro de pouca entidade, e a este se seguia outro de pouca entidade tambem, e antes de chegar a humas *barreiras vermelhas* desagoavão dous Lagos tambem insignificantes. Passadas as referidas barreiras fazia barra hum riacho chamado *Marany*, que teria de boca (ao parecer) 50 braças, e a sua direcção mostrava ser a Oeste.

Continuando a derrota da parte esquerda no rumo de Lessueste, se achou a terra da ribanceira mais alta, e á vista da agua varias *vigias* (á maneira de *guaritas*) cobertas de palha, em que o Gentio costuma registrar o que passa pelo rio, e quando descobrem as suas praias, para elles sahirem a pescar; no fim desta margem mais alta desagoa hum lago chamado das *Piranhas*.

Deste lugar já sobre a tarde se avistarão humas Ilhas, por entre as quaes se dividia o rio em varios canaes com huma tal disposição, que a verdura do arvoredo representada na tranquillidade das agoas offerecia aos olhos o mais agradavel objecto, que até este passo se havia logrado. Já de noite portarão as canôas na praia de huma das Ilhas com doze horas de caminho, em que se andaria cinco legoas.

No dia 8 de Dezembro, por ser dedicado ao sagrado mysterio da Conceição purissima da Virgem Senhora, a cuja soberana protecção haviamos dedicado o Arraial da fabrica das canôas(1), de commum accordo se destinou a manhã deste

(1) Vide *supra* nota (1) á pag. 308.

dia a ouvir Missa sómente, e com effeito executado este projecto se fez viagem só de tarde no rumo de Sueste e Sul, e com seis horas de caminho se andarião duas legoas.

A 9 principiando viagem pelas 3 horas da manhã se passou á parte esquerda do rio, e foi proseguindo caminho no rumo de Sul, e passada a primeira enseada se continuou a Sueste na segunda, cuja ribanceira era alta de *terra vermelha*, e a meio barranco sahia huma fonte de agoa crystallina e de bom gosto, que se despenhava até o rio: no fim desta terra desembocava hum lago, e defronte principiava huma Ilha, entre a qual e a terra mediava canal estreito, e passando ao mais largo que era da parte direita se navegou no rumo de Sueste, e logo ao Sul: onde portarão as canôas já noite na praia de huma Ilha que havia no meio do rio. Neste dia em 12 horas de caminho se andarião 4 legoas nos referidos rumos.

No dia 10 sahindo da dita Ilha no rumo do Sul, logo se passou ao Sudoeste, e com trez horas de caminho, em que se andaria huma legoa, se chegou neste rumo á boca do rio chamado *Gi-paraná* pelo idioma geral dos Indios, que em Portuguez quer dizer *Machado do mar*.

Este nome lhe poserão os Indios por acharem neste rio huns mariscos semelhantes ás Ostras, cujas conchas lhes servião para cortar páos miudos (1).

Por ser este rio o maior que até este lugar se havia encontrado desagoar no Madeira, foi preciso fazer nelle algum exame para se individuar, quanto fosse possivel, a sua direcção, grandeza, e altura do polo em que desagoa.

Entrega este rio as suas aguas ao Madeira por entre huma ribanceira alta: divide-se em dous braços por lhe dar esta figura huma Ilha de pouca largura, porém de dilatado comprimento, que correndo com o rumo do mesmo *Gi-paraná*, dizem ser necesssario dous dias de viagem para a vencer. O canal da parte de Leste tem a largura na boca entre a terra e a ponta da Ilha 257 varas Portuguezas, e o da parte de Oeste tem 177, que todas fazem 434, boca total do mesmo rio, o qual navegando-se por espaço de duas horas mostrou ser o seu rumo Sueste, e a Leste he a sua entrada.

---

(1) Parece que o author refere-se aos Indios da sua comitiva, que erão em parte do Pará, os quaes conhecião as ostras, e podião fazer applicação do nome que derão á este rio.

Observou-se a altura, e se achou estar a sua desembocadura em 9 gráos de latitude austral. Sobre a origem deste rio se fará algum discurso quando se tratar do rio *Jamary* que se segue.

Pelas 3 horas da tarde do mesmo dia se deixou a boca do *Gi-paraná*, e continuando derrota no rumo de Sudoeste costeando a ribanceira esquerda de *barreiras vermelhas as mais altas* que até este passo se havião encontrado, e sendo preciso atravessar o rio para buscar á praia de huma Ilha encostada á parte occidental; se avistarão no meio do rio no referido rumo humas *Serras*, que representavão estar em bastante distancia daquelle lugar, e se averiguou serem aquellas, donde principiavão as Cachoeiras que de necessidade, haviamos de encontrar.

Portou-se com effeito na dita praia já de noite, e com 4 horas de caminho no dito rumo se andarião duas legoas.

A 11 do mesmo mez de Dezembro sahindo da referida praia de madrugada no rumo de Sudoeste, se navegou á direita, e á 3 horas de caminho se achou a ribanceira que se costeava ser de *pedra talhada*, e logo no fim de della desembocava hum riacho pequeno, que foi habitação dos Gentios *Torazes*, que passarão a vizinhar com os *Muras*, onde se lhes deu a guerra, de que já se fez menção (1).

Defronte da ribanceira de pedra na margem oriental desagoava hum lago de pouca consideração.

Fazendo-se no resto do dia caminho a Oessudoeste e Oeste portarão as canôas na ribanceira occidental com 12 horas de viagem, em que se andarião 4 leguas, por se haverem encontrado neste dia *formidaveis correntezas*.

Dia 12. Principiou-se a navegar a Oeste a parte direita, e a huma hora de caminho se chegou a huma ribanceira de pedra em que havia grande correnteza, e foi preciso retirar e buscar a margem esquerda, que se navegou com menos trabalho, e seguindo ao rumo do Sul se achou desagoar por aquella parte hum riacho de pouca entidade, e fronteira a boca huma grande praia, que já se hia povoando de arvoredo, que em breves annos a constituirá Ilha: por entre ella e já a terra da parte direita se proseguio derrota no mesmo rumo do Sul, e antes de sahir do canal se observou desagoar hum riacho, no qual esteve situada a aldêa de

(1) Parece ser hoje o riacho—*Jacaré*.

Santo Antonio (1), e hoje se chama aldêa de *Trocano*, de que já se fez menção.

Este riacho chama-se *Aponião*, e por elle dizem haver boas terras para lavouras: não he caudaloso, e a sua direcção he para Oeste.

Logo se seguio a passagem de 4 ilhêtas com suas praias (2), por entre as quaes se dividia o rio em varios braços, e pelo maior que era a parte direita sahirão as canôas á enseada, e virando a ponta della já noite portarão as canôas com onze horas de caminho, em que se andaria 4 legoas nos ditos rumos de Oeste e Sul.

No dia 13 ao rumo de Oeste se principiou viagem por entre a terra da parte direita e huma Ilha chamada do *Tucunaré* (3), fronteira a ella era a ribanceira da parte esquerda de barreira vermelha, e no fim della desagoa o lago chamado tambem *Tucunaré*: passada a Ilha deste nome se seguio logo outra, que principia a formar em huma praia no meio do rio, por onde navegando ao Sul se avistou a boca do rio *Jamary* (4), para a qual se atravessou no rumo de Susudoeste, e pelas dez horas da manhã se portou nella com cinco horas de caminho, em que se andarião 3 legoas sem correnteza.

Este rio *Jamary* he de maior nome no Pará, do que outro qualquer dos que desagoão no Madeira, e a razão he por que este rio tem grande abundancia de cacáo sylvestre, que os moradores do Pará vem colher no tempo de estar sasonado, juntando-se para este effeito quatro e cinco canôas para encorporadas resistirem as invasões dos *Muras*: e quando não póde haver esta sociedade, toda aquella colheita se perde, exposta ao uso dos barbaros e desperdicio dos animaes.

Entra-se neste rio no rumo de Sueste, e depois a Leste até chegar ao Norte, encaminha-se outra vez ao Sueste, que será provavel ter este por legitimo rumo.

Esta conjectura se fez em duas horas de caminho, em que se foi por elle acima logo que portarão as canôas.

---

(1) Foi o segundo lugar, em que esteve aldeada a população indigena de *Borba*.

(2) São as ilhas *Puncas*. Outros disem *Puncam*.

(3) *Tucunaré*. Ainda conserva o nome. Outros chamão *Puinaré*.

(4) Na foz deste rio fundou-se em 1797 com degradados de Portugal e moradores do Rio Negro a aldêa ou freguezia de S. João Baptista do Crato (Amazonas—*Dicc.* art. *Crato*).

Vide *supra* nota (1) á pag. 310.

Não tem correnteza de consideração ; as suas agoas são crystallinas e gratas ao paladar, especialmente dos que andavão habituados a agua turva do Madeira, que nas do Gi-paraná e agora nestas do Jamary acharão huma transitoria recreação.

Desagoa o *Jamary* no Madeira com 240 varas Portuguezas de largura na sua barra, que se acha em 9 gráos e 20 minutos de elevação austral, segundo constou pela observação do quadrante feita neste dia em horisonte bem proporcionado.

Nesta occasião se discorreu a respeito das origens deste rio e do Gi-paraná, servindo de fundamento as noticias que davão dous moradores do Mato Grosso, que fazião viagem na escolta, dizendo, que pelo rumo que leva o Madeira ao Poente, presumião ser hum dos dous rios mencionados, hum que com o nome de rio das *Candêas*(1) tinha as suas cabeceiras ao Norte das do rio *Galera*, que fazia barra no *Aporé* (2), com a differença que o *Candêas* de necessidade havia de cortar de Leste para Oeste e buscar o Madeira, a Leste da Serrania geral, e a Oeste da mesma cordilheira; quasi de Norte a Sul caminhava o *Galera* a entrar no *Aporé* : e o não haver neste controversia, he por se ter navegado todo, e o *Candêas* somente as suas cabeceiras.

Nesta duvida se appellou para a experiencia examinando toda a margem oriental com attenção até se topar outra barra de rio, que igualasse com a dos dous antecedentes para dar mais oppositores às origens do *Candêas*; aliás continuar no *Gi-paraná* e *Jamary* a contingencia referida.

A seu tempo se tratará desta materia com mais individuação e clareza.

Dia 14. Continuou-se viagem no mesmo dia sahindo da boca do Jamary, e no rumo de Sudoeste pela huma hora da tarde se costeou á esquerda, e ás 4 horas da tarde indo a rumo de Sul sobrevierão humas trovoadas grandes, que obrigarão a tomar porto na praia de huma Ilha (3) encostada á margem esquerda, e alli se pernoitou.

Andarião as canôas pouco mais de huma legoa. A razão que houve para a demora de quasi hum dia no Jamary, foi

---

(1) Ainda conserva o nome.
(2) *Aporé*. Hoje diz-se *Guaporé*.
(3) Será a denominada—*Mandiba*, ou *Mariuhy ?*

porque além das averiguações que nelle se fizerão, requererão os Indios a limpeza da sua roupa, por não haver tão cedo esperanças de se achar agoa limpa.

No dia 15 ao romper da manhã sahindo da Ilha mencionada no rumo de Sudoeste se proseguio derrota costeando á esquerda, e passada huma pequena enseada se entrou a navegar outra no rumo de Sul e Sueste por entre huma Ilha (1) e a terra, cuja ribanceira era de *pedra*, que finalisava em huma restinga, em que havia *grande correnteza*, e para desvio della foi preciso passar á direita; e no rumo de Sudoeste, ficando as pedras já pela pôpa, se passou outra vez á esquerda a horas de meio dia ; e no meio de huma pequena enseada de terra solida desagoava hum regato, no qual logo á entrada esteve fundada a aldêa já referida do *Trocano*(2), a primeira vez que se desceu a sua gente do mato contiguo a segunda cachoeira (3), de que depois se fará menção.

Neste lugar se acharão ainda bastantes limões, laranjas bicaes (4), e outras fructas, que se produzem naquelle lugar desde o tempo que alli houve a dita habitação.

Daqui se buscou no rumo de Sudoeste huma Ilha grande (5), passada a qual portarão as canôas já noite na praia da sua ultima ponta.

Neste dia com oito horas de caminho se andarião 3 legoas.

Dia 16. No rumo de Oeste se principiou viagem costeando á esquerda, defronte da praia desagoava da parte direita hum ribeiro de pouca nota, e logo na mesma enseada hum lago.

Proseguio-se caminho no rumo de Sudoeste em huma dilatada enseada, e passando á direita, para livrar de *grandissima correnteza*, se caminhou a rumo de Oeste, e nelle se portou em huma praia que havia no meio do rio(6), na qual havia immensidade de criação de Tartarugas, de que se fez bastante provimento : e foi a ultima fartura que offereceu o Madeira desta especie de peixe, pois a não ha dahi para diante, em que principião as Cachoeiras.

---

(1) He a ilha das *Guaribas*.
(2) Vide *supra* nota (1) á pag. 314.
(3) Parece que se devera dizer primeira cachoeira.
(4) *Laranjas bicaes*, i. e., laranjas agridoces.
(5) Parece que se trata da ilha e praia do *Tamanduá* ?
(6) Vide nota precedente.

Neste dia em 6 horas de caminho se andarião duas legoas e meia nos rumos referidos, sendo o principal Sudoeste.

No dia 17 se principiou viagem no rumo de Sudoeste a direita huma enseada, no fim da qual ao voltar para outra se achou huma *correnteza tão violenta* (resulta de huma restinga de pedras que alli havia), que por nenhum modo se pôde vencer: atravessou-se a parte esquerda, e vencendo-se alguns baixos de corôas de areia se navegou hum pequeno espaço a Oeste, e logo a Sudoeste e Sul huma mui dilatada enseada, no fim da qual entrando em outra a Sudoeste se avistou neste rumo a *primeira* Cachoeira (1), e no mesmo se chegou a portar junto della pelas cinco horas da tarde: em 8 horas de caminho se andarião 3 legoas.

A ribanceira da enseada que ia topar na dita Cachoeira, he de terra alta que principia em huma *Ponta de pedras* da parte esquerda.

Tem bom arvoredo, e mostrava toda porção de terra ser capaz de habitação e lavoura.

---

(1) Vide *supra* nota (3) a pag. 316.

BREVE NOTICIA DAS SERRANIAS DE QUE PROCEDEM AS CACHOEIRAS DO RIO DA MADEIRA.

Como ha de ser mui preciso neste *Diario* o fallar repetidas vezes na Cordilheira donde resultão as *Cachoeiras* do nosso rio, pareceu conveniente antes de entrar a descrevel-as offere cer neste lugar huma idéa da extensão daquellas Serranias, assim pelo que constou ocularmente no progresso da viagem nas partes, em que ou pela sua visinhança pelo rio, ou pela sua grande elevação mais ao centro se deixavão avistar, como tambem pela indagação que se fez dos rumos que traz desde a sua origem, segundo noticiárão pessôas fidedignas, que viajarão grande parte do dilatado terreno que ellas occupão,

Ainda que entre os Expositores sagrados se offereça a questão, se existirão já ou não no Mundo as Serras e montes, que por todas as quatro partes cingem a sua grande machina, antes do Diluvio universal; com tudo, ou fosse obra da creação (que será o mais provavel), ou desafogo da natureza, quando se vio opprimido o Globo com aquella inundação geral das aguas, sempre estes gigantes da terra, que muitos chegam a competir com as nuvens, são objectos dignos de se admirar nellas a grandeza de Deus, Artifice Supremo das maravilhas creadas; e assim todos sabem pelas historias antigas e modernas, sacras e profanas, o quanto o Mundo está povoado destes prodigios da natureza.

E passando dos termos expressivos aos figurados, em todas as cartas Geographicas, ou sejão universaes ou particulares, fazem os seus Autores uniformes demonstrações das serras e montes mais celebres, que em diversas posituras se dilatão pelo antigo e novo Mundo.

Nesta certeza se tratará aqui somente das que fazem congruencia ao intento acima expressado.

Os Historiadores de melhor aceitação e os Geographos mais pontuaes descrevendo e delineando a celebre cordilheira dos *Andes*, lhe conferem a larguissima extensão que ha desde o Estreito Magalhanico até a Nova Hespanha, discorrendo por toda a costa de Chili, Perú e Isthmo de Panamá, cuja vasta direcção comprehende mais de mil legoas de terreno; certificando ser a sua elevação em partes tão excessiva, que dizem não a podem superar com o vôo as mais ligeiras aves.

A esta muralha levantada pela natureza como para defender a terra das invasões do grande mar do Sul, e que dos impedernidos retiros da sua agigantada estatura se desentranhão os thesouros de ouro e prata, que faz as opulencias das Indias Occidentaes, que enriquece a Monarchia Castelhana, corresponde outra Cordilheira não menos avultada na grandeza, nem menos abundante de preciosos metaes e pedras finissimas, brilhante adorno com que se esmalta a Real Corôa da Magestade Augusta Portugueza, que fazendo frente ao mar do Norte costeando todo o Brazil desde a Capitania de Ceará,caminhando ao Sul faz o Cabo de Santa Maria,Promontorio que termina a ponta Septentrional, por onde desemboca o grande *Rio da Prata* no mar do Paraguay.

Esta direcção traz a Serrania, quando em altura de 23 gráos da latitude austral logo ao Sul da villa de Santos, lança outra cordilheira desde o lugar chamado *Serra do Mar*, que penetrando o Sertão em varios rumos se ramifica por todo o continente das Minas Geraes e Goyazes.

Nas visinhanças da cidade de S. Paulo principia esta Serrania a fertilisar a terra com copiosas agoas, dando (entre outros muitos) nascimento do *Rio Grande* nomeado nas cartas estrangeiras *Paraná*, o qual caminhando a Oeste se junta com o Paraguay, não sem alguma competencia no disputar a primasia de madre geral daquellas immensas aguas : com tudo elle perde o nome no Paraguay em altura de.... gráos de elevação austral.

Na mesma Serrania tem suas origens o famoso *Rio de S. Francisco*, que recolhendo em si as aguas de outros muitos rios, que tem suas fontes na mesma cordilheira, discorre com hum meio circulo ao Norte, e se entrega ao Oceano Braziliense entre o Cabo de Santo Agostinho, e a cidade da Bahia em altura de...;

Finalmente depois que desta Cordilheira nasce no districto

de Goyazes o celebre rio *Tocantins*, que se engrossa com grande numero de riachos vertentes da mesma Serrania, se encaminha esta ao rumo de Oeste, e como se fosse huma baliza terminante dos dominios que pagão fluido tributo ao Oceano, reparte em distancia de mais de duzentas legoas as agoas em caudalosos rios, huns que buscão no rumo do Norte terminar seu curso no celebre e grande rio das *Amazonas*, e outro para o Sul a fazer o *Rio da Prata* ou *Paraguay* como se dará noticia individual em lugar mais opportuno.

No referido rumo de Oeste, fazendo varios meios circulos de montanhas, e lançando muitos braços para o Sul (não consta que tambem para o Norte) se vai dilatando a serrania até finalisarem os *Campos Parcizes*(1), que deixa da parte do Norte parallelos ás fontes dos rios Madeira e Jahurú, como adiante se fará mais distincta menção; e buscando a margem do mesmo Madeira, deixando o rumo de Oesté, acompanha este rio no de Oesnoroeste por espaço de mais de cento e oitenta legoas; e voltando com o mesmo rio para o Nordeste por espaço de sessenta legoas forma as *Cachoeiras*, que adiante de descrevem, até que na altura de 9 gráos de latitude austral, em que deixa as primeiras, busca o rumo de Oeste, em cuja direcção se perde devista; e será provavel se irá unir com as serras do Perú, que fazem a mencionada cordilheira dos *Andes*.

A immensidade de Nações gentilicas, que habitã a fragosidade da parte superior e inferior destas Serranias com mais inclinação á sociedade das féras que ados homens, pede um Tratado particular, que faria grande volume para se noticiar ao Mundo a muita parte que ainda ha daquelle infeliz Paganismo, do qual neste *Diario* se fará memoria breve, onde fôr conveniente, como tambem da abundancia de riquezas, de que nesta Serrania tem havido descobrimentos, os quaes ainda se espera continuem nas partes, em que a mesma Cordilheira he mais occidental no districto de que tratamos.

Com o nome de *Cordilheira das Geraes* ou *Chapada grande* se appellida esta Serrania pelos moradores do Cuyabá e Mato Grosso, e de huma ou outra denominação se usará no progresso deste *Diario*.

---

(1) Vide *supra* nota (1) á pag. 282.

DESCREVEM-SE AS CACHOEIRAS DO RIO DA MADEIRA
PRINCIPIADAS A PASSAR
NO DIA 18 DE DEZEMBRO DE 1749.

Primeira Cachoeira.

Chegando no dia 17 de Dezembro pelas 4 horas da tarde á visinhança da cachoeira chamada pelos Indios *Aroaya*, e pelos Portuguezes de *S. João* (1), se mandarão os Indios mais experimentados em huma canôa a examinar qual dos canaes, que fazia o rio por entre morros de pedras, seria mais capaz de se poder passar com menos perigo: e pela informação que derão, se averiguou ser conveniente puxar as canôas pela margem esquerda, e não pela direita, porque pelo meio era impraticavel; e da mesma sorte pela parte direita se fazia igualmente perigoso, em razão de ter já o rio principiado a encher, e descarregar por aquella margem maior pezo de correnteza do que pela esquerda: concordado este parecer se emprehendeu no dia seguinte a passagem, que foi com trabalho, mas feliz successo.

Desde que se entrou a navegar o rio da Madeira a este lugar da primeira Cachoeira, se achou serem ambas as margens alagadiças, que nos mezes de cheia se inundão todos os annos em distancia de huma e duas legoas, para o centro de cada parte conforme a quantidade de agoa que chove nos invernos, que huns são mais copiosos do que outros, donde resulta a immensidade de lagos, que na vasante do rio ficão por ambas as margens, de sorte que sendo raras as partes em que a terra se levanta mais do ordinario (que nunca chega a mostrar huma legoa de ribanceira alta) sempre se achão estas pequenas distancias cercadas de lagos, em fórma que mais parecem ilhas do que terra firme; porém indo-se avisinhando á *primeira Cachoeira* ja a ribanceira

(1) Hoje se chama de *S. Antonio*.

alta corresponde com o centro, e não dá lugar a inundações, e nesta parte principião as serras da *Cordilheira geral* a quem navega rio acima, e finalizão aos que rodão para baixo. E estas mesmas Serras são as que se havião avistado.

Estas Serras se dilatão por huma e outra margem a varios rumos, e por entre ellas faz caminho o rio Madeira; e como sejão compostas de morraria de pedra, assim mesmo offerecem as suas extremidades a correnteza do rio, de maneira que na primeira Cachoeira se observou fazer a terra huma pequena enseada da parte oriental composta de morros de pedra, os quaes atravessando o rio formão nelle duas Ilhas, huma dellas maior e com arvoredo alto em distancia de 200 braças da terra firme da banda esquerda, e outra menor e quasi escalvada, que se oppõe ao meio da correnteza do rio.

Da parte occidental principia huma dilatada enseada, e na ponta opposta á oriental ha semelhante pedraria da mesma qualidade e positura que a já referida.

Por entre as duas Ilhas e as duas pontas de terra firme rompe a correnteza do rio offerecendo á vista hum espectaculo igualmente formidavel e alegre; porque attendendo á valentia, com que a agoa para atropelar os impedimentos que se lhe oppõem em parte, se precipita dos penedos, e sahindo por entre outros já despedaçados, vai formando em diversos gyros varios phenomenos em rodomoinhos e fervedouros, até socegar em remansos mui quietos nas enseadas, em cuja tranquillidade se está debuxando o arvoredo sempre viçoso das margens.

Tudo junto dá assumpto á contemplação para o recreio; porém offerece aos Viajantes horriveis objectos para o temor.

Nestes termos trez são os *Canaes* que se achão nesta cachoeira: pelo do meio ainda ninguem passou, nem póde sem acabar infallivelmente na empreza; pelo da parte direita (1) em tempo de secca vai qualquer canôa sem perigo: porém em tomando o rio as primeiras enchentes, não resta mais que o canal da parte esquerda, que em tempo secco não tem agoa, e ainda na força de toda a cheia he por onde melhor se póde navegar.

---

(1) *Parte direita.*
Cumpre notar que a parte assim denominada he a *esquerda* seguindo a corrente do rio.

No tempo presente, como era principio das primeiras agoas, já neste canal havia a que bastava para se puxarem as canoas; o que se executou no dia 18 depois de celebrar-se Missa em obsequio da Senhora do O' cuja festividade celebrava a Igreja.

Dous puxadouros se offerecião pela parte referida, ambos porentre pedras, porém com a differença que pelo primeiro podião ir as canôas carregadas levadas á sirga com grande cuidado; o que se venceu com 4 horas de trabalho; e chegando a hum remanso junto ao outro puxadouro se descarregarão as embarcações, e conduzidas as cargas por cima de pedraria em distancia de 200 braças se deixarão em parte conveniente, aonde já sem perigo havião de embarcar.

Feito este serviço se entrou na diligencia de transportar as canôas pelo ultimo resto do canal, que era a quebrada de hum morro, por onde sahia agoa em altura de dous palmos com pouca correnteza, e teria de distancia 30 braças; para o que foi preciso fazer estivas de madeira para salvar as canôas de alguma ruina, que lhe podia succeder nas pontas das pedras, que ainda não estavão cobertas.

Com esta prevenção se puxarão as canôas com bom successo, e ficarão por toda a tarde transportadas a lugar seguro já livre dos perigos deste primeiro impedimento, e cada huma com a carga que lhe pertencia para no dia seguinte fazerem viagem.

A 19 já dia claro se principiou viagem pelo remanso, que havia entre o resto da Ilha e a terra firme da parte esquerda do rumo de Oesnoroeste, e em menos de meia hora costeando a Oeste se avistou a Cachoeira pela parte de cima em que mostrava os primeiros principios da agoa que cahia entre duas Ilhas, e o canal da parte direita, que na verdade fazia muito mais funesta representação do que a já referida.

Costeando a mesma margem esquerda se acharão a huma hora de caminho indo no rumo de Oesudoeste encostados á terra dous morros de pedra, hum dos quaes formava huma ilha, e della se prolongavão pedras até meio rio, onde fazia *bastante correnteza*, que se venceu a remo; e a não estarem ja as pedras no meio bem cobertas de agoa haveria aqui novo trabalho como de cachoeira.

Desta parte se atravessou á direita, costeando a qual se topou ainda á vista do morro antecedente outro mui seme-

lhante, menos em formar ilha, porém maior correnteza, que se não póde vadear senão a corda e com algum perigo : neste lugar havia na terra firme muitas arvores de cacáo fructifero e já quasi sasonado, e muito castanhal (1), e outras arvores de fructas do mato, que os Indios comem.

Vencido este passo, se principiou a ouvir o estrondo das agoas da celebre cachoeira chamada *Gamon*(2), e costeando a mesma parte direita nos rumos de Sudoeste e Sul, levando já por guia o ruido das referidas agoas se avistou na volta do Susueste aquelle promontorio de agoa, que se despenhava por toda a largura do rio, e no mesmo rumo chegamos a ella pelas 4 horas da tarde: e em seis horas de caminho se andarião 3 legoas desde a primeira cachoeira até esta segunda.

Segunda Cachoeira.

Da parte oriental e occidental forma o rio duas enseadas correspondendo huma a outra, de sorte que parece se fecha o rio em hum circulo igualando as pontas de cima fronteiras huma a outra no rumo de Noroeste e Sueste.

Ambas estas pontas se formão cada huma de hum morro de pedra solida, e se communicão ambas; fazendo como huma muralha desmantelada, por cujas ruinas precipitando-se a agoa do rio com furiosa violencia resulta hum *espantoso estrondo* (3), que a haver nas suas margens povoações seria provavel padecerem seus habitantes á surdez, que dizem succede aos que vivem junto das catadupas do Nilo.

Neste impedimento que acha o rio, e rompe com tão fu-

---

(1) *Castanhal.*

Os Portuguezes derão o nome de *Castanha* á amendoa que se encontra no ouriço da fructa chamada pelos Indios — *Tucary*.

Este ouriço he semelhante ao da Sapucaia, posto que menor e menos anguloso; e contém de ordinario de 20 a 30 amendoas ou castanhas.

Em Maranhão he conhecida pelo nome de *Castanha do Pará*, e em Portugal por *Castanha do Maranhão.*

He mui oleosa e tem agradavel sabor.

(2) Chamava-se esta Cachoeira—*Gamon*, e depois *Salto do Theotonio*, do nome do 1.º Juiz de Fóra do Matto Grosso Theotonio da Silva Gusmão, que, diz Pizarro, fundára ali um povoado, em breve abandonado; creando-se posteriormente outro sob a denominação de *S. Luiz do Salto do Theotonio.*

Parece que taes povoados pouco durarão, ou não passarão de projectos, visto como delles sómente dá noticia este author (Pizarro -- *Memorias* to. 9 pag. 122 nota 43).

(3) Depois da de Paulo Affonso he esta a mais importante Cachoeira ou catadupa do Brazil.

rioso estrepito, não ha caminho algum para os homens vencerem este passo por canaes ou remansos; porque estes não os ha junto ás pedras, e aquelles se não percebem por que entre as quebradas dos rochedos tudo são fervedouros de agoa, que apenas se chegou a elles qualquer tronco por corpulento que seja, em hum instante o sorve, e com brevidade o expelle e logo torna a sumir, até que dahi a tempo o lança em rodomoinhos de agoa, em que anda detido em gyros por muitos dias até haver maior enchente, que lhe faça caminho para subir daquella represalia. De huma e outra ponta poderá haver de longitude e de latitude de agoa precipitada duzentas e cincoenta braças.

A altura da queda em partes mostrava nesta occasião em que já crescia o rio, ser no mais alto até 16 braças, fazendo de longe a estimativa.

Como a furiosa correnteza, que despede das quedas que dão as agoas pelos rochedos, encosta a parte direita do rio porque topa com huma Ilha e praia que no meio da enseada se lhe oppõe, e dá passagem ao maior peso de agoa entre a terra da mesma parte direita e a Ilha, tomarão as canôas o caminho dá margem esquerda, e portarão em huma enseada pequena, donde como era inutil a diligencia de explorar canaes, se descarregarão de tudo, e depois de transportados os mantimentos e trastes por terra rodeando o morro por espaço de 600 braças, se puxarão pelo mesmo caminho as canôas por terra sobre estivas de madeiros, em cujo trabalho se gastou dous dias; e porque algumas canôas se desconjuntarão no puxadouro, em que havia huma elevação de terra donde foi preciso maior impulso para as mover, se gastou outro dia para as refazer do damno, dando o mato visinho estopa em hum páo chamado *Jacepocaya* (1), e se lhe tira entre a casca e tronco, e só com o pequeno beneficio de desfiar aquella como membrana e en-

---

(1) Será a arvore que dá o *Tucary* ou *Castanha do Pará*? Pizarro na nota supra citada diz, que da casca desta arvore se extrahe estopa para calafeto das canôas, e tambem o confirma Baêna no *Ensaio Corographico*, pag. 39, que aliás não diz o nome indigena do *Castanheiro*.

Entretanto, á pag 46 do mesmo *Ensaio*, chama á arvore de que trata o texto *Jassapocaia*, expressando-se nestes termos:

« Arvore do rio Madeira, entre cuja cerne e casca se lhe extrahe uma como membrana, a qual desfiada e enxuta he uma estopa, boa para calafetar. Serve tambem para fazer fixa a côr de anil. »

A semelhança do nome desta arvore e como da e *Sapucaia*, com as outras propriedades, faz-nos crer que he ella o *Castanheiro do Pará*. Vide *supra* á nota (1) á pag. 324.

xugar o desfiado fica capaz do ministerio a que se applica, e de outro páo chamado *Cumaá*(1) se tirou o succo que servio para brear, he ainda melhor material que o mesmo breu para estancar as costuras, que se calafetarão com a referida estopa,

A terra contigua ao morro da parte direita que lança a penedia de que se fórma a Cachoeira, he de elevação de serra, e assim vai correndo para o centro, e a extremidade della acaba na ponta do Noroeste em que fecha a Cachoeira.

Na ribanceira da enseada da parte direita antes e depois de passada a Cachoeira ha huma *qualidade de terra* de tão extravagante qualidade (2), que della unicamente se sustentão os animaes quadrupedes e volateis que habitão por aquelles bosques, de sorte que as Antas, Javalis, Veados, e outros animaes deste genero, e os Papagaios, Aráras, Mutuns, e outros desta especie, que se apanhão para sustento dos viajantes, não se lhe acha nos buxos e papos outra couza que manifeste a sua nutrição mais do que a referida terra, e nella se achão comendo muitas vezes os animaes, e já he conhecida esta qualidade de terra pelas covas que deixão os que della se mantem.

O gosto desta qualidade de caça he mais insipido do que ordinariamente tem, a que se sustenta de plantas e fructas do mato.

O peixe desde que se entrou nas Cachoeiras he de muito melhor sabor do que aquelle, que se pescava antes de chegar a este districto.

Sómente a agoa he ainda mais barrenta pelas Cachoeiras do que antes de chegar a ellas; e para se beber sem escrupulo de que os intestinos se reformem de barro, he preciso nas vasilhas em que se toma agoa lançar-lhe huma porção de pedra hume, a qual tem a virtude de fazer precipitar todo o lodo por subtilissimo que seja, e deixa a agoa clara, a qual assim bebida he de muito bom gosto; porém sempre lhe fica a qualidade de pouco diuretica.

Acha-se esta Cachoeira na altura de 9 gráos e 10 minutos ao Sul da equinocial (3), e não se tomou a altura na *primeira*

---

(1) *Cumaá*. Não sabemos se he esta a mesma arvore que dá o bren em outras partes do Amazonas. Vide Baêna—*Ens. Cor.* pag. 42.

(2) He este o unico author de nosso conhecimento que dá noticia de tão singular alimentação, que bem merecia um acurado exame.

(3) Pizarro na nota supra citada diz que está em 8º 52!

Cachoeira por não haver horisonte capaz para se fazer observações com o quadrante.

A 23 se principiou viagem costeando a parte esquerda no rumo de Sudoeste, e nelle com pouco mais de huma hora de caminho se achou haver huma Cachoeira já quasi cobertas as pedras de que se compõe; razão porque foi facil o vadeal-a, e se acharão canaes á parte direita e esquerda, por onde com pouco trabalho se puxarão as canôas á corda.

Da margem esquerda do rio sahe neste lugar huma ponta de pedra, que se dilata formando varios morros até atravessar o rio á parte direita, que tem trez ilhas formadas da mesma pedra, que tem bastante arvoredo sylvestre, e por entre estas ilhas e a terra firme se navegou na fórma referida por espaço de meia hora no rumo do Sul e Susueste: e indo já á remo costeando a enseada se tomou ao Sul e Susudoeste; e no fim da enseada se acha huma ilha cercada de pedras em partes de figura quasi redonda no meio do rio, e offerece passagem por entre ella e a terra firme de huma e outra parte sem correnteza nem trabalho.

Passada a ilha se continuou viagem virando a ponta da enseada ao rumo de Oessudoeste, e costeando a Oeste se achou ser a ribanceira, que principiava na referida ponta, huma *parede de pedra talhada* á prumo de bastante altura, e logo huma correnteza grande procedida de humas pedras, que da mesma margem sahião até o meio do rio, e se passou sirgando á corda com pouco trabalho.

Seguindo o mesmo rumo de Oeste, e passando a Sudoeste costeando a mesma parte direita se topou com huma Cachoeira semelhante a antecedente composta de varias ilhêtas rodeadas de pedras, que se dilatavão de huma a outra parte do rio quasi Noroeste e Sueste; e como a agoa cobria já grande parte das pedras, nos deu passagem entre a terra firme da parte direita de huma ilhêta sirgando com pouco trabalho, e o mesmo succedeu ás outras canôas da conserva que tomarão a parte esquerda; com que se veio no conhecimento de que tanto a presente Cachoeira e a antecedente, tem passagem com facilidade por huma e outra parte do rio entre a sua ribanceira e os penêdos.

Daqui se foi costeando no mesmo rumo até huma enseada pequena, em que já noite portarão as canôas da mesma parte direita, e em 9 horas de caminho se andarião trez legoas.

Terceira Cachoeira.

No dia 24 se principiou viagem no rumo de Oessudoeste atravessando a parte esquerda para livrar de huma correnteza que havia passado a ponta da pequena enseada, em que se pernoitou, procedida de humas pedras, que em pequena distancia de terra apparecião fóra da agoa; porém costeando ao rumo Sudoeste huma mediana volta, se topou no meio della com pouco mais de hora e meia de caminho com huma ponta de pedras, que se estendia até quasi meio rio, em que havia grande correnteza, a qual se passou á sirga; e costeando no mesmo rumo por espaço de hora e meia chegamos a cachoeira chamada pelo idioma dos Indios...... e presentemente respeitando a celebridade do Christo Senhor nosso se appellidou cachoeira do *Natal* (1). Em trez horas de caminho se andaria huma legoa.

Consta esta cachoeira de duas ilhas de pedra com arvoredo espesso, que ambas atravessão o rio no rumo de Noroeste e Sueste; das ribanceiras oriental e occidental correspondentes a estas ilhas sahe quantidade de pedraria, que occupa hum e outro canal entre as ilhas e a terra firme: razão porque se offerece grande difficuldade da passagem de qualquer delles em rio que não esteja cheio.

O espaço que medeia entre huma e outra Ilha tambem he povoado de penedia, por onde se precipita o rio com a maior força de sua correnteza; e por esta causa he intratavel a subida ou descida por semelhante parte.

Nestes termos tendo á vista hum objecto, que por todos os lados parecia formidavel, noticiarão os Praticos que á parte esquerda he que costumava haver passagem mais favoravel, e nesta consideração se expedirão os guias a examinar o canal, que com effeito se achou em termos de se passarem as canôas em meia carga, por não estarem ainda de todo bem cobertas as pedras por onde se offerecia caminho.

Descarregadas as canôas na forma referida se executou o transporte dellas, e por todo aquelle dia ficarão da outra parte da cachoeira, cada huma com a carga que lhe tocava; com o que se venceu huma grande correnteza, que

---

(1) Hoje se chama—*Morrinhos*.

restava na enseada: e concluida portarão as canôas na ribanceira da parte esquerda; e logo que amanheceu se buscou lugar accommodado para celebrar Missa, e não se offereceu outro mais apto e a proposito, do que huma pequena praia que havia na ilha da parte do Noroeste, já salva a cachoeira, e para aquelle lugar se atravessou o rio no dia 25 pela manhã até o sitio mencionado, em que se ouvirão as trez Missas permittidas na celebridade do sagrado Nascimento de Nosso Senhor JESUS CHRISTO.

Neste dia 25 pelas trez horas da tarde se continuou viagem atravessando á parte esquerda, e costeando a rumo de Oeste, Oessudoeste, e Sudoeste, foi preciso com trez horas de caminho atravessar á parte direita a portar em huma pequena praia; o que se executou já de noite: e se andaria nas ditas trez horas legoa e meia.

A 26 depois de se ouvir Missa se principiou viagem ás sete horas no rumo de Susudoeste atravessando á parte esquerda, e costeando ao Sul entre huma grande ilha e a terra, se navegou outra vez ao Sudoeste até chegar a huma ponta de pedra em que principiava huma dilatada enseada, na qual se encontrarão trez Ilhas que corrião ao comprimento do rio(1), por entre as quaes havia *grande correnteza*, a qual se embravecia em partes onde nas pontas das mesmas Ilhas topavão pedras; e sem embargo destes embaraços se portou já noite em huma praia no meio do Rio contigua á ultima das ditas trez Ilhas, e em dez horas de caminho se avançaria delle 4 legoas.

No dia 27 se continuou viagem atravessando á parte direita do Rio; e no rumo de Oeste se foi costeando por espaço de huma hora, e depois se navegou a Oesnoroeste, e logo outra vez a Oeste, e deste rumo se foi passando em breve espaço ao do Sudoeste e Susudoeste: e nesta volta se avistarão humas Serras altas, que mostravão correr de Leste a Oeste, na ponta de huma das quaes se achava a cachoeira para onde se dirigia a derrota, na qual se passarão duas Ilhas, huma da parte direita do Rio que se prolongava ao meio delle, e outra á parte esquerda junto á terra, e corria com a volta da enseada; e continuando esta no mesmo rumo de Sudoéste se avistou a quarta cachoeira, e portarão as

(1) Chamão-se estas ilhas de *Jacipará*.

canôas á parte esquerda já noite em huma pequena praia junto á ribanceira; e em dez horas de caminho se andarião neste dia 4 legoas.

Quarta Cachoeira

Chegou o dia 28, e depois de se celebrar Missa se costeou a parte direita huma pequena enseada ao Sudoeste, e a ponta em que terminava se compunha de pedras, que avançavão até o meio do rio, por entre as quaes se navegou com bastante trabalho contra huma grande correnteza que havia neste lugar; e logo que se voltou a ponta portarão as canôas junto á cachoeira chamada pelo idioma dos Indios *Guará-assú*, que quer dizer *Guará* grande (Guará he hum passaro do tamanho de huma gaivota(1), e todas as penas de se veste são de côr escarlate mui vivo), e alli se esperou o exame dos canaes para saber-se por qual era mais conveniente passar.

Compunha-se esta Cachoeira (2) de hum labyrintho de Ilhas cercadas de morraria de pedras, que atravessão o rio de huma a outra parte no rumo de Noroeste e Sueste, em distancia de quasi meia legoa, que tanta largura faz o rio naquelle lugar, porque fórma duas enseadas ou bahia de ambas as partes correspondentes na concavidade.

Quatro Ilhas tem a sua positura ao comprimento do rio, que fazião frente a immensidade de outras mais pequenas que mediavão nos vãos, seguindo o mesmo rumo em distancia de quasi trez quartos da legoa em latitude todas de rocha viva, em cujas superioridades produzem arvoredo serrado e summamente agreste.

Todas ramificão de si tanta copia de penedos, que não tem o rio desafogo algum, mais do que por entre immensidade de pedras fazer varios precipicios, e destes resultarem rodomoinhos de agoa que costumão ser sumidouros de tudo o que nelles se mete, ou seja canôa, páo, ou outro qualquer corpo capaz de padecer a desgraça de ser levado ao fundo com incrivel violencia.

E m tempo que o rio está de meia enchente, e até esta ser completa, que estejão muitas pedras, ou todas cobertas no canal entre a terra do Sudoeste e da Ilha immediata, ha

---

(1) O author parece que não interpretou bem o nome indigena desta Cachoeira, confundindo o passaro que vive na costa, com o cão silvestre ou lobo americano, que em razão do pello avermelhado tem o mesmo nome de *Guará*.

(2) Hoje se chama *Caldeirão do Inferno*.

por este lugar sufficiente passagem; porém na occasião presente em que a agua principiava a crescer, tudo por esta parte erão precipicios de agoa e sorvedouros.

Pelos canaes do meio não havia que tratar por ser mais formidavel a sahida das agoas com a violencia de toda a correnteza: razão porque se buscou o recurso de se explorar o canal da parte do Noroeste, e nelle costeando a Ilha contigua se achou passagem, mas a mais trabalhosa que até este lugar se havia experimentado.

Trez são os canaes, que por entre as quatro Ilhas fazem passagem no rio com a violencia mencionada; porém como em distancia de 50 braças pouco mais ou menos se lhe oppõe huma Ilha de pedras que atravessa o rio no mesmo rumo de Noroeste e Sudoeste, nella quebrão as agoas a sua furia com que rompem por entre os penêdos dos canaes referidos, e pela parte inferior da mesma Ilha faz agoa hum socegado remanso, pelo qual atravessarão as canôas á parte do Noroeste; e costeando a Ilha que corre ao comprimento do rio, se acharão nella duas pontas de morro de pedras, por entre as quaes se puxarão as canôas, em cujo serviço se gastou a tarde do dia 28, e alli se esperou o seguinte para continuar a passagem de maior perigo.

No dia 29 se navegou pelos remansos que mediavão entre as correntezas da terra firme e da Ilha, e se intentou a passagem de huma ponta de pedras, que havia em outra Ilha fronteira á mencionada, por onde se podião puxar as canôas em meia carga, e deste se passava a hum remanso mui dilatado, que mediava entre este lugar e outras Ilhas da parte de cima, e por elle se podia passar sem perigo á outra margem do rio a vencer o ultimo salto que nella se offerecia, porém ao varar a primeira canôa em meia carga havendo desordem nos Indios em puxar pelas cordas sem que os mandassem, pois ainda não estava desviada de huma pedra em que fazia o maior cachão de agoa, e fizerão voltar com impulso intempestivo de prôa em cima da pedra, e logo inclinando o todo para a parte da correnteza se encheu de agoa, de sorte que não houverão forças para a sustentar.

Largarão-se as cordas, e em hum instante levou a correnteza a canôa até hum remanso que fazia detraz de outra Ilha, onde com toda a diligencia se achou aboiada, rebocou-se para terra, descarregou-se, e desagou-se, sem nella ha-

ver mais perda, que molhar-se o trem que nella havia embarcado, e a razão de ser este successo menos funesto do que podia acontecer na perda de tudo, foi ser a canôa (como tambem erão as mais) fabricada de páo que não vai ao fundo em semelhantes acasos.

Por occasião desta desordem foi preciso demorar o dia 30 e 31 para se enxugar roupas, e beneficiar os mantimentos que se havião molhado, e no dia 1° de Janeiro do novo anno de 1750, se mudou de derrota passando outra vez á Ilha, que no dia 29 se havia costeado, e descarregando de tudo as canôas passarão á corda duas pontas de pedras; em cujo trabalho se gastou até ás 4 horas da tarde, tempo em que pelo remanso que havia entre o grosso do Cachoeira e as ultimas Ilhas de pedra se atravessou a parte oriental do rio, e ficarão portadas as canôas junto do ultimo impedimento desta cachoeira, que era hum canal entre morraria de pedra que sahia da terra firme, e outro semelhante promontorio, que se communicava de huma das Ilhas em que se finalisava o labyrintho das que compunhão esta trabalhosa cachoeira.

Chegando o dia 2 se descarregarão de todo as canôas, e com bom successo se puxarão por cima das pedras mal cobertas do canal, onde foi preciso fazer estivas de madeiras grossas para evitar o damno que podia resultar das pedras, e para suavisar huma pequena elevação que ellas fazião em distancia de cinco braças.

Transportadas as canôas, e já carregadas de outra parte da Cachoeira se entrou a navegar pelas duas horas da tarde do mesmo dia costeando a terra da mesma parte oriental.

Desde a primeira passagem até esta ultima haverá meia legoa de longitude, e hum terço de latitude.

Quinta Cachoeira.

No mesmo dia pelas trez horas da tarde se continuou com effeito viagem costeando á esquerda no rumo de Oeste, e logo a Sudoeste se avistarão á parte direita do rio humas Serras, que lhe fazião margem, e corrião para Oeste, erão de bastante altura, e povoada de aspero arvoredo mui serrado; e chegando a huma enseada já no rumo de Susudoeste se encontrou huma mui furiosa correnteza occasionada de huma restinga de pedras, que com grande trabalho

se passou sirgando as canôas, e tomando o rumo do Sul se avistou a cachoeira chamada(1)..... e se chegou a ella com 4 horas de viagem.

He esta a Cachoeira *mais terrivel* que até aqui se havia encontrado; por quanto continuando as Serras antecedentes á margem direita deixão neste lugar tão grande e desordenada porção de penedo por toda a largura do rio, que não dão outra passagem ás agoas, mais do que ellas podem fazer atropellando aquella descomposta machina por mais de 800 braças de comprimento sem canal algum por onde se podesse passar canôa, ainda que fosse a custa de todo o trabalho; em cujos termos não houve outro arbitrio, se não o descarregar as canôas, e varal-as por terra pela margem esquerda até salvar toda a referida distancia de impedimento.

Dous dias se gastarão em estivar o caminho de troncos para sobre elles rolarem as canôas, e como a terra era com bastante elevação, e semeada de penêdos em distancia de hum terço de legoa, se consumirão outros dous dias em transportar as canôas e suas cargas, em cujos termos no dia 7 he que houve lugar de proseguir viagem, levando 4 dias de immenso trabalho esta Cachoeira importuna.

Com effeito no dia 7 ás 6 horas da manhã se principiou viagem no rumo do Sul costeando á esquerda, e logo se topou com huma *restinga de pedra* (reliquia ainda da cachoeira antecedente) bastantemente custosa de passar, porém vencida que foi se costeou a Oeste huma dilatada enseada, que á parte direita continuava a mesma Serrania, mas de menos altura que a antecedente, e seguia o mesmo rumo de Oeste.

Acabada a dita enseada se entrou a costear outra no rumo do Sul, no principio da qual da mesma parte esquerda havia na ribanceira a celebre terra(2), que costumão comer as aves: logo se passou a Sudoeste, e no rumo de Sueste com 10 horas de caminho portarão as canôas já de noite, e se andarião 3 legoas.

Sexta Cachoeira.

No dia 8 pelas 6 horas da manhã se principiou viagem no rumo de Susueste, e logo Sueste, e Sudoeste por duas

---

(1) He a cachoeira denominada do *Quaty*, que depois se chamou do *Girão*.
(2) Vide *supra* nota (2) a pag. 326

enseadas, no fim das quaes se encontrou huma grande Ilha, que dividia o rio em dous canaes; o da parte direita se via embaraçadissimo com morros de pedra, por onde despedia a agoa com tal violencia, que encontrando-se com a que sahia do canal da parte oriental resultava huma rapida e furiosa correnteza, que da ponta da Ilha se dilatava rio abaixo em bastante distancia.

Costeando á parte esquerda se entrou com bastante trabalho o que por ella se seguia no rumo de Susudoeste; e com 10 horas de caminho se andarião duas legoas, e portarão as canôas na Ilha referida, já de noite.

Desta Ilha e da terra firme de huma e outra margem sahem as pedras, que fazem a cachoeira chamada *Arapacoá* (1), razão porque no dia seguinte que se contão 9, se continuou pelo mesmo canal no rumo de Susudoeste e Sudoeste costeando a Ilha até chegar á ultima ponta, onde he o grosso da cachoeira, em cujo lugar se repartem as agoas para os dous canaes referidos, e ao sahir do que se navegava se passou a cachoeira á remo, vencendo somente as correntezas, que resultavão das pedras já cobertas de agoa, por cuja razão se facilitou aquelle passo, sem mais trabalho que o referido de remo.

Desde a ponta da Ilha da parte occidental corria ao longo do rio a mais alta Serrania, que até aquelle lugar se havia notado.

Seguião estas Serras a mesma direcção que as antecedentes de Leste para Oeste, e com ellas pela ribanceira da parte direita se foi costeando á esquerda no mesmo dia 9 no rumo de Oeste, Oesnoroeste, e Noroeste, e com 10 horas de caminho se andarião duas legoas e meia.

A 10 se principiou viagem costeando á esquerda no rumo de Oessudoeste, continuando as Serras da parte direita a direcção acima mencionada.

Por huma quebrada que ellas fazião, corria hum ribeirão da boca do qual se achavão seis canoinhas de casca de páo postas em resguardo, indicio certo de que no interior daquelle lugar havia Gentio, que nas trez canoinhas navegavão o rio quando lhes era necessario.

No mesmo lugar se lhe deixarão, e continuando viagem já

---

(2) *Arapacoá*, nome de hum passaro de pouca estimação (*Nota do author*). Hoje esta Cachoeira se chama dos *Trez Irmãos*.

ao Sudoeste com 4 horas de caminho, em que se andaria legoa e meia, se esconderão as serras para o centro no seu rumo de Oeste.

Proseguio-se viagem à Oeste deixando no meio do rio, depois de passadas as serras, huma grande quantidade de pedras ainda mal cobertas, que occasionavam grande correnteza, e vencida esta se deu principio a passar as primeiras correntezas, que resultão da cachoeira que se achava proxima.

Setima Cachoeira.

Não foi possivel naquelle dia ou tarde delle avançar mais do que levar as canôas á sirga por duas pontas de pedra com grande trabalho, e se portou em huma pequena enseada com dez horas de jornada, em que se andarião duas legoas e meia.

No lugar em que se offereceu a primeira ponta de pedra acima mencionada na margem esquerda sahe hum canal grande entre a terra firme e huma Ilha que se prolonga ao comprimento do rio, a qual tem por fundamento rocha viva, que lançando para hum e outro canal quantidade de pedras de monstruosa grandeza deixa o da parte occidental intratavel a navegação, porque a agoa nelle não tem outro desafogo mais do que precipicios em tão confusa positura, que nem a vista podia fazer exame daquelle intrincado passo,

O canal da parte esquerda, que seguimos o povoou de sorte com penedos, que despedida delles a agoa com grande furia se ia encontrar com a que corria junto á ribanceira tambem de pedras com restingas, que do encontro destas duas furiosas correntezas resultava huma serie continuada de sumidouros, que cada instante huns em caixões, e outros sumião ao fundo as aguas, e tudo o mais que podessem attrahir.

Por espaço de hum terço de legoa se dilatava este espantoso caminho,e passado elle se offerecem logo trez Ilhetas de rochedo,onde batem as agoas precipitadas do grosso da cachoeira chamada *Paricá*(1), e por entre as Ilhetas correm tão furiosas, que accrescendo-lhes o encontro de humas com as outras, occasionão terriveis correntezas e fervedouros, como os antecedentes, que já á vista dos precipicios da cachoeira

---

(1) *Paricá*. Hoje se chama *Paredão*.

e estrondo que dellas resulta, fazem mais formidavel aquelle fluido espectaculo.

Donde se remata a enseada que principia na primeira ponta de pedra acima mencionada, se levanta hum promontorio de agigantados penedos, que dilatando-se até meio rio dão lugar por algumas quebradas que a agoa faça precipitado caminho por ellas.

Na mesma direcção destes penedos se segue huma Ilha de pedras lançadas ao comprimento do rio, entre a qual e os penedos em distancia de 300 braças ha o maior canal, intratavel já naquella occasião, em que as agoas tinhão crescido até quasi meio barranco.

Entre a Ilha e a terra firme da parte dos penedos havia outra sahida ás agoas, porém de iguaes precipicios ao canal da parte esquerda: e haverá de distancia aqui de huma e outra margem novecentas(900)braças com pouca differença, e o seu rumo he de Leste a Oeste, sendo a sua latitude Norte Sul, e neste corrião as Ilhas já mencionadas.

A 11 se continuou viagem levando as canôas á sirga junto á ribanceira, que por ser de pedra deu hum trabalho incrivel este passo, no qual se consumirão 6 horas até chegar junto aos penedos da parte esquerda, pela qual se costeou, e se andaria meia legoa de caminho.

Recolhidas as canôas a hum comorozinho que sahia por detraz dos penedos, se transportou a carga dellas para a outra parte da cachoeira por caminho que se fez por terra, que teria 400 braças de distancia; e este foi o serviço que se pôde fazer no resto do dia referido.

A 12 se estivou de madeira huma quebrada que havia nos penedos, mais proxima á terra da mesma parte oriental, por onde corria alguma agoa, que por pouco não trazia violencia de consideração, que deu lugar a se puxarem as canôas que por toda a manhã ficarão da parte de cima da cachoeira, com assás trabalho, grande e muita vigilancia para evitar algum perigo.

Pelas duas horas da tarde do mesmo dia se continuou viagem no rumo de Noroeste costeando á esquerda, e se avistou á direita huma Serra que seguia o rumo das antecedentes, ainda á vista da cachoeira.

Passou-se ao rumo de Oeste, e depois de huma grande correnteza que resultava de humas pedras que havião no

meio do rio, portarão as canôas com 3 horas de caminho, em que se andaria legua e meia.

Oitava Cachoeira.

No dia 13 se proseguio derrota costeando á esquerda no rumo de Oeste, e com pouco mais de 4 horas de caminho indo já no rumo de Sudoeste se encontrou com a cachoeira chamada *Maiary* (1), que consiste em huma grande porção de pedras que atravessão o rio de huma e outra margem no rumo de Leste Oeste ; e por que as agoas havião já coberto as pedras mais chegadas á parte esquerda por ella se levarão as canôas á corda para poderem vencer a correnteza grande que havia por espaço de trezentas braças (300)pouco mais ou menos, que tanto terá esta Cachoeira ao comprimentodo rio, do qual será alli a sua largura de mais de mil braças (100).

Passada esta Cachoeira sem mais trabalho que o referido se costeou hum pouco ao Sul, e logo ao Sudoeste, e no fim da enseádaque levou este rumo, havia no meio do rio huma grande pedra em forma de Ilha, do que procedia correnteza furiosa de huma e outra margem ; e como a menor era pela parte direita, a esta passarão as canôas, e navegando ao Sul se chegou á boca do rio chamado *Aboná* (2), onde portarão as canôas com 9 horas de caminho, em que andarião 4 leguas.

O rio chamado *Aboná* desagoa na margem occidental do Madeira com pouca violencia em desembocadura de 300 braças.

Navegou-se em huma canoêta ligeira meio dia para se indagar a sua direcção, e se achou ser de Oeste para Leste: não se penetrou mais adiante por se encontrar com huma cachoeira, que tomava o rio de huma a outra parte com bastante altura de rochedos, por onde a agoa de despenhava.

He bastantemente fertil de peixe, e as suas margens de caça.

As suas agoas são claras e de bom sabor. A ribanceira he alta de huma e outra parte, e em poucas alaga com a cheia.

(1) *Mariary*. Hoje se chama—*Pederneira*.
(2) *Aboná* ou *Abuná* como hoje se chama.

Ha noticia de que neste rio habita huma nação de Gentio chamado *Ferreirús*, gente pacifica, e capaz de boa prática para se aldear em Missões.

Foi preciso demorar aqui o dia 14 em que se fez o exame do rio, e o dia 15 em que se acabarão de refazer as canôas de alguns concertos de que necessitavão.

A 16 se principiou viagem costeando á direita no rumo de Leste e Lessueste, e passada a enseada que se andou nestes dous rumos, se continuou no de Sueste outra volta, que acabou a Leste, e logo tornou a Sueste, e ultimamente a Sudoeste; sem haver neste dia couza memoravel, se portou com 10 horas de caminho, em que se andarião 4 leguas.

No dia 17 se continuou derrota no rumo de Susudoeste e logo ao Sul, no qual se andaria meia hora, e indo a Sueste e Leste passou a agulha a Sul, e neste rumo ás 9 horas da manhã se encontrou a cachoeira chamada *Tamanduá*(1).

Nona Cachoeira.

Com o rumo de Sul corre huma enseada da parte oriental principiando em huma ponta de pedras, ficando-lhe opposta outra enseada medeando huma Ilha de figura quasi triangular, e de sufficiente grandeza.

Dous canaes resultão da posição desta Ilha, o mais largo da parte direita, por onde despede o rio a maior quantidade das suas agoas, que entrão atropelando immensidade de penedos que se lhe offerecem na embocadura do mesmo canal, por cuja razão se fazia impenetravel aquelle transito.

O mais estreito se achou ser o canal da parte esquerda, que supposto tivesse bastante correnteza, dava com tudo lugar de poder-se vencer á remo, o que posto em execução se transportarão as canôas com duas horas de caminho á parte de cima da cachoeira, sem mais trabalho que romper á remo duas correntezas, que na embocadura do canal procedião de pedras ainda mal cobertas de agoa, as quaes atravessavão aquella passagem à fazer união com as do outro canal no rumo de quasi LesteOeste, para o qual formava varias Ilhas de pedras coroadas de arvoredo sylvestre, que fazião á vista huma representação agradavel.

(1) *Tamanduá.* Hoje se chama das—*Arâras.*

Decima Cachoeira.

Passada na fórma referida a cachoeira *Tamanduá*, e sãhindo della ao rumo do Sul, se foi costeando a parte esquerda no de Susueste e Sueste, e neste com duas horas de caminho se encontrou a cachoeira chamada *Mamoriny*(1), a qual se compõe unicamente de pedras, que atravessão o rio de huma á outra parte no rumo de Noroeste e Sueste; e como a grandeza dellas não era da mais avultada, se achavão quasi todas cobertas, despedindo algumas correntezas, que se vencerão a corda, e a remo á margem esquerda, e depois de ficar pela pôpa, em pouco mais de huma hora se continuou viagem no rumo de Susueste e ultimamente ao Sul, e portarão as canôas na margem direita com dez horas de caminho, em que se andarião 5 leguas.

Decima primeira Cachoeira.

No dia 18 seguindo o rumo do Sul com duas horas de caminho se entrou com as primeiras pedras da mais trabalhosa, enfadonha, e perigosa cachoeira, que até alli se havia encontrado.

Por mais de legoa e meia de caminho se dilata esta cachoeira chamada *Mamoriny*(2), Ilhas de pedras cobertas de arvoredo agreste, e penedos escalvados atravessão o rio de huma á outra margem, por entre os quaes obstaculos rompe a agoa fazendo variedade de phenomenos, porque em partes despenhando-se vai fazendo por entre outras pedras mais pequenos fervedouros continuados, que rebentão furiosos, e com rapidez attrahem tudo o que se lhes avisinha ; e por outras rompendo com brava correnteza de ondas arrebentadas como de Oceano tempestuoso, tudo o que se lhe oppõe atropelão, e sem remedio soçobrão.

Este terrivel espectaculo se continúa rio acima por espaço de huma legoa antes de chegar ao grosso da Cachoeira, que consiste em varios precipicios de agoa que atravessão rio, e não dão passagem por nenhum modo: nem toda a industria do mundo lho saberá introduzir, se

---

(1) *Mamoriny*. Hoje se chama—*Ribeirão*.

(2) *Mamoriny*,

Parece que aqui enganou-se o author, visto como a precedente Cachoeira já tem este nome. Baena diz que esta outr'ora se chamava—*Uainumú*.

O nome actual desta Cachoeira he *Mizericordia*,

não por terra varando por ella as canôas atè as lançar da outra parte dos despenhadeiros, que de outra sorte seria acabar infallivelmente a empreza.

Isto supposto se encostarão as canôas á margem esquerda, e no rumo do Sul se passarão as primeiras correntezas de 3 pontas de pedras, que sahião da terra a buscar as que atravessavão o rio, e para vencer esta primeira passagem foi necessario ir com muito vagar fazendo presa nos remos, com que se foi ajudando a sirga atè chegar a hum pequeno salto, que havia entre a terra e huma Ilha de pedras, passado o qual com grande trabalho se seguio logo outro, que com igual fadiga se deixou vencer, e sendo já 6 horas da tarde portarão as canôas com 6 horas de caminho, em que se andaria hum quarto de legua.

A 19 se continuou viagem costeando a mesma margem esquerda no rumo do Sul e Sudoeste por entre a ribanceira do rio, e Ilhas de pedra, e restingas que sahião da terra firme, da mesma sorte que as do dia antecedente, e com trabalho de sirga por entre pedras e arbustos agrestes se navegou todo o dia até se avistar o monstruoso despenheiro de agoa que havia no mais alto da Cachoeira, que não era rocha talhada, mas hum declive com mais de 500 braças de distancia ; e com 7 horas de caminho se andaria huma legua.

Dia 20. Principiou-se viagem costeando no rumo de Susudoeste huma enseada, na qual ião bater as agoas que sahião atropeladas dos despenhos da cachoeira, que retrocedendo para a mesma parte donde corrião furiosas, levantão por toda a enseada ondas encapelladas que representão hum golfo embravecido; e assim com grande perigo se navegou a mesma enseada até se refugiarem as canôas em hum riacho, que do centro desagoa, onde a cachoeira faz a ultima queda.

Duas horas levou a passagem da enseada, que teria hum quarto de legua de distancia ate chegar ao riacho em que se portou pelas 9 horas da manhã.

O resto do mesmo dia 20 se gastou em estivar de madeiros o caminho da terra para por elle se vararem as canôas, o que se executou no dia 20 e 21, que neste ficarão já transportadas as canôas da outra parte da Cachoeira com as cargas que a cada huma pertencião.

Terá este varadouro 600 braças de distancia, no qual ha elevação por huma e outra parte, que o faz mais trabalhoso.

Corre a cachoeira a atravessar o rio a rumo de Nordeste e Sudoeste.

No dia 22 sahindo de *Mamoriny* no rumo do Sul se costeou á esquerda, e passando em breve tempo ao Sudoeste neste se encontrou com hum desforme morro do pedra escalvada, que se avançava até quasi a terça parte da largura do rio.

Encanava esta agoa por entre huma Ilha fronteira ao rochedo, como tambem por entre este e a terra firme da parte esquerda, e pelo meio.

Do encontro de todas estas correntezas resultava huma tão grande, sahindo da ponta do penedo dilatando-se á largura do rio, que não era possivel poder-se romper á remo, não só pela violencia impetuosa das agoas e ondas rebentadas, que alli se formavão, mas tambem porque por toda aquella espantosa rapidez se levantavão fervedouros de agoas, que a fazião subir (ao parecer) mais de 6 palmos, e logo se resolvião em sumidouros os mais formidaveis, de que até aqui se fez menção.

Nestes termos não houve outro arbitrio mais do que introduzir as canôas pelo pequeno canal mui embaraçado de pedras e arbustos agrestes, que mediava entre o penedo e a ribanceira oriental que se navegava; e com grande trabalho de sirga se conseguio o projecto, que levou 4 horas de importuna passagem.

Continuou-se viagem no mesmo rumo de Susudoeste, e portarão as canôas á vista da duodecima cachoeira, e se andarião neste dia 3 leguas.

Decima segunda Cachoeira.

Compõe-se esta Cachoeira(1)de varios morros de pedras em fórma de Ilhêtas com arvoredo sylvestre, e outros escalvados em quasi semelhante postura e qualidade aos que ha na cachoeira antecedente, antes de chegar aos maiores saltos della.

Tambem atravessão o rio de huma e outra parte com a

(1) Chamou-se á esta cachoeira em principio *Tapioca*, e posteriormente—*Madeira*.

circumstancia, que pela direita não offerecem passagem em rio já crescido, porque a ella se inclina o maior peso de agoa, com o qual rompendo por entre huns penedos, e encapellando-se por cima de outros fórma estranhas correntezas insuperaveis a força e industria.

Pela margem esquerda se mostra mais toleravel entre as pedras talhadas mal cobertas de agoa e a terra firme, que tambem tem a sua ribanceira de mal composta penedia.

No ultimo remate de tanto rochedo bronco ha duas Ilhas lançadas de huma a outra parte do rio no rumo quasi de Leste Oeste, por entre as quaes fórma o rio trez canaes, sendo o mais impetuoso, mais terrivel o da parte occidental como acima se declara.

A formatura destas Ilhas no seu fundamento he tudo penedos, sobre os quaes havendo alguma tal ou qual planice, derão lugar a que a terra se introduzisse com a inundação do rio para nellas produzir arvoredo frondoso de alegre representação aos olhos.

No dia 23 se fez viagem no rumo do Susudoeste costeando á esquerda, e com meia hora de caminho se encontrárão as primeiras pedras da cachoeira acima mencionada chamada *Uainumú*(1), e com o trábalho da corda pondo as canôas com meia carga, se venceo aquelle primeiro impedimento, e tambem o segundo que logo se seguio, e ultimamente o terceiro que juntos fizerão hum dia de impertinente trabalho, em que se andaria hum quarto de legua, e he o que esta Cachoeira terá ao comprimento do rio, ou pouco mais, por que elle finalizava na realidade nas duas Ilhas acima relatadas.

Dia 24. Passadas as ilhas no rumo Susudoeste com duas horas de caminho se avistou a boca do rio *Beny*(2), para a qual se atravessou, e se portou nelle da parte de dentro para se averiguar o que fosse possivel da sua direcção.

Feita naquelle lugar a observação da altura se achou desembocar o rio *Beny* no Madeira em 12 graos de elevação austral.

A sua entrada he no rumo de Susudoeste, e navegando

---

(1) *Uainumú*. Depois se chamou—*Madeira*.
Parece que aqui tambem houve engano da parte do author.
Vide *supra* nota (2) á pag. 339.
(2) *Beny*. He o que se reputa hoje o verdadeiro *Madeira*.

pelo mesmo rio cinco horas se achou ser aquelle rumo o mais frequente, do qual parece trará a sua origem.

He bastantemente caudaloso, e quasi de igual correnteza ao Madeira, em que faz a sua entrada pela margem occidental com 800 braças de embocadura (ao parecer).

As suas aguas são barrentas por causa da muita terra que nas enchentes cahe das suas ribanceiras, que são mui semelhantes em altura e arvoredo ás do Madeira.

Com este poderá o *Beny* disputar a maternidade das agoas, se o Madeira não mostrasse que continúa no seu rumo com as suas ilhas e cachoeiras na mesma direcção que leva até aquelle lugar, e juntamente ser o Madeira de maior largura, e trazer mais agoa naquella parte em que recebe o *Beny*, que com effeito ali perde o nome e ser do rio.

Por este rio *Beny* não ha documento ou tradição, por onde conste que fosse navegado por Portuguezes, n'em Castelhanos, por que estes em cujas terras nasce o *Beny* ignoravão até o anno de 1713 o verdadeiro destino deste rio, pois suppunhão que ia desembocar no Amazonas sem concurso de outras agoas : e os Portuguezes que subirão no anno de 1723 até *Santa Cruz de los Cajubabas*(1), e outros que antecedentemente havião ido a negociar Gentio, não entrárão por este rio, a diligencia alguma ; em cujos termos será razão que aqui se relate alguma noticia, ainda que seja abstrativa das origens deste rio, segundo consta de um Mappa impresso no referido anno de 1713, supposto que a graduação delle não devia ser a mais exacta; por que além de se não conformar com as Cartas geraes Geographicas, padece huma grande equivocação nos gráos de latitude a respeito da que se fez nesta occasião ; por que o Auctor do dito Mappa descrevendo nelle o rio *Beny*, o suppõe ainda tal na altura de 11° gráos de elevação austral; ao mesmo tempo que pela observação no dito dia de 24 de Janeiro de 1750 se acha que na altura de 12° gráos se perde no Madeira, como acima fica expressado.

Das serras do Perú paralello á cidade de Paz em altura de

(1) He a aldêa da *Encarnação*.
Vide *supra* pag. 306

12 gráos ao Sul se mostra ter nascimento o rio *Beny*, que discorrendo por entre a mesma Serrania se junta com o *Chuquiabo*, que vem da dita cidade que fica ao nascimento do *Beny* á parte do Occidente; juntos os dous rios se fórma já o *Beny* mais caudaloso por entre as mesmas serras até a altura de 15 gráos donde correndo por terra plana vem desembocar no Madeira na parte acima mencionada.

Em toda a margem deste rio de huma e outra parte não mostra haver até aquelle mesmo anno de 1713 mais povoação do que huma aldêa chamada os *Reys* habitada de trez mil pessoas de um e outro sexo e idade.

Mais ao centro á parte oriental dos *Reys* havia outra da invocação de *S. Paulo*, povoada de duas mil e setecentas pessôas.

As nações de gentios que habitão no districto do Beny se nomeião *Romanos*, *Chumanos*, *Chiriribas*, e *Toromonas*.

Pela parte do Poente descem das serranias algumas Ribeiras, que vem a incorporar-se com o Beny, onde este ja discorre por planicie, que são *Apioana*, e *Amantala*; e ha nos seus districtos entre as montanhas trez povoações, que são *Apolobamba*, *S. João*, e *Pelechuco* desde a altura de 15 gráos de latitude e 30 minutos até aos 14° e 40'.

Recebe tambem as agoas da ribeira chamada *Enin*, que traz a sua origem das visinhanças da cidade de Cusco, situada em 13 gráos e 20 minutos de latitude, e em 301 de longitude.

Feita a observação, e navegando em canôa ligeira cinco horas rio acima o dito *Beny*, delle sahimos no dia 25 pela huma hora da tarde seguindo derrota costeando a margem direita no rumo de Susueste e Sul, e neste rumo se achou estar a

Decima terceira Cachoeira.

He conhecida esta cachoeira com a denominação de *Tejuca*(1) : consiste o seu composto em quantidade de pedras não muito grandes, que atravessão o rio de huma para a outra margem no rumo de Nordeste e Sudoeste, e como se achava ja quasi arrasada de agoa, deu facil passagem á sirga pela margem direita que se navegava.

(1) *Tejuca*. Hoje se chama das—*Lages*.

Em cujos termos com 5 horas de caminho nos rumos mencionados portarão as canôas junto á cachoeira chamada dos *Javalis* (1); e se andaria legua meia desde a bocca do *Beny* até este lugar.

Decima quarta Cachoeira

Dia 26. Neste dia se não fez mais do que passar a cachoeira mencionada até o meio dia, a qual consiste em se oppôrem ao rio duas ilhas rodeadas de grandes lagedos de pedra, huma enseada á margem, e outra á esquerda no mesmo rumo da antecedente, Nordeste e Sudoeste.

Estas duas Ilhas se communicão com varios penedos, e lanção outros rio abaixo em distancia mais de 800 braças, de sorte que querendo o rio fazer caminho por entre estes impedimentos fórma trez canaes, hum entre a ribanceira da parte direita e a Ilha, estreito e de medonha correnteza, outro no meio, em que a agoa em varios precipicios faz impraticavel o seu transito, e outro entre a Ilha da parte esquerda e a terra mais favoravel ao intento da passagem, por que somente offerecia duas correntezas junto á terra, pelas quaes descarregadas as canôas se podião levar á sirga.

Assim se executou no dia referido até as duas horas da tarde, e pelas trez se continuou viagem no rumo de Sudoeste, e nelle com meia legua de caminho se encontrou a decima quinta cachoeira, junto da qual portarão as canôas, para no dia seguinte se emprehender a sua passagem.

Decima quinta Cachoeira.

Bastantemente intrincada se achou ser esta cachoeira chamada dos *Papagaios*(2), porque a formou a natureza lançada de huma a outra parte do rio no rumo de Oesnoroeste e Lessueste, composta de Ilhas rodeadas de rochedos e pedras monstruosas, que passão de huma ás outras Ilhas com mui irregulares posições; por cuja razão o rio se achava precisado a romper estes embaraços por modo quasi estranho á propriedade de sua corrente, pois em partes se atravessava a varios rumos com opposição de humas com

---

(1) *Javalis*. Hoje se chama—*Páo Grande*.

(2) *Papagaios*. Hoje se chama—*Bananeira*.

outras aguas até sahirem por entre os ultimos penedos com ruidosa furia e espumosa braveza.

Apenas offereceu hum canal encostado á margem direita entre a ribanceira formada de alta penedia e huma Ilha encostada á mesma parte, por entre a qual corria menos furiosa a agua, por não ser ainda muita a que propendia para esta parte, razão porque estavão as pedras mal cobertas, que foi preciso estiva-las de madeiros para sobre elles se puxarem as canôas descarregadas.

No dia 27 se executou a empresa sobredita com grandissimo trabalho, que consumio o dia inteiro daquelle penoso serviço, e com effeito no mesmo dia ficarão as canôas transportadas á parte de cima da cachoeira, que terá hum quarto de legua de distancia ao comprimento do rio.

No dia 28 se proseguio viagem costeando á parte direita no rumo de Sueste, e nelle com pouco mais de huma hora de caminho se achou a cachoeira chamada das *Cordas*, que atravessa o rio de huma á outra ribanceira no rumo de Noroeste e Sudoeste ; e por ter já quasi todas as pedras no fundo se passou a remo, vencendo somente duas correntezas entre a margem occidental e huma ilha das que formão as mesmas cachoeiras.

Decima sexta Cachoeira

De duas Ilhas formadas de rochedos se compõe esta cachoeira chamada das *Cordas* (1), ambas adornadas de vistoso arvoredo, não mui alto, mas viçoso e recreativo, e no rumo referido atravessão o rio : huma dellas se acha mui chegada a margem esquerda, que em rio a meia enchente nem ainda assim lhe concede canal:

A outra situada a parte direita permitte passagem a todo o tempo, menos o da ultima secca, que he nos mezes de Septembro e Outubro, que sómente o rio acha canal, e os viajantes caminho pelo meio entre huma e outra Ilha, onde faz hum declive de pedras com boa direcção, em que por espaço de 60 braças se despenha a agua com toleravel violencia.

(1) *Cordas*. Hoje se chama—*Guajará-assú*.

Esta cachoeira se passou na fórma acima mencionada, e continuando viagem no mesmo rumo de Sueste se achou desaguar pela margem direita hum ribeirão de agua clara chamado *Tiahoam*; terá 100 braças de embocadura, e vai cahir o seu pequeno cabedal de torrente quasi sobre a cachoeira passada, razão porque se achou nella a agua mais limpa, e logo que se encontrou o ribeirão, se decidio a causa daquella novidade.

Fronteiro ao lugar em que desagua aquelle riacho, ha na margem oriental huma elevação de terra, que fórma huma pequena Serra povoada de arvoredo mui alto e expesso, e não chega a ter meia legua de extensão ao longo do rio: para o centro não houve occasião de fazer exame da sua direcção.

Passado o riacho *Tiahoam*, se ia continuando viagem já no rumo de Lessueste, quando ao virar de huma ponta de pedras, em que havia grande correnteza na mesma margem direita, quebrou a pá, que servia de governo a huma canôa e foi preciso portar para fazer outra, razão por que se não andou neste dia mais do que duas horas em que se venceria de caminho pouco mais de meia legua.

Dia 29. Neste se principiou viagem costeando á direita no rumo de Lessueste, e logo ao do Sul, em que passada huma enseada, se continuou a Sueste, e neste rumo se achou a cachoeira chamada *Panella*(1), que he huma das maiores e mais embaraçosa que tem o rio.

Decima septima Cachoeira

De hum intrincado labyrintho de ilhas fundadas todas sobre lagêdos e rochas monstruosas se fórma esta cachoeira em tão desordenada posição por espaço quasi de huma legua ao comprimento do rio, que este para achar sahida a tão estranhos embaraços se derrama em huma confusão de canaes por entre as Ilhas e penedos; de sorte que em meia legua de largura que haverá de huma a outra margem, e em todo o espaço do comprimento não acha a agua outra cousa se não precipicios por todas as partes, pelos quaes com ruido e furia se encontrão as correntezas humas com as outras irritadas dos penedos que passão, e de outros que vão atropelando.

---

(1) *Panella*. Hoje se chama *Guajará-mirim*.

Muitos canaes, vindo por elles a agua em fervedouros e rapido impeto, topão em Ilhas ou rochedos, que se lhes oppõem diante, que obrigão as aguas a fazer caminho aos lados, e vão quebrando a furia nas ribanceiras de huma e outra parte.

Da dura resistencia que acha aquelle soberbo elemento nos penedos da margem, retrocede a agua sobre si mesma, e fôrma tempestuosas ondas de mares encapellados mui difficeis de vadear.

Finalmente para se expôr com miudeza todos os subterterfugios, que aqui busca a agua para passar esta cachoeira, confesso que sobre não achar termos proprios e expressivos, com que bem signifique tão embaraçadissimo passo, seria fastidiosa huma grande digressão, com que elle se poderia descrever; e por esta causa me remetto á estampa, que poderá ser delineada em termos que por ella se possa formar idéa das figuras qne aqui se difficultão expressar.

A' vista de hum tão formidavel impedimento, que a todos os lados ameaçava funestas consequencias na empresa de se vencer, sem varar por terra as canôas, foi fortuna achar hum canal entre o barranco da parte direita e as Ilhas da cachoeira, por onde salvando hum não muito grande espaço de ondas, que resultavão do combate de huma correnteza com a penedia da terra firme, podião chegar as canôas até hum lugar accomodado, em que sobre pedras ainda mal cobertas de agua podião ter passagem: e com effeito investindo com aquelle canal se forão vencendo a remo as suas correntezas successivas até chegar ao lugar mencionado, em que havia hum como fluxo e refluxo de agua, que levantava ondas furiosas por todo o canal em distancia, ao comprimento d'elle, de mais de tiro de mosquete.

Com muito cuidado e força de remo se atravessou aquelle perigoso districto, e já de noite portarão as canôas junto aos grandes penedos, por cujas aberturas no dia seguinte se havia de fazer caminho.

Chegou o dia 30, em que com incrivel diligencia se estivarão as pedras, descarregarão as canôas, e se puxarão estas á parte cima da cachoeira até horas de meio dia, e logo que se tornou a recolher nellas o trem, que a cada huma tocava, se proseguio viagem pelas trez horas da tarde no rumo de Susudoeste, e nelle se achou a cachoeira chamada

Quaty (1) com huma hora de caminho, em que se andaria de distancia meia legua.

Decima oitava Cachoeira.

De melhor semblante do que na antecedente se offereceu a presente cachoeira, que consiste em huma Ilha de sufficiente grandeza (2) lançada ao rumo de Lesnordeste e Oessudoéste desta, que tem por fundamento immensa penedia, se distribue a todos os lados quantidade de lages e penedos, porém dispostos pela natureza em fórma, que repartido o rio em dous canaes, a que a Ilha a precisa, vai a agua sem declive pela maior parte dos canaes miudos, que procedem das pedras espalhadas por huma e outra parte com pouca opposição de humas com outras.

Nestes termos naquella mesma tarde do dia mencionado se foi passando a parte direita tomando o seu canal a remo sem mais embaraço que algumas correntezas sem perigo, que se forão passando com felicidade até huma enseada, em que as aguas se achavão em tranquilidade bem em meio da cachoeira, onde portarão as canôas; e se andaria huma legua no rumo mencionado.

No dia 31 se continuou a passar o que restava da cachoeira *Quaty*, que só na embocadura do canal entre a ponta da Ilha e a terra houve algum trabalho; por que foi preciso usar de sirga por entre pedra'e arbustos agrestes por espaço de dous tiros de mosquête.

Da enseada se navegou ao Sueste, e ao sahir do canal foi a Leste.

Terá esta cachoeira huma legua ao comprimento do rio, e na largura meia.

Desembaraçadas as canôas daquelle transito até ás nove horas do dia se atravessou á parte esquerda do rio, que se foi costeando a Susueste; e neste mesmo rumo portarão as canôas na margem direita com 6 horas de caminho, em que se andarião 3 leguas.

Neste lugar se teve a primeira vista das serras chamadas *Cordilheiras das geraes*, ou *Chapada grande* á parte esquerda do rio, e corrião de Nordeste e Sudoeste rumo

(1) *Quaty*. Ainda conserva o nome. Tanto esta como a seguinte Cachoeira não são contempladas como taes por outros escriptores.

(2) Braun diz que tem uma legua de extensão.

geral do rio, e daqui principião estas Serras a atravessar o rio, ou este a romper as suas extremidades e quebradas, em que se formão as Cachoeiras de que se tem tratado, e agora se fará o mesmo da ultima que resta a quem sobe, a primeira que se offerece a quem desce.

Dia primeiro de Fevereiro. Neste dia sahindo da enseada, em que se havia pernoitado no rumo de Susueste, se avistou logo a cachoeira chamada *Tapióca*(1), que neste lugar he a ultima que se offerece.

Decima nona Cachoeira

Na enseada da parte oriental está situada huma ilha de figura quasi oval fundada sobre pedras.

Na margem occidental faz o rio outra enseada mui dilatada, e no seio della se fórma outra Ilha(2) de igual qualidade á antecedente, porém de muito maior grandeza, por que occupa todo a vão da enseada referida, cuja parte concava corresponde a Ilha com a convexa quasi em perfeita proporção.

Destas Ilhas se espalhão infinitas pedras miudas, e outras avultadas, que humas atravessão o rio, e outras se dilatão ao comprimento delle por espaço de hum quarto de legoa.

Trez são os canaes, por onde o rio faz a sua passagem por entre as Ilhas referidas e a terra firme de huma e outra parte, despedindo furiosa correnteza, e insuperavel pela margem oriental e pelo meio, pois por ambos estes canaes nem ainda em rio cheio (como já estava) se acabão de cobrir as pedras, que se oppõem a estas duas correntezas.

Nestes termos examinado o braço occidental se achou praticavel, pois somente havia para vencer huma toleravel correnteza, que se passou á corda; e costeando á direita entre a Ilha grande e a terra firme no rumo de Oeste, e sem mais embaraço se finalisou o mesmo circulo da enseada no de Leste, e sem mais embaraço que algumas correntezas que se passarão a remo, portárão as canôas ja da outra

---

(1) *Tapióca*. Aqui houve naturalmente engano por haver discordancia com outros escriptores.
Vide *supra* nota (1) á pag. 341.

(2) Estas duas ilhas são chamadas das *Capiváras*.

parte da cachoeira na margem direita com 6 horas de caminho, em que se andarião duas legoas.

Esta cachoeira *Tapióca* atravessa o rio no rumo de Lesnordeste e Oessudoeste, e he a ultima que se offerece antes de se incorporarem as aguas do rio Mamoré com as do Madeira, cuja viagem se foi proseguindo no

Dia 2 de Fevereiro.

Neste se continuou viagem costeando á direita no rumo de Lessueste, deixando pela mesma margem os primeiros *Pantanaes* que ha neste rio, e consiste em exceder a mãi do rio, e alagar a terra por espaço mais de duas leguas ao centro, que forma como lago ao comprimento do rio em distancia de muitas leguas mediando entre o pantanal huma breve porção de ribanceira, em que ha arvoredo alto; e a terra que se segue ao centro que alaga, he como campina, que somente tem alguns reductos ou Ilhas de arvoredo distantes humas das outras, que fazem mui vistosas aquellas dilatadas campinas.

A estes *Pantanaes* se recolhe o peixe na occasião que as aguas fazem aquella inundação, e desampara de sorte a mãe do rio, que neste por acaso ou maravilha se deixa pescar algum, e o mesmo succede á caça volatil e quadrupede, que se afasta para a terra firme, e rasão por que já deste lugar para cima se principiou a sentir esterilidade de viveres; que de ordinario põe esta penuria em grande consternação os viajantes.

No rumo referido pela margem oriental apparecia a *Cordilheira* geral, seguindo ao largo o mesmo rio a Lessueste, rumo que aqui principiou a dar nova direcção ao rio pela frequencia com que a agulha ja buscava a Leste e Sueste, nos quaes com seis horas de caminho se andarião quatro leguas e meia, portando as canôas já noite na margem oriental; havendo partido pelo meio dia do lugar em que portárão no dia antecedente, occupando-se a manhã do presente em ouvir Missa e descançar do importuno trabalho das *Cachoeiras*, cujo transito se havia conseguido com a felicidade referida, não sem admiração dos experientes; pois em tantos e tão trabalhosos passos não perigou nem se molestou pessôa alguma da Comitiva, que passava de *cem* pessôas entre brancos e Indios, havendo muitas occasiões, em que todos trabalhavão sem excepção de pessôa.

No dia trez do mesmo mez se principiou viagem coste-

ando á esquerda no rumo de Sudoeste, e passada outra volta no de Oessudoeste se atravessou á direita, e por esta se costeou no de Sudoeste, e Sueste, e ultimamente a Sul; e com 12 horas de caminho se andarião oito leguas.

No decurso deste dia não houve que notar cousa alguma mais do que não ter o rio correnteza de consequencia, e se attribuio ao impedimento que ião achar as aguas nas Cachoeiras, e por esta causa se detinhão as aguas como represadas e sem força em toda a navegação que se fez das cachoeiras acima.

No lugar em que portárão as canôas no dia trez, que foi na margem oriental do rio, por haver naquelle sitio o que era preciso para se guarnecerem as canôas do damno que havião recebido da passagem das Cachoeiras, se passou o dia 4 no lugar referido, onde se concertarão as cousas damnificadas das embarcações, para com mais commodidade se proseguir viagem.

A 5, pelas quatro horas da madrugada, se principiou viagem costeando a esquerda no rumo de Sueste e Sul, e ao romper do dia se passou á parte direita, e se costeou a Sudoeste, Sul, Susueste, e Sueste; e neste rumo se topou com huma ilha, que corria com a volta do rio, e por entre ella e a margem direita se navegou; e nesta volta se corrêrão todos os rumos desde o Sul até chegar e Leste, e depois se navegou a Sudoeste até o lugar em que se portou que foi na margem oriental com onze horas de caminho, em que se andarião oito leguas. Até este lugar não houve correnteza.

No dia 6 ao amanhecer se proseguio viagenm no rumo do Sul e Sueste costeando á esquerda huma grande enseada, e depois a Sueste, e ultimamente ao Sul; e com onze horas de caminho se andarião sete leguas. Neste dia já houve alguma correnteza, que se venceu sem grande trabalho.

Dia 7. Principiou-se viagem de madrugada costeando á direita no rumo de Sudoeste, e logo ao Sul e Sueste, e indo já no Lessueste se passou entre huma dilatada ilha alagadiça e a terra firme oriental, por cujo canal sahindo a Leste no fim da ilha sobre a parte esquerda se navegou a Nordeste, Norte, e outra vez a Nordeste voltando até Leste, em cujo rumo portárão as

canôas fronteiro á ponta de outra Ilha pequena com dez horas de caminho, em que se andarião sete leguas.

No dia 8 depois de missa partirão as canôas ás oito horas da manhã costeando á direita no rumo de Sueste e Sul por espaço de huma hora, e atravessando á esquerda se costeou a Leste, a Sueste, e Sul; e neste rumo sendo já 4 horas da tarde se principiou a achar as aguas do rio menos barrentas, circumstancias que se foi observando no resto da mesma tarde, até que sendo já noite se conheceu com luz ser a agua de todo clara pela margem esquerda, onde parando a navegação se observou daquelle lugar haver no rio trez embocaduras, duas á parte do Sul, e huma á de Leste, cuja circumstancia junta com a diversidade da agua que se achava, se assentou por certo ser huma das duas bocas ao Sul a do rio Mamoré.

Amanheceu o dia 9, e com a luz delle o desengano do que a noite antecedente não deixava bem perceber.

Com effeito ao rumo de Sudoeste desembocava o rio *Mamoré* em huma barra de mais de 500 braças, e para ella navegavão as canôas atravessando aquelle quasi golpho de agua formado por este rio, e pelo *Aporé* (1) na união que fazem humas e outras aguas sendo clarissimas as do *Aporé*, e as do Mamoré com a mesma turvação que tem as do *Beni* a qual continúa pelo dilatado espaço de que se fez menção no *Diario* em 2 de Outubro do anno antecedente.

Do concurso que ha neste lugar de humas e outras aguas se derramão estas pela margem oriental, e formão varios lagos, cuja embocadura á parte de Leste he a que se havia notado na noite antecedente.

Das serras do *Perú* que fazem a cordilheira geral dos Andes, nasce o rio Mamoré em altura de 18 gráos e meio de latitude austral, e sendo a sua direcção quasi do Sul para o Norte se encontra com o *Guapaix*, que tem suas origens das mesma serras mencionadas, e passa por *Chuquisaca* ou cidade *de la Plata*, e por *Santa Cruz de la Sierra la nueva*, ate que na altura de 16 gráos faz no rumo do Norte a sua união com o Mamoré, e ambos encorporados recebendo varias torrentes que das partes occidental e oriental o buscão, discorre pela Provincia chamada *de los Mojos* (2) terra plana, pouco fertil e tão esteril de riquezas, que consta não haver

(1) *Aporé*. Hoje Guaporé.
(2) *Mojos*. He a provincia de Moxos.

nas suas dilatadas campinas genero algum de metal: comtinúa pela mesma planicie, e passando as terras dos Indios chamados *Cajubabas* mistura suas aguas com as do Aporé na altura de 12 gráos e 40 minutos de latitude austral.

No anno de 1723 governando o Estado do Pará João da Gama da Maia, teve este noticia por alguns homens, que hião a contratar gentio ao rio da Madeira, que acima das suas cachoeiras havião habitações de gente Européa, sem constar ao certo se de Portuguezes ou Hespanhoes; mandou explorar o dito rio por huma tropa, de que foi cabo Francisco de Mello Palheta, o qual depois de passar as cachoeiras indo navegando encontrou perto da boca do rio Mamoré canôa de Indios Castelhanos governada por hum mixtiço, que guiou o referido Palheta até a aldêa da *Exaltação de Santa Cruz* dos Cajubabas, e tendo nella pratica com os Missionarios que a região, voltou ao Pará com as noticias do que achou, sem fazer mais memorias dos rios, não só do Beni, que desagua entre as cachoeiras de que já se fez menção, mas nem ainda do Aporé, que tão manifestamente se lhe mostrou, e era preciso attender na entrada ou sahida do referido Mamoré.

Correndo os tempos e povoado o Matto-Grosso pelos moradores do Cuiabá nos annos de 1736 e 1737, succedeu sahirem daquelles novos arraiaes no anno de 1742.... homens na diligencia de commerciarem com os Padres Castelhanos vizinhos, em ordem a refazer a dita povoação de algum gado e cavallos, para cujo effeito navegando o Aporé abaixo, chegarão a entrar pelo Mamoré, e com..... de viagem pararão na mesma aldêa de Santa Cruz de los Cajubabas, onde forão bem recebidos, porém sem resultado do projecto intentado.

Destes companheiros se apartarão trez, que rodando rio abaixo, e salvando as cachoeiras chegarão ao Pará, onde sendo apprehendidos forão dous remettidos prezos a Sua Magestade por transgressores da Lei de...., e se assentou praça de soldado ao terceiro companheiro chamado Joaquim Ferreira Chaves, o qual podendo-se escapar do serviço desertou pelo Maranhão a buscar Goyazes, e destas minas passou ao Cuyabá, e ultimamente ao Matto-Grosso, onde por este seu morador se teve a primeira noticia, de que podia pelo Madeira haver commercio com o Pará.

Neste meio tempo tornarão alguns moradores a fazer

viagem do Matto-Grosso á aldêa da *Exaltação*, sem conseguir cousa alguma de negociação, ate que no anno de 1747 achando-se aquelles arraiaes em grande penuria de sal passou hum cirurgião chamado Francisco Rodrigues da Costa a commerciar algum deste genero, e com effeito o conseguio a troco de fazenda secca, e tambem negociou cêra e panno de algodão, que tudo lhe fez bôa conveniencia, com interesse da qual estabeleceu huma quasi sociedade com o Missionario da aldêa referida, dando este hum rol dos generos de que necessitavão para se commutarem pelos acima mencionados, nomeando para a troca ao Missionario de *Santa Rosa* estabelecida novamente na margem oriental do Aporé.

Com effeito no anno seguinte de 1748 fazendo o mesmo Francisco Rodrigues compra no Matto-Grosso dos generos sorteados, de que levou a lembrança por escripto, e fazendo viagem até a dita aldêa de *Santa Rosa*, achou removida a sociedade de sorte, que não sómente não se fez a troca dos generos, mas nem ainda o Missionario quiz fazer acceitação de hum mimo, com que o dito Francisco Rodrigues pretendeu politicamente lisongea-lo : dando a razão de dissolver-se o estipulado, que havião recebido apertadissimas ordens do seu Superior residente em *Santa Cruz de la Sierra* para não terem os Missionarios daquella Provincia commercio algum com Portuguezes do Matto Grosso.

Voltou para aquelles arraiaes o referido Cirurgião com os mesmos trastes mercantis, que havia levado a Santa Rosa, e na occasião de chegar a escolta do Pará ao arraial de S. Francisco Xavier alli estavão a vender em loja pública.

Estas forão até o presente as navegações Portuguezas ao rio Mamoré tanto do Parà, como do Matto Grosso, o que supposto, resta dar noticia das Aldêas que ha no referido Mamoré, e do mais que houver memoravel que lhe pertença.

Navegando-se o rio Mamorè correnteza acima se achou em meio dia de viagem, que se fez em canôa ligeira da escolta, ser a sua entrada ao Sudoeste, e limpo de cachoeira, e não tem ilhas.

Pelo que consta de informações, que derão os Portuguezes do Matto Grosso que o navegarão até a *Exaltação*, e pelo que se acha escripto em idioma Hespanhol impresso, sabe-se ser esta aldêa a primeira que se offerece na sua navegação oito

dias de viagem rio acima: está fundada ha mais de 50 annos na margem occidental do rio em terra plana, lançada em figura quasi quadrada: a construcção das suas cazas he barro com a cobertura de colmo, a Igreja a tem de telha, e he sufficientemente ornada: tem Padres Missionarios, e Coadjutor da Religião de Santo Ignacio.

Os Indios habitantes consta serem de nação chamada *Cajubabas*, e terá de hum e outro sexo e idade quasi trez mil pessôas, e destas capazes de uso de armas 460.

Occupão-se estes Indios em fazer roças de milho para o seu sustento, e pastorear algum gado vaccum.

Os seus haveres consistem na extracção de cêra, que as abelhas fabricão naturalmente pelos troncos das arvores: lavrão algodão de que se vestem, e delle tambem se utilizão para o commercio, como tambem de algum assucar, de que tem engenho, indo a *Santa Cruz de la Sïerra* commutar estas especies pelos generos que são precisos ao seu uso, e Viatico para o Missionario.

Desta aldêa poucos dias de viagem desagua na mesma margem occidental o riacho chamado *Aporé*, o qual na parte em que se divide em varios braços, está fundada a aldêa de *Santo Ignacio* composta de quasi trez mil almas de hum e outro sexo e idade, e entra neste numero mil trezentos e vinte oito cathecumenos: dos já baptizados podem usar das armas 570.

Passada a boca deste rio se acha em pouca distancia della á parte oriental a aldêa de *S. Pedro*, que consta de mais de duas mil, em que entrão 926 cathecumenos, e dos neophitos 640 capazes de tomar armas.

Continuando o rio acima desagua na margem occidental o riacho chamado *Tïamachu*, e logo acima da sua embocadura á parte esquerda está situada a aldea de *S. Xavier* com perto de quatro mil almas, e destes Indios 560 capazes de guerra.

Acima da embocadura se acha na margem oriental fundada a aldéa da *Santïssima Trindade*, cujos povoadores se chamão *Mojos*, e tem 1700 almas de hum e outro sexo e idade baptizados, 1.106 catecumenos, e dos neophytos 750 capazes do uso de seus arcos.

Onde o rio Mamoré se junta com o Guapaix á parte oriental está situada a aldêa chamada *Loreto* tambem de *Mojos*

com 2900 almas, em que entrão 923 catecumenos, e dos baptizados 660 capazes de armas.

Seguindo Guapaix acima já perto da cidade de *Santa Cruz de la Sierra* desagua á parte direita hum riacho chamado *Palometa*, no qual está fundada a aldea de *S. José* quasi na fralda da serrania dos Andes ; tem 2105 almas de hum e outro sexo e idade, e destes 700 capazes do uso de suas flexas.

Correndo pelo centro á parte occidental dos *Mojos* está fundada outra aldea de *S. José* com 3,177 almas, em que entrão 1717 catecumenos, e dos baptizados tem 500 capazes de armas.

Pelo mesmo centro á parte occidental da *Exaltação* está situada a nação dos *Mobimas*, que em 1709 apostatando a Fé martyrizarão o Veneravel Padre Balthazar de Espinosa, que os havia instruido na vida Christã.

Desta nação se fundarão depois duas aldeas quasi nas cabeceiras do riacho *Maniqui*, que desagua no Mamoré pouco abaixo da *Exaltação*. *S. Luiz* e *S. Borja* se nomeão estas duas povoações ; a primeira consta de 1.630 almas, das quaes quinhentas pessoas são capazes de armas, e a segunda he de 1,300 Indios, dos quaes 400 podem usar de arco e flexa, armas, de que usão todos os Indios acima mencionados.

Todas as aldeas aqui apontadas são missionadas pelos Religiosos de Santo Ignacio, de cuja Sagrada sociedade era alumno o Veneravel Padre Espinosa martyrisado pelos *Mobimas*

O Superior destes Missionarios assiste na cidade *Santa Cruz de la Sierra*, e pela direcção deste Superior se governa toda esta Provincia, que se chama dos *Mojos*, por serem estes os primeiros que largando a Idolatria admittirão a promulgação Evangelica debaixo da protecção dos Monarchas de Castella.

A maior parte do terreno, por onde discorre o rio *Mamoré*, e estão fundadas as aldeas referidas, he tão plano, que em tempo de aguas rebojão os rios de sorte, que alagadas as campinas se fazem navegaveis, recebendo grande damno as sementeiras ; tambem impedem a multiplicação do gado, e até as mesmas povoações padecem sustos grandes, não só pelo perigo que pode resultar-lhes das innunda-

ções, mas pela que ficão aquelles povos condemnados, quando são mui desordenadas as cheias.

O clima desta região he summamente intemperado, que alem de occasionar doenças terriveis contribue mui pouco para a fertilidade dos fructos e viveres, razão por que se padece de tudo bastante penuria em alguns dos povos aqui relatados.

Navegação do rio Aporé até chegar as Minas do Matto Grosso.

Antes de proseguir a narração deste *Diario* desde que se principiou a navegar o rio a que os moradores do Matto Grosso chamão *Aporé*, e os Hespanhóes *Ithenes*, se fazia preciso dar neste lugar huma verdadeira noticia do concurso das aguas deste rio com as do *Mamoré*, em termos que se podesse formar conceito a qual destes dous pertence a maternidade das aguas que formão o rio Madeira, porém como por falta de instrumento se não fez das larguras destes rios hum exame regular, não se póde affirmar com infallibilidade por qual delles está este fundamento.

He sem duvida que ao atravessar hum e outro rio nas suas embocaduras, não se atreve a decidir a vista com indisputavel certeza a qual delles pertence maioria nesta parte por que nella parecem iguaes, sem embargo de que applicando toda attenção neste exame julgarão todos os de melhor voto por experientes que o *Aporé* mostrava maior largura, e recorrendo-se a sonda em huma e outra barra se achou ter a do *Aporé* seis braças e meia de fundo, e do *Mamoré* sete.

Nesta maioria porém se deve attender a ter o *Aporé* naquella parte em que se fez a experiencia hum braço de arêa, que atravessa a embocadura quasi de huma a outra margem, e admittida esta differença não se póde dar vantgaem consideravel nesta parte ao *Mamoré*.

Na parte de Leste opposta á barra do *Mamoré* faz o *Aporé* huma enseada, em que mostra ser elle o recipiente, pois da parte occidental corre a terra fazendo a figura convexa por onde desemboca o *Mamoré*, mediando entre o ajuntamento destas aguas huma como peninsula de terra, que divide hum e outro rio, que por espaço de trez horas de viagem correm parallelos no rumo de Susudoeste, no qual prosegue o *Ma-*

moré, como já fica mencionado, e o *Aporé* acabadas as ditas duas horas de caminho busca o rumo de Lessueste, para onde he a sua direcção até onde nasce, como se mostrará na continuação deste *Diario*.

As ribanceiras de huma e outra margem do *Mamoré* erão no espaço, em que se navegou o tempo de meio dia, semelhantes em qualidade de terra e producção de arvoredo ás mesmas, que até a sua boca se havião observado desde que se entrou pela barra que faz no Amazonas; não tem porém ilhas, nem consta que tenha cachoeiras até as serras, onde tem o seu nascimento.

As margens do *Aporé*, desde que se faz no rumo de Lessueste, totalmente he diverso na qualidade das ribanceiras e arvoredos, porém continúa com as suas ilhas da mesma sorte que sempre se encontrárão desde o principio da navegação.

As suas aguas já fica dito que são claras, e só resta concluir que são semelhantes no gosto e côr ás que se acharão na entrada do rio, até que se principiarão a conhecer turvas, cuja impuridade se attendeu proceder dos dous rios *Beni* e *Mamoré*, como já se deixa relatado.

Segundo todas estas circumstancias succintamente aqui referidas se não bastarem para se considerar o *Aporé* tronco principal do Madeira, tem este a seu favor o consenso geral dos Hespanhóes, que o navegarão até a *Ilha Comprida* (desta em seu lugar se dará noticia) que o julgarão ser madre, depois de navegarem quasi todo o Mamoré, que sem duvida achárão ser menos caudaloso.

Depois de quatro dias de demora na barra do *Aporé* se continuou viagem a 14 pelo mesmo rio no referido rumo de Susudoeste por espaço de trez horas, e passando ao Sul, Sueste, Leste, e com mais frequencia Lessueste, em 12 horas de caminho se andarião dez leguas, sem por todo este espaço mostrar declinação na largura que trazia antes de receber as aguas do Mamoré, e não houve mais que notar do que a diversidade do rumo, que se ia experimentando, ao qual corria tambem a Cordilheira quando se avistava.

A 15 se proseguio viagem no rumo de Sueste e Leste, e com duas horas de caminho se achou desagoar pela margem esquerda hum lago de sufficiente grandeza, e continuando no mesmo rumo passou a agulha com huma volta do rio ao Norte, e com outra tornou a Leste, em que se achou

da mesma margem esquerda outro lago pelo qual em tempo de cheia introduz o rio tanta copia de agua, que faz hum dilatado pantanal, que em canoêtas se costuma navegar para se fazer montaria na caça, que se afasta para a terra firme do centro: do referido rumo se foi ao Sul em outra volta, e nella portárão as canôas na margem occidental que se não achava alagada; e em 9 horas de caminho se andarião 7 leguas.

No dia 16 se continuou viagem no rumo de Sueste costeando á esquerda, e passando ao de Leste se encontrou huma Ilha lançada ao comprimento do rio, que se acabou de passar já no rumo de Lessueste, no qual se encontrou logo outra Ilha de menor comprimento que a antecedente navegando-a pelo canal da parte esquerda a pouco espaço no mesmo rumo se achou fazer o rio huma entrada pela terra dentro da mesma margem esquerda, derramando-se em hum mui dilatado pantanal, cuja boca pouco differe da largura do rio, que já por este lugar se conhecia ir estreitando, e sómente nas partes em que fazia Ilhas dilatava-se em largas enseadas.

Com sete horas de caminho portárão as canôas, e se andaria neste dia seis leguas por se haver encontrado pouca correnteza.

A 17 pelas 4 horas da madrugada se deu principio á viagem no rumo de Leste, e logo se passou a Sueste amanhecendo-se no de Susueste, no qual e no do Sul se andaria duas horas, e no virar neste rumo a ponta de huma enseada se avistou em meio della huma canôa junto á terra da parte direita, e logo da margem esquerda sahio outra, que foi atravessando o rio para onde estava a que se avistou primeiro, para cujo lugar iamos fazendo derrota, e chegando perto achamos a canôa que atravessou, e a que estava surta ambas postas de largo, esperando a novidade que aos Indios della se offerecia em verem embarcações diversas das suas, tanto em figura, como no modo de navegar.

Sem fazer caso da espera nos fomos chegando sem alterar nem diminuir o impulso ordinario da nossa fórma de caminhar: e tanto que a distancia deu lugar a se ouvirem vozes, bradárão os Indios da espera dizendo estas poucas palavras Castelhanas — *Amigos, amigos Christianos pela graça de Dios* — acompanhado este protesto com acções affirma-

tivas, tirando hum da cabeça huma monteira (1), e levando muitas vezes a mão aos peitos em signal de affecto e sinceridade.

Reconhecido serem estes Indios domesticos, como tambem hum montão delles que estavão na ribanceira defronte das duas canôas, e davão as mesmas vozes que os primeiros, forão as nossas embarcações passando por entre elles sem se lhes dar outro conhecimento mais do que responderem os nossos Indios com as mesmas palavras *Amigos, amigos* etc., e como se lhes não admittio prática alguma, ficárão ao parecer occupados de admiração, seguindo-nos unicamente com a vista, e immoveis na operação de seus remos.

As canôas em que navegão são semelhantes ás de que usão os nossos Paulistas, e se chamão *ubás*, que vem a ser hum madeiro de 50, 60, e mais palmos de comprido, e de sete até dez de largura, sem mais beneficio que cavado o amago á machado, e ao mesmo talho a pôpa e prôa com bôca de trez até cinco palmos em cuja praça remão os Indios em pé em tanto numero, quanto dá lugar o comprimento da canôa, a qual se governa por duas pessôas, que na pôpa della cada huma com o seu remo suppre o ministerio do leme.

O trajo destes Indios he vestirem humas como tunicas de algodão bem tecidas, e sem mangas nem abertura por nenhum dos lados, que cobrem a desnudez até meia perna, o cabello comprido entrançado, ou atado no lugar da nuca, e todos elles com rosarios de contas, e medalhas pendentes ao pescoço: somente hum Indio que entre os da canôa mostrava distincção, e era o que com mais efficacia se inculcava amigo com palavras e acções, trazia vestida huma camisa, para a qual não concorreu trabalho de fio, nem fabrica de tear, porque era de huma membrana, que se cria entre a casca e o tronco de algumas arvores, e sobre ella huma jaqueta azul de cousa de lã talhada ao uso Castelhano, o cabello colhido em trança, e cobria a cabeça com huma monteira de rebuço (2) tambem de côr azul, que tirou com promptidão quando deu os primeiros annuncios da sua cortezania e Christandade.

---

(1) *Monteira*, i. é. carapuça de monte.

(2) *Monteira de rebuço*, i. e., carapuça que tem abas que se atão diante do meio rosto, e o encobrem.

Findou-se aquella enseada no rumo de sueste, e logo se seguio outra no de leste, donde se avistarão humas Ilhas, que disserão os Praticos estarem hum quarto de legua em distancia da aldêa de *Santa Rosa*, e como era preciso passar á vista da dita aldêa para se observarem as ordens de não ser presentída a escolta pelo Missionario se tomou o expediente de se recolher toda em huma das ditas Ilhas, e navegar de noite por defronte da aldêa com o silencio necessario, por evitar algum encontro de perguntas e respostas: e nestes termos serião dez horas da manhã quando tomárão porto todas as canôas em huma ilha encostadas á margem direita, entre a qual e a terra firme mediava hum canal de pouco mais de duzentas braças ao parecer, em que se fez a espera conveniente.

Serião trez horas da tarde quando de entre os matos da ribanceira defronte donde as canôas estavão portadas, sahirão duas *ubás* pequenas, governadas cada huma dellas por dous Indios, que apenas avistárão as nossas canôas, se encaminhárão a ellas, e chegando já a pouca distancia entoárão a mesma arenga dos antecedentes accrescentando *Santa Roza*, *Santa Roza*, e sem embargo de que se lhes deu a entender se retirassem e fossem seu caminho, não estiverão pela insinuação, antes com grande alvoroço se aproximárão as canôas, e entre risonhos semblantes chegárão com effeito a ellas, repetindo os colloquios de amisade, que antes proferião; e como davão a entender por palavras Castelhanas que ellas ião da sua roça para a aldêa de *Santa Rosa*, se deliberou o Cabo da escolta a premeditar o meio para os deter, em ordem a não irem depôr do encontro para delle resultar a potencia no Missionario ao exame de que canôas serião.

Nestes termos se entrou em pratica com elles, e pela mesma frase Castelhana junta com bom agasalho se tratou da compra de hum pouco de milho que levavão, e de algumas frutas que elles facilmente por anzoes e facas Flamengas vendêrão de boa vontade. Perguntou-se-lhes se erão longe as suas roças, e se podião ir buscar mais milho e fructas, porquanto aquelle que acabavão de vender era pouco para tanta gente, e mostrando-se-lhes algumas agulhas e velorio para lhes desafiar o desejo, conferirão entre si o caso; e perguntando se estarião alli esperando até a madrugada seguinte, e ouvindo dizer que sim, com toda

pressa voltando para onde tinhão sahido, se embrenhárão no mato, e ficou por então vencido aquelle embaraço.

Neste meio tempo fez o Capellão da escolta hum requerimento ao Commandante della, em que lhe pedia licença para ir áquella primeira aldea a confessar-se com o Missionario della, por ir indisposto para dizer missa sem aquelle sacramento de que necessitava. Foi-lhe respondido que segundo as ordens que era obrigado a observar lhe não podia conferir semelhante licença, que bem presenciava sua Paternidade as cautelas e subterfugios de que actualmente estava usando para occultar ao Padre Castelhano a nossa navegação, e não era razão que tudo isto ficasse desbaratado, e em desprezo ás ordens de Sua Magestade outorgando-lhe a licença que sua Paternidade pedia.

Sendo esta resposta concludente a qualquer animo sincero e racional, não esteve por ella o dito Padre, que he Fr. João de S. Tiago, Religioso Capucho da Provincia da Conceição da Beira, por que instou com o Commandante com desusada petulancia, concluindo que no caso de haver ordem de Sua Magestade, que lhe diria se não devia entender com elle, por que não tinha obrigação elle dito Padre de as guardar, e que se lhe não queria dar a licença que pedia, não diria mais missa: ao que ultimamente respondeu o Cabo dizendo-lhe que tivesse entendido que mais facil lhe seria morrer do que conceder-lhe tal licença: do que mal satisfeito o dito Padre se retirou á sua canôa, mostrando não ter conformidade alguma com a negação da licença que pedia

Chegou a noite, e se passou ordem a todas as canôas que seguissem os seus Cabos a da vanguarda, em que ia o Commandante; e com especialidade forão advertidos os dous Indios que governavão a canôa do Capellão, que por nenhum acontecimento se apartassem da conserva das mais canôas, ainda que o Pádre quizesse outra cousa, pena de serem asperamente castigados.

Seguio-se viagem costeando a parte direita no rumo de lessueste, e logo se avistarão as serras na margem oriental, na falda das quaes está fundada a dita aldêa de *Santa Rosa* na enseada ao referido rumo, na qual se passou toda a enseada e a cachoeira que ha no rio, precedida de varias restingas de pedras que sahem das serras mencionadas, e atravessão o rio de huma e outra margem

pelo terreno, em que está estabelecida a dita aldêa, tendo o rio alli a largura de tiro de canhão. Não se achou da cachoeira outro vestigio mais do que alguma correnteza maior que a ordinaria, que facilmente se venceu a remo, por estarem já de todo cobertas as pedras com a enchente do rio; e assim com duas horas de caminho depois de passada a referida aldea e cachoeira portárão as canôas ás nove horas da noite na margem de outra enseada á parte direita: e em oito horas de caminho em todo o dia se andarião sete leguas.

Dobrárão-se as sentinellas aquella noite para evitar alguma fugida de Indios, porém não podérão evitar a deserção do dito Padre, que na mesma noite favorecido do escuro della se introduzio em huma das duas canoinhas de pescar: e quando estas de madrugada sahirão (como costumão) à montaria catequizou o Padre os Indios para o irem botar na aldêa, e voltarem logo: o que lhe foi facil de conseguir, por serem os Indios de genio summamente flexivel, e de nenhuma repugnancia a persuadirem-se a qualquer desordem; e lhes basta o vil interesse de huma pouca de agoa ardente para de todo ficarem sujeitos ao que quizerem fazer delles.

A's 5 horas do dia 18 se principiou viagem sem haver a minima noticia do soccorro relatado, até que clareando o dia derão conta os Indios que governavão a canôa do Capellão, que este não ia na canôa, nem sabião delle cousa alguma, nem de hum Indio pescador do mesmo Padre que tambem faltava. Presumindo-se logo o que acima fica mencionado, depois de se averiguar pelas sentinellas que só as canoinhas de pescar havião sahido aquella madrugada, causando huma grandissima perturbação tão impensada desordem: porém como este Religioso não havia levado outra cousa mais que o seu Breviario, pois era o que se achava falto na canôa, se tomou o accordo de esperar aquelle dia, mas em parte distante, por não se expôr a escolta a novas deserções de algum soldado dos Indios: em cujos termos continuando viagem a lessueste e leste se achou neste rumo desaguar pela parte occidental do rio outro, que ao parecer terá 400 braças de embocadura chamado *Itonomas*(1), nome que lhe provém de huma nação de Indios, que alli se achavão aldeados em duas povoações, huma chamada de *S. Martinho*, e outra *Santa Maria Magdalena*, missionadas pelos

(1) *Itonomas*. O verdadeiro nome he *Itonamas*.

Religiosos de Santo Ignacio da mesma sujeição que as antecedentes ao Superior de Santa Cruz de la Sierra.

Nesta viagem da bôca do *Itonomas* rio acima, esteve Francisco Leme, e seus companheiros, quando fizerão a primeira navegação pelo *Aporé* abaixo, e do que já neste *Diario* se fez menção, dizem haver em hum ribeirão que desagoa no *Itonomas*, outra missão com a invocação de *S. Pedro*, da qual nem das duas referidas foi possivel averiguar o numero dos Indios que tem, porém os seus haveres e commercio he semelhante ao das aldeas dos *Mojos* (1) e seus visinhos.

Este rio *Itonomas* tem a sua entrada ao susudoeste, e as suas agoas são claras e mui semelhantes no sabor ás do *Aporé*. Continuou-se viagem deixando já pela pôpa huma grande correnteza procedida de pedras que ha na margem esquerda fronteira á bôca do *Itonomas*, e de huma ilha que corre ao comprimento do rio, na ponta da qual desemboca o mesmo *Itonomas* ; e no rumo de leste havendo navegado duas horas se achou desagoar no Aporé pela mesma margem occidental outro riachão de quasi igual desembocadura ao antecedente chamado do *Baures*, nome de huma nação de Indios que nella habita, e se achão aldeados em missões como os *Itonomas*. Mostrava ser a sua direcção ao rumo de sudoeste, e são as suas agoas mui semelhantes ás do Mamoré e Beni, porèm como são em menos quantidade, não se faz sensivel no Aporé a sua turvação.

Dizem haver neste rio quatro aldêas a saber : *Nossa Senhora da Conceição*, *S. Martinho*, *Trindade*, e *S. Gabriel*, todas administradas pelos referidos Religiosos. A sua communicação com a cidade de Santa Cruz de la Sierra, a cujo Superior estão sujeitos, he navegando rio abaixo a buscar o Aporé e por este descendo vão entrar no Mamoré ; pelo qual subindo com mais de dous mezes de navegação só do Mamoré chegão á referida cidade : e o mesmo succede ás missões do Itonomas para o seu provimento annual, cujos haveres para conseguirem o que lhes he preciso, consistem nos mesmos generos de algodão, cera e assucar, de que usão para suas commutações as missões dos *Mojos* ; porquanto o continente, por onde fazem passagem estes dous riachos a buscar o Aporé, he de situação plana e alagadiça, sem producção de metaes da mesma sorte que he o terreno, de que já se

(1) *Mojos*. Nós dizemos *Moxos*.

fez menção, quando neste *Diario* se tratou dos *Mojos*; sendo o temperamento do clima em toda esta região tão irregular, que não se conhecendo em todo o anno distincção de tempos, pois o calor he de hum perpetuo estio, de repente se levanta hum vento sul frigidissimo, cuja mutação põe em desordem os humores, que occasiona nos habitantes muitas e mui perigosas doenças; e desta intemperança que he quasi continua, resulta incapacitarem-se aquellas campinas de produzir fructos da Europa, e apenas ha huma mediocre colheita de alguns legumes e arroz, como tambem de canaviaes de assucar.

Fundárão-se estas missões dos *Baures* nos ultimos annos do seculo passado, nos primeiros do presente, sendo Apostolo deste gentilismo o Veneravel Padre Cypriano Baraso, de nação Navarro, esclarecido filho de Santo Ignacio; que depois de 27 annos de immenso trabalho na conversão de muitas nações barbaras, e haver fundado a aldêa da *Santissima Trindade* foi martyrizado pelos referidos *Baures* no anno de 1702 aos 61 annos de sua idade.

Passado aquelle districto em que desagoa o *Baures*, se proseguio viagem no mesmo rumo de leste, e portárão ás canôas ás onze horas do dia na margem oriental, em que já havia mais de cinco legoas de distancia da aldêa de *Santa Roza*: e neste dia em 5 horas de caminho se andarião 4 legoas.

Neste lugar se determinou o Commandante a esperar a resulta do que succedia a respeito do Capellão, e sendo já cinco horas da tarde chegou a canoinha de pescar da escolta; e perguntado o soldado que andava com os poderes sobre o caso da ausencia do Padre, não deu noticia alguma; e sendo inquirido a respeito da outra canoinha em que andavão dous Indios e hum branco Paulista montariando para a comitiva dos dous ministros José Leme do Prado e Francisco Xavier que a escolta conduzia, respondeu que sahindo esta canoinha ao mesmo tempo de madrugada, e seguindo rio acima até a primeira ilha della voltára para baixo buscando a outra parte do rio, e que a não tornára a vêr, nem sabia se nella ia mais alguma pessôa que as costumadas, termos em que se assentou por certo que na canoinha dos Missionarios havia o Padre executado a fuga concorrendo mais a circumstancia de haver no genio do dito Paulista toda disposição para se deixar persuadir das imprudentes suggestões do referido Padre.

Brevemente se conheceu este discurso verificado, por que às sete horas da noite chegou o dito Paulista na sua canoinha tão confiado e satisfeito de si, como se tivesse executado huma proêza de eterna fama, porque sendo perguntado pelo succedido respondeu com todo desembaraço que elle recebêra de noite na canoinha o Padre, e quando sahio com a outra de madrugada, o levára á aldêa, e voltando logo com o dito Padre olhando da ponta da enseada e vendo as canôas no mesmo lugar presumira o Padre que já era persentida a sua falta, e voltára com elle para a aldêa, e de lá mandava buscar os seus trastes, como constava de huma carta, que o mesmo Padre escrevia ao Cabo que lhe apresentou.

Foi logo este Paulista, que se chama João Leme, mettido em hum grilhão em recompensa da grande acção que lhe pareceu havia obrado : e lido o escripto do Religioso constava o que o dito Leme havia referido, dizendo mais que elle queria naquelle lugar tomar huma cura para se remir de alguns achaques que o vexavão, e depois de melhorado seguiria viagem até á Ilha grande, ou Matto Grosso em canôa daquella missão, cuja desacertada resolução perturbou de todo o socego e quietação, com que até aquelle lugar se havia navegado tantos mezes.

Huma grande perplexidade se offerecia na resolução que se havia de tomar para sahir deste embaraço, sem prejuizo do Real serviço, porque para ir buscr o Religioso á força era preciso manifestar o poder, que talvez não estaria ainda publico ao Missionario Castelhano ; para seguir viagem sem Capellão podião resultar muito más consequencias, por que seria factivel morrerem sem confissão no que faltava para navegar alguns dos Indios, que já principiavão a adoecer ; o que succederia tambem aos brancos, pois não havia seguridade da saude com que de presente se achavão : e demais se o Padre Capellão ainda não tivesse deposto nada do que continha aquella escolta, poderia depois de irritado de lhe não mandar os seus trastes (que a maiores excessos o poderia arrebatar a terribilidade de genio, ou por continuada communicação e familiaridade com o Castelhano) relatar tudo o que presenciara, de tomar alturas e observar rumos ; e por este modo ficar de todo inteirado aquelle mesmo Missionario, de quem tanto era preciso desviar todo o conhecimento das operações da escolta, por ser a mais recommendada circumstancia que havia nas ordens com que fôra expedida.

Nestes termos era preciso usar de algum arbitrio para poder sahir deste aperto sem perturbação, que produzisse effeitos desagradaveis á Magestade de El-Rey nosso Senhor; em cuja consideração conferindo o Commandante esta materia com José Gonçalves da Fonseca, que levava na escolta a incumbencia das indagações que constão deste *Diario*, foi de parecer—que por nenhum caso convinha deixar o Capellão pelas razões acima ponderadas, porém que o ir busca-lo com força manifesta corria igual inconveniente: e o meio indifferente que occoria era, que como na escolta ião os dous Missionarios José Leme do Prado e seu irmão Paulo Leme, que na vinda do Matto-Grosso havião estado naquella mesma aldêa e fallado com o Missionario della, poderião estes ir, com o pretexto que se lhes insinuasse, á aldêa, e quando achassem occasião opportuna, fizessem toda a diligencia de reduzir o Capellão a voltar: e para que estes dous homens não excedessem cousa alguma da commissão que se lhes dava, os fosse acompanhar pessôas de confidencia em trajo disfarçado para se não afastar delles emquanto estivessem fallando com o Padre Castelhano, em ordem a que não tivessem lugar de tratar materia, que não era conveniente communicar.

Conveio o Cabo neste parecer dizendo o poria em execução no caso de ser o mesmo José Gonsalves o que acompanhasse os Lemes, e se encarregasse mais da incumbencia de persuadir o Padre a voltar. Não houve duvida da parte do convidado em aceitar a empreza, com tanto que elle se havia de preparar de canôa, gente, e armas a seu arbitrio por ser prevenção conveniente para tudo o que podesse succeder, no que concordando o Cabo se destinou o dia seguinte para esta funcção.

Ao amanhecer do dia 19 de Fevereiro mandou José Gonçalves descarregar a sua canôa, e entregou ao Cabo os papeis que levava pertencentes á incumbencia da viagem, escolheu 4 soldados e 1 Sargento, metteu em lugar dos Indios remeiros a dous mistiços seus escravos, e hum preto, e com outros trez pretos escravos dos Lemes se espiou a canôa levando só de Indios doze pilotos, e dous proeiros de confiança, e com as armas proporcionadas ao numero de brancos e escravos se embarcou com José Leme e Paulo Leme, e principiou a rodar o rio abaixo ás 8 horas da manhã.

Pelo caminho houve bastante tempo de se instruirem os Lemes na pratica que havião de ter com o Missionario, advertindo que na presença delle havião de tratar ao dito José Gonsalves por seu criado, para concordar o tratamento com o trajo desprezivel em que ja ia, sem que o admittissem a assento na conversação: e ao tempo que de longe se avistou a aldêa, se recolhêrão os soldados debaixo das toldas com ordem de não apparecerem se não em caso de serem chamados.

A's onze horas da mesma manhã portou na aldêa a canôa, e desembarcando os trez sujeitos destinados, se poz a canôa de largo para não haver prática com os Indios Castelhanos, que logo corrêrão a ribanceira a notar os hospedes; buscou-se o Missionario, e ja se achava em refeitorio com o Franciscano, e como a casa era terrea e a porta aberta, patente a casa a quem passava, logo que o Jesuita vio os Lemes, os chamou dentro, e deu lugar a fazerem-lhe seu comprimento, que aceitou com benevolencia, dizendo-lhe sahissem para fóra a esperar hum pouco, que depois de jantar fallaria mais de espaço.

Mandou-lhes o Missionario pôr mesa, e de hum pouco de gigote (1) e alguns lacticinios se compoz o jantar que veio, do qual dispensárão os Lemes hum prato ao seu novo criado, que afastado da mesa posto de pé estava construindo a vianda, a tempo que chegava a buscar os hospedes o Missionario, que ja havia jantado. Novamente se cumprimentárão os conhecidos, e logo o Jesuita entrou a formar queixas com o fundamento de não terem portado quando passárão, nem ao menos consentirem que hum Religioso Sacerdote tivesse a consolação de fazer aquelles actos de piedade, que tinha de obrigação pelo estado que professava, e que nesta parte havião usado huma grande tyrannia com aquelle Religioso, a quem pelo seu caracter se devia todo o acatamento.

A esta correcção respondeu José Leme que, quanto a não terem portado na aldêa, occorrião duas rasões, que os persuadião a não terem por então o gosto de obsequiar a S. R.: a primeira era pelo receio que tinhão de lhes fugirem alguns escravos, como havia experimentado quando fizera viagem para baixo, de que S. R. estaria bem lembrado, pois fugindo-lhe no seu porto hum Carijó, lhe não fora possivel o recu-

---

(1) *Gigote*, i. é., carne em bocados afogada, ou como vulgarmente se diz carne guisada.

peral-o: a segunda era achar-se com receio de portar, por quanto quando daquella aldêa partira sem o seu Carijó encontrára perto do rio *Mamoré* o R. P. Visitador, que fazia viagem para cima, o qual pretendeu impedil-o, e o queria fazer voltar para traz, dizendo que aos Portuguezes não era licito navegarem aquelle rio; e tanto assim que chegou o Padre a querer usar de alguma violencia attacando-lhe a canôa para não proseguir avante: o que supposto por entender que o mesmo Visitador deixaria alguma ordem pera na aldêa se praticar semelhante impedimento, lhe dera motivo, e aos mais companheiros para passarem de largo, que quanto ao Religioso lhe negavão a ida á aldêa pelas mesmas rasões, accrescentando outras de que elle vinha em huma canoa de hum homem mui impertinente morador do Pará que ia a seu negocio ao Mato-Grosso, o qual pelo que tinha ouvido das couzas mencionadas, não queria por nenhum modo portar na aldêa, e que elle dito José Leme vendo o que passava, e lastimando-se daquelle Religioso concedera a sua canoinha ao Padre para nella vir fazer a sua reconciliação, e o Padre (que ja estava presente) podia asseverar se aquella era ou não a verdade.

A isto disse o Franciscano, que percebeu muito bem a idea, por cuja rasão respondeu crente que nada do que dizia o Leme deixava de ser verdade, e a sua queixa não era contra elle, mas sim do dono da canôa, em que fazia viagem, pois com muito máo termo se excusara de portar na aldêa, sendo para hum fim tanto do serviço de Deos. Ao que respondeu o Leme, que a sua vinda alli não era com outro intento, se não para offerecer a S. P. passagem na sua canôa no caso que quizesse continuar viagem. Aqui houverão escusas do Franciscano, e outras palavras de pouca importancia entre hum e outro.

Houve então lugar de dizer o Missionario ao Leme, que quanto ao que elle entendia de ordem para alli se impedir a passagem aos Senhores Portuguezes, tal não havia, somente a que tinha do seu Superior com pena de excommunhão, era de não poder elle nem outro qualquer Missionario das aldêas confinantes ao Mato Grosso ter trato algum de negocio com os seus moradores, que respeitasse a compras e vendas, porêm que por modo de esmola aos passageiros que necessitassem de mantimento, não havia prohibição alguma que impedisse esta caridade, e assim que se elle

José Leme necessitava de alguma couza, que com toda a vontade observaria. Ao que agradecida a offerta accrescentou, que se S. R. lhe concedesse a faculdade de comprar aos aldeões alguma criação, o estimaria muito. Não houve duvida nesta parte, e se recolheu o Missionario ao seu repouso.

Livre o campo para se poder entrar em batalha com o Padre Capellão, se retirou este com o referido José Gonsalves a lugar accommodado para a disputa de voltar ou não para a escolta, e depois de huma pequena resistencia que houve ás primeiras rogativas e instancias, conveio em seguir viagem com condição de que se não havia de castigar o Indio seu pescador que o acompanhara : dada palavra de que se não vexaria o Indio, na certeza de que não era elle o que merecia o castigo, foi inquirido o tal Padre do que havia passado com o Missionario a respeito da escolta : asseverou que elle nessa materia não fallara palavra, pois o pretexto que dera delle fazer aquella viagem, fôra o de ir pedir humas esmolas para o seu hospicio, visto haver commodidade de passar com aquelles mercadores ás Minas, facilmente se acreditou nesta parte, por quanto o Missionario não deu signal algum de ter noticia da realidade do caso.

Nestes termos somente restava fazer huma exacta indagação do que constava a aldêa, para o que visto haver licença do Missionario se subornárão os animos do Cacique (1) e Alcaide com dadivas de pouquissima importancia, como anzoes, agulhas, velorio etc. os quaes facilitárão a entrada por todas as casas que foi conveniente registrar, e cathequizarão os mais a vender algumas aves e farinha de milho.

Depois que no anno de 1742 fizerão aquelles moradores do Mato-Grosso ja mencionados a primeira viagem pelo rio *Aporé* abaixo, e forão ás aldêas de *Santa Maria Magdalena de Itonomas*, e da *Exaltação do Mamoré*, fundou o Padre Athanasio Theodosio de nação Italiano a aldêa de *Santa Rosa* na margem oriental do *Aporé* em não muita distancia donde á margem occidental desagoa o sangradouro chamado de *S. Miguel*; porêm não agradando aquelle sitio em rasão das muitas formigas que devoravão as plantas recemnascidas, a

---

(1) *Cacique*. He o nome que se dá ao Indio, de quem os da sua nação se considerão vassallos.

mudou o mesmo Padre rio abaixo para o lugar em que hoje existe, que he sobre o barranco do rio da mesma margem oriental, quasi na falda da Cordilheira geral, que naquella parte se avizinha ao rio, e faz a cachoeira de que ja se deu noticia neste *Diario*, que em tempo de sêcca he bastantemente embaraçada, e no rio a meio barranco he mui perigosa, em rasão de serem os canaes impedidos de penedos, que sendo furiosa a corrente não tem desvios.

A planicie, em que está fundada esta aldêa que se acha a 13 gr. e . min. de elevação austral, foi desassombrada de arvoredo á força de braço, e levarão o roçado desde o barranco do rio por espaço de hum quarto de legoa ao centro até a raiz das montanhas, que correm pela espalda: seguindo o rumo do rio, a frente em que estão edificadas a Igreja, casa do Missionario, e as dos Indios terá 600 braças correndo o rumo de lessueste com o rio. Das extremidades, em que a aldêa principia e acaba, ao comprimento corre arvoredo espesso desde a margem do rio até as serras, formando quasi hum meio circulo, que faz um oriente mui agradavel, quando de cima do barranco se registra com os olhos aquella campina, arvoredos, e montes.

A Igreja he de huma só nave sem proporção de altura com a largura, a construcção he de madeira e barro, e de ornato estava summamente destituida: a unica alfaia de preço era uma lampada de prata de não muitos lavores e de tosco feitio, que fazia assistencia com luz ao Sacramento, que se guardava na capella mór, e unica em sacrario sem obra alguma exterior, que indicasse estar alli aquelle adoravel deposito. Dizem ter preciosas casulas com que celebra o Missionario nas festas principaes do anno.

Na mesma altura da Igreja corre a sacristia, e dahi no mesmo ponto a casa do Missionario, que se compõe de trez cubiculos, que cada hum consta de casa de assistencia, e outra menor para repouso. Segue-se hum casarão, que sómente tem telhado e esteios que o sustentão, em que estava uma officina de carpintaria, e nella havião madeiras muito bem lavradas, e já feitas algumas folhas para portas, e janellas; tambem havia na mesma casa hum tear em que se estava tecendo fio de algodão, cujo panno não era inferior no fino e tapado ao melhor de linho de Guimarães. Erão artifices de huma e outra

fabrica Indios da mesma aldêa. A este casarão se seguia na mesma ordem de altura e construcção mais duas casas, que huma era refeitorio, e a outra dispensa, desde a qual até a Igreja tudo o referido cobria um telhado reparado com hum genero de colmo, que imita o junco da Europa, e suppria a falta de telha.

A aldêa he de figura longa com duas ruas de casas lançadas em linha, e estão edificadas á parte opposta da Igreja, mediando entre esta e aquellas hum terreiro plano sufficientemente espaçoso. A pobreza dos Indios bastantemente se manifesta na humilde construcção de casas, que tem poucas de barro e colmo, e a maior parte so deste ultimo material se compõe tecido em termos, que delle se formão as paredes e os telhados. Corresponde a esta pobreza exterior a penuria interna, por que sem distincção de Indios principaes ou ordinarios todo o seu preciso se reduz a huma miseravel rede em que dormem, e huma officina de varias panellas de barro em que guisão o seu milho por muitas formas, e todas tão insipidas ao gosto como desagradaveis á vista: as mulheres são as que continuamente se occupão neste ministerio, e outras em dar os seus algodões para delles fabricarem as tunicas, de que se cobrem tanto os homens como as mulheres, com a differença que estas usão daquelle vestuario como roupas de preguiça, sem mangas, que as cobre até os pés, e os homens como opas de Irmandade, sem abertura diante; que os veste até meia perna.

São estes Indios muito bem apessoados, ao parecer valentes: as armas são as communs, arco e flecha, e se notou não terem nas casas outro genero algum de instrumento offensivo ou defensivo. A primeira nação que se cathequizou para esta aldêa, se chama *Aricoroni*, depois se lhe aggregou outra ambas habitadoras daquella vizinhança, e agora unidas na aldêa farão o nº. de 500 pessoas de hum e outro sexo e idade, e entre estes 150 capazes de usar de armas. O Missionario que os doutrina e administra, he o mesmo que os aldeou, e o que de presente alli se achava, cujo nome e nação já fica referido.

Vivem todos estes Indios pouco satisfeitos da administração dos Hespanhóes, porque o Cacique, que entre todos he o que estava melhor industriado no idioma Hespanhol, se queixava da nimia miseria com que erão soccorridos

de instrumentos para suas lavouras, e de anzoes para as suas pescarias, de sorte que além de não terem nem huma faca para o uso commum, erão precisados muitas vezes a usar de seus machados de pedra para roçar mato da mesma sorte que o fazião antes de se acharem civilisados. Os seus haveres consistem no algodão, alguma cera do mato, e o gado, que se apascenta no pequeno circuito de campina, que medeia entre a aldêa e as serras.

Perguntando a este Cacique para que fim erão as madeiras lavradas e o panno que se estava tecendo junto á casa do Missionario, respondeu que o Padre intentava mudar a aldêa para o centro junto á serra, e que aquellas madeiras erão para a nova Igreja e casas do Padre, e o panno era do que costumava tecer todos os annos para elles irem á *Santa Cruz* buscar o que era preciso para a Igreja, e Missionario, e algumas cousas para os Indios.

A configuração da perspectiva que faz esta aldéa se offerece no seguinte debuxo, em que se descreve (1).

Acabadas as horas de estar em silencio o Padre Missionario Athanasio Theodoro, que findou ás trez da tarde, se preparou o Capellão para o embarque, em cujo trem além do Breviario, que somente levára para a aldêa, já conduzia mais hum sufficiente alforge, que nella achára a beneficio da piedade Italiana daquelle Missionario, que não deixou o Franciscano em demasiado agradecimento.

Com affabilidade e cortezia despedio os Mineiros recommendando-lhes a particular attenção que se devia aquelle Religioso, e com as mais palavras geraes de despedidas se recolheu da ribanceira até onde acompanhou os hospedes; os quaes mandando chegar a canôa se embarcárão, e seguirão viagem ás quatro horas da tarde, e se incorporarão com a escolta ás onze horas da noite, entrando o Religioso para a sua canôa quasi com o mesmo silencio, com que della se havia sahido.

No dia 20 de madrugada se continuou viagem ao rumo de sueste, que durou por duas horas, avistando-se a Cordilheira geral á parte esquerda, e passando ao rumo de sussueste se forão perdendo de vista as serras; e havendo caminhado neste rumo pouco mais de huma hora tornou a sueste, e

(1) Este desenho não se reproduzio.

logo a leste, e passando a nordeste alargou o rio em duas grandes enseadas, cujas agoas circumdavão huma Ilha de figura quasi triangular, e na ribanceira que logo se seguio da parte esquerda, se derramava o rio em hum lago, e seguindo a este hum grande pantanal indo já o rio outra vez a leste, e neste rumo se avistou á parte direita a primeira campina, que se costeou por espaço de duas horas, e nella portarão as canôas com dez horas de caminho, em que se andarião sete legoas, em rasão de algumas correntezas que se encontrárão por ser já a cheia do rio mui crescida, da qual tambem resultava a penuria de peixe cada vez maior, de sorte que já por esta altura se tinha por cousa escusada usar de linha, e apenas havia alguma esperança na espingarda para o sustento.

Esta campina se dilatava ao centro quanto a vista podia alcançar, e dizião os Praticos que por muitas legoas se dilatava do mesmo modo que alli se manifestava, e se persuadião que nella e nas mais que se seguião, vinha a acabar toda a terra baixa que ha das serras do Perú para o nascente, por cujo continente passão os rios de que neste *Diario* se tem feito menção.

Por estas campinas costuma o rio derramar-se no ultimo ponto de sua maior enchente todos os annos formando lagos e pantanos mui dilatados, que prohibem a montaria dos veados que costumão ter em abundancia, sem embargo de que muitas vezes em *ubás* pequenas se navegão as mesmas campinas, e nos reductos de terra que escapão da inundação dizem ha bastante providencia de caça ministrando tambem os lagos aquelle peixe, que desamparando a mãi do rio busca com a enchente aquella nova habitação, em que depois de vasar o rio e por ultimo seccarem os lagos, servem os que nelles se esquecem de pasto das aves, que em bandos acodem em tempo competente a estas fertilidades.

Dia 21. A's trez horas da manhã se principiou viagem no rumo de leste, e logo se passou ao sul e sudoeste continuando campina da parte occidental, e da oriental huns lagos que se dilatárão atè misturarem suas agoas com as de huns pantanos que faz o rio penetrando pela terra dentro por varias bôcas. Em canôas pequenas se entra pelos lagos, e sahindo aos pantanaes se atalhão grandes voltas do rio, e se faz caminho mais breve, o que não he possivel em canôas de quarenta palmos para cima, em razão de ser preciso de-

cepar a espessura do arvoredo, que tecido huns com outros embaração os canaes, por onde a agoa do rio se introduz para o centro.

Por esta altura se não augmentava para o sul espaço consideravel, por se inclinar tanto a navegação a leste, que em muitas voltas passava a norte e nordeste, e desfazendo estes mesmos rumos passava outra vez a norte e sueste proseguindo a lessueste, em que mais se alterava por ser este o da direcção. Nestes rumos aqui expressados se passárão os lagos referidos e pantanaes, e logo no fim do estirão não muito comprido entrava o rio pela mesma margem esquerda a formar outros pantanaes, que se ião communicar com os antecedentes: seguião-se logo duas ilhetas de figuras longas lançadas ao comprimento do rio, o qual formava por entre ellas e as margens trez canaes, em que havia alguma correnteza. Passadas as Ilhas e a enseada em que estavão, se navegou a leste, e já da parte direita se não manifestavão campinas, só sim uma larga embocadura de agua de igual largura á mãi do rio, que navegado um quarto de hora por equivocação se achou dividir-se aquella grande porção de agoa em trez braços, dous que margeavão o rio, e outro que se dilatava ao centro: conhecido o erro pela falta de correnteza, voltárão as canôas, e sahindo fóra se seguio á esquerda nos rumos costumados e acima ditos: logo mais acima da referida embocadura se offereceu outra tambem á parte direita, que se deixou, e se seguio viagem á esquerda, e navegando no rumo de leste se encontrou com a canôa da vanguarda (que era a do Cabo da escolta) com uma *ubá* grande do lote de sessenta palmos com um toldo na pôpa guarnecido de couros por curtir com seus postigos, que fazia uma figura como de liteira de alquile (1). Nella passava um Religioso de Santo Ignacio da aldêa de *S. Miguel* para a de *Santa Roza*.

Suspendêrão os Indios Castelhanos os remos para prolongarem a ubá com nossa canôa. As saudações de altas vozes que fizerão os Indios uns com os outros, *Amigos*, *Amigos*, etc., sahio do retrête o Jesuita, e vendo aquella novidade cumprimentou o Sargento-mór, a que este correspondeu, e logo o Padre lhe perguntou que viagem era

(1) *Liteira de alquile*, i. é., liteira de aluguel.

a sua? respondeu que ia por aquelle rio acima. Que isso era verdade, tornou o Padre; porém se fazia sua mercê viagem ao *Matto-Grosso?* Satisfiz á esta pergunta com outra nas seguintes palavras:—E está muito longe essa terra? Satisfez o Padre com responder que dalli á *Ilha Comprida* serião oito dias, e desta ao Matto-Grosso ouvira dizer que erão vinte. Agradecendo o Sargento-mór a noticia, e mettendo logo o negocio a palavras de despedida, mandou remar a sua canôa, os da ubá fizerão o mesmo, e ao passar esta pelas mais canôas, que já vinhão chegando, mandou o Padre disparar trez tiros de espingarda em obsequio, que foi respondido com geral silencio.

Continuou-se viagem a leste, sendo toda a enseada da parte direita pantanal, e passando aos rumos de norte e nordeste se achou correr huma Ilha com as voltas do mesmo rio encostada á parte esquerda delle de dilatado comprimento, e limitada largura toda alagadiça; e logo passando a sudoeste se achou á parte esquerda hum lago, e depois caminho de leste hum estirão mui comprido, que da margem direita quasi todo era de campina, e passadas duas Ilhetas portárão as canôas com dez horas de caminho, em que se andarião 8 legoas.

A 22 se deu principio á viagem no rumo de nordeste e logo a lessueste, e neste se avistárão as primeiras campinas á parte esquerda, as quaes se achavão já pela margem em grande porção inundada. Rematavão-se estas campinas em arvoredo espesso seguindo a falda da cordilheira geral que corria com o rumo do rio, e com a vista das mesmas campinas e serras se continuou viagem no mesmo rumo de lessueste, e na mesma campina á parte esquerda portárão as canôas com 13 horas de caminho, em que se andarião dez legoas.

No principio destas campinas foi a primeira fundação da aldêa de *Santa Roza*, e por causa da immensidade de formigas se mudou para o rio abaixo, como já neste *Diario* se fez menção.

Dia 23. Principiou-se viagem a nordeste, e logo a leste e sueste, em cujo rumo finalisou a campina em hum mui grande pantanal, onde se congregavão as agoas, que descião das serras com as da campina, e sahião ao rio por huma desembocadura de igual largura ao rio, e logo mais adiante passada uma pequena Ilha alargou o rio em huma dilatada

enseada, na qual em razão de huma Ilha, que segue o rumo de toda a volta do rio, formava esta dous canaes, qualquer delles de bastante largura. Na da parte oriental desagua o pantanal antecedente por outra bôca ainda de maior largura do que a já mencionada; e ao da parte do poente desaguava hum sangradouro de larga desembocadura e de bastante quantidade de agoa. Finalizou a grande enseada ao sul, e serião nove horas da manhã se avistou huma ubá pequena com Indios domesticos, pescadores da aldêa de *S. Miguel*, com os quaes se não teve pratica alguma, e só ao passar por elles se lhe ouviram as suas saudações costumadas, accrescentando *S. Miguel*, *S. Miguel*, etc.

Pouco se andou no rumo do sul, porque logo se navegou a sueste e leste, e ás 4 horas da tarde se achou ser a ribanceira da parte esquerda de barranco alto, onde se achárão alguns vestigios de haver naquelle lugar roças de Indios; e com effeito, sahindo hum dos nossos Indios á terra viu de cima da ribanceira hum dilatado terreno plantado de milho, e passada meia hora de navegação daquella ribanceira alta, corria esta para o sertão donde sahia hum sangradouro quasi de igual grandeza á mãi do rio, e logo mais adiante desagoava outro semelhante que ambos inculcavão vir de grandissimo ajuntamento de agoas, que havia naquella margem.

Continuando a viagem no mesmo rumo de leste e lessueste, passado o ultimo sangradouro, a huma hora de viagem se achou desagoar outro pela margem direita de muito maior grandeza que os antecedentes, e se assentou ser aquella desembocadura a do rio chamado *S. Miguel*, que na verdade he sangradouro do Aporé, pois da agoa do mesmo rio sem concurso de outra tem sua entrada meio dia de viagem daquella bôca, indo pela mãi do rio, e por dentro se gastou mais de hum dia fazendo huma mui grande Ilha tanto em comprimento como em largura a terra, que medeia entre os dous grandes canaes, que aqui fórma o rio, sendo o principal, o que se foi navegando á parte esquerda. A's sete horas da noite portárão as canôas com onze horas de caminho, em que se andarião 9 leguas.

Achava-se a aldêa de *S. Miguel* mui vizinha ao sitio em que portárão as canôas, e como os aldeões concorrião das roças para no dia seguinte ouvirem missa por ser o de 24 do mez dedicado ao Apostolo S. Mathias, passárão algumas ubás de Indios, que attendendo á novidade se chegárão a querer

conversação; e para se evitar passárão as canôas á outra margem do rio fronteira á aldêa, e não houve por então mais visitas a receber.

No dia 24 mui de madrugada se celebrou missa para immediatamente se seguir viagem, a qual foi preciso suspender, por quanto o Ajudante da escolta Aniceto Francisco de Tavora, que levava a seu cargo os mantimentos com que se assistia aos soldados e Indios, representou ao Sargento-mór Commandante que o armazem não se achava com farinha para supprir oito dias de viagem, ainda dando-se huma só ração por dia, como já se dava; que o rio não ministrava peixe, em razão da cheia que o havia levado para o centro do mato, e este não contribuia com genero algum de caça, porque alguma que podia haver, se retirava para a terra firme: em cuja extrema necessidade requeria em nome dos soldados e Indios, que antes de passarem adiante daquella povoação se tomasse algum expediente de soccorro para supprir ao menos com duas rações por dia, visto não haver outro genero de sustento para os remeiros; pois da sua conservação dependia o complemento da viagem; e quanto mais já indo alguns dos Indios doentes, estes não poderião melhorar nem restabelecer-se sem alguma gallinha, para com o sustento della se ajudarem os remedios, que sem essa circumstancia não sómente erão inuteis, mas alguns passavão a ser prejudiciaes.

Os Mineiros, que tambem fazião viagem remados por seus escravos e alguns Indios, tambem expozerão a necessidade em que se achavão, e era constante o irem sustentando a sua comitiva unicamente com palmito do mato, que nem sempre achavão, por cuja razão necessitavão de algum soccorro para supprir a mez e meio de viagem, que ainda restava, aliás que se vião precisados a virar as canôas em terra, e fazer arraial até acharem providencia ou de algum gentio ou dos mesmos matos, para o que necessitavão de tempo para se poderem remir com algum destes meios.

Como estes requerimentos se justificavão com a evidencia, e se fazia impossivel, que os Indios aturassem o trabalho do remo com huma só ração de farinha por dia, e alguma já com principio de corrupção, houve bastante embaraço para se tomar algum expediente, que sem prejuizo do serviço remediasse a necessidade presente, e tambem a futura no muito tempo de viagem que ainda faltava, e consumindo-se

algum tempo nesse embaraço, sendo já sete horas da manhã sem se determinar cousa alguma, houve lugar de atravessarem humas ubás de Indios, que sahirão do porto da aldêa, que se achava á vista, e que abordárão a canôa do Commandante protestando boa paz e amizade, perguntando se passavão ao *Matto-Grosso*; ao que se lhes não respondia com coherencia, e sómente se inquiria delles se havia alguma farinha de milho e gallinhas para vender por anzóes, agulhas, velorio, etc. Aceitárão a proposta com alvoroço, e se fizerão na volta de ir buscar os mantimentos mencionados.

Neste meio tempo concorrêrão mais canôas da mesma aldêa, e em huma dellas hum Indio domestico do Missionario e bastantemente pratico no idioma Hespanhol, que logo conheceu aos Mineiros (1) José Leme e seu irmão da occasião que elles portárão na mesma aldêa na vinda do Matto Grosso ao Parà; soube-se pelo tal Indio, que os aldeões sem faculdade do Padre não venderião cousa de consideração: em consequencia do que e da necessidade em que se achavão todos, se deliberou o Commandante mandar José Leme e seu irmão á aldêa a negociar mantimentos para todos, e por quanto elle Commandante não podia desamparar as canôas da escolta convidou á José Gonsalves da Fonseca fizesse segunda jornada disfarçado, ordenando aos ditos Lemes seguissem a sua direcção, e que com pessoa alguma praticassem sem todos trez estarem presentes.

Disposto este expediente se mettêrão em huma canoinha de pescar, acompanhados sómente de trez escravos de confidencia, e partirão para a aldêa em quanto as canôas se retiravão a maior distancia della, em ordem de evitar o concurso dos aldeões, que já era demasiado, mas sem utilidade alguma, pois nenhum trazia cousa que satisfizesse a penuria em que a escolta se achava.

Varou a canoinha no porto da aldêa, que he de alagadiço, e ha nelle huma correnteza tão desordenada, que a cada passo alagava as ubás dos aldeões, se acaso não havia particular vigilancia no tomar terra. Deste alagadiço, que teria trinta braças ao centro, se havia elevado a terra por espaço de quatrocentas, pouco mais ou menos até chegar a planicie

(1) *Mineiros*. Assim outr'ora se chamavão todos os habitantes das Provincias de Minas Geraes, Goyaz e Matto Grosso, onde se exploravão minas de ouro.

em que está fundada á aldêa, chegando a qual houve noticia de que o Missionario andava visitando os enfermos, e neste exercicio foi encontrado em huma das ruas da mesma aldêa.

He este Missionario Religioso de Santo Ignacio chamado Gaspar do Prado (1), natural de Allemanha, de idade ao parecer de oitenta annos: o aspecto penitente, porém mui agradavel e festivo. Com mostras de sincera affabilidade e alegria se cumprimentou com os dous Mineiros, certificando-os de que estimava muito o seu regresso depois de tão larga ausencia de suas casas, que elle lhes queria fallar mais de vagar, porém que não poderia ser sem completar a visita dos seus doentes; offerecerão-se os Lemes a esperar, e mandando ordem por hum Indio de quatro que o acompanhavão, que se abrisse a Igreja para irem orar, e depois os levassem para junto do seu cubiculo, onde costumava receber os hospedes, e assim despedidos proseguio o Padre no seu misericordioso acto, que todos os dias exercitava depois da missa.

Na margem occidental do rio Aporé ha hum sangradouro, de que acima se fez menção, onde estava fundada a aldêa de *S. Miguel* com os Indios da nação chamada *Moré*, e ainda existia no mesmo lugar naquelle tempo em que os moradores do Matto Grosso fizerão a primeira viagem pelo Aporé, porém no anno de 1744 (dizem) que por se haver experimentado algumas doenças mais que as ordinarias, se determinou o Padre Gaspar a fazer mudança daquelle lugar para a nova fundação na margem oriental fronteira á mesma Ilha no braço principal do rio, em que de presente está aldeada a referida nação, e outras mais que daquellas visinhanças da mesma parte oriental se tem catequizado, e vivem naquella aldêa, que ao todo farão o numero de quatro mil habitantes de hum e outro sexo e idade.

Está edificada a aldêa em figura quadrilonga com as ruas lançadas á linha em tão boa ordem, que sendo o assento mui plano formão em meio da fundação hum terreiro quadrado de espaçosa grandeza, fazendo huma das quatro faces o frontespicio da Igreja e aposentos de residencia que se lhes seguem, e as outras as casas dos Indios todas por igualdade na altura, sendo a construcção de madeira e barro com cobertura de colmo. No meio da quadra se levanta hum pilar formado de um tronco de mais de cincoenta palmos de

---

(1) *Gaspar do Prado.* Provavelmente era Gaspar de Pratz.

alto, e no remate huma Cruz (que tudo) ainda que de architectura humilde faz huma perspectiva agradavel.

A Igreja, supposto seja proporcionada na grandeza á multidão do povo, que he preciso assistir ao Sacrificio, comtudo era construida por ordem tão irregular, que fazia duas naves a beneficio de dezoito esteios de madeira levantados a prumo, que sustentavão a viga mestra do ultimo ponto de elevação do tecto.

Divide a Capella-mór do corpo da Igreja hum arco sem proporção de que resulta ser demasiadamente sombrio o vão da mesma capella, sobre ser toda a Igreja mui falta de luz; consiste a capella mór em huma tribuna, em cuja boca pende hum quadro com a imagem de S. Miguel de pintura mui grosseira e amortecida, além da humilde fantasia com que estava obrada. Não havia retábolo, e o altar se via destituido daquelle asseio e decencia precisa para nelle se fazer a sagrada oblação do Santo Sacrificio.

Em dous altares collateraes, que ha nos vãos que faz o arco á parte da Epistola e Evangelho, havia igual desalinho nos paramentos, e crescendo mais estar da parte do Evangelho collocada huma imagem de Christo crucificado de avultada estatura, porém de feitio tão tosco, que pareceu indecencia grave estar exposta á adoração dos fieis.

Outra não pequena indecencia se advertia na capella-mór, que era supprir a falta de lampada e de oleo hum vaso tosco de barro posto a hum canto, em que ardia material indigno de huma casa particular, quanto mais daquelle lugar, em que no sagrado tabernaculo assistia a magestade de Christo Sacramentado: finalmente o todo desta Igreja, ainda sem examinar as partes, era de apparato tão triste, que se fazia precisa huma vehemente consideração de que era casa dedicada a Deos para não entibiar a reverencia, e não esfriar a devoção.

Seguião-se á Igreja as casas de residencia do Missionario divididas em varios cubiculos em andar terreo, que occupavão bastante porção de terreno; descia do alto da frontaria huma cobertura sustentada por esteios, que amparava hum vão de treze palmos de largo guarnecido de gradamento tosco por entre os esteios, e nesta como varanda he que o Padre recebia os hospedes. Concluia-se a face do quadro já referido com a casa de engenho de fazer assucar edificada de muito boas madeiras, e todas as mais officinas erão con-

gruentes ao ministerio daquella fabrica. Não moia naquelle tempo, mas dizem ser operarios della os mesmos Indios.

As casas destes erão muito mais bem fabricadas que as da aldêa de *Santa Roza*, porque além de serem maiores, todas erão de madeira e barro. A consistencia do interior era de igual pobreza ás da dita aldêa. Sómente no que havia excesso era na multidão dos individuos; por que cada casa era especie de senzala, em que vivião trez e quatro familias de cada nação sem haver mixto de humas com outras.

Não ha *idioma geral* para estes Indios, como succede com os do Brasil: cada nação usa do mesmo que teve nos seus matos, e tem os Missionarios o incansavel trabalho de aprender o seu idioma de qualquer nação que se catequiza, para conforme a elle os instruir na vida Christã e politica, a que são admittidos.

Pelo decurso do tempo alguns Indios tem a cadencia de comprehenderem a lingua Hespanhola, porém são mui raros os que concordão os substantivos com os adjectivos; mas os que não podem com toda a expressão explicar-se, tem o supplemento das acções, com que de todo se deixão entender: e este he o termo mais ordinario com que nas brenhas em falta de interpretes se costumão catequizar.

O commercio desta aldêa he dos mesmos generos de que já nas antecedentes se fez menção.

Communica-se esta aldêa com a de *S. Simão* (tambem fundação nova, de que em seu lugar se fará memoria) em trez horas de jornada por terra á primeira fazenda de gado, e dia e meio á povoação medeião entre huma e outra dilatadas campinas, em que se apascenta bastante gado vaccum e cavallar, e além desta fertilidade tem a da cultura das roças, que lhe produz milho e arroz com abundancia; tambem he grande a de aves domesticas, que crião em tão crescido numero, que de todas tem na mesma aldêa grande quantidade; de sorte que por varios modos he povo mais farto e de melhor estabelecimento que o de *Santa Roza*.

A gente desta aldêa he pela maior parte bem disposta de estatura: tem nações que além do bom talhe com que as fabricou a natureza, as distinguio tambem na côr dos mais *Tapuias*, por que a tem de sorte, que mais propende para branca do que para baça, declinando a preta, que he a ordinaria em todos os sertões. O trajo he o mesmo que já se

descreveu neste *Diario*, e somente por ser dia de ir á Igreja se notou nas mulheres o seu genero de enfeites, que consiste em cingir a *tipoia* (que este he o nome que dão ás tunicas já mencionadas) pela cintura, de sorte que apanhada parte da roupa lhes deixa huma pequena porção de perna livre, em que se vejão enleados varios fios de velorio branco, da mesma sorte que os apertão nos buxos dos braços ; e este rustico alinho he o á que se reduz todo o seu adorno.

As armas de que usão são arco e flexa, e haverá nesta aldêa oitocentos Indios dos baptizados capazes de as exercitar.

Como este povo he composto da referida nação *Moré*, que habitava nas terras que se dilatão da margem occidental para oeste, e depois da nova fundação se havião aggregado outras nações das que vivem na margem oriental até á chapada da Cordilheira geral, costumão muitas familias lembrar-se da liberdade dos seus matos, para os quaes se voltão abandonando a vida civil, em que deixão os parentes, e se embrenhão por aquellas vizinhanças, para onde a fim de se reunirem fazem os Padres algumas expedições de gente veterana, que vão buscar os desertores, e naquella occasião se andava em semelhante diligencia com a circumstancia de ser recommendada a dous homens pardos Portuguezes, que do Matto Grosso se vierão refugiar naquella aldêa, onde forão admittidos á protecção dos Padres a beneficio deste ministerio em que se occupão.

Acabou o Missionario a sua diaria visita dos enfermos, e restituido á casa novamente se cumprimentou com os dous hospedes pedindo lhe noticiassem os progressos da sua viagem, e para ser mais solemne a resposta que esperava mandou a um Indio que tocasse a harpa para recreação daquelles senhores. Principiou o Tapuio com o toque de hum rojão, que sem admittir pausa nem variar de peça, passou o recreio a ser matraca, pois satisfazendo os Lemes á pergunta sem se fallar em escolta, e passando a materias indifferentes, que levárão tempo, e já em pé os hospedes para se despedirem, ainda o Tapuio com desatinado impulso conservava o furor da harmonia primeira, que bastantemente perturbava a conversação.

Na despedida se pedio ao Padre faculdade para se negociar com os Indios da aldêa algum mantimento, de que havia grande necessidade para se completar a viagem ; a

á cuja supplica se não offereceu a menor duvida: e logo o Padre mandou chamar o Cacique e o alcaide, e lhes mandou avisassem os aldeões, para que áquelles dous Senhores podessem vender todo o mantimento de que necessitassem: e passou mais adiante a sua benevolencia, porque tambem deu ordem que se esquartejasse huma rez, de que fez offerta aos viajantes, que agradecidos á attenção se despedirão para o porto da aldêa a esperar a negociação de mantimentos que se pretendia.

Em breve tempo concorrêrão os aldeões em grande numero a fazer venda de aves, farinhas de milho, e frutas; e como entre aquelles povos não circula moeda, se usa de commutação: consistia esta em trocar duas agulhas por gallinha, e da mesma sorte dous fios de velorio branco, e á proporção desta inaudita commodidade tudo o mais.

Mandou-se á escolta huma barcada em quanto se negociava outra, e assim em poucas horas se fez hum fornecimento, que prudentemente poderia chegar até á Ilha Grande, em que havia moradores do Matto Grosso, de cujas roças se esperava fazer provimento de milho em grão, por quanto a farinha dos aldeões não era bem torrada, e não podia durar sem corrupção todo o resto da viagem, e para alli se comprar o milho em maçaroca era preciso que os Indios o conduzissem das suas roças, cujo transporte necessitava de demora, a qual por nenhum caso convinha.

Concluida finalmente a dependencia de compra ou commutação pelas 4 horas da tarde, forão os dous Mineiros despedir-se do Missionario; e lhe agradecêrão a faculdade que concedera aos seus Indios, de que resultou o soccorro que havião adquirido, e entrando em palavras geraes de ultimos comprimentos, sem que o Padre reparasse nem attendesse ao silencio que guardava o pobre (1) que acompanhava os Lemes, se retirárão e seguirão para onde se achava a escolta, onde se encorporárão com ella já de noite em huma Ilha distante da aldêa pouco mais de meia legoa ao rumo de leste.

No dia 25 muito de madrugada se principiou viagem no rumo de leste, no qual e no de sueste com pouca demora de duas vezes ao sul se navegou todo o dia. Logo que se sahio da Ilha mencionada se andou hum quasi estirão, em que se

(1) *O pobre*, i. è., José Gonçalves da Fonseca, autor desta narração.

gastarão duas horas, e logo se seguio huma volta, em que no principio della á parte direita desagoa hum sangradouro bastantemente caudaloso, e logo se seguio a este huma campina, que foi acompanhando o rio pela mesma margem, e passada huma pequena Ilha se achou tambem campina á parte direita, da qual desagoa hum sangradouro procedido de pantanal, que alli havia: e esta campina he a que se mette em meio da aldêa de *S. Miguel* e da de *S. Simão*, que ainda ficava rio acima. Na mesma campina, que se dilata ao centro até a Cordilheira, se apascenta o gado, de que se soccorrem aquellas duas aldêas, sendo mudado para este districto do muito que havia na primeira fundação de *S. Miguel*, onde se conserva ainda em muita quantidade amontado.

Com as referidas campinas á vista de huma e outra parte do rio se continuou viagem no mesmo dia, e depois de passar a desembocadura de hum mui grande pantanal, que ha á parte esquerda, se seguio huma Ilheta á parte direita, fronteira á qual está a bôca do sangradouro vulgarmente chamado rio de *S. Miguel*, de que no dia 23 se fez menção; por esta bôca se não pode navegar na occasião de secca em canôa que não seja mui pequena, porque tem corôas de areia, que embaração e totalmente impedem a navegação a canôas maiores. Fronteiro á esta Ilha da parte esquerda desagoa hum lago mui dilatado, que se forma em campina, e dá lugar á navegação de qualquer canôa. A' parte direita havião roças dos aldeões de *S. Miguel*. Seguio-se logo um estirão bastantemente dilatado, e no fim quasi da volta que se lhe seguia portárão as canôas com 13 horas de caminho, em que se andarião dez leguas.

A 26 se principiou viagem no rumo de nordeste a concluir a volta do rio, em que se havia portado a noite antecedente, e depois nos rumos de leste e sueste, que forão os mais frequentes, se continuou a derrota por espaço de trez horas, povoadas as margens do rio de arvorêdo, e depois se descobrirão as campinas de huma e outra parte, as quaes são continuadas desde as que já se mencionárão nos dias antecedentes; e a razão de se não avistarem sempre he pelo impedimento das arvores, que ha na maior parte da ribanceira.

Quatro bôcas de lagos se avistarão á parte esquerda,

cujas agoas se communicão com as do rio, e os mesmos lagos huns com os outros em termos, que parece huma só bahia capaz de navegação á qualquer canôa, e tanto por huma como por outra margem se derrama o rio de sorte, que já se não achava com facilidade pequena porção de terra capaz de dar lugar a guisar-se o comer, nem de se poder a noite dormir, e se via a gente precisada ao grandissimo incommodo de usar da mesma canôa para hum e outro ministerio.

Já por este lugar se experimentavão doenças nos Indios com grande vigor, porque á mudança das agoas accresceu a dos ares e mantimento, que tudo junto fez uma tal desordem na debil constituição dos Indios, que quasi todos ao mesmo tempo se achárão accommettidos de huma queixa (1), que sobre ser asquerosa e os reduzir em mui breve tempo á ultima prostração de forças, he para aquella miseravel gente mal contagioso.

A este primeiro rebate se acudio com os remedios proporcionados ao achaque, no modo que foi possivel, segundo a providencia dos mantimentos da botica e os que ministrarão os matos, que era de melhor effeito, com os quaes e com se lhes reparar a debilidade com algum mantimento de mais substancia se ião restabelecendo aquelles, que por mais robustos não lhes fazia tanta impressão o mal, que nesta primeira avançada tirou a vida a dous, que pela summa fraqueza lhe não poderão resistir.

Neste mesmo dia sendo já de noite portárão as canôas á margem esquerda, onde desagoava um pantanal por desembocadura de igual largura e correnteza á mãi do rio: e neste dia com onze horas de caminho se andarião nove legoas.

No dia 27 se deu principio á viagem muito de madrugada seguindo á parte esquerda; e depois de haver navegado hora e meia de caminho, e sendo dia já claro se conheceu ir errado o rumo, e não era aquelle o rio, por que a agoa e a correnteza ia a menos, e se dividia em varios braços pela campina. Desandou-se o que se havia caminhado, e se proseguio á parte direita no rumo do sul, e depois a leste e sueste, que forão os principaes.

Em hum dos braços, em que terminava o rio que se navegou por equivocação, está situada a aldêa de *S. Simão*,

(1) *Queixa*, i. é., doença, achaque.

que por terra dista da de *S. Miguel* dia e meio de viagem, e um em canôa rio baixo. A sua fundação foi no anno de 1746 pelo Padre Felippe, de nação Hespanhol, para o que catequizou os Indios chamados *Causinos*, e depois alguns casaes de *Cagecerês*, e *Morés*, que todos são habitantes desde a margem oriental do Aporé até ás serras geraes.

Presentemente he Missionario desta aldêa o Padre Raymundo Laynés, natural de Navarra, e haverá nella trezentos Indios de serviço. Desta aldêa ao sitio chamado *Corumbiára*, de cujo descobrimento adiante se fará menção, ha vinte dias de viagem por terra abeirando o Aporé e atravessando as habitações dos gentios chamados *Jaguarotás*, *Mequens*, *Guatarós*, e os já nomeados *Cagecerês*, e *Morés*, e na conversão de alguns destes andava de presente trabalhando o mesmo Missionario Raymundo Laynés pessoalmente.

Nos rumos referidos se proseguio viagem avistando campina á parte direita, por onde desagoavão bôcas de grandes lagos, e depois de se passar huma pequena Ilha fazia o rio trez braços, hum que se encaminha a leste, e era o caminho, outro a sul, que se não sabia averiguar se era resulta de algum grande lago, ou canal do mesmo rio, que desembocava naquelle lugar, e o terceiro de menor porção de agoa que se inclinava ao sul, porém navegando-se á parte esquerda a hum quarto de hora de caminho se achou que o rio pela mesma margem direita se introduzia por dous canaes ao centro, e se assentou que nelle recebendo as agoas da campina lhe dava sahida pelas duas bôcas antecedentes, fazendo huma grande Ilha em meio da communicação destas agoas.

Com pouco mais de meia legoa de distancia do lugar mencionado se achou á parte esquerda o melhor sitio para povoação que até áquelle lugar se havia encontrado depois do de *Santa Roza*, porque era uma campina de boa disposição para fazendas de gado ; e della se passou a huma terra firme alta de arvoredo mui frondoso, não só boa para retiro dos gados em occasiões de grandes cheias, mas tambem para nella se fazerem as lavouras necessarias para sustento dos habitantes ; accrescendo á esta boa disposição de terreno huma particular alegria dos ares, que fazia todo aquelle districto mui aprazivel.

Fronteiro a esta campina, donde já se encobria com os matos, portárão as canôas com seis horas de caminho, em que se andarião quatro legoas.

A 28 e ultimo de Fevereiro se proseguio viagem no rumo de lessueste por entre huma Ilha pequena e a terra firme da parte direita, que era ribanceira alta, e com bom terreno para povoação e lavoura, e aqui estreitou o rio mais do ordinario, e logo nos rumos de leste e sueste alargou em hum pequeno estirão, em que havia Ilha de bastante comprimento chegada á margem esquerda, continuando pela direita a mesma terra alta, que finalizou em mais de meia legoa de distancia.

Seguio-se logo huma Ilha á parte direita, e acabada se achou outra á esquerda, onde desagoava hum sangradouro, que dahi a hum quarto de legoa se lhe achou a embocadura, e mais acima á parte direita hum grande lago que desagoava no rumo de sudoeste, e continuando a direita no de leste em voltas que não passavão do sul, se descobrirão campinas á parte direita, defronte das quaes em huma Ilha chegada á margem esquerda portarão as canôas com seis horas de caminho, em que se andarião quatro legoas.

Fazião-se estas marchas mais diminutas em razão de se acharem os Indios com a oppressão da doença mui attenuados, e como a maior parte delles convalescião com o trabalho do remo, ao mesmo passo que cahião outros enfermos, era preciso moderar o trabalho para não encalhar de todo a navegação, que só á força de braços se havia de concluir.

No principio de Março se proseguio viagem no rumo de leste, lessueste, e sul, e logo se seguio huma volta para leste, que passou huma 4ª ao norte, e nesta qualidade de voltas humas sobre outras, em que mui poucas se augmentava o caminho do rumo, que era lessueste, fazia o rio a sua direcção.

No fim de quatro voltas, que se navegárão com os referidos rumos, principiou caminho de sueste hum mui dilatado estirão, e indo a concluir se achou o sitio chamado das *Pedras*, por vir finalizar naquelle lugar huma ponta de serra, que do centro oriental busca o rio, no qual fórma duas enseadas, cujas pontas se rematão em penedos grandes, em que havia hum de trez faces que se levantava de huma como base, e sobre ella formava figura quasi pyramidal; que, sendo

obra talhada pela mesma natureza, parecia fabrica artificial pela symetria do seu composto, que se fazia objecto mais agradavel pela folhagem larga produzida no seu remate, que ramificando-se pela sua circumferencia a todos os lados pendia.

Passadas estas pedras se seguia por aquella parte toda a margem de terra alta, que fazia hum declivio até encontrar-se com o rio, o qual continuando o estirão que se andou em meia hora, recebia pela margem esquerda huma avultada porção de agoa de sangradouro, cuja embocadura distava do lugar das *Pedras* duas horas de viagem.

Na margem occidental quasi fronteira onde desagoa o dito sangradouro, portarão as canôas em hum lugar, em que fazem fronteira os moradores de *Matto Grosso*, quando sahem a fazer suas pescarias; e com oito horas de caminho se andarião sete legoas.

A dous se não fez viagem de manhã em razão de ser preciso dar algum descanso aos Indios, em quanto no sitio mencionado se fazia algum provimento de caça, por ser aquelle logar de terra firme continuada para o centro, que, quanto a pescaria, já se havia de todo perdido a esperança a este soccorro, por se achar o rio completamente cheio, e ter levado de todo o peixe para os pantanaes e lagos.

Nestes termos se fez viagem pelas duas horas da tarde com mui pequena resulta da montaria que se fez, e caminhando a leste, sueste, e lessueste se passou neste rumo a embocadura do sangradouro que no dia antecedente se havia notado á margem esquerda. Seguio-se logo a ribanceira da parte occidental de terra alta e de boa disposição para lavouras, e finalizou onde o rio se dividia em dous caminhos de igual largura e abundancia de agoa: hum delles seguia ao sudoeste, de cuja bôca se avistavão campinas e humas serras ao longe, e não se navegou por ser a correnteza mui diminuta á que havia no rio que se dirigia a leste: com este rumo se fez caminho á parte esquerda, em cuja embocadura tem no meio huma Ilha pequena, á qual se seguio huma volta, que se terminou com huma Ilha, em que portárão as canôas já de noite; e em cinco horas de caminho se andarião 4 legoas.

No dia 3 se principiou viagem ás cinco horas da manhã por huma volta do rio que rematou no sul, e deste passou a lessueste e leste sem haver pelas margens cousa digna de

memoria, mais do que encontrar-se quatro Ilhas pequenas, e na ultima portárão as canôas com oito horas de caminho, em que se andarião 6 legoas e meia.

A 4 se continuou a navegação no rumo de leste, e logo voltou o rio sobre a parte oriental até chegar ao norte, e sem demora desandou para leste, e passou a sueste, onde alargando o rio desagoava pela margem esquerda hum grande lago e pantanal, donde principiava huma Ilha, e se seguio outra de bastante comprimento, que caminhava com as voltas do rio contiguas á margem occidental, e sem haver mais couza alguma memoravel que notar, portárão as canôas com seis horas de viagem, em que se andarião cinco legoas.

Em 5 se principiou derrota no rumo de sueste e leste, em que se vencêrão duas voltas de rio, e sómente se notou desagoar pela margem occidental hum lago, e se seguia huma Ilha, e a esta hum pequeno estirão, no fim do qual desembocava hum sangradouro, cujas agoas se ião communicar com as do lago antecedente; formava logo o rio huma volta sobre o nascente, que chegou a norte, e buscou em meio circulo o rumo do sul.

Corria á margem esquerda huma mui dilatada campina, que terminava ao centro com a Cordilheira geral, que se avistou neste lugar, correndo como as antecedentes o rumo do rio; no qual junto á terra das campinas havião duas Ilhas, seguidas huma a outra, que o acompanhavão em duas voltas, que cahindo para o nascente chegavão ao norte, e terminavão no sul, porém a direcção do rio sempre a lessueste; com as mesmas circumstancias se navegou outra volta; e portárão as canôas com 7 horas de caminho, em que se andarião cinco legoas e meia.

No dia 6 se deu principio no rumo do norte a huma volta que terminou ao sul; havia á margem esquerda campina que ia a finalizar nas Serras geraes, que se avistavão do rio. Continuando a campina se seguio a sueste e leste hum mui dilatado estirão, que terminou onde ao parècer mostrava o rio dous canaes de igual largura e quantidade de agoa: o da parte occidental se formava da muita que concorria de pantanaes e lagos a fazer aquella desembocadura: o da parte oriental era o caminho e mãi do rio, cuja margem era de terra levantada em varios outeiros de arvoredo frondoso sobre barreiras vermelhas, que fazião o lugar alegre e recreativo.

Ao perder de vista aquelles primeiros monticulos se topou

outro estirão pequeno, e á margem occidental havia a embocadura do sangradouro, que recebendo as agoas que do centro concorrião, formava o grande canal mencionado, e depois de meia hora de caminho, passada a embocadura, portou a escolta á margem esquerda com nove horas de viagem, em que se andárão 7 legoas.

A 7 do mez se proseguio derrota no rumo do sul por huma volta que chegou a nordeste, e finalizou no sul. A' margem oriental desta volta havia huma bellissima campina, que rematava no centro a pouco mais de meia legoa de distancia com terra firme de arvoredo alto, pela espalda do qual se mostrava a Cordilheira geral correndo o rumo costumado. Esta campina póde admittir creação de gado, e as terras contiguas ao centro mostravão ser de boa disposição para lavouras.

Continuou-se viagem com outras voltas de rio semelhantes ás antecedentes, e depois de concluidas trez se avistou a *Ilha grande*, onde portou a escolta pelas cinco horas da tarde; e em 6 de caminho se andarião cinco legoas.

Chama-se a esta *Ilha grande*, ou *Ilha comprida*, por ser a mais dilatada em comprimento das muitas que tem este rio, quasi toda ella alaga na maior cheia, e somente onde principia, e he o lugar em que a escolta tomou porto, ha hum reducto de pequena extensão de terra areenta, que pouco se isenta da innundação, onde estão nove casas fabricadas de colmo, onde vivem doze moradores, seis brancos em que entrão trez de Portugal, e seis mestiços, sendo hum delles por nome João de Souza, homem pardo, o que se achava na aldêa de S. Miguel com outro companheiro da mesma côr, como já se noticiou neste *Diario*, reunindo gente dispersa da mesma povoação.

Estes habitantes da Ilha são desertores do Mato-Grosso, que opprimidos de dividas huns e outros por complices em alguns delictos, buscárão aquelle ermo para nelle praticarem vida estragada, como de gente aborrecida da sociedade humana. O seu exercicio he entrarem pelos sertões vizinhos até onde lhes rasteja signal de haver gentio, e depois de indagarem a força e situação de qualquer aldêa ou esperão alguma maloca que sahe ao campo na diligencia de colher sustento, sahindo-lhe de repente, e atemorizando-os com tiros os fazem prisioneiros; ou se a aldêa ou arraial de qualquer gentio he de pequeno numero, a horas de silencio lhe

dão assalto, e depois de algum estrago de mortes amarrão os que não puderão fugir, e se retirão com presa tão iniquamente adquirida, que reservando o melhor della para o seu uso, vendem o que lhes resta para povoado por meio de passadores que morão nos *Pantanaes* (lugar de que adiante se fará menção) para deste detestavel negocio lhes resultar o que necessitão para vestuario, e de polvora e chumbo para repetição de novos insultos.

Este foi o modo de se estabelecer esta gente perdida naquella vilissima habitação, onde catechizando com o familiar trato e sociedade de costumes barbaros aquelles miseraveis gentios que reservárão, os affeiçoárão tanto ao uso de vida destes salteadores, que hoje lhes servem de interpretes para amigavelmente fazerem avultadas presas a menos custo, de sorte que ainda parece termo mais infame praticar em o o gentio a boa paz e amizade, e debaixo destas condições de honra e Christandade exercitão a vileza de lhe darem a mesma sahida, que praticão com os amarrados por força ; cuja insolencia ainda usão com aquellas nações, para as quaes não tem interprete : pelo que acossados os gentios daquella vizinhança da parte occidental da ilha se forão muitos refugiar na aldêa de *S. Nicoláo* situada nas cabeceiras do rio Baures, que dista trez dias de jornada por terra da dita ilha caminhando, a oeste.

As nações, que habitão o continente da parte oriental do rio, e em que os moradores da ilha tem feito o destroço mencionado, são em primeiro lugar os *Mequens*, gente guerreira, com a qual andava actualmente em pratica o Missionario da aldêa de S. Simão, como já fica notado no dia..... (1) para os reduzir ao gremio da Igreja. Os *Ababás*, *Paivajaes* e *Urupunás*, gente pacifica, que habita nas planicies, como os Mequens. *Travessões* e *Pataquins*, nações distinctas, mas confinantes e de boa disposição para serem praticadas, povoão as chapadas das serras geraes da parte que olhão ao poente.

Todas estas nações vivem por aquelles incultos bosques e asperas serranias sem genero algum de civilidade : atropelão a lei natural com barbaros costumes, com excepção sómente de não comerem carne humana: não tem idolos, nem attribuem divindade a cousa alguma visivel ou invisivel, razão

(1) Vide supra á pag. 383.

por que vive toda esta multidão de pagãos na lamentavel desgraça do Atheismo, de cuja tenebrosa cegueira os poderá remir a piedade de Ministros Evangelicos catechizando-os e instruindo-os para o conhecimento da verdadeira luz, por serem quasi todas estas nações de facil persuasão ; o que se verifica com os gentios *Ameões* e *Guaiorotás* quasi vizinhos dos Pataquis, que com a pratica de mui pouca instancia tem admittido o trato com os Portuguezes com mais facilidade do que com os Padres Hespanhóes, que entrão a catechizal-os sem os brindar com dadivas de algumas ferramentas, de que elles fazem mui especial apreço, cujos generos e outros ainda de mui pouca entidade costumão ser os attractivos mais fortes para os conciliar á nova sociedade.

Nesta ilha em que aportou a escolta, foi preciso fazer a demora de seis dias para nelles se refazer do milho em grão que fosse possivel, e bastasse para chegar até as primeiras fazendas dos Pantanaes : porém como os moradores da ilha sómente havião feito humas limitadissimas plantas daquelle mantimento para sua sustentação, foi mui pouco o soccorro que aqui se conseguio, para adquirir o qual foi preciso consumir tantos dias, que sobre a pouca utilidade resultárão desta demora mui terriveis consequencias ; porque logo na primeira noite quasi arrebatadamente morreu hum sargento da escolta, havendo precedido dous dias de huma pequena febre. No segundo dia indo alguns escravos dos officiaes da escolta (por não estarem capazes os Indios della) á terra firme da parte occidental fazer huma montaria, achárão todo o terreno tão esteril de caça, que embrenhando-se mais ao centro hum mistiço de José Gonçalves da Fonseca na diligencia de algum effeito, achou a ultima desgraça nas garras de huma onça, que devorou o miseravel escravo.

No quinto dia se associárão quinze Indios já convalescidos da passada tormenta, e fugirão de noite em huma ubá dos moradores, lançando-se pela correnteza do rio, e lográrão o bom successo de chegarem ás suas aldêas do rio Xingú missionadas pelos Religiosos da Companhia. Por estas e outras calamidades de menor importancia succedidas no porto daquella infausta habitação se achou bastantemente consternada a escolta, fazendo-se mais sensivel o não ser possivel refazer-se de abastecimento para proseguir derrota

sem dependencia do rio e mattos, que já de todo erão esterilissimos.

Não era possivel receber-se boa hospitalidade naquelle lugar, em que a maldade de seus habitantes constituindo-os réos das referidas atrocidades, parece que a mesma malignidade estava diffundida pelo ambito daquelles contornos, de sorte que ainda os pobres viajantes indifferentes nas suas injustiças pagavão com os infortunios succedidos a desculpavel pena de communicarem (obrigados da necessidade) huns homens, contra os quaes fulminando censuras o Parocho do Matto Grosso os havia deixado intrataveis de commercio humano.

Neste infeliz estado porém de publicos excommungados os admittem os padres Hespanhoes aos Sacramentos, quando alguns destes foragidos busca os Missionarios vizinhos para a confissão e communhão annual, que lhe conferem debaixo de algum protesto, que talvez lhes permitta a Theologia moral, que não he da minha profissão, nem pertence a este lugar ventilar. Mas sem embargo de todo o bom agazalho que recebem dos ditos Padres, succedeu no anno de 1749 que o Padre Raymundo Laines, de nação Navarro, navegando da aldêa de S. Simão já mencionada até aquella ilha, e pretendendo nella levantar Cruz e altar portatil para celebrar missa, os taes moradores não querião consentir, entendendo que semelhante acto (ainda que pio e catholico) effectuado naquelle lugar por pessoa estrangeira e tolerado por moradores Portuguezes, prejudicaria ao direito dos dominios da real Corôa Portugueza, e só á força de persuasões de hum João de Souza de Azevedo, que de passagem ahi se achava, admittirão a referida celebridade, e acabada a funcção ainda na presença do Padre desmanchárão a Cruz, requerendo-lhe não tomasse mais aquelle lugar (1).

E o certo he que a não habitarem alli aquelles poucos homensde vida, ainda que absoluta, terião os Hespanhóes adiantado povoações rio acima; cujo pensamento se comprova com se ouvir dizer aos ditos Padres que aquelles homens lhes erão summamente prejudiciaes, e que de Santa Cruz de la Sierra lhes viria castigo, que dalli os desalojasse. E esta bravata Castelhana depoem José Leme do Prado, o

(1) Exemplo de patriotismo, digno de louvor.

cirurgião Francisco Rodrigues da Costa e Tristão da Cunha Gago, que tendo pratica com os ditos Padres lh'a ouvirão proferir.

Desta *Ilha Grande* para cima he tão embaraçado o rio pelos repetidos canaes, em que se dilata por huma á outra margem, tão caudalosos e de iguaes correntezas e mãi do rio, que se não atrevião os Mineiros (1) que a escolta conduzia, a guial-a por aquelle labyrintho de aguas sem errarem muitas vezes o principal caminho ; e para evitar esta desordem, que seria de mui fataes consequencias na perda de tempo que se havia de consumir nas inuteis navegações, sendo a penuria dos mantimentos tal, que nem ainda podião supprir ao tempo ordinario de se caminhar sem confusão : tomou o Sargento-mór o expediente de contratar hum dos moradores da ilha chamado José Martins, natural da villa de Obidos (2) para guia da viagem até ao porto do *Sararé* pelo estipendio de 23 oitavas de ouro sustentando-se elle á sua custa, em cuja negociação conveio com a clausula de se lhe dar palavra de não ser obrigado a passar do porto do Sararé aos arrayaes (3), e nesta fé se embarcou na canoa do mesmo Sargento-mór, que guiou as mais de conserva.

Pelo canal da parte occidental, que se dirigia ao sueste, se principiou viagem no dia 13 de Março pelas nove horas da manhã, e continuando o rio no rumo de lessueste em voltas humas sobre outras, que chegavão de norte a sul com algum pequeno estirão a sueste, se navegou até as sete horas da noite, e com 8 de caminho se andarião 7 leguas sem haver cousa memoravel que notar, mais do que hum pantanal na ribanceira da terra firme tão dilatado, que occupava trez voltas de rio, o qual no canal que se navegava teria trezentas braças de largura, sendo o da parte opposta de menos de duzentas, e com muitos bancos de areia e impedimentos de troncos cahidos que muito difficultavão a sua navegação.

No dia 14 se deu principio á viagem de madrugada no rumo do norte, e logo buscou a leste, em que se concluio a Ilha Grande com 4 horas de caminho, em que se vence-

(1) *Mineiros*. Vide supra a nota (1) á pag. 380.

(2) *Villa de Obidos*. Refere-se á de Portugal. Vide supra a nota (1(pag. 281.

(3) *Arrayaes*. Refere-se á povoação de Mato Grosso, e outras de sua circumvizinhança.

rião trez leguas que juntas ás do dia antecedente fazem dez as que terá de comprido. Daquella parte, em que o rio se dividia nos dous braços que formavão a ilha, se avistou o terreno da parte oriental por onde se encaminhava o canal menor do rio, e se observou ser aquelle districto de muito boa disposição para ser habitado com povoação e fazendas em razão de ser a terra isenta das inundações do rio: continuou-se a viagem no rumo de leste e sueste; e em 6 horas de caminho se andarião 4 leguase meia.

A 15 se proseguio a navegação nos rumos de leste e sueste com voltas mui dilatadas, que buscão a parte oriental huma mui dilatada campina, á vista da qual depois de passar duas ilhetas, em que o rio fazia larga enseada, se notarão as Serras geraes na distancia de 4 leguas pouco mais ou menos, em cuja falda se ia terminar a referida campina, que continuava com a margem oriental do rio com alguma interrupção de arvoredo em partes da ribanceira, porém o dilatado centro se mostrava limpo de mato em toda a planicie, que a vista podia alcançar.

No mesmo rumo de leste já perto da noite se achou dividir-se o rio em duas partes, huma que buscava o sul com huma ilha em meio do canal, e outra a leste que declarou o guia ser este o caminho; e o que se dilatava ao sul era a boca de huma mui grande bahia, pela qual em canoetas se podião evitar trez voltas de rio.

Na margem opposta á esta bahia aportárão as canoas com 9 horas de caminho, em que se andarião 8 leguas.

Em 16 ao romper do dia se continuou a viagem no rumo de leste, e voltando o rio á esquerda chegou a norte, e logo principiando hum dilatado estirão no sul e sueste se alcançou ás 9 horas da manhã, depois de passar duas ilhetas contiguas huma á outra, o sitio chamado da *Casa Redonda*.

He este lugar na ribanceira occidental terra alta livre de inundações communs e extraordinarias. Doze aldeias de gentio se achárão estabelecidas neste districto no anno de 1743, quando os moradores do Mato-Grosso explorárão a primeira vez o Aporé (1). A principal destas habitações era huma fundada em figura rotunda, e no meio edificada huma casa a modo de amphiteatro, e por ella appellidárão aquelle sitio o da Casa Redonda.

(1) Vide supra a nota (3) á pag. 282.

E sem embargo que os taes gentios não fizerão damno, nem o recebêrão daquelles primeiros viajantes, com tudo receiosos de alguma hostilidade, se embrenhárão para o centro buscando o refugio de humas serras vizinhas (das quaes adiante se fará menção), onde novamente se situárão com tanta diligencia e brevidade, que já na segunda viagem que fizerão os ditos moradores, não achárão mais que humas confusas ruinas cobertas de espessura para se desenganarem que não fôra illusão da fantazia, o que havião notado naquelle lugar na sua primeira derrota.

Neste sitio faz o Aporé huma espaçosa ostentação das suas aguas augmentada, com o tributo das que lhe paga o rio *Cavalleiro*, que terá duzentas braças de embocadura na margem oriental fronteira ao sitio da casa redonda. A sua direcção he de sueste para noroeste, e se dilata a varios rumos pela campina que medeia entre a serrania e a margem do Aporé até neste perder o cabedal e o nome: este lh'o deu o gentio *Guaraiutá*, e aquelle lh'o communica a Cordilheira geral, a quem deve as origens na sua maior elevação que olha para o poente. Por este rio sahirão Antonio de Almeida e Tristão da Cunha Gago, primeiros descobridores das terras do gentio chamado *Corumbyara*, onde se achou ouro, de cuja exploração pelo sangradouro do nome deste gentio em seu lugar adiante se tratará com a exacção possivel, segundo as indagações que sobre esta materia se fizerão, para averiguação da verdade, objecto principal de toda esta narração.

Deixando á direita o sitio da Casa Redonda e á esquerda o rio Cavalleiro, se continuou viagem nos rumos do sul e sueste, em que finalisou o estirão, ao qual se seguio logo outro de menor comprimento ao rumo de leste, e no fim delle desaguava huma grande porção de agua, sangradouro da campina da parte occidental, que se avistava; e logo mais adiante á parte esquerda outra embocadura igual na largura á mãi do rio resulta de hum grande lago, cujas aguas circulavão huma ilha de figura longa, que se não soube averiguar se era alagadiça, e seguindo-se mais duas voltas de rio aportárão as canoas com onze horas de caminho, em que se andarião sete leguas.

A 17 se proseguio derrota no rumo do norte, em que finalisou huma volta sobre a qual gyrou logo outra até chegar ao sul, e daqui se caminhou a leste, onde principiando hum estirão desaguava pela margem direita hum espaçoso canal igual na largura á mãi do rio, que era sangradouro de huma mui dilatada bahia, que permittia navegação a toda sorte de ubás muitas leguas ao centro; e estas são as embocaduras, com que sem haver Pratico de boa experiencia se enganão os viajantes de rio acima, de sorte que quando attendem ao erro he com muitas horas de navegação perdida, que tanta he a extensão das aguas por aquellas planicies, quando a cheia chega a exceder o barranco do rio.

Com campina descoberta pela margem direita se andou outro pequeno estirão, que terminou em huma volta sobre a esquerda, que chegou ao norte, e gyrou para a direita até o sul; e logo no rumo de leste se achou o rio dividido em dous canaes em razão de huma ilha que se oppõe á sua correnteza, que forão necessarias trez horas de navegação continuada para se deixar pela pôpa correndo a mesma Ilha com as voltas do rio chegada sempre á terra firme da parte esquerda: seguirão-se logo duas voltas do rio, sem haver que notar nas suas margens, e na direita aportárão as canôas com dez horas de caminho, em que se andarião 8 leguas.

No dia 18 se continuou viagem sem novidade de rumo nem cousa que notar em huma e outra margem, até chegar a hum mui comprido estirão no rumo de sueste e sul, em meio do qual a parte direita aportárão as canoas com onze horas de caminho, em que se avançarião 8 leguas.

Em 19 se principiou derrota nos rumos de sueste e leste até finalisar o estirão e duas ilhas, seguida uma á outra, a primeira encostada á margem esquerda, e a segunda á direita, por cuja ribanceira de terra baixa desagua o rio chamado *Paragaú*, que dizem ter suas origens na provincia dos *Chiquitas* (1), Indios domesticos missionados pelos Religiosos de Santo Ignacio, Hespanhoes, de que em seu lugar se fará individual menção. Mostrava-se o rio Paragaú em huma barra ao parecer de trezentas braças de largura, tem

(1) *Chiquitas*. Os Hespanhóes chamão *Chiquitos*.

a sua direcção ao sul por terra plana, e não houve mais noticia alguma digna de memoria pertencente a este rio.

Huma ilheta se oppõe á sua desembocadura, passada a qual, fazendo já o Aporé os seus gyros costumados, se achou na parte mais concava do primeiro desaguar hum lago de bastante grandeza á parte direita, e pela mesma no fim da volta hum sangradouro dividido em dous canaes de maior largura que a mãi do rio ; onde continuando nos rumos ordinarios, sem haver mais cousa de memoria que descobrir-se á parte oriental a campina geral, aportárão as canoas com 11 horas de caminho, em que se andarião 8 leguas.

Não era possivel já por esta altura fazer-se grande força de remo, em razão de que os Indios destinados a este trabalho ainda padecião alguns a queixa antecedente(1), a qual se lhes complicou com outra que sobreveio, e geral a todos, que foi de sezões simples, dobres e quartans, tão difficultosas de expellir na qualidade daquella gente, que supposto em alguns aproveitassem sómente os remedios emeticos, e a outros fosse preciso applicar-se a quina, a nenhum se communicava a saude com permanencia; porque com pouco tempo de socego recahião muito a miudo, effeito mais da desordem daquelle genero de enfermos, que não guardão abstinencia do que lhes he nocivo, do que da malignidade da queixa, que facilmente obedecia á repetição dos referidos medicamentos ainda nos recahidos.

A maior consternação que resultava deste novo ataque de doenças era da penuria dos viveres, e a mais lamentavel a do pão, que regulando o que havia pelo tempo da viagem que ainda restava, foi forçoso dar a meia ração aos mesmos sem embargo de que a beneficio desta economia era geral a debilidade a que se reduzião todos. Do mato, se por acaso succedia cahir na montaria alguma anta ou ave a que chamão *mutum*, era preciso haver grande cautela na distribuição destas viandas agrestes em ordem a desviar dellas os doentes e convalescidos, por serem infalliveis com qualquer pequena porção as recahidas.

Sobre esta oppressão de doenças accresceu no dia 18 huma desgraça casual, que pudera ser bastantemente funesta, em um Indio Sargento-mór da aldêa do *Parijó do*

(1) *Queixa antecedente*. Vide supra a nota (1) á pag. 387.

Cametá (1), por ser o de maior prestimo e valor dos que acompanhavão a escolta, o qual seguindo no mato hum animalejo (pouco maior do que um coelho) a que chamão *paca*, esta se lhe encovou em parte, onde foi preciso metter o braço para colhêr a presa, que conseguio a custo de lhe trincar o dedo maior da mão direita uma venenosissima cobra chamada *surucucú* (2), cuja especie faz grande sociedade com as pacas, de sorte que da muita união destes dous animaes resultou a fabula que ha entre os Tapuias, de que as pacas procedem daquellas cobras. Em todos os viventes he mortal semelhante qualidade de ferida, e em tal Indio se fazia mui sensivel pela fidelidade e animo com que servia. Sarjada logo a parte offendida, e cauterizada com fogo para não ter lugar o veneno de se communicar á massa sanguinea, não bastou tão prompta providencia, nem a de alguns antidotos que se lhe applicárão, para deixar depois de passadas trez horas de ser acommettido o paciente de umas taes ancias, que privando-o da falla e das forças, entrou em agonias de acabar a vida.

A tão terrivel symptoma em falta de triaga de Veneza se acudio com o *bico do Acauhan* (3) e *unicornio de Inhuma* (4)

---

(1) *Parijó do Cametá.* Vide supra a nota (3) á pag. 270.

(2) *Surucucú.* Serpente cujo maior crescimento não excede de 14 pés, e proporcionada grossura. Encontra-se nos lugares frescos e sombrios. A pelle, segundo Ayres do Casal, he alcatifada com symetria, a cauda armada com dous ferrões, e a mordedura apenas curavel.

Baena no seu *Ensaio Corographico* confirma o texto quanto ás relações das pacas com estes reptis, e a fabula da procedencia daquelles roedores; assegurando ser cobra tão peçonhenta que ainda depois de morta o seu dente he mortifero.

(3) *Bico do Acauhan.* Baena no *Ensaio Corographico* escreve *Acauan*, e confirma o que diz o texto expressando-se nestes termos: — « o corpo tem entre o branco signaes pretos e castanhos, e o peito e o bico são alvos: he adversario das cobras, e tido como agoureiro. O bico convertido em pó serve de triaga.

(4) *Unicornio de Inhuma.* Ayres do Casal, na *Corographia Brasilica*, diz que a *Inhuma* he do tamanho de um capão, havendo tambem do de pombas. He escura pelas costas, cinzenta pela barriga com azas de extraordinario cumprimento, chegando á dez palmos de abertura, tendo em cada uma dous ferrões de desigual grandesa, e um chifre osseo (o *unicornio*) de meio palmo de cumprido, e grossura do canudo de uma grossa penna de perú, agudo, um pouco curvo na extremidade, com virtude magnetica, e ainda contraveneno.

Quando quer beber, mette-o primeiro n'agua, e os outros passaros, que andão após delle, como os quadrupedes atraz da abada (*rhinoceronte*), só então bebem.

Sua carne he esponjosa, como bofes de qualquer outro vivente, e não se come.

reduzindo-as a pó, que em potagem de agua se lhe fez beber com grande trabalho, porém immediatamente que lhe passou a circulação este cordial, despertou logo do lethargo, e socegou das agonias, sendo sensivel ao Indio o desoccupar-lhe o peito da oppressão maligna que lhe suffocava os espiritos, e precipitar-se na parte inferior da primeira região intestinal, donde lhe não resultou novo accidente, por se lhe repetir por mais vezes o milagroso defensivo, que lhe rebateu o primeiro assalto do veneno: e curando-se com toda a cautela a ferida em pouco mais de dez dias, se restabeleceu de todo, para o que concorreu muito a capacidade deste Indio, que se resignou na obediencia de uma austerissima dieta, em que se conteve nos primeiros cinco dias de cura.

Pareceu conveniente dar aqui noticia deste successo para credito do maravilhoso antidoto, que a Providencia conferio por natureza áquellas duas aves, de que ha bastantes (principalmente *Inhumas*) pelos lagos desta presente navegação, com a circumstancia de que a virtude que se contém nas partes que nesta occasião produzirão tão singular effeito, comprehende a todo o composto destes dous animaes em tal fórma, que qualquer osso ou carne myrrhada delles tem igual efficacia para destruir a malignidade do corpo inficionado com veneno, ou seja procedido de picadura de cobra, como no caso relatado, ou dissimulada propinação, como tem muitas vezes acontecido.

No dia 20 se continuou viagem no rumo do sul e sueste seguindo o rio um gyro até chegar ao norte, e logo voltando sobre a direita topou no sueste, deixando á parte oriental huma mui dilatada campina rematada na Serrania geral, que nesta parte era de mui alta elevação.

Com os mesmos rumos antecedentes se navegou trez dilatados gyros, que findárão em hum pequeno estirão, e este em huma mui espaçosa bahia, em que o rio se dividia por trez canaes obrigado de duas ilhas, que se oppunhão á sua correnteza, passadas as quaes se foi navegando em huma volta, na qual ao terminar a sueste se avistava á parte direita campina cortada de hum sangradouro bastantemente caudaloso; e logo se seguio hum estirão a leste, no meio do qual portárão as canôas com 8 horas de caminho, em que se vencerião seis leguas.

Neste lugar foi preciso dar descanso á gente no dia 21; e sem embargo que a sua debilidade commovia a pausa mais dilatada, não foi possivel concordar este beneficio com a necessidade que havia de vencer caminho, em razão dos mantimentos que cada dia diminuião, em cujo consternado systema tão prejudicial se fazia qualquer demora, como o não fazerem termo as muitas doenças, por que alguns que se achavão livres destas, não se poderião isentar dos horrores da fome, e por consequencia todos acabarião victimas da ultima miseria em paiz destituido de todo o soccorro humano: em cujos termos.

A 22 se proseguio derrota, sem novidade de rumo, por que na direcção de lessueste fazia o rio os gyros costumados de norte a sul, e sem haver cousa memoravel que notar em huma e outra margem, portárão as canôas com sete horas de caminho, em que se andarião quatro leguas.

A 23 se caminhárão duas voltas do rio nos rumos costumados, e se entrou em hum mui dilatado estirão a leste, que findou onde desaguava hum lago á margem direita, e sem haver cousa alguma memoravel portárão as canôas com dez horas de caminho, em que se andarião oito leguas.

A 24 seguindo derrota a leste e a sueste alguns gyros, se achou á parte direita huma ribanceira alta de terra vermelha povoada de mata virgem de arvoredo alto e bem copado, e passado este districto indo já a finalisar huma volta no rumo do sul desaguava pela margem esquerda hum sangradouro bastantemente caudaloso, e logo se seguia huma ilha contigua áquella ribanceira, que voltou com o mesmo rio a leste. Neste rumo se avistou huma espaçosa desembocadura de bahia procedida de dilatada inundação de terra baixa da margem esquerda: e passado este districto e dous gyros mais de rio, sem cousa digna de memoria, portárão as canôas com onze horas de navegação, em que se andarião oito leguas e meia.

No dia 25 se caminhou sem novidade de rumo; e continuando o rio nos gyros costumados não houve que notar mais do que huma continuação de margem de huma e outra parte alagada de agua, sem haver o mais minimo reducto de terra descoberta para nella tomar porto, sendo forçoso á equipagem accommodar-se no abreviado districto das canôas, amontoados os sãos com os doentes, que sobre todas

as calamidades que se supportárão, esta não era a de menor turbação para os animos combatidos de tanta oppressão junta, como era a navegação de hum rio, a que a estação havia constituido mar sem peixe, que se dilatava (com pasmo pa mesma natureza) por entre immenso arvoredo sem fructo, de sorte que conjurados os trez elementos procreativos para a esterilidade daquella região, nem pelo ar voava senão muito por acaso alguma *arara* gritando com rouca grasnada, talvez como queixando-se de não achar algum limitadissimo pasto para entreter a fome. Apertava esta a alguns doentes que convalescião,porém como o armazem dos abastecimentos ia mui enfraquecido, só se appellava para a caça de algum macaco ou papagaio (1) para raras vezes remir aquella mil vezes lastimosa necessidade.

Em 26 se caminhou nos rumos já mencionados sem haver cousa digna de memoria mais, do que com 8 horas de caminho, encontrar-se á parte direita huma campina, em que se portou : e se vencerião neste dia cinco leguas de caminho.

A 27 se principiou a navegar com algum esforço nos rumos de leste e sueste para se conseguir o chegar ao celebre sitio *Corumbijara*, e com effeito ás 9 horas da manhã houve o accidental contentamento de se avistar hum morro onde faz termo a Serrania que á parte de oeste tem seu principio parrallelo ás chapadas do Matto Grosso, e acompanha o Aporé até este lugar em que busca o poente, para onde desde alli caminha até trez dias de jornada, onde de todo expira a sua elevada corpulencia.

Chegadas as canôas ao lugar, em que o Aporé banha com as suas aguas as raizes do alto monte em que faz angulo a direcção daquella Serrania, se avistou na parte opposta o sangradouro, de que no dia 16 se fez menção neste *Diario*, quando se tratou do rio Cavalleiro ; e por que este lugar se fez memoravel pela entrada que deu ao descobrimento de ouro que houve naquelle centro até as cabeceiras do Cavalleiro, será preciso relatar aqui huma in-

(1) A vianda destes dous animaes e de huma ave, a que chamão *Cujubi*, supprе por desertos semelhantes a falta de gallinhas para os doentes.

(*Nota do author.*)

Martius no seu *Glossaria* diz que essa ave tambem se chama *Cujumi* e *Cujuby*. He a *Penelope cumanensis*.

dividual noticia deste successo, que não deixa de ser de importante consequencia.

No anno de 1741 achando-se já em grande diminuição de jornaes as minas do Matto Grosso, pois havia declinado daquella riquissima abundancia dos primeiros annos em que tiverão principio, se congregárão varios moradores das mesmas minas, Sertanistas experientes, que propondo entre si novas explorações pelo vastissimo sertão daquelles districtos emprehendêrão conquistar os barbaros seus habitantes, de que lhes resultasse a conveniencia de algum descobrimento de ouro, em que estes aventureiros melhorassem de fortuna, que já achavão attenuada na decadencia do Matto Grosso.

Tomadas as medidas proporcionadas á execução desta idéa, juntos em hum corpo de 50 homens, no qual se incluião 15 brancos Portuguezes e Paulistas, constituindo seu director ou cabo a Antonio de Almeida e Moraes, por concorrerem nelle largas experiencias de semelhantes conquistas, encaminhárão a sua premeditada acção no referido anno pelo rio Aporé abaixo; e estes forão os primeiros que se animárão a romper o segredo, em que jazia a sua navegação para aquelles moradores.

Depois de passarem a Serrania mencionada, deixando as canôas em lugar accommodado se embrenhárão pelo sertão que corre a oeste tão impraticavel de penetrar pelo embaraço de medonhos pantanaes, que sem effeito do grande trabalho que tiverão em vadeal-os com agua até os peitos, sahirão com grande difficuldade a buscar as suas canôas, nas quaes atravessando o rio á parte de leste entrárão pelo sangradouro acima mencionado no rumo de sueste, e a poucas jornadas achárão a opposição do gentio chamado *Guaraiutá* de espirito tão guerreiro, que com desprezo da invasão em que se vião surprehendidos por aquelles Sertanistas, chegárão a atacar-lhes a sua mesma bagagem: em cuja acção empenhadas todas as forças dos colligados desbaratárão aquella nação aprisionando como despojo de guerra aos barbaros que escapárão do conflicto.

Victoriosos com este successo penetrárão mais o interior do campo sem impedimento, onde em varios ribeiros ou corgos que desaguavão para a parte do rio Cavalleiro achárão poagens de ouro, cuja pinta lhes difficultava seguir a immensa multidão de barbaros, que em designio de

disputar-lhes o passo puzerão em precisão os aventureiros de lhes ceder o campo, emquanto se fizerão na volta do Matto Grosso a dar conta do succedido ao Guarda-mór que então era daquellas minas Salvador de Espinha Silva.

Recebidas as amostras de ouro e divulgada a noticia do novo descobrimento por aquelles Arraiaes, já no anno de 1743 se aggregárão ao partido da nova exploração alguns moradores, e tambem o mesmo Guarda-mór, que pessoalmente se deliberou a ir repartir as datas, segundo a formalidade do seu Regimento : e buscando todos com alvoroço o mencionado ribeirão ou sangradouro do *Corumbijára* o penetrárão até aos corgos relatados. Entre elles edificárão seu arraial, onde por espaço de trez mezes de trabalho de se cavar não appareceu mais do que poagens de ouro semelhantes ás primeiras amostras, em cuja diligencia se empregou Tristão da Cunha Gago como mineiro, e outros de experiencia, que depois de examinarem bem o terreno, e não achando mais do que a pinta referida (que não fazia conta) assentárão que a terra alli subcavada não era a em que se creava aquelle metal, mas uniformemente entendêrão ser ouro corrido com as aguas das chuvas desde a Cordilheira geral, que lhes ficava ao nascente, onde terá a sua origem. E como para seguir aquella pinta até onde presumião, era preciso debellar ou metter de paz as nações de gentio bravo que mediavão até as Serras, para o que se não achavão com os meios proporcionados por serem diversas as nações mui numerosas e guerreiras, tomou o Guarda-mór o expediente de se recolher a povoado acompanhado de outros particulares que o seguirão.

Não se retirárão porém, Antonio de Almeida nem Tristão da Cunha, primeiros descobridores, que empenhados em continuar as diligencias plantárão mantimentos e a sua imitação outras varias pessoas, que em mais de 8 mezes de indagação daquelles districtos, sem nunca poderem chegar onde presumião a origem do ouro, não tiverão outra resulta do seu trabalho mais do que a perda do tempo, e a de muitos escravos mortos e fugidos.

Com esta ultima prova ou desengano se deliberárão todos a abandonar o Corumbiara, huns se recolhêrão ao Matto-Grosso, e outros com os dous descobridores buscando o campo ao norte, atravessando as cabeceiras do rio Cavalleiro, achando sempre boas formações de ouro, já perto

das serranias que cobrem as aldeias de S. Simão e S. Miguel, depois de debellarem a nação dos *Amiós*, que derrotárão inteiramente, se oppuzerão a seus progressos os barbaros chamados *Guazaités*, que em grande numero habitão as planicies que rematão nas serras; de cuja multidão obrigados os aventureiros a retroceder pelo mesmo caminho que havião levado, sahirão pelo referido Cavalleiro em novas ubás, que fizerão, e nellas se recolhêrão ao Matto-Grosso só com a utilidade de algumas presas do gentio Amiós.

Até ao presente se não fez mais entrada alguma por aquella parte do Corumbiara, por ser precisa tropa de grande força para conquistar a multidão de gentios que habitão aquelle sertão.

As nações mais conhecidas e de força mais formidavel são os *Membarés* e *Guiuiás* seus confinantes; não são ferozes, o gentio he docil, e de boa disposição para serem praticados. Seguem-se os *Guazaités*, que supposto sejão mais atrevidos, comtudo acha-se nelles capacidade para serem catechisados. *Ababás* e *Urupunás*, tragadores de carne humana, são de alguma rebeldia para negociação de paz. *Guatarós*, *Maurés*, *Taquaras*, e *Causinos* são de facil genio para se reduzirem; delles se tem recolhido muitos ás aldeias de S. Miguel e S. Simão. Desta ultima ao sitio do Corumbiara dizem haverá dez ou onze dias de jornada por terra.

O que fica escripto destes descobrimentos foi ouvido referir aos dous descobridores Antonio de Almeida e Tristão da Cunha e tambem á Rodrigo Francisco, homem de toda a verdade, que foi com seus escravos subcavador até a ultima deserção.

Continuou a escolta a sua viagem nos rumos de leste e sueste á vista da Serrania da parte direita tão proxima ao rio, que dava lugar a examinar com a vista o disforme vulto da sua elevação: o seu composto he pela maior quantidade de rochedo escalvado: e por algumas partes fendidas se despenhava agua mui crystallina desde o alto daquellas eminencias, que produzindo alguma verdura a beneficio da continuada humidade fazia objecto mui recreativo o daquelles diaphanos corpos precipitados. Na falda de huma destas montanhas tomárão porto as canôas, que em onze horas de navegação vencerião 6 leguas.

Era já neste tempo o mantimento da escolta mui raro, de sorte que ainda usando da mais estreita economia não era possivel chegar com elle ás primeiras fazendas dos Pantanaes, e como a estes em canôa ligeira se podia ir negociar algum soccorro com 6 dias de demora na ida e volta, se tomou o expediente de despachar aquella mesma noite hum Commissario a tratar desta dependencia com ordem de voltar com brevidade possivel a encontrar a escolta, que sempre se destinava a ir vencendo caminho, ainda que com alguma lentidão por causa dos convalescentes estarem summamente fracos.

No dia 28 se proseguio derrota sem novidade de rumos em quasi continuado estirão avistando as serras da parte do poente, das quaes se notou huma entre as mais de menor altura, que tem em cima como remate dos seus penedos huma pedra levantada com uma tal união e bem disposta symetria, que fazem perspectiva como de torres pequenas, á imitação das que os artifices obrão para campanarios : e deste milagre da natureza resultou appellidarem os primeiros viajantes deste rio a toda a serrania— *as serras das Torres*. Passado este lugar faz o rio huma pequena volta ; e nella portarão as canôas com 9 horas de caminho em que andarião 5 leguas.

A 29, dia da Resurreição gloriosa de Christo Senhor nosso, depois de celebrado o incruento sacrificio da Missa, se continuou viagem no rumo de leste em continuado estirão pelas mesmas serras pela parte direita até ás 8 horas do dia, em que se perdêrão de vista por correrem mais ao centro, e logo o rio fez a sua direcção ao rumo costumado de lessueste em gyros, como os já muitas vezes mencionados de norte até sul, achando-se a terra de huma e outra margem inundada da cheia, sem descobrir na ribanceira a mais minima porção della capaz de se portar, por mais que se buscou até ás 8 horas da noite, em que foi preciso descansar com o notavel incommodo de não haver outro alojamento mais que o das proprias canôas, que em 12 horas de viagem vencerião 7 leguas.

Em 30 se caminhou pelos gyros do rio costumados sem novidade de rumo nem de margem por hum dilatado espaço de cinco horas de caminho, até que á parte esquerda se achou desaguar hum grande lago a que logo se seguio outra embocadura de agua da mesma qualidade, que dis-

serão os Praticos ser do mesmo lago antecedente. A' parte direita se descobrio huma embocadura de pantanal, a que se seguio huma campina á parte direita, e logo á esquerda hum sangradouro, por fóra do qual se navegou, e se achou á direita continuar a campina de terra mais alta e isenta das inundações, no fim da qual na margem opposta se achou a embocadura do sangradouro mencionado, defronte do qual se fez pausa com onze horas de caminho, em que se vencerião 5 leguas.

A 31 se continuou derrota nos rumos de leste e sueste com as mesmas voltas de rio, em que mediavão alguns pequenos estirões de pantanal de huma e outra margem, que finalizou em dous grandes lagos, cujas bocas desaguavão parallelas a huma e outra parte. Passado este lugar se avistarão á parte direita as serras das Torres em não muita distancia ao centro ; e sem haver mais cousa alguma digna de memoria portou a escolta com dez horas de caminho, em que se andarião 4 leguas e meia.

Em o primeiro do mez de Abril se proseguio viagem sem alteração dos rumos antecedentes com as voltas costumadas, e em huma que chegou ao norte e terminou a sul, se achou á parte esquerda campina, que findava ao centro com a Cordilheira geral que se avistou, seguindo o rumo costumado. Antes de concluir-se o gyro mencionado desaguava pela margem esquerda huma grande porção de agua das muitas que se congregavão pela campina, e buscavão aquelle lugar, como sangradouro daquella inundação originada das chuvas, que em varios regatos descem das montanhas a espalhar-se naquellas dilatadas planicies. Seguirão-se a este lugar dous estirões, o primeiro a sul, o segundo a sueste e a estes os gyros costumados : sem haver mais cousa alguma que notar se fez pausa neste dia defronte de huma ribanceira de terra alta, que havia á margem direita ; com doze horas de caminho se andarião 7 leguas.

No dia 2 navegando sem mudança dos rumos ordinarios se encontrou com hum dilatado estirão a leste, onde dividido o rio em dous canaes faz huma ilha longa avistando-se á parte direita as serras das Torres, das quaes nasce hum rio chamado *Rio Verde*, cuja direcção he do poente para o nascente. Não he caudaloso, e tem bastantes cachoeiras, desagua pela margem direita no canal que fórma

o Apóré entre as serras e a ilha referida. Não houve mais noticia alguma que se faça memoravel deste Rio Verde.

A pouca distancia deste finalisou a ilha com o estirão, e tornou aos gyros costumados; e havendo vencido seis se achou á parte direita huma embocadura igual na largura á mãi do rio, e logo mais adiante outra quasi semelhante, e ambas se communicão pelo centro com mui dilatado pantanal. Navegou-se adiante hum pequeno estirão, no fim do qual á parte esquerda havia huma entrada resulta dos pantanaes antecedentes, e se seguia terra alta na ribanceira, que já foi cultivada por pescadores do Matto-Grosso. Deste lugar se avistárão as serras das Torres, e se continuou derrota sem mais novidade, portando a escolta com dez horas de caminho, em que se vencerião 6 leguas.

A 3 se proseguirão nos rumos costumados dous pequenos estirões, e se seguirão cinco gyros de ribanceira inundada por huma e outra margem, e com tantas bocainas, que com grande difficuldade se atinava com a mãi do rio, accrescendo mais haver neste mui continuados campinaes de arroz e outras hervas, que tecidas humas com outras na superficie da agua deixão mui estreito passo á navegação.

O arroz (1), de que aqui se faz menção, e de que ha immensidade não só na mãi do rio, mas pelos seus lagos e pantanaes, he producção espontanea da natureza, que depois de sazonado costuma ser alimento e juntamente desperdicio de varios animaes volateis, por não haver morador que aproveite a sua colheita, para a qual não ha necessidade de mais trabalho, do que andar em canoinhas por entre os capinaes (2) que com qualquer movimento largão as espigas os seus casulos, de sorte que em breve tempo se disfruta este genero de seara continuada com tal frequencia, que raro era o espaço de caminho, em que não houvesse esta providencia totalmente inutil á necessidade da escolta em razão de passar em estação impropria de se aproveitar.

Proseguio-se caminho por varias voltas e estirões, havendo por huma e outra margem muitas embocaduras das immensas aguas do ultimo ponto da cheia, que reduzia

(1) O *arroz*. He o nati o que alli se encontrou assim como em Maranhão; mas o texto he deficiente por não dizer cousa alguma quanto ao tamanho e côr do grão, que no Maranhão he vermelho, e não desgostoso.

(2) *Capinaes*, de *capim*, corrupção de *caa-pe-i*, herva rasteira semelhante á grâma. Mas parece que o autor queria dizer *campinaes*.

as terras baixas a oceanos pacificos, e dilatados. Em margem desta qualidade de mar, por que se não descubria terra, se fez pausa com 12 horas de caminho, em que se vencerião sete leguas.

Em 4 do mez se proseguio viagem por um estirão a leste, que finalisou em uma volta sobre a direita, que terminou a susudoeste; e logo seguio os rumos ordinarios, sem a inundação permittir por huma e outra margem que não fosse agua, não se descuidando esta em buscar o rio por bocainas enormes e tão continuas, que punhão em contingencia o principal caminho; e por este e outros lugares semelhantes que ficão apontados, se acabou de desenganar a escolta que devia ao beneficio do experiente guia o não acabar dispersa por aquelle labyrintho de aguas; do qual sem concurso de algum milagre da Altissima Providencia jamais poderia sahir sem perdas da ultima consequencia, supposta a falta de mantimentos experimentada naquelles esterilissimos paizes, unicamente abundantes de agua e arvoredo sylvestre. Neste dia em 8 horas de caminho se andarião quatro leguas.

No dia 5 se caminhou com bastante lentidão sem novidade de rumo até as 11 horas do dia, que se fez pausa por se achar terra firme, onde á parte direita foi preciso mandar fazer côrte de palmeiras bravas para os que não estavão doentes poderem do amago superior destas arvores (1) tirar o sustento para aquelle dia, e fazer provimento para o outro, porquanto não chegava a huma quarta de milho o que se achava em grão, sem outro genero de vianda para alimento de alguns doentes mais necessitados; e este foi o dia em que a escolta chegou á ultima consternação da maior penuria, sem haver outro recurso mais do que para o palmito referido (2), emquanto não chegava a canôa de soccorro que se esperava. Neste dia, em cinco horas de navegação, se não vencerião mais do que duas leguas.

No dia 6, em que a Igreja celebra os Prazeres da Virgem Senhora Nossa, se principiou viagem ainda de madrugada, quando ao romper do dia se encontrou com a canoinha que havia ido negociar o socorro, de cuja vista resultou huma geral alegria, e com effeito do que trazia

(1) *Amago superior destas arvores*. Refere-se ao palmito.
(2) *Palmito referido*. Vide nota supra.

que constava de milho, arroz, feijões, e algumas fructas, se fez logo distribuição para se remir a necessidade passada, fazendo-se a pausa de huma hora para os debilitados tomarem algum alimento ; e logo continuando derrota sem novidade de rumo, sendo a maior parte das margens terra pantanosa, se aportou já de noite com 10 horas de caminho, em que se andarião oito leguas.

A 7 se continuou a marcha já com mais vigoroso impulso, sem haver mudança de rumos nem de gyros do rio ; no qual se achou desaguar pela margem direita hum riachão chamado *Capirari* (1), cuja entrada se achou ser a oeste, e logo faz caminho ao sudoeste, terá quarenta braças de boca, mas logo discorre com mais largueza. O seu nascimento he nas serras das Torres, as suas aguas são crystallinas, he frequentado de pescadores do Matto-Grosso, que informão haver nelle algumas cachoeiras, mas não dão outra alguma noticia que o possa fazer mais memoravel. Passada a boca deste riacho se proseguio derrota seguindo os gyros do rio, que erão mais a miudo e de mui diminuta extensão aos antecedentes. porém sempre com a mesma direcção e rumos ; continuavão os arrozaes pelas margens, e tudo á parte esquerda era pantanal, e terá o rio por estas partes trezentas braças de largo onde o he mais; com 12 horas de caminho se venceriāo neste dia nove leguas.

Em 8 se principiou de madrugada a derrota com designio de chegar ainda de manhã ás primeiras fazendas chamadas dos *Pantanaes ;* e com effeito ás 8 horas do dia se achou huma embocadura de pantanal á parte esquerda, entrando no qual está hum porto chamado do *Bello*, donde se póde fazer transporte em tempo de secca á chapada do Matto-Grosso, porém naquelle era impraticavel, em razão das aguas terem inundado toda a campina. Passado este lugar se seguirão trez voltas de rio e logo hum estirão, em que á parte direita em terra alta estão as primeiras fazendas: passou á vista da primeira, em que habita hum homem pardo, e na seguinte em hum quarto de legua de distancia está o casal de hum Joaquim Ferreira Chaves, que fez companhia aos primeiros que navegarão até o Pará, onde

---

(1) *Capirari.* Parece erro ou engano do texto e que o nome he *Capivary*, rio de Capivaras, nome de muitos rios e ribeiras do nosso Paiz. E he esse o nome que se lê nos mappas da provincia de Matto Grosso.

assentando-se-lhe praça de soldado desertou para o Matto-Grosso fazendo viagem pelos *Goiazes*, donde passou a *Cuiabá*, e desta villa á sua habitação.

Neste sitio, do qual se expedio o soccorro mencionado á escolta, foi preciso portarem as canôas neste dia com 4 horas de caminho, em que se andarião trez leguas. Aqui se descansou o resto deste dia, e tambem todo o seguinte. A terra em que se achão situadas estas fazendas he alta, isenta de inundação ainda em cheias extraordinarias, he plana, e produz muito boas matas, que continuão até as serras das Torres, que lhe ficão ao poente. As mesmas fazendas produzem os legumes do paiz com fertilidade, milho com abundancia, e tambem arroz de muito boa qualidade, que na grandeza do grão e sabor não tem inferioridade ao de Veneza (1); porém o que se colhe pelos pantanaes, produzido pela natureza sem cultura, não tem bondade que o faça appetecido (2), e só por necessidade se póde admittir o seu uso.

Todas estas habitações que ha pelos Pantanaes são favorecidas de clima mais temperado do que a chapada (3) em que ha as irregularidades, de que em seu lugar se fará menção; e os moradores das taes fazendas são menos perseguidos de doenças, e passão a vida com mais fertilidade do que os da Chapada, que destes Pantanaes he muitas vezes soccorrida.

No dia 10 pela huma hora do dia se proseguio a derrota aos rumos de leste, sueste, e algumas vezes ao sul, gyros pequenos huns sobre outros. Seguirão-se mais duas fazendas situadas no mesmo continente das primeiras, porém a margem opposta toda era pantanosa, de que procedião algumas bocainas, que se communicavão com o rio, pelo qual discorrendo se entrou já perto da noite por hum braço de pantanal a buscar huma fazenda, em que mora Tristão da Cunha Gago, da qual tambem ha caminho para o Matto-Grosso, porém os praticos delle infor-

(1) *Arroz... de Veneza.* He o da Lombardia, assim chamado pela exportação que se fazia por aquelle porto. Então não se conhecia o arroz de Madagascar, cuja semente levarão os Inglezes para as Carolinas na America do Norte, adquirindo por isso o nome de *arroz da Carolina*.

(2) *Que o faça appetecido.* Vide nota (1) á pag. 410.

(3) *Chapada.* São as planicies nos terrenos elevados, a que os Francezes chamão *plateau*. Na provincia do Maranhão a *chapada* he a mesma planicie nas condições supra, mas o torrão he argiloso, duro e um pouco esteril.

márão estar todo inundado de sorte, que nem os moradores do mesmo sitio podião sahir ao campo a montariar (1). No mesmo lugar pernoitou a escolta, que em 5 horas de caminho venceria trez leguas.

Todas estas fazendas aqui mencionadas tem por operarios alguns Tapuios dos que por aquelles sertões se amarrão, ou praticão na fórma que se declarou neste *Diario*, e sómente o sitio de Joaquim Ferreira Chaves era cultivado por escravos de Guiné.

A 11 se determinou seguir viagem e entrar no rio *Sararé*, e buscar nelle o porto chamado da *Pescaria*, por ser o geral de embarque e desembarque para o Matto-Grosso, e assim sahindo do pantanal, que era mui dilatado e de profundidade á maneira de lago que nunca secca, se continuou a viagem pelo Aporé nos rumos costumados com a mesma direcção ed lessueste notando-se sempre de huma e outra margem varias embocaduras de agua, que punhão em duvida, qual dellas a parte esquerda era a do rio Sararé; e como a sua desembocadura he por margem alagadiça, passárão as canôas á parte opposta na mãi do rio, onde em margem bastantemente elevada se fez pausa.

Pelas duas horas da tarde se entrou no Sararé no rumo de lessueste, e logo passou a leste, e assim continuou até ás 5 horas da tarde, em que se fez pausa. A boca do Sararé terá duzentas braças de embocadura, e para dentro alaga mais, especialmente onde tem ilhas, de que todo elle he povoado. As suas margens são quasi todas de terras pantanosas: nas enchentes cresce pelas margens na superficie da agua huma qualidade de herva, a que chamão *Auapy* (2), de folhas largas e grossas, que ramificão, e formão

---

(1) *Montariar*, i. e., montear, caçar.

Vem de *montaria* lugar coutado para caçar.

No Pará e Amazonas chama-se *montaria* a pequenos botes, que alli servem para pescar e caçar, e são auxiliares dos grandes barcos.

(2) *Auapy*. No texto lê-se *auapi*. He a mesma herva que na provincia do Maranhão chamão *Mururú* e abunda na comarca de Viana, tanto nos lagos e pantanaes como no rio Pindaré, impedindo a navegação.

No Pará, segundo Baena no *Ensaio Corograhico*, chama-se *Mururé-miri*, e assim a descreve :— planta, que nasce nos lagos, nas terras ensopadas, e na ouréla dos rios.

« Ella vaga por alguns rios em grande quantidade como a *stratiotes* pelo Nilo. » Mas essa planta que os Europeus chamão *Mil folhas* não tem semelhança com a de que trata o texto, cuja folha, além de larga e grossa, he arredondada e lustrosa.

hum tecido dos seus talos de tão forte ligadura, que em partes atravessando o rio por grandes distancias he preciso dissiparem-se aquelles impedimentos á força de facões e machados para se poder abrir caminho para canôas de maior lote das de pescar. Procede criar tanto corpo este genero de embaraço de não ser frequentado aquelle rio de outros passageiros se não pescadores, que navegão sem necessidade de desbaratar aquella extravagante têa de tão rija urdidura, que custa tão grande trabalho a romper, ao que accrescem muitos madeiros, que cahem da margem e atravessão o rio, os quaes he preciso atorar (1) para continuar caminho.

Vencendo estes embaraços se navegou nos dias 12 e 13 até que no dia 14 ás 3 horas da tarde descançou a escolta no porto da *Pescaria* com nove mezes completos de viagem do Pará, donde se havia principiado a derrota a 14 de Julho do anno antecedente.

No mesmo dia fez o Sargento-mór da escolta aviso por carta ao Juiz ordinario do Matto-Grosso, Antonio da Silveira Fagundes Borges, para que por serviço de Sua Magestade mandasse dar aposentadoria no *Arraial da Matriz* (2) aos officiaes da mesma escolta, que naquelle porto esperava tambem alguns cavallos de sella e carga com a brevidade possivel para transporte dos mesmos officiaes.

Com toda a pontualidade chegárão no dia 15 os cavallos necessarios, e a 16 ás 8 horas da manhã se principiou a jornada vadeando hum mato, e logo hum dilatado pantanal de campina alagada com alguns tojocaes (3), no fim dos quaes esperava o dito Juiz acompanhado do Vigario da Matriz e outras pessoas de distincção aos hospedes, que cumprimentárão com toda a urbanidade, e os acompanhárão duas leguas que restavão de caminho plano até a falda do morro, que terá meia legua de elevação ; e chegando ao *Arraial de S. Francisco Xavier* (4) buscárão todos a igreja Matriz de que he tutelar o mesmo Santo, onde rendidas a Deos as devidas graças pelo beneficio de livrar aquella

---

(1) *Atorar*, i. e, cortar, dividir, fazer em tóros.

(2) *Arraial da Matriz*. Era então o de S. Francisco Xavier, como mais abaixo se verá.

(3) *Tojocaes*, i. e., *tujucaes*, de *tujuco* lameirão, atoleiro, tremedal de mangue. Na provincia do Maranhão diz-se *tijuco* e *tijucaes*, que mais se conformão com o idioma *tupy*.

(4) *Arraial de S. Francisco Xavier*. Vide nota (2) desta pagina.

escolta de tanta immensidade de perigos, se recolhêrão os Officiaes cada hum ao quartel que lhe estava destinado.

APONTAMENTOS SEM DATA (1).

Começa a provincia do Brazil, hoje descoberta da banda do norte na *Capitania do Pará*, que he o mayor rio que hoje se sabe no mundo: foi o ultimo descobrimento delle pelo piloto Antonio Vicente Cochado (2), e subio até quatrocentas leguas. Na boca do rio da parte do sul temos huma fortaleza de pouca defensa (3).

Segunda. *Capitania do Maranhão*, em que se perdeo tanta gente, os filhos de João de Barros e Luiz de Mello no anno de 539.— A' *margem*: Dous ou trez Engenhos d'assucar principiados.

Terceira he a do *Seará*: ruim porto e com baixos. Aqui se acharão minas de prata.

Estas trez Capitanias estão separadas do governo do Brazil e dado o governo dellas a Francisco Coelho de Carvalho, com cabeça no Maranhão.

Quarta. Segue a *Capitania do Rio Grande*, em que ha fortaleza.

Quinta. Logo a *Capitania de Parayva* (4), muyto importante pollo porto e cidade Felipea: tem já muytos Engenhos, pao-brazil, tintas, tabaco, algodão, muyto linho e anil.

Sexta. Segue a *Capitania de Itamaracá*: muytos Engenhos, muytos moradores.— *A' margem*: Tem Donatario.

Setima. *Pernambuco*: minas de amatistas e de cristaes no rio de S. Francisco, e nas cabeceyras delle salitre: tem canafistola, sarsa-parrilha (5), e almessega, tintas e muito linho de duas castas.

---

(1) Estes Apontamentos se achão nas notas addicionaes á obra — *Annaes de D. João III*, por Fr. Luiz de Souza, publicados por Alexandre Herculano. Lisboa, 1844. de pags. 452 e 453.

Por interessarem ao Maranhão e ao Brazil os reproduzimos aqui.

(2) *Cochado*. Berrêdo nos *Annaes Historicos do Estado do Maranhão* liv. 6 n. 500 trata de um piloto chamado Antonio Vicente *Machado*, que parece ser o mesmo que menciona o texto, havendo engano no nome de *Cochado*, á que antes escriptor algum se refere.

(3) Refere-se á de Santa Maria de Belem.

(4) *Parayva*. Nome com que no penultimo seculo era a *Parahyba* conhecida.

(5) *Sarsa-parrilha*. Vide infra outra nota á semelhante respeito.

Oitava. *Seregipe d'el-Rey*, sem porto: he terra pera gados. Nestas oito Capitanias sae de ordinario muyto ambar.

Nona. Entra a cidade da *Bahia de todos os Santos*: o porto he mal seguro; pode-se remediar com hum molhe (1). Tem presidio de novecentos soldados.

Decima. Segue a *Capitania dos Ilheos*, boas terras, porto pera navios pequenos. *A' margem*: Tem Donatario.

Undecima. A *Capitania de Porto Seguro*: colhe-se aqui do zimbo de Angola (2); não tem porto:—*A' margem*: Tem Donatario, Duque de Aveyro.

Duodecima. A *Capitania do Espirito Santo*: tem minas de esmeraldas. *A' margem*: Donatario Francisco d'Aguiar Coutinho.

Decima terceira. *Capitania do Rio de Janeiro*: he del-Rey.

Decima quarta. Ultima de *S. Vicente*: tem trez villas, e ouro de lavagens, e fazem-se nellas mutos navios.

A' margem: Donatario foi primeyro Martim Affonso de Souza.

Fazem de gasto a El-Rey estas catorze Capitanias, neste anno de 1628, 59:487$164. E ha nella duzentos e trinta e cinco Engenhos de açucar, antes mais que menos.— I. Liv. 2.

Parece por huma petição de hum Miguel Estevam, estrangeiro, que se offerecia a pescar trinta a corenta quintaes de coral em cada hum anno da costa do Algarve. III, Liv. 1°.

Treslado de huma carta da Camara do Porto sobre a confirmação de seus privilegios, de que o principal he, e não apontão outro, senão não viverem fidalgos, nem fazerem cazas na cidade nem residirem nella mais que hum dia. Este privilegio chamão patrimonio, e pera elle allegão antiguidades e serviços grandes. III, Liv. 2°.

(1) Agora he que se tratou de dotar aquelle porto com uma dóca.

(2) *Zimbo de Angola*. Segundo Moraes no *Dicc.*, o *zimbo* he o marisco que serve de moéda em Angola e Congo. He de côr parda, e differente do *cori* ou *cauri*. Os negros o chamão *gimbo* e *gimbongo*, e diz-se que tambem se pesca na Bahia de todos os Santos.

No mesmo tempo (1) se continuava o descobrimento da costa contraria: costa da terra *America*, ou Novo Mundo, que o primeyro descobridor PedralvaresCabral chamou *Santa Cruz*, e o vulgo *Brasil*, polla estima que faz de hum genero de madeyra deste nome de que tem abundancia.

He a terra por toda a parte fresquissima de arvoredos, abundante de mantimentos, talhada de muytos rios de aguas excellentes, e alguns delles tão grandes que são navegaveis polla terra dentro muyto numero de leguas.

As serras crião esmeraldas, amatistas, cristaes e ouro: o mato he rico de muytas fruytas e ervas medicinaes, como são canafistola, sarça parrilha (2), tabaco e almessega.

O mar, sobre grande abundancia de bons pescados, lança por todas as prayas muyto ambar. E sendo com isto o clima todo de ares benignos e salutiferos, dava pera o diante esperanças de mayores interesses.

Desejava el Rey D. Manoel a troco delles doutrinar os naturaes, levando-lhes a noticia do Santo Evangelho: mas corsarios estrangeiros, principalmente Francezes, nos davão grande estorvo, acudindo muytos a aproveitar-se do suor alheio. Era necessario andar com armas nas mãos contra elles por não tomarem fé na terra.

---

(1) *Annaes de D. João III*, pag. 29. O author tratava da epocha em que D. João III subira ao throno, em 1522.

(2) *Sarça-parrilha*, he o que hoje por corrupção chamamos *salsaparrilha*; sipó medicinal mui conhecido. Os indigenas chamavão *Pecacuen* e *Juapecanga*.

OCCUPAÇÃO HOLLANDEZA NO MARANHÃO.

LUTA E EXPULSÃO DOS INVASORES.

EXCERPTOS DA OBRA

HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO

POR

D. LUIZ DE MENEZES, CONDE DA ERICEIRA

O Conde de Nassau (1), tanto que teve aviso dos bons successos conseguidos em Angola, e S. Thomé, despedio outra armada que constava de 18 navios (2) ás ordens de João Corneles (3), que levava nella dous mil infantes, a interprender a cidade de S. Luiz, da ilha do Maranhão.

Chegou esta armada á vista da cidade a 24 de Novembro (1641). A ilha do Maranhão fica na costa do Brazil ; corre para o Ceará de oeste a leste, e para o Pará a oesnoroeste em dous gráos e meyo da banda do sul : tem 12 leguas de comprido, e cinco de largo, e em algumas partes seis ; fica em huma grande bahia que alli faz a terra firme, de que dista duas leguas da parte do leste, e do oeste trez, e por huma e outra entrão navios : pela parte do sul a divide da terra firme hum rio(4), que terá de largura hum tiro de arcabuz.

Os Francezes a descobrirão (5) e senhoreárão até o anno de 1614, que Jeronimo de Albuquerque os lançou della, governando o Brazil Gaspar de Souza : a ilha não dava mais que tabaco e mandioca ; na terra firme havia engenhos de assucar, hoje se tem descoberto outras drogas quasi tão preciosas como as da India.

Governava a ilha Bento Maciel Parente ; reconheceu a armada, e vendo que era de Hollanda a mandou salvar, por ter recebido ordem d'El-Rey para não tratar como ini-

---

(1) *Conde de Nassau*. O texto diz *Nazau*: refere-se ao Conde João Mauricio, Governador geral do Brazil Hollandez. He o verdadeiro fundador da cidade do Recife.

(2) Netscher na sua obra — *Os Hollandezes no Brazil*—diz que os navios erão quatorze.

(3) *João Corneles*. Refere-se ao almirante *Lichthardt*. O seu nome, segundo Netscher, era *Jan Corneliszoon Lichthardt*.

(4) He o rio *Mosquito*. Melhor fôra denominal-o estreito.

(5) He equivoco, senão erro do author. A ilha de ha muito fôra descoberta pelos Portuguezes.

migos mais que á Turcos e Castelhanos. Continuou a armada a derrota sem responder á salva, nem amainar.

Vendo o Governador esta resolução mandou dar-lhe carga com toda a artilharia, á esta respondêrão os Hollandezes, e querendo livrar-se do perigo das balas derão fundo a distancia, que os livrava delle ; lançárão logo mil homens em o sitio de Nossa Senhora do Desterro : os moradores com o ocio esquecidos do exercicio militar despovoárão a cidade e o Governador se achou na fortaleza com setenta soldados, trinta e cinco delles meninos de muito pouca idade, a que havia sentado praça para supprir a falta de outros tantos soldados velhos, que tinha mandado para huma Capitania sua, desacerto que lhe tirou a honra, e lhe custou a vida, costumado effeito da ambição que com estes desenganos acha sempre sacrificios.

Marchárão os Hollandezes para a fortaleza, e vendo Bento Maciel a sua deliberação mandou dizer a João Corneles (1), que aquella Ilha era d'El-Rey de Portugal, com quem os Estados de Hollanda havião celebrado pazes, e que neste sentido ignorava a causa que o trazia a lhe fazer guerra. Respondeu João Corneles, que elle não determinava offender os Portuguezes, que vinha com ordem do Conde de Nassau, Governador das armas em Parnambuco, para occupar aquella Ilha ; que quizesse elle que se avistassem, para conferirem o que fosse mais util a El-Rey, e aos Estados.

Obrigado do receio aceitou Bento Maciel este partido : sahio da fortaleza, fallou com João Corneles, e assentárão que Bento Maciel ficasse governando a fortaleza, e que aos Hollandezes se desse huma parte da cidade, para se aquartelarem, e mantimentos por seu dinheiro até que chegasse ordem de El Rey e dos Estados, com a qual se tomasse a ultima resolução.

O modo da jornada dos Hollandezes bem deixava conhecer o caviloso animo desta proposta : porém Bento Maciel, que governava melhor os seus cabedaes que a fortaleza, aconselhado do medo, buscou pretexto para entregar a fortaleza, e a Ilha.

Entrárão os Hollandezes na cidade, e não querendo alargar mais o prazo á dissimulação a saqueárão. Mostrou João

(1) *João Corneles*. Era este o almirante da esquadra Hollandeza, mas o general encarregado do commando das forças de terra, que tinhão de occupar o territorio, era o coronel João van *Koin*.

Corneles que fôra desordem dos soldados, para facilitar a entrada da fortaleza: assim o conseguio como o dispoz, mandou occupar os postos della pelos Hollandezes, tomar posse dos armazens, abater as bandeiras de Portugal, e arvorar as de Hollanda, depois disto executado repetirão os soldados o saque da cidade, não concedendo mais privilegio ao sagrado, que ao profano.

Seguio-se a esta extorção mandarem recado aos Portuguezes de Itapocurú (1), povoação pequena de terra firme, doze leguas da Ilha onde estavão os Engenhos, que lhes mandassem tantas caixas de assucar que bastassem a livral-os do perigo que os ameaçava; por se livrarem deste damno contribuirão com seis mil caixas: João Corneles não querendo perdoar a diligencia alguma fez jurar a todos os moradores obediencia aos Estados, e embarcou cento e cincoenta soldados Portuguezes em huma urca mal apparelhada e deixou-os livres para seguirem a derrota que quizessem, suppondo que lhes dava a sepultura na liberdade.

Puzerão elles a prôa na ilha da Madeira, porém a muita agua que fazia o navio os obrigou a arribarem á ilha de S. Christovão na costa das Indias de Castella, povoada de Francezes e Inglezes (2). Achárão muito boa hospedagem, e em varias embarcações passárão brevemente a Lisboa. João Corneles voltou com a armada á Parnambuco, onde triumphou da victoria de huma traição.

Deixou na fortaleza 60 Hollandezes, e 4 navios no porto; bastante segurança para a pouca opposição que temião. Bento Maciel levárão elles preso a Parnambuco; morreu em huma fortaleza (3), que os Hollandezes tinhão no Rio Grande, pagando justamente a sua ambição e pouco valor, defeitos que este anno forão causa das muitas desgraças que padecemos nas conquistas, e conhecido effeito do lethargo com que os Castelhanos por todos os caminhos adormentavão os animos valorosos dos Portuguezes, negando-lhes o exercicio da guerra e dando-lhes mercadores por Capitães, que fundavão a maior opinião nos mais certos interesses.

---

(1) Provavelmente a actual villa do Rosario.

(2) Primeiro estabelecimento dessas duas nações nas Antilhas.

(3) *Morreu em uma fortaleza*. Segundo o author do *Valeroso Lucideno*, Bento Maciel foi conduzido á fortaleza do Rio-Grande do Norte, e d'ahi mandado por terra á Pernambuco, fallecendo em viagem no trajecto do Rio-Grande para Goyana. He portanto ignorado o lugar em que terminou seus dias. Vide infra nota (2) á pag. 438.

E se este discurso he presumpção de Portuguez e não conhecimento do valor que Deos quiz influir nos espiritos bellicosos desta generosa nação, brevemente o veremos nas victorias conseguidas nos mesmos lugares das desgraças sem mais soccorros que esgrimirem os Capitães as espadas sem arismeticas (1), deliberando-se a fazer livros de caixa dos Annaes da Fama.

(*Portugal Restaurado tom.* 1 *pag*- 335.)

Neste tempo (1642) conseguirão os moradores do Maranhão, sem mais soccorro que o estimulo dos aggravos que recebêrão dos Hollandezes, gloriosa satisfação de tantas offensas.

Depois de occupado o Maranhão guarnecêrão os Hollandezes a cidade, e repartirão 300 soldados pelos Engenhos da terra firme.

Huns, e outros com a soberba de injustos vencedores se licenciárão de sorte, que não perdoando ao sagrado, nem ao profano, em todos os lugares vião lastimosamente os Portuguezes as Igrejas, e as honras offendidas. Erão mayores os excessos dos que habitavão nos Engenhos, e assim forão os primeiros que padecêrão o castigo.

Desenganados os Portuguezes de que lhes não valia, nem aparentarem-se com os Hollandezes casando-os com suas filhas; nem queixarem-se ao Governador, como repetidas vezes fizerão, appellárão para o valor de seus braços, nos quaes por antiga disposição da natureza achárão sempre o mais efficaz remedio.

Elegêrão por superior acertadamente Antonio Moniz Barreto (2), que havia exercitado o posto de Capitão-mór da cidade com grande opinião de soldado pratico, e valeroso: aceitou elle a occupação, attendendo assim ao bem publico, como á offensa particular, por haver recebido muito máo trato de 20 Hollandezes, que alojava em hum engenho que elles lhe havião deixado.

Resoluto em intentar tão difficil empreza, ajuntou 100 Portuguezes e alguns negros (3), e huma noute entrou em todos

---

(1) *Arismeticas*, i. e., arithmeticas: sem estudos militares.

(2) *Barreto*. Engano, o nome era *Barreiros*.

(3) *Alguns negros*. Nessa epocha não havia em Maranhão escravos da Guiné; portanto aqui deve-se entender *negros* por indigenas, pois outr'ora os Portuguezes chamavão indistinctamente negros aos homens de côr.

os Engenhos que lhe ficavão mais perto e não ficou Hollandez que com a vida não pagasse os delictos commettidos.

Passou o empenho a mais difficil e mais generosa vingança, e antes de amanhecer chegárão a hum forte chamado do *Calvario* (1) que os Hollandezes guarnecião com 70 soldados, e 8 peças de artilharia. Conservárão o silencio até que conseguirão matar huma sentinella que com repetidas vozes acordou aos Hollandezes, mas acudirão a tempo que o forte estava entrado pelo mesmo lugar em que a sentinella perdeu a vida. Intentárão elles em vão a resistencia, porque a razão e o valor dos nossos soldados lhes facilitava hum triumpho em cada golpe. Degolárão todos os Hollandezes que guarnecião o forte (2), e sabendo distinguir a razão do aggravo entre os mayores impetos da colera, perdoárão á alguns Francezes (3).

Ganhando o forte, passou Antonio Moniz sem dilação á Ilha, por não haver na terra firme outra opposição, intentando conseguir a victoria no descuido dos Hollandezes, porém não logrou este acertado discurso, porque hum negro (4) que fugio da terra firme de tudo o que nella havia acontecido deu aviso na cidade.

Prevenio-se o Governador, e passárão-se os mais dos Portuguezes, a que chegou esta noticia, a se incorporarem com 30 que Antonio Moniz havia mandado adiante. Huns e outros degolárão 50 soldados Hollandezes que sahirão da cidade a descobrir a campanha.

O dia seguinte chegou Antonio Moniz a se incorporar com os Portuguezes da Ilha, e marchando para a cidade se en-

(1) *Calvario.* Gayoso na sua obra sobre a agricultura do Maranhão chama-o de *Vera-Cruz*. Não se deve confundir este com outro forte, que havia, vinte leguas acima da fóz, denominado de *Nossa Senhora da Conceição*, e de que se trata neste tom. á pag. 14 caps. 12 e 13.

(2) Esta versão está em desacordo com o que diz Berrêdo nos seus *Annaes Historicos* n. 820, assim como com a do Padre José de Moraes, no 1º tomo destas *Memorias* á pag. 157, ainda que este autor, bem comprehendido, se harmonisa com o texto.

(3) *Perdoárão á alguns Francezes.* Parece que o author cita factos que se passárão em epochas differentes. Berrêdo diz que os que escapárão do morticinio deverão a vida á um piedoso sacerdote, provavelmente o Padre Lopo do Couto, ou seu companheiro o Padre Benedicto Amodei.

(4) *Hum negro.* O P. José de Moraes chama *mestiço*, o que parece mais exacto pela deficiencia, na epocha, de escravos da Guiné. E assim o entendêo o Carmelita Fr. José de Santa Thereza, quando na sua obra —*Istorie delle guerre del regno del Brasile*, chama á esse fugitivo— Mouro (*un Moro*).

controu com hum Capitão Escocez chamado Sandalim (1), que vinha por cabo de 120 Hollandezes a reconhecer o seu intento. Tanto que huns e outros se avistárão, resolutamente se investirão, porém não valendo ao Escocez (2) o valor com que pelejou foi derrotado, não escapando mais que cinco Hollandezes.

Logrou Antonio Moniz neste successo, não só conseguil-o sem perder mais que dous soldados, mas ganhou nelle armas para os que conduzia, de que tinha grande falta.

Animado do favor da fortuna se resolveu a sitiar a cidade com pouca gente, falto de polvora e instrumentos. Chegou a ella, ganhou logo alguns postos e fortificou-se nelles, querendo ter os Hollandezes opprimidos quando não pudesse conquistal-os: fizerão elles algumas sortidas, e de todas se recolhêrão com grande perda.

Continuou o sitio, e como os mayores successos delle se conseguirão com a restauração da cidade no anno de 1644, daremos em seu lugar esta noticia, por não sahirmos da ordem da historia.

(*Portugal Restaurado* tom. 1º, pag. 411).

No fim do anno de 1642 deixamos os Portuguezes do Maranhão sitiando a cidade de S. Luiz, onde se recolhêrão os Hollandezes obrigados dos máos successos que havião padecido na campanha. Governava os nossos soldados Antonio Moniz Barreto, e tendo com grande instancia pedido soccorro

---

(1) *Sandalim.* Dissemos em nota á pag. 160 do 1º vol. destas *Memorias* que o verdadeiro nome desse official era *Sandelin*, por quanto esse nome não era estranho na Hollanda, visto como, ainda ha poucos annos, publicou Mr. A. Sandelin, conselheiro d'Estado do mesmo paiz, a seguinte obra: — *Repertorio geral de Economia Politica antiga e moderna*: Haya, Noordendorp 1846 e 1848. 6 vol. gr. in 8º.

Varnhagen no seu importante trabalho—*Os Hollandezes no Brazil*, diz que não encontrando semelhante denominação nos documentos Hollandezes, o nome lhe parecia mais Turco (lembrando *Saladim*) que Escocez.

Todavia o nome ou antes o appellidodo heroe Musulmano não era propriamente Saladim, mas *Salah-Eddyn*.

Accresce que os Francezes contão o adjectivo *Sandalin*, i. e., que tem a fórma de sandalo. E entre os Inglezes existe uma especie de mergulhão denominado *Sanderling*, que vive no litoral de Cornwall.

Qualquer destes vocabulos podia servir de appellido ao official que commandava os Hollandezes. Devemos entretanto observar que o Carmelita Fr. José de Santa Thereza, mal comprehendendo o nome na obra que reproduzimos, chama á esse official *Saladino*.

(2) *Escocez.* Berrêdo não declara nacionalidade alguma.

ao presidio do Pará, lhe chegou a 2 de Janeiro. Constava de 113 Portuguezes e 700 Indios, governados huns e outros pelos Capitães Pedro Maciel e João Velho do Valle (1).

Adoeceu neste tempo Antonio Moniz Barreto e foi eleito em seu lugar Antonio Teixeira de Mello, e não approvando todos esta eleição, se originou da discordia dilatarem o assalto da cidade, reduzida por falta de guarnição ao ultimo aperto.

Foi a dilação tão util aos Hollandezes, que, quando determinavão render-se, lhes chegou de Pernambuco hum navio, duas barcas e cinco lanchas em que vinhão 350 soldados da sua nação, e outros tantos Indios, governados por Andreson (2), o mesmo cabo que havia tomado Angola.

Não quiz elle que lhe prejudicasse a dilação de tentar a fortuna, sahio logo da praça com 600 Hollandezes e 800 Indios, investio primeiro com as casas em que estavão alojados 50 Portuguezes e achando-os descuidados os obrigou a largarem o posto (3): porém defendêrão-no o espaço que bastou para tomarem as armas os do quartel e e trincheiras, a que se retirárão, deixando trez mortos e levando quatro feridos.

Os Hollandezes, entradas as casas, avançárão com igual resolução ás trincheiras que estavão para a parte do Carmo, mas achando valorosa resistencia em 40 Portuguezes e poucos mais Indios que as defendião, depois de durar o conflicto hora e meya se retirárão, custando-lhes a sortida 140 soldados.

Passada esta occasião, vendo os Portuguezes casados a cidade soccorrida, morto Antonio Moniz Barreto da doença que lhe sobreveyo, e grande falta de munições, se retirárão com suas mulheres e filhos para o Sertão, e ficou de sorte diminuida a gente, que Antonio Teixeira julgou que era preciso retirar-se, e o executou a 25 de Janeiro.

Os Hollandezes, animados com este successo, deitárão fóra da praça 30 soldados e 150 Indios com ordem que fossem saquear o engenho de Aragacî (4). Antonio Teixeira,

---

(1) Erão irmãos, e sobrinhos de Bento Maciel Parente: ambos pelos seus feitos gosavão de má nomeada.

(2) *Andreson*. Berrêdo chama *Andrezom*. Mas o nome verdadeiro he *Henderson*, segundo Netscher, posto que outros denominem *Hinderson*.

(3) Era este o alojamento dos auxiliares do Pará, mas, quanto ao resultado do assalto, outra cousa dizem os documentos Hollandezes.

(4) *Aragaci*. He erro: o nome sempre foi *Araçagy*.

prevenindo este mesmo intento, se emboscou no sitio (1) em que o anno antecedente foi desbaratado Sandalim.

Chegárão a elle sem cautela os Hollandezes de que era cabo o Governador do Ceará (2), e sendo investidos dos nossos soldados, morrérão todos os Hollandezes e a mayor parte dos Indios. Antonio Teixeira mais alentado com este successo se aquartelou em o posto de Marapi (3), seis leguas da cidade, onde assistio mez e meyo sem accidente de importancia.

O Governador da cidade não podendo vingar-se com as armas dos soldados, desaffogou a paixão nos rendidos que havião ficado nella: deitou fóra cruelmente as mulheres, roubadas e despidas, e mandou entregar 25 soldados aos Tapuyas do Ceará, que brevemente os fizerão victimas da sua brutalidade (4). Outros 50 mandou vender aos Inglezes ás ilhas das Barbadas; mas o Governador informado desta maldade, ordenou que os Portuguezes sahissem em terra, a titulo de os comprar, e reprehendendo asperamente aos Hollandezes pôz em sua liberdade os Portuguezes.

---

(1) No lugar chamado *Outeiro da Cruz*, como attesta a tradição, junto ao corrego *Coty-mirim*, que bem assignala o padre José de Moraes no tom. I destas *Memorias* á pag. 159, e combina com o que diz Berrêdo nos §§ 823 e 831 dos *Annaes*.

(2) *Governador do Ceará*. No relatorio de Pedro Bas, que mais adiante publicamos, o nome deste official he *Jacob Evers*. O padre José de Moraes chama-o *João Lucas*, engano mui natural á quem escreve um seculo depois do acontecimento, apoiando-se na tradição popular e nos escriptos de um coevo, Lourenço de Lyra. Mas o que diz o padre José de Moraes, está de harmonia em parte com o que expõe o texto, e com Berrêdo nos *Annaes* n. 857.

(3) *Marapi*. Berrêdo chama *Moruapy* no n. 858 dos *Annaes*, e o padre José de Moraes *Moruapu*, á pag. 168 do tom. I destas *Memorias*; mas Diogo de Campos no mappa da ilha do Maranhão, que junta á sua obra —*Rasão d'Estado*, denomina *Mortiupi*, um local que assignala, e não he outro senão o monte que fica entre as nascentes dos rios Bacanga e Tibery, principalmente este que desemboca em frente á barra do Itapucurú; o que parece estar de harmonia com o que diz Berrêdo, no § 858.

Se o nome desse local está perdido como diz Timon nos seus *Apontamentos, noticias e observações para servirem á Historia do Maranhão* liv. 3., não ficou sem algum assignalamento a posição, podendo talvez ser a do *Arrayal* como suspeita, e faz acreditar em vista da distancia da cidade, seis leguas. Parece que os sublevados depois que voltarão dos acampamentos de Tapuy-tapéra (*Alcantara*) e da *Estiva*, fronteiro ao territorio da ilha, não occuparão de novo Moruapy. O nome de *Arrayal* fez esquecer o primitivo. Gayoso na sua obra chama *Mornapy* mas he evidentemente erro de imprensa, porquanto o seu trabalho he resumo do de Berrêdo.

(4) Parece que o Governador da cidade era Pedro Bas, ou o Major Ernst van Breemen, parente do deshumano *Negenton*, autor desta atrocidade, que confirma Netscher a pag. 129 da sua obra.

Antonio Teixeira, do sitio em que estava alojado, mandou fazer duas entradas, huma e outra se conseguio com bom successo perdendo as vidas 30 Hollandezes. Porém Antonio Teixeira vendo-se com grande falta de munições, mudou de quartel e passou á terra firme e alojou-se em Itapitapera (1), e não se dando nelle por seguro, resolveu com o parecer dos mais, retirar-se para a cidade de Belem do Pará, 150 leguas da Ilha.

Querendo pôr por obra esta determinação chegárão do Pará algumas munições com as quaes mudou Antonio Teixeira de intento, e deliberou continuar a guerra sem embargo de se retirarem sem sua ordem para o Pará os Capitães Pedro Maciel e João Velho, levando comsigo parte da gente que havião trazido de soccorro (2).

No Pará os não quizerão justamente receber, condemnando a sua maldade de que se originarão grandes dissensões que depois se compuzerão.

Antonio Teixeira ficando só com 60 Portuguezes e 200 Indios se resolverão todos, por serem naturaes da terra, a vender caras as vidas aos Hollandezes, determinando perdel-as naquella difficil conquista.

Com esta resolução dividio Antonio Teixeira esta gente em duas companhias, de que fez capitães á Manoel de Carvalho (3), e João Vasco soldado de conhecido valor.

Ordenou á Manoel de Carvalho que passasse á Ilha com 40 Portuguezes, e 100 Indios a fazer farinhas de mandioca para se sustentarem. Teve o Governador da cidade esta noticia, mandou sahir della 60 Hollandezes e 100 Indios. Forão estes buscar Manoel de Carvalho, o qual os recebeu com tanta resolução, que em pouco espaço os desbaratou, e voltando elles as costas, os seguio até perto da cidade, aonde não chegarão vivos mais que 10 Francezes que o Governador mandou enforcar (4), dizendo que em outras occasiões havião feito o mesmo, por não quererem pelejar contra os Portuguezes.

Fez mais alegre este successo lograr-se sem morrer sol-

---

(1) *Itapitapera.* He hoje a cidade de *Alcantara.* Berrêdo e o padre José de Moraes dizem *Tapuy-tapéra.*

(2) Levárão a mór parte.

(3) *Manoel de Carvalho Barreiros.* Era irmão de Antonio Moniz Barreiros.

(4) Vide supra nota (3) á pag. 425.

dado algum, podendo fazer grande falta em tão pouco numero qualquer que perdesse a vida.

Poucos dias depois desta occasião, mandou Antonio Teixeira ao Alferes Manoel Dornellas com 30 Portuguezes e 50 Indios buscar mantimentos á Ilha, e já neste tempo havia chegado o alojamento ao rio (1) que a divide da terra firme. Em passando o rio soube o Alferes que os Hollandezes havião levantado hum reducto em hum sitio, por onde forçosamente havia de passar, e que o guarnecião 40 soldados. Prevenido com esta noticia, marchou com diligencia por lugares occultos, e antes que amanhecesse chegou ao reducto sem ser sentido : entrou-o com facilidade, e degolou os Hollandezes que achou dentro.

Retirou-se, e animarão-se todos de sorte com estas fortunas, que sabendo 4 Portuguezes que estavão 25 Hollandezes em huma casa de hum Engenho, se resolverão a ganhar-lhe huma só porta que tinha, e defendendo trez que não sahisse algum dos que estavão dentro, e ajuntando o que ficava quantidade de lenha, rodeou com ella a casa, e pondo-lhe o fogo ardeo com todos os Hollandezes que estavão nella.

Nesta fórma de guerra continuarão até 13 de Junho, dia em que ouvirão disparar muitas peças de artilheria na barra. Antonio Teixeira mandou logo o Alferes João da Paz com 8 Portuguezes e 50 Indios embarcados em duas lanchas a averiguar a causa desta novidade : indo navegando encontrarão huma lancha com 27 Hollandezes, e duas peças pequenas de artilheria, investio-o o Alferes, entrou-a e rendeo-a. Mas este bom successo foi causa de grandissimo damno, porque o Alferes divertido com o alvoroço da victoria não continuou a jornada, a que fôra mandado, sendo motivo de se perder Pedro de Albuquerque (2) que era o que havia ordenado que se disparasse a artilheria ; porque havendo partido deste Reino por ordem del Rey a governar o Maranhão, levando em hum navio em que deo á véla a 29 de Abril, Infantaria, munições mantimentos e fazendas chegando á barra da cidade de S. Luiz, e não tendo noticia dos successos daquelle Estado, nem Piloto, que lhe ensinasse

(1) He o rio *Mosquito*.

(2) Já se havia distinguido na guerra de Pernambuco contra os Hollandezes, defendendo heroicamente o forte do Rio Formoso em 1633.

os portos, mandou disparar a artilheria para que ao rumor della acudisse alguma pessôa que o informasse.

Vendo que não conseguia effeito algum desta diligencia, pôz a prôa no Pará e naquella barra se perdeo o navio, salvando-se no batel Pedro de Albuquerque com 40 Portuguezes. Chegou brevemente a nova desta desgraça a Antonio Teixeira, porém não lhe fez perder o alento, antes avistando oito navios Hollandezes o sitio em que estava alojado, e não se atrevendo a investil-o, determinarão enganal-o mandando-o persuadir que se recolhesse á cidade, onde governaria os Portuguezes sem oppressão alguma nem dependencia.

Respondeu á esta embaixada que brevemente esperava alojar-se na cidade, lançando della hospedes tão indignos de amizade e de credito, e que as victorias passadas erão fiadores das esperanças futuras. Exasperados os Hollandezes da resolução desta resposta, derão ordem que se não concedesse quartel a Portuguez algum, a mesma deu contra elles Antonio Teixeira exceptuando os Francezes (1) que assistissem daquella parte ; que servio de os fazer mais suspeitosos com os Hollandezes.

Antonio Teixeira não mandou passar á Ilha alguns dos seus soldados até o mez de Outubro, nem succedeo empreza de importancia. Obrigado neste tempo da falta de mantimentos, havendo-se-lhe unido alguns Portuguezes e Indios do Sertão, passou com toda a gente á Ilha, mandando diante ao Sargento-mór Agostinho Corrêa com a Companhia de João Vasco, o qual, depois de colhidas as farinhas, seguido de Antonio Teixeira, investio o Forte do *Calvario* junto do rio Itapucurú, e achou-o sem guarnição pelo haverem largado os Hollandezes.

Deste lugar mandou hum valoroso Indio, chamado Sebastião (2) com outros 36 Portuguezes, e deo-lhe ordem que puzesse fogo a alguns canaviaes junto da cidade.

Assim o executou, assaltando de caminho huma lancha que estava varada em terra, em que havia 27 Hollandezes, de que não escapou algum com vida.

Os Hollandezes da cidade reconhecendo os damnos que recebião na campanha, cerrarão as portas, e crescendo-lhes

(1) *Francezes*. Vide supra nota (4) á pag. 429.

(2) Berrêdo, nos *Annaes* n. 899, tambem menciona este Indio, mas sem outros esclarecimentos, parecendo ser este o mesmo de que trata o n. 161, e C. de Abbeville nos caps. 19 e 20 de sua obra.

por instantes o aperto, e o receio, se acharão reduzidos á ultima desesperação ; porque se acaso algum sahia da cidade logo era morto dos Portuguezes, e Indios, que nunca sahirão dos matos visinhos á ella. Estando nesta afflicção, entrou no porto obrigado de huma tormenta hum navio nosso, que fazia viagem para a Bahia : entrarão nelle os Hollandezes sem achar resistencia, e embarcando-se em dous mais de que se não havião servido por estarem mal apparelhados derão á vela para a ilha de S. Christovão, que habitavão naquella costa aonde chegarão com grande trabalho por falta de mantimentos, sendo só 300 os que se embarcarão, e mais de 1500 os que em varias occasiões lhes matou a nossa gente.

Com grande contentamento recebeo Antonio Teixeira esta noticia, marchou logo para a cidade (1), que achou de todo desmantelada e 14 peças de artilheria encravadas: porém os Hollandezes naquellas ruinas deixárão o triumpho de Antonio Teixeira e dos mais, que com tanto valor e soffrimento sustentárão trez annos aquella guerra, sem mais soccorro que a gente do Pará, que tornou a retirar-se, e custando-lhe muito sangue até o mantimento de que se alimentavão, vierão a conseguir lançarem fóra os Hollandezes de huma das Conquistas de mayor utilidade que Portugal hoje cultiva.

Quando os Hollandezes derão principio a esta guerra levárão para o Maranhão muitos Indios das partes donde naquellas costas tinhão fortalezas : entre estes forão os de Ceará e Camozins (2).

Retirarão-se do Maranhão, e forão lançados no Camozins, que dista 70 legoas, os Indios que escapárão da guerra sem lhes darem os Hollandezes alguma satisfação.

Escandalisados do máo trato com que os despedirão, se ajuntarão com outros da mesma nação, e avançárão contra hum reducto que os Hollandezes guarnecião naquelle sitio, e colhendo-os sem prevenção os degolárão a todos. O mesmo fizerão em outro reducto 10 legoas a diante (3), e animados

---

(1) Fr. Domingos Teixeira, Augustiniano, na sua obra — *Vida de Gomes Freire de Andrade*, que governou o Maranhão de 1685 a 1687, liv. 2 da segunda parte, narra com mais individuação este acontecimento.

(2) *Camozins*. Camozim ou Camocim, rio da provincia do Ceará em cujas margens está fundada a cidade da Granja.

(3) Talvez em *Jericoá-coára*.

destes successos se resolverão a investir a fortaleza de Ceará que distava 100 leguas deste sitio.

Tomada esta determinação, marchárão com grande silencio, e chegando á fortaleza sem serem sentidos se emboscárão em hum mato visinho, aguardando a que se abrisse a porta.

Os Hollandezes pela segurança passada não temendo o damno presente, tanto que amanheceu, aberta a porta, sahirão da fortaleza quazi todos a negociar, como costumavão as utilidades da campanha. Não aguardarão mais tempo os Indios, avançarão com grande valor, ganhárão a porta, e a fortaleza, degolárão alguns Hollandezes que acharão dentro della, e os que estavão fóra se rendêrão: e avisarão logo ao Maranhão á Antonio Teixeira que mandasse occupar aquellas fortificações que havião ganhado, o que elle logo executou mandando presidiál-as (1).

Despachou com as novas de todos estes successos ao Capitão João Vasco para este Reino, aonde chegou a salvamento, e El-Rey informado dos que melhor procederão nesta guerra lhes satisfez largamente o seu merecimento (2), igualando aos Indios com os Portuguezes, attenção que os deixou mais animados para conseguir novas emprezas.

Estes forão os successos da America, sem que houvesse nos outros lugares acção digna de memoria.

(*Portugal Restaurado tom.* 2, *pag.* 33)

---

(1) Pompêo, no seu *Ensaio Estatistico da Provincia do Ceará* tom. 2 pag. 262, diz que em 1644 Antonio Teixeira de Mello exercêra o cargo de Capitão-mór do Ceará, o que está em desaccordo com a historia do Maranhão, pois não consta que este heróe d'ali sahisse depois da restauração, que com tanta felicidade terminou.

(2) Menos quanto ao proprio Antonio Teixeira de Mello, nunca galardoado por tão assignalados serviços que prestou.

EXCERPTOS DA OBRA

VIDA DO APOSTOLICO PADRE ANTONIO VIEIRA

DA COMPANHIA DE JESUS

PELO PADRE ANDRÉ DE BARROS

DA MESMA COMPANHIA

NOTICIA OPPORTUNA, E AINDA NÃO ESCRIPTA EM NOSSAS HISTORIAS.

170. Aberta a porta deste Novo-Mundo pelo valor Portuguez, correrão outras nações de Europa a fixar pé, ou levantar casa em campo alhêo. Francezes, e Hollandezes forão, os que em tempos diversos nos quiserão disputar a posse, do que a Divina Providencia nos fizera senhores. E como o estrondo das armas, com que se alcanção as victorias, vai appellidando pelas gentes os braços que as alcançárão, levando toda a voz da fama á fonte, onde se toma a agua, esquecida total, e ingratamente a mina, he bem, que saiba o Mundo, que não só no espiritual (como veremos), senão tambem no temporal, devem as terras do Maranhão á Religião da Companhia de Jesus a felicidade que logrão. Daremos com succinta penna as noticias, que ou não tiverão, ou quizerão calar nossos Escriptores.

171. No anno de 1615, governando o Brazil Gaspar de Souza, que então residia em Pernambuco, foi mandado o Capitão-mór Alexandre de Moura a dar fim á guerra, que no anno antecedente tinha principiado Jeronymo de Albuquerque contra os Francezes do Maranhão, que em trez náos, com que andavão buscando presas, derrotados de huma tormenta, fizerão assento naquelle porto. Senhoreavão elles a Ilha, e no continente tinhão por si todo o Gentio, a mayor parte dos quaes erão Topinambás, inimigos dos Portuguezes, e que de Pernambuco (1) se tinhão retirado por força de nossas armas.

---

(1) Vide o Padre Claudio de Abbeville na sua obra cap. 24 pag. 149, onde se trata desta expatriação.

Hião na armada os padres Manoel Gomez e Diogo Nunes, da Companhia de Jesus (1), e com elles muitos Indios (2) filhos todos de sua doutrina nas aldêas, que em Pernambuco cultivavão. Chegou a armada a avistar o Maranhão; e como julgava seria senhor do terreno, quem tivesse por si os naturaes, os primeiros homens que por ordem do Capitão-mór pizárão a terra, forão os ditos Padres com os seus Indios; e com fortuna de Cezar, o mesmo foi ter falla com o Gentio, que reduzil-o todo á sugeição e amizade dos Portuguezes. Desamparada deste arrimo a ousadia Franceza, no mesmo dia cedeu á nossa fortuna, entregando á seu pezar a terra, de que nosso descuido, mais que o seu valor os fizera possuidores injustos.

Esta foi a principal força, como em sua certidão confessa o Capitão-mór da armada Alexandre de Moura (3), e estes os principaes instrumentos da nossa victoria.

172. Não podemos calar aqui, como foi sempre invejada de todas as Nações a gloria de nossos descobrimentos, chegando a embaciar-nos em Europa o illustre nome, que o nosso valor tinha merecido nesta parte da America, de que fallamos. Publicárão pois os Francezes hum livro das *Missões* dos padres Capuchos, escripto pelo padre Claudio de Abbeville (4), querendo mostrar ao Mundo serem elles, quem como primeiros conquistadores, derão o nome de S. Luiz á capital daquelle Estado. Já dissemos, que Luiz de Mello da Sylva (com quem fôra tambem Fernando Alvares de Andrada, dous

---

(1) Berrêdo, nos *Annaes* n. 413, substitue estes Jesuitas por outros que vierão depois, Lopo do Couto e Benedicto Amodei, para logo mais esquecer-se destes nos acontecimentos da luta Hollandeza em que tanto figurarão. Sabendo-se hoje do caracter desleal deste escriptor, essa troca de nomes, e o singular silencio em pontos tão importantes, não se podem reputar casuaes, e devidos ao descuido. Vide Timon tom. 2 nota F no appendice á pag. 409.

(2) Os Jesuitas tinhão uma aldêa principal que chamavão de *doutrina*, para onde era conduzida a juventude indigena, e instruida. Erão os indigenas, ahi preparados, prestimosos auxiliares de cathequese.

(3) Vide no tom. 1 destas *Memorias* a pag. 70 e 71. He um documento muito honroso aos Jesuitas.

(4) A obra importante que escrevêo este Capuchinho intitula-se—*Histoire de la Mission des Peres Capucins en l'isle de Maragnan, et terres circonvoisines*, etc.

O que este Capuchinho diz, no fim do cap. 13 de sua obra á respeito do nome de S. Luiz imposto ao estabelecimento Francez no Maranhão, he confirmado por Diogo de Campos na sua—*Jornada do Maranhão*, a pag. 247 destas *Memorias*, por Berrêdo e o Padre José de Moraes.

fidalgos Portuguezes) fizera aquelle descobrimento (1), e déra o nome á cidade de *S. Luiz*, na Ilha do Maranhão (2).

Dos Tratados porém com os Indios, que imprimio o mesmo padre Claudio (fosse involuntaria incoherencia, ou fosse restituição da verdade), se collige, que os Portuguezes, a quem os Indios chamavão *Peróz* (3), forão os que os descobrirão e dominárão.

173. Ultimamente mandou pelos annos de 1701 o Senhor Rey D. Pedro II, ao Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, que fizesse o Manifesto do nosso direito áquella conquista: elle o executou com singular erudição e felicidade; porque achou no precioso thesouro da sua copiosa livraria as cessões originaes dos Tratados da *França Equinocial* ou *Caena* (4), feitos pelo Cardeal Richelieu no tempo Del-Rey Francisco I (5), sendo Embaixador em Paris Del-Rey D. João III de Portugal (6) D. Francisco de Noronha, Conde de Linhares.

Daquelles Tratados resultou o Tratado Provisional, que naquella Côrte se fez. Além disto no Tratado de Utrecht do anno de 1713 fez desistencia a França dos taes pretendidos direitos: negocio importante, a que contribuirão com grande zelo da verdade e da patria, o Conde de Tarouca e D. Luiz da Cunha, Embaixadores e Plenipotenciarios naquelle Congresso, e o Conde da Ribeira D. Luiz Manoel da Camara, que o era na Côrte de Paris; todos trez Ministros de grande supposição, e intelligencia. Devemos esta noticia ao Conde que quiz com o muito que tinha visto, elevar os nossos olhos, aonde não podião chegar.

174. Contra os Hollandezes foi igual a gloria, e os instrumentos os mesmos. No anno de 1642, quando já Portugal respirava em liberdade, tinha ainda occupada a cidade de S. Luiz aquella Nação, com cujo trato vivião pouco catholi-

---

(1) *Descobrimento*. Com quanto á pag. 11 nota (1) sustentassemos doutrinas contrarias á prioridade de Luiz de Mello na descoberta do Maranhão, estamos hoje persuadidos do contrario, não obstante o que diz Jaboatão na sua obra—*Orbe Seraphico*.

(2) Vide supra nota (5), a pag. 437, e o Padre José de Moraes no tom. 1 destas *Memorias*, a pag. 52.

(3) *Peróz*. Vide supra pag. 11.

(4) *França Equinocial* ou *Caena*. O primeiro estabelecimento Francez nessa ilha data de 1626, no reinado de Luiz XIII.

(5) Equivoco. Que importa a differença de um seculo. Richelieu servio com Luiz XIII, muito depois de Francisco I.

(6) Outro equivoco. O Principe que reinava em Portugal era D. Philippe II, mas III da Hespanha.

camente os moradores. Crescia com isto a difficuldade de vir aquella praça a obediencia Del-Rey ; e lavrando como contagio o mêdo, já no Pará havia pareceres para aceitarem tambem a sujeição de Hollanda. Estimulavão estes golpes o animo ao valor (que póde nos Portuguezes dissimular-se, nunca extinguir-se); e o padre Lopo do Couto (1), da Companhia de Jesus, sugeito de alto coração e em quem ardia com o zelo da Fé o generoso de nobre, determinou alentar os espiritos supprimidos, e fazer dar huma volta á roda da fortuna.

175. Era de muita authoridade para com os Portuguezes, e Indios, e communicando ás pessoas de mayor confiança os pensamentos, com que lidava de sacodirem o tyrannico jugo dos Hollandezes, declarou-lhes a traça e industria, que para isso tinha. Faltava pessoa a quem competisse ser Capitão desta empreza ; porque o Governador do Estado, que então era Bento Maciel Parente, fôra mandado preso para Pernambuco pelos mesmos Hollandezes, quando usurpárão aquella conquista (2). Não gastou porém muito tempo em buscar outro, quem tinha tudo em si mesmo. Seu sobrinho Antonio Moniz Barreiros, que tinha sido Capitão-mór do Maranhão, e em cujo peito vivia a fidelidade, e o valor, foi a quem persuadio o animoso tio que tomasse á sua conta coroar os passados merecimentos com facção tão illustre.

176. Aceitou o esforçado Antonio Moniz, em quem os espiritos de leal Portuguez vivião occultos sim, mas não quebrados; e como não podia sem temeridade intentar-se a empreza sem o soccorro dos Indios, cujas aldêas estavão á obediencia dos inimigos, fallou com cauteloso segredo ao principal dos Indios *Joacaba Mitagay*, á *Henrique de Albuquerque*, e á outros experimentados, e valentes (3): exhortou-os a que quizessem tomar as armas, e sacodir tão tyranno jugo ; porque elle lhes promettia fazer com o Serenissimo Rey D. João IV, seu legitimo Rey e Senhor, lhes mandasse

---

(1) *Lopo do Couto*. O que assegura o texto está de harmonia com o que sustenta o padre José de Moraes no tom. 1º destas *Memorias*.

(2) Segundo Fr. Domingos Teixeira na *Vida de Gomes Freire de Andrade* tom. 2º liv. 2º n. 28, Bento Maciel Parente acabou a sua vida nas mãos dos Tapuyas (e talvez por elles devorado) no caminho do Ceará para onde seguira, afim de ser conservado preso na respectiva fortaleza. Esta versão parece-nos mais fundamentada que a de Ericeira, e de Frei Manoel Calado no *Vàleroso Lucideno* pelas difficuldades da navegação do Maranhão para o sul. Vide supra nota (3) á pag. 423.

(3) Nem Ericeira, nem Berrêdo, e nem o Padre José de Moraes nomeão estes *Morobixabas*; esquecimento que o texto repara.

tantos padres da Companhia de Jesus, que pudessem assistir com elles nas suas aldêas, ensinar e doutrinar seus filhos. Tanto amor sabem aquelles Indios lhes tem os Padres, que esta só promessa bastava para os render.

177. Ás razões do Capitão se seguirão as do zeloso e animoso padre Lopo do Couto ; e aceitada pelos Indios a proposta, começou-se a guerra, e foi correndo já com prosperos, já com adversos successos, querendo talvez Deos com as demoras da ultima victoria, ou castigar ainda peccados, ou provar, ou refinar nossa constancia.

He certo que não houve no Maranhão, quem não confessasse, que a restauração daquelle Estado se devia a dous generosos Filhos de Santo Ignacio, á industria do padre Lopo do Couto, e ás orações e penitencia do padre Benedicto Amodey (1), conhecido e venerado por santo. Este Varão Divino abrandou e dobrou o Céo, antevio com prophetico espirito o fim do successo, e nos casos mais desesperados da guerra, prometteo da parte do Deos das victorias, assim aos Indios, como aos Portuguezes, a felicidade e triumfo com que vierão a ser vencidos os Hereges, e tremular sobre suas bandeiras as de Portugal.

Do padre Lopo do Couto diremos por ultimo pregão do seu zelo, que ao ver, que em certo dia se pudéra tomar a Cidade aos inimigos, e por menos advertencia de seu sobrinho se não tomou, contrahio de puro sentimento, huma doença cuja violencia com grande magoa de todos, lhe tirou a vida.

178. Estes forão os instrumentos gloriosos, que Deos tomou para se restituir á Corôa aquelle Estado : e se isto calárão os Historiadores (2), deixou-o em memoria n'uma certidão jurada o Capitão-mór Antonio Teixeira de Mello (3), que por morte do valeroso Antonio Moniz Barreiros tomou o governo das armas ; podendo os braços daquelle com o peso da guerra, nascendonos deste a dita da victoria.

---

(1) *Benedicto Amodey*. O companheiro de Lopo do Couto esquecido por Ericeira e Berrêdo.

(2) Silencio desleal, inspirado pela inveja e rivalidade.

(3) Vide no tom. 1º destas *Memorias* a pag. 180 e 182 a integra de tão honrosos documentos, que exprimindo a verdade, vencerão por fim a injustiça com que são calados serviços de tanta relevancia.

DOCUMENTOS EXTRAHIDOS

DA

COLLECÇÃO HOLLANDEZA

MANUSCRIPTA DO INSTITUTO HISTORICO

CERTIDÃO PASSADA PELO PROVEDOR-MÓR DA FAZENDA, NO MARANHÃO, IGNACIO DO REGO BARRETO, DE 6 DE AGOSTO DE 1642.

Certifico eu Ignacio do Rego Barreto, Provedor-Mór que fui da Fazenda do Serenissimo Rey de Portugal Dom João, o Quarto, na cidade e conquista do Maranhão, que a armada Hollandeza que o foi tomar sahio do Recife de Pernambuco em 28 ou 29 de Outubro de 1641, a qual aportou, e ancorou no porto de *Perihá*, distante vinte leguas da dita cidade; e encontrando alli um navio Hollandez carregado de vinhos, que com despacho e licença dos officiaes da alfandega de Sua Magestade sahio da ilha da Madeira, onde já se havia solemnisado e publicado a tregoa feita entre o dito Senhor Rey de Portugal e os muitos e poderosos Senhores Estados-Unidos dos Paizes-Baixos, o mandou tomar o General e o remetteu ao Recife, e mandando do mesmo porto em um barco alguma gente á barra do mesmo Maranhão tomar falla e saber se estava o Governador e moradores delle pelo dito Senhor Serenissimo Rey de Portugal, encontrou um homem Portuguez na ilha de Fóra (1), que guardava gado e o levou ao dito General e Coronel (2).

E sendo por elles examinado lhes disse que já os moradores daquesta praça estavão havia mais de seis mezes pelo dito Senhor Rey, e que havião o acclamado por tal sem discrepancia alguma. E tambem lhes disse que nella se havião pregoado publicamente pazes com o Christianissimo Rey de França e ditos Senhores Estados, com todas as solemnidades costumadas em semelhantes actos.

E perguntando-lhe mais o dito Coronel que declarasse quem governava a dita praça respondeo o dito homem que

---

(1) *Ilha de Fóra*, isto he, a de *Curupú*.
(2) *General e Coronel*. Refere-se ao almirante João Corneliszoon Lichthardt e ao Coronel João van Koin.

Bento Maciel Parente, e que esperava cada dia por novo Governador, e ouvindo isto o dito Coronel disse que elle era o Governador que lhe ia succeder e tomar posse da praça, na qual já em principio de Novembro o dito Governador Bento Maciel Parente por cartas de aviso que teve de Sua Magestade tinha mandado pregoar as ditas pazes publicamente, assim na cidade como em seu districto com toda a devida solemnidade, declarando-se que chegando ali alguns navios dos Estados de Hollanda ou de El-Rey de França se lhes desse boa entrada e o necessario com todo o favor que houvesse lugar, porquanto tinha feito pazes com os ditos Senhores Estados e Christianissimo Rey de França.

E tendo o mesmo Governador aviso em 24 de Novembro que apparecião muitos navios mandou na noite seguinte ao capitão de Infantaria Francisco Coelho de Carvalho em hum barco a reconhecêl-os. Voltou no dia seguinte pela manhã dizendo que erão Hollandezes : e no mesmo dia as 11 horas entrarão os ditos navios, que erão 18 entre grandes e pequenos, pela barra dentro, e mandando-lhes o Governador atirar duas peças sem pelouro para conhecer seu intento, não responderão com signal algum ; o que visto pelo dito Governador lhe mandou atirar algumas peças com pelouro, a que respondêrão com toda a sua artilharia, combatendo a fortaleza e cidade.

E no mesmo instante me mandou o dito Governador com o Padre Lopo do Couto, da Companhia de Jesus, que fosse a bordo da Capitania fallar com o General e Coronel, e lhes manifestassemos as pazes que tinhamos feitas com os Senhores Estados e com elles, e como alli estavão apregoadas por avisos e ordens de Sua Magestade : e chegando a bordo da Capitania não achei nella o Coronel, e indo a terra onde estava ahi desembarcando a gente, fazendo-os sabedores de tudo e declarando muito meudamente aos circumstantes, respondeo que queria ver a Carta e Ordem que o Governador tinha das pazes : e com esta resposta lhe fui dar conta.

E elle, confiado na amizade que havia, sahio fóra da fortaleza fallar com o General e Coronel, mostrando-lhes as ordens que tinha de Sua Magestade. E assentarão de commum consentimento o seguinte. Concedem a saber : Que o dito Governador e Coronel João de Koim ficarião naquella praça cada qual delles governando a sua gente, e que as armas e mais petrechos de guerra se meterião nos armazens e que

cada um teria sua chave, e vivirião ambos como amigos e o Governador mandaria aviso á Sua Magestade e o Coronel aos Senhores Estados, dando-lhes conta de tudo, e o que lhe ordenassem se faria, que em tanto os moradores da terra estarião com grande paz e quietação beneficiando cada qual sua fazenda. E de tudo fizerão hum assento, que ambos assignarão e o general (1) João Cornelles *(Coração leve)*, e Pedro Bass, *seu politico e director* (2).

No mesmo dia o governador lhes entregou a fortaleza, armas e munições, e, tomando posse de tudo, arvorarão suas bandeiras, apossando-se do governo e fortaleza e do mais que havia na cidade.

E no dia seguinte fizerão o General e Coronel entre si outro escripto de contrato a seu modo accrescentando e diminuindo o que quizerão, e obrigarão o Governador que assignasse, e o primeiro contrato o rasgarão dizendo que não estava bem.

E o obrigarão mais que mandasse recado aos officiaes e soldados da guerra que assistião na fortaleza do Tapicurú, para que se entregassem e lhes viessem dar obediencia; e desta maneira se lhes entregou e ficarão senhores della.

Depois forão por seus mandados chamados os Srs. de Engenho e lavradores, para que viessem ante elles e lhes pedirão que pelo saque que podião dar em suas fazendas e casas lhes dessem seis mil arrôbas de assucar que recebêrão. E depois de estarem de posse de tudo, mandarão botar bandos que todos os moradores, soldados e gente de fóra, se ajuntassem na praça; sendo juntos, obrigarão os ditos moradores que jurassem ao muito poderoso Principe de Orange, e os Senhores Estados-Geraes da Hollanda, e Senhores da Companhia promettendo-lhes vassallagem, obediencia, lealdade, o que fizerão obrigados de sua força e rigor.

Tomarão os officiaes de guerra, soldados, homens do mar e forasteiros, por lista e sendo juntos os embarcarão miseravelmente em hum navio para a ilha da Madeira, o qual no mesmo dia em que sahio tornou a entrar para dentro por

(1) *O General*, isto he, o almirante. O Provedor traduzio-lhe o nome de *Licht-hardt*, coração leve.

(2) *Seu politico e director*. Pedro Bas, provavelmente era Belga ou Francez, huguenote, em razão do nome e da linguagem de que usava nos seus officios. Occupava na colonia conquistada o cargo de *Director politico*, parece que com interferencia na parte civil da administração. Berrêdo nos *Annaes* n. 780, trata-o por Pedro *por antonomasia* Politico.

se ir a pique com agoa ; e, concertando-se mal, o tornarão a mandar para a ilha dita com mui pouco mantimento e agoa. E obrigados de muitas necessidades e agoa que fazia forão para a ilha de S. Christovão quasi mortos e afogados, aonde estão ainda muitos passando miseravelmente por não terem passagem.

E pedindo o Governador para mandar aviso á Sua Magestade conforme ao concerto que havião feito, lho negarão e zombarão delle, por essa causa não foi S. M. Rey logo sabedor de tudo. Da artilharia e petrechos de guerra que acharão, enviarão para o Recife o que lhes pareceo melhor ; e todos os navios e barcos da terra tomarão ; e as fazendas que acharão nos armazens e logias da cidade, e a prata das Igrejas, que tudo importa muita contia.

Com muita vexação de minha pessoa me obrigarão que logo entregasse os livros e toda a fazenda que tivesse de Sua Magestade dentro de dous dias ; e que nelles me embarcasse com os mais prisioneiros; e porque o tempo era breve, e o rigor muito, pedi me dessem alguns dias mais para fazer a entrega que me pedião porque a não podia fazer então breve.

Consentirão nisto prendendo-me, e que na mesma conformidade fizesse em casa de seu Sargento-Mór das armas, onde estive até me embarcar como prisioneiro para estes Estados da Hollanda em uma náo que veio carregada de assucares.

E por me ser mandado passar a presente certidão pelo Sr. Doutor Francisco d'Andrada Leitão, do conselho de Sua Magestade, seu dezembargador do Paço, e Embaixador Extraordinario nesta côrte aos Senhores Estados-Unidos e Ordens Geraes dos Paizes-Baixos a passei na forma sobredita, por mim assignada e sellada com o sello das minhas armas. E juro aos Santos Evangelhos haver passado tudo na verdade o que nella se contém. Haya do Conde, 2 de Agosto de 1642 annos. « *Ignacio do Rego Barreto.* »

Nós abaixo assignados afirmamos e juramos aos Santos Evangelhos, que tudo o conteúdo na certidão acima passada he na verdade ; e o sabemos assim por ser notorio, e estarmos no Maranhão quando a armada Hollandeza a foi tomar. Amsterdam, 6 de Agosto de 1642. — *Miguel de Maris*, *Pascoal Coelho*, *Antonio da Fonseca*, *João Lobato*, *Manoel Gomes da Costa*, *Francisco Coelho de Carvalho* (1).

(Real Archivo na Haya, Loket-Kas, *West-Indien*, Maço 16, Divis. 13, Append. do n. 2. 97).

(1) Este documento já foi impresso na obra de Varnhagen supra citada.

COPIA DE UMA CARTA DE P. J. BAS, DIRECTOR DO MARANHÃO, AO CONDE MAURICIO DE NASSAU, E AO ALTO CONSELHO SECRETO DO BRASIL, DATADA DE S. LUIZ DO MARANHÃO, EM 31 DE JANEIRO DE 1643 (1).

Sr. Conde e Srs. Altos Conselheiros secretos.

Pela galiota *Tuynsluyper*, e o secretario Negenten (2), que daqui partio a 13 de Dezembro, amplamente informei a V. Ex. e ao Alto Conselho Secreto a triste situação em que aqui nos achavamos. Desde então nada mais occorreu de vantajoso para os interesses da Companhia, e o estado das cousas não fez mais que peiorar de dia para dia, de maneira que nada podemos receber do que nos he necessario e indispensavel. Cada dia nos trazem mortos e muitos feridos, para os quaes faltão os necessarios medicamentos.

18 de Dezembro. Nossos inimigos nos tem dito em alta voz de cima de suas trincheiras que não erão subditos do Rey de Portugal, mas soldados do Rey de Castella.

23 dito. Algumas canôas vindas do *Grando Pará* forão ter ao inimigo, levando-lhe a noticia de que o soccorro que esperava dessa praça estava prompto para ser enviado.

Este reforço com effeito chegou-lhe no dia 3 de Janeiro (3). Consistio em 54 canôas, algumas peças de artilheria, o necessario para um trem dessa arma e munições de guerra.

6 de Janeiro. No dia dos Trez Reys, de manhã mui cedo, o inimigo lançou contra nós balas de artilharia, e vigorosamente nos assaltou com fogo de mosquetaria. Arvorarão uma grande bandeira Portugueza que lhes chegára do Pará; e de longe nos gritárão: « *são estes os recados* (recades) *que o Rey de Portugal vos manda* (4). »

Pelo que se vê não forão os actos de violencia praticados por alguns dos nossos que arrastárão os Portuguezes a trahir

(1) Inedita. Traduzimo-la do Francez.

(2) *Negenten*. Netscher escreve *Negenton*. Tratando do commandante, que governava o Maranhão, o qual além do procedimento desregrado tinha caracter deshumano e cruel, accrescenta:

« Elle opprimio de toda a forma as populações Portuguezas, e um dos seus proximos parentes, chamado *Negenton*, mandou prender, ignora-se o pretexto, 24 Portuguezes, innocentes, e fê los deportar em uma ilha deserta, onde forão surprehendidos por uma tribu de Tapuias antropophagos, que matarão todos para seu hediondo alimento. »

Netscher he Hollandez e insuspeito.

(3) Berrêdo no n. 845 dos *Annaes* diz 2 de Janeiro.

(4) *Recados*, i. e., lembranças, demonstrações de amizade, etc.

o juramento que nos havião prestado, mas uma ordem expressa do Rey de Portugal.

13 dito. Chegou-nos hoje a barca *Maranhan*, que se acha em muito máo estado, e que julgão os nossos marinheiros que não vale mais de 400 florins.

16 dito. O navio *Blaeuwen Haen* aqui chegou acompanhado de seis barcas, e o tenente coronel Hinderson (1) immediatamente desembarcou com os homens que vierão em sua companhia.

Depois da chegada deste reforço, o Conselho tendo reconhecido que tudo se achava em boa ordem em terra e no mar, resolveo que se attacasse as obras de defesa do inimigo. Este attaque realizou-se no dia 16 deste mez, com o auxilio de 400 brancos e 150 Brazileiros *(indigenas)*.

Em pouco tempo apoderarão-se do quartel ou da trincheira do Pará (2), onde matárão todos os que ahi se achavão. O restante das forças inimigas tinha anteriormente abandonado o posto refugiando-se no quartel de S. Antonio de Morus (3), sob o commando do Capitão Mór (*Capitaine Moor*).

Os nossos ahi os attacárão; mas, chegando aos entrincheiramentos do inimigo, forão derrotados, e, a confusão introduzindo-se nas fileiras, retirarão-se com a perda de

---

(1) *Hinderson*. Netscher escreve *Henderson*.

(2) *Quartel do Pará*. Foi o que tomárão os auxiliares do Pará, e se achava sob o commando do Capitão Pedro da Costa Favella. Era a casa de Antonio Vaz, mais visinha das fortificações do inimiga na quadra formada pelos ruas de Nazareth, Egypto, largo e travessa de João do Valle; o que tudo está de accordo com o que dizem Berrêdo ns. 835 e 838, e o padre José de Moraes no tom. 1º destas *Memorias* á pag. 162. Essa travessa he a rua que vai para Santo Antonio, a que se refere, o mesmo Moraes de conformidade com a planta da cidade de S. Luiz, naquella época que vem nas obras de Barleus e de Fr. Joseph de Santa Thereza.

(3) *Santo Antonio de Morus*. O texto do manuscripto em Francez diz *Saint Anthonie de Morus*. Este ponto, que era o quartel do Capitaomór Antonio Moniz Barreiros, nada tem que ver com a casa de *Antonio Vaz*, posto mais avançado, provavelmente o edificio mais proximo das fortificações Hollandezas da planta de Barleus, mas dentro da meia lua de defeza dos sublevados. Pedro Bas conhecia muito bem a cidade que governava, e portanto sua informação merece fé, maxime em dados em que he desinteressado.

O edificio assim chamado podia derivar o seu nome de uma capella ou nicho, tanto mais quanto a devoção desse Santo, ainda existe na cidade de S. Luiz. Santo Antonio, o *Mouro*, porque fora Mahometano, tambem chamado do *Noto*, na Sicilia onde vivêo, tem um altar na igreja dos Franciscanos, da invocação de Santo Antonio, de Padua e de Lisboa. Mas Santo Antonio, o *Mouro*, como chamavão os Portuguezes era preto ou mestiço. Varnhagen enganou-se nas notas que escreveu sobre este assumpto.

alguns mortos e 60 a 70 feridos; mas conservamos o quartel ou entrincheiramento do Pará.

25 dito. A' noite, mandamos um sargento com 12 soldados e 10 Brazileiros para atacar um ponto das trincheiras do inimigo; mas ahi chegando, achárão que esse ponto estava abandonado. Immediatamente nos pedirão reforços, que lhes mandamos, e se apossárão logo dessa trincheira que incontinente arrasárão.

O inimigo acampou em distancia de meia legua (1), em posição mui vantajosa, do outro lado de um desfiladeiro que ha tão apertado, que não se póde passar senão um a um.

No dia 26 mandamos para aquelle ponto 150 Brazileiros á descobrir o inimigo, sob a direcção do Capitão Jacob Evers. Chegando ao desfiladeiro, este official reconheceu que estava occupado por todos os lados pelo inimigo.

Elle perdeu a vida nesse reconhecimento, assim como grande numero de Brazileiros, e nossos feridos ficárão em poder dos inimigos.

Reconhecemos que a intenção do inimigo era occupar esta posição com 200 á 300 homens, afim de nos cortar toda a communicação com o interior do paiz, mas não temos forças sufficientes para desalojal-o dessa posição que lhes he tão vantajosa.

Esperando poder fazê-lo nós nos fortificaremos tanto quanto nos fôr possivel no Tapicarou (*Itapucurú*), e he da maior conveniencia que tenhamos á nossa disposição uma consideravel força militar com tudo o que fôr preciso para conservar esta conquista.

Estamos resolvidos a arrasar o convento dos frades da Congregação (*Jesuitas*), mas conservaremos a igreja para fazer uma bateria que dominará e protegerá a nossa fortaleza. Construiremos em todo o seu contorno uma muralha com quatro bastiões, abrindo um fosso cercado de estacadas.

Desta fórma estaremos em condições de fazer boa resistencia, o que até agora não tinhamos podido conseguir.

Se esta praça, como acredito e tenho observado, ficar como ainda hoje se acha, não renderia á Companhia por anno com que podesse cobrir os gastos que sua manutenção obriga.

---

(1) *Meia legua*. Precisamente no ponto do Coty-mirim, e *Outeiro da Cruz*, o que está de harmonia com o que diz a tradição popular. He o que chamamos hoje *Cotim do Barbosa*.

Como este paiz, dividido e entrecortado por muitos rios, se acha occupado por um bando de assassinos e ladrões que o temor de Deos não contém, não observando nem juramento nem promessa, he indispensavel conservar aqui uma guarnição forte pelo menos de 1400 homens, ou sem isto estaremos sempre expostos a ser attacados de improviso, como já tem acontecido.

As obras que aqui se tem construido, quando se julgava poder contar com um tempo de paz, são insufficientes em tempo de guerra, e he portanto da maior necessidade que se construão fortificações cujas despezas excederão ás 20,000 arrobas de assucar, que se póde fabricar annualmente, quando o tempo he bom.

A madeira e outros productos do sólo não chegão para cobrir esses dispendios, a menos que se não descubrão aqui minas de ouro ou de prata.

Até o presente não ha indicio de sua existencia, ou de qualquer outra riqueza do sólo que possa offerecer á Companhia grandes vantagens.

Nunca acreditamos que se nos enviasse tão limitado reforço e tão pouca gente, com uma tão reduzida quantidade de polvora e sem sufficientes aprovisionamentos de tudo o que he indispensavel para pôr esta Capitania em estado de defesa. He mister sustentar aqui constantemente um bom fogo de atiradores, e nossa provisão de polvora está quasi esgotada por este continuo estado de guerra e de attaques. A cada momento nos chegão muitos feridos, e temos á nossa disposição mui poucos medicamentos.

O inimigo, que está reforçado, deve ser repellido e expulso de suas solidas obras de fortificação, e he da maior conveniencia que nos apossemos do forte do *Monte Calvario* no Tapicarou.

Para isto não temos á nossa disposição senão um punhado de soldados, de que temos a maior necessidade para occupar e defender a nossa fortaleza; e, segundo o dizer de um prisioneiro Brasileiro, o inimigo espera ainda um grande reforço que lhe deve chegar do Pará.

Que V. Ex. e os Srs. Altos Conselheiros secretos dignem-se de tomar em consideração se, em um tal estado de cousas, nos he possivel obrar com vantagem e honra para nós, de modo á satisfazer a Companhia, e a lhe provar quanto tomamos a peito os seus interesses.

Em todo o caso faremos todo o esforço para nos defender contra o inimigo e conservar a posse desta praça, para procedermos com honra e segundo o nosso juramento, assim como deve fazêl-o todo o bom official, confiando em Deos e na justiça de nossa causa.

No entretanto supplicamos á V. Ex. e aos Senhores Altos Conselheiros Secretos se sirvão enviar-nos o mais cedo possivel um bom numero de tropas, dez mil libras de polvora, dous morteiros com mechas e balas em quantidade, e tudo o mais que fôr necessario.

Esperavamos que os navios que acabão de chegar nos trouxessem ancoras, fateixas com seus apparelhos, cordas, alcatrão, pêz, estopas e tudo o que he indispensavel para o serviço das equipagens, tanto mais quanto tinhamos precedentemente e muito em detalhe informado á V. Ex. e aos Senhores Conselheiros Secretos que estavamos completamente desprevenidos destes objectos.

Mas em lugar de recebermos o que esperavamos, as equipagens dos navios recentemente chegados, estão tambem desprevenidas desses objectos de primeira necessidade ; e nos pedem a nós mesmos o que esperavamos que elles nos houvessem trazido, dizendo que tinhão partido do Recife sem estarem aprovisionados, por se lhes haver assegurado que aqui estavamos abundantemente providos; mas elles forão enganados em suas esperanças.

Eu não posso comprehender o que deu causa a semelhant equivoco. O que eu escrevi acerca da falta completa em que nos achavamos de todos estes objectos, ter-se-hia posto em duvida ? E comtudo o que relatei era a pura verdade, e o tempo provará em demasia a exactidão do que informei.

Os navios que aqui se achão devião ser mandados ás *Barbadas*, mas não podemos approvar semelhante resolução, por quanto esses vasos serão o nosso refugio, se acontecer que o inimigo nos derrote, do que Deos nos preserve, abençoando nossas armas e nossos esforços.

Todavia, se por falta de polvora ou de qualquer outra munição de guerra, nos virmos forçados á navegar para as Indias Occidentaes, iriamos com confiança para taes paizes e, segundo o que nos parece, poderiamos ainda alli prestar á Companhia bons serviços, se devemos crêr o que nos dizem os que já por alli têm estado. No caso em que as cousas chegassem á uma tal situação, he conveniente que tenhamos aqui

cinco ou seis navios em bom estado. Entretanto não deixaremos de cumprir o nosso dever em terra e no mar, em vista do juramento que prestamos á Companhia.

Pelo que respeita a exacções e violencias que os nossos praticárão contra os Portuguezes e Brazileiros, nunca chegou ao nosso conhecimento que se tivessem passado cousas que dessem o menor motivo de recriminação contra a Companhia; e quanto á alguns actos reprehensiveis que nos communicárão, fez-se prompta e boa justiça (1).

Disto podem dar testemunho os habitantes, e todos os empregados de justiça, de modo que, escudados de todo o bom direito, podemos assegurar que o bem se fez e o mal foi prevenido, sendo os habitantes do paiz mantidos e protegidos nos seus direitos, tudo tão regularmente como se poderia fazer na Hollanda, em uma cidade bem administrada.

Mas se alguma injustiça ou delicto se praticou, eu ignorando, um severo processo seria logo ordenado por nós, fazendo-se justiça conforme ao Direito e á equidade; o que em todo o caso eu teria o cuidado de informar a V. Exs., assim como aos Senhores Altos Conselheiros Secretos.

Remettemos com este officio 13 escravos, segundo a lista feita pelo inimigo. Ficão ainda aqui seis que forão acommettidos de febre epidemica. Vinte destes mesmos escravos já fallecêrão da mesma molestia.

Vai tambem inclusa a relação de diversos objectos de que temos necessidade, assim como uma carta do inimigo, e a resposta que demos.

Uma carta que mandamos aos officiaes do Pará. Uma relação dos medicamentos de que temos necessidade, e bem assim de objectos de trem de artilharia e de campanha que nos faltão.

Remetto pela mesma occasião o piloto Roenes (2), o qual nunca aqui pôz pé em terra, visto que toda a equipagem do navio, o *Loando*, o considerava suspeito, primeiramente por que em pleno dia havia varado a barra do Maranhão, conduzindo sobre bancos de areia e recifes o navio que havia sido salvo de um grande perigo, não por elle, mas por outro

(1) Por esta negativa tão decidida em factos hoje comprovados por testemunho Hollandez, parece-nos que o autor deste documento he o parente do perverso Negenton, a que se refere Netscher na nota (2, supra á pag. 445.

(2) *Roenes*. Pela forma porque está escripto este nome, no original, parece tambem *Noenes*.

piloto ; e depois porque na viagem e aqui emittia proposições que davão lugar á gente da equipagem duvidar da sua fidelidade

Elle disse muitas vezes que, antes da sua chegada aqui, muito bem sabia que o Maranhão seria atacado ou cahiria em poder do inimigo, e que outro tanto mais tarde succederia ao Brazil. E ainda disse outras palavras suspeitas.

Emfim, etc,

Assignado—*P. J. Bas.*

S. Luiz do Maranhão (*Marinhan*) 31 de Janeiro de 1643.

Entregue na legação Imperial na Haya em 31 Dezembro de 1853. — *Joaquim Caetano da Silva.*)

Datado de 4 de Novembro de 1644. Lido na Assembléa dos Estados Geraes no 1° de Dezembro do mesmo anno.

RELATORIO DE MAXIMILIANO SCHADE, DE UTRECHT, QUE PARTIRA EM 1637 PARA O BRAZIL NA QUALIDADE DE ASPIRANTE DE MARINHA EMPREGADO NO SERVIÇO DA—COMPANHIA DAS INDIAS OCCIDENTAES—, E PROMOVIDO SUCCESSIVAMENTE AOS POSTOS DE 2° E 1° TENENTE, CAPITÃO, TENDO RESIDIDO NO MARANHÃO E NO TAPICURINO (ITAPUCURU'), E AGORA ESCAPO DA PRISÃO DOS PORTUGUEZES, E VINDO DAS INDIAS OCCIDENTAES (1).

Senhores !—Para me conformar com o pedido que me manifestastes, depois de terdes ouvido a relação verbal que tive a honra de fazer hoje de manhã na Assembléa dos XIX, eu abaixo assignado *Maximiliano Schade* declaro que no Brazil, em serviço da *Companhia das Indias Occidentaes*, na qualidade de capitão de uma companhia de Mosqueteiros, fui mandado em Setembro de 1641 por Sua Ex.e o Alto Conselho Secreto reunir-me á esquadra commandada pelo almirante Licthardt e o coronel Heim *(Koin)*, para fazer parte da expedição do Maranhão ; que tomei parte na conquista dessa Capitania, e que dous ou trez dias depois dessa conquista, á frente de uma força composta de uma parte da minha companhia e de metade da companhia de Mosqueteiros, sob as

---

(1) Inedito. Nas condições do precedente documento,

ordens do Major Ernst van Breemen (1), que depois commandou no Maranhão, eu fui mandado para o Tapicaruno (2) onde havião seis Engenhos de propriedade dos Portuguezes, e alli estive de guarnição durante seis mezes em um forte, construido de pedra e barro, chamado *Monte Calvario*.

Em consequencia de uma ordem do Conselheiro Politico Bas e do Major Ernest van Breemen, a mór parte dos meus homens, assim como muitos soldados vindos de S. Luiz (*Saint Lhuys*), forão mandados em destacamento nos Engenhos, por causa dizia-se, da falta de viveres. Em cada Engenho havia 20 homens, mas somente dez homens em um Engenho d'agua, e isto sob a promessa de que as despezas serião pagas pela Companhia, e que por conseguinte era indispensavel fazer um assento exacto.

Nesse tempo, quasi trez mezes, desde o dia em que os nossos homens tinhão sido apresentados nesses Engenhos, chegára um barco do Brazil ao Maranhão, com cartas annunciando que uma convenção havia sido celebrada entre Sua Magestade o Rey de Portugal, D. João IV, e Suas Altas Potencias os Senhores Estados-Geraes, e que, em consequencia desta convenção, estabeleceu-se uma tregua, entre uma e outra parte.

Esta tregua havia tambem sido annunciada á toque de caixa na cidade de S. Luiz do Maranhão, e publicada em todos os lugares. Eu fiz igualmente annunciar e publicar a mesma tregua no meu districto, por meio da artilharia e salvas de mosquetaria.

O Tratado de Paz que seguio-se á esta tregua, e que foi da mesma sorte publicado, foi da nossa parte religiosamente observado, sem que a menor infracção, a menor hostilidade se haja exercido contra os Portuguezes. Muito pelo contrario, se um official ou um soldado ousava na menor cousa offender um habitante do paiz, immediatamente passava por um conselho de guerra, e punido immediatamente conforme a natureza do delicto.

Mas os Portuguezes derão logo a prova, de que tinhão concebido a esperança que de por mão do seu Rey se tornarião promptamente senhores do paiz, ainda que, conforme o que se sabia desde a publicação da paz, nada se havia tentado a semelhante respeito da parte de Portugal.

---

(1) *Ernst van Breemen*. Seria este o parente de Negenton?
(2) *Tapicaruno*, i. é., Itapucurú.

Vendo que os nossos soldados andavão dispersos pelo paiz e destacados em pequeno numero nos Engenhos, e que pela mór parte erão acommettidos da molestia do paiz, ou enfraquecidos pela fome, miseria, e privações de toda a especie, formarão os Portuguezes uma conjuração em Outubro de 1642 com os Indios.

Na occasião em que o meu 1º Tenente (1) (*Lieutenant*) se achava só no interior do forte, que o meu 2º tenente (*enseigne*) havia sido destacado em um Engenho, e que eu mesmo fraco e doente estava aboletado em uma casa situada a meio alcance de fuzil do forte, onde não encontrava commodidade alguma, os Portuguezes se apresentárão no forte uma manhã de improviso, e surprenderão e matárão as sentinellas, tomando de assalto a praça.

Tambem se apoderarão dos Engenhos, e nelles cruelmente matárão nossos officiaes e soldados que alli se achavão destacados, a excepção de cincoenta á quem dérão quartel (2).

Eu fui deste numero, bem como o meu 1º Tenente, dous sargentos, um ou dous cabos e o restante soldados.

Mas dous dias depois, ainda desse numero matárão com o maior sangue-frio do mundo, um sargento e parte dos soldados; mais tarde, por prazer e por seu divertimento, um ou dous soldados, e seis mezes depois, o outro sargento, de modo que destes 50 homens, tanto officiaes como soldados ficárão mui poucos com vida.

O meu 1º Tenente e eu fomos, cada um á parte, conservados prisioneiros no dito forte, e tratados do modo o mais cruel. Fizerão-nos supportar a fome e a miseria, e até mesmo assentarão matar-nos com veneno.

Esta tentativa que perfidamente fizerão em minha pessoa poz-me em grande perigo de vida, o que todo o mundo naquelle paiz, grandes e pequenos, positivamente souberão, bem como os que se achavão no Pará-Grande (3), e que, á chegada do reforço que os nossos recebêrão de Pernam-

---

(1) Traduzimos assim em vez de *immediato*, por quanto o autor da carta, official da marinha militar, procura manter essas distincções dos postos que exercião os outros empregados.

(2) Vide supra nota (3) á pag. 425.

(3) *Pará-Grande*, i. é., Grão-Pará.

buco, tinhão abandonado o exercito no Tapicurino (1), havião mandado aos Portuguezes, quasi oito semanas depois da sua revolta, um soccorro de soldados Portuguezes e Indios, assim como munições de guerra sob a direcção de certo Pedro Machiel (2), e que assim fortificados, esses Portuguezes tinhão conduzido comsigo, quasi a 64 milhas do rio de Maricou (*Maracú*), o meu 1° Tenente e mais 14 a 15 soldados e marinheiros, entre os quaes se achavão os que tinhão sido feitos prisioneiros havia algum tempo.

Chegando alli elles se dirigirão atrav'z os bosques na intenção de alcançarem o Pará-Grande (3). Dalli immediatamente depois os ditos soldados e marinheiros, sob o commando de um transfuga chamado Cornelis Jansen (4), depois o meu 1° Tenente e em seguida eu, fomos conduzidos para o rio de Thuri (*Tury-assú*).

Nesse lugar fizerão os Portuguezes perecer litteralmente de fome 5 a 6 desses soldados prisioneiros, tendo, dizião elles, bastantes escravos para o seu serviço.

O meu 1° Tenente arrastado pela fome e a miseria, fugio e veio para onde eu estava, esperando que alli fosse melhor tratado, mas apenas tinha chegado na minha cabana, mandou o commandante carrega-lo de ferros. Alli tivemos de supportar juntos a miseria e a fome.

Decorridas quasi 14 semanas, um hiate vindo da Bahía e carregado de munições de guerra, chegou ao Pará Grande. Os Portuguezes comprehendendo que elles poderião então reconquistar o Maranhão, dirigirão-se com todas as forças para este lado. Eu e o meu 1° tenente fomos conduzidos para Tapitapera (5), onde ficárão todos os Portuguezes que não fazião parte da expedição.

Não poderei dizer o que aconteceu aos outros prisioneiros que forão transportados para outros lugares; mas eu e

---

(1) *Tapicurino*. Parece que se trata aqui de um lugar, onde Pedro Maciel Parente e João Velho do Valle abandonarão os restauradores do dominio Portuguez no Maranhão, talvez o lugar onde tem assento a villa do Rosario, não sendo o mesmo que *Tapicaruno*, i. é., o rio hoje chamado *Itapucurú*, com quanto com a mesma significação do rio se léa *Tapicurino* na inscripção ou titulo deste documento a pag. 449.

(2) *Pedro Machiel*. Refere-se á Pedro Maciel Parente.

(3) Era esse o antigo caminho do Maranhão para o Pará. A aldêa de *Maracú*, hoje a cidade de *Viana*, era o ponto de partida.

(4) *Cornelis Jansen*. Este Hollandez, que adoptou a causa Lusitana, he o progenitor de numerosa descendencia no Maranhão.

(5) *Tapitapera*., i. é., Alcantara. Voltarão os restauradores do Tury para Alcantara em consequencia das munições que recebeião do Pará.

o meu 1° Tenente, bem como um sargento, um soldado e um marinheiro, que havia pouco tinhão sido prisioneiros, fomos n'uma canôa conduzidos para o Pará Grande.

Chegamos alli no 1° de Setembro de 1643, estando á todo o momento receiando, durante a viagem, da perversidade dos Portuguezes, e que não nos abandonassem em alguma ilha deserta (1).

No Pará Grande ficamos retidos como prisioneiros, com outros soldados e marinheiros, que mais tarde forão para alli conduzidos prisioneiros, e que, a mór parte, forão maltratados e de tudo privados.

Achamos no Pará Grande um navio Zelandeź o *S. Pieter*, cujo capitão, Thomaz Regiers, tinha alcançado dos Portuguezes a permissão de entrar no porto, sob a condição de que ahi desembarcaria a sua carga, e que voltando levaria comsigo cartas para o Rey de Portugal, visto que, de ha muito, não tinha havido occasião de mandar noticias ou avisos a Portugal.

Tambem se convencionou que se lhe faria obter do Rey a permissão de fazer o commercio nestas paragens, e que á sua volta poderia então vender o seu carregamento.

Mas no momento em que elle ia dar á vela para voltar para a Europa, chegou alli um novo Governador chamado Pedro de Albuquerque, que fez apprehender, confiscar e vender publicamente o dito navio por 700 mil reis, retendo prisioneiros o capitão e a sua equipagem, á quem se fez supportar o tratamento o mais detestavel, conservando-os em uma terrivel privação de todas as cousas até a epocha da minha partida, á excepção comtudo do piloto que comigo fugio, em um navio Francez que veio ao porto do Pará Grande.

Foi a bordo deste navio que ambos chegamos ás ilhas Canarias, e dalli para cá em outro navio.

No Pará Grande achei Neerlandezes, Inglezes e pessoas de outras differentes nações que alli se conservavão captivas, e que, havia muitos annos, tinhão sido aprisionadas no paiz das Amazonas, entre outros, um Jacob Heyns, de Flessinga, que alli estava, havia 15 annos, e outros Neerlandezes prisioneiros; trabalhando todos para seu sustento e manutenção, com

---

(1) Temia a pena de talião, sabendo do que praticara Negenton com 24 Portuguezes, ou insurgentes. Vide supra nota (2) a pags. 443.

o risco de ficarem de tudo privados e morrerem de fome.

Tambem vi no Pará Grande, e eu mesmo lhes fallei, alguns dos onze marinheiros do navio, o *Blaeuwen Haen*, que, tendo ido com a sua chalupa em demanda de refrescos, forão attacados pelos Portuguezes e apprehendidos.

Vivem como prisioneiros no Pará Grande e são muito maltratados: nova prova de que o que disse acima he a verdade.

Senhores, permitta Deos, que em sua misericordia derrame sobre mim suas benções por todos os males que padeci.

Eu assigno este relatorio em testemunho da verdade dos factos que elle contém, e estou prompto, si fôr preciso, a certificar a veracidade sob juramento. Digne-se Deos conceder á vossa respeitavel Assembléa felicidade e prosperidade, além da satisfação de todos os nossos projectos.

Tenho a honra de ser, etc.

(assignado) *Maximiliano Schade.*

Amsterdam, 4 de Novembro de 1644.

(Em baixo está escripto) collação feita com o original: esta cópia se achou conforme com o relatorio depositado aqui nos archivos do estabelecimento da Companhia

Entregue na Legação Imperial na Haya em 31 de Dezembro de 1853. —*Joaquim Caetano da Silva.*

RELAÇÃO DA MISSÃO

DA

SERRA DE IBIAPABA

PELO

PADRE ANTONIO VIEIRA

DA

COMPANHIA DE JESUS.

I.

Primeiros Missionarios da Companhia de Jesus que do Brazil passarão por terra ao Maranhão; seus trabalhos. Morre na empreza o veneravel padre Francisco Pinto, e outros (1).

Pelos annos de 1605, sendo já pacificadas as guerras, que em Pernambuco forão mui porfiadas da parte dos naturaes pelas violencias de certo Capitão Portuguez (2), se tornárão a pôr em armas todos os Indios avassallados, que havia desde o Rio Grande até o Ceará, onde ainda não tinhamos a fortaleza (3), que hoje defende aquelle sitio. E como em todo o Brazil tinha mostrado a experiencia o particular talento e graça que Deos deu aos religiosos da Companhia de Jesus para compôr os animos desta gente, á petição do Governador do Estado que então era Diogo Botelho, foi nomeado para esta empreza o padre Francisco Pinto, varão de grandes

---

(1) Publicamos este trabalho porque está dentro do programma traçado no prefacio do primeiro tomo destas *Memorias*, visto como toda a serra da *Ibiapába*, e grande parte do Ceará, estiverão annexados ao Maranhão até 1724, pouco mais ou menos, reinando D. João V; conforme diz o padre José de Moraes no 1º tom. destas *Memorias* pag. 15; ainda que Pompêo no *Ensaio estatistico* da mesma provincia, tom. 2º pag. 262, declara que a separação do Maranhão realisou-se em 1680, o que parece não ter fundamento, em vista de muitas Cartas Régias, do fim do penultimo seculo, cujo transumpto se póde ler no *Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca publica Eborense*. de 1850, de pag. 63 em diante.

(2) Pero ou Pedro Coelho de Souza. Varnhagen na *Historia do Brazil* tom. 1º pag 315 faz recahir toda a culpa desse attentado em João Soromenho, que, por Provisão de 19 de Setembro de 1606, foi preso, resalvando assim a memoria de Pero Coelho de Souza.

(3) Esta fortaleza foi mandada construir em 1660 pelo Governador do Maranhão D. Pedro de Mello. Os Hollandezes projectárão edificar outra no ponto da antiga na foz do rio Ceará, de cinco pontas (*Schonemborch*), mas não puderão leval-a á effeito. Daqui se vê que esta *Relação* foi escripta depois de 1660. Vide Jaboatão, no *Orbe Seraphico*, tom. 1º dig. 3 est. 13, que suppõe que essa construcção foi em 1685.

virtudes, e mui exercitado e eloquente na lingua da terra, e por seu companheiro o padre Luiz Figueira.

Era o padre Francisco Pinto mui acceito aos Indios pela suavidade do seu trato, e pelo modo e industria com que os sabia contentar ; e sobretudo o fazia famoso entre elles um novo milagre, com que poucos dias antes indo o Padre a uma Missão, acompanhado de muitos, e morrendo todos á sêde em uns desertos, sendo as maiores calmas do estio, com uma breve oração que o Padre fez ao Céo, pondo-se de joelhos, no mesmo ponto choveu com tanta abundancia, que alagados os lugares mais baixos daquellas campinas, que erão muito dilatadas, houve em todas ellas por muitos dias de caminho agua para todos (1). Com estas assistencias tão manifestas do Céo forão recebidos os Padres, como embaixadores de Deos, e não do Governador do Brazil, e sem haver entre todos aquelles Indios, posto que aggravados nas vidas, nas honras, e nas liberdades, quem puzesse duvida a tudo o que o Padre lhes praticou, puzerão logo em suas mãos as armas e nas d'El-Rey e de seus Governadores a obediencia, à que dalli por diante nunca faltarão.

Concluida tão felizmente esta primeira parte da sua Missão trazião os Padres por ordem, que intentassem os sertões do Maranhão(2), que naquelle tempo estava occupado pelos Francezes, apalpando a disposição dos Indios seus confederados, e vendo se os podião inclinar á pureza da fé catholica, que entre os Francezes estava mui viciada de heresias, e á obediencia e vassallagem dos Reys de Portugal a quem pertencião aquellas Conquistas. Assim o fizerão logo os Padres, sendo elles os primeiros prégadores da fé, e ainda os primeiros Portuguezes que, do Brazil, passarão ás terras do Maranhão.

E marchando por terra com grandes trabalhos e difficuldades, por irem abrindo o mesmo caminho que se havia de andar, chegarão emfim ás serras de Ibiapába, onde vivião, como acastelladas, trez grandes povoações de Indios

(1) Deste facto resultou chamarem-lhe os Indios *Amanayara*, que quer dizer, *senhor da chuva*. Mas este successo, segundo o padre José de Moraes, teve lugar no sertão da Bahia.

(2) A partida dos Padres Pinto e Figueira, de Pernambuco, teve lugar em 20 de Janeiro de 1607. Vide Varnhagen *Hist. do Brazil*, tom. 1º pag. 315.

Tobajarás (1) debaixo do principal *Taguaibunuçu*(2), que quer dizer *demonio grande*, e verdadeiramente se experimentou depois sempre nesta Missão, que residia ou presidia naquelle sitio, não só algum demonio, se não *grande demonio*, pela grande força, grande astucia, grande contumacia com que sempre trabalhou, e ainda hoje trabalha, por impedir os fructos e progressos della. Levantárão os Padres igreja na maior povoação da serra (3), sem contradicção dos naturaes, antes com grandes demonstrações de contentamento, e emquanto insistião quotidianamente na instrucção dos adultos, e declaração dos mysterios da nossa santa fé com grande fervor dos mestres, e dos ouvintes, conhecendo uns e outros de quanta importancia seria para a conservação e augmento desta nova conquista de Christo ter pacificadas e quietas as nações barbaras de Tapuyas que cercavão e infestavão os arredores da serra, tratarão os Padres no mesmo tempo de fazer a si com dadivas todas estas nações féras, e fizerão pazes entre elles e os *Tobajarás*, sendo os mesmos Padres os medianeiros, e ficando como por fiadores de ambas as partes.

Mas debaixo deste nome de paz, traçando-o assim o demonio sem mais occasião, que a fereza natural destes brutos entrarão um dia de repente pela aldêa e pela igreja os chamados *Tocarijús* (4): e estando o padre Francisco Pinto ao pé do altar para dizer missa, sem lhe poderem valer os poucos Indios christãos, que o assistião com frechas e partazanas, que usavão de páos mui agudos e pezados, lhe derão trez feridas mortaes pelos peitos, e pela cabeça, e no mesmo altar, onde estava para offerecer a Deos o sacrificio do corpo e sangue de seu Filho, offereceu e consagrou o de seu proprio corpo e sangue, começando aquella acção sacerdotal e consummando-a o sacrificio (5).

(1) *Tobajarás*. Outros dizem *Tabajaras*, mas preferimos seguir a orthographia do autor, mui competente, do padre José de Moraes e de Jaboatão no *Orbe Seraphico* tom. 1 dig. 2 est. 13. Varnhagen na *Hist. do Brazil* tom. 1 pag. 315 nota 8, segue o contrario. Melhor *Tobayarás*.

(2) *Taguaibunuçú*. O nome deste morubixaba em outras historias he *Jurupary-guassú*, que tem a mesma significação. Vide supra pag. 166 e C. d'Abbeville cap. 12 pags. 81 v. e 85 v.

(3) Chamava-se *Ararenda*, segundo C. d'Abbeville cap. 12 pag. 80.

(4) O padre José de Moraes diz *Tacarijús*.

(5) Esta catastrophe he narrada por Claudio de Abbeville no cap. 12, segundo a tradição dos Indios da Ibiapába, e dos Francezes que com elles militavão. Vide supra pag. 162.

Com a morte ou martyrio do padre Francisco Pinto, cuja sepultura Deos fez gloriosa com o testemunho de muitos milagres, que se deixão para mais larga historia, o padre Luiz Figueira, ficando só e sem lingua(1), porque ainda a não tinha estudado, se retirou por ordem dos Superiores para o Brazil, tão sentido porém de não ter acompanhado na morte, como na vida, ao Padre a quem fôra dado por companheiro, e com tanta inveja daquella gloriosa sorte, que logo fez voto de voltar, quando lhe fosse possivel, a levar por diante a mesma empreza, e buscar nella o mesmo genero de morte, que Deos então lhe negára, ao que elle dizia por indigno.

Mas ambos estes desejos cumprio Deos depois á este grande zelador de seu serviço ; por que no anno de 1623, sendo já de maior idade o padre Luiz Figueira , e tendo occupado com muita satisfação os maiores lugares da provincia, veio outra vez á missão do Maranhão, onde trabalhou por espaço de quatorze annos com grande proveito das almas dos Portuguezes, e dos Indios ; e levando-o o mesmo zelo a Portugal a buscar um grande soccorro de companheiros, que o ajudassem a trabalhar nesta grande seara, partindo de Lisboa, e chegando á barra do Grão-Pará no anno de 1643, com onze, de quinze religiosos, que trazia comsigo, foi cahir nas mãos dos Tapuyas *Aroans* da bôca do rio das Amazonas, onde elle e os mais forão primeiro mortos com grande crueldade, e depois assados e comidos daquelles barbaros.

II.

Vingão os Tobajarás a morte do seu pastor. Entrão os Hollandezes em Pernambuco ; reduzem a seu partido os Indios, que com esta communicação se corrompem mais nos seus costumes. Sua barbaridade.

Este foi o glorioso e apostolico fim que tiverão os dous primeiros Missionarios do Maranhão, e da serra de Ibiapába, e os que puzerão as primeiras plantas nesta nova vinha.

Dos fructos que nella deixárão os Padres, parte em flôr, parte em agraço, não se logrou mais que o nome de Christãos, com que alguns ficárão, e outros depois receberão, continuando em tudo o mais como gentios.

---

(1) *Sem lingua*, isto he, sem interprete conhecedor da lingua Tupy.

Tiverão porém lembrança de vingar a morte de seu pastor, na qual se mostrarão tão cavalleiros, que fazendo guerra em toda a parte aos *Tocarijús*, apenas deixarão desta nação quem lhe conservasse o nome e a memoria.

Assim viverão os *Tobajarás* da serra, gentios sobre cathecumenos, até o anno de 1630, em que os Hollandezes occupárão Pernambuco, e pouco depois se fizerão senhores da fortaleza do Ceará (1), e reduzirão a si todos os Indios daquella vizinhança.

O trato que os da serra tiverão com os Hollandezes não foi sempre o mesmo; porque até o anno de 1642 forão seus confederados; e a este titulo os acompanharão na guerra do Maranhão, pelejando nella contra os Portuguezes, e contra os *Tobajarás*, que lá havia de sua propria nação; mas voltárão desta guerra tão pouco satisfeitos do valor e fortuna dos Hollandezes, que se resolverão a vingar nelles as vidas, dos que naquella empreza tinhão perdido, e o fizerão com tanto successo e resolução, que na fortaleza que tinhão feito no Camuci (2) por engano, e na do Ceará a escala vista (3) passarão todos á frecha e á espada.

Pôde comtudo tanto a industria e manha dos Hollandezes, que com a dissimulação e liberalidade tornárão depois a reconciliar os animos desta gente, e não só a fizerão amiga, mas a renderão e sujeitarão de maneira, que quasi se deixárão presidiar delles em suas aldêas, não havendo nenhuma em que não tivessem como de sentinella, alguns Hollandezes (4).

Com a communicação e exemplo e doutrina destes hereges, não se póde crêr a miseria a que chegárão os pobres *Tobajarás*, porque dantes, ainda que não havia nelles a ver-

---

(1) A primeira conquista dos Hollandezes no Ceará foi feita segundo Fr. Joseph de Santa Thereza, em 1637, por Haus. He de presumir que fosse este o nome de segundo conquistador. Parece que o rio *Ceará* era então denominado *Marajáitiba*. Vide Varnhagen, *Hist. do Brazil* tom. 1 pag. 415.

(2) *No Camuci.* A' margem deste rio, senão em Jeriocacoára, tinhão os Hollandezes um forte ou reducto, expellidos os Portuguezes. O rio Camuci teve outr'ora os nomes de *rio da Cruz* e de *S. Francisco*.

(3) Por occasião da capitulação do Recife, em 1654, foi tomar conta da fortaleza do Ceará o capitão Alvaro de Azevedo Barreto, onde governava o primeiro conquistador Hollandez o major Joris (*Jorge*) Garstman que Pompeo chama Juary Gusmão. Tomou posse da fortaleza em 20 de Maio de 1654, e Garstman seguio para a Martinica, onde falleceu, pouco depois. Vide Varnhagen na sua obra.—*Historia das Lutas com os Hollandezes no Brasil desde* 1624 *a* 1654, pags. 128 e 263, referindo-se a *Relação Diaria* de Antonio Barbosa Bacellar, publicada em Lisboa em 1654.

(4) Assim praticavão no Maranhão.

dadeira fé, tinhão comtudo o conhecimento e estima della, a qual agora não só perderão, mas em seu lugar forão bebendo com a heresia um grande desprezo e aborrecimento das verdades e ritos catholicos, e louvando e abraçando em tudo a largueza da vida dos Hollandezes, tão semelhante á sua, que nem o herege se distinguia do gentio, nem o gentio do herege.

Os males que sahindo desta sua Rochella fizerão em todo este tempo os *Tobajarás* da serra, não se podem dizer, nem saber todos, que elles os sepultavão dentro em si mesmos.

He toda esta costa cheia de muitos baixos, que com o vento e correntes das aguas se mudão frequentemente ; e forão muitos os navios de differentes nações que aqui fizerão naufragio, os quaes erão despojos da cubiça, da crueldade, e da gula dos *Tobajarás*, porque tudo o que escapava do mar, vinha cahir em suas mãos, roubando aos miseraveis naufragantes as fazendas, tirando-lhes as vidas, e comendo-lhes os corpos.

E depois que a experiencia ensinou aos mareantes a se livrarem dos perigos da costa, inventou nella a voracidade e cubiça desta gente outro genero de baixos, e mais cegos, em que muitos fazião o mesmo naufragio.

Ião os mais ladinos delles aos navios que passavão de largo, promettião grandes thesouros de ambar pelo resgate das mercadorias que levavão, e quando sahião com ellas em terra os compradores, succedia-lhes o que nestes ultimos annos aconteceu a uma náo da Companhia da Bolsa (1), de que era capitão Francisco da Cunha, o qual debaixo destas promessas de ambar mandou a terra trinta soldados, e sahindo da praia ao rôlo do mar outros trinta Indios forçosos para os tirarem ás costas, assim atados comsigo os metterão pelo mato dentro, e os matarão e cosinharão com grande festa, e os comêrão a todos, não vendo os que ficarão na náo, mais que o fumo dos companheiros, que não cheirava ao ambar, porque esperavão.

Esta era a vida barbara dos *Tobajarás* de Ibiapába, estas

---

(1) *Companhia da Bolsa.* Refere-se á primeira Companhia de commercio do Brazil creada em 1649. Chamava-se outr'ora —*Bolsa*— qualquer companhia do commercio.

as féras que se creavão e se escondião naquellas serras, as quaes forão ainda mais féras, depois que se vierão a ajuntar com ellas outras estranhas e de mais refinado veneno, que forão os fugitivos de Pernambuco (1).

III.

Damnos que recebe Pernambuco, e sua dilatada campanha da confederação dos Indios com os Hollandezes. Estrago espiritual dos Indios da serra de Ibiapába com a companhia dos que para lá se retirarão.

Entregou Deos Pernambuco aos Hollandezes por aquelles peccados, que passão os reinos de umas nações a outras, que são as injustiças. E como grande parte das injustiças do Brazil cahirão desde seu principio sobre os Indios naturaes da terra, ordenou a Justiça Divina, que dos mesmos Indios juntos com os Hollandezes, se formasse o açoute daquella tão florente republica. Rebellarão-se muitos dos Indios, e Christãos, e vassallos (posto que outros obrarão finezas de fidelidade), e unindo suas armas com as do inimigo vencedor, não se póde crer o estrago que fizerão nos Portuguezes, em suas mulheres e filhos, exercitando em todo o sexo e idade, deshumanidades feissimas, sendo os Indios, como inimigos domesticos, os guias que franquearão a campanha aos Hollandezes e os executores das crueldades que elles politica e hereticamente lhes commettião, desculpando com a barbaridade dos Brazilianos o que verdadeiramente não só erão consentimentos, se não mandados e resoluções suas, para assim quebrantarem a honra e constancia dos Portuguezes que de outra sorte nunca puderão render.

Vinte annos teve Deos sobre as costas dos Pernambucanos este rigoroso açoute, porque nos primeiros quatro annos da guerra estiverão todos os Indios pelos Portuguezes, até que no anno de 1654 se deu por satisfeita a Divina Justiça com a milagrosa restituição de todas aquellas fortissimas praças á obediencia do felicissimo rei D. João IV.

---

(1) Esta serra era o refugio de todos os que fugião á perseguição dos Colonos; e não só de Pernambuco como das provincias mais meridionaes.

C. d'Abbeville no cap. 12 assegura que tanto estes indigenas, como os do Maranhão descendião, de outros que, outr'ora, vivião em terras situadas sob o tropico do Capricornio, isto he, Cabo-Frio, Rio de Janeiro.

Cabe aqui notar que no governo de Antonio de Salema, no Rio de Janeiro, em 1569, Christovão de Barros fez tão grande destroço nos Tamoyos e Tupinambás, que forão obrigados a expatriar-se, abandonando de todo o paiz, onde outr'ora tanto dominarão.

Entrarão os Indios rebeldes nas capitulações da entrega com perdão geral de todas as culpas passadas; mas elles como ignorantes de quão sagrada he a fé publica, temendo que os Portuguezes, como tão escandalisados, applicarião as armas victoriosas á vingança, que tão merecida tinhão, e obrigados de certo rumor falso de que os brancos ião levando tudo á espada, lançarão-se céga e arrebatadamente aos bosques, com suas mulheres e filhos, onde muitos perecerão á mão dos Tapuyas, e os demais se encaminharão ás serras de Ibiapába, como refugio conhecido, e valhacoito seguro dos malfeitores.

Com a chegada destes novos hospedes ficou Ibiapába verdadeiramente a Genebra de todos os certões do Brazil, por que muitos dos Indios Pernambucanos forão nascidos e creados entre os Hollandezes, sem outro exemplo nem conhecimento da verdadeira religião. Os outros militavão debaixo de suas bandeiras com a disciplina de seus regimentos que pela maior parte são formados da gente mais perdida e corrupta de todas as nações da Europa.

No Recife de Pernambuco, que era a côrte e emporio de toda aquella nova Hollanda, havia Judêos de Amsterdam, Protestantes de Inglaterra, Calvinistas de França, Lutheranos de Allemanha e Suecia, e todas as outras seitas do Norte; e desta Babel de erros particulares se compunha um atheismo geral e declarado, em que não se conhecia outro Deos mais que o interesse, nem outra lei mais que o appetite; e o que tinha aprendido nesta escola do inferno, he o que os fugitivos de Pernambuco trouxerão e vierão ensinar á serra, onde por muitos delles saberem ler, e trazerem comsigo alguns livros forão recebidos e venerados dos *Tobajarás*, como homens letrados e sabios e crião delles, como de oraculo, quanto lhes querião metter em cabeça.

Desta maneira dentro em poucos dias forão uns e outros semelhantes na crença e nos costumes; e no tempo em que Ibiapába deixava de ser republica de Baccho (que era poucas horas, por serem as borracheiras continuas de noite e de dia), eram verdadeiramente aquellas aldêas uma composição infernal ou mistura abominavel de todas as seitas e de todos os vicios, formada de rebeldes, traidores, ladrões, homicidas, adulteros, Judêos, hereges, gentios, atheus, e tudo isto debaixo do nome de Christãos, e das obrigações de Catholicos.

IV.

Chega segunda vez o padre Antonio Vieira ao Maranhão, e o governador André Vidal de Negreiros intenta uma fortaleza na boca do rio Camuci, empreza que dependia da vontade dos habitadores da serra. Escreve-lhes o padre Antonio Vieira. Successo da resposta da sumaca, que com materiaes e soldados partio a levantar a fortaleza.

Este era o miseravel estado da christandade da serra, quando no anno de 1655 chegou segunda vez ao Maranhão o padre Antonio Vieira com ordens de Sua Magestade para que a doutrina e governo espiritual de todos os Indios estivesse á conta dos Religiosos da Companhia ; e posto que o estado referido daquelles Christãos de que já então havia noticias por fama, promettia mais obstinação, que remedio; considerando porém os Padres, que a sua primeira obrigação era acudir á reformação dos Indios já baptisados, e que estes da serra tinhão sido os primogenitos desta Missão, e de quão pernicioso exemplo seria para os que se houvessem de converter , e para os que já convertidos a vida escandalosa em que estavão, e muito mais a immunidade della.

Era ponto este, que dava grande cuidado a toda a Missão e que muito se encommendava a Deos, esperando todos que chegarião ao céo as vozes do sangue do seu Abel o padre Francisco Pinto , e que amansadas aquellas féras, que já estavão marcadas com o caracter do baptismo, tornarião outra vez ao rebanho de que erão ovelhas.

Ajudou muito esta esperança um novo intento do governador André Vidal de Negreiros, o qual chegou no mesmo anno no Maranhão, resoluto a levantar uma fortaleza na bôca do rio Camuci, que he defronte das serras, para segurança do commercio do páo violete (1), que se corta nas fraldas dellas e do resgate do ambar, que a tempos sahe em grande quantidade naquellas praias.

Esta he a suavidade da Providencia Divina, tantas vezes experimentada nas Missões de ambas as Indias, onde sempre entrou e se dilatou a fé levada sobre as azas do interesse.

Communicados os pensamentos do Governador, e Superior das Missões (2), julgarão ambos que primeiro se escrevesse

(1) *Páo violete*. He o que os Indigenas chamavão—*páu cotiará*. Vide supra pag. 182.

(2) *Superior das Missões*. Era o mesmo Padre Antonio Vieira, autor desta obra.

aos Indios da serra, de quem não só dependia o commercio, mas ainda a fabrica e sustento da fortaleza.

Mas difficultava, ou impossibilitava de todo a embaixada a difficuldade do caminho de mais de cem leguas, atalhado de muitos e grandes rios, e infestado de diversas nações de Tapuyas, feros e indomitos, que a ninguem perdoão; e confirmado tudo com a experiencia da mesma viagem, intentada outra vez com grande poder de gente, de armas, e não conseguida.

Comtudo, houve um Indio da mesma nação *Tobajará*, chamado *Francisco Murereiba*, o qual confiado em Deos, como elle disse, se atreveu, e offereceu a levar as cartas. O theor dellas foi offerecer o Governador em nome de El-Rey a todos os Indios que se achavão na serra, perdão e esquecimento geral de todos os delictos passados, e dar-lhes a nova de serem chegados ao Maranhão os Padres da Companhia, seus primeiros paes e mestres, para sua defensa e doutrina.

E o mesmo escreveu o padre Superior das Missões, dando a si e a todos os Padres por fiadores de tudo o que o Governador promettia, e referindo-se umas e outras cartas do mensageiro, que era homem fiel, e de entendimento, e ia bem instruido e affecto ao que havia de dizer, partio Francisco com as cartas em Maio de 1655: e como fossem passados nove mezes sem nova delle, desesperado de todo este primeiro intento no Fevereiro do anno seguinte, que são as monções em que de alguma maneira se navega para barlavento, despachou o Governador uma sumaca com um capitão e quarenta soldados e os materiaes e instrumentos necessarios á fabrica da fortaleza do Camuci, e na mesma sumaca ia embarcado o padre Thomé Ribeiro, com um companheiro para saltarem em terra no mesmo sitio, e praticarém aos Indios, e darem principio áquella Missão.

Animou tambem muito a resolução do Governador e intentos dos Padres a paz que por meio delles vierão buscar ao Maranhão os *Teremembés* (1), que são aquelles gentios que frequentemente se nomeião no roteiro desta costa com o nome de *Alarves*, cuja relação nós agora deixamos por ir seguindo a sumaca, e não embaraçar o fio desta historia.

---

(1) *Teremembés*. Estes indigenas de raça differente da dos Tupis, occupavão, diz-se, o litoral do norte, desde a foz do Jaguaribe ou Mossoró até o Gurupy, com excepção da Ibiapába e da ilha do Maranhão, de que se apossarão os Tupinambás. Vide infra nota (4) á pag. 468.

V.

Navegação desde o Maranhão ao Ceará difficultosissima. Arriba a sumaca. Parte o padre Antonio Vieira, e intenta a despeito dos mares ir á Bahia a buscar Missionarios. Demoras que tem, e como encontra os Indios com a resposta de sua carta, e voltão todos para o Maranhão.

Uma das mais difficultosas e trabalhosas navegações de todo o mar Oceano he a que se faz do Maranhão até o Ceará por costa, não só pelos muitos e cégos baixios, de que toda está cortada, mas muito mais pela pertinacia dos ventos, e perpetua correnteza das aguas. Vem esta correnteza feita desde o Cabo da Boa-Esperança com todo o pezo das aguas do Oceano na travessa, onde elle he mais largo, que he entre as duas costas de Africa e America, e começando a descabeçar desde o Cabo de Santo Agostinho até o Cabo do Norte he notavel a força que em todo aquelle cotovello de costa faz o impeto da corrente, levando após si, não só tanta parte da mesma terra que tem comido, mas ainda aos proprios céos e os ventos, que em companhia das aguas e como arrebatados dellas, correm perpetuamente de léste a oeste.

Com esta contrariedade continua das aguas e dos ventos, que ordinariamente são brisas desfeitas, fica toda a costa deste Estado quasi innavegavel para barlavento, de sorte que do Pará para o Maranhão de nenhum modo se póde navegar por fóra, e do Maranhão para o Ceará com grandissima difficuldade, e só em certos mezes do anno, que são os de maior inverno.

Navega-se nestes mezes pela madrugada, com a bafagem dos terrenhos (1), os quaes como são incertos e durão poucas horas, todo o resto do dia e da noite, e ás vezes semanas e mezes inteiros se está esperando sobre ferro na costa descuberta, e sem abrigo, sendo este um trabalho e enfadamento maior do que toda a paciencia dos homens ; e o peor de tudo he, que depois desta tão cançada porfia, acontece muitas vezes tornarem as embarcações arribadas ao Maranhão, como tambem arribou nesta occasião a sumaca em que ia o Padre e os soldados para o Camuci, tendo gastado cincoenta dias em montar só até o rio das Preguiças (2), que he viagem que desfizerão em doze horas.

(1) *Terrenhos*, i. é., ventos de terra ou terraes.

(2) *Rio das Preguiças*. Ignoramos a denominação indigena *Teremembé* ou *Tupica*, deste rio, pois a Portugueza he provavelmente traducção. Talvez que outr'ora o chamassem— *Aiygh*, como outro rio de Pernambuco.

Depois mostrou a experiencia que fôra providencia particular de Deos não chegarem os soldados a pôr pé em terra, nem se intentar a fabrica da fortaleza ; porque, segundo a disposição em que então estavão os Indios da serra, he sem duvida, que ou havião de impedir a fortaleza por armas, ou se havião de retirar para tão longe della, onde nunca mais fossem vistos.

Partio nesta mesma monção em uma embarcação latina o Padre Manoel Nunes para o Ceará, e o Padre Antonio Vieira para a Bahia, ia um a cultivar os Indios daquelle districto, outro para trazer sujeitos que podessem acudir aos demais ; e posto que vencêrão mais leguas da costa pela melhoria das vélas. e perseverarão mais tempo na mesma porfia, teimando contra o mar, até se verem quasi comidos delle, emfim, desenganados houverão tambem de arribar ; mas na hora em que se acabava de tomar este accordo para se levarem as ancoras, eisque vêem uma embarcação pequena a véla, escorrendo a costa, e gente vestida de côres, marchando pela praia.

Ao principio cuidarão que erão estrangeiros escapados de algum naufragio, mas chegando mais perto, reconhecerão que era o Indio Francisco(1), que acompanhado de outros da serra vinhão trazer a resposta das cartas, com que havia quasi um anno tinha partido do Maranhão.

Recebidos com a festa e alvoroço que merecia tal encontro, e tão pouco esperado, e dando já por bem empregado o trabalho da dilação, deu Francisco por causa da sua tardança o haver encontrado pelo caminho grande variedade de nações de Tapuyas, que o detinhão e trazião comsigo muitos dias.

E perguntado como escapára delles com vida, sendo gente que a ninguem perdôa ; respondeu que lhe inspirára Deos, quando se vio nas mãos dos primeiros, offerecer-lhe voluntariamente tudo o que levava comsigo, e sobre si esperando que como não tivessem que roubar, não o quererião matar inutilmente, e que assim o fazião ; antes ao despedir-se lhe davão sempre algumas cousas das suas em agradecimento das que tinhão recebido ; e que proseguindo na mesma fórma dando a uns o que recebia dos outros, se livrára das mãos de todos.

Erão dez Indios os da serra que acompanhavão a Francisco, dos quaes o que vinha por maioral, apresentou aos Padres

(1) He o Indio de que se trata á pag. 464.

as cartas que trazia de todos os *Principaes*, mettidas, como costumão, em uns cabaços tapados com cêra, para que nos rios que passão a nado se não molhassem.

Admirarão-se os Padres de ver as cartas escriptas em papel de Veneza, e fechadas com lacre da India: mas até destas miudezas estavão aquelles Indios providos tanto pela terra dentro pela communicação dos Hollandezes, de quem tambem tinhão recebido as roupas de grã e de sêda (1), de que alguns vinhão vestidos.

Desta maneira sabem os politicos de Hollanda comprar as vontades e sujeição desta gente, passal-os da nossa obediencia a sua, o que nos poderamos impedir pelos mesmos fios, com muito menos custo, mas sempre as nossas razões de Estado forão vencidas da nossa cubiça, e por não darmos pouco por vontade, vimos a perder tudo por força.

A letra e estylo das cartas era dos Indios Pernambucanos, antigos discipulos dos Padres, e a substancia dellas era darem-se os parabens da nossa vinda, e significarem o grande alvoroço e desejo com que ficavão esperando para viverem como Christãos, não se esquecendo de lembrar aos Padres como elles tinhão sido os primeiros filhos seus, e quão viva estavão ainda em seus corações a memoria e saudades de seu santo pai, o *Pai-Pina* (2), que assim chamavão ao Padre Francisco Pinto.

VI.

Partem à Missão da serra de Ibiapába o Padre Antonio Ribeiro, e o Padre Pedro de Pedroza. Difficuldades, perigos, e trabalhos que passão estes apostolicos Missionarios. Favores do Céo que experimentão antes de chegar a Ibiapába.

Chegada ao Maranhão esta resposta tão conforme ao que se desejava, se resolveu logo que a viagem se fizesse por terra, e forão nomeados para esta Missão o Padre Antonio Ribeiro, pratico e eloquente na lingua da terra, e o Padre Pedro de Pedroza, que pouco antes tinha chegado de Portugal.

---

(1) *Roupas de grã e seda*, i. e., vestidos de lã de côr vermelha, e de seda. Chamava-se *grã*, o insecto ou cochonilha de uma especie de carvalho, outr'ora mui usada na tinturaria.

(2) *Pai-Pina*. Por essa causa chamou-se aldêa do *Pai-Pina*, a de Mecejana, onde tiverão sepultura os ossos do mesmo Padre Francisco Pinto transportados da serra de Ibiapába em 1611. Pompêo no *Dicc. Geographico do Ceará*, e no *Ensaio Estatistico* da mesma Provincia enga-

Até o rio das Preguiças(1) levarão os Padres uma boa escolta de soldados Portuguezes, com que passarão vinte e cinco leguas de perpetuos areaes, chamados vulgarmente os *Lançóes*, por ser este passo mui infestado dos Tapuyas. Despedida a escolta, se descubrio logo quanto o inimigo da salvação das almas tratava de estorvar esta viagem, como se experimentou mais no discurso della.

Como em todo este caminho não ha povoação, nem estalagem, he um dos grandes trabalhos e difficuldades delle haver de levar o mantimento ás costas, que vem a ser a farinha que chamão de guerra (2), que he o biscouto destas terras, o qual ao uso dellas se leva em uns como sacos de vimes tecidos, ou embastidos de folhas (3).

Succedeu pois, que os que levavão estes sacos ás costas, assim por se alliviarem do pezo, como por ser gente, que come sem nenhuma regra, em treze dias que tinha durado a viagem, os tinhão desentranhado de maneira, que quando os Padres forão a dar balanço á farinha, não acharão mais que o vulto da folhagem, e que toda a tropa que constava de sessenta bôcas, estava totalmente sem mantimento. Todos votavão que voltassem outra vez para o Maranhão, pois não tinhão de que se sustentar, e lhes restavão por andar a trez partes do caminho, e essas do maior trabalho e detença.

Mas os Padres resolverão, que o que se havia de padecer tornando atraz, se padecesse proseguindo adiante, e animando aos Indios, se fez assim, e se sustentarão todos sómente de carangueijos, com algum peixe que lhes derão os *Teremembés*(4) em dous dos seus magotes que encontrarão.

---

nou-se quando assevera que essa aldêa tinha o nome de *Paupina* (corrupção de *Pai-Pina*) por causa de Indios *Paupinas*, ali aldeiados, quando taes Indios erão Potiguares.

O mesmo Padre Francisco Pinto, como já notamos, era pelos indigenas do Ceará chamado *Amanayára*, que quer dizer, *senhor da chuva*, por causa de um importante acontecimento que a tal respeito houve no sertão da Bahia, em uma grande secca, e vem narrado pelo Padre José de Moraes no tom. 1 destas *Memorias* a pags. 79 e 85.

(1) *Rio das Preguiças*. Vide supra nota (2) á pag. 465.

(2) *Farinha de guerra*. Era a farinha de mandioca bem torrada para durar.

(3) *Saços de vimes*. Chamão no Maranhão *paneiros*, e á farinha assim acondicionada denominão de *paneiro*.

(4) *Teremembés*. Indigenas habeis nadadores, e que habitaão sobretudo o litoral do Maranhão desde a foz do Parnahyba até o Gurupy. Outros acreditão que tambem alcançavão o territorio do Ceará até o Camucy, e ainda até a ponta de Mucuripe e a foz do Jaguaribe e Mossoró. Vide supra pag. 166, e nota a pag. 190, assim como á pag. 464.

Governava um destes magotes *Tatuguaçú* (1), um dos quaes tinha ido ao Maranhão(2), e que era o interprete dos demais, ao qual como logo então se colheu de suas palavras, nunca lhe pareceu bem, que as suas praias fossem francas aos Portuguezes, e devassadas de passageiros ; e como esta era a primeira viagem, tratou de cortar nella o fio e os intentos a todas as demais, dando de noite um bom assalto aos nossos.

A este fim convidou uma boa parte dos Indios a certa pescaria, que se havia de fazer de noite em um posto distante, e aos soldados Portuguezes que erão oito, tambem os procurou retirar, tomando para isso uma traça, que bem se vio ser inspirada pelo demonio ; e foi prometter-lhes que lhes mandaria algumas de suas mulheres, para os ter longe dos Padres, e divertidos, tendo ao mesmo tempo escondido no mato o maior corpo da sua gente para rebentar com ella nas horas do maior descuido.

De tudo isto estavão os Padres bem innocentes, fazendo exame da consciencia, como he costume, para se recolherem a descançar, quando no mesmo exame lhes veio um escrupulo sem duvida inspirado pelo Anjo da Guarda, começando a duvidar da fé do *Teremembé* (3), e inferindo do mesmo bom agazalho que lhes fizera, a traição que debaixo delle tinha ou podia ter armado.

Com esta suspeita sem outro indicio nem averiguação, ordenarão que se fizesse logo a marcha que estava disposta para se fazer de madrugada, abalando com todo o silencio, e marchando toda a noite, e deste modo amanhecerão livres e vivos os que tinhão decretada a morte para aquella noite.

Assim o descubrio depois aos Padres uma velha da mesma nação, a qual tinha ido ao Maranhão na occasião das pazes onde fôra mui bem tratada dos nossos, e agora em agradecimento veio escondidamente, a trazer-lhes aquelle aviso, que ainda foi bom para a cautela, posto que se não acabarão aqui os perigos.

Tal era a sua pericia em natação que excedião aos Goitacazes, e erão por isso appellidados—*Peixes racionaes*.

(1) *Tatuguaçú* Parece que he o mesmo de que se trata á pag. 215 destas *Memorias*, comquanto este figure como *Principal* ou *Morubixába* de uma das aldêas da ilha.

(2) Vide supra nota (1) pag. 464.

(3) O morubixaba *Tatuguassú*.

VII.

Rios caudalosos que se atravessão nesta jornada. Risco da canôa em que ia o Padre Antonio Ribeiro. Livrão-se milagrosamente. Chegão estes Missionarios á desejada serra de Ibiapába.

Um dos perigos e trabalhos grandes que tem este caminho he a passagem de quatorze rios mui caudalosos (1), que o atravessão e se passão todos por meio da foz, onde confundem e encontrão suas aguas com as do mar ; e porque não ha nestes rios embarcação para a passagem, he força trazel-a do Maranhão com immenso trabalho, porque se vêm levando ás mãos por entre o rolo e a ressaca das ondas, sempre por costa bravissima, alagando-se a cada passo, e atirando o marcom ella, e com os que a levão, com risco não só dos Indios e da canôa, senão da mesma viagem, que della totalmente depende.

Muitas vezes he tambem necessario arrastal-a por grande espaço de terra e montes para lançar de um mar a outro, e talvez obrigão estas difficuldades a tomar a mesma canôa em peso ás costas com toda a gente, e leval-a assim por muitas leguas : de modo que para haver embarcação para passar os rios, se ha de levar pelo mar, pela terra, e pelo ar, e bem se vê quanta seria a molestia e afflicção dos Padres nesta sua viagem em persuadir e animar a um trabalho tão forte, a homens que quasi vinhão sem comer, e mal podião arrastar os corpos.

Na passagem do rio Parámirim, que he o mais forçoso de todos, foi tal o impeto da corrente, que arrebatando a canôa a levou rodando mais de trez leguas pelo mar alto dentro, dando já todos por perdidos ao Padre Antonio Ribeiro, que nella ia, e sete Indios. Chamarão todos neste aperto pela Virgem Nossa Senhora da Conceição, invocando seu nome a grandes brados, como succede na ultima desesperação dos remedios humanos ; e por milagre da Senhora, depois de cinco horas de lutar com as ondas, o mesmo mar os trouxe á terra, não havendo já quem tivesse animo nem braços para poder sustentar os remos, nem o governo.

---

(1) Neste numero estão contemplados os braços que formão o bello delta do rio Parnahyba, outr'ora chamado *Paraguassú*, *Rio grande dos Tapuyas* e *Rio das Garças* em razão da abundancia destes passaros.

Por Carta Regia de 1 de Dezembro de 1677 o Governador de Maranhão Ignacio Coelho da Silva teve ordem para fazer continuar o descobrimento do dilatado *Rio Paraguassú*, o qual já havia sido descoberto pela costa, distante da cidade de S. Luiz 50 leguas, entre a capitania do Ceará e do Maranhão, e em cujos sertões ha muitas e diversas nações de gentios.

Succedeu neste perigo uma circumstancia de trabalho nunca visto nem imaginado, ia o rio em partes profundamente entrando por entre morros de arêa mui altos, dos quaes com o perpetuo redomoinho dos ventos era tão espesso o chuveiro da arêa que cahia sobre a canôa, que trabalhando a maior parte dos que nella ião em a lançar fóra com as mãos, com os remos, com os chapéos, e com tudo o que podia ser de prestimo, não bastavão a alijar e descarregar o peso della, que por momentos os ia alagando e levando a pique; mas de tudo os livrou a protecção daquella divina Senhora, a quem tudo obedece.

As outras molestias e incommodidades que padecem nesta viagem homens creados no retiro da sua cella, são muito para agradecer e louvar a Deos, porque o caminho, que he de mais de cento e trinta leguas pelo rodeio das enseadas, o fazem os Padres todo a pé, e sem nenhum abrigo para o Sol que nas arêas he o mais ardente; porque em todas ellas não ha uma só arvore, e até a lenha a dá, não a terra, senão o mar, em alguns páos seccos, que deitão as ondas á praia.

A cama era aonde os tomava a noite, sobre a mesma arêa e tambem debaixo della; porque marchavão no tempo das maiores ventanias, as quaes levantão uma nuvem ou chuva de arêa tão continua, que em poucas horas de descuido se acha um homem cuberto ou enterrádo, até o mesmo vento (cousa que parece incrivel) he um dos maiores trabalhos e impedimentos desta navegação por terra, porque he necessaria tanta força para romper por elle, como se fôra um homem nadando, e não andando.

Emfim, como esta era a primeira viagem que se fazia ou abria depois de tantos annos por estas praias, a falta de experiencia, como succede em todas as cousas novas, fazia maiores os trabalhos e os perigos.

Mas vencidos todos com o favor de Deos, que da fraqueza tirava forças, aos 4 de Julho de 1656, em que se contarão trinta e cinco de viagem, chegarão os Padres á sua desejada serra de Ibiapába sem alento, nem côr, nem semelhança de vivos, que taes os tinha parado o caminho e a fome.

Quão accommodado porém fosse este lugar, onde chegavão para descançar e convalescer de todos estes trabalhos, se verá pela breve relação que agora daremos da terra.

VIII.

Descripção do sitio da serra de Ibiapába : sua difficultosa subida, sua altura, que excede ás nuvens: condição de seus moradores: e chegados a ella os Missionarios, quanto obrão.

Ibiapába, que na lingua dos naturaes quer dizer *terra talha*, não he uma só serra, como vulgarmente se chama, senão muitas serras juntas, que se levantão ao certão das praias de Camuci, e mais parecidas a ondas de mar alterado, que a montes, se vão succedendo, e como encapellando umas apoz das outras em districto de mais de quarenta leguas: são todas formadas de um rochedo durissimo e em partes escalvado e medonho, em outras cubertas de verdura e terra lavradia, como se a natureza retratasse nestes negros penhascos a condição de seus habitadores, que sendo sempre duras, e como de pedras, ás vezes dão esperanças, e se deixão cultivar.

Da altura destas serras não se póde dizer cousa certa, mais que são altissimas, e que se sobe, ás que o permittem, com maior trabalho da respiração, que dos mesmos pés e mãos, de que he forçoso usar em muitas partes. Mas depois que se chega ao alto dellas, pagão muito bem o trabalho da subida, mostrando aos olhos um dos mais formosos paineis que por ventura pintou a natureza em outra parte do mundo, variando de montes, valles, rochedos e picos, bosques e campinas dilatadissimas, e dos longes do mar no extremo dos horizontes. Sobretudo olhando do alto para o fundo das serras, estão se vendo as nuvens debaixo dos pés, que como he cousa tão parecida ao Céo, não só causão saudades, mas já parece que estão promettendo o mesmo, que se vem buscar por estes desertos

Os dias no povoado da serra são breves, porque as primeiras horas do Sol cobrem-se com as nevoas, que são continuas, e muito espessas. As ultimas escondem-se antecipadamente nas sombras da serra, que para a parte do Occaso são mais visinhas e levantadas.

As noites. com ser tão dentro da zona torrida, são frigidissimas em todo o anno, e no inverno com tanto rigor, que igualão os grandes frios do Norte, e só se podem passar com a fogueira sempre ao lado.

As aguas são excellentes, mas muito raras, e a essa carestia

attribuem os naturaes ser toda a serra muito falta de caça de todo o genero ; mas bastava para toda esta esterilidade ser habitada ou corrida ha tantos annos de muitas nações de *Tapuyas*, que sem casa nem lavoura vivem da ponta da frecha, matando para se sustentar, não só tudo o que tem nome de animal, mas ratos, cobras, sapos, lagartichas, e de todas as outras immundicias da terra.

Quasi na mesma miseria vivem igualmente os *Tobajarás*, posto que poderão sem muita difficuldade supprir a necessidade da terra com os soccorros do mar, que lhes fica distante vinte e cinco leguas, e sobre ser mui abundante de todo o genero de pescado, está offerecendo de graça o sal nas praias em uma salina natural de mais de duas leguas ; mas he tão grande a inercia desta gente , e o ocio em que excedem a todos os do Brazil, que por milagre se vê um peixe na serra, vivendo de mandioca, milho, e alguns legumes, de que tambem não têm abundancia ; com que he entre elles perpetua a fome, e parece que mais se mantem della, que do sustento.

Não forão novas aos Padres as incommodidades do sitio, de que já tinhão certas noticias, como dos costumes dos moradores, os quaes acharão em tudo no estado em que acima os descrevemos, posto que forão recebidos delles com grandes demonstrações de gosto e humanidade, e com aquella admiração e applauso, que sempre achão nesta gente todas as cousas novas.

A primeira, em que intendêrão os Padres, foi em levantar igreja, de que elles não só forão os mestres, senão os officiaes, trabalhando por suas proprias mãos, assim pelo exemplo, como pela necessidade, porque era pouca a diligencia com que os moradores se applicavão á obra.

A do edificio espiritual se começou juntamente, porque desde o primeiro dia começárão os Padres a ensinar a doutrina no campo, a que concorrião principalmente os pequenos, que muito brevemente tomarão de memoria as orações, e respondião com promptidão a todas as perguntas do cathecismo.

Mas depois que os Padres lhes ensinarão a cantar os mesmos mysterios, que compuzerão em versos, e tons muito accommodados, vio-se bem com quanta razão dizia o Padre Nobrega, primeiro Missionario do Brazil, que com musica

e harmonia de voses se atrevia a trazer a si todos Gentios da America.

Forão daqui por diante muito maiores os concursos e doutrinas de todos os Indios: e maiores tambem as esperanças que os Padres concebêrão de que por meio desta musica do Céo queria o divino Orphêo das almas encantar estas féras destas penhas, para os trazer ao edificio da sua Igreja.

A primeira pedra que se lançou nelle, e o primeiro fructo que se começou a colher, foi o baptismo de muitos adultos, e de todos os innocentes, porque nenhum pai houve, que não trouxesse a baptizar todos os seus filhos, dos quaes muitos forão logo chamados ou arrebatados ao Céo antes dos annos do entendimento, para que a malicia dos mesmos paes lh'o não pervertesse.

IX.

Impedimento que põe o Demonio á fé: meios de que usa: desacerto de um Capitão Portuguez: perigo da fortaleza do Ceará.

Soffreu mal o Demonio, que se lhe tirassem das mãos estes despojos tenros, que elle desde o nascimento tinha já marcados por seus, e temendo destes principios, que viria pouco a pouco a ser lançado daquelle castello infernal, que he a chave de tantas outras nações, que tão absolutamente estava dominando, determinou fazer-se forte nelle com todas as suas forças e astucias, e com as mesmas fazer á esta Missão a mais cruel e porfiada guerra, que jamais se tem experimentado até hoje na conquista espiritual de todas as gentilidades do Brazil.

Tinhão vindo os Padres a Ibiapába com ordem, não de fazerem alli residencia, mas de verem a disposição da gente, e do lugar, e com aviso aos Superiores, esperarem a resolução do que havião de seguir.

Daqui tomou occasião o Demonio, e daqui forjou as suas primeiras armas, mettendo em cabeça a todos os *Principaes*, que os Padres não vinhão a tratar da sua salvação, senão da sua ruina, e que erão espias dissimulados dos Portuguezes, para avisarem do que se passava na serra, e quando estivessem mais descuidados os entregarem a todos em suas mãos, os maiores para serem justiçados pelos delictos pas-

sados, e os outros para serem vendidos por escravos em perpetuo captiveiro.

Não se sabe de qual nasceu primeiro este diabolico pensamento, mas como todos estavão criminosos, e devião tanto á justiça do Céo e da terra, a propria consciencia lhes assoprava esse fogo dentro dos corações ; e os de Pernambuco, em que erão maiores as culpas, e maior o temor, erão os que mais crião e confirmavão tudo, não havendo acção, nem movimento, nem palavra, nem ainda silencio dos Padres, de que não fizessem novo argumento, e convertessem no mesmo veneno. Isto só se fallava entre todos, sobre isto se discorria e se bebia, que he o tempo e o lugar de seus mais vivos discursos.

Estas erão as prophecias dos feiticeiros(1), estes os conselhos dos velhos, estes os temores e os prantos das mulheres olhando todas dalli por diante para os Padres, não como paes e defensores seus, mas como espias inimigos, e traidores de sua patria, de suas vidas e de suas liberdades, e como taes se retiravão, e retiravão a todos da casa, e conversação dos Padres, fugindo até da Igreja, da doutrina, das prégações, e ainda da mesma missa, que era o que o Demonio pretendia.

Succedeu por este tempo fazer viagem o Governador André Vidal (2) do Maranhão para Pernambuco por terra com aviso que lhe fizerão os Padres, que estava seguro o caminho ; e como o Governador trazia grande escolta de soldados e Indios, tiverão por certo os de Ibiapába que aquelle apparato se encaminhava a conquistal-os, e dissimuladamente chamarão todos os *Tapuyas* da sua confidencia, e os tiverão em cilada emquanto o Governador passou pelas suas praias ; e depois que esteve em lugar que já não podia voltar atraz, tornarão a desfazer esta prevenção com tanta dissimulação e secreto, que não chegou á noticia dos Padres, senão dahi a annos.

Quasi começarão a se aquietar com este desengano os temores dos da Serra, e a verdade dos Portuguezes tambem começou a triumphar das falsas e indignas suspeitas que delles tinhão ; mas o Demonio que não aquietava, levantou

---

(1) *Feiticeiros*. Os indigenas os denominavão—*Pagés*.

(2) Refere-se á André Vidal de Negreiros, um dos restauradores de Pernambuco, que partira do Maranhão em 23 de Setembro de 1656. Vide Berrêdo—*Annaes* n. 1009.

em outra parte um novo incendio para tornar a cegar com o fumo delle, aos que já parece querião abrir os olhos.

Nos arredores da Fortaleza do Ceará(1), distante de Ibiapába sessenta leguas, vivem duas nações de Tapuyas gentios, confederadas ambas com os Portuguezes, mas inimigas entre si ; uns se chamão *Ganacés*, outros *Juguaruanas* (2).

Estavão estes occupados no mato a cortar madeira do precioso páo violête (3) para o Capitão da Fortaleza (4), quando os *Ganacés* levando comsigo alguns Indios christãos de duas aldêas avassalladas(5), que alli temos, derão de repente sobre elles, e tomando-lhes as mulheres e filhos, se vinhão retirando com a preza.

Fizerão aviso os *Juguaruanas* ao Capitão da Fortaleza, em cujo serviço estavão, o qual lhes mandou de soccorro vinte e quatro soldados Portuguezes, com ordem que os ajudassem e pelejassem contra seus inimigos, podendo mais neste caso, como sempre póde a razão da cubiça, que a do Estado, a qual dictava, que se guardasse neutralidade com ambas as nações, pois ambas erão nossas alliadas.

Chegarão os soldados aos *Ganacés*, que se tinhão feito fortes em uma roboleira do bosque, e desordenando mais a desordenada ordem que levavão, um delles que não era branco, persuadio aos fortificados que entregassem em

---

(1) *Fortaleza do Ceará.* Refere-se ainda ao reducto construido na foz do rio do mesmo nome por Martim Soares Moreno, e que os Hollandezes mantiverão, conquistando-o por duas vezes. Nessa epocha não existia a actual fortaleza.

A palavra *Ceará* ou *Siará*, he denominação moderna do territorio, assim actualmente conhecido. Em Tupy he o nome de uma casta de papagaios. Marcgrav chama ao Ceará-mirim *Syrag minor*.

Esse nome, no territorio em questão, deve-se á colonia *Potiguar*, que ali se estabeleceu em principio do penultimo seculo, pouco mais ou menos, indo do Rio-Grande do Norte. Antes dessa época o paiz ao Sul era chamado Jaguaribe, e ao norte Camocim.

He de presumir que os *Potiguares*, assim denominassem essa porção de territorio por se assemelhar ao do *Ceará-mirim*, torrão alagado, cheio de pantanos e lagôas. Talvez fosse *Jacauná* o que assim o denominasse, pois, como seu irmão *Poty* (Camarão), era do Ceará-mirim.

(2) A existencia destas duas tribus em torno do reducto Portuguez, e das aldêas dos Potiguares organizadas pelo P. Francisco Pinto (*Pai-Pina*), parece comprovar a opinião de que os *Teremembés* não passavão do Camucy para o sul.

(3) *Pau violête.* Vide supra nota (1) a pag. 463.

(4) *Capitão da Fortaleza.* Provavelmente era Alvaro de Azevedo Barreto. Vide supra nota (1) á pag. 459.

(5) Provavelmente a *Parangaba* (Arronches) e *Paupina* (Mecejana), devendo excluir-se Soure em consequencia dos destroços da guerra Hollandeza, e Aquiraz que mais tarde organisou-se. Carta Regia de 8 de Janeiro de 1697.

confiança suas armas em signal de paz, para se retirarem debaixo das nossas.

Mas os *Juguaruanas*, que já tinhão recuperado a preza, tanto que virão a seus inimigos desarmados, sem lhes poderem valer os soldados Portuguezes, derão sobre elles, e em um momento quebrarão as cabeças a todos, que he o seu modo de matar, sem ficar de quinhentos que erão, nem um só com vida.

Foi este um caso, que grandemente alterou os animos de todos os Indios do Ceará(1), e muito mais os vassallos e alliados, vendo que á sombra de nossas armas, de que elles esperavão a defensa, fôra a mesma, e por estylo tão indigno, que os mettêra como cordeiros nas mãos de seus inimigos.

Clamavão contra os interesses do Capitão, e contra a lealdade dos soldados, o que lhes ensinava a dôr e justa ira, e talvez se precipitavão em ameàças contra a Fortaleza, e contra as vidas de quantos estavão nella.

X.

São chamados os Padres para socegarem os Indios : differenças entre estes : acode no maior fervor da briga o padre Antonio Ribeiro, á cujas vozes suspendem todos as armas, e ficão em paz : reforma tudo este grande Missionario, e parte á Pernambuco em busca de remedio, mas sem effeito.

Posta a Fortaleza neste aperto e receio, recebêrão os Padres cartas do Capellão e Almoxarife, em que lhes representavão o estado de tudo, e lhes pedião que por serviço de Deos e de El-Rey quizessem acudir com toda a pressa áquella força, pois só a sua presença, e a muita autoridade que têm com os Indios, poderia obrar em seus animos, tão justamente irados, o que importava á salvação de todos.

Por esta causa, e por pertencerem tambem aquelles Indios á esta Missão, resolverão os Padres partir logo ao Ceará; mas vendo que com a noticia desta jornada tornavão a reverdecer as suspeitas dos de Ibiapába, houve de ficar alli um dos Padres, como em refens do outro, e foi só áquella empreza o padre Antonio Ribeiro, que, como tão eloquente na lingua, e exercitado em conhecer e moderar os animos desta gente, sobretudo ajudado com particular favor de Deos, pôz tudo em poucos dias em paz.

---

(1) *Indios do Ceará.* Refere-se aos que vivião em torno da fortaleza, e ao sul desse territorio.

Primeiro aquietou, não sem difficuldade, os Indios chris-tãos das aldêas (1), que como vassallos de El-Rey, e creados em maior politica, sabião melhor sentir e encarecer a causa da sua dôr; e com elles ficárão tambem quietos os *Ganacés*, primeiros movedores desta tragedia, ajudando não pouco a sua mesma culpa a se comporem com o successo.

Só os *Juguaruanas*, como provocados sem causa, e como insolentes com a victoria, não cessavão de ameaçar continuamente a ambas as aldêas, em uma das quaes derão de repente ao tempo que o Padre estava levantando a hostia; mas acabada a missa com a pressa que pedia o perigo, estando já alguns da aldêa mortos, e feridos quasi todos que não chegavão a quarenta, sendo quatrocentos os barbaros que combatião uma fraca estacada de que estava cercada, o Padre se subio intrepidamente sobre ella por meio das frechas, e não pedindo pazes, nem rogando, senão reprehendendo e ameaçando o castigo de Deos aos barbaros, deu Deos tanta efficacia á estas vozes, e ao imperio dellas, que suspendendo os arcos e frechas, se retirarão logo todos (2).

E dalli a trez dias em presença do Padre e do Capitão da Fortaleza vierão a fazer pazes, que se celebrarão solemnemente entre estas, e as mais nações offendidas.

Emquanto isto se obrava, não attendia o Padre com menos cuidado á doutrina dos Indios christãos, os quaes achou na mesma confusão e mizeria em que estavão os de Ibiapába, e se se póde cuidar, ainda maior pela maior visinhança e communicação que havião tido dos Hollandezes, se bem o respeito da Fortaleza, e o presidio os tinha feito menos rebeldes e insolentes, que os outros.

Ensinarão-se os innocentes, e baptizarão-se todos os hereges, e se reconciliarão com a Igreja muitos que estavão casados ao modo de Hollanda, e se recebêrão com os ritos catholicos Emfim, as duas povoações que erão compostas de gentios e hereges, ficarão de todo christãs.

Restava sómente a Fortaleza por render, onde em certo modo se póde dizer, que estava e está o Demonio mais forte pela cubiça dos Capitães, e torpeza dos soldados.

A estes tirou o Padre trinta Indias, as mais dellas casadas, de que se servião, com publica offensa de Deos, e sem pejo

---

(1) Os Indios das aldêas vizinhas do reducto ou forte do Ceará, que a principio se chamou de *S. Thiago*, e, a povoação annexa, *Nova Lisboa*.

(2) Acção memoravel que honra a memoria deste Missionario.

dos homens, indo-as buscar livremente ás aldêas, e tomando-as, se era necessario, por força á seus maridos (1).

Dos maridos se estavão servindo igualmente os Capitães para seus interesses, com tanta oppressão dos miseraveis, e tão pouca e tão enganosa satisfação do continuo trabalho ou captiveiro em que os trazem, sem descançar jamais, que se podia duvidar, quaes erão dignos de maior lastima, se as mulheres no torpe serviço dos soldados, se os maridos no injusto dos Capitães.

Tratarão os Indios com o Padre de pôr remedio a estes damnos, que não erão menos consideraveis para os mesmos Portuguezes, se aquelles vicios deixárão ólhos abertos.

Representou-se por meio mais effectivo retirarem-se aquellas aldêas dalli para Pernambuco (2), donde todos os annos, assim como vem e se mudão os soldados Portuguezes (3), assim viessem e se mudassem os Indios necessarios ao serviço da Fortaleza; e com esta proposta passou o mesmo Padre a Pernambuco, posto que não foi admittida, como nunca serão aquellas em que o bem temporal ou espiritual commum se encontra com o interesse dos particulares que governão.

Na viagem visitou o Padre as reliquias das antigas aldêas de Pernambuco, Parahyba e Rio Grande (4), que achou espalhadas por aquelle largo e trabalhoso caminho, e tornou a vizitar as do Ceará, baptizando, doutrinando, casando, e confessando a todos aquelles desamparadissimos Indios, os

---

(1) Um dos principaes corpos de delicto desta famosa corporação.

(2) Ali tinhão aldêas de doutrina, e pessoal proprio para educar e instruir os indigenas.

(3) Deste trecho se poderá deduzir que, na epocha desta missão, já a fortaleza do Ceará dependia de Pernambuco, contra o que em outro lugar dissemos. Mas ainda que a guarnição pela facilidade da navegação e abundancia de força militar viesse de Pernambuco, o territorio septentrional até á fortaleza dependia do Maranhão, como demonstrão differentes Cartas Régias ainda do começo do ultimo seculo, quando se fixou no rio Timonha, o limite dos dous governos.

Entretanto notaremos que por C. R. de 29 de Novembro de 1694 determinou-se que os Indios da serra da Ibiapába fossem missionados pelos Religiosos da Companhia que assistião no Ceará; mas por outra de 8 de Janeiro de 1697 ordenou-se ao Governador do Maranhão a fundação de um Hospicio de Jesuitas no Ceará, provavelmente Villa-Viçosa, ainda que tambem se possa entender Aquiraz.

Por outro lado a C. R. de 23 de Novembro de 1700 determina ao Governador do Maranhão, que se precisar de Indios para a guerra contra o gentio de corso (*Tapuyas*) solicite-os do Governador de Pernambuco. Mas estes Indios podião ser os que habitavão ao sul da cidade da Fortaleza.

(4) Tal era o estado á que a guerra Hollandeza, e a cubiça dos colonos, havião reduzido os miseros Indios.

quaes davão graças a Deos de que tudo isto se lhes fizesse de graça, quando muitos delles vivião como gentios por não terem com que pagar os Sacramentos (1).

XI.

Desconfiança dos da serra de Ibiapába, tendo aos Missionarios por traidores. Quanto padece o padre Pedro Pedrosa, que ficou só na Serra: necessidade a que chega, e descommodos destas Missões.

Em quanto o padre Antonio Ribeiro se deteve nesta comprida Missão, esteve o padre Pedro Pedrosa padecendo as consequencias della, que forão persuadirem-se de novo os de Ibiapába,que as jornadas ao Ceará,e de Pernambuco,forão só a prevenir dobrados soccorros, com que os arrancar a todos das suas serras, chegando a desconfiar das mesmas muralhas inaccessiveis,com que as fortificou a natureza, e fazendo como soldados velhos da guerra do Brazil, uma estrada occulta pelo mato, que no caso que não se podessem defender, lhes servisse para a retirada, a qual já tinhão disposta para partes tão remotas do interior da America, que nunca lá podesse chegar o nome, quanto mais armas dos Portuguezes.

Sendo esta a opinião que estes Indios tinhão de um dos Padres, já se vê qual seria o tratamento que farião ao outro.

Ficou o padre Pedro Pedrosa entre elles só, e sem saber ainda mais que poucas palavras da lingua, mas a mesma necessidade, e não ter outra, com que se dar a entender, lh'a fez aprender copiosamente dentro em poucos mezes, estudando mais ainda que a mesma lingua, as razões com que havia de fallar e persuadir a esta enganada gente o pouco fundamento de seus temores, e das desconfianças que tinhão concebido contra os Padres que por elles estavão padecendo tantos trabalhos, e tinhão arriscado tantas vezes as vidas.

Mas nenhuma razão nem demonstração bastava, para que vissem ou quizessem ver a sua cegeira.

Assim estava o Padre aqui mais como prisioneiro das suas ovelhas, que como pastor dellas, continuando porém sempre em lhes dar o pasto da verdadeira doutrina, a que acudião poucos, e os mais pequenos, rogando por todos a Deos, e offerecendo por sua conversão os mesmos aggravos e ingratidões que delles continuamente estava recebendo.

Alguns mezes não teve o Padre quem lhe fosse accender

(1) Eis ainda uma das causas da irritação que havia contra os Jesuitas.

uma candeia, deitando-se todo este tempo sobre ter comido duas espigas de milho secco, que assava por sua propria mão ; mas nisto erão menos culpados os que tinhão obrigação de o sustentar pelas esterilidades do sitio.

Muitas vezes a hora de jantar mandou com um prato pedir uma pequena de farinha (1) pelas portas, sendo elle o que fazia o fogo para coser umas hervas agrestes, e o que varria a pobre cazinha com as mesmas mãos sagradas com que a tinha feito.

Deste tempo he que ficarão ao Padre as noticias que nos dá, de serem tanto saborosas as lagartichas (2) pela parte de alguma que algum mais misericordioso lhe offereceu por grande caridade. Tal he a miseria ou o castigo do sitio, em que vive esta pobre gente, e por cuja conservação fazem tantos extremos.

Quando aqui chegamos havia quatro mezes que os Padres não comião mais que folhas de mostarda cosidas em agua e sal, mas estas com pouca farinha, porque nem os que a lavrão a tinhão.

Alguma jornada fizerão de mais de sessenta leguas, em que levavão a matalotagem na algibeira, que era um pouco de milho debulhado, que a não ir tão bem guardado, se não pudéra defender á fome dos companheiros, e isto he, o com que se jejuão as quaresmas, e com que se festejão as paschoas ; mas he já boa de contentar a natureza (e muito mais a graça), e dá Deos tantos sabores a estes manjares, que não fazem cá saudades os regalos da Europa.

Dias houve tambem caminhando, em que passarão os Padres só com os cardos do mato, e outras vezes com as raizes de certa arvore agreste, cavadas por sua mão, a que chamão *mandú rapó* (3), por ser mantimento das emas, que digerem ferro (4).

Mas tinhão os Padres muito mais que digerir na dureza e rebeldia dos corações da gente com que tratavão, os quaes com nenhum exemplo se compungião, com nenhum beneficio se abrandavão, e com nenhum desengano querião aca-

(1) *Uma pequena de farinha*. isto he, um pouco de farinha.

(2) *Lagartichas*. Talvez o autor confundisse com este nome os *Iguanas* e outros lagartos mui apreciados por seu sabor. Em Maranhão chama-se cameleão ao *Iguana*.

(3) *Mandú rapó*. Ignoramos á que planta corresponda hoje este nome.

(4) Erro. Essas aves comem ou antes engolem o ferro, mas não o digerem, expellem-o intacto.

bar de se desenganar, permittindo-o assim Deos ou em castigo da sua mesma obstinação, ou para outros maiores fins da sua providencia.

XII.

Chega o padre Antonio Ribeiro de volta á Serra : alegria com que he recebido: nova desconfiança dos Indios que determinão matar os Padres: sabem estes da traição, e persistem ainda na Serra.

Foi mais festejada a vinda do padre Antonio Ribeiro, quando o virão entrar pela principal aldeia (1) só, e sem os exercitos imaginados, que o Demonio lhes tinha formado nas phantasias.

Mas durou pouco aos Padres o gosto desta victoria da sua verdade ; porque no mesmo tempo recebêrão uma carta do padre Antonio Vieira, em que lhes dava noticia de haverem resoluto os Superiores que aquella Missão, vistas suas impossibilidades, se não continuasse, e que os Padres se voltassem outra vez ao Maranhão, notificando esta ordem, e a causa della, aos Indios e levando comsigo aos que os quizessem seguir.

Não chegou á mão dos Padres nenhuma destas ordens, que erão do Padre Provincial do Brazil, e do Padre Visitador desta Missão, como adiante se dirá, mas em ordem á execução dellas declarou o padre Pedro Pedrosa aos *Principaes* o aviso que tinhão recebido, representando-lhes o serviço de Deos, e de Sua Magestade, que continha aquella resolução, e quão conveniente lhes era não só para a salvação, senão ainda para as commodidades da vida a mudança do lugar (2).

Não tinha acabado de dizer o Padre, quando já estava lida a resposta no semblante de todos, os quaes rebentarão, dizendo : *Eis aqui como era verdade o que até agora todos cuidavamos; e como os Padres não tiverão nunca outro intento se não de nos arrancar de nossas terras para nos fazerem escravos de seus parentes, os brancos.*

O maior *Principal*, que tem grande sagacidade, respondeu direitamente a proposta desta maneira : *Se por sermos vassallos de El-Rey, quereis que vamos para o Maranhão estas*

---

(1) Provavelmente a denominada—*Ararenda* de que trata C. de Abbeville em sua obra.

(2) Foi este sempre o systema dos Jesuitas para melhor educarem e instruirem os indigenas.

terras tambem são de El-Rey; e se por sermos Christãos, e filhos de Deos, Deos está em toda parte.

Com esta resposta succinta se recolhêrão a seus conselhos secretos, nos quaes se decretou, que por meio dos Tapuyas tirassem a vida aos Padres, como já tinhão feito os mesmos Tapuyas ao padre Francisco Pinto; e que para dissimulação do delicto sahirião elles fingidamente á sua defensa, e farião grandes prantos por sua morte.

Decretada esta cruel sentença, sem os Padres terem della a menor noticia, com o mesmo segredo despedirão aos Tapuyas, quem lhes fosse declarar o intento, e os ensaiasse para a tragedia.

Erão os Tapuyas que forão escolhidos para a execução os......, e o dia, de quinta feira de Endoenças, em que os Padres estão mais occupados; e elles concorrendo tambem para os officios daquella semana, se querião tambem fingir mais divertidos.

Tudo estava já preparado para o sacrificio, e só as victimas estavão innocentes de tudo. Quando Deos, que nunca desampara aos que o servem, tocou o coração a um dos *Principaes*, e adjunto na mesma consulta, o qual foi secretamente avisar aos Padres de tudo o que contra elles estava traçado.

Com este aviso, que bem se via era do Céo, se apparelharão os Padres com grande animo para dar a vida por tão..... causa, e dalli por diante, pondo-se mais affectuosamente nos mãos de Deos com continuas orações e penitencia, estavão esperando a todas as horas do dia e da noite, que a morte lhes entrasse pelas portas, tendo ajustado entre si de a receberem de joelhos, e com as mãos levantadas ao Céo.

Emquanto chegava ou tardava o dia aprazado, resolvêrão-se os Padres a não esperar mais por elle. Descubrirão ao *Principal* como lhes era manifesta a traição que lhes tinha armado; que para matar dous religiosos sem armas não erão necessarias as frechas dos Tapuyas, que em suas mãos os tinhão, sem poderem resistir, nem quererem fugir; que bastava um velho o mais fraco da aldeia, para lhes tirar as vidas, e que elles as darião por bem empregadas, se Deos pelo sacrificio de seu sangue perdoasse aos *Tobajarás* este peccado, e todos os outros de que se não querião emendar; que estivessem certos que do

Céo não havião de pedir para elles castigo, senão misericordia.

Ficou assombrado o barbaro de ver que os Padres sabião o que elle tinha por tão secreto: negava com a bôca tudo, mas confessava-o com o coração, o qual lhe dava taes pancadas no peito, que não se estavão vendo, mas parece que se estavão ouvindo.

Emfim, como as traças erão do Demonio, que só tem força emquanto estão encubertas, neste dia desarmou em vão toda esta machina. O Inferno ficou confuso, e os Padres derão infinitas graças a Deos, e os auctores ficarão corridos e arrependidos, mas nem por isso emendados, tendo sempre altamente fixado na memoria e no entendimento o ponto de os quererem tirar de suas terras; e posto que os Padres tinhão tão justas causas, e tão bastante motivo nas cartas que recebêrão para sacudirem o pó dos sapatos, e deixarem tão ingrata terra, resolverão-se com tudo a não desamparar o posto, a que a obediencia os tinha mandado, sem verem primeiro a ordem em que a mesma obediencia os mandasse retirar.

XIII.

Estado pernicioso dos Indios da serra: suas ignorancias, herezias, e trato com o Demonio.

Será muito para louvar nos tempos vindouros a constancia destes dous Missionarios; mas elles têem para si, e com razão, que não só devião isto ao amor de Deos, por quem o padecião, senão ao exemplo que o mesmo Deos lhes dava; porque ainda que foi muito o que os Padres soffrerão a estes Indios, muito mais era o que Deos lhes estava soffrendo.

Entre todos estes só um velho houve, que de si pediu aos Padres, que o cazassem para sahir de mau estado. Nenhum dos *Principaes*, sendo todos trez christãos, era casado em face de Igreja, nem o quizerão nunca ser, por mais que os Padres os admoestavão, e todos, além da que chamavão *mulher*, tinhão a casa cheia de concubinas.

Algunsestavão casados juntamente com duas irmãs, e muitos com suas cunhadas, porque receber o irmão vivo a mulher do

irmão defuncto, he lei tão judaicamente observada entre elles, como se o tiverão recebido de Moysés, a quem tambem sabem o nome. Aquelles de quem o Propheta diz que fizerão concerto com o Inferno, parece que forão estes. Um disse que antes queria ser irmão de Caim, do que de Abel, por estar no Inferno com elle; outro que não se lhe dava do fogo do Inferno, porque se fosse lá elle o apagaria; outro que já sabia que havia de ir ao Inferno pelas maldades que commettêra em Pernambuco, e assim não queria tratar do Céo; outros chegarão a tanto, que blasphemarão de Dees como de tyranno e injusto, por os haver de mandar a elles ao Inferno.

« Mande ao Inferno, dizião, aos Indios (1), que o matarão, mas á nós, que lhe não fizemos nenhum mal, porque nos manda ao Inferno sem razão? » Emfim, forão taes as cousas que disserão e fizerão sobre este ponto, que os Padres se retirarão de lhes fallar no Inferno, até que o conhecimento da grandeza de Deos e de suas culpas lhes mostrassem quão dignos são os que o offendem de tão temeroso castigo.

Por outra via tinha já procurado o Demonio tirarlhes do pensamento a fé e temor do Inferno, espalhando entre elles um erro aprasivel semilhante á fabula dos Campos Elysios; porque dizem que os trez *Principaes* das aldêas da serra teem debaixo da terra outras trez aldêas muito formosas, onde vão depois da morte os subditos de cada um, e que o *Abaré* ou Padre que lá tem cuidado delles, he o padre Francisco Pinto, vivendo todos em grande descanço, festas, abundancia de mantimentos; e perguntados d'onde tiverão esta noticia, e se lhes veio algum correio do outro mundo, allegão com testemunha viva, que he um Indio muito antigo, e *Principal* entre elles, o qual diz, que morrendo de tal doença que teve, fôra levado ás ditas aldêas; por signal que uma se chama *Ibirupiguaya*, outra *Inambuapixoré*, a terceira *Anhamari*, e que lá vira todos os que antes delle havião morto, e entre elles a sua mulher, a qual o não quizera receber, e pelejarão com elle por ir desta vida sem levar um escravo que a servisse, e que depois disso tornára a viver.

O Indio por sua pouca malicia parece incapaz de haver com-

---

(1) *Indios*. Provavelmente o manuscripto dizia *Judéos*.

posto esta historia, e assim julgão os Padres que foi sem duvida illusão do Demonio para enganar a elle, e por meio delle aos outros, e quando menos para pôr em opiniões um ponto tão importante como o do Inferno.

Na veneração dos templos, das imagens, das cruzes, dos sacerdotes, e dos sacramentos, estão muitos delles tão Calvinistas e Lutheranos, como se nascêrão em Inglaterra ou Allemanha. Estes chamão á Igreja, *igreja de moanga*, que quer dizer, *igreja falsa*; e á doutrina, *morandubas dos Abarés*, que quer dizer *patranhas dos Padres*; e fazião taes escarneos e zombarias dos que acudião á Igreja a ouvir a doutrina, que muitos a deixarão por esta causa. Um disse, que de nenhuma cousa lhe pesava mais, que de ser Christão, e ter recebido o baptismo.

O sacramento da Confissão he o de que mais fugião, e mais abominavão; e tambem havia entre elles quem lhes prégasse, que a confissão se havia de fazer só á Deos, e não aos homens. Forão testemunhas certos Portuguezes que vierão á serra, que a tempo que o Padre levantou a hostia, um por zombaria dos que batião nos peitos, se pôz a bater na parede da Igreja.

Estava outro para commungar em occasião que um *Principal* lhe mandou recado para que fosse beber com elle, e como respondesse que estava para receber o Senhor, disse o *Principal*, que não conhecia outro Deos senão o *vinho*; porque elle o creára, e o sustentava. Outras muitas cousas diziam, que he certo lh'as não ensinaram os hereges, senão o Demonio por si mesmo. Exhortava o Padre a certo gentio velho que se baptizasse, e elle respondeu, que o faria para quando Deos encarnasse a segunda vez, e dando o fundamento do seu dito, accrescentou, que assim como Deos encarnara uma vez em uma donzella branca para remir os brancos, assim havia de encarnar outra vez em uma donzella India para remir os Indios, e que então se baptisaria.

Consoante a esta prophecia he outra, que tambem acharão os Padres entre elles; porque dizem os seus letrados, que Deos quer dar uma volta a este mundo, fazendo que o Céo fique para baixo, e a terra para cima, e assim os Indios hão de dominar os brancos, assim como agora os brancos dominão os Indios. E com estas esperanças phantasticas e soberbas, os traz o Demonio tão cegos, tão destinados, e tão

devotos seus, que chegou a lhes pedir adoração, e elles a lh'a darem.

Não ha muitos annos que um velho dos de Pernambuco, feiticeiro, levantou uma ermida ao Diabo nos arrabaldes da povoação, e pôz nella um idolo composto de pennas, e pregou, que fossem todos a veneral-o, para que tives em boas novidades, porque aquelle era o que tinha poder sobre as sementeiras, e como a terra he mui sujeita á fome, foram mui poucos os que ficaram sem fazer sua romaria á ermida.

Estava o velho assentado nella, e ensinava como se havião de fazer as ceremonias da devoção, que era haverem de bailar continuamente de dia e de noite, até que as novidades estivessem maduras, e os que cançavão e sahião da dança havião de beijar as pennas do idolo (1), no qual affirmavão

---

(1) *Idolo*. Estas cerimonias supersticiosas posto que tenhão côr local, confundem-se com as praticadas com o culto do Deos africano *Budú*, ou *Vaudoux* como se chama na Luisiana, e em outras colonias Francezas para onde foi transportado da Guiné. No nosso paiz tambem tem essa divindade adoradores.

O jornal *Courrier de l'Europe*, impresso em Londres, publicou em 1867 o seguinte artigo, que aqui transcrevemos, pois reproduz uma scena representada naquelle paiz e que no Brazil não poucas vezes se tem repetido :

O culto do Vaudoux na Luisiana.—Os jornaes dos Estados-Unidos da America noticião que um dos primeiros effeitos da rapida emancipação dos escravos tem sido, em alguns districtos, o reapparecimento de certas praticas supersticiosas trazidas da Africa pelos primeiros escravos, taes como o culto do *Vaudoux*, que os antigos colonos esforçarão-se sempre em combater e destruir.

Eis o que a este respeito se lê na *Tribune*, de Mobile, de 2 de Outubro do anno passado (1866):

« Admiramo-nos bastante de vêr hontem á noite, diz um correspondente desse jornal, resurgido um culto do qual não suppunhamos possivel a existencia em nossa terra christã.

« Acompanhado de alguns soldados, fomos a uma casa situada do lado opposto ás fabricas, e occupada por um negro velho, que se dizia *obi* ou padre do Vaudoux.

« Approximamo-nos com precaução das paredes de taboas, collocamo-nos cada um diante de uma fresta e fomos testemunhas de uma scena que ficará longo tempo gravada em nossa memoria.

« Sobre um fogo de gravetos de pinho estava suspenso um caldeirão de ferro, em torno do qual estavão grupados cerca de vinte negros de ambos os sexos, inteiramente nús e com a face em terra

« Só o velho *obi*, cujo pescoço era circulado por uma pelle de cobra, estava em pé e recitava respeitosamente orações, ás quaes a *congregação* respondia em uma voz rouca e sofreada.

« A umas palmas do *grão-sacerdote*, os fieis levantarão-se e começarão uma corrida furibunda em torno do caldeirão, finda a qual de novo se prostrarão continuando as orações.

« O *obi* approximou-se então do caldeirão e ahi atirou a pelle de cobra, depois uma cobra morta, um sapo e um lagarto vivos, e a final as hervas e raizes que ornavão as carapinhas de seus ouvintes,

alguns, que ouviram ao Demonio fallar com o velho, e outros que se lhe mostrou visivel, vestido de negro.

Tiverão os Padres noticia do desaforo, forão logo queimar o idolo, e levantar em seu lugar uma cruz dentro e outra fóra; mas ao dia seguinte amanheceram ambas as cruzes feitas em pedaços: tanto soffre Deos, e tanto tem soffrido a estes impios contra sua Igreja, contra seus sacramentos, contra sua divindade, e contra suas cruzes; e tanto ensina a soffrer com o seu exemplo, aos que tambem ensinou com sua doutrina, que deixassem crescer a cizania, para que se não perdesse o trigo!

XIV.

Fructo que se colheu neste esteril campo; proveitos temporaes, que resultaram destas duas Missões: successo extraordinario, e castigo de Deos em alguns Indios.

O fructo que se tem colhido no meio desta esterilidade, não tem sido tão pouco, que se hajão de dar por mal empregados tantos trabalhos, quando os mesmos trabalhos per si não forão um grande fructo. Em quanto os grandes vivião na obstinação, e rebeldia que dissemos, os pequenos, de quem he o reino do Céo, o ião povoando em tanto numero, que são já mais de quinhentos os innocentes baptizados pelos Padres, que com a graça do baptismo estão gozando da gloria.

Ao principio tiverão os Padres trez igrejas nas trez aldêas, e depois fizerão outra, em que unirão todas trez. Estas quatro igrejas são hoje relicarios preciosissimos, em que não ha lugar onde não esteja engastado algum corpo com toda a certeza santo, que he grande consolação, e ainda devoção para os que vierão a estas serras cavar estes thesouros, e vê-se claramente haver Deos enviado os dous Missionarios da Com-

---

« Um profundo silencio succedeu a esta operação.

« Ao fim de alguns minutos, a um signal dado, a *congregação* fez nova corrida, e cada iniciado veio mergulhar um dos seus dedos no philtro divino e o levou aos labios: depois o *obi* percorreu o circulo e traçou com os dedos impregnados na substancia magica figuras cabalisticas no peito, fronte e espaduas de seus ouvintes.

« Nem uma palavra foi dita durante esta operação.

« Quando terminou, os fieis vestirão-se e sahirão um a um.

« Era uso antigamente pedir o *obi*, em continuação a esta ceremonia, um sacrificio humano. A victima era quasi sempre um menino.

« Hontem, porêm, não foi ella reclamada. »

panhia só a colher estas flôres para as metter, como diz a Escriptura, no ramalhete dos predestinados; porque no tempo em que morrerão mais de quinhentos innocentes, não chegarão a morrer quinze dos adultos, alguns dos quaes acabarão com os Sacramentos daquella hora, e com grandes esperanças de sua salvação ; e outros, para temor dos mais, com evidentes signaes de sua perdição e condemnação eterna.

Dos pequenos de maior idade se baptizarão tambem muitos, que ainda estavão pagãos, ou tinhão duvida no baptismo. Muitos tambem receberão em legitimo matrimonio as mulheres com quem vivião em peccado ; outros tocados da heresia abjurarão o erro ou ignorancia, e se reconciliarão com a Igreja. Assim que, ainda que o corpo geralmente estava tão enfermo, e tão contagioso, a muitos dos membros aproveitavão os remedios, e a muitos os preservativos.

Os males que com a presença dos Padres se tem evitado, não são de menos consideração ao bem espiritual destes Indios, nem de menor utilidade ao espiritual e temporal de todo o Estado. O caminho do Maranhão ao Ceará, e á Pernambuco, que estava totalmente fechado pelas hostilidades desta gente, está hoje franco e seguro. As praias,e navegação de toda a costa está livre e melhorada com o seu commercio.

Sobretudo estão reduzidos os *Tobajarás* á obediencia e vassallagem de Sua Magestade sem armas nem despezas, e estão inimigos jurados dos Hollandezes, em cuja confederação era a serra de Ibiapába o maior padrasto que tinha sobre si o Estado do Maranhão, e o que só temerão todos os soldados velhos desta conquista. Nos vicios da fereza e deshumanidade estão tambem muito domados ; já não matão, já não comem carne humana, já não fazem captiveiros injustos, já guardão paz e fidelidade ás nações visinhas, tudo por beneficio da assistencia dos Padres.

Haverá dous annos que os Padres exhortarão aos Tapuyas *Curutís*, que quizessem deixar a vida de corso, e viverem aldeados com os *Tobajarás* com casa e lavoura, e quando já vinham os *Curutís* com suas familias para se metter nas aldêas que os mesmos *Tobajarás* lhes tinham offerecido, estava traçado entre elles de os esperarem em cilada d'alli a duas leguas, e os matarem e captivarem a todos. Soube o padre Pedro Pedrosa a traição trez horas antes, quando já os *Tobajarás* estavão juntos, e armados, e bastou saberem os *Princi-*

paes que o Padre o sabia, para desistirem da empreza, e ainda para cobrirem e negarem os intentos que tiverão nella.

Foi este o maior argumento do respeito que têm aos Padres ainda quando parece que nos não respeitarão, porque não ha mais forte tentação para esta gente, que a de matar, e fazer captivos. Assim vão despindo os vicios da barbaria, com que começão a ser homens, e se espera que renunciarão tambem os demais, para que acabem de ser Christãos.

Confirma muito esta esperança o ter-se visto em muitos casos, que não só chama Deos esta gente por meio ordinario de seus ministros, os prégadores, mas que parece quer render per si mesmo sua rebeldia, como a de Saulo.

Estava um dia ouvindo Missa o maior *Principal*, e ao tempo que o Padre levantou o Senhor, e todos o adorarão, elle vio somente os dedos do Padre, e não vio a hostia, com que ficou assombrado ; recolhendo-se á casa tremendo, examinando a causa de Deos se lhe não querer mostrar, occorreu-lhe que devia de ser sem duvida por que em o dia de antes tinha dito umas palavras de pouco respeito ao mesmo Padre que disse a Missa, que era o padre Pedro Pedrosa : passou a noite sem dormir, veio ao outro dia ouvir a Missa do mesmo Padre, e pedir perdão a Deos do que tinha feito, e quando se levantou a hostia, vio-a, mas com a côr mudada, porque lhe pareceu envolta em uma nuvem negra, e lhe mettia horror, posto que não tão grande como o dia de antes, em que se lhe havia totalmente escondido : foi no mesmo dia contar o caso ao Padre, pedindo-lhe perdão da pouca reverencia com que lhe havia fallado, e dalli por diante tornou a ver a hostia branca, e como d'antes a via.

Um dos blasphemos de que fallamos acima, chegou a dizer em presença de muitos, que não tinha outro Deos senão o Diabo, mas permittio logo Deos que experimentasse em si mesmo quem era aquelle por quem o trocava, para castigo seu e dos outros que o tinhão ouvido.

Entrou nelle o Demonio tão furiosa e desesperadamente, que se despedaçava a si, e quanto encontrava, fugindo todos delle, e não havendo quem lhe parasse diante. Fizerão-lhe os Padres os exorcismos por espaço de oito dias, com que o largou o Demonio por então, posto que depois tornou por vezes a o atormentar, mas já com menos furia.

Ficou tão ensinado com este castigo, que dalli por diante não sahia de casa dos Padres, nem da Igreja ; e andando

sempre armado com as contas ao pescoço, deu publica satisfação ao escandalo que tinha dado, protestando que estava fóra de si, e prégando em toda a parte que a divindade era só de Deos, e o Demonio a mais mofina de todas as creaturas, e a mais abominavel.

Quando os Padres logo chegarão á Serra, recebêrão um Indio com uma sua cunhada, com quem estava amigado, callando elle o impedimento, e não impedimento, e não havendo quem acudisse a o descubrir.

Nascerão deste matrimonio um menino e duas meninas, e todos trez sahirão mudos. Admirão os mesmos Indios a estranheza do caso, e tem assentado entre si, que a causa de serem mudos os filhos, he porque o pai tambem foi mudo, callando os impedimentos do matrimonio, e fazendo aquella injuria ao Sacramento ; e verdadeiramente era necessario um castigo tão prodigioso e tão permanente como este, e que fosse crescendo, e continuando-se com os mesmos sugeitos castigados, para que esta gente, que tão pouco reparo fazia dos impedimentos dos matrimonios, temesse exceder os limites, e violar a pureza deste Sacramento, e soubessem todos que o que se calla e encobre aos Sacerdotes, não se póde esconder a Deos, antes dá brados a sua divina justiça, para que castigue como merece.

XV.

Favores divinos a outros Indios : repentino estrondo que se ouvio na serra de Ibiapába na mesma noite em que chegarão os Missionarios: por muitas vias ordenão os Superiores se retirem os Padres da Serra, e todas impedio Deos.

Mas não são só castigos e ameaças, com que Deos quer trazer a si os corações destes Indios, senão tambem promessas e favores.

Uma noite de Natal tinha praticado o padre Pedro Pedrosa, e quando disse a primeira Missa, vio uma India na hostia a Christo, não menino, e envolto em pannos pobres, senão em figura de homem, vestido de grande formosura, magestade, e riqueza, as quaes offerecia com rosto mui agradavel áquella India, se ella o quizesse servir.

Provou o effeito a verdade da visão, porque vivendo até aquelle tempo em estado alheio da graça de Deos, foi esta a primeira e a unica que veio pedir aos Padres a recebessem

com o que não era seu marido, e fez dalli por diante vida tão reformada, e tão christã, e de tanto affecto e devoção ás cousas espirituaes, que nunca mais nem ella nem pessoa alguma de sua familia, que era muito grande, faltou na Igreja a Missa, e ás duas doutrinas de cada dia, pegando esta mesma piedade a seu marido.

Outro Indio moço tem recebido grandes toques, favores, e admoestações de Deos em sonhos, que o trazem mui abalado, e se lhe vêm nos desejos, nas palavras, e nas resoluções.

Uma noite sonhou que se achava na Igreja entre os que tomavão disciplina pelas sextas-feiras da quaresma, mas que elle a não queria tomar, e logo vio sahir e caminhar para si um mancebo de muita formosura, o qual apontando para um lugar alto que estava cuberto com uma cortina, lhe disse que alli estava Deos, mas que se não mostrava, senão aos que fazião penitencia de seus peccados,

Então se resolveu a tomar a disciplina, como os demais, a qual acabada se correu a cortina, e vio sobre um throno resplandecente como o Sol, um ser de tanta formosura e grandeza que ficára fóra de si de espanto, e de alegria, e que nunca mais perdêra nem podia perder a memoria do que tinha visto.

Outra vez estando este Indio doente de uma grande inchação, que lhe tomava desde o hombro até a cabeça e lhe causava grandes dôres, sem ter remedio, nem quem lh'o soubesse applicar, veio encommendar-se á Deos com grande affecto e confiança.

Adormeceu uma noite, e appareceu-lhe aquelle mesmo mancebo, que elle conheceu muito bem, o qual trazia na mão direita uma ave, e na esquerda umas hervas ; perguntou-lhe que era o que pedia a Deos, e como dissesse, que a saude, applicou o mancebo a ave ao lugar inchado, o qual picando com o bico a inchação, fez um buraco, por onde se purgou a materia, e logo pondo-lhe em cima as hervas ficou sã a ferida. Accordou nisto o enfermo, e achou que a inchação verdadeiramente estava rebentada, e brevemente cerrou, e em breve ficou são.

Outra vez tornou a sonhar este Indio cousas semilhantes, ordenadas todas á sua salvação, e sendo sempre o ministro ou instrumento dellas aquelle mancebo seu conhecido, que ao primeiro entendeu seria o seu Anjo da Guarda, mas ul-

timamente lhe appareceu em vestido de Padre da Companhia.

Finalmente, Deos tem nesta seára muitos escolhidos, e se o Demonio trabalha tanto por arraigar a cizania que tem semeado nella, he porque teme e prevê que ha de ser lançado fôra, de que parece deu um manifesto signal no mesmo dia em que chegarão os Padres; porque ao cerrar da noite se ouvio de repente um estrondo tão grande, como de cousa que rebentava, que deixou assombrados a todos.

Succedeu isto junto á casa onde os Padres estavão agasalhados, e dizem os Indios que alli se costumava ver de noite uma figura medonha, e afogueada; e daquelle ponto em diante nunca mais foi vista; o que podemos affirmar em toda a certeza, he que a Missão destes dous Padres á serra de Ibiapába foi ordenada por particular providencia do mesmo Deos; e que he vontade do mesmo Deos, que assistão e continuem nella, de que nos tem dado tantos testemunhos, e tão claros, que se não podem duvidar.

Já deixamos dito, que assim os Superiores da Missão, como os do Brazil, ordenarão que os Padres da Serra voltassem outra vez para o Maranhão: mandarão-se estas ordens aos Padres por muitas e repetidas vias, mas sempre Deos estorvou que chegassem, e por meios em que não só entrou a sua providencia, senão tambem o braço do seu poder.

A primeira destas ordens mandou o padre Francisco Gonçalves, que acabando de ser Provincial do Brazil, veio visitar esta Missão, e mandou-a no mesmo barco em que tinha vindo da Bahia; mas porque o mestre estava desgostado do Padre por certa couza, em que lhe encontrou a vontade, tomou as suas cartas, em que vinha a ordem, e lançou-as ao mar em vingança, e entregou as dos outros Padres.

A segunda ordem foi enviada pelo padre Provincial do Brazil Simão de Vasconcellos (1) ao padre Antonio Ribeiro (2), que estava em Pernambuco, e chegou esta ordem na tarde do mesmo dia em que o Padre pela manhã se tinha embarcado e partido para a sua Missão.

Em Pernambuco deu o mesmo padre Provincial duas cartas com a mesma ordem ao padre Ricardo Careu (2), quando de

(1) *Simão de Vasconcellos*. Refere se ao historiador que escreveu a *Chronica da Companhia de Jesus no Brazil*.

(2) Este padre era natural de S. Paulo, e peritissimo na lingua Tupy, que conhecia desde a infancia. Vide o 1º tom. destas *Memorias* pag. 419.

(3) *Ricardo Careu*. Parece que era Irlandez, e servio na Missão do Maranhão entre 1656 e 1659.

lá se embarcou para o Maranhão; uma, para que se désse no Ceará; outra, para que se désse em Jurúquáquára (1), que são os dous portos que communicão com a Serra; e sendo que esta viagem se faz sempre vento á pôpa, tomando-se todos os portos com grande facilidade, o de Ceará nunca o póde tomar o barco. O de *Jurúquáquára* tomou-o; mas tanto que lançou ferro para mandar á terra, foi tal o vento e mares que se levantarão subitamente, que a requerimento de todos se houverão de fazer a véla para se não perderem.

Neste mesmo tempo quizerão os Padres ir esperar nas praias pelo padre Careu, de cuja vinda tinhão noticia, e no dia em que estavão para partir, chegarão á Serra alguns soldados mandados pelo Capitão do Ceará, que detiverão os Padres alguns dias, e nestes passou o barco.

Do Maranhão tornou o mesmo barco a partir para Pernambuco, vindo nelle uma via das mesmas cartas, para que de volta chegassem ás mãos dos Padres: mas depois de dous mezes, em que por muitas vezes intentou a passagem tornou arribado ao Maranhão.

Com esta tardança, e a primeira noticia de ter passado, tratarão os Padres de mandar correio por terra ao Maranhão, e depois de um mez de caminho, voltarão com as mesmas cartas que levarão, porque os avisarão os *Teremembés*, que nas arêas (2) havia muitos *Tapuyas* de guerra (3).

Insistirão outra vez os Padres com segundos correios, e indo estes passando o rio *Temóna* (4) em uma canôa pequena que levavão para as passagens, accommetteu-os um tubarão de tão estranha grandeza e fereza, que perseguidos houverão de encalhar em terra, e foi entre umas pedras, onde a canôa se fez em pedaços, e se tornarão com as cartas.

---

(1) Vide supra nota (2) a pag. 185.

(2) *Arêas*. Como a via que seguião era pelo littoral, essas *arêas*, segundo nossa conjectura, erão os *Lençóes* tanto os pequenos como os grandes, locaes mui frequentados pelos Indigenas naturalmente por causa das pescarias ou das salinas. Vide no *Catalogo Eborense* o resumo da C. R. de 27 de Janeiro de 1703.

(3) *Tapuyas de guerra*. Provavelmente erão os *Anapurús*, que dominavão as margens septentrionaes do rio Parnahyba, e larga extensão do territorio meridional daquella provincia, custando muito o domal-os e aldeial-os. Esses Indios tambem são chamados na legislação que a elles se refere *Anaperús*; a paz com taes Indigenas se considerou segura de 1740 em diante. O seu principal aldeiamento he hoje o local da cidade do Brejo, outr'ora—*Brejo dos Anapurús*:

(4) *Temóna*. Refere-se ao rio *Timonha* limite marcado para o Maranhão e Ceará. Vide no *Catalogo Eborense* o resumo de C. R. de 8 de Janeiro de 1697.

Finalmente, se resolvêrão os Padres a levarem em pessôa as mesmas cartas até tal parte do caminho, e entregal-as a tanto numero de Indios, e de tanto valor que não voltassem.

Estes forão por fim os que chegarão, depois de haver anno e meio, que por nenhuma via se sabião novas daquella Missão.

Estavão detidas no Maranhão todas as ordens dos Superiores, as quaes havião de levar estes mesmos portadores dalli a oito dias, que foi o termo que pedirão para se descançar, e o que tinhão limitado pelos Padres.

Mas, quatro dias depois da sua chegada, chegou o governador D. Pedro de Mello (1), e com elle taes ordens de Sua Magestade, e do Padre Geral, que ficou suspenso por ellas o effeito e execução das outras.

De Sua Magestade vierão trez cartas, em que encarregou ao Governador, que o seu primeiro cuidado fosse procurar que na serra de Ibiapába estivessem alguns Religiosos da Companhia para terem á sua conta e obediencia aquelles Indios, e por segurança dos ditos Missionarios se fizesse o forte de Camuci (2), que o governador André Vidal tinha intentado.

Do Padre Geral vierão patentes de Visitador e Superior da dita Missão ao padre Antonio Vieira, que sempre fôra de voto, que a Missão da Serra se continuasse, tendo para isto razões de tanto peso, que mandou-as logo ao Padre Provincial, se conformou elle e todos os Padres da provincia com ellas.

De sorte que procurando-se com tanto cuidado por nove vias differentes do mar e da terra, e em espaço de anno e meio, que chegassem aos Padres da Serra as ordens porque erão mandados retirar, Deos as impedio e estorvou todas por meios tão fóra do curso natural das cousas, servindo-se para isso dos ventos, dos mares, dos rios, dos Portuguezes, dos Indios, dos *Tapuyas*, e dos mesmos peixes, para que se visse que era vontade sua, que os Padres não sahissem daquelle

---

(1) *D. Pedro de Mello*. Segundo Berrêdo, nos *Annaes* n. 10 3, este Governador tomou posse do governo do Maranhão em 16 de Junho de 1658.

(2) *Forte de Camucy*. Não sabemos com exactidão a epocha precisa em que se construio este forte, mas parece que pouco se havia feito na administração deste Governador, visto que pela C. R. dirigida ao Governador do Maranhão Arthur de Sá e Menezes em 26 de Novembro de 1687, se lhe recommendava o bom tratamento dos Indios *Teremembés*, que erão visinhos, e se exigia conta do estado, em que se achavão as fortalezas mandadas fabricar no Ceará.

lugar, e que os meios que sua providencia tem predestinados para salvação das almas, se hão de conseguir infallivelmente, ainda que seja necessario para isso tirar de seus eixos a toda a natureza.

XVI.

Escreve o padre Antonio Vieira aos de Ibiapába: respondem os Indios, e mandão visitar o novo governador do Estado D. Pedro de Mello, e ao Superior das Missões o padre Antonio Vieira: toma tudo melhor fórma, e o procura arruinar o Demonio.

Com as novas ordens que se mandarão aos Padres, forão tambem cartas aos *Principaes* do novo Superior da Missão, em que lhes dizião, que o seu intento e gosto era dar-lh'o em tudo o que fosse justo, e que supposto o amor que tinhão ás suas terras, que nellas ficarião com elles os Padres para os doutrinar, com tanto que a esse fim se unissem todos, e se ajuntassem em uma só Igreja.

Foi esta nova recebida em Ibiapába com grande applauso e festas; e logo mandarão todos os *Principaes*, uns a seus irmãos, outros a seus filhos, acompanhados de mais de cincoenta outros Indios a visitar o novo Governador, e Superior da Missão, e um delles, que hoje se chama D. Jorge da Silva, filho do *Principal* mais antigo, para que passasse ao Reino a beijar a mão á Sua Magestade em nome de todos.

Forão recebidos estes embaixadores com grande festa, que lhes fez o Governador em sua casa, e os Padres em o Collegio por muitos dias, e tornarão contentes, e presenteados elles com outros mais presentes para seus *Principaes*, que he costume mui custoso, e as vezes mal empregado.

Levarão tambem promessa do Padre superior da Missão, que os iria visitar pelo S. João do anno seguinte, com a qual esperança, e com a relação que derão os embaixadores de quão benevola e liberalmente forão hospedados dos Padres, se applicarão todos a união das aldêas, o ao edificio da nova Igreja, concorrendo para ella com grande continuação e cuidado; emfim, parecendo ou podendo parecer que já estavão desenganados das suas suspeitas, e seguros dos seus temores, e que tomavão todos devéras a doutrina dos Padres.

Mas o Demonio ainda se não deu por vencido, e sobre esta tão differente urdidura tornou a tecer e continuar a mesma teia de desconfianças, que tão bem lhe tinhão sahido. Par-

tio D. Jorge para Lisboa, ficando-lhe no Maranhão por descuido as cartas que o padre Antonio Vieira lhe tinha dado, mas bastou ser conhecido por Indio da Missão do Maranhão, para que o Conde de Odemira, que foi sempre grande protector, como obra sua, o mandasse recolher em sua casa, e prover de todo o necessario, com muita largueza, e apresentou depois a el-Rey, que Deos guarde, e o enviou outra vez para o Maranhão cheio de mercês de Sua Magestade, e suas.

Alguns mezes antes do S. João do mesmo anno, mandarão tambem os *Principaes* de Ibiapába muitos Indios de sua nação, e outros de Pernambuco, para trazerem á serra ao padre Antonio Vieira, na fórma que lh'o havia promettido; mas como o Padre por enfermidade, e pela expedição das Missões do mesmo anno se detêve no Pará até o fim delle, e principio do seguinte, sobre esta tardança tornou o Demonio a introduzir em Ibiapába, ou resuscitar, as mesmas desconfianças dos Padres, semeando entre elles por bôca de certos *Tapuyas*, que Jorge não fôra mandado a Portugal, senão afogado no mar por ordem dos Portuguezes, e que os demais os estavão já servindo, repartidos por suas casas e fazendas, como escravos, e que a vinda do Padre seria com grande poder e acompanhamento de soldados para lhes fazer a elles o mesmo.

Crêrão facilmente todas estas traições, os que tão costumados estão a fazel-as; e de uma povoação que pouco antes se tinha feito de trez, se fizerão logo mais vinte povoações, para que assim divididos não podessem ser cercados, nem apanhados juntos.

Esta foi a resolução que se executou de publico, debaixo da qual estava dissimulada outra de maior desatino, que era terem assentado comsigo, que se até a Paschoa lhes não constasse de certo serem falsas aquellas novas, como os Padres lhes dizião, dessem por averiguado o captiveiro dos seus, e tomassem satisfação e vingança delle nas vidas dos mesmos Padres.

Tal era a vida que aqui vivião estes dous religiosos, morrendo e resuscitando cada dia; antes morrendo sem resuscitar, porque o perigo fundava-se na ingratidão e crueldade desta gente, que he a maior do mundo, e a segurança fundava-se na sua fé, que nunca guardarão.

XVII.

Parte o padre Antonio Vieira para a Serra: valor com que emprehende o caminho por terra com os mais companheiros; gastão vinte e um dias: chegão descalços, e com os pés em chagas: trata da reformação da christandade: acaba com os Indios cousas que parecião impossiveis.

Chegarão estas noticias ao Maranhão, quando chegou do Pará o padre Antonio Vieira, o qual se poz logo a caminho para a serra, levando comsigo a D. Jorge, que havia dous mezes tinha chegado com sete Padres que vierão do Reino, e levando tambem a todos os Indios que tinhão vindo de Ibiapába, assim *Tobajarás* como Pernambucanos, os quaes quiz Deos que estivessem todos vivos, sãos, e contentes. Começou o Padre esta viagem por mar, mas começando a experimentar segunda vez as incertezas e as dilações dellas, se pôz logo a caminho por terra, querendo tambem por si mesmo ver a grandeza dos rios, e o sitio, e a capacidade das terras, por serem todas estas noticias muito necessarias a quem ha de dispôr as Missões.

Os trabalhos da viagem forão os mesmos que já ficão contados, e poderão ainda ser maiores por caminharem no mez de Março, que he o coração do inverno, mais foi Deos servido que fossem os dias enxutos, como os do verão. Só dous houve em que se padeceu alguma chuva, com que parece quiz o Céo mostrar aos caminhantes a mercê que lhes fazia; porque he qualidade destas arêas, que cada gota de agua que lhes cáe, se converte em um momento em enxames de mosquitos importunissimos, que se mettem pelos olhos, pela bôca, pelos narizes, e pelos ouvidos, e não só picão, mas desatinão; e haver de marchar um homem molhado, a pé, e comido de mosquitos, e talvez morto de fome, e sem esperança de achar casa nem abrigo algum em que se enxugar ou descançar, e continuar assim as noites com os dias, he um genero de trabalho que se lê facilmente no papel, mas que se passa e atura com grande difficuldade.

Vinha com o padre Antonio Vieira, além do irmão companheiro, o padre Gonçalo de Veras, um dos que novamente tinhão chegado do Reino, e não sendo muito robusto de forças, vimos nelle com grande admiração e edificação nossa as forças e o desejo de padecer por Deos; porque tendo sahido quatro mezes antes do collegio de Coimbra, levava

todos estes trabalhos com tanta constancia, facilidade e alegria, como se nascêra e se creára no rigor destas praias.

Mas he graça esta propria dos filhos de Santo Ignacio, que posto se não crião nisto, crião-se para isto. Acrescentou muito o trabalho e incommodidades do caminho não quererem os Padres ficar nelle os dias maiores da Semana Santa; e assim se apresentarão de maneira, que acabarão toda esta viagam em vinte e um dias, que foi a maior brevidade, que até agora se tem visto; e como vinhão a pé e descalços, muitos dias depois de chegarem lhes não sararão as chagas que trazião feitas nos pés; mas o tempo era de penitencia, e de meditar nas de Christo.

Entrarão na serra em quarta feira de trevas pela uma hora; e logo na mesma tarde começarão os officios, que se fazem com toda a devoção e perfeição, por serem quatro os sacerdotes, e os Indios de Pernambuco terem vozes e musica de canto de orgão, com que tambem cantarão a missa da quinta feira, e á sexta feira a Paixão, em que vierão todos adorar a Cruz com grande piedade ; e na tarde ao pôr do Sol se fechou a tristeza daquelle dia com uma procissão do enterro, em que ião todos os meninos e moços em duas fileiras com corôas de espinhos, e cruzes ás costas, e por fóra delles na mesma ordem todos os Indios arrastando os arcos e frechas ao som das caixas destemperadas, que em tal hora, em tal lugar, e em tal gente acrescentava não pouco a devoção natural daquelle acto.

O officio do Sabbado Santo, e o da madrugada da Resurreição se fez com a mesma solemnidade e festa, a qual acabada, começarão os Padres a intender na reformação daquella Christandade, ou na fórma e assento que se havia de tomar nella; e porque a materia era cheia de tantas difficuldades, como se tem visto no discurso de toda esta relação, era necessario muita luz do Céo para acertar em os maiores convenientes, e muita maior graça de Deos para os Indios os aceitarem, e pôr em execução.

Para alcançar esta luz e graça se tomou por padroeiro de toda a Missão da serra a S. Francisco Xavier, e se lhes fez uma novena, em que além dos exercicios ordinarios da religião que se applicavão todos por esta tenção, se dizia todos os dias missa do Santo, e os Padres juntos na Igreja tinhão pela manhã meia hora de oração mental, e de tarde outra meia hora; uma, a que precedia um quarto de lição espiritual,

em que se lia uma meditação, a que tambem assistião todos, rematando-se a oração de pela manhã com a ladainha dos Santos, e á tarde com a de Nossa Senhora, á qual se achavão tambem os meninos da aldêa, e muitos outros homens e mulheres, por se acabar esta devoção na hora em que começava a doutrina.

Estava neste tempo no altar uma devota imagem de S. Francisco Xavier em habito de missionario, baptisando um Indio ; e esperamos que assim como Deos tem feito este grande Apostolo tão milagroso na Europa, na Africa, e na Asia, se estenderão tambem os favores da sua valia, e intercessão á esta parte da America.

A primeira que se resolveu, e executou logo, foi que todos os Indios de Pernambuco sahissem e fossem para o Maranhão, como são idos, e se espera grande quietação e proveito espiritual de uns e outros; porque os Pernambucanos com a visinhança e sujeição dos Portuguezes, estando debaixo de suas fortalezas, acudirão a suas obrigações, como têem promettido, e poderão ser obrigados a isso por força, quando o não fação por vontade ; e os da Serra sem o exemplo e doutrina dos Pernambucanos, que erão os seus maiores dogmatistas, ficarão mais desimpedidos, e capazes de receber a verdadeira doutrina, e de os Padres lhes introduzirem a fórma da vida christã, o que, endurecidos com a contraria, se lhes não imprimia.

Assim mais se assentou com os *Principaes*, e com todos os cabeças da nação, que se tornarião logo a unir em uma só povoação, em que se faria Igreja capaz para todos : que os que estão áinda por baptisar se baptisarião : que todos mandarão seus filhos e filhas á doutrina duas vezes no dia, e á escóla (1) : que nenhum terá mais que uma mulher, recebendo-se com ella em face da Igreja: que se confessarão todos, ao menos uma vez, pela desobrigação da quaresma.

Emfim , que guardarão inteiramente a lei de Deos , e obediencia á Igreja, na qual creou um officio de Executor ecclesiastico, chamado *braço dos Padres*, e se proveu em um Indio zeloso e de grande auctoridade, irmão do maior *Principal*, para obrigar a todos a virem á Igreja, e cum-

(1) *E á escóla.* Tal era a maneira de proceder dos Jesuitas em todos os seus estabelecimentos. Não he novidade a doutrina, ora, em voga, da exigencia obrigatoria da escóla para a juventude.

prirem com outras obrigações de Christãos, e os castigar e apenar, se fôr necessario. De tudo isto se fez assento por papel, de que se deu uma cópia a cada um dos *Principaes*, querendo, e pedindo elles, que lhes ficasse, para que depois se lhes tome conta por ella, e se veja quem melhor a cumpriu.

E porque a reformação começasse pelos maioraes, e pelo ponto de maior difficuldade, os trez *Principaes* forão os primeiros que se apartarão das concubinas, e se receberão com a mulher, que por direito era legitima, fazendo officio de parocho o Padre superior da Missão, e concorrendo com boa parte da despeza para a festa das vodas, que durarão por doze dias, e doze noites continuas.

EXCERPTOS DA OBRA
RELAÇÃO ANNUAL DOS PADRES DA COMPANHIA DE JESUS

PELO

P. FERNÃO GUERREIRO

DA

MESMA COMPANHIA

DAS COUSAS DO BRAZIL (1)

1602 E 1603

CAPITULO I.

Da Provincia do Brazil, do numero de casas, e pessôas da Companhia que nellas ha.

He este reyno e provincia do Brazil mui grande, tem perto de novecentas leguas de costa, de Norte a Sul ; começa do *Rio* que se chama *do Maranhão*, que está aos cinco grãos além da linha da banda do Sul, e vai correndo até os trinta e cinco que he na altura do Cabo da Boa-Esperança, entestando com o *Rio da Prata*, que o divide do Perú, e fica defronte do mesmo Cabo.

Pelo Sertão a dentro corre em parte duzentas, e em parte trezentas leguas. Terão povoado desta provincia os Portuguezes como quatrocentas leguas da costa, com varias cidades e villas, onde ha muitas fazendas de assucar, e en-

---

(1) Esta parte foi extrahida do liv. 4 da obra referida, cujo titulo completo he o seguinte:
Relação annual das cousas que fizerão os Padres da Companhia de Jesus nas partes da India Oriental, e no Brazil, Angola, Cabo-Verde, Guiné ; nos annos de 1602 *e* 1603*. e do processo da conversão e christandade daquellas partes, tirada das cartas dos mesmos Padres que de lá vierão. Pelo P. Fernão Guerreiro, da mesma Companhia, natural de Almodovar, de Portugal.* Lisboa, 1605. 1 vol. in 8º.
Este trabalho do padre Fernão Guerreiro he importante, mas infelizmente pouco trata do Brazil, mas esse pouco, aqui colligimos por interesse historico e ser hoje mui rara a obra deste Padre, comquanto essa limitada parte pouco sirva para a obra que emprehendemos. Mas toda a luz que augmentarmos na historia dos territorios visinhos ao *Estado do Maranhão*, que aliás estendia-se do Cabo de S. Roque para o Norte, querendo outros que o principio desse Estado fosse o limite meridional da doação de João de Barros ; não deixará de ter muita utilidade. Vide Jaboatão—*Orbe Seraphico*, tom. 1 dig. 4 est. 11 e Innocencio—*Dicc. Bibl.* tom. 2 pag. 282.

genhos mui grossos, com que a terra se vai fazendo de grande trato, e negocio.

Por todas estas está tambem espalhada nossa Companhia em trez Collegios que fundou El-Rey D. Sebastião, que Deos tem: e cinco casas, entre brancos, e treze ou quatorze residencias em varias povoações e aldeias dos *Brazis* (1).

Os Collegios são(2), o da Bahia de Todos os Santos que he a cabeça da Provincia, onde ha de ordinario, assim no Collegio como em suas residencias e aldeias perto de oitenta pessoas da Companhia entre Padres e irmãos; destes são os seis mestres, um de Theologia, outro de Casos, um de Curso, dous de Latim, outro que ensina os meninos a ler, e escrever.

O segundo Collegio he o do Rio de Janeiro, neste, e em suas annexas ha passante de cincoenta pessôas, nelle ha tambem escola de Latim, e de ler e escrever.

O terceiro Collegio he o de Pernambuco, em que ha passante de trinta da Companhia.

Entrarão os nossos nesta Provincia no anno de quarenta e nove, por mandado de El-Rey D. João III de Portugal.

E em trinta annos não entrarão nella outros Religiosos: por onde toda a conversão, que neste tempo se fez naquella gentilidade a fizerão os nossos, os quaes ainda agora vão continuando, em todas as partes do Brazil: posto que na Parahyba, de alguns annos a esta parte (3), entrarão tambem ajudar aquelles Gentios os Religiosos de S. Francisco, e depois em outras partes os de S. Bento.

Foi sempre esta Provincia mui trabalhosa, e de cruz mui secca para os Padres, em tanto, que não sabemos outra, em que os nossos, mores difficuldades padecessem na conversão

---

(1) *Brazis*. Tanto este nome, como depois o de *Brazilianos*, forão dados pelos Colonos aos indigenas do nosso paiz.

Hippolyto no seu *Correio* queria, por essa causa, que nos chamassemos *Brazilienses*, mas o nome de *Brazileiro* foi prefer do.

(2) Sobre esta materia consulte-se na *Revista do Instituto*, tom. 6, de pags. 404 á 435, a *Annua* escripta pelo veneravel padre José de Anchieta, em 1584, com o titulo—*Informações do Brazil, e de suas Capitanias*, um dos mais importantes trabalhos daquelle tempo.

Se todas as *Annuas* dos Jesuitas sobre o Brazil se colligissem, como fizerão os Francezes com as *Cartas edificantes* dos mesmos Padres, que inapreciavel repertorio de documentos para a Historia patria?

Vide Varnhagen—*Hist. do Brazil*, tom 1 pag. 250.

(3) Este acontecimento teve lugar em 1595, já no tempo do governo do Capitão-mór Feliciano Coelho de Carvalho, por uma Provisão Régia solicitada por Fructuoso Barbosa, antecessor de Feliciano.

Vide Jaboatão—*Orbe Seraphico*, tom. 2 pag. 56 cap. 14, da edição do Rio de Janeiro de 1858.

dos Gentios, e conservação dos já Christãos, que nesta (1). E isto por varias razões.

A primeira pela grande variedade das linguas que tem este gentio, que ainda que pela fralda do mar toda usa de uma lingua(2), pelo sertão mais a dentro se tem já descoberto mais de setenta linguas differentes.

A segunda pela grandeza da Provincia, e distancia que ha de umas partes a outras, pelo que custa muito aos Padres os caminhos e peregrinações,em que perpetuamente andão, por matos e desertos despovoados com perigos infinitos de mar, rios,bichos(3), e inimigos, que muitas destas nações são umas das outras.

A terceira por ser necessario irem os nossos buscar os naturaes pelo Sertão a dentro, e trazerem-nos para junto do mar como adiante se dirá.

E para que isto se entenda melhor se ha de saber, que naquelles primeiros vinte annos, depois que os nossos entraram no Brazil havia junto do mar tão grande multidão de gente que dizia Thomé de Souza,que foi governador daquellas partes, a El-Rey D. João III, que ainda que os cortassem em açougue nunca faltarião, e assim nos primeiros quarenta annos, erão infinitos os que se convertião, e as igrejas erão muitas.

Porém como os brancos Portuguezes ião povoando a terra, e fazendo engenhos de assucar e fazendas : e para isto tinhão necessidade de muitos trabalhadores, começarão de lançar mão dos naturaes da terra, e o que peior he a captival-os e fazel-os escravos, ferrando-os(4), e vendendo-os para diversas partes da mesma Provincia.

Pelo que os pobres *Brazis* como de sua natureza são tristes e coitados, entrarão em tamanha melancolia, que os mais delles morrerão e se consumirão : outros fugirão pela terra dentro e não pararão senão dalli a cento, ou duzentas leguas (5), e deixarão a fralda do mar despovoada.

---

(1) O texto assim se acha incompleto.

(2) A lingua *Tupy* ou *Guarany*, vulgarmente conhecida entre nós por *lingua geral*, de que possuimos grammatica e vocabularios.

(3) *Bichos*. Palavra que entre nós tem larga significação.

(4) *Ferrando-os*. Assim praticava-se, como ao gado vacum e cavallar, para distinguir os Indios captivos dos ainda não capturados,e ainda para fazel-os conhecidos dos donos. Esta barbara pratica era sem compaixão exercida por todos os Europêos que logo se estabelecerão na America, e ainda pelos Hollandezes que muito depois chegárão.

(5) Refere-se ás grandes emigrações de Tupinambás e outros indigenas para a Ibiapába, ilha do Maranhão e de Tupinambaranas, e outros pontos mais remotos do nosso continente.

Por onde, para os Padres os tornarem a reduzir e trazer a Igreja, foi necessario, e o he ainda hoje em dia, il-os buscar ao Sertão, onde se acolherão, como vão continuamente fazendo para isso jornadas, em que gastão seis mezes, e um anno, e as vezes anno e meio, caminhando a pé rompendo matos, padecendo grandes fomes, sêdes, calmas, perigos e trabalhos como abaixo se dirá, escrevendo uma jornada destas para que della se entendão as outras.

E desta maneira se tornão a trazer poucos, e poucos ; os quaes não vem mais, que confiados na palavra e amor dos Padres, que os defenderão dos brancos, para que os não captivem e tratem mal.

E comtudo isto, ainda depois que os Padres os trazem do Sertão, os brancos os andão a saltear, e furtar sem os Padres lhos poderem defender; e algumas vezes os mesmos brancos se fingem e vestem em trajo de Padres até fazerem corôas nas cabeças para que o pareção de todo, e se vão ao Sertão as aldeias dos *Brasis*, dizendo-lhes que são Padres para os enganarem (1), e a virem com elles como por vezes vierão, cuidando que vinhão com Padres, e depois que os tem junto do mar, os amarrão e repartem entre si, e levão cada um para seus engenhos e fazendas.

E porque os Padres nestas e outras semelhantes sem razões acodem pelos pobres Indios, e os defendem da cruel cubiça dos brancos, são mal recebidos delles, e os inquietão de continuo com muitos aggravos, e com os Reys passados de Portugal, e depois delles Sua Magestade, terem provido nisto por suas Provisões e mandatos reaes, nada basta para enfrear a força da cubiça e largueza da consciencia, e pouco temor de Deos, dos que isto fazem : e mais aonde muitas vezes os mesmos que hão de executar os mandatos de El-Rey, são interessados no mesmo negocio.

Outra cousa que muito difficulta a conversão, e cultivação desta gente, he a muita boçalidade e pouca capacidade, que de sua natureza tem, que não sabemos outra mais boçal no mundo.

Pelo que custa muito aos Padres domestical-os, e fazel-os capazes das cousas de Deos ; mas com a perseverança e paciencia em lidar com elles os tem nesta parte tão cultivados,

(1) Diabolica astucia que assim podia inutilisar todo o louvavel esforço dos Missionarios; e na verdade não poucas vezes conseguirão os colonos o intento, como reconhece R. Southey na sua *Historia do Brazil.*

que tem já suas Igrejas em varias povoações e aldêas, e nellas suas confrarias do Santissimo Sacramento, e fazem suas procissões solemnes e seus filhos officião missas de canto de orgão, e com doçainas (1), charamelas e outros instrumentos semelhantes: e reconhecem aos Padres por seus pais(2), como na verdade o são nas obras. Porque não sómente os curão nas almas, como pastores, prégando-lhes e ensinando-lhes a doutrina duas vezes no dia, confessando-os e administrando-lhes os Sacramentos, enterrando os que morrem, ajudando-os a bem morrer.

Mas os Padres os governão ainda no temporal, e lhes dão ordem de como hão de negociar suas rossas, e lavouras, e remedio de vida; e, quando estão doentes, os Padres são os seus medicos e enfermeiros, e emfim se hão com elles como pais com filhos, e tutores com pupillos, e de modo que se os Padres não forão nem hum só Indio *Brasil* houvera hoje em toda aquella costa, porque todos já forão, ou consumidos, ou fugidos, e mettidos pelo Sertão, nem tambem o proprio Estado do Brazil se pudera conservar.

Mas a paciencia dos Padres por hum parte, em lidarem com a cubiça dos brancos e soffrerem suas perseguições, e calumnias, por acudirem, e defenderem delles os pobres *Brasis*: por outra o cuidado paternal que delles tem como de gente tão desamparada e incapaz, he a que os sustenta na fé, e em viverem pacificamente nas aldêas, e povoações todos juntos, de que tanto proveito se segue para o Estado do Brazil, que sem elles impossivel fôra conservar-se.

CAPITULO II.

Do respeito, e sujeição grande que os Brasis tem aos Padres, e do muito que os Padres, que com elles tratam, ajudam ao Estado temporal.

Ainda que os *Brasis* de sua natureza são tão boçaes e agrestes, todavia, como não ha feras tão bravas, que com boas obras se não venhão a abrandar, e domesticar; estas que agora acabamos de dizer, que os Padres continuamente fazem aos *Brasis*, lhos tem tão sujeitos e domesticados, que não sabemos de nação alguma outra, que da gentilidade se tenha convertido, que mais amor lhes mostre e mais sujeita e obe-

(1) *Doçainas* ou *doçainhas* especie de trombêta pequena com palheta e furos.

(2) *Pais.* Os indigenas, segundo Jaboatão, em vez de *pais* dizião *padzu*.

diente lhes seja: de modo que não somente, os que já são christãos, se não tambem os que ainda estão gentios e vivem pelos matos do Sertão, pela fama que lá tem o mesmo respeito.

Para prova do qual contaremos alguns exemplos, assim de cousas passadas os annos atraz, como das modernas deste presente anno de 1603, de que fallamos.

Era nos annos passados a Parahyba, huma colheita de ladrões e dos Francezes da Rochella, depois que forão lançados do Rio de Janeiro (1), os quaes se confederavão com o naturaes da terra, e levavão dalli, grande quantidade do páu do Brazil, e fazião muitos males.

Foi lá Martim Leytão por mandado do Governador (2), com gente de guerra, levou comsigo os Padres, e estando os *Brasis* fortificados n'uma forte cerca (3), sem se quererem render, nem os nossos os poderem entrar: eis que um Padre nosso, que sabia bem a lingua e era mui animoso, confiado em Deos, salta por cima da cerca dos inimigos, e mette-se com elles, arriscando-se a o fazerem pedaços, e ser logo comido (4): e abrindo os braços, lhes começa a pregar na lingua, *paz*, *paz*, *sejamos amigos*, e outras palavras brandas e amorosas, as quaes tiverão tanta força com elles, e elles ao Padre em o vendo tanto respeito, que, depostos os arcos, se cruzárão diante delle, e renderão, e entregárão a terra, onde logo se fez povoação (5), e se começárão a fazer Engenhos; e foi crescendo de modo, que ha já hoje oito ou nove, de que

---

(1) *Lançados do Rio de Janeiro*. Foi em 1567 depois da victoria de Mem de Sá. Os Francezes, que escaparam do destroço, vieram para a Parahyba do norte, onde se estabeleceram, fazendo alliança com os *Potiguáras*.

(2) Era, nessa epocha (1585), Governador do Estado do Brazil Manoel Telles Barreto.

(3) Provavelmente no combate de Tibery com o *Pirajibá*, chefe dos *Tabajaras*, ou com os *Potiguáras* ao norte do Mamanguape.

(4) He bem para lastimar o ignorar o autor o nome deste Jesuita. O acto por elle praticado he um dos mais bellos da nossa historia. Talvez que a obra do Padre Jeronymo Machado, ainda manuscripta, intitulada — *Summario das Armadas, que fizerão, e guerras que se derão, na conquista do rio Parahyba* (em 1584), *escripto e feito por mandado do muito Revd. P. em Christo, o Padre Christovão de Gouvêa, visitador da Companhia de Jesus de toda a Provincia do Brazil*. A este Visitador tambem se attribue a paternidade desta obra.

Este manuscripto importante ainda permanece inedito na Bibliotheca de Evora. Vide o respectivo *Catalogo* pags. 19 e 20.

Jaboatão no *Orbe Seráphico* tom. 2 cap. 14 relat. 2, narra outro caso da mesma especie, menos heroico e generoso, praticado por um Franciscano no Rio-Grande do Norte.

(5) *Logo se fez povoação*; i. e., a cidade actual da Parahyba.

Sua Magestade tem muy boa renda, e os Francezes forão dalli lançados; e o grosso trato, que tinhão do páu, ficou todo de Sua Magestade: e aos Indios pozerão logo os Padres em aldêas, e os começarão a cultivar e doutrinar.

Posto que depois de tudo isto feyto, e em pago desta boa obra, que os Padres alli fizerão, veio outro Capitão de novo (1) que sem nenhuma causa, nem culpa, que nos Padres houvesse, mais que o defenderem aos Indios, e o resistirem ás sem razões, e injustiças que lhes fazião, os lançou dalli fóra com muitas affrontas.

Ao Rio Grande que está trinta leguas de Pernambuco, foi Manoel Mascarenhas, Capitão-mór (2), á conquista daquelle gentio que tantos males, e guerras tinha feito á esta Capitania, mas nada pôde pacificar sem os Padres, porque, ainda que na guerra, que lhes fez os venceu, as pazes porem não pôde effeituar com elles, senão por meio dos Padres (3); que entrando sós pelo Sertão aventurados a muytos perigos, e a serem mortos e comidos dos gentios, de tal maneira se houverão com elles, que os renderão, e trouxerão a pazes com os brancos mais de cento e cincoenta lugares (4).

E aqui depois das pazes feitas, fazendo-se a fortaleza que hum dos Padres traçou (5), os mesmos Padres andavão com

---

(1) *Capitão de novo.* Este capitão era Fructuoso Barbosa, com quanto fosse Feliciano Coelho de Carvalho quem, em 1593, executou a Provisão despedindo os Padres da Companhia de Jesus da cathechese dos Indios Tabajarás da Parahyba, sendo a sua principal aldêa a do Braço de Peixe (*Piragibá*); onde, ao que parece, está hoje edificada a cidade da Parahyba, outr'ora *Philippea*, e *Frederikstadt* na epocha dos Hollandezes. Vide Jaboatão no *Orbe Seraphico* tom. 1 dig. 3 est. 11, e tom. 2 cap. 14 relat. 1ª; o qual traça um hediondo retrato de Feliciano Coelho de Carvalho.

(2) Manoel Mascarenhas Homem, o conquistador do Rio-Grande do Norte, era capitão-mór de Pernambuco em 1596, quando foi conquistar o Rio-Grande nesse anno, e principios do seguinte, 1597, até que foi substituido por Jeronymo de Albuquerque em 1603.

(3) *Por meio dos Padres.* Consulte-se sobre estas pazes Jaboatão no *Orbe Seraphico* tom. 1 dig. 3 est. 12, em que elle pretende que o seu confrade Fr. Bernardino das Neves tomou parte nesta conquista e pazes. O autor escreveo em 1604 e 1605, e Jaboatão em 1761. Cumpre sobretudo attender á rivalidade das corporações religiosas.

(4) *Mais de* 150 *lugares.* He para lastimar que não se fizesse uma historia desta importante conquista, que tanto influio depois, na do norte do Brazil. Vide Jaboatão no *Orbe Seraphico* tom. 1 dig. 3 est. 12.

(5) O Jesuita que traçou e construio a primeira fortaleza do Rio-Grande do Norte, chamava-se Gaspar de S. Perez. Vide Jaboatão no *Orbe Seraphico* tom. 1 dig. 3 est. 12.

Sobre a importancia desta fortaleza consulte-se no *Livro da Razão d'Estado* de Diogo de Campos Moreno, o artigo relativo á Capitania do Rio-Grande do Norte. Nessa obra, infelizmente ainda manuscripta, se acha tambem a planta da mesma fortalesa.

os Indios na fabrica della, e com a pedra e terra ás costas, a cujo exemplo os Indios trabalhavão grandemente.

Cinco fortalezas fez o Governador D. Francisco de Souza no reconcavo da Bahia, nos postos mais importantes : nestas os que trabalharão forão os Indios, vindo os Padres em pessoa com elles, a assistir a obra, das aldêas onde estavão, porque se os Padres não vierão, a quem sômente tinhão respeito, ninguem os podera trazer.

No Rio de Janeiro toda a fortificação que nelle fez, o gonador Salvador Corrêa de Sá, que forão duas ou trez fortalezas, os Padres com os Indios das aldêas, que estão a seu cargo, as fizerão sem Sua Magestade nisso gastar real.

Da mesma maneira passa na defensão da terra, quando alguns inimigos ou cossairos vêm a ella, e pretendem dar, ou desembarcar em alguma parte, que os Indios, á sombra dos Padres, são os que lhe defendem a desembarcação, e os desbaratão com suas frechas, mais que os Portuguezes com seus pelouros (1).

Sendo Visitador do Brazil o padre Christovão de Gouvêa (2), e estando no Collegio de Bahia, succedeu ir alli uma armada de inimigos Ingrezes (3), no tempo que andavão em guerra com este Reyno, para tomarem a terra; e vendo o Padre a pouca ou nenhuma defensão que havia na cidade para lhes poderem impedir a desembarcação, mandou aviso aos Padres que estavão nas aldêas, que acudissem com os Indios de suas freguezias. Vem logo todos com suas frechas, obedecendo á risca aos Padres, o que não houverão de fazer a nenhum Capitão, repartem-nos os mesmos Padres por suas estancias e lugares, onde os inimigos podião desembarcar, encommendando-lhes que o fação como christãos e valentes homens.

Elles o cumprirão tão bem, que em muitos dias que alli estiverão e que os inimigos estiverão no porto, e por tantas vezes trabalhárão por desembarcar, nunca jámais lhes deixárão pôr pé em terra; porque, ainda que estes Indios são de sua natureza coitados, todavia os que se crião com os Padres

---

(1) *Pelouros*, i. e., balas de espingardas.

(2) Vide supra nota (4) á pag. 507.

(3) *Ingrezes*, i. e., *Inglezes*. Refere-se á expedição de Roberto Withrington em 1583. O P. Christovão de Gouvêa, Jesuita, cobrio-se de gloria por esta defeza da Bahia. Segundo Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana*, fallecêra em Lisboa á 13 de Fevereiro de 1622, deixando una obra que se não imprimio, sob o titulo—*Historia do Brasil, e costumes de seus habitadores*.

e são cultivados por elles, com o amor paternal com que os Padres os tratão, he cousa maravilhosa os espiritos que cobrão e o quanto homens se fazem.

Na Capitania do Espirito Santo derão os Ingrezes com duas nãos de subito (1), e saltando em terra e estando a gente descuidada na igreja, entrárão e tomárão a fortaleza, que os brancos lhes não puderão defender. Neste tempo o Padre das aldêas que vio vir as náos, entendeu que saltavão em terra, ajuntou logo os Indios, e veio soccorrer a cidade, e chegando a tempo que os inimigos acabavão de tomar a fortalesa, derão os Indios nelles, de modo e com tanto esforço, que lhes tornárão a tomar com morte e captiveiro de muitos.

E em Pernambuco, quando os Ingrezes forão com uma armada tomar a fazenda de uma náo da India que alli foi ter, e que depois de a metterem em suas náos, quizerão ir dar na villa (2). Os Indios, que os Padres criavão e cultivavão, forão a principal ajuda que os brancos tiverão para aquella victoria que alli alcançárão dos inimigos, matando muitos e captivando outros, etc., fazendo aos que fugião para suas náos deixarem as armas e embarcarem-se a nado, e meio afogados.

E posto que de semelhantes casos se puderão referir muitos, que cada dia acontecem, só relatarei um por ser mais moderno, e succeder neste anno de 1603, de que fallamos, que foi o seguinte.

Estando o Governador Diogo Botelho em Pernambuco, e desejando soccorrer á Bahia, á petição do Capitão-mór Alvaro de Carvalho e da cidade, contra os *Gaymures* (3), uns gentios inimigos de que abaixo diremos, que infestavão e destruião toda aquella comarca, com algumas companhias de gentios *Petiguares*, mandando ao sertão (4) o Capitão-mór de Pernambuco Manoel Mascarenhas (5) a fazer gente para esse effeito,

---

(1) Refere-se á expedição de Thomaz Cavendish em 1592.

(2) Trata da expedição de James Lancaster, em 1594 ou 95. A villa, a que se refere o author, era Olinda.

(3) *Gaymures*. Tambem assim os colonos chamavão os indigenas *Aymorés*.

(4) *Mandando ao Sertão*. O Rio Grande do Norte, embora apenas povoado no litoral pelos colonos, era então reputado *Sertão*.

(5) He o mesmo Manoel Mascarenhas Homem de que trata a nota (2) á pag. 508 supra. Segundo Fernandes Gama nas *Memorias de Pernambuco* tom. 1 cap. 18, Mascarenhas voltando do Rio-Grande do Norte continuou no governo de Pernambuco até 1610, em que foi substituido por Alexandre de Moura.

pedio ao padre Provincial (1), para que fosse juntamente com elle o padre Diogo Nunes, da nossa Companhia, por ser mui pratico na lingua e experimentado nos costumes deste Gentio. Indo, depois de muitos dares e tomares que tiverão com elles, os quaes em nenhum modo querião ir; emfim, com promessa que lhes fez o Capitão-mór, que acabada a guerra se tornarião para suas mulheres e parentes, se abalárão como oitocentos mancebos esforçados.

Vierão á Pernambuco, onde se embarcárão para a Bahia, e com elles o mesmo padre Diogo Nunes, por assim o pedir o Governador, e tambem os mesmos *Petiguares*, que por elle ir em sua companhia, cuidavão lhe guardarião a palavra.

Chegárão á Bahia desejosos de vir ás mãos com os inimigos. Sahirão em terra, dando a cidade aprazivel vista de si. Mas, como já neste tempo estava já feita a paz com os inimigos, pareceu ao Capitão-mór Alvaro de Carvalho mandar a mór parte dessa gente para a Capitania dos Ilhéos, e os demais deixar na Bahia; não para pelejarem, mas para maior segurança da terra, pondo-os em uma parte onde tambem elles podessem trabalhar. Vendo isto os *Petiguares*, que lhes faltavão com a palavra, porque nem iam pelejar nem vião geito de se tornarem para sua terra, dissimularam por alguns dias: porém receiosos que os brancos os espalhassem e captivassem, como costumão, para se servir delles em suas fazendas, não tendo tambem com que se sustentar, mandárão pedir licença para se tornarem para suas terras, quando não, que elles a tomarião.

Acudio logo o Capitão acompanhado dos soldados, e de alguns homens da cidade, que pretendião ter fazendas no mesmo sitio e lugar, onde tinhão alojados os *Petiguares* : dos quaes para ellas se querião aproveitar, fez-lhes uma comprida pratica pelos *linguas*, persuadindo-os a ficarem.

Porém, elles lhe respondêrão que se havião de tornar, pois com esta condição vierão, já que não havia guerra.

O que vendo o Capitão-mór, e havendo-se por afrontado de não os poder trazer por bem ao que queria : mandou logo á cidade, buscar a toda a pressa duas companhias de soldados, os quaes chegando aonde o Capitão os esperava, os

---

(1) *O Padre Provincial.* Parece que occupava então esse lugar o Padre Pedro Rodrigues, que fallecêo em Pernambuco exercendo o cargo em 1628.

Petiguares, que os sentirão, se começarão logo a mutinar (1), confirmando-se mais no que antes imaginavão, que os querião os Portuguezes cativar, pelo que logo se puzerão em ordem de peleja, para defenderem suas vidas, e liberdade.

Tomou-se conselho no caso, ajuntando-se os do governo da cidade, duas vezes naquella noite, e em ambos sahio que fossem havidos por levantados, e rebeldes, e como taes se desse nelles, e isso por quererem os pobres *Brasis* defender sua liberdade, e tendo Sua Magestade passado tantas Provisões, que não possão ser cativos.

O Capitão-mór porém, como prudente e bom christão, uzando de melhor conselho, e entendendo os grandes males, que daqui se podião seguir, buscou o mais seguro remedio para semelhantes perigos, que posto que de todos he conhecido, a cubiça porém de muitos, faz que não seja seguido.

Este foi, que despachou logo correios, para cada uma das aldêas, e povoações, onde nossos Padres residião, os quaes estavão dali legua e meia, com cartas em que lhes pedia o viessem a soccorrer naquelle aperto. Cujas palavras forão estas. « Importa ao serviço de Deos, e de Sua Magestade, que v. v. r. r. sem nenhuma dilação, se venhão logo ter comigo com os frecheiros que poderem: e o portador dirá de palavra o aperto em que ficamos. »

Acudirão logo os Padres com toda a pressa: fallarão aos *Petiguares*, mostrando-lhes o amor de pais, que lhes tem, e póde isto tanto com elles que não houve mistér mais força, nem palavras, para se aquietarem, dizendo todos que sem nenhuma resistencia farião o que os Padres lhes dissessem: ficarão o Capitão, e os mais, maravilhados.

Mas pretendendo depois o mesmo Capitão-mór levar uma boa parte dos principaes para á cidade, para que assi a elles como aos mais tivessem seguros, e procurando trazel-os a isso por uma pratica de um Portuguez *lingua*, elles lhe responderão allegando suas razões, que não convinha desampararem os seus, porque entendião o fim que nisto se pretendia.

Por onde o Capitão não teve outro remedio, que tornar-se a valer dos Padres, os quaes vindo, lhes fez um delles uma falla diante do mesmo Capitão, e Portuguezes, persuadindo-os

---

(1) *Mutinar*, i. e., amotinar.

a virem no que lhes pedião, ao que responderão logo, que por amor delle, e de seu irmão, apontando para o companheiro do Padre, não por respeito do Capitão, nem dos mais, fariam o que lhes dizia; de que ficarão muito mais espantados os circumstantes, e daqui se pode entender o respeito, e obediencia que estes Indios tem aos Padres, e quanto tambem a paz, e quietação daquelle Estado, e augmento delle, depende dos Indios andarem sempre á sombra e protecção dos Padres, e de os mesmos Padres nisto serem ajudados e favorecidos de Sua Magestade, e de seus ministros, para que neste particular seja melhor servido delles (1).

CAPITULO III.

Do fructo em geral que os nossos fazem nesta Provincia, e de algumas Missões que fizerão ao Sertão.

Com trez sortes de gente, exercita a Companhia nesta Provincia seus ministerios : com os Portuguezes, com os escravos de Guiné, e com os naturaes da terra.

Com os Portuguezes prégando e confessando, e ensinando e fazendo o que em todas as outras partes costuma, conforme a seu instituto : de que se colhe muito fruto, e salvação de muitas almas, conversões e moções maravilhosas (2), com que Deos por meio das pregações as toca, apartando-se de grandes peccados em que havia muitos annos andavão. Tirão-se muitos odios, reconcilião-se entre si muitos que nelles vivião, impede-se muitas mortes, fazem-se muitas restituições e muitas outras obras pias de grande serviço de Deos, que por serem ordinarias em todas as partes, não especificamos o particular dellas.

A segunda sorte de gente, com que acima dissemos os Padres fazião muito fructo são os *negros de Angóla e Guiné*, por haver grande numero delles nesta terra, e muitos tão boçaes, que quasi se lhes não enxergava uso de razão. Estes estão espalhados pelos Engenhos e fazendas de seus senho-

(1) Por esta simples e ingenua narração se vê a prudencia e o acerto com que procederão os Jesuitas em presença do procedimento desleal dos Portuguezes, cuja cubiça não podião vencer.

Os *Potiguáres* ou *Petiguáres* ficarão na Bahia e nos Ilhéos, mas não captivos.

Portanto demasiado injusta he a censura de Fernandes Gama quando, na sua obra *Memorias de Pernambuco* tom. 2 cap. 2, accusa os Jesuitas de cumplicidade no procedimento do capitão-mór Alvaro de Carvalho.

(2) *Moções maravilhosas*, i. e., emoções maravilhosas.

res; e, por que não he possivel virem ás villas e cidades, ha alguns Padres que ordinariamente correm todas estas fazendas confessando-os, cazando-os, ensinando-lhes a doutrina e administrando-lhes os mais Sacramentos, assim a elles como a seus senhores, e para isto se detem em cada fazenda alguns dias de que não se póde encarecer o fructo que se colhe, porque se os Padres dessa maneira o não fizerão e muito poucas daquellas almas se salvarão.

A terceira sorte de gente com que os Padres exercitão seus ministerios são os proprios *Brasis* naturaes da terra, e porque além do que se faz com os que estão e morão pelas aldêas em que os Padres residem, como acima tocamos, o principal he o fructo que se colhe de varias Missões, que vão fazer aos que estão pela terra dentro do Sertão, e em os trazerem para junto do mar (1). Isto se poderá ver do que logo diremos.

Como todos os *Brasis* que vivem ao longo do mar, em varias aldêas e povoações vizinhas ás dos Portuguezes, sejão christãos, e os Padres com elles não tenhão mais que fazer que cultival-os na fé para converterem outros de novo, he necessario irem-nos buscar ao Sertão pela terra dentro, onde elles se tem acolhido, por escaparem das vexações dos brancos, e assaltos que nelles dão para os captivarem.

Porém nestas jornadas, que às vezes são de cento e cincoenta e duzentas leguas, mal se póde crer o que os Padres padecem, caminhando sempre a pé, e abrindo novos caminhos por espessas brenhas e altas serras; e indo por terras despovoadas e desertas de homens, mas cheias de onças e bestas féras, padecendo fomes e sêdes gravissimas, passando muitos dias sem comer mais, que folhas de ervas e ás vezes ratos e cobras, lagartos, e matando a sêde, ou temperando-a com raizes ou folhas de hervas humidas por aquella terra do Sertão ser falta de agua, e não a acharem senão raramente; e para que tudo isto se entenda melhor, poremos aqui parte de uma carta que escreveu um dos Padres que, no anno de 1602, forão á uma destas Missões, ao Reitor do Collegio da Bahia donde partira, a qual diz assim:

« Partimos desse Collegio a 23 de Setembro de 1602, fomos logo ter ás aldêas da *Cachoeira*, dahi começamos a entrar pelo mato. Passamos por varios rios, charcos, lagôas

(1) Assim se praticava por interesse da educação dos Indigenas.

e lamarões intoleraveis, e, como todo o caminho, andamos a pé, e as terras são tão fragozas, aconteceu-nos muitas vezes, embaraçarem-se nos pés as raizes do mato e em outras hervas, e darmos comnosco no chão, e irmos rodando um bom pedaço pela ladeira abaixo. Indo mais pelo Sertão a dentro e entrando na terra secca não podiamos caminhar cada dia, mais que até as onze ou doze horas, ou até acharmos agua, e quando a achavamos, iamos já tão cançados, que nem em pé nos podiamos ter, e assim nos estiravamos pelo chão, sem podermos aguardar que os Indios nos fizessem choupana para nos agazalharmos, e desta maneira nos estavamos até a tarde, que os moços vinhão do mato com alguns rátos, ou rãs, que nos trazião para comermos.

« Outras vezes tivemos porcos montêzes (1), mas como por estes matos não ha ordinariamente outra cousa que ratos, cobras, lagartos, ou rãs em alguns charcos, este era nosso commum mantimento, que nos fazia bem de asco, porque quasi não temestes ratos (2) differença dos que lá andão pelas casas; mas a fome nos fazia comer tudo, a qual ainda que grande, muito maior era a sêde que nos atormentava, por no verão ser tudo tão secco, que em muitas partes não achavamos outra agua senão a de alguns charcos, que do inverno ficárão, e, onde vão beber, quantos bichos ha por estes desertos, que he causa de muitas doenças, e de que nunca mais são os homens sãos que vem ao Sertão : e alguns logo cá morrem, destas e outras semelhantes beberagens.

« Uma vez me aconteceu que chegando a um passo não podemos achar mais agua, que quanta se tirava de uma cova (3) que os Indios tinhão feito com muito trabalho, na qual estava merejando não sei se agua, se lama.

«Os Indios por me fazerem festa e caridade, deixarão primeiro chegar o moço que nos servia ao buraco, o qual com trabalho encheu um pucaro, que, além de ser mui salobra, tinha tal côr que me foi necessario fechar os olhos para a beber ; mas em acabando de a beber, eis que chegão correndo uns Indios clamando que a não bebesse, porque no bu-

---

(1) *Porcos montezes*, i. é., *caititús* e *queixadas*, tambem chamados em outros logares *taitetús*, *tayasús* e *pecarís*.

(2) *Ratos*. He o animal chamado *Preá* e tambem *Preyá*, que muito se assemelha com o rato, posto que sem cauda, e melhor alimento.

(3) *Cova*, i. é., uma cacimba.

raco estava uma *ebijára*(1), que he um certo genero de cobras das mais peçonhentas, que ha no Brazil. Veja V Revma. que tal ficaria sem ter defensivo algum de que me valesse.

« Levantei os olhos á Deos, offereci-me, e encommendei-me á elle : lembrei-me do que o Senhor disse, *et si mortiferum quid biberint non eis nocebit* : e assim foi elle servido que não só então, mas nem depois, até agora sentisse mal algum, nem signal delle.

« Desta maneira caminhamos por estes desertos e brenhas todo o mez de Setembro e Outubro, dormindo sempre ao sereno, luar e chuva.

« Indo já perto das aldêas dos Gentios, mandei aviso adiante, porém estavão tão cégos com a sua *negra Santidade*, que não recebêrão bem nossos mensageiros (2), e quizerão matar o principal delles que ia com o recado. E ha-se de saber, que *santidade* entre este Gentio, não he outra cousa, senão certas palavras que diz um feiticeiro com as quaes os ouvintes, sem mais ceremonias, hão que ficão *santos*. E, para prova do máo animo que tinhão, derão logo com as mulheres fóra da aldêa, ficando só a gente de guerra ; do que sendo nós avisados, apressamos o passo, por entrarmos na mesma aldêa cuidando, que estava despejada, porque não sabiamos da gente que nella estava , e desejavamos apoderarmo-nos della.

« Por este respeito caminhamos duas jornadas em um dia em que Deos nos livrou de muitos perigos; e ainda que eu ia diante, quiz Deos que não entrasse primeiro porque sem duvida me houverão de matar; mas adiantarão-se oito ou dez Indios dos nossos *Tapuyas*, aos quaes como virão os que estavão na aldêa, lhes cahio logo o animo e não ouzarão a bolir comsigo. Entrando eu após elles vi a uma parte quarenta mancebos bem apercebidos, comecei-lhes a prégar, e acabada a prégação me derão logo as boas vindas.

---

(1) *Ebijára.* Marcgrav chama *ibijára*, e Piso *ibiiaram* que quer diser *cobra cega.* Os Tapuyas a denominavão *bodty.* He a cobra de *duas cabeças*, serpente mui venenosa, vivendo em subterraneos ou debaixo da terra, e cuja cauda se assemelha muito com a cabeça, resultando d'ahi o nome que notamos; e tambem o de *cobra cega* por causa dos olhos que tem mui pequenos, e taes que parecem abertos pela ponta de uma agulha, e mui adherentes ao epiderme.

Diz-se que o seu veneno não tem cura: a côr he mui alva e lustrosa como vidro, e são de limitado cumprimento.

Não he pois a *jararáca*, nem a *boicininga*, á que os Portuguezes, tradusindo, chamarão *cascavel.*

(2) *Negra Santidade.* Tratava-se de um indigena *Pagé*, que se intitulava *santo.*

« Estava entre elles um filho do *Principal*, e outro do *regedor*, que mandava executar a justiça. A estes dous pedimos, nos mandassem dar uma casa para nos agazalharmos ; o que elles logo fizerão de boa vontade.

« Neste mesmo dia á tarde veio o *Principal* com gente bem armada. Chegando ás portas da cêrca, correu logo pela aldêa uma voz, que dizia : *Vem o Pai grande, sahi todos a recebel-o* : dizendo isto pelo mesmo *Principal*.

« Sahirão todos a recebel-o com diligencia : e elle começou a entoar uma aravia (1),de que nada lhe entendemos, nem cuido que elles mesmos a entendem : e isto fallando elle e respondendo-lhe os outros á maneira de Clerigos, que rezão côro. Eu tambem sahi de casa trez ou quatro passos.

« Elle estava como quem ensina a doutrina, misturando mil disparates como era dizer *Santa Maria*, *Tupama*, *Remireco*, que quer dizer *Santa Maria mulher de Deos*, e outros despropositos semelhantes.

« Estava posto de joelhos com os olhos no Céo e as mãos levantadas e abertas como sacerdote que diz missa; dei-lhe a boa vinda, elle me abraçou dizendo que me não espantasse, de se recolher ao mato, porque não queria ser visto de todos. Neste dia á noite fez enforcar um mancebo, por se querer lançar comnosco, fallando-lhe depois nisso me disse que tal não mandára, mas que seu amo o enforcára por brigas que com elle tivera.

« Ao dia seguinte me pedio audiencia sahimos ao terreiro, mandei fallar um Indio nosso, *Principal*. Mas respondeu com contar de sua santidade, no que foi tão perluxo, que lhe disse eu, que não vinha a ser ensinado delle, nem dos seus, senão para eu lhes ensinar o caminho do Céo, e que para isso os queria levar para a Igreja, e para me determinar no que havia de fazer me désse a resposta : respondeu que se determinava de vir, porém as obras mostrarão o contrario, porque com o achaque de ir buscar a mulher e os mais, sem mais tornar se foi com todos os seus.

« Andão estes pobres cégos com aquella *sua*, a que chamão *santidade*, que totalmente tem para si, que não ha outra : e que elles sós são os que acertão, todos os outros, e nós,iamos errados, pela noticia que lá tem das cousas da Igreja por

---

(1) *Aravia* ou *Arabia*. Moraes no *Dicc.* diz, que he a linguagem embaraçada que se não entende. He um synonymo de *geringonça* e *vasconço*, *algaravia* e *germania*.

alguns Indios, que, fugindo diante os Portuguezes se forão pelo Sertão a dentro, baptizarão os seus, posto que não na fórma da Igreja, e á todos os homens poem nome *Jesus*, e ás mulheres *Maria*.

«Usão da cruz, mas com pouca reverencia, e tem outras ceremonias ao modo das da Igreja. Tem modo de sacerdotes, aos quaes obrigão a guardar castidade, na qual, se faltão, os depõem logo do officio.

«Imagem não lhes vi, mais que uma de cêra, de figura de raposa, emfim, ainda que desconfiados de podermos levar gente, se nos ajuntarão alguns com que começamos á caminhar e tornar para o mar.

«Vindo pelo caminho, rompendo por aquelles matos e atravessando aquelles desertos, todos em fórma de arrayal, derão novas ao Padre que vinha diante, como por fraqueza e indisposição, ficavão atraz algumas pessoas.

«Foi logo busca-los o irmão companheiro do Padre, com alguns Indios mais esforçados, e ao cabo de uma legua acharão ao pé de uma arvore um Indio, que escolhêra aquelle lugar para sua sepultura, tão fraco e debilitado, que não podia levantar a cabeça : deu por novas que outros ficavão mais atrás no mesmo estado, manda o irmão todos os companheiros por elles, e elle consola aquelle com palavras santas, por que não tinha outra cousa.

«Determina de o tomar ás costas, e por ser mui comprido ata-lhe os braços, e lança-os a seu pescoço e os pés atou comsigo á cintura, começa a caminhar encostado a seu bordão, com a ovelha perdida que trazia ás costas, como bom pastor para o curral de Christo ; e por haver pouco tempo que passára trinta dias sem comerem todos elles outra cousa que alguma fructa, como nesparas (1) e manicoba brava (2), que são umas folhas peçonhentas, as quaes pisão e espremem, e depois seccão ao Sol para se comerem, mas sem gosto algum e por isso estava tão fraco das forças, que ellas lhe começarão a faltar e sobrevir desmaios com suores da morte.

---

(1) *Nesparas*, i. e., nesperas, fructa da Europa um pouco á semelhança do *umbú*, fructo do *umbuseiro*, abundante nos sertões da Bahia. Em algumas Provincias chamão *imbú*, e Ayres de Casal á quem seguio Casado Giraldes diz *ambú* e *ambuseiro*. Tanto as nesperas como o *umbú* são agridoces.

(2) *Manicoba*, i. e., a *maniçoba*. He a folha da maniva, ou pau de mandioca, cujos grêlos tenros o vulgo come guisados e esperregados, segundo o testemunho de Moraes, no *Diccionario*.

« Mas nem por isso largou a ovelha que levava ás costas. Descança um pouco para continuar o trabalho, tira forças da fraqueza, as quaes a caridade lhe dava, continúa seu caminho, e chegando a uma fragosa, e ingreme serra aonde igualmente se havia de ajudar dos pés e mãos, ainda que a subio com muito trabalho, com muito maior a desceu, porque como era já de noite escorregando-lhe os pés, forão ambos tombando pela ladeira abaixo com bem perigo; mas Deos o livrou delle, e como pôde se tornou a levantar, dando graças a Nosso Senhor por tão evidentemente lhe ter soccorrido, e continuando seu caminho ás dez ou onze horas da noite, chegou aonde estava o Padre.

« E, esperando ambos pelos que ficavão atraz, se forão acabando sua jornada até chegarem ao mar, trazendo desta Missão e outras, que desta maneira tambem se fizerão, mil e trezentas e setenta almas ao curral de Christo.

« E muitos destes Indios, em chegando, procurão logo ser baptizados, pedindo-o com instancia allegando que para isso vem de suas terras.

CAPITULO IV.

De algumas outras sahidas que fizerão os Padres a varias partes do Brazil.

Estão duas Capitanias debaixo do districto de Pernambuco. Nas quaes ambas ha grande numero de Indios, os quaes se se converterem, e reduzirem a povoações e aldêas, além do acrescentamento do rebanho de Christo, que com elles será mui grande, crescerá tambem muito áquella terra no temporal e far-se-hão muitos Engenhos, porque he mui boa e acommodada para isso. Mas não podem os Padres fazer aqui muito, porque como não tem casa em que residão nem com que lá se sustentem, não pódem assistir naquellas partes de vagar, se não por breve tempo em Missões. E destas se fizerão algumas, uma dellas foi de dous Padres ás aldêas dos *Petiguares*, que estão no termo da Capitania da Parahyba, as quaes serão dezaseis, onde haverá como quinze, ou dezaseis mil almas; e uma destas, que foi de um gentio poderoso, que se chamava *Páo Secco* (1), terá mais de trez mil.

Quasi toda, ou a mais desta gente está ainda pagã, por falta

---

(1) *Páo Secco*, he traducção do nome Tupy—*Ubiratining*. Vide supra nota (4) á pag. 177.

de quem os baptise, e cultive. Porque como está á conta de outros Religiosos (1), nem elles lhes pódem acudir, nem por seu respeito acodem os nossos, e assim morrem muitos sem baptismo pedindo-o e requerendo-o muitas vezes, entre os quaes foi o *Páo Secco*, que acima dissemos ser o *Principal*.

Cousa de grande lastima, e que dá grande pena aos Padres, mas não o pódem remediar. Quando agora desta vez lá forão os dous (2), que dissemos a visitar aquella comarca, havia trez annos que estes gentios estavão desamparados, pedindo continuamente o pão da fé, sem haver quem lho partisse; nem pessoa alguma que, pelo menos, lhe fôra baptizar os que estavão *in extremis*, dos quaes os Padres desta vez baptizarão sessenta, e logo morrerão muitos delles, donde se póde colligir os que morrerião em trez annos.

Mostrarão estes *Petiguares* geral alegria com a ida dos Padres, e assim os vinhão receber muito longe, alimpando os caminhos e ruas: vinhão diante os moços, e de repente sahião de suas emboscadas com tambores e festas.

Depois vinhão os homens e, perto das aldêas, sahião os *Principaes* e as mulheres, e quando os Padres entravão mandavão tanger os sinos em signal de festa, fazião entrar a gente na Igreja, onde, depois dos Padres fazerem oração, lhes fazião uma pratica, de como os vinha a vizitar, dando-lhes os parabens de terem já Igreja, e quererem ser Christãos, e que por isso vinhão a suas terras, a prégar-lhes para por meio da prégação conhecerem a Deos.

Com isto se despedião da Igreja, onde os Padres ficavão, mas tornavão logo com seus presentinhos, de sua pobreza: tendo-se por mofino o que não tinha que lhes trazer.

Mostravão-se muito conhecidos, e agradecidos dos bens

---

(1) *Outros Religiosos*, i. e., Franciscanos e Benedictinos.

(2) *Lá forão dous*. O que diz o author está de accordo com o que refere Diogo de Campos Moreno na sua importante obra manuscripta — *Rasão d'Estado do Brasil*, tratando da Capitania do Rio Grande do Norte, e tem a data de 1612, nestes termos:

« Tem este districto desaseis (16) aldêas de Indios, algumas mui pequenas, todas mal governadas, e inquietas, por lhes faltar a doutrina de Clerigos, e Capellães, ou de Padres, ou de quaesquer outros Religiosos.

« Os da Companhia, mandão á certos tempos, *dous* Padres a visitar esta gente, mas como durão pouco com elles, nunca ficão em estado que possão sorrir aos moradores, para que assi uns e outros se sustentem e facilitem. »

que os Padres lhes tinhão feito; assim em serem os medianeiros nas pazes entre elles e os brancos, como em os virem agora encaminhar para o Céo, posto que por outra parte se queixavão delles dizendo:—« que pois de primeiro forão as suas terras sem arreceio de lhes quebrarem a cabeça, e em tempo que ainda estavão cheios de odio, e pois lhe prégavão que fizessem Igreja, porque depois disso os deixavão em tamanho desamparo? E não os visitavão, havia tanto tempo? »

Um *Principal* dizia:—« vós me deixastes vindo eu logo, e seguindo vossas palavras não vos lembrastes mais de mim. Deixei logo minhas terras e, com desejo de ter Igreja, eu mesmo a fiz sem ninguem mo ensinar, desejando de ter Padres que ensinassem meus filhos, e pois vós fostes os que nos déstes este bem, a vós queremos. » Isto disse este e outros tambem o ajudarão com palavras semelhantes, e não só os *Principaes*, mas muitos tambem dos communs.

E taes mostras davão de seus desejos, que se não sabe ver-se no Brazil semelhante conversão de Gentios, porque sem terem mestre nem quem os mettesse em ordem, logo como o *Páo Secco* de que fallamos, veio pedir licença aos Padres e elles lha derão, para fazer Igreja. Todos os outros fizerão o mesmo em suas aldêas, sendo pagãos como ainda o são; e por si mesmos buscarão ornamentos, imagens e sinos para ellas com tanto fervor, que se não póde encarecer, e ião trabalhar aos brancos, para com o dinheiro que ganhassem comprarem o acima dito.

Como ao tempo que os Padres chegárão a estas aldêas, era já morto o *Páo Secco*, Principal gentio de todo este Sertão, e fronteiro da Parayba; vierão-nos esperar ao caminho seus filhos e seu irmão (1), o qual ficou, e he agora o *Principal*. Não se quiz este apartar dos Padres desde a primeira povoação onde os esperou, até a terceira, mostrando-lhes muito amor, e os desejos que tinhão de os terem por mestres de suas aldêas. Cousa que aos Padres por huma parte causava muita alegria, de verem, a que os Indios recebião com elles; por outra muita tristeza, por verem que lhes não podião ser bons, no que elles tanto desejavão, e pedião, que era ficarem-se com elles.

---

(1) *Seus filhos e seu irmão*. Serião o *Jaguarary*, e seus sobrinhos *Poty* (Camarão) e *Jacaunã*? He simples conjectura nossa, posto que o termo *fronteiro* pareça contradisê-la.

Outra Missão fez á esta mesma gente, o padre Provincial Pero Rodrigues (1) com alguns Padres, o qual foi recebido della com extraordinaria alegria, vindo-o receber ao caminho com varias festas, algumas duas leguas antes de chegar. Vinha entre elles o Principal dos *Petiguares* chamado *Metarouba* (2), ao qual perguntando os nossos porque vinha cançar tão longe: respondeo, « pois que o Padre vem cançar por amor de mim, não he muito cançar eu por amor delle. »

Fez este muita instancia ao padre Provincial, que lhe desse Padres que doutrinassem, e fizessem christãos a seus filhos; dizendo: « eu não desejo senão ter quietação na Igreja, e para isso vim de minha terra: já não quero ver rodelas (3), nem quero frechas senão para matar caça. Eu me vim logo da minha terra, seguindo as pizadas dos Padres que lá forão, e virando-se para hum delles, accrescentou: « Bem me lembro, que me dissestes na minha terra, e logo puz vossas palavras em meus ouvidos, em minhas entranhas, e na minha lingua, para as dizer, e nas mãos e dedos, e em todos meus membros e sentidos. Agora queria que o Padre me não faltasse com o que lhe peço, nem me deixasse estar tanto tempo esperando, quem me ensine doutrina a meus filhos. » E o mesmo desejo mostrárão todos os outros *Principaes* dos Pitiguares (4).

Fizerão-se nesta Missão alguns baptismos, e chegarião os baptizados a sessenta e quatro, que por ora, não quizerão

---

(1) *Pero Rodrigues.* Foi Provinc al do Brasil por muito tempo, e escrevêo a primeira *Vida do veneravel Padre José de Anchieta*, que infelizmente ficou manuscrita; de onde o Padre Sebastião Berettario, da mesma Companhia, e Italiano, póde compor a suaem Latim, que foi tradusida emHespanhol pelo Padre Estevão de Paternina (1618 ; em Italiano (1621) e em Francez (1619) por Padres da mesma Companhia, cujo nome não declinão. A vida do mesmo Veneravel, pelo Padre Simão de Vasconcellos, (1672)uma tradução de Paternina, e a composta em Francez (1858) por Mr. Carlos de Sainte-Foy, não he senão a traducção da de 1619 remoçada, ou antes preparada segundo o gosto moderno.

O Padre Pedro Rodrigues vivêo quasi sempre em Pernambuco, e fallecêo em 1628 como já dissemos em outra nota.

Vide na *Bibliotheca Lusitana* art. *Pedro Rodrigues.*

(2) *Metarouba.* Entre os Principaes Potiguáras de que trata Simão de Vasconcellos nas *Noticias do Brasil*, liv. 2 n. 2, não se acha este nome contemplado.

(3) *Rodelas.* Pequeno escudo de que usavão os indigenas. Parece que este uso era muito em voga entre os indigenas que habitavão as margens do Rio de S. Francisco, pois que erão assim em geral denominados, e aquelle Sertão era conhecido, por *Sertão dos Rodélas*. Vide Accioli— *Memorias da Bahia* tom. 1 pag. 140.

(4) *Petiguáres.* No texto ora este nome he assim escripto, ora *Pitiguares.*

os Padres que fossem mais, que doentes e innocentes, pois não tinhão quem os cultivasse. E, como estes forão os primeiros baptismos solemnes, que naquella terra se fizeram, ficárão todos tão contentes, que não cabião de prazer, trazendo todos seus filhos a qual primeiro.

Ha uma nação que chamão *Miramumins* (1), gente, que habita o sertão da Capitania de S. Vicente, muitos em numero, mas barbarissimos, e andão em cabildas de uma parte para outra, como ciganos. Não podiam viver com elles os Portuguezes, porque lhes damnavão as rossas: entrávão nos Engenhos e comião quanto tinhão, sem lhes poderem resistir.

Foi o Senhor servido, que entrarão os Padres com elles, e começarão a converter, e já muitos delles são Christãos, e tem igreja, e ajudão grandemente aos brancos em suas fazendas.

Os *Garijós* (2), he uma gente, que correm em grande numero pela costa do mar, por espaço de duzentas leguas, até o Rio da Prata, onde se termina o Brazil, e começa 80 ou 90 leguas da Capitania de S. Vicente.

Nesta se póde fazer huma formoza christandade, e conversão de muitos centos de milhares, mas, por falta de obreiros, e do necessario para sua sustentação, ainda não residem entre elles Padres, que he cousa que elles mais desejão, e procurão de todas quantas nações ha no Brazil. Forão porém os Padres algumas vezes em Missão á suas terras, e trouxerão alguns filhos dos *principaes* em modo de refens, e para aprenderem a doutrina.

Tem alguns destes em suas aldêas Cruzes, a que fazem reverencia, o que tomárão de um Bispo e padres, que ha muito tempo passárão por suas terras e estiverão nellas algum tempo (3), e baptizarão muitos, dos quaes ainda alguns são muito domesticos e doceis; e dizem os Portuguezes, que lá vão resgatar, que nunca lhes sahem dos navios, e que andam tão seguros por suas aldêas, como em suas casas.

Forão lá os padres Agostinho de Matos e Custodio Pires a levar alguns setenta e tantos, que os brancos trouxerão salteados. Receberão-nos com muito amor, e o *Principal* se as-

---

(1) *Miramumins*. Destes Indigenas pouca noticia nos dá a historia da antiga Capitania de S. Vicente.

(2) *Garijós*. São os indigenas hoje conhecidos pelo nome de *Carijós*.

(3) Provavelmente esta tradição tem fundamento na passagem dos Hespanhoes sob o mando de Cabeça de Vaca em 1541, quando forão ao Paraguay, por terra, atravessando de Santa Catharina á Assumpção. Em sua companhia ião alguns frades Franciscanos.

sentou entre elles, e tendo-os abraçado a ambos, *os chorou*, que he o signal de benevolencia e grande amor. E ficarão muito contentes com os Padres lhes darem palavra, que irião por elles para os trazerem para a Igreja; e indo lá uns trez brancos depois disto, cuidando elles que erão os Padres, se queixou muito o *Principal*, dizendo que não cumprião sua palavra, e que elle morreria gentio sem remedio.

Pedio áquelles Portuguezes, que os baptisasssem, e ainda que elles não quizerão, curarão-no todavia tãobem, que sarou. Porém dalli a algum tempo, tornando a adoecer morreu gentio, pelo que he grande magoa, ver este tamanho desamparo em gente tão disposta para tanto bem sem haver remedio, ou possibilidade para se lhes poder repartir o pão da fé, e do sagrado baptismo, que com tanta força e desejo pedem.

Hum destes veio á casa de S. Paulo antiguamente, e vendo baptizar, faz lá o mesmo na sua terra, deitando agua sobre a cabeça de quem se quer baptizar com elle, e querem-no muitos, pelo desejo que tem de serem Christãos, mas como o pobre não sabe a forma do baptismo, aproveita-lhes pouco.

Desta mesma casa de S. Paulo, fez uma sahida a uma aldêa desta gente o padre Sebastião Gomez, vierão-no receber ao caminho legua e meia, com muita festa e gazalhado. Fez o Padre alguns baptismos entre elles um de uma menina de trez annos, a qual acabando de o receber começa a cantar com alegria, dizendo que já era filha de Deos, que por isso estava muito contente.

Para esta mesma Casa se veio um casal destes gentios, e trouxerão comsigo trez ou quatro mancebos, e uns dous ou trez *Principaes* para tornarem, não puderão trazer outros por virem de longe.

A mulher de um Indio *Principal* que veio, estava muito triste, porque lhe ficárão lá alguns filhos e filhas e sua mai; quiz o Padre consolal-a dizendo que Deos traria seus filhos, ao que ella respondeu: « ouça Deos tuas palavras e ponha os olhos em mim. »

Hm Indio destes indo ao Sertão buscar seus parentes, e não os podendo trazer polos impedir o *Principal*, veio fallar com o Padre e contar-lhe o que passava, e com tanto sentimento, que dizia, que não podia dormir com cuidar, que lhe ficárão lá seus parentes sem remedio algum de salvação.

Outro *Principal* veio do Sertão com intenção de se tornar, e disse ao Padre, que um irmão seu que era um grande

Principal entre os *Garijós*, lhe mandava dizer, que fossem agora os Padres buscar aquella gente que queria vir, e que com elles mandaria alguns mancebos, para roçarem e fazerem lavouras, e como tivesse mantimentos viria elle tambem com toda a sua gente.

A' Capitania e casa de S. Vicente vierão tambem em companhia de hum branco alguns *Principaes* daquella nação, os quaes trouxerão recado dos outros, que vão os Padres por ellesque logo se virão, o que não fazem por si pelo temor que tem, que os brancos os saltêem no caminho, e os cativem e repartam entre si, como tem de costume, e lhe fação o mesmo, que fizerão ás aldêas do Campo de Piratininguá (1), que todas as destruirão e puzerão por terra.

« Porque se os Portuguezes (dizem elles) fizerão isto a seus compadres,e amigos, que farão a nós?» e não tem este temor sem fundamento; porque até aqui,na Capitania de S. Vicente, andão os brancos tão cubiçosos destes Indios,que nem com os Padres deixão fallar a estes *Principaes*, que acima digo, que agora vierão do Sertão; e quando lhes falla algum, he ás escondidas, pelo temor que tem dos brancos, que lhes dizem que não fallem com os Padres. E quanto podem impedem a ida dos Padres ao Sertão: porque cuidão que indo lá os Padres lhes tirão seus tratos, e impedem os escravos, que de lá trazem.

E cada um não busca mais que seu proveito, e não o bem da terra, e por isso por justo juizo de Deos, vai esta Capitania de S. Vicente de mal em peior, e com grande diminuição, e pelo contrario a do Espirito Santo em crescimento de proveito e gente; porque o senhor della roga aos Padres que vão ou mandem ao Sertão a buscar gente, dando muitas liberdades e favores aos Indios, que vem e perdão de morte aos fugidos que tornão; e assim he cousa de evidente juizo de Deos, que em todas as Capitanias deste Brazil, onde os Indios são favorecidos, e bem tratados dos brancos, se vê que vão crescendo em muita prosperidade e proveito temporal, e onde são maltratados e tyrannizados, e os brancos andam a captival-os por sua cubiça, tudo vai para peior e em grande diminuição.

---

(1) *Campo de Piratiningua.* Onde se havia fundado as aldêas de S. Paulo e de Santo André, na Provincia de S. Paulo. A segunda, mais antiga, fôra fundada por João Ramalho.

CAPITULO V.

De uma Missão que o padre Domingos Garcia fez fazer ao Sertão, por alguns naturaes da terra da aldêa dos Reys Magos da Capitania do Espirito Santo.

Desejavão muito alguns Indios *principaes* e christãos moradores nesta aldêa dos *Reys Magos* (1), fazer uma jornada ao Sertão a buscar e trazer para a Igreja seus parentes e naturaes, pelo que vindo a visitar esta aldêa o padre Provincial, e vendo seus bons desejos, lhes deu licença para que podessem ir deixando recado ao padre Domingos Garcia, superior desta residencia, que os aviasse para isso de todo o necessario.

Fêl-o assim o Padre, e indo com elles alguma parte do caminho por um rio acima, ao tempo que se houve de tornar, os confessou a todos, e lhes deu o Santissimo Sacramento aos que o costumavão receber, e lhes fez uma pratica em que os animou a tão santa jornada, a qual acabada, se embarcárão em sete canôas, indo mui contentes e animados.

Erão os principaes desta jornada quatro Indios por nome Miguel de Azevedo, Manoel Mascarenhas, Antonio Dias, Ignacio de Azevedo. Indo pois seu caminho, e tendo já feitas duas jornadas, tiverão um encontro com uns Tapuyas, onde na briga morreu um Indio bom christão, o qual só esta palavra disse: « Jesus, havei misericordia de mim », e logo expirou.

Dalli se partirão, e gastárão um mez de caminho até chegarem á primeira aldêa, onde forão recebidos dos parentes com toda a festa e alegria. Vierão logo todos a visitar os *Principaes*, e lhes derão logo conta como de seis Indios, que da primeira vez vierão com Manoel Mascarenhas, e se tornárão ao Sertão, um delles muito principal e nomeado, que se dizia *Iaguarába*, que quer dizer *cabello de cão*, chegando a salvamento em sua terra, abalou muita gente, e trazia toda sua aldêa para os Padres; e que começando a caminhar, encontrára certas gentes que ião do mar, e lhe derão novas de como seus parentes ficavão com os Padres muito quietos e livres dos brancos, com que todos se alvoroçárão muito mais para vir, porém que nesta conjuncção déra nelles uns

---

(1) *Aldêa dos Reys Magos*. Esta aldêa he a que hoje se chama *Aldêa velha*, legua e meia ao norte de *Almeida*, na Provincia do Espirito Santo.

Indios seus vizinhos que se chamavão os *Apidpetangas* (1), e travando entre si batalha, matárão muitos e captivárão outros dos do dito *Iaguarába*, pelo que se tornou outra vez a recolher para a sua aldêa com alguns que lhe ficárão, e elle mal ferido.

Ouvindo isto Manoel Mascarenhas e os demais, determinárão ir fazer pazes com aquelles Gentios, como fôra com sua gente; e encontrando com elles dalli a uma legua, como os outros estavão soberbos por ter muita gente, e entre elles muitos escravos que do mar tinhão fugido, e tambem pela victoria passada, quizerão mais guerra que paz; pelo que travarão entre si uma grande escaramuça, da qual Manoel Mascarenhas ficou com uma frechada por junto do coração, da qual morreu dahi a seis dias. Comtudo, acabada a briga, e correndo recados de parte a parte, vierão a fazer pazes, posto que da parte dos contrarios forão fingidas, porque deixando elles entrar os nossos na aldêa, dando-lhes palavra que tornarião dahi a dous dias, se forão para outra parte, e nunca mais tornárão.

Tomárão os nossos ao ferido em uma rede, e se forão com elle para a aldêa de *Iaguaraba*, mas no caminho acabou sua vida com mostras de bom christão, prégando a todos que fossem bons, e que não desamparassem a igreja nem os Padres, dizendo-lhes estas palavras: « Vim buscar a morte por amor de vós outros, desejando de vos metter a todos na Igreja, eu mereço isto, Deos sabe o que faz; portanto, não haja alguem que se desconsole nem os meus filhos que cá ficão, basta estar o Padre com elles, que os amparará.»

E depois de pedir perdão a Deos, lhes tornou a dizer: « Ficai-vos embora, eu morro, ide adiante em vosso caminho e não torneis atrás », e com o nome de Jesus deu sua alma.

Foi sentida sua morte em todo o Sertão. Enterrarão-no em parte onde os contrarios não dessem com o corpo. Chegando os mais á aldêa de *Iaguarába*, houve muitos chôros, e adoecendo elle dahi a alguns dias, morreu tambem, que foi outra grande perda; mas Antonio Dias, a quem o Padre tinha instruido, o baptisou e morreu bom christão.

Desta aldêa se partio Antonio Dias com os mais para as

(1) *Apidpetangas*. Mais adiante no texto lê-se *Apidpitangas*. Além desta noticia nada sabemos destes indigenas.

outras aldêas, que estavão dalli um mez de caminho: achárão muita gente, alegrarão-se todos muito com a boa nova de haverem de vir para a Igreja, e começárão logo a fazer-se prestes. E um Indio *Principal*, por nome *Piraguassú* (1), se abalou logo com toda sua familia, ficando os mais aviando-se para vir.

Partirão do campo e chegárão á aldêa de *Iaguarába* como duzentas almas, com muitos trabalhos e fomes, porque vinhão muitas crianças, velhos e doentes, mas nenhum morreu no caminho. Ordenados pois, e pondo-se em caminho para o mar, vierão diante quatorze homens dos mais valentes com quatro já dos christãos, dos que forão da aldêa dos *Reys-Magos*, e chegando em breve tempo á mesma aldêa, causárão em todos muita alegria por irem já tardando.

O *Principal* destes entregou ao Padre um filho seu de oito até nove annos, que o criasse para Deos, até elle tornar em busca de sua gente. Depois destes Indios novos verem tudo da igreja e as lavouras dos parentes seus, que já cá estavão, se partirão outra vez com outros dos nossos a suas terras, para darem novas, e trazerem os que lá ficavão, e assim chegando onde Antonio Dias estava com os mais, logo todos se abalárão e puzerão a caminho para os *Reys-Magos*, afóra alguns que forão ao campo a buscar duas aldêas, pelos quaes esperavão cada dia.

Neste caminho, que do Sertão fez Antonio Dias, e outro que que chamavão *Arco-grande* (2), para o mar, com a gente que trazião se encontrárão outra vez com os gentios *Apiapitangas* (3) acima ditos, com quem de primeiro pelejárão; e por estes lhe quererem estorvar a passagem, vierão á batalha uns com os outros, onde dos nossos Indios christãos morrêrão cinco, e dos que vinhão de novo do Sertão, quatro; porém os inimigos ficárão de todo destruidos e mortos, e muitos delles captivos, e, em liberdade os de *Iaguarába*, que desde a primeira rota, que lhes derão, tinhão captivos. E assim desembaraçados dos inimigos em dous mezes e meio, fizerão sua jornada e chegárão á aldêa dos *Reys-Magos*, e puzerão tanto tempo no caminho, por virem alguns feridos e muitos velhos.

Tanto que o Padre teve recado, os mandou visitar a caminho com refrescos, e chegando á aldêa *Piraguassú*, que he Indio de

---

(1) *Piraguassú*, quer dizer, peixe grande.
(2) *Arco-grande*. He traducção do nome Tupy—*Uirá-assú*.
(3) Vide supra nota (1) á pag. 527.

importancia, e que ficou enchendo bem o lugar de Manoel Mascarenhas, acompanhado com quatro filhos homens entrou na aldêa prégando, como he seu costume, e acabada a prégação se foi logo com os filhos á igreja, e depois aos Padres abraçando-os com muita alegria, e dizendo ao Padre: «Pai, já cheguei, já vim para a Igreja»; não quiz esperar mais, quiz ser o primeiro: lá fica ainda meu irmão *Inabaguassú* (1) com sua gente, elle virá, quero roçar para elle.

Depois de *Piraguassú*, chegou uma India velha mulher que foi de *Iaguaraba* com todos os filhos e filhas, e genros, trazia um bordão na mão, e umas contas ao pescoço, entrou bem acompanhada de gente, prégando, e dizendo: «ninguem se espante de me ver prégar sendo mulher, porque depois de morrer meu marido, fiquei em seu lugar, e mais agora que já me vejo na Igreja, que tantos tempos ha desejava com meus filhos e familia, e em a qual meu marido tanto desejou estar: mas fomos destroçados pelos contrarios: agora venho só sem elle, para ter cuidado e cargo da Igreja, e dos Padres, os quaes não hão de ter falta do necessario onde eu estiver.»

Indo-se a recolher, toda a aldêa a foi *prantear* que he o signal de gazalhado e amor.

Acabados os chôros acudirão as Indias com seus presentes, e os Padres tambem lhe mandarão o seu, ao que ella ficou mui agradecida. Ao outro dia os veio em pessoa vizitar á portaria, acompanhada com toda a sua gente, levando tambem seus presentes de legumes, gallinhas e outras cousas de sua terra.

Era esta India mui grave, e acatada dos seus, e quando os meninos brincavão, e dançavão no terreiro, mandava armar uma rêde mui limpa á sua porta, e dálli assentada os estava vendo, e dizia aos seus: «vêdes vós outros? isto he ser filhos de Deos, e dos Padres, e nós estavamos nos matos como filhos do Diabo sem participarmos do que agora vemos.»

Depois de quatro mezes passados, adoecendo a bôa velha pedio com muita instancia o santo baptismo, e depois de bem catechisada e instruida nas cousas da fé, lhe perguntou o Padre se queria que a baptizasse em sua casa, pois por sua

---

(1) *Inabaguassú*. Talvez este nome não esteja correctamente escripto, podendo ser *Inajáguassú* que quer diser—*Palmeira grande*.

fraqueza e doença não podia ir á Igreja. Respondeu: « não quero senão na Igreja, pois que vim para ser nella baptizada diante de Deos.» E dizendo-lhe o Padre, que tambem alli estava Deos, pois está em toda a parte: «he verdade, tornou ella, mas eu quero, que em sua casa me baptizem, e não em casa de homens. » Vendo o Padre sua santa intenção, a mandou logo levar á Igreja, onde foi baptizada, acompanhando-a toda a aldêa com muita alegria.

Depois de receber o sagrado baptismo, deu um suspiro dizendo : « agora fica minha alma contente, agora não temo a morte, já alcancei o que desejava, que era ser filha de Deos. »

Tornarão-na a levar para sua casa, durou ainda dous mezes até que apertando-a a enfermidade, pedio a Santa-Unção, e dizendo-lhe o Padre que havia pouco que fôra baptizada, se não aquietou, até que lh'a derão, reconciliando-se primeiro.

Durou depois disto uma hora, e fazendo uma pratica aos seus, encommendando-lhes, que fossem muito amigos da Igreja, e dos Padres, e que se não desconsolassem por sua morte, pois ia para o Céo, onde está Nosso Senhor, e com o nome de Jesus na boca, lhe deu sua alma.

CAPITULO VI.

Da nação dos Gaymures e damnos que esta gente tem feito no Brazil: pazes que com elles se fizerão na comarca da Bahia e Capitania dos Ilhéos.

Conforme a tradição antiga, da gente da terra, habitavão estes gentios (1) o mais intimo da costa do Brazil, correndo do Rio de S. Francisco para o sul até o Cabo-Frio. Porém entrando com elles outros gentios do Sertão chamados *Tupinambás* e *Tupinachins* (2) os fizerão affastar de seus antigos sitios, e metter por dentro dos matos e serras, onde morão ha muitos centos de annos ; e dalli se tem estendido por mais de cem leguas, mas vivendo sempre perto do mar, ao longo das povoações e fazendas dos Portuguezes, que estão pela costa.

(1) *Estes Gentios*. O author chama-os *Gaymures*, mas geralmente os historiadores do Brasil disem *Aymorés*. Vide Varnhagen na *Historia do Brasil*, tom. 1, pag. 242 nota 1 e 2.
(2) *Tupinachins*, i. e., *Tupininquins*.

He gente barbarissima, alheia de toda a humanidade, e onde o uso de razão parece estar mui apagado, mui selvatica, e mais féra e cruel que ha em todo o Brazil. Mantem-se de caça e dos assaltos que fazem nas fazendas dos brancos, e da carne humana dos que pódem haver ás mãos.

Cada um delles vive como quer, e onde quer, sem haver superior, nem inferior que mande ou obedeça: quando muito aquelle, que mais inimigos matou e comeu, se tem por mais honrado e valente; mas não que mande, ou reprehenda aos outros em alguma cousa. São muito acautelados em tratar com os inimigos, e pelo mesmo caso, que um dos seus falla com elles, o matão e comem.

Nunca andão muitos juntos, senão poucos e poucos: e sem serem vistos frechão a gente e matão, e com tanta ligeireza se tornão a recolher e metter pelo mato, como se forão cabras silvestres, correndo muitas vezes de pés e mãos, com o arco e frecha sobre as costas; e por isso se lhes não póde fazer guerra, nem com ella prevalecem contra elles, porque nunca pelejão em esquadrão feito, nem em campo descuberto, senão com ciladas e assaltos repentinos; aqui um, alli outro por detraz das moutas e arvores, sem os homens os poderem ver, senão quando se sentem frechados.

E por este modo tem este Gentio feito tão grandes damnos no Brazil, que em partes o tem posto a grande risco; porque por toda esta corda de terra que habitão, de tal maneira tem infestada toda a costa do mar, que lhe responde, que por sua causa se despejavão, e desamparavão fazendas de trinta, quarenta e cincoenta mil cruzados, por se verem cada dia seus donos em perigo de morte, e elles lhes terem comido os escravos e gente de serviço.

Por elles se tem desbaratado a villa de Santo Amaro (1), com quatro ou cinco Engenhos; a Capitania dos Ilhéos que he de terras excellentes quasi de todo perdida.

Muitas terras, que por serem maravilhosas para se cultivarem e renderem muito estão bravias, por não ouzarem os homens de as povoar com medo delles, e a que mór

---

(1) *Santo Amaro*. Refere-se á villa fundada por Pedro de Campos Tourinho, primeiro donatario da Capitania do Porto Seguro, que foi destruida em 1564 pelos indigenas *Abatirás*. O local dista uma legua ao sul de Porto Seguro.

damno padeceu, he a Capitania do Porto-Seguro, que foi a primeira terra em que os Portuguezes pozerão pé no Brazil, quando, em Abril do anno de quinhentos, a primeira vez foi descuberta por Pedro Alvares Cabral, governador que foi da India (1).

A qual Capitania foi muito prospera em quanto o gentio amigo junto em aldêas a defendia destes *Gaymures*, e segurava as fazendas dos moradores, porque não fazião então estes inimigos damno de momento. Mas depois que o Capitão daquella terra mudou esta ordem, e mal aconselhado repartio a gente das aldêas, tirando os Indios dos lugares onde tinhão mantimentos, defendião os moradores e pondo-os em parte, onde lhes era necessario espalharem-se para buscarem de comer, poucos e poucos os forão matando e comendo os *Gaymures*, até os acabarem.

Pelo que os moradores brancos vendo-se sem quem os ajudasse, e defendesse, começarão a despovoar a terra, e ir-se para diversas partes, até não ficarem na Capitania, mais que obra de vinte moradores que mais por força que por vontade se detêm ainda nella, porém em tal miseria, e extremo de necessidade que se não sustentão os pobres, se não com folhas de hervas, e raizes de bananeira.

E, por este respeito, se sahirão tambem da mesma terra os nossos Padres por não terem remedio de poderem viver, nem sustentar-se nella, nem do Collegio da Bahia poderem ser providos pelas difficuldades das monções, e os *Gaymures* terem occupadas todas as terras em que se lavravão os mantimentos. E de tal maneira ia crescendo esta praga deste Gentio, e assolando toda esta Comarca ao longo do mar em que habitavão, que se temia viessem a pôr em tanto aperto todas as Capitanias e povoações do Brazil, que por esta costa estão, que fosse necessario despovoal-as e desamparal-as de todo.

Mas foi Nosso Senhor servido de haver misericordia desta terra e abrir caminho para se amansar esta praga, que foi um singular beneficio e remedio da mão de Deos dado ao Brazil, o qual ninguem poderá entender, se não tiver experiencia do mal que este Gentio causava, e aperto em que tinha posto aquelle Estado: e o modo como isto succedeu foi o seguinte.

---

(1) Engano. Nunca Pedro Alves Cabral foi governador da India.

Algumas dez ou doze leguas da Bahia para a parte do Sul em uma parte onde chamão a *Cachoeira* (1), tem sua fazenda e mora um Portuguez rico e honrado por nome Alvaro Rodrigues, fronteiro dos *Gaymures* (2). O qual, em um assalto, lhes tomou duas mulheres, que trouxe para sua casa: uma dellas morreu algum tempo depois, ficando a outra que elle sempre tratava muito bem, e com muitos affagos e mimos ; pelos quaes ella domesticando-se aprendeu nossa lingua e se satisfez tanto de nossas cousas, e do modo com que a tratavão, que mandando-a o dito Alvaro Rodrigues para os seus, nunca jámais se quiz tornar ; parte por haver medo, que elles a matassem, e parte tambem por gostar antes de viver com os brancos que com elles.

Pedio-lhe então o senhor que pois se não queria tornar, fosse terceira (3) em fazer pazes entre uns e outros. Para isto se foi pôr muitas vezes em lugar onde lhe parecia seria ouvida e alli bradava pelos seus na sua lingua, até que uma vez acudindo-lhe uns poucos, ella se lhes deu a conhecer: e começou de longe a lhes fallar acerca das pazes, louvando-lhes muito os Portuguezes, e seu modo de viver, e tratar. E com isto se despedio, e apartou do lugar, deixando nelle ferramentas, vestidos, mantimentos e outras cousas que elles, como ella se retirou, recolherão e levarão muito contentes.

Passarão-se nestas visitas e praticas alguns mezes, até que se vierão a fiar de nós chegando seguramente a fallar com Alvaro Rodrigues, o qual entretanto escrevia muitas vezes á cidade ao Capitão-môr Alvaro de Carvalho, fizesse encommendar a Deos este negocio.

Teve modo Alvaro Rodrigues com que um dia embarcou uns parentes da dita *Gaymurea*, em um bergantim bem esquipado (4), e os mandou á cidade ao Capitão-mór, os quaes cuidando que havião de ser tratados como elles tratavão antes aos nossos, ião atemorisados. Vendo porém quão differentemente se havião com elles, do que cuidavão, e os mimos e gazalhados com que forão tratados, se tornarão mui alegres

(1) *Cachoeira.* He a actual cidade deste nome na Bahia, que, após este notavel acontecimento, tomou grande desenvolvimento em sua povoação e riqueza.
(2) *Gaymures* e *Gaymurés*. Vide a nota (1) supra á pag. 530.
(3) *Terceira*, i. e., medianeira, intercessóra.
(4) *Bergantim bem equipado*, i. e., uma grande chalupa ou falúa com grande numero de remadores.

indo mui bem vestidos e com muitos brincos e joias para os seus, os quaes com sua vista se alegrarão tanto, que logo quizerão vir a cidade cincoenta mancebos a visitar o Capitão-mór.

Foi isto cousa tão nova e de tanto bem e alegria, para toda a terra, que em reconhecimento desta mercê, que Deos lhe fazia, e para lhe darem por ella muitas graças se fez logo na cidade uma solemne procissão, com muita festa a qual veio á Igreja do Collegio da Companhia, onde se lhe fez sobre isso uma prégação.

Neste tempo corria já tanta gente dos matos á Alvaro Rodrigues, que elle se via apertado com a multidão, pelo que pedio ao Capitão-mór puzesse em conselho o modo que nisto se havia de guardar.

Sahio que parte delles se passassem a uma ilha alli perto que se chama de *Taparica* (1), onde elles não nos podião fazer mal se se levantassem: e nossos Padres os poderião ter juntos e quietos para lhes poderem ensinar a doutrina e dar as primeiras tintas nos bons costumes e christandade; e assim pedirão ao Padre Reitor quizesse dar alguns Padres para esse effeito, os quaes logo mandou. Não succedeu porém como se desejava a eleição do sitio, por ser mui doentio, pela qual causa adoecerão e morrerão muitos nelle. E tanto se ateou o mal que se ião quasi extinguindo o que para os Padres foi bôa occasião de merecimento, porque não se perdoando á nenhum trabalho de noite e de dia com muita caridade assistião á suas doenças e mortes, consolando-os do modo que podião.

E posto que não sabião sua lingua, por interprete os catechisavão sufficientemente para os baptizarem como baptizarão, e, aos que morrião, enterravão fazendo-lhes elles mesmos a sepultura, e levando-os ás costas a ella; e, não sendo mais que trez, todos andavão tão occupados em servir e ajudar aquelles desamparados, que foi mercê de Deos poderem com tão grande e tão continuo trabalho sem adoecerem, e nesta roda viva se occuparão dous mezes e meio. Mas vendo que o mal ia tanto avante avisarão ao Capitão-mór de como era necessario tirarem dalli aquella gente.

Acordou-se o mesmo em conselho, e que se repartissem por varias partes, e assim se mandarão uns para a fazenda de

(1) *Taparica*. He a ilha fronteira á cidade do Salvador, capital da Provincia da Bahia: hoje diz-se *Itaparica*.

Alvaro Rodriguez e outros para duas aldêas fronteiras, aos mesmos *Gaymures*, de que os nossos tem cuidado, em ás quaes forão recebidos de nossos Indios com muita humanidade, e mui differente da que elles usavão pouco antes com os mesmos, que então os agazalhavão em suas rêdes, e apozentos.

Estiverão algum tempo quietos até que apertando com elles as saudades de seus parentes, que no mato deixarão, se quizerão ir para elles como de feito forão, ficando os Padres e os mais da cidade algum tanto receiosos de sua inconstancia.

Porém, quiz o Senhor, que tudo tornou em melhor, por que logo começarão a tornar indo-se uns e vindo outros, e encontrando-se muitas vezes no campo com os nossos sem lhes fazerem mal, e por varias vezes vierão alguns destes a cidade, donde tornavão mui contentes e satisfeitos dos bons gazalhados que recebião.

Alguns delles estão aprendendo a lingua (1) pelas aldêas dos Indios, e outros no Collegio para os Padres se poderem melhor entender com elles, e assim esperão na divina misericordia e por intercessão de Nossa Senhora da Ajuda, a qual se tomou por particular intercessora nesta empreza, que ella dê a este negocio desta gente mui feliz successo.

O effeito do qual pouco depois se começou tambem na Capitania dos Ilhéos, desta maneira.

Está esta Capitania trinta leguas da Bahia para a parte do sul, e, como acima tocamos, estava tão infestada e opprimida com a perseguição destes Gentios, que, ha quarenta annos lhes fazem guerra, que já quasi de todo se ia despovoando, e sem duvida fôra já acabada se não fossem as muitas diligencias que pôz para a sustentar o Capitão-mór Alvaro de Carvalho, emquanto esteve na Bahia com varios soccorros que dalli lhe mandava.

Aqui foi Nosso Senhor servido que tambem se fizessem novas pazes com estes *Gaymures*.

E o meio foi um irmão de nossa Companhia por nome Domingos Rodrigues, o qual havendo pouco, que fôra do Reino e estando no Collegio da Bahia no tempo que os *Gaymures* alli vierão, se affeiçoou e inclinou tanto a aprender sua lingua que emfim a veio a saber mediocremente. E apoz

---

(1) *Lingua*, i., e., a *Tupy*, chamada geral.

ella lhe deu Nosso Senhor um mui grande desejo e movimento interior de se ver com elles, e os converter assim a fazerem as pazes, como a receberem a fé. E Deos Nosso Senhor, que para isso se queria servir delle, inspirou aos Superiores o mandassem para a Capitania dos Ilhéos, onde temos uma casa de nossa Companhia, e aonde podia ter commodidade de exercitar seus santos desejos.

Chegando aqui pedio aos da terra que onde os vissem ou sentissem o avisassem, porque esperava em Deos, que os havia de trazer a Villa (1), de paz.

Zombavão todos delle, dizendo, que não podia ser, que gentio, que havia tanto tempo andava encarniçado em carne humana, quizesse fazer pazes com os brancos, e principalmente por tambem os nossos lhe terem morta muita gente.

Instava comtudo o Irmão, e deu conta ao Padre seu superior, dos desejos, que Deos lhe dava de se ver com estes Gentios, e como sentia em si quasi certas esperanças de os trazer a pazes.

Condescendeu com elle o Superior, e se determinou irem ambos onde os vissem, tanto que tivessem aviso do lugar onde estavão. Não tardou muito que o tiverão, e que estavão junto de um rio legua e meia da villa, pelo que logo encommendando-se primeiro muito particularmente á Deos, se metterão em uma canôa o Padre Superior e este Irmão e o Capitão da villa com outros dous homens.

Seguião-nos outras canôas ainda que de longe pelo medo dos inimigos, e chegando ao lugar aonde estavão começou o Irmão de os chamar por sua lingua, dizendo-lhes, que ião de paz e que nem houvessem medo, nem fizessem mal. O que tudo elles ouvião, mas não se querião descobrir, e, continuando com o mesmo modo de fallar, emfim se descubrirão e mostrarão todos seus arcos, e disserão que fossem somente os Padres que fallavão ter com elles, apontando com o dedo o lugar onde podião chegar os barcos.

Neste passo todos temerão, dizendo, que já por vezes lhe tinhão feito semelhantes traições, em semelhantes passos, porém o Irmão confiado em Deos com licença do Superior, e tomando-lhe primeiro sua benção, se metteu só na canôa para ir a elles. Os brancos todos começarão a dizer ao Padre

---

(1) *A' Villa* i. e., á villa dos *Ilhéos*, ou S. Jorge, fundada em 1536 por Francisco Romero, Castelhano, agente do donatario Jorge de Figueiredo Corrêa.

que lhe requerião da parte de Deos o não deixasse ir, porque corria muito perigo.

Foi comtudo, e vendo que os *Gaymures* todos largavão os arcos, chegou a terra onde estavão, não se sahindo porém da canôa. Chegarão-se logo todos junto delle, o qual lhes declarou, o a que vinha, que era o fazer pazes com elles, e como lhes trazia farinha, o que tudo elles ouvirão com bom rosto, e receberão a farinha. Pedio lhes mais que para confirmação da amizade, fossem alguns delles á Villa em sua companhia e que elle lhes promettia, que ao outro dia os traria com muita farinha para os que ficavão, e os poria no mesmo lugar : aceitarão o partido, e a promessa. E porque todos se offerecerão para ir, delles escolheu o Irmão sómente trez, porque só estes cabião na canôa, e com elles se tornarão mui contentes, dando todos graças á Deos por tão grande mercê.

Um dos *Gaymures* que ficavão em terra, mostrou tanto sentimento por não ir com os outros, que os nossos levavão, que o Padre, querendo-o consolar, lhe acenou que viesse, e mandando-lhe para isso uma canôa, elle sem esperar por ella se lançou ao rio, e a nado se veio metter com os nossos (1).

Foi logo á Villa recado do que se passava antes dos nossos chegarem, e assim todos os da terra, os esperavão no porto, tendo aquillo por grande milagre do Senhor, e com grandes gazalhados receberão os *Gaymures*; os quaes ainda medrosos de gente, a quem tanto tinhão offendido, se serravão com o Padre e com o Irmão sem nunca os largarem, senão dentro em casa.

Ao outro dia tornarão ao mesmo lugar, como lhes prometterão, levando-lhes a farinha. Estava toda a borda do rio cheia delles que, por todos, serião duzentas almas, afóra os pequenos, e como quer que estavão esperando pelos Padres os vierão logo a receber, pegando delles, de modo que das canôas os levarão nos braços á terra, onde todos estavão : outros ficarão com o Padre sem o quererem largar, dando grandes mostras de amizade.

Um dos que forão a Villa, começou a quebrar as pontas das frechas a todos os outros em signal de paz. Sahio logo

(1) Isto se acha em desacordo com o que se conta destes selvagens, as segurando-se que não sabião nadar. Vide Varnhagen— *Hist. do Brazil* tom. 1 pag. 242. Comtudo Jaboatão no *Orbe Seraphico* tom. 1 dig. 1 est. 7 diz que depois aprenderão a nadar.

outro dos que estavão em terra prégando, e o que dizia era, em sua lingua,que o Irmão lhe entendeu:—« que já a guerra era acabada, que os Padres erão bons, que não tinhão arcos nem frechas, nem fazião mal a alguem, e que pois elles erão os que vinhão buscar,nenhum se lhes negasse. »

As Indias *Gaymures*, lhe mostravão suas familias, dizendo cada uma, « *estes são meus, conhecei-os.* »

Uma velha lhes trouxe dous filhos que tinha ainda meninos, pedindo-lhes que os levassem, e lhes dessem alguma ferramenta, mas que os não apartassem de si. Levarão-nos os Padres com outros dos muitos que querião ir, que por todos serião trinta; e não levarão mais por não caberem mais na embarcação, e chegando com estes á Villa, era tal o alvoroço e alegria da gente, que não esperavão que os Padres desembarcassem,mas das embarcações os levarão nos braços, e como no ar, até nossa casa. Espantavão-se todos de gente tão agreste e selvatica mostrar tantos signaes de amor e firmeza de pazes: continuarão os Padres em ir, e vir a elles, quatro dias continuos, levando-lhes farinha e o mais necessario para sua sustentação.

Levarão-nos ás fazendas dos brancos, dizendo-lhes que tudo estava de paz e que a todas podião ir seguramente, o que elles agora fazem ; mas logo perguntão pelos Padres e não se aquietão, se os não vêem, aos quaes se mostrão tão sujeitos, que he cousa de espanto, ver a muita alegria e diligencia, com que fazem tudo o que elles lhes recommendão ou mandão. As mulheres, tanto que os filhos adoecem os trazem logo aos Padres, a quem ellas chamão *filhos de Deos*, dizendo-lhes que lhos sarem.

Estando elles nos matos, adoeceu um *Principal* de pontadas (1), e vindo-se logo ter com os brancos, lhes pedio o levassem aos Padres porque estava muito mal, o que elles fizerão, e tanto que chegou lhe applicou o Padre uma meizinha (2), com que logo sarou, de que ficou mui consolado e contente. He mui grande o trabalho que os Padres tem com elles, mas, com as esperanças que tem de os trazer ao rebanho de Christo, se lhes torna tudo em gosto, tratão de os ajuntar todos em uma aldêa, e accommodar-lhes terras em

(1) *Pontadas.* Refere-se á pleuriz.
(2) *Meizinha.* Hoje dizemos *mézinha*, i. e., qualquer remedio, sobretudo caseiro.

que fação suas roças e lavouras ; e de os domesticar e acompadrar com os outros Indios mansos e antigos.

Para isto a primeira cousa que fizerão foi levantar-lhes uma Cruz mui formosa, de cincoenta palmos de alto, de que elles mostrarão summo gosto.

E os Padres sentirão muita consolação quando virão que ao levantar da Cruz, acudirão a ajudar todos os homens e mulheres, com grande prazer, e alegria ; declarando-lhes o Padre pelo melhor modo que pôde, a santidade e virtude divina daquelle sacratissimo lenho ; e pedindo á Nosso Senhor, que daquelle dia em diante tomasse aquella gente o suave jugo de sua Cruz, pois de tão boa vontade (sem saberem ainda o que fazião) se submettião debaixo della levantando-a em seus hombros.

Feitas as pazes, com este garfo de *Gaymures*, com tanto gosto dos seus e dos nossos, escolherão os Padres a dous delles e os mandarão que fossem pelo mato,e Sertão a dentro, a buscar outros,e dar-lhes novas das pazes, e do que achavão cá nos brancos, e nos Padres.

Fizerão-no elles assim, e depois de andarem lá uns poucos de dias, eis que apparece, junto de uma aldêa de nossos Indios mansos dos *Petiguares* (1), uma cabilda delles de duzentos e cincoenta frecheiros todos, e gente mui bem disposta e agigantada,e,na proporção e feições,differentes dos primeiros, porque erão alguns delles assim homens como mulheres tão alvos, que parecião Allemães.

Os nossos Indios *Petiguares*, que andavão roçando, tanto que os virão de longe foi tamanho o seu medo que desampararão tudo, e se acolherão ; porém tanto que os dous que os Padres tinhão mandado se sahirão dos outros, vierão ter com elles, quebrando suas frechas, e apregoando pazes, tomarão alento e tornarão mais sobre si, e logo em canôas fizerão embarcar os dous, com mais dez, dos que vinhão de novo e, entre elles, um *Principal*, homem mui bizarro e grande fallador, e vierão á Villa buscar os Padres , trazendo muita somma de arcos tão grandes que punhão espanto (2), os quaes todos entregarão em signal de amizade e de paz.

---

(1) Refere-se aos que tinhão vindo do Rio Grande do Norte e forão alli aldeados, e de que já acima tratamos. Parece que o seu aldeamento foi no local chamado hoje *Olivença*.

(2) Os *Tamoyos* tambem se distinguião pela grandeza de seus arcos. Vide Jaboatão—*Orbe Seraphico* tom. 1 dig. 1 est. 7.

Acudirão logo os Padres com farinha e mantimentos, facas, machados e outras ferramentas que repartirão entre elles, e quando chegarão onde os outros estavão era muito para ver o grande prazer que lhes mostravão, e com que os abraçavão por debaixo dos braços, e o mesmo fazião ao Capitão e mais brancos que com elles ião, como se houvera muito tempo que os conhecião e tratavão.

E, tanto se vão domesticando, e mettendo na conversação com os Padres, que nunca nossa casa está sem elles, porque nunca fazem senão irem uns e virem outros, no que tudo se mostra bem o braço poderoso de Deos, que em tão breve tempo, de tão féros lobos, está fazendo tão mansos cordeiros.

E assim esperamos na sua misericordia que o mesmo succederá a todos os outros que andão ainda pelos matos, que são innumeraveis; e tem já os Padres feito duas aldêas delles, uma de mil e duzentas almas, e outra de quatrocentas, e mandado muitos para o Céo, dos innocentes e adultos que baptizão no artigo da morte.

DAS COUSAS DO BRAZIL

1606 E 1607

CAPITULO I

Não vierão nestes proximos annos (1), desta Provincia, *cartas geraes* donde possamos tirar materia para referirmos as cousas do serviço de Deos, conversão daquelle Gentio, que nosso Senhor obrou pelos Padres que nella residem.

Mas, de algumas cartas particulares que nos vierão á mão, entendemos dever extrahir algumas cousas de muita edificação, e dignas de se referirem, por serem uma mui principal parte dos grandes trabalhos que os nossos nella padecem por ajudar aquelle Gentio, que he o das Missões e jornadas que fazem para os ir buscar aos matos onde vivem, e ajuntal-os como ovelhas desencaminhadas, para as trazerem ao curral, e rebanho da santa Igreja.

---

(1) Extrahido do livro 4, da « *Relação annual das cousas que fizerão os Padres da Companhia de Jesus nas partes da India Oriental, e em algumas outras da Conquista deste Reino no anno de* 1606 *e* 1607 *e do processo da conversão e Christandade daquellas partes. Tirada das cartas dos mesmos Padres que de lá vierão, pelo padre Fernão Guerreiro, da Companhia de Jesus, natural de Almodovar de Portugal.* Lisboa, 1609, 1 vol. in 8º.

Destas Missões se fizerão duas nestes proximos annos, uma ao Gentio que se chama *Carijós* (1), outra aos que se chama *Tapuyas*, e ainda que a conclusão dellas não trouxe comsigo o fruito de multidão e conversão de almas que os Padres pretendião, trouxe-o porém muito grande de merecimentos pelos muitos grandes trabalhos que nellas padecerão, como da relação de cada uma se verá.

CAPITULO II

Da Missão dos Carijós.

Vivem estes Gentios da Capitania de Santos que está em S. Vicente para a banda do Sul até o Rio da Prata (2), em distancia decem leguas espalhados por perto da costa do mar, e ribeiras de muitos rios, e por campos e matos de sertão para dentro de mais de duzentas leguas.

E sendo informado o padre Fernão Cardim, Provincial desta Provincia, por alguns brancos que por aquellas partes ião ao resgate, e caça delles, como costumão, de como entendião haver nellas grande multidão deste Gentio, desejando com os mais Padres de ver se podia trazer alguma somma delles para o rebanho de Christo, e da Igreja, como costumão a fazer em outras partes do Brazil, se resolveu mandar lá dous Padres, que para isso escolheu de muita virtude e confiança, e de insigne caridade e zelo da salvação das almas, e que sabião muito bem a lingua da terra.

Estes Padres ainda que sabião os evidentes perigos a que se propunhão e os trabalhos que em tal jornada como esta havião de passar, levados porém de sua muita caridade e do desejo de padecer por Christo, e de verem se podião ir apanhar por aquelles incultos matos algumas gotas do sangue de Christo, quaes consideravão as almas daquelles barba-

---

(1) *Carijós*. Segundo Varnhagen na *Hist. do Brasil* tom. 1 pag. 101, esta palavra significa *descendente de brancos ou dos anciões*.

Aqui abandona o autor a denominação de *Garijo's* de que usou na *annua* de 1603. Vide supra nota (2) á pag. 523.

(2) Daqui se deduz que os Indigenas *Carijós* occupavão o territorio das provincias do Paraná, S. Catharina e S. Pedro do Rio Grande do Sul. Segundo Jaboatão, no *Orbe Seraphico* tom. 1 dig. 1 est. 10 e 11, o dominio dos *Carijós* começava em Cananéa (*S. Paulo*) e terminava na lagôa dos Patos, até sua fóz no Oceano.

Da barra do Rio Grande do Sul á fóz do Prata seguião-se provavelmente os *Charruas* e outras tribus, que os Portuguezes designavão em geral por *Tapuyas*.

ros Gentios, que por elles vivem embrenhados, com muita instancia e fervor de espirito pedirão ao padre Provincial, superior seu, os quizesse escolher e nomeiar para esta empreza tão arriscada. Satisfazendo o Superior a seus desejos, se partirão os bons padres *João Lobato* e *Jeronymo Rodrigues*, da Capitania de Santos, fazendo sua jornada por mar, e levando em sua companhia, como costumão dez ou doze Indios dos já convertidos e criados com os mesmos Padres.

Fizerão seu caminho até a *alagôa* que chamão *dos Patos*, e o que nelle passarão, escreve o padre *Jeronymo Rodrigues* muito miudamente em uma comprida carta que nós iremos resumindo, a qual diz assim :

« Começamos nossa viagem, e logo no principio do caminho foi nosso Senhor servido de nos começar a provar, permittindo que a canôa em que mandamos buscar o fato a *Itanhahen* (1), tornando com elle, désse á costa, e se fizesse em pedaços, posto que o fato se salvou, pelo que foi necessario traze-lo por terra até a *Cananéa*, caminho de vinte leguas com muito trabalho e fome.

« Na Cananéa fizemos logo outra canôa para continuarmos nossa viagem, e nella nos partimos levando por verdadeiro piloto a Deos Nosso Senhor.

« Chegamos a *Piranaca* (2), que são nove leguas de Cananéa, a qual tem um reconcavo ou enseada maior que a da *Baya* com mui grandes ilhas, e da banda da terra firme tudo são serras, e, detraz destas, corre umas grandes campinas de quarenta leguas de pinhaes, onde dizem haver grande força dos *Carijós*, e aonde matarão os nossos bemaventurados irmãos *João de Souza*, e *Pedro Corrêa*.

«Estando aqui chegarão trinta e tantos homens de uma náu da frota de Castella (3), e, apóz esta, chegou outra urca de Framengos (4) da mesma armada, que ia para Chili meia alagada, sem haver já quem podesse dar a bomba, e cuidando que entravão na barra de S. Vicente encalharão nesta enseada : esses nos fizerão muitas caridades, provendo-nos de sua matalotagem com tudo o que haviamos mistér.

---

(1) Hoje escrevemos—*Itanhaen*, antiga villa da provincia de S. Paulo.
(2) *Piranaca*. Refere-se á *Paranaguá* e á sua vasta e bella bahia.
(3) *Frota de Castella*. Refere-se provavelmente á de Diogo Flores Valdez, de que fazia parte Pedro Sarmiento, o explorador da Patagonia, que havia fundado a povoação de S. Felippe naquelle territorio.
(4) *Framengos*. Flamengos ou Belgas, então sujeitos á Hespanha.

« Ha nesta enseada muitas ostras, e tão grandes que huma só basta para um homem.

«No primeiro dia de Agosto estando o tempo muito bom e o mar muito quieto e sem chuva, nem signal della, de improviso deu um trovão tão terrivel que nos assombrou, e logo a enseada, que he quietissima, se perturbou de maneira, que era cousa de espanto, e parecia que os mares nos querião comer.

« Quieta esta tormenta nos partimos daqui para o *Rio de S. Francisco* (1), que dista nove ou dez leguas, mas antes delle ha outro rio chamado *Guaratiua* (2), onde se tomão muitos *gorazes* (3), que dalli vão para varias Capitanias. Entramos pela barra do Rio de S. Francisco já de noite, pelo que não podemos dar fé de sua bondade, mas dizem-nos poderem entrar por ella muitas náos juntas.

« Depois de entrados pelo rio dentro vimos fogo, e duas canôas, e sahindo alguns Indios a saber o que era achárão serem de *Carijós* (4), o que foi para nós de muita alegria por acharmos em taes horas, e em tal lugar, a ovelha perdida que iamos buscar. Agasalhamo-nos na praia do rio. Logo em amanhecendo vem a nós um Indio honrado daquelles com uma vara de Meirinho na mão (5), que em Santos lhe tinhão dado, e começou a pregar e diser, que se alegravão muito com a nossa vinda; e, acabada a prégação, nos veio abraçar, e depois de estarmos alli um pedaço despedindo-nos delles, fizemos nossa viagem por dentro do rio ao longo de uma grande ilha (6) sem descançarmos todo o dia.

---

(1) He o rio de S. Francisco Xavier na provincia de Santa Catharina.

(2) *Guaratiua*, hoje *Guaratuba*, importa o mesmo que *Guaratiba*, habitação de *guarás*, ave aquatica de um bello encarnado, outr'ora mui abundante no litoral de Santa Catharina á Cabo Frio, e que extinguio-se.

Hoje existem ainda *guarás* em abundancia na provincia do Maranhão, não como outr'ora, e tambem no Pará; mas presumimos que terão, mesmo fim, que no sul, se um poder protector não os amparar contra o furor e cubiça dos caçadores.

Destas aves trata o padre Simão de Vasconcellos na *Vida do veneravel padre Joseph de Anchieta* liv. 4. cap. 13 n. 5.

(3) *Gorazes*, isto he, *guarás*. Vasconcellos na obra supra citada diz *goarazes*.

(4) *Carijós*. Vide supra nota (2) á pag. 523 e (1) á pag. 541

(5) *Vara de Meirinho*. Outr'ora os Meirinhos, actualmente officiaes de ustiça, usavão de uma pequena vara ou bastão como distinctivo de seu cargo.

(6) *Uma grande ilha*. He a ilha de *S. Francisco Xavier*, do nome do rio supra notado, que vulgarmente se diz de S. Francisco. Parece que forão os Jesuitas que lhe imposerão este nome.

« He este rio em si um mar grande e fertilissimo, segundo nos dizião, de peixe, marisco, caça, mel : e tem por dentro muitas ilhas e terras ao parecer mui boas. Sahidos deste rio, e caminhando obra de duas ou trez leguas demos n'outro que chamão *Itapocú* (1), pelo qual desceu antigamente Gaspar Hortuna (2), que he um velho que mora na praia de *Itanhahen* (3), o qual veio de *Piqueri* (4) atravessando todos aquelles *Carijós*, como delle me informei, e ajuntando-se estes que por aqui ha vizinhos, e, havendo mantimentos por este rio, com o favor divino havemos de fazer entrada até onde elles vivem.

« Da barra deste rio ao *porto dos Carijós* (5) dizem alguns haver trez jornadas, outros cinco; os quaes, dizem os brancos (6), que são infinitos e muito boa gente. Mas como elles tiverão guerra os annos passados com os *Tupinaquins* (7), cuidão que todos os que estão cá por baixo são desta casta, pelo que nos dizem que quando se fizer esta entrada para irmos onde elles estão, que he necessario irem trez ou quatro canôas diante com Indios vestidos de pelles e de cabello comprido a seu modo (8), para delles serem conhecidos, e não cuidarem que são contrarios.

« Vespera de S. Lourenço (9), chegamos á mui nomeada *ilha da Santa Catharina*, terra muito boa e grande, farta de peixe e marisco. Na entrada da barra da banda do

---

(1) *Itapocú*. Hoje dizemos *Itapicú*, rio da provincia de Santa Catharina. *Itapicú* ou *Itapícum* significa ponta de terra esteril.

(2) *Gaspar Hortuna*. Este nome indica um Castelhano, se não ha erro de imprensa.

(3) *Itanhahen*. Vide supra nota (1) á pag. 542.

(4) *Piqueri* ou *Piquery*, provavelmente o rio que se lança no rio Paraná, em frente á ilha das *Sete quedas*.

(5) *Porto dos Carijós*. Não se sabe com certesa á que ponto corresponderá actualmente o lugar assim indicado. Provavelmente será o porto, que hoje denominamos *Bello*.

(6) *Os brancos*. Refere-se aos colonos Portuguezes.

(7) *Tupinaquins*, isto he, *Tupininquins*. Aqui deve haver engano porque estes Indios residião na capitania de Porto Seguro.

Provavelmente refere-se aos *Guaynazes* ou *Goainazes* com quem erão limitrophes os *Carijós*, e vivião em continuas guerras; se he que o autor não referia-se aos *Tapuyas*, termo generico para designar outras tribus estranhas á familia Tupy Cumpre notar que a palavra *Tupininquin* quer diser *Tupy visinho*, e talvez neste sentido escrevesse o autor.

(8) *A seu modo*. « Costuma este gentio, diz Gabriel Soares na *Noticia do Brazil* cap. 68, no inverno lançar sobre si umas pelles da caça que matão, uma por diante. outra por detraz ; tem mais muitas gentilidades, manhas e costumes como os Tupinambás, etc. »

(9) *Vespera de S. Lourenço*, isto he, a 9 de Agosto.

norte vimos na ponta de uma praia uma Cruz levantada, com cuja vista muito nos alegramos, e nós tambem em todas as partes onde sahimos deixamos arvorada esta bandeira, como tomando posse daquellas terras, que o Demonio tantos mil annos ha tem em seu poder.

« Dormimos duas noites nesta ilha por causa do tempo, e no dia seguinte nós partimos para o primeiro *porto dos Carijós*, a que chamão *porto de D. Rodrigo* (1).

« Estando já a vista delle com muito bom tempo eis que se levanta junto de nós uma balêa, que quando a vi, antes de se bolir, totalmente me persuadi ser um grão penedo, e assim o pudera affirmar se a não vira abaixar e fundir-se no mar.

« Indo mais adiante, obra de uma legua do porto, andavão diversas, assim da banda direita como da esquerda da canôa, e uma nos ia seguindo de sorte que nos metteu em bem de aperto, e aos Indios deu assaz trabalho no remar, porque lhe andavão furtando as voltas, mas logo tornava a dar na esteira da canôa, e algumas vezes se chegava tão perto, que já não esperavamos senão que do outro mergulho surgiria debaixo da canôa: botamos-lhe duas ou trez vezes um pequeno de *Agnus Dei* (2), e foi Nosso Senhor servido que nos deixou.

« Chegamos finalmente ao *porto de D. Rodrigo*, que he o primeiro dos *Carijós* com muito grande alegria de nos vermos a salvamento no termo de nossa viagem. Levantamos logo uma Cruz, e, depois de estarmos alli dous dias, vierão quinze ou dezeseis *Carijós* entre grandes e pequenos ; e, abraçando-nos com muita festa, mostravão folgar muito com nossa vinda. Mas, para que o gosto não fosse perfeito, succedeu que embarcando-nos em duas canôas para irmos adiante os Indios com a festa de nossa vinda se metterão todos em uma dellas, que era maior, e em que ia todo nosso fato, a qual virando-se deu com tudo no fundo, e posto que algumas

---

(1) *Porto de D. Rodrigo*. Suppomos ser o da *enseada do Brito*. D. Rodrigo da Cunha era um capitão hespanhol da frota de D. Garcia de Loaysa, commandante da náo S. Gabriel, que arribára a Santa Catharina em 1530, e depois fôra ter ao litoral da provincia de Alagôas, onde o seu nome ainda se conserva em uns baixos em que naufragára.

(2) *Um pequeno de Agnus Dei*. Um pouco, alguns *Agnus Dei*.
Estas palavras Latinas significão *Cordeiro de Deos*. Assim o *Agnus Dei* era, e he, um pedaço de cêra com a imagem de um cordeiro com o estandarte da cruz relevada nelle, bento, e consagrado pelos Summos Pontifices no primeiro anno de seu Pontificado, no sabbado *in albis*. Depois só pratica esta ceremonia de sete em sete annos.

cousas se tirarão damnou-se tudo de modo, que livros, breviarios, doutrinas, nenhuma cousa aproveitou mais.

«Mas aqui nos aconteceu uma cousa maravilhosa,que vindo em um caixãozinho,o qual,antes do naufragio por descuido já vinha perdido por lhe ter entrado agua da chuva e humidade, sem nos advertirmos, continha algumas cousinhas do nosso bemdito Padre Joseph (1), e nenhuma dellas se perdeu, com acharmos podres todas as outras cousas que nelle vinhão sem aproveitarem para cousa alguma. E comendo o bicho um cartapacio em chegando a uma folha, onde estava um hymno escripto da letra do santo padre, não foi mais por diante, deixando as outras comidas.

« Deste lugar nós partimos,e fomos ter a outra aldêa onde o *Principal* (2) nos mandou dar um punhado de farinha, e uns feijões cozidos com bem pouca limpeza, mas a necessidade e fome tirou todo asco: á este baptizei um menino innocente, que, ainda que cá não viera para mais, dera todo o trabalho por bem empregado, porque logo se foi gozar de Deos.

«No mesmo dia que foi de Nossa Senhora da Assumpção (3) chegamos á outra aldêa, que são duas casas pequenas, aonde depois de fazermos uma igrejinha para podermos dizer missa e ensinar a doutrina, dia de S. Bartholomeu (4), estando á vespera o dia mui quieto e alegre se deixou vir tão grande tempestade de chuva, vento e trovões, que foi cousa de espanto. Derrubou-nos a imagem, a chuva molhou o frontal, que parecia visivelmente que o Demonio andava procurando que não podessemos dizer missa, e bem o mostrou tambem no dia do santo pela manhã, porque forão tantas as moscas na igrejinha, que não podiamos valer, e com grandissimo trabalho dissemos missa: e bem se via serem aquellas moscas, ou os mesmos demonios, ou mandadas por elles, porque nunca mais até agora se virão.

« Aqui estamos ha trez mezes ensinando a doutrina aos moradores desta aldêa, os quaes folgão de ouvir as cousas de Deos, e já muitos delles se sabem benzer, e pedem que os fação Christãos: mas ainda até agora não baptizamos mais

---

(1) *Padre Joseph*. Refere-se ao veneravel Anchieta.
(2) O *Principal*, isto he, o Cacique, *Tuxáua* ou *Morabixaba*.
(3) Refere-se ao dia 15 de Agosto.
(4) Refere-se ao dia 24 de Agosto.

de trez innocentes, um dos quaes está já no Céo. São faceis de estar de joelhos com mãos levantadas, amigos da agua benta, e de virem a igreja.

«São cá no inverno os frios quasi intoleraveis por ser a terra muito baixa e de muitas alagoas, e continuadamente haver grandissimo vento. A comarca destes *Carijós* que estão por estes campos ao longo do mar, e que he deste *porto de D. Rodrigo* até *Boipetibla* (1), póde ser de quarenta leguas pouco mais ou menos: terra muito baixa, campinas de arêa, que correm entre o mar e umas serras, que não ha ver um palmo de terra nem de barro: no inverno muito fria, no verão muito quente e de muito ruins aguas, e daqui vem ser muito doentia.

« Nestas campinas ao longo de algum matinho tem os Indios (2) feitas suas casas palhaças, mas bem feitas e de sessenta palmos de largura pouco mais ou menos, e á cada casa chamão uma aldêa, de maneira que havendo em toda esta Comarca trinta e cinco casas, se diz haver trinta e cinco aldêas (3): e entre ellas ha algumas que não tem mais que trez ou quatro casaes.

« Não tem *Principal* ou cabeça que os governe, e, por esta causa, estão apartados uns dos outros, e com pouca communicação e amizade. Os casaes que haverá entre todos serão como cento e cincoenta, criação de meninos he pouca, que he signal da malicia da terra.

«Tem ordinariamente muitas mulheres: sua felicidade está posta em terem muitos cabaços (4), e andarem carregados de muitas contas: pendentes muito compridos nas orelhas, nas pontas dellas umas meias luas de prata, ou de latão da grandura de uma meia pataca, as mesmas trazem nas testas.

« Ha nestes campos muitas e grande alagôas e bem providas de peixe: ha outeiros mui altos, mas de arêa (5), e todos cobertos de arvoredo, porém temos para nós que darão tudo

---

(1) *Boipetibla*, isto he, o *rio Mampituba*, actual limite da provincia de Santa Catharina com a de S. Pedro.

(2) Estes Indios são os denominados *Patos*, que occupavão o territorio sul de Santa Catharina, e Rio Grande do Sul.

(3) *Aldêas*, isto he, *tabas*.

(4) *Cabaços*, isto he, pendentes de brincos da fórma do fructo da cabaça. Mas talvez o autor se refira ao proprio fructo da cabaceira, secco, que se emprega em varios mistéres.

(5) Refere-se aos comoros de arêa, de que abunda o litoral do Rio Grande do Sul.

quanto lhes semearem. Ha muitos veados do reino, emas, antas; ha muitas onças e outros animaes ferozes.

« Não tem estes Indios algodão, mas vem-lhe de outra parte o fio de que fazem suas rêdes (1).

« Não vêem cousa que não desejem e peção, e, tão importunamente, ainda que seja um alfinete, que vos não deixão até que lh'o deis. Até a roupeta me pedirão dizendo-me que mandaria buscar outra, nem temos outro remedio para a sua importunação em pedir que paciencia, quando nos entrão em casa revolvem tudo quanto nella ha.

« São grandissimos mercadores, e só por contratar com os brancos vem daqui trinta leguas carregados de favas, batatas, rêdes (2), pelles.

« Tem entre si muitos agouros, e muitos feiticeiros (3), até agora se vendião uns aos outros. Quando tomão algum contrario dão-no a matar no terreiro aos meninos de dez e dose annos para que assim fiquem cavalleiros; e ajuntando-se quatro, cinco, seis meninos lhe dão tantas pancadas na cabeça até que o matão. E acabado de o matarem fazem meios martyres do Diabo aos pobres meninos, porque lhes dão desde do pescoço até as curvas das pernas uma somma de navalhadas com que lhes escalão todas as costas, e os fazem jejuar uma boa temporada, e tão estreitamente, que trazendo-nos, um destes, meninos dous passaros, e convidando nós, nunca já mais quiz comer, dizendo que jejuava, porque havia pouco que matára.

« Em seus vinhos são temperados, mas as mulheres não o bebem, que he cousa mui nova entre o Gentio do Brazil. Os que morrem se não tem herdeiros enterrão-os com suas alfaias; se os tem ficão-lhes, e em cima da cova lhes fazem uma casinha para que a chuva lhes não faça mal.

« Tem entre si alguns escravos fugitivos, e estes lhes fazem muito mal, porque lhes dizem muitas mentiras com que lhes pôem temor de se virem para nós.

« Porém, sem embargo disso, todos elles querem ser *filhos de Deos*, ainda que alguns virão de vagar, e he necessario primeiro fazer mantimentos por de presente haver muito

---

(1) *Rêdes*. Não se refere ás de pescar, mas ás camas de que fazião uso os indigenas em todo o litoral do Brasil.

(2) Vide a precedente nota. Na lingua geral o nome de rêde correspondia a *iny* e a *maquira*.

(3) *Feiticeiros*. Refere-se aos *Pagés*.

grande fome, assim por causa de esterilidade como pelo medo que tem dos brancos, pelo qual não fazem roças.

« No tempo que os brancos cá vem ao resgate porque achão então a novidade do vinho e legumes, parece-lhes que tem estes que comer todo o anno e por isso vão lá dizer que ha cá muita fartura. Mas á verdade he que tirando naquelles mezes, em todo o tempo padecem muita fome, e assim a padecemos nós, que quando temos uma raiz de mandioca, da grossura de um rabão, damos graças a Deos ficando muitas vezes sem jantar e os mais dos dias sem ceiar.

« E chegamos a comer as favas que tinhamos para semear, e do farello que fica da farinha das hostias fazemos migas ou papas,que nos sabem muito bem cozidas na agua: e seja Deos bemdito, que de nove mezes a esta parte,que ha que partimos de Santos, nunca nos levantamos da mesa,de sorte que não comeramos mais se o tiveramos, e festejamos quando temos alguma espiga de milho que comemos assada ou cosida.

« Porém não escrevo estas cousas para espantar nossos Padres e Irmãos, antes crendo que com ellas se accenderão muito mais para desejarem de vir á estas terras a buscar estas almasinhas, e tiral-as desta brava e agreste mata para as irem plantar no fresco jardim da Igreja do Senhor.

« Eu me tenho por tão ditoso em me caber tal sorte, quanto dantes me tinha por indigno de a merecer, e assim quanto a mim, eu não quero já mais vida que para fazer penitencia de meus peccados em serviço de Deos, e salvação destas almas.

« He esta *alagôa* que chamão *dos Patos* (1) mui formosa: terá oito ou nove leguas de comprido, de largura em partes tem uma legua em outras mais, tem muito peixe, boa barra e bom porto onde os navios estão : nella ficamos até hoje vinte seis de Novembro de 1605. »

Outra carta escreveu este mesmo Padre em onze de Agosto de 1606 em que diz assim :

« Ficamos sós entre estes *Carijós* sem termos nem quem nos ajude á missa senão um ao outro.

« O nosso comerzinho quando o temos nós o fazemos: nós lavamos nossa pobre roupa quando he necessario ; nós lançamos as tombas nos nossos sapatos com muita alegria,

---

(1) *Alagôa dos Patos.* Ainda hoje conserva o nome. *Patos* era o nome dos indigenas que alli habitavão: outra tribu de *Carijós*.

e com nunca termos aprendido o officio o fazemos muito bem.

«Os Indios aqui são poucos, os brancos muitos que os vem buscar, que por essa causa não temos feito quanto pretendiamos, pelo impedimento que nelles temos.

« Comtudo já temos aqui juntos passante de duzentas almas, a que todos os dias pela manhã e a tarde fazemos a doutrina.

« Desde que partimos de Santos são vindos aqui quatro navios ao resgate, e agora estão outros quatro em S. Vicente. Parece que por estarmos cá se dão tanta pressa como se lhos nós vieramos tirar de casa : e em um só barco que aqui está, em que não vem mais que desoito brancos, vem resgate para mais de trezentas peças (1).

« He lastima ver o que se passa, e as pessoas com que allegão, como tambem participantes neste negocio, para darem por licito tão illicito resgate.

« E o que peior he, que levando certo branco passante de quarenta Indios destes, deixou cá um Indio ladino, o qual está no lugar onde os brancos vão resgatar, que será daqui vinte leguas (2) ; e a todos os que se querem vir para nós impede, dizendo que não venhão, porque nós açoutamos, metemos no tronco, fazemos trabalhar de dia e de noite, e que os vimos agora buscar para os levar ás minas de *Piratininga* (3).

«Mas não he de espantar dizer isto um Indio, pois os brancos o dizem tambem, e este he o favor e ajuda que nelles temos na conversão e remedio destas pobres almas, por onde não ha mais que fazer que ter paciencia. » Até aqui a carta do Padre.

Estes são os trabalhos que aquelles bons Padres padecerão nesta jornada, mas não se poderá referir o fim della, sem muito grande sentimento e escandalo de quem o ouvir ; porque andando e estando os Padres neste desterro perto de trez annos, e vindo no cabo delles com estas duzentas almas, pouco mais ou menos, que aqui ajuntárão trazendo-as em canôas por mar para as aposentarem nas aldêas de outros

---

(1) *Peças*. Era a designação que os traficantes davão aos escravos, tanto indios como africanos e asiaticos.

(2) He de presumir que o local deste mercado fosse em *Piratiny*.

(3) *Minas de Piratininga*. Parece que os Vicentistas lavrávão então algum ouro em S. Paulo; provavelmente no rio Tieté e seus affluentes, proximos á sua presente capital.

Indios já Christãos, que os Padres tem á sua conta na Capitania do Rio de Janeiro.

Chegando á de Santos lhes sahio ao encontro um homem poderoso com gente de armas, e, como se fôra um salteador e pirata, lhes tomou por força todos, captivando-os sem nenhuma justiça, nem razão; e, contra as leis de Sua Magestade os metteu em ferros e vendeu como quiz, fazendo sobretudo aos Padres muitas injurias e affrontas.

E não cessando aqui seu desatino vendo que um dos Padres se embarcava para ir á outra Capitania suspeitando que seria para ir pedir soccorro a quem lho pudesse dar, o salteou com armas, e com a espada nua diante lhe impedio o caminho, e o fez tornar (1).

O que tudo dizemos aqui, não por querermos desautorizar nossa gente Portugueza, cuja piedade e christandade Deos tomou por meio para bem e conversão de tantas almas; mas para que se veja a impiedade de alguns, e o estorvo que os Padres tem principalmente naquellas partes do Brazil, para procurarem o remedio daquellas pobres almas sem aproveitarem tantas leis quantas SuaMagestade tem feitas em favor da liberdade destes pobrezinhos *Brasis*.

E porque os tristes não tem outro amparo, nem quem os defenda e acuda por elles senão os Padres (pois se elles não forão já hoje não houvera um só Indio vivo), são por isso tão odiados e perseguidos com tantas calumnias, e falsidades quantas continuamente lhes levantão e escrevem contra elles á Sua Magestade e á seus ministros, ainda muitos dos mesmos que por razão de seus officios tinhão obrigação a defender a justiça das leis de Sua Magestade, e a liberdade espiritual e temporal dos pobres Indios, senão fora o interesse e cubiça humana que tudo céga.

CAPITULO III.

Da Missão que fizerão o padre Francisco Pinto e o padre Luis Figueira ao Rio do Maranhão.

Corre de Pernambuco para a parte do Norte e do Rio do Maranhão uma grande costa de mar do Brazil pertencente á conquista desta Corôa perto de duzentas leguas, toda po-

(1) Estas scenas deploraveis, infelizmente, davão-se em outros pontos do Brazil com applauso dos adversarios dessa grande e heróica corporação Religiosa.

voada de infinitos Indios barbaros e selvagens, como são todos os do Brazil, entre os quaes até agora, principalmente os que estão mais affastados de Pernambuco, carecem da luz do sagrado Evangelho.

Desejarão muito nossos Padres de começar a entrar com elle por esta tão espessa mata, usando do modo mais suave de que costumão com aquelles barbaros, que he por meio de pazes que lhes offerecem, e fazem com elles para que queirão ser filhos de Deos, e vir á vida santa, e ter amizade com os brancos.

E como esta empreza era mui difficultosa, e arriscada, e requeria homens de muita prudencia e valor para se saberem haver com os Indios, levando-os por bom modo, e soffrer com animo constante e varonil os grandes trabalhos e perigos a que se propunhão, e que tambem tivessem vocação particular de Deos para tal empreza, parece que escolheu Deos para ella os dous, que mui particularmente tinha dotado de todas estas partes, que forão os acima nomeados, Francisco Pinto (1) e Luiz Figueira.

O primeiro, homem já quasi velho de 54 annos de idade, excellente lingua (2), e de grande experiencia das cousas do Brazil, e com não ter muitas forças pacientissimo de trabalhos, e que tinha já feito quatro ou cinco jornadas destas pelo sertão e matos do Brazil indo buscar com grande caridade, e fervor de espirito aquellas rudes ovelhas para as trazer ao curral da Santa Igreja. De singular virtude, e dom de oração, tão zelozo do augmento da fé, e salvação das almas, que todo o Brazil (3) lhe parecia pouco para trazer a Deos, e como tal elle foi o que se offereceu para esta jornada. E a pedio aos Superiores com mui grande instancia, com espirito de fazer nella grandes serviços a Deos, e lhe ganhar muitas almas. E, chegando ao *Rio do Maranhão* (4), que he um grande rio que dista do outro muito maior, que

---

(1) O famoso Missionario padre Francisco Pinto póde com razão ser appellidado o—*Apostolo do Ceará*.

(2) *Lingua*, i. é., interprete, turgimão.

(3) Este Missionario evangelisou no Espirito-Santo, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará.

(4) *Rio do Maranhão*. Aqui parece referir-se ao rio que hoje chamamos—*Parnahyba*.

chamão *Orelhana* (1), e dista do das *Amazonas* (2) oitenta e cinco leguas, fundar Igrejas, e arvorar a cruz de Christo.

O segundo foi o padre Luiz Figueira mais mancebo no idade, mas de muito grandes partes de virtudes e letras, a qual tambem com grande fervor de espirito, e com muita instancia procurou e alcançou dos Superiores esta Missão (3).

Partirão pois de Pernambuco por ordem do padre Provincial (4), e com licença e ajuda do governador Diogo Botelho em Janeiro (5) de 1607.

Foram por mar até *Zaguaribe* (6) que serão como cento e vinte leguas: dahi por diante fizerão seu caminho por terra á pé, com seus bordões nas mãos, acompanhados de alguns Indios Christãos que comsigo levavão *Tapuyas* de nação (7), e parentes daquelles a quem ião buscar. Caminhárão desta maneira mais de cento e vinte leguas ordinariamente por lamarões e atoleiros por ser no inverno, e algumas vezes descalços pelas muitas aguas, e sempre por matos e brenhas despovoados sem terem outro caminho mais que o que os Indios ião rompendo a força de braço, e o comer tão pouco que não tinhão muitas vezes com que passar senão algumas hervas.

Chegarão a huma serra chamada *Ibigapaba* (8), donde até o Maranhão havia ainda cem leguas, mas estas todas daqui por diante povoadas de infinitos barbaros *Tapuyas*, e como era necessario passar pelo meio delles, e isto não havia de ser com força de armas, começarão a tratar de pazes, quaes bem se temerão que fossem de pouco effeito, pela pouca

---

(1) *Orelhana.* Parece referir-se ao grande estuario da ilha do Maranhão formado por differentes rios que alli desembocão.

(2) *Amazonas.* Era o rio que outr'ora chamavão *Orelhana*.

(3) Vide supra pag. 458.

(4) Refere-se ao Provincial padre Simão Pinheiro, segundo o que diz o Padre José de Moraes no 1º tom destas *Memorias* pag. 28; comquanto muito se engane quando attribue ao governador Gaspar de Souza, o que se passara com o seu predecessor Diogo Botelho.

(5) A partida foi em 20 de Janeiro de 1607.

(6) *Zaguaribe*, isto he, *Jaguarybe*, nome que depois adquirio o rio de S. Lourenço.

O Zaguaribe de que aqui se trata, he o rio do *Apôdy* actual, ou o estuario de *Mossoró*, como nos antigos mappas se observa, sobretudo o do Capitão-mór Pedro Coelho de Souza, que copiou Diogo de Campos Moreno na *Razão d'Estado*. Vide Gabriel Soares, *Noticia do Brazil* cap. 7, e o P. José de Moraes no tom. 1º destas *Memorias*, pag. 29.

(7) Havia tambem Potiguáras e Tobajáras.

(8) *Ibigapaba*, isto he, *Ibiapába*,

constancia destes barbaros, que as não fazem mais que por aquelle acto, mas, acabado elle, matão quem podem.

Comtudo, como se fazião em nome dos Padres que ensinão a santa vida, e o caminho do Céo, o qual acaba muito com todo o outro gentio do Brazil, confiarão os Padres que assim por ventura acabarião com este. Pelo que as principiarão logo com trez nações destes (1), que erão de mais importancia, por estarem no caminho por onde havião de passar, mandando-lhes varios presentes e ferramenta, que he a cousa que elles mais desejão e estimão.

Aos primeiros mandarão a primeira vez recado, não teve effeito: mandarão o segundo, veio logo enviada por elles uma escrava sua que pasmou de ver os Padres, e lhes foi prégar maravilhas delles, mas tudo de balde, porque a nada deferirão. Mandarão aos segundos da mesma maneira, e tambem não acudirão.

Finalmente mandarão aos terceiros por duas vezes, e com bons presentes, pretendendo que os viessem alguns a ver para que com os olhos vissem que erão os Padres e certificados nisso se confiassem delles. Escusarão-se com dizerem que era o caminho comprido, pelo que os Padres começarão a descer por uma serra abaixo, e do meio della lhes tornárão a mandar recado com mais presentes, mas elles os gratificárão com matarem a todos quantos ião com o recado, guardando só um moço de dezoito annos para depois trazerem por guia quando viessem dar assalto nos Padres, como depois fizerão.

Neste tempo estavão os Padres esperando pela resposta, e vendo que tardava, entenderão logo o que podia ser, principalmente não vendo tornar nenhum dos nossos Indios até que dahi a mais de um mez souberão de certo o que passava, e logo se arreceárão do que podia succeder, mas por não desampararem os Indios que comsigo levavão, e que alli tinhão plantado já seus milhos, e por outros respeitos se deixarão estar.

Senão quando, aos 11 de Janeiro de 1608, subitamente dão sobre elles estes barbaros (2), e começão ás frechadas com os nossos com grande grita, e logo morreu um dos seus, e

(1) Vide supra pag. 457 nota (1), e C. d'Abbeville *Histoire de la mission des Peres Capucins en l'isle de Maragnan*.

(2) Erão os indigenas *Tocarijus*. Vide supra pag. 457.

outro foi ferido : e porque os inimigos entrarão pela parte onde estava a choupana dos Padres a borda do mato, sahio á grita o padre Francisco Pinto, que neste tempo estava dentro em casa resando suas Horas (1), e ainda que os nossos Indios que os Padres levavão, procuravão quanto podião de o defender e amparar bradando aos outros que estivessem quedos, que aquelle era o padre *Abaré* (2), que os queria apasiguar e ensinar-lhes a boa vida ; respondião que não tinhão de ver com isso que o havião de matar.

Finalmente como os nossos erão poucos, e os inimigos mais, não ficou com o Padre mais que um só mui esforçado e valente homem que o foi amparando e defendendo atè morrer por elle, e, depois deste cahir, chegando ao Padre lhe derão tantas pancadas com um páu na cabeça (3) que lh'a fizerão em pedaços, quebrando-lhe os queixos, e arrancando-lhe as cachagens (4) e olhos.

Neste tempo quiz Nosso Senhor, para que ahi não acabassem ambos,que o padre Luiz Figueira andasse um pedaço afastado, ao qual logo correu um mocinho, e tomando a dianteira lhe ia bradando : « *apressa-te pai, apressa-te paï* » com o que fez advertir o Padre, pelo que logo se metteupor um mato onde esteve emquanto durou a briga, e escapou com a vida, posto que os barbaros tambem o buscarão para lh'a tirarem. Mas não dando com elle, e querendo fazer volta, se tornarão á choupana dos Padres , e levarão tudo quanto nella havia, assim o fato da Igreja, como tudo mais, e com isto se forão fazendo grande grita.

Sahio depois o padre Luiz Figueira,e ajuntando-se com elle os nossos Indios, se foi com muitas lagrimas onde estava o corpo do bom padre Francisco Pinto, e lavando-lhe o rosto e cabeça cheia de sangue e terra, e feita em pedaços, o compoz em uma rêde para o levar para o pé da serra. E logo sendo avisado de um Indio cathecumeno, que estava morrendo, lhe foi acudir , e o baptizou e curou, e dahi á pouco morreu.

---

(1) *Suas Horas*. Vide supra pag. 457, e no tom. 1 destas *Memorias* a pag. 41.

(2) *Abaré*, isto he, Sacerdote, Missionario, o Padre por excellencia,cujo nome por demais conhecido, era famoso entre os indigenas.

(3) *Páu na cabeça*. Era o páu chamado de *jucá*, empregado na guerra e nas execuções.

(4) *Cachagens*, isto he, *ventas*. Os ossos abertos no nariz, que dão passagem ao ar que respiramos.

Ao Padre, e á este e á outro companheiro, deu sepultura ao pé daquella serra (1), e no meio daquella Gentilidade; e este foi o fim que teve aquella jornada e Missão, da qual Deos parece que por hora não queria tirar outro fructo senão o de pagar á este bom Padre com tão glorioso fim e premio, o grande zelo e fervor de espirito e de caridade, com que a pedio e proseguio, até dar a vida por seu serviço e salvação das almas que ia buscar.

---

(1) *Ao pé daquella serra.* Suppomos que foi no local onde posteriormente, em 1697, se fundou o aldeamento da *Thyaya*, depois, em 7 de Julho de 1759, denominado *Villa Viçosa*.

Não passa isto de méra conjectura de nossa parte, pois pouco se sabe da primitiva historia desses estabelecimentos, cujos nomes indigenas forão substituidos por portuguezes, na epocha da grande perseguição da Companhia de Jesus.

Quem sabe se esse local não he *Iboassú* ou ainda *Ibiapina*, ou outro estabelecimento dos mesmos Religiosos naquella serra? Em vista do mappa dessa Provincia e caminho seguido pelos Missionarios, nossa opinião se fixa em *Viçosa*.

FIM.

INDICE

PAGS.

PAGS.

PAGS.

IV.

V.

VI.

VII.

VIII.

IX.

X.

Typographia do — Apostolo — Rua Nova do Ouvidor, ns. 16 e 18.